

Tese de Doutoramento em Linguística

Área de especialização: Linguística e Ensino de Língua

Filipe Camilo Miaca

**Corpus lexical dos verbos em iwoyo e português
proposta de um dicionário bilingue de verbos
em português e iwoyo**

Lisboa, dezembro de 2020

Versão corrigida da tese após da prova pública

Tese de Doutoramento em Linguística
Área de especialização: Linguística e Ensino de Língua

Filipe Camilo Miaca

Corpus lexical dos verbos em iwoyo e português
proposta de um dicionário bilingue de verbos
em português e iwoyo

Lisboa, dezembro de 2020

Tese de doutoramento apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção de grau de Doutor em Linguística na área de Especialidade de Linguística e Ensino de Língua, realizada sob orientação científica da Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, Professora Catedrática do Departamento de Linguística, FCSH-UNL

DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que elaborei este trabalho fazendo o uso somente dos meus conhecimentos, da bibliografia que estava ao meu alcance e orientações da minha Orientadora.

O candidato

Filipe Camilo Miaca

Lisboa, dezembro de 2020

DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho está em condições de ser apresentado a provas públicas perante um júri a indicar.

A Orientadora

Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino
(Professora Catedrática)

Lisboa, dezembro de 2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em memória dos meus queridos e inolvidáveis pais (Pío Miaca e Marta Zovo Custódio) que foram e serão sempre as pessoas mais valiosas da minha vida por me terem dado a vida e uma educação condigna; aos meus filhos que são e serão sempre o sangue do meu sangue, e a todos aqueles que buscaram e buscam o saber científico pelo sacrifício, humildade e abdicação.

Dedico, em especial, esta tese em memória da nossa inesquecível orientadora e mãe da Lexicologia e Lexicografia Portuguesa na FCSH-UNL, a **Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino**, de tudo quanto fez na orientação e revisão desta tese de doutoramento em Linguística; nós seremos sempre os seus filhos académicos e não esqueceremos de tudo que aprendemos de si na Lexicologia e Lexicografia no período de investigação académica e revisão desta tese de doutoramento em Linguística; não sabemos como podemos chorá-la, neste momento de luto que nos abala, as nossas lágrimas e dor estarão sempre perenes nos nossos corações eternamente; que Deus e Jesus a iluminam ali nos Céus, nossa querida mãe amada, peço-lhe que esteja presente, espiritualmente, na defesa desta tese que orientou.

Obrigado, obrigado por tudo, nossa indelével mãe da Lexicologia e Lexicografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me fez chegar até este momento pela sua proteção, dando-me a sabedoria nesta investigação linguística contrastiva na busca do conhecimento linguístico explícito da língua portuguesa e da língua ibinda. Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho científico da tese de doutoramento em Linguística, especialmente à minha inesquecível orientadora Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, atualmente, vivendo no Paraíso junto de Deus e Jesus, que a sua alma descanse em paz, pela atenção, sábia orientação e disponibilidade demonstradas ao longo deste percurso científico da investigação e, por todos os momentos de aprendizado, nesta trajetória e, também pelos incentivos, diálogos e orientações científicas que me motivaram nesta caminhada científica investigativa em Linguística. Agradeço, mui, particularmente, à Professora Doutora Ana Madeira pela grande base e orientações científicas recebidas por ela nos seus seminários e diálogos na área de especialidade de Linguística e Ensino de Língua que me enveredei e, também, em especial, agradeço a Professora Doutora Rute Costa, a segunda mãe dos estudantes angolanos e pelo legado científico-linguístico que herdou da Professora Teresa Lino dos trabalhos científico-investigativos das teses do doutoramento dos estudantes angolanos no Curso de Linguística; não esquecemos também de agradecer a todos os ilustres Professores e Professoras Doutores do Curso de Doutoramento em Linguística da FCSH-UNL, à minha família nuclear, aos outros membros da minha família extensiva (família Miaca, Camilo, Nkolokoto e Mwa Lulondo), aos meus amigos e colegas pelo imenso incentivo e apoio que me deram durante este período da minha formação académica no Curso de doutoramento em Linguística.

RESUMO

O presente trabalho investigativo tem como objetivo a organização do corpus lexical dos verbos em Iwoyo e português e uma proposta de um dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e em iwoyo, que poderá facilitar o ensino/aprendizagem bilingue destes dois sistemas linguísticos na província de Cabinda. O português e o iwoyo têm o estatuto de L1 ou L2 para alguns falantes de Cabinda, sendo o primeiro a língua do ensino/aprendizagem no sistema da educação escolar e a língua oficial em Cabinda e em toda a República de Angola. Neste trabalho, identificámos e apresentámos as principais dificuldades que os falantes cabindeses têm tido nestas duas línguas como L1 ou L2, no que diz respeito ao ensino/aprendizagem do verbo nas suas relações gramaticais e nas suas interferências linguísticas entre os dois idiomas. Neste estudo da tese de doutoramento, adotámos os métodos descritivo, comparativo, indutivo e dedutivo que nos permitiram atingir o nosso objetivo investigativo preconizado, que nos proporcionaram uma análise e um estudo contrastivo do corpus lexical dos verbos em iwoyo e em português; efetuámos uma recolha e uma análise de dados escritos e orais destas duas línguas com o objetivo último de normalizar e fixar a realidade linguística da língua cabindesa, na sua conjuntura linguística diatópica como um conhecimento explícito, e elaborar um dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e em iwoyo. Temos ainda o outro objetivo fulcral refletir sobre o ensino bilingue das duas línguas de modo a enquadrar o ensino/aprendizagem dos verbos nos seus aspetos gramaticais como L1 ou L2 e, também, identificar os fenómenos de influência e interferência do iwoyo no português, o iwoyismo, e do português no iwoyo, o portuguesismo; e, finalmente, propomos métodos que poderão ser adaptados ao ensino desta língua bantu, num contexto de ensino e aprendizagem bilingue; e, por último, propomos sugestões para elaboração de material didático que poderá ser útil para o ensino bilingue destas duas línguas descritas neste trabalho investigativo.

Palavras-chave: ensino, corpus, léxico, verbos, língua, Iwoyo, português, dicionário, bilinguismo.

ABSTRACT

The present investigation work has as objective the organization of the lexical corpus of the verbs in Iwoyo and in Portuguese, and a proposal of a bi-directional bilingual dictionary of verbs, that can facilitate the teaching and learning of these two linguistic systems in the province of Cabinda. The Portuguese and the Iwoyo have the statute of L1 or L2 for some the speakers of Cabinda, being the first the language of teaching and learning in the system of school education and the official language in Cabinda and in the whole Republic of Angola. In this work, we identified, and we presented the main difficulties that the speakers have in these two languages as L1 or L2, in what concerns the teaching and learning of the verbs in your grammatical relationships and in your linguistic interferences among the two languages. In this study of the investigation, we adopted the descriptive, comparative, inductive and deductive methods that allowed us to reach our objective in this research project, that provided us an analysis and a contrastive study of the lexical corpus of the verbs in Iwoyo and in Portuguese; we made one it picks up and an analysis of written and oral data of these two languages with the last purpose of to normalize and to fasten the linguistic reality of the cabindan language, in your dialectal conjuncture as an explicit knowledge, and to elaborate a bi-directional bilingual dictionary of verbs in Portuguese and in iwoyo. We still have the other important objective to contemplate on the bilingual teaching of these dual languages, in way to frame the teaching and learning of the verbs in your grammatical paradigms like L1 or L2, also, to identify the influence and the interference of the Iwoyo in Portuguese, the iwoyism, and Portuguese in Iwoyo, the portuguesism; and, finally, we propose methods that they can be adapted to the teaching of this bantu language in a teaching context and bilingual learning; and, last, we propose suggestions of didactic material that can be useful for the bilingual teaching of these two languages described in this investigation work.

Keywords: teaching, corpus, lexicon, verbs, language, iwoyo, portuguese, dictionary, bilingualism.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	vi
AGRADECIMENTOS.....	vii
RESUMO.....	viii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	14
SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE CABINDA.....	14
1.1. Abordagem Geral sobre Cabinda.....	14
1.1.1. Situação Geográfica de Cabinda.....	14
1.1.2. Localização Linguística na Província de Cabinda	18
1.1.2.1. A normalização e fixação dos termos Ifyote e Ibinda como apelação da língua Cabindesa.....	28
1.1.2.1.1. A normalização e fixação do termo Ifyote	29
1.1.2.1.2. A normalização e fixação do termo Ibinda.....	32
1.1.2.2. Perspetiva sincrónica e diacrónica do Ibinda no contexto das línguas bantu.....	38
1.1.2.3. A População de Cabinda e os fatores de unidade e identidade linguística.....	41
1.1.2.3.1. A língua Ibinda como expressão de unidade linguística do povo ibinda.....	43
1.1.3. O Ensino da Língua Portuguesa em Cabinda	46
1.1.4. O bilinguismo na Província de Cabinda	49
1.1.4.1. O Bilinguismo.....	49
1.1.4.2. O bilinguismo na província de Cabinda	51
1.1.4.3. Bilinguismo e diglossia.....	62
1.1.4.3.1. Situação de bilinguismo e diglossia	62
1.1.5. O uso da língua Ibinda nos meios de comunicação social.....	64
1.1.6. Município de Cabinda e a área linguística da variedade diatópica Iwoyo	67
1.1.6.1. Município de Cabinda.....	67
1.1.6.1.1. A área linguística da variedade linguística diatópica Iwoyo.....	68
CAPÍTULO II.....	71
FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA, LEXICOLOGIA LEXICOGRAFIA.....	71
2.1. LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA.....	70
2.1.1. Aquisição e aprendizagem de L1 e L2	75
2.1.2. O ensino/aprendizagem do conhecimento gramatical e competência de leitura e escrita na língua portuguesa e iwoyo	78
2.1.3. As metodologias mais importantes para o ensino da gramática	86
2.1.4. A nomenclatura gramatical e a sua utilidade no ensino de língua	94

2.1.2.1. Breve descrição sobre o Dicionário Terminológico (DT) de 2008 e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa (NGP) de 1967.....	95
2.2. LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA.....	99
2.2.1. Definição da Lexicologia	99
2.2.1.1. Definição do léxico	102
2.2.1.2. Importância do léxico no ensino/aprendizagem.....	109
2.2.2. LEXICOGRAFIA DE APRENDIZAGEM.....	110
2.2.2.1. A Lexicografia e a sua dimensão pedagógica	112
2.2.2.1.1. As funções do dicionário escolar.....	114
2.2.2.2.1. A importância do uso do dicionário escolar no ensino da língua.....	115
2.2.2.3. Lexicografia bilingue de aprendizagem	118
2.2.2.4. O Dicionário e sua contribuição no ensino/aprendizagem	119
2.3. Linguística de corpus.....	123
2.3.1. O Corpus	124
2.3.1.1. Conceito de corpus na Linguística e na Linguística de corpus.....	125
2.3.1.2. Definição de Corpus	125
2.3.1.3. O Corpus de verbos	127
CAPÍTULO III.....	128
ESTUDO CONTRASTIVO DOS SISTEMAS LINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS E DO IWOYO.....	128
3.1. Sistema linguístico do Português e do Iwoyo.....	128
3.1.1. Introdução	128
3.1.2. Conceito de Língua	129
3.1.3. Normalização Linguística do Iwoyo	131
3.1.4. A Língua Portuguesa.....	134
3.1.4.1. Características da língua portuguesa	135
3.1.4.2. Sistema Fonológico da língua portuguesa.....	136
3.1.5. A língua cabindesa, a variante Iwoyo	140
3.1.5.1. Características da língua cabindesa.....	141
3.1.5.2. Alfabeto e Sistema Fonológico da língua cabindesa	142
3.1.5.2.1. Os sons vocálicos	144
3.1.5.2.1.1. As vogais	145
3.1.5.2.2. Os sons fonéticos do iwoyo.....	148
3.1.5.2.2.1. As vogais	148
3.1.5.2.2.2. Semivogais	148
3.1.5.2.2.3. As consoantes	148
3.1.5.2.2.4. As consoantes pré-nasais	149

3.1.5.3. Realizações fonéticas das vogais da língua cabindesa	154
3.1.5.4. Estudo das comutações e distribuições da classificação das vogais no sistema fonemático do Iwoyo.....	157
3.1.5.4.1. A duração vocálica das vogais	161
3.1.5.5. As semivogais: w e y	162
3.1.5.6. As consoantes.....	166
3.1.5.6.1. Classificação da tabela fonética das consoantes.....	168
3.1.5.7. Sistema tonal do ibinda dos bawoyo, o Iwoyo	171
3.1.5.8. Sequências vocálicas e consonânticas do Iwoyo.....	173
3.1.5.8.1. Sequências vocálicas do Iwoyo	173
3.1.5.8.2. Sequências consonânticas do Iwoyo	174
3.1.5.8.2.1. Sequência Consoante + Semivogal (CS) e sequência Nasal + Consoante (NC) do Iwoyo	174
3.1.5.8.2.2. Sequência Nasal + Consoante + Semivogal (NCS) do Iwoyo.....	176
3.1.5.8.2.3. Elucidação e uso dos aspetos ortográficos, fonéticos e fonológicos de algumas consoantes e grupos consonânticos do Iwoyo.....	176
3.1.5.9. Os Acentos.....	180
3.1.5.10. Elisão e Supressão	181
3.1.5.10.1. Elisão.....	181
3.1.5.10.2. Supressão	182
3.1.5.11. A sílaba e estrutura silábica da língua cabindesa	182
CAPÍTULO IV.....	187
CLASSES E PREFIXOS EM IWOYO.....	187
4.1. Dados históricos da classe e prefixos nominais, pronominais, verbais e adjetivais das línguas bantu.....	187
4.2. Classes e prefixos em iwoyo.....	194
4.2.1. Prefixo Nominal	202
4.2.2. Funções do Prefixo	205
4.2.3. Os géneros nominais dos prefixos em iwoyo	206
4.2.3.1. As modificações dos prefixos em iwoyo.....	209
4.2.3.2. Os prefixos nominais antes de uma inicial vocálica	210
4.2.3.3. Os prefixos nominais antes de uma inicial consonântica.....	211
4.2.3.4. A assimilação do prefixo nominal.....	211
4.2.3.5. A extinção do prefixo nominal	212
4.2.3.6. Os prefixos nominais e os seus alomorfes.....	216
4.2.3.6.1. Os alomorfes do prefixo nominal mu- (classe 1).....	217
4.2.3.6.2. Os alomorfes do prefixo nominal ba- (classe 2)	218

4.2.3.6.3. Os alomorfes do prefixo nominal mu- (classe 3).....	218
4.2.3.6.4. Os alomorfes do prefixo nominal mi- (classe 4).....	219
4.2.3.6.5. Os alomorfes do prefixo nominal li- (classe 5)	220
4.2.3.6.6. Os alomorfes do prefixo nominal mi- (classe 6).....	221
4.2.3.6.7. Os alomorfes do prefixo nominal ci-, ki-, i- (classe 7).....	221
4.2.4. Prefixos Concordantes.....	223
CAPÍTULO V.....	231
CORPUS LEXICAL DOS VERBOS EM IWOYO.....	231
5.1. O Corpus de verbos.....	232
5.1.1. Conceitos fundamentais do Verbo	232
5.1.2. Os elementos específicos do verbo em Português	234
5.1.3. Os elementos específicos do verbo em Iwoyo	236
5.1.4. Conjugação do verbo em Iwoyo	241
5.2. Categorização sintagmática dos verbos em Iwoyo.....	245
5.2.1. Função Sintática dos Pronomes Pessoais do GN e GV	245
5.2.1.1. Conjugação pronominal em Iwoyo.....	247
5.2.1.1.1. Conjugação pronominal simples	247
5.2.1.1.2. Conjugação pronominal reflexa	248
5.2.1.1.3. Conjugação pronominal recíproca	249
5.2.1.2. Pronominalização em português e em iwoyo	250
5.2.2.3. O uso do pronome impessoal se em Português e ba em Iwoyo	252
5.2.2. Conjugação perifrástica em português e em iwoyo.....	253
5.2.2.1. Conjugação perifrástica em português	253
5.2.2.2. Conjugação perifrástica em iwoyo.....	256
5.2.2.3. O uso dos verbos modais e auxiliares da conjugação perifrástica em iwoyo	260
5.3. Os tipos de predicados do grupo verbal do português e iwoyo.....	266
5.3.1. Tipos de Predicado em português e iwoyo	267
5.3.1.1. Os constituintes do GV em português e iwoyo	269
5.3.1.1.1. Verbos significativos ou principais (intransitivos e transitivos)	269
5.3.1.1.1.1. Representação linear das frases dos verbos significativos.....	270
5.3.1.1.2. Verbos copulativos ou verbos de significação indefinida	278
5.3.1.1.2.1. Representação linear das frases dos verbos copulativos	279
5.3.1.1.3. Verbos transitivos-predicativos.....	285
5.3.1.1.3.1. Representação linear das frases dos verbos transitivos-predicativos	286
5.4. Descrição dos principais elementos contrastivos do verbo em português e em iwoyo.....	287

CAPÍTULO VI.....	292
PROPOSTA DE UM DICIONÁRIO BILINGUE DE VERBOS EM PORTUGUÊS EM IWOYO.....	292
6.1. A perspetiva lexicográfica do dicionário.....	292
6.1.1. Dicionário bilingue bidirecional dos verbos do Português e Iwoyo	294
6.1.2. O dicionário e a gramática.....	295
6.1.3. Princípios metodológicos	296
6.1.4. A macroestrutura	298
6.1.5. A microestrutura	298
6.1.6. As macroparadigmas	299
6.1.7. A problemática da equivalência no dicionário bilingue	304
6.1.7.1. Perspetiva da Linguística Contrastiva.....	305
6.1.7.1.1. Os três tipos de equivalência no dicionário bilingue.....	306
6.1.7.1.1.1. Equivalência total	307
6.1.7.1.1.2. Equivalência parcial	307
6.1.7.1.1.3. Sem equivalência ou equivalência nula.....	308
6.1.7.1.2. Considerações finais lexicográficas sobre a equivalência no dicionário bilingue.....	309
6.2. Proposta do dicionário bilingue bidirecional dos verbos do Português do Iwoyo	310
6.2.1. Corpus lexical do dicionário bilingue bidirecional dos verbos do Português e Iwoyo	310
CONCLUSÃO.....	315
SUGESTÕES.....	323
BIBLIOGRAFIA.....	326
1.1. Bibliografia Geral.....	326
1.2. Dicionários e Gramáticas.....	340
1.3. Sitografia.....	343
ANEXOS.....	346
Anexo I-Mapa 1: Decalcado de la Côte de Loango: Histoire de Loango, Kakongo, Ngoyoet autres Royaume d’Afrique.....	347
Anexo II-Mapa 2: A localização de Cabinda na Africa Central.....	348
Anexo III-Mapa 3: A localização das etnias do Enclave de Cabinda.....	349
Anexo IV-Mapa 4: A Carta linguística de Cabinda (língua ibinda a as suas variedades diatópicas.....	350
Anexo V-Mapa 5: La localization des ansiens Royaumes (localização dos antigos reinos) Kongo, Loango, Kakongo et Vungo.....	351
Anexo VI-Mapa 6: Le Royaume du Kongo (o Reino do Kongo).....	352
Anexo VII-Mapa 7: A localização do Município de Cabinda (sede): divisão político-administrativa...	353

Anexo VIII: Ata do encontro de auscultação e consenso sobre a denominação da língua Nacional falada em Cabinda pelos seus falantes, Secretaria Provincial da Educação, Ciência e

Tecnologia, ao 21 de Março de 2012.....354

GRÁFICOS, TABELAS, MAPAS e FICHAS

1. GRÁFICOS

Gráfico 1: A situação linguística de Cabinda.....	61
Gráfico 2: As cinco vogais alfabético do iwoyo.....	151
Gráfico 3: O sistema vocálico do iwoyo.....	152
Gráfico 4: língua ibinda.....	171

2. TABELAS

Tabela 1: Regiões linguísticas do Ifyote.....	53
Tabela 2: Diferenças e semelhanças do lxico das variedades linguísticas do Ibinda.....	54
Tabela 3: Diferenças e semelhanças morfossintáticas do lyombe.....	56
Tabela 4: Diferenças e semelhanças morfossintáticas do Isundi.....	57
Tabela 5: Corpus do campo lexical referente a família.....	106
Tabela 6: Corpus do campo lexical referente ao corpo humano.....	107
Tabela 7: Os sons fonéticos do Português.....	137
Tabela 8: Intervenção das cavidades bucal e nasal.....	140
Tabela 9: Sistema vocálica da língua cabindesa.....	152
Tabela 10: Realização fonética da vogal /a/.....	154
Tabela 11: Realização fonética da vogal /e/.....	155
Tabela 12: Realização fonética da vogal /i/	155
Tabela 13: Realização fonética da vogal /o/.....	156
Tabela 14: Realização fonética da vogal /u/.....	156
Tabela 15: Consoantes simples.....	168

Tabela 16: Consoantes complexos pré-nasaladas.....	169
Tabela 17: Intervenção das cavidades bucal e nasal das consoantes.....	170
Tabela 18: Sequência consoante + semivogal e sequência nasal + consoante.....	175
Tabela 19: Sequência nasal + consoante + semivogal.....	176
Tabela 20: Sistemas dos afixos nominais de Bleek (1851).....	192
Tabela 21: Classes dos prefixos nominais segundo Bleek.....	193
Tabela 22: Classes dos prefixos nominais segundo Meinhf.....	194
Tabela 23: Classes dos prefixos nominais, pronominais, verbais do Iwoyo.....	199
Tabela 24: Sistema dos pares de classes nominais de Iwoyo: singular e plural.....	203
Tabela 25: Prefixos concordantes do Iwoyo.....	223
Tabela 26: Paradimas gramaticais específicos contrastivos de Portugues e Iwoyo.....	240
Tabela 27: Conjugação do verbo ulya (comer).....	241
Tabela 28: Pronomes pessoais em português.....	246
Tabela 29: Pronomes pessoais em iwoyo.....	247
Tabela 30: Verbo amá-lo/velubu kum'zola.....	248
Tabela 31: Verbo lavar-se/velubu kyusukula.....	248
Tabela 32: Verbo ferir-se/velubu kyulweka.....	249
Tabela 33: Verbo abraçar-se/velubu uzingazyana.....	249
Tabela 34: Verbo cumprimentar-se/velubu ubilazyana.....	250
Tabela 35: Explicação da ficha lexicográfica do dicionário bilingue do verbo aprender/ Ulongukwa do módulo de ACESS de Portugues e Iwoyo.....	302
Tabela 36: Corpus do dicionário bilingue bidirecional dos verbos do Português e iwoyo...	311

3. MAPAS

Mapa 1 (anexo I): Decalcado de la Côte de Loango, Kakongo, Ngoyo et autres Royaumes d' Afrique.....	347
Mapa 2 (anexo II): A Localização de Cabinda na África Central.....	348
Mapa 3 (anexo III): A Localização das etnias do Enclave de Cabinda.....	349

Mapa 4 (anexo IV): A Carta linguística de Cabinda (língua cabindesa e as suas variedades linguísticas diatópicas).....	350
Mapa 5 (anexo V): La localization des anciens Royaumes (localização dos antigos Reinos): Kongo, Loango, Kakongo, Ngoyo e Vungu.....	351
Mapa 6 (anexo VI): Le Royaume du Kongo (o reino do Kongo).....	352
Mapa 7 (anexo VII): A localização do Município de Cabinda (Sede): divisão político-administrativa.....	353

4. FICHAS LEXICOGRÁFICAS DO DICIONÁRIO BILINGUE

Ficha 1: do verbo aprender/ulongukwa (português-iwoyo).....	301
---	-----

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIACÕES

A.F.I.	Alfabeto Fonético Internacional
CCV	Consoante mais consoante mais vogal
CD	Complemento direto
CI	Complemento indireto
Cf.	Conferir
CLL	Computer-assisted Language Learning
CWV	Consoante /w/ vogal
COblq.....	Complemento oblíquo
Conj.....	Conjunção
Contr.....	Contração
CPLP	Comunidade dos Países da Língua Portuguesa
CYV	Consoante /y/ vogal
CS	Consoante/semivogal
CV	Consoante/vogal
Det.....	Determinante

DOM Diferencial Objet Marking

DT Dicionário Terminológico

Ex. Exemplo

F.....Frase

FCSH Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola

GG Gramática Generativa

GJTs Grammaticality Judgment Tests

GN.....Grupo nominal

GU Gramática Universal

ILN Instituto de Línguas Nacionais

INALD Instituto Nacional do Livro e do Disco

INIDE Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação

Iwo.....Iwoyo

ISCED Instituto Superior de Ciências da Educação

I.S.O. Organização Internacional para Padronização

LE Língua Estrangeira

L1 Língua Primeira ou Materna

L2 Língua Segunda

Mod Adv.....Modificador adverbial

Mod Prep.....Modificador preposicional

MPLAMovimento Popular de Libertação de Angola

N.....Nome

NuNúmero

SNCS Sequência Nasal mais Consoante mais Semivogal

NCV Nasal/Consoante/Vogal

NGB Nomenclatura Gramatical Brasileira

NGP Nomenclatura Gramatical Portuguesa

SNS Sequência Nasal mais Semivogal
 OD Objeto Direto
 ODM Objeto Diferencial de Marcação
 OI Objeto Indireto
 Op. cit. Opus Citatum
 PALOP Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
 PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
 Port.....Português
 Pred.....Predicado
 PredctSuj.....Predicativo do sujeito
 PredictOD.....Predicativo de objeto direto
 Prep.....Preposição
 Prof.....Professor
 Pron.....Pronome
 RCC Rádio Comercial de Cabinda
 RDC República Democrática do Congo
 RNA Rádio Nacional de Angola
 RPA República Popular de Angola
 SAdj.....Sintagma adjetival
 SP.....Sintagma preposicional
 SN.....Sintagma nominal
 Suj.....Sujeito
 SV Sintagma Verbal
 UNL Universidade Nova de Lisboa
 TLEBS Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário
 TPA Televisão Popular de Angola
 UNESCO Organização das Nações para a Educação, a Ciência e a Cultura
 UNITA União Nacional para Independência Total de Angola

VVerbo

Vcop.....Verbo copulativo

Vt/d.....Verbo transitivo direto

Vt/d/ind.....Verbo transitivo direto e indireto

V/intr.....Verbo intransitivo

Vloc.....Verbo locativo

INTRODUÇÃO

«A humildade na ciência é uma das virtudes mais importantes para um investigador, porque ninguém nasce sábio, o homem aprende todos os dias em cada momento onde estiver, aumentando o seu conhecimento explícito em cada circunstância de ensino/aprendizagem e investigação.»

(Filipe Camilo Miaca)

O objetivo geral (principal) deste trabalho científico da Tese de Doutoramento é fazer um estudo e uma análise linguística do corpus lexical dos verbos em Iwoyo em contraste com os verbos em português, e fazer uma proposta de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos em português e iwoyo¹ de modo a estudar esta variedade linguística da língua cabindesa com o propósito último da regularização e fixação da mesma, parafraseando Rute Costa (2001)², neste contexto, a língua é para ser regulada e não para ser normalizada.

Esta investigação linguística apresenta o estudo e a análise dos verbos em português e Iwoyo, o ibinda dos bawoyo, falado no sul da Província de Cabinda, precisamente, no município e comuna sede (Cabinda), numa perspetiva sincrónica e diacrónica, com a relevância de alguns aspetos relacionados com a área da Linguística e Ensino de Língua, Lexicologia e Lexicografia, bem como as políticas linguísticas relativamente ao estudo e ensino do léxico da língua, tendo em conta a coabitação e a interferência destes dois sistemas linguísticos, românico-ibérico e bantu-bakongo, provavelmente, desde uma data anterior a 1885, provocando, deste modo, uma simbiose linguística entre eles, que acarretou o neologismo lexical do português no ibinda, portuguesismo, e do ibinda no português, o ibindismo.

¹ Uma variedade linguística da língua cabindesa. Ibinda, falada no sul da Província de Cabinda pelo subgrupo étnico bawoyo, segundo Mingas, Amélia (1995): “langue Bantoue angolaise appartenant au sous-groupe kikongo parlée au Cabinda et classée par M. Guthrie dans la zone H.16^a”. *Étude Grammaticale de l'Iwoyo (Angola)*. Paris: Université René Descartes Paris 5. Thèse de Doctorat.

² COSTA, Rute (2001). *Pressupostos teóricos e metodológicos para a extração automática de unidades terminológicas multilexémicas*, Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Universidade Nova de Lisboa – FCSH; conhecimento linguístico tido a partir do seminário metodológico em 2014.

O nosso trabalho científico-linguística tem por base investigativa a bibliografia de obras linguísticas da língua portuguesa, da língua cabindesa e de algumas obras linguísticas de outras línguas naturais de autores de grande referência científica. No entanto, nós observámos e ouvimos os locutores das duas línguas em estudo, recolhemos vários dados linguísticos relacionados ao nosso tema para melhor compreender e apreender a realidade linguística da língua cabindesa na sua perspetiva diacrónica e sincrónica. Estes dados recolhidos habilitaram-nos a conhecer mais e melhor a realidade do ibinda, especificamente, o iwoyo (ibinda dos bawoyo) e do português falado em Cabinda em situação de contacto (coabitação e interferência), permitindo-nos a ter uma compreensão mais ampla destas línguas e uma nova perspetiva linguística na organização do nosso trabalho da tese.

Os dados linguísticos recolhidos, nesta investigação, têm como objetivo comparar a cientificidade linguística das duas línguas na perspetiva diacrónica e sincrónica, permitindo-nos criar novas hipóteses e novos pressupostos teóricos linguísticos sobre a sua realidade linguística contrastiva no que dedilha o corpus lexical dos verbos e uma proposta de um dicionário bilingue bidirecional de verbos. Assim, neste prisma, Campos e Xavier (1991:21) demonstram, linguisticamente, que *«a relação entre a observação dos dados linguísticos e a teorização traduz-se numa constante formulação e reformulação de hipóteses. Essa relação mostra que nenhum sistema de representações metalinguísticas é definitivo; o objetivo de explicitar – descrever e explicar – conjuntos de dados cada vez mais vastos levará necessariamente à avaliação e, em consequência, à reformulação de hipóteses inicialmente formuladas, ainda que estas fossem adequadas aos dados analisados numa primeira fase. O linguista não pretende acumular a observação de dados, mas construir hipóteses teóricas que se sucedem, cada vez mais gerais»*; nesta perspetiva, tendo em conta a evolução das línguas em estudo, sabendo que as línguas são dinâmicas na perspetiva diacrónica. É por esta razão que nós como estudantes e investigadores, não fugimos a esta regra linguística, tendo em conta o estudo diacrónico, sincrónico e sociolinguístico de cada língua natural. Sob esta base linguística, apresentamos alguns aspetos científico-linguísticas da língua cabindesa (com as designações glossonímicas de fiote, ifyote e ibinda), tendo em conta [as primeiras Gramáticas de Fiote escritas em 1888 e 1889 pelo “*Monseigneur*” Carrie e Ussel e os primeiros dicionários

bilingues francês-fiote (1890), fiote-francês (1889), português-iouio (1948) e monolingue de fiote (1890)]³.

É por esta razão que as mesmas linguistas supracitadas reafirmam que «*o objetivo da linguística é, portanto, a partir da observação de objetos da língua constituídos como observáveis, construir um sistema de representações – uma gramática explícita de língua – que seja modelo da gramática implícita, subjacente à produção/reconhecimento dos objetos observados, desta forma, construindo uma teoria linguística que, constituída por princípios abstratos de natureza exclusivamente metalinguística, explicita a atividade da linguagem, e, simultaneamente, dê conta do funcionamento de cada uma das línguas particulares.*».

Neste contexto científico, sabemos que todo o facto científico, objeto de investigação científica, é portador de uma teoria e de uma lógica científica, isto é, portador de novos pressupostos teóricos na base daquelas hipóteses já estudadas e analisadas anteriormente; por isso mesmo que estas são portadoras de um novo conhecimento científico ou de uma nova perspetiva científica que explica e explicita os resultados dos estudos e investigações feitos por outros pesquisadores da mesma matéria científica.

A partir desta perspetiva científica, a nossa pesquisa não excluiu aquilo que já foi investigado por outros investigadores ou linguistas, mas retivemos alguns aspetos que reputámos importantes relacionados a realidade científico-linguística da nossa investigação. Estes aspetos linguísticos proporcionaram-nos novas evidências e uma compreensão linguística mais consentânea sobre o estudo do português e iwoyo falado em Cabinda numa perspetiva linguística contrastiva sincrónica, tendo em conta a diacrónica.

Neste trabalho investigativo, cingimo-nos mais nas áreas Linguísticas relacionadas aquelas de Linguística e Ensino de Língua, Lexicologia e Lexicografia que nos permitiu uma

³ CARRIE, A.M. – Monseigneur, Evêque du Dorylée et Vicaire Apostolique de congo-Français de la congrégation du Saint-Esprit et du Saint Coeur de Marie (1888). Grammaire de la Langue Fiote dialecte de Kakongo, Loango, Imprimerie de la Mission Catolique de Landana/Cabinda; Ussel, Congrégation du Saint-Esprit et du Saint Coeur de Marie missionnaire de Loango, (1888). Petite grammaire de la Langue Fiote, imprimerie de la mission de Landana; Ussel (1889). Grammaire de la langue fiote; Les MISSIONNAIRES de la Congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie (1890). Dictionnaire France-Fiote Dialecte du Kakongo, Mission de Landana (Cabinda) Préfecture Apostolique de Bas-Congo, Librairie Orientale et Américaine maisonneuve Frères, Editeurs, Paris-France; VISSEQ, Alexandre (1889). Dictionnaire fiote-français, dialecte du Kakongo, Paris; Dicionário Prático de Português-Iouio (Língua de Cabinda) com 4.000 vocábulos (1948), composto e imprimaria na tipografia da Miissão Evangélica de Cabinda/Angola; VISSEQ, Alexandre (1890). Dictionnaire fiote ou dictionnaire de la langue du Congo, Paris.

melhor compreensão, enquadramento e compilação do nosso trabalho da tese. Um dos objetivos também desta investigação científica que tivemos em conta é dar o nosso contributo científico, linguístico, didático e pedagógico ao ensino/aprendizagem bilingue destas duas línguas faladas em Cabinda.

Hoje, quando se estuda e se investiga a Linguística africana, tem-se verificado uma premente preocupação em alguns estudos linguísticos e em certas políticas linguísticas dos países africanos, tendo como objetivo a (re)construção do léxico em sincronias distintas, e o seu registo em dicionário(s) de língua(s) monolíngue(s) e bilingue(s) e, também a regularização, normalização e fixação linguística de cada língua bantu, fundamentando-se na identidade e na difusão de cada idioma, isto é, na criação e na produção de instrumentos de normalização linguística, cujo a função e finalidade é descrever a estrutura e o léxico de cada língua africana, bem como fixar as regras do seu registo escrito; neste caso, hoje, necessitamos de gramáticas e dicionários, de tratados de ortografia e prontuários na criação dos instrumentos normativos linguísticos e do conhecimento explícito destas línguas bantu. Estes paradigmas linguísticos cruciais foram evidenciados neste trabalho investigativo da tese.

Hodiernamente, podemos notar que, em várias investigações científicas de qualquer tema a investigar, pode-se aceitar ou refutar algumas hipóteses ou alguns pressupostos teóricos descritos sobre a linguística descritiva ou a linguística geral das línguas naturais, como por exemplo, no que tange a nossa investigação linguística, concretamente, a linguística bantu, línguas provenientes do proto-bantu⁴ e, especificamente, sobre as línguas pertencentes ao subgrupo da família das *línguas bakongo*⁵, línguas faladas no antigo reino do

⁴ Segundo as nossas investigações feitas no site de protolíngua-wikipedia, <https://ptm.wikipedia.org>, apurámos o seguinte: uma **protolíngua** é uma língua que foi o ancestral comum de diversas outras línguas que formaram uma família de línguas. O termo alemão “*Ursprache*” (formado pelo prefixo *Ur-*, “primordial”, e *Sprache*, “idioma”) é ocasionalmente usado para esta explicação linguística. Na maioria dos casos, a **protolíngua** ancestral não é conhecida diretamente, exemplo no caso do **protobantu**, e tem de ser reconstruída através da comparação de diferentes membros da família de idiomas, por uma técnica investigativa chamada método comparativo. Através deste processo apenas uma parte da estrutura e do vocabulário da **protolíngua** pode ser reconstruído, e, quanto mais antiga for a **protolíngua** em questão, em relação a seus descendentes, as línguas derivadas, mais fragmentária será a sua reconstrução. Alguns exemplos de **protolínguas** (parcialmente) reconstruídas incluem o **protoindo-europeu**, o **protourálico**, o **protobantu** e o **protopamã**. Em alguns casos, no entanto, a **protolíngua** pode ser um idioma do qual se conhecem evidências escritas, como é o caso da língua **Protonórdica** evidenciada nas inscrições rúnicas no *futhark* antigo, ou pode ser um idioma já bem conhecido, como é o caso do **latim** para as línguas **românicas** ou **novilatinas**.

⁵ Línguas faladas no antigo reino do Congo que hoje abarcaria os seguintes países: Angola, República Democrática do Congo, República do Congo Brazzaville e Gabão.

Congo que, hoje, se falam nos seguintes países: Angola, República Democrática do Congo, República do Congo Brazzaville e Gabão.

Assim, hoje, a nossa perspetiva e preocupação linguística é de repensar em novos pressupostos teóricos e novas hipóteses que realçam a realidade linguística cabindesa; deste modo, relembremos algumas palavras da Professora Doutora Helena Mateus (2013) que demonstram e explicitam cientificamente que *«a linguística é a ciência da linguagem e é definida como um estudo científico porque assenta em pressupostos teóricos coerentes, utiliza objetividade e rigor na descrição dos dados e apresenta hipóteses de explicação com base nos pressupostos teóricos, hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas perante os dados das línguas em análise»*⁶.

Neste contexto, apresentámos alguns parâmetros da realidade linguística de Cabinda, território bilingue e pluridialectal, em que a língua portuguesa tem o estatuto da língua oficial, administrativa e de ensino/aprendizagem no sistema de educação escolar em Angola, especificamente, na província de Cabinda, sendo L1 para alguns falantes e L2 para os outros, estando todos eles em contacto com a língua Fiote (Ibinda ou Ifyote), língua nacional cabindesa, como afirma Martins (1972:25-35), *“a língua Fiote nunca foi ensinada no sistema escolar, enquanto a língua Portuguesa existe neste território há mais de um século e três décadas, antes do tratado de Simulambuco em 1 de fevereiro de 1885”*⁷, data em que Cabinda se tornou um protetorado português. O fiote ou ibinda, termos criados no período colonial português que denominam a língua cabindesa, que engloba os sete dialetos ou sete variedades diatópicas (regionais), sendo assim pluridialectal⁸.

Neste contexto, no nosso trabalho investigativo, cingimo-nos na variedade linguística diatópica **iwoyo**, como dialeto franco que foi usado pela igreja Católica no período colonial para o ensino do catecismo⁹ em toda a extensão territorial de Cabinda. O Ifyote, como língua

⁶MATEUS, Mira Helena. Conferência inaugural do Programa de Doutoramento em Linguística na Faculdade de Ciências Sociais e Humana (FCSH) na Universidade Nova de Lisboa (UNL), 21-10-2013.

⁷ Martins, Joaquim (1972: 25-35). Cabindas, História-Crença-Usos e Costumes, Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Cabinda, Lisboa.

⁸ Eis aqui os sete dialetos ou variedades linguísticas diatópicas: **iwoyo**, ikoci, ilinje, ivili, ikwakongo, iyombe e isundi.

⁹ Arquidiocese de Luanda/Angola (1963). Catecismo Fiote Português, 3ª Edição, Tipografia da Sociedade de S. Pedro para Missões de África, Roma (3), via dell'Olmata, 16. República Portuguesa.

nacional cabindesa, também é utilizado na comunicação social (rádio e televisão) e na convivência familiar, sendo L1 para alguns falantes-ouvintes e L2 para os outros.

O Iwoyo é falado no município sede da Província de Cabinda, precisamente, na comuna sede, em paralelo com os outros dialetos ou variedades linguísticas¹⁰ faladas em Cabinda. Estas variedades linguísticas têm localizações regionais e étnicas específicas nas comunas e nos quatro municípios (Cabinda, Cacongo, Buco-Zau e Belize) da Província de Cabinda.

Desde 1885, data do Tratado de Simulambuco, que testemunha o início da administração colonial da República Portuguesa em Cabinda e da coabitação da língua cabindesa com a portuguesa e francesa antes daquela data do tratado, tendo em conta o conjunto dos dialetos diatópicos desta língua bantu-bakongo, como foi referenciado anteriormente, [cf. no anexo IV, mapa 4, p. 347, que foi designado língua fiote pelos franceses e portugueses, *como testemunha os livros de catecismo fiote-francês (1884, 1885, 1888, 1889) e fiote-português (1963), gramáticas (1888, 1889, 1890) e diocinários (1889, 1890, 1948) ou, pelo glossónimo Ibinda, como indica o livro do padre Ferreira, Rituais do Batismo em Ibinda, em 1973*]¹¹.

Assim, a coabitação e a interferência mútua do iwoyo (Ibinda) e do português existem há mais de um século e trinta anos. Obtivemos, neste estudo e investigação, uma compreensão linguística mais lúcida e clarividente, baseando-nos nestes dois alinhamentos seguintes que reputámos fundamentais do nosso trabalho investigativo, cingindo-nos no objetivo principal deste trabalho que é de fazer um estudo do corpus lexical dos verbos em

¹⁰ Foram denominadas e classificadas como línguas, mas, hoje, algumas delas são dialetos, nos primeiros investigadores europeus, os pioneiros a estudarem a linguística bantu, como por exemplo: Bleek (1882-1875), Karl Meinhof (1857-1944), Sigismund Koelle (1823-1903), Malcom Guthrie (1903-1972).

¹¹ Anexo IV, mapa 4, carta linguística de Cabinda (Ibinda e as suas variedades linguísticas diatópicas, p. 347; Les missionnaires de la congrégation du Saint-esprit et du Saint-Coeur de Marie, Landana-Kakongo, imprimerie de Landana/Cabinda, 1884, 1885, 1888, 1889; Missionários da igreja Católica em Cabinda a partir de 1885; Monsigneur Carrie (Eveque de Dorylée et Vicaire Apostolique du Congo-français de la Congregation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie (1888). Grammaire de la langue fiote, imprimerie de Landana-Cacongo/Cabinda; Ussel, Congrégation du Saint-Esprit et du Saint Coeur de Marie missionnaire de Loango, (1888). Petite grammaire de la Langue Fiote, imprimerie de la mission de Landana; Ussel (1889). Grammaire de la langue fiote; Les missionnaires de la Congrégation du Saint-Esprit et du Saint Coeur de Marie Mission de Landana-Cabinda. (1890). Dictionnaire français-fiote. imprimerie de Landana; VISSEQ, Alexandre (1889). Dictionnaire fiote-français, dialecte du Kakongo, Paris; VISSEQ, Alexandre (1890). Dictionnaire fiote ou dictionnaire de la langue du Congo, Paris; Missionarios da igreja Evangelica de Cabinda/Angola (1948). Dicionario Pratico de Portugues-Iuio, Missao Evangelica de Cabinda; FERREIRA, José da Rocha (1973). *Rituais do Batismo em Ibinda*. Missão Católica de Cabinda, República Portuguesa.

português e ibinda na variante iwoyo e apresentar uma proposta de um dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e iwoyo:

- (i) Partir dos estudos feitos por vários investigadores sobre o Iwoyo e outras variedades diatópicas linguísticas da língua cabindesa; trabalhar com o objetivo último de ensino/aprendizagem bilingue; identificar alguns aspetos fundamentais do **corpus lexical dos verbos em Português e Iwoyo**, contribuindo, desta forma, com alguns subsídios linguísticos nas áreas de especialidade da Linguística e Ensino de Língua, Lexicologia e Lexicografia, a partir do estudo destes dois sistemas linguísticos para a fixação da língua cabindesa;
- (ii) Partir das conclusões sobre o estudo do corpus lexical dos verbos em iwoyo e em português, apresentar uma **proposta de elaboração de um dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e iwoyo**; apresentar algumas sugestões para o ensino/aprendizagem bilingue em Cabinda.

Um dos primeiros problemas ou questão que se levantou é a análise das diferenças das estruturas gramaticais do verbo em Iwoyo em relação ao verbo em português, tendo em conta a realidade linguística de cada idioma, nos aspetos da fonologia, fonética, sintaxe, morfologia, semântica e pragmática.

O corpus deste trabalho foi constituído com base em dados recolhidos em documentos escritos (livros, gramáticas e dicionários) e recolhas orais sobre estas duas línguas faladas em Cabinda.

Nesta investigação sobre estas duas línguas em estudo, encontrámos as seguintes obras escritas e disponíveis que fala sobre a realidade linguística de Cabinda¹² relacionadas ao

¹² 1) Portuguesismos nas Línguas Bantu para um dicionário bilingue Português-Kiyombe, tratamento dos portuguesismos em Kiyombe, Chicuna (2014); 2) Elementos da Estrutura verbal da Língua Ibinda, Congo (1998); 3) Problema de Cabinda Exposto e Assumido à Luz da Verdade e Justiça, Luemba (2008); 4) Estudo comparativo da língua Portuguesa e Ibinda, variante iwoyo, a questão sintática, Miaca (2012); 5) Etude Grammaticale de l'iwoyo (Angola), Mingas (1994); Contributo para o estudo do Ibinda, Nzau (2004); Guia de Alfabetização em Língua Ibinda, Segundo o Método Inongo-Nongo, Seda (1996); 6) Manual de Alfabetização em Língua Ibinda, Segundo o Método Inongo-Nongo, Seda (1996); 7) Filosofia Tradicional dos cabindas, Martins (1970); 8) Gramática Elementar de Ibinda, Mazunga (2011); 9) Dicionário Português-Ibinda, Mazunga (2015); 10) Dicionário de Verbos Português-Ibinda, Mazunga (2015); 11) Rituais do Batismo em Ibinda, Ferreira (1973); 12) Catecismo Fiote-Português,

nosso tema: monografias, dissertações, teses, livros, gramáticas, dicionários; do mesmo modo, recolhemos também textos em Revistas na Internet, bem como uma coleção de recolhas orais (gravações, inquéritos, entrevistas) junto da população cabindesa. Todos estes documentos disponíveis supracitados possibilitaram-nos fazer um estudo e uma análise global e sintética da situação linguística de Cabinda, possibilitando-nos a ter mais conhecimentos e proficiência na descrição desta tese de doutoramento em Linguística.

Neste trabalho da tese em Linguística, queremos apenas dar o nosso contributo a partir destas informações linguísticas, baseando-nos no conhecimento explícito ligado à linguística, sociolinguística, história, lexicologia, lexicografia, linguística e ensino de língua e, reciprocamente, descrever segundo a nossa realidade linguística diacrónica e sincrónica em Cabinda, tendo em conta aquela documentação escrita e oral disponível que tivemos acesso, que referenciam os seguintes aspectos: **a)** as testemunhas humanas do povo ibinda, os cabindas; **b)** Documentos antigos e bibliografia sobre o Enclave de Cabinda, sua gente, língua, cultura, usos e costumes, sua história como um povo formado por três reinos Kakongo, Ngoyo e Loango, e também, as descrições feitas pelos investigadores ou linguistas europeus de várias origens sobre Cabinda antes e depois do período da colonização portuguesa e, igualmente, depois da independência de Angola em 1975 até aos nossos dias.

Deste modo, procurámos testar, comparar e comprovar, sem medo de errar, reciprocamente, esta documentação de origem oral e escrita na tentativa de encontrar uma coerência interna e externa da realidade linguística do território ibinda, utilizando os métodos

Diocese Católica de Cabinda (1963); 13) Histórias de Avô Lusende, Fábulas da tradição Ibinda - Edição bilingue Português-Ibinda, Mazunga (2014); 15) Celebração Dominical na Ausência do Presbítero em Ibinda, Secretariado Diocesano de Liturgia, Diocese de Cabinda (2014); 16) Liturgia da Língua Ibinda da Igreja Católica, Diocese de Cabinda (2007); 17) Vumisanu Mfumu – Cânticos para a Eucaristia em Ibinda, Português e Latim, Secretariado Diocesano de Liturgia, Diocese de Cabinda (2016); 18) Dicionário Prático de Português-Iouio (Língua de Cabinda) com 4.000 vocábulos) (1948), composto e impresso na tipografia da Missão Evangélica de Cabinda/Angola; 19) Katesisu i Fiote (1909), Imprimatur: Loanda e Paço Episcopal, 06/02/1909. Dr. Manuel Alves da cunha, Vigário Capitular; 20) Nous, Pascal Campana, Préfet Apostolique du Congo (1888). Katechissu i Fiote, Imprimerie de la Mission, Loango; 21) CARRIE, A.M. – Monseigneur, Evêque du Dorylée et Vicaire Apostolique de congo-Français de la congrégation du Saint-Esprit et du Saint Couer de Marie-(1888). Grammaire de la Langue Fiote dialecte de Kakongo, Loango, Imprimerie de la Mission Catolique de Landana/Cabinda; 22) Nous, A. M. Carrie Vice-Préfet Apostolique du Congo (1885). Catechisme ou Abrégé de la Doutrine Chrétienne en Fiote, Imprimerie de la Mission de Landana/Cabinda; 23) Katechissou i Fiote (1884). Imprimerie de la Mission de Landana/Cabinda; 24) Les Missionnaires de la Congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie (1890). Dictionnaire France-Fiote Dialecte du Kakongo, Mission de Landana (Cabinda) Préfecture Apostolique de Bas-Congo, Paris Librairie Orientale et Américaine maisonneuve Frères, Editeurs; 25) USSEL, R. P. (1888). Petite Grammaire de la langue Fiote Dialecte du Loango, Imprimerie de la Mission de Landana, Cabinda; 26) LEMAIRE, Charles [Lieutenant] (1894). Vocabulaire Pratique Français, Anglais, Zan Zibarite (Swahili), **Fiote**, Kibangi-irébas, Mongo, Bangalas, Imprimerie Scientifique, Bruxelles, Belgique.

comparativo, descritivo, dedutivo e indutivo que nos possibilitaram estudar e descrever alguns aspetos gerais e peculiares da linguística africana, cabindesa e portuguesa que reputámos fundamentais neste estudo contrastivo do português e do iwoyo.

O método descritivo e comparativo permitiram-nos, sobretudo, fazer um estudo contrastivo sobre os verbos do português e do Iwoyo e, também a realidade linguística das línguas bantu que possua um mesmo *substratum* linguístico-cultural de uma hipotética língua mãe Proto-bantu-africana que deu origem às línguas bantu, isto é, partindo do estudo particular para o geral das línguas, usámos o método indutivo (linguística estruturalista), e do estudo geral para o particular das línguas, método dedutivo (linguística generativa).

Hoje, para se estudar a linguística bantu, é necessário ter-se em conta a realidade de cada comunidade linguística dos povos bantu e, compreender e apreender a linguística comparativa destes povos, a sua sociolinguística e a sua história desde o passado até aos nossos dias, respeitando escrupulosamente a perspetiva sincrónica e diacrónica destes povos, como Redinha (1969:5) ¹³ afirma que: *“os bantu, designação linguística, algo étnico, constituem um aglomerado de populações mais ou menos diferentes entre si, e que tiram o seu nome do tipo particular da língua que falam. Por este motivo, a sua classificação apresenta-se dum critério fundamentalmente linguístico. Eles têm realmente sido definidos, simplesmente, como um grupo de povos que se servem de qualquer forma da raiz «ntu», para qualificar as pessoas humanas. Essa raiz como o prefixo do plural «ba», forma o conjunto «bantu», e daí as formas «Bantu» que os designa e os identifica”*.

Esta investigação linguística habilitou-nos muito como investigadores, linguistas e estudiosos a ter uma estratégia linguística mais cautelosa de escolhas abertas e específicas que os diferentes sistemas, teorias e correntes linguísticos nos proporcionaram a ter uma nova perspetiva e um enquadramento sincrónico hodierno do estudo da linguística cabindesa, africana, descritiva e geral. Chegámos a conclusão de que todos os estudos e teorias linguísticos feitos até hoje, tiveram o mesmo propósito, finalidade e direção com o intuito de encontrar soluções científico-linguísticas eficazes para um conhecimento linguístico explícito que esclarece e explica a realidade da linguística geral e descritiva aceite universalmente, que

¹³ REDINHA, José (1969). Distribuição étnica de Angola. Centro de Informação e Turismo de Angola.

reconhece os princípios e parâmetros linguísticos da estrutura externa e interna de cada língua natural, isto é, o caráter interno e a forma externa da linguagem humana.

Hoje, podemos ter em conta, que a linguística em geral como ciência não é só referida a uma única instância do saber linguístico, mas ela encontra-se relacionada com diferentes princípios e parâmetros linguísticos de cada língua natural, tendo em conta o objetivo do estudo da linguística descritiva¹⁴.

No estudo da linguística bantu-cabindesa e da linguística românica-portuguesa, especificamente, no contexto linguístico de Cabinda, hoje, neste trabalho, apresentamos novas evidências sobre o estudo do *corpus lexical dos verbos em iwoyo e português* e uma **proposta de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos em português e iwoyo** que poderá facilitar a compreensão e o ensino do iwoyo (e das outras variedades linguísticas da língua cabindesa) e do português para aqueles falantes que as têm como L1 ou L2.

Este estudo investigativo em linguística, a grosso modo, possibilitou-nos compreender melhor as **especificidades, as interferências linguísticas do verbo em iwoyo e português, o iwoyismo verbal no português e o portuguesismo verbal no iwoyo**, tendo em conta as suas características gramaticais peculiares.

O português é uma língua indo-europeia e novilatina e o Iwoyo é uma variedade diatópica da língua ibinda, língua Bantu-africana, precisamente, da família do subgrupo das línguas bantu bakongo pertencente ao antigo reino do Kongo¹⁵, especificamente, o território de Cabinda, a província mais a norte da República de Angola; que fica situada a setenta quilómetros do território da República Democrática do Congo, desde a zona fluvial (rio Zaire ou Congo) e da zona terrestre, Muanda, entre o enclave de Cabinda e Angola. Em Cabinda, o

¹⁴ Segundo, BANDEIRA (1998). Introdução aos estudos linguísticos, Faculdade Tecnológica e Ciências-Ensino a Distância (FCT-Ead), Brasil, define os termos Linguística Geral e Linguística Descritiva: a) Linguística Geral fornece conceitos e categorias em termos dos quais as línguas são analisadas e estudadas, isto é, busca desenvolver uma metodologia de trabalho que vai de modelos descritivos e/ou explicativos dos fenómenos linguísticos, assumindo de modo um caráter teórico e geral, pois não se ocupa de nenhuma língua em particular, mas dos factos em geral e a maneira de abordá-los. Suscita diversas correntes metodológicas e vários níveis de discussão. Linguística Descritiva, por sua vez, fornece os dados que confirmam ou refutam as proposições e teorias colocadas pela Linguística geral, isto é, busca observar e descrever línguas, testando métodos e técnicas, visando descobrir como é a estrutura da língua e como funcionam as línguas, tendo cada uma delas a sua especificidade dos parâmetros gramaticais, terminando deste modo, a natureza, os traços que compõem a linguagem, a fonética, a morfologia, sintaxe, semântica e a pragmática de cada língua natural, p.p. 7-8.

¹⁵ As línguas bakongo são todas as línguas faladas nos reinos do antigo reino do Congo e que hoje ainda são faladas, como por exemplo o Iwoyo, (...), nas Repúblicas de Angola, Congo Brazzaville, Gabão e RDC (República Democrática do Congo).

português tem o estatuto de língua oficial, de ensino escolar e L1 para muitos falantes cabindeses, em particular aqueles que nasceram nas zonas urbanas, e de língua não materna, L2, para outros, sobretudo, aqueles que nasceram nas zonas rurais.

Neste trabalho, utilizámos conforme foi descrito, anteriormente, os métodos de investigação científica supracitados, que nos possibilitaram enquadrar adequadamente e compreender cada passo linguístico da realidade dos **verbos em iwoyo em comparação com os verbos em português**. Fizemos, deste modo, um **estudo contrastivo das estruturas morfossintáticas do corpus lexical dos verbos em iwoyo e português**, destacando os seguintes elementos linguísticos:

- os fonemas do iwoyo e do português (vogais, semivogais e consoantes);
- a concordância do verbo com o nome, tendo em conta o prefixo verbal da classe deste em iwoyo e português;
- a posição do verbo em relação aos outros constituintes do SV, como constituinte fundamental do grupo verbal e, também a diferença entre os verbos transitivos, intransitivos e copulativos em Iwoyo e português;
- a estrutura do sistema verbal: os modos e tempos verbais do iwoyo e português;
- os prefixos verbais do iwoyo ; o elemento da negação e as formas do infinitivo e do imperativo do iwoyo e português;
- o estudo da metodologia mais adequada para a elaboração de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos em português e iwoyo que vai facilitar o ensino/aprendizagem das duas línguas;
- Sugestões para o ensino/aprendizagem bilingue do corpus lexical no uso do verbo português e do iwoyo.

Os pressupostos teóricos, neste trabalho investigativo da tese do Doutoramento em Linguística, tiveram em conta a pertinência do nosso estudo, considerando as seguintes alíneas mestres de pesquisa que «orientaram a nossa investigação, como **objetivos específicos**:

- ✓ Realizar um estudo contrastivo da estrutura do corpus lexical do verbo em iwoyo e português com base nos estudos da linguística bantu, linguística portuguesa, linguística geral e descritiva;

- ✓ Partir de documentos escritos sobre a língua ibinda e portuguesa, tendo em conta a variedade diatópica iwoyo, e efetuar recolhas orais junto aos falantes-ouvintes destas duas línguas para melhor compreender os dados específicos dos verbos desta língua bantu e da românica, possibilitando integrá-los na nomenclatura da proposta do dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e iwoyo neste trabalho da tese do doutoramento;
- ✓ Investigar os portuguesismos verbais em iwoyo e os iwoyismos verbais em português;
- ✓ Partir das conclusões sobre o corpus lexical dos verbos em iwoyo, propor sugestões para o ensino/aprendizagem e orientações para uma produção futura de materiais didáticos destinados ao grupo de aprendentes de português e de iwoyo;
- ✓ A partir das conclusões propor metodologias que possam servir de bússola e serem adaptadas ao ensino bilingue no território de Cabinda.

1.1) A problemática, as questões orientadoras e os aspetos metodológicos da investigação

O problema científico analisado é o seguinte: como podemos identificar as principais diferenças do corpus lexical dos verbos em iwoyo em relação aos verbos em português, sendo o iwoyo um idioma bantu-africano e pertencente ao subgrupo da família das línguas bakongo e o português como um idioma indo-europeu pertencente ao grupo ou família das línguas românicas e, também, em que medidas poderemos observar as interferências verbais e lexicais entre elas?

Face a este problema, elaborámos as seguintes questões científicas que orientaram a nossa investigação, tendo em conta aos objetivos desta investigação:

- Qual é a estrutura do verbo em iwoyo e português e quais são as propriedades gramaticais que se assemelham e diferem nas duas línguas?
- Quais são as características específicas dos modos e tempos verbais do iwoyo e do português e as dificuldades que poderão apresentar no percurso de ensino/aprendizagem do iwoyo por utentes que as têm como L1 ou L2 no contexto do ensino bilingue?
- Em que medida é que este percurso poderá ser influenciado pelos seguintes fatores:

(i) as diferenças gramaticais entre as duas línguas?

(ii) o estatuto do português e iwoyo como L1 ou L2 para alguns falantes?

- Que métodos de ensino bilingue poderão ser mais adequados para o ensino/aprendizagem do corpus lexical dos verbos em iwoyo e português a estes usuários bilingues?

Depois da descrição deste item, vamos apresentar, em seguida, a organização da tese de doutoramento com a sua respetiva identidade.

2) Organização do trabalho

Este trabalho da tese de doutoramento em Linguística está organizado do seguinte modo: depois da introdução, **no capítulo 1**, serão apresentados alguns conceitos e questões relevantes, descrevendo alguns elementos fundamentais sobre a situação linguística de Cabinda na sua perspetiva sincrónica e diacrónica, tendo em conta a situação linguística das duas línguas em estudo; **no capítulo 2**, apresentaremos os fundamentos teóricos e metodológicos da Linguística relacionados a Linguística e Ensino de Língua, Lexicologia e Lexicografia como áreas fundamentais científico-linguísticas que realçam os capítulos básicos da tese; **no capítulo 3**, descrever-se-á o estudo de alguns paradigmas contrastivos do sistema linguístico do Português e do Iwoyo, tendo em conta os seus aspetos gramaticais de fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática ; **no capítulo 4**, descreveremos as classes e os prefixos em Iwoyo no contexto da língua cabindesa; **no capítulo 5**, apresentaremos o **corpus lexical dos verbos em Iwoyo** em comparação com o Português, os conceitos fundamentais do verbo e os elementos específicos do verbo em Português e Iwoyo e a conjugação verbal, pronominal, perifrástica e alguns aspetos morfossintáticos do SV; **no capítulo 6**, vamos apresentar a proposta de um **dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e em Iwoyo** e, depois, seguir-se-ão a **conclusão**, **as sugestões**, a **bibliografia** e os **anexos**.

CAPÍTULO I

SITUAÇÃO LINGUÍSTICA DE CABINDA

1.1. Abordagem Geral sobre Cabinda

Nesta abordagem geral sobre Cabinda, vamos descrever os seguintes itens: situação geográfica de Cabinda, situação linguística na Província de Cabinda, perspectiva sociolinguística de Cabinda, o ensino da língua portuguesa em Cabinda, o bilinguismo em Cabinda, o uso da língua cabindesa com os seguintes glossónimos de apelação ifyote ou ibinda desde o período colonial português e depois da independência de Angola em 1975; o uso desta língua nos meios de comunicação social e na comunidade linguística ibindófona, o município de Cabinda e a área linguística do Iwoyo.

1.1.1. Situação Geográfica de Cabinda

Cabinda¹⁶, também conhecido por Enclave de Cabinda, é um território situado na costa atlântica e ocidental africana, na parte central da África, tendo como fronteiras terrestres, a Norte, a República do Brazzaville, numa extensão de 196 km, a Nordeste, Leste e Sul, a República Democrática do Congo, com 153 e 100 km, e a Oeste, o Oceano Atlântico com 200 km, segundo os dados investigativos de Moreira (2004:34). A costa de Cabinda apresenta condições privilegiadas para a navegação, designadamente a Baía de Cabinda, formada por uma linha costeira de cerca de 25 km, aproximadamente 70 km a norte do rio Zaire (terrestre da região do Muanda da RDC e fluvial, rio Congo, designado em Angola por rio Zaire), a “Baía das Almadias ou Golfo das Almadias”, como é designada nos mapas de Diogo Homem e de Philipo Pigafetta, segundo Martin (1977:47-59; 1985:45), com cerca de 7.680 Km² de superfície.

A sua população é estimada em mais de 700.000 habitantes residentes hodiernamente¹⁷, distribuídos em quatro municípios (Cabinda, Cacongo, Buco-Zau e Belize).

¹⁶ Segundo fontes históricas da história, crença, usos e costumes do povo Binda, o nome “Cabinda” derivaria de um processo aglutinativo: a última sílaba de MAFU (CA) com BINDA (CA+BINDA), nome de um dignitário do reino do Ngoyo, responsável pelo comércio. O Mafuca desse tempo seria um tal Ibinda. Tanto se repetia o termo, soando cadencialmente mafuka Ibinda, que veio a dar o nome à região. Cf. MARTINS, Joaquim: CABINDAS, História – Crença - Usos e Costumes, 1972, p.38.

¹⁷ Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística do Governo Provincial de Cabinda. Dados do senso Demográfico da Província de Cabinda, Maio 2017, p.3.

Estes municípios descritos estão constituídos em doze comunas: (Cabinda, Malembo e Tando-Zinze [município de Cabinda], Lândana, Dinje e Massibi [município de Cacongo], Buco-Zau, Inhuca e Necuto [município de Buco-Zau] e Belize, Luali-Belize e Miconje [município de Belize])¹⁸.

Os seus habitantes pertencem ao grupo etnolinguístico Kongo ou Bakongo da grande família bantu, Martins (1968:13-14; 1972:9-14). Estes habitantes ou os cabindas são compostos em sete etnias: Bawoyo, Bakwakongo, Bakoci, Balinje, Bavili, Bayombe e Basundi, consultar no anexo III pag. 345. Estas etnias constituem a base etnolinguística da apelação dos dialetos diatópicos falados em cada região linguística de Cabinda.

Cabinda herdou a sua configuração geográfica¹⁹ dos antigos reinos do Kakongo, Ngoyo e Loango, que se situavam na costa de Cabinda, grosso modo, entre a foz do rio Zaire ou Congo e a região de Sette Cama, a foz do rio Kwilo, a atual República do Gabão. Esta configuração geográfica dos antigos reinos faziam parte do Reino do Congo como vassalos e, depois tornaram-se independentes em 1500 como Serrano (1983:16)²⁰ afirma que, “ *a leitura atenta de uma bibliografia sobre os sistemas políticos de alguns reinos africanos leva-nos a optar, de certa maneira, pelos passos de alguns mestres como: Fortes e Evans-Pritchard (1962), Balandier (1969), Maquet (1969), Ziégler (1971), que elaboram pesquisas idênticas com sucesso desejado. É o caso de Geoges Balandier que no seu livro afirma que “ au Royaume de Kongo du XVI au XVII siècle, Hachette, Paris, 1965, em que faz uma análise sociológica do reino do Kongo, do qual o Reino de Ngoyo foi vassalo durante certo período. Este autor recorre à história dos reinos parentes tais como Loango, Kakongo e Ngoyo na margem direita do rio Congo (Zaire), denominado pelos naturais Nzadi ya Kongo traduzido literalmente como: rio Kongo, sendo que os portugueses tomaram a grafia Zaire por Nzadi). Estes reinos emanciparam-se e tornaram independentes do reino do Kongo em 1500.*”

O mesmo autor supracitado (1983:31) reafirma ainda que, “ *pela descrição de Dapper sabemos, no entanto, ser o Reino de Ngoyo limítrofe com o de Kacongo «au Levant et au Septentrion»;* deste modo recorreremos a apontamentos recolhidos na tradição oral dos povos

¹⁸ Dados demográficos e geográficos da Província de Cabinda. Revista Ngonje (propriedade do Governo provincial de Cabinda, nº10, Abril-Junho 2007, p.36-37. Disponível em <http://www.gpcabinda.com/ngonje> ed.10, consultado no dia 27 de Março de 2017.

¹⁹ Ver no anexo I página 343.

²⁰ SERRANO, Carlos M. H. (1983). Os senhores da terra e os homens do mar: antropologia política de um reino africano. São Paulo, FFLCH/USP (Antropologia,2.).

de Kaongo pelo Pe. Joaquim Martins, missionário português naquela região, na década de 40, afirmando o seguinte, «*diz-nos o documento que consta de algumas páginas datilografadas, respeitando o linguajar daquela região: (...) a partição de MaKongo e Mangoyo (respetivamente reis de Kakongo e Ngoyo-N.A) é na corrida do rio Lolundo, a partição do MaKongo e Malwango é o rio Luango, a partição de Makongo e Massundi é o Rio Lukula até Kalamu, lado de Boma (RDC).*»” Nesta conformidade, o rio Lulondo separa os bawoyos localizados na margem esquerda e os bakoci, bakwakongo e os basundi de Tando-zinze na margem direita deste rio. O rio Luango (Chiloango) separa os bakoci localizados na margem esquerda e na margem direita estão localizados os balinje, bavili, bayombe e os basundi de Miconje.

Cabinda tem um clima equatorial húmido com duas estações bem distintas; a seca que vai de 15 de maio a 15 de outubro, e a estação das chuvas que irriga a abundante e rica vegetação que vai de 16 de outubro a 14 de maio. Esta estende-se pela floresta de Maiombe e pelas múltiplas planícies e savanas, que vão do Centro, Norte a Sul, formando uma paisagem agradável e uma terra fértil. No domínio agrícola, as suas terras são férteis para a cultura de café, cacau, amendoim, banana, mandioca, batata (doce, inhame e makoco ou langa), feijão e milho, etc.. A fauna é tão rica como a flora, pois as diferentes florestas regurgitam animais de quase todas as espécies.

Sendo as boas relações dos cabindas com os portugueses as mais antigas, estreitas e mais estáveis, os chefes de Kakongo, Ngoyo e Loango escolhê-los-iam com a assinatura de tratados de protetorado em vez dos franceses, holandeses e ingleses; de entre os quais e o mais importante é o tratado de Simulambuco, de 1 de Fevereiro de 1885 (Cf. Franque, 1940: 66-79)²¹. Este tratado teve lugar na véspera da conferência de Berlin e a partilha de África pelas potências europeias. As autoridades locais dos três reinos supracitados do território do Enclave de Cabinda concluíram com o comandante da corveta Rainha de Portugal um acordo de protetorado – o tratado de Simulambuco na data supracitada (cf. Madureira, 2001:33 e Franque, 1940:72-79)²². Graças ao mesmo, Portugal instalou-se em Cabinda e pôde conservar

²¹ FANQUE, D. Domingos José (1940). Nós, os Cabindas: História, Leis, Usos e Costumes dos povos de N’goio, editora Argo, Lisboa.

²² Op.ct.

o território aquando da conferência de Berlim²³, a despeito das grandes amputações por nela sofrida, as quais o reduziram ao atual território da província de Cabinda com quatro municípios, administrada por Portugal como protetorado português a partir de 1885²⁴, sendo potência colonial administradora deste território do Enclave de Cabinda. Em 1956, por razões administrativas, o governo colonial português entendeu anexá-lo a Angola, território ultramarino português desde 1482, da mesma forma, tinha-se feito o mesmo tipo de anexação administrativa entre Cabo-Verde e Guiné Bissau até as suas independências separadas depois de 25 de Abril de 1974. Depois da revolução dos cravos, em 25 de Abril de 1974 em Portugal, os territórios ultramarinos portugueses em África deveriam ascender as suas independências como os outros países africanos; situação que os historiadores, a História, os politólogos e a Ciência Política, podem elucidar melhor destes factos históricos e políticos segundo a verdade científica, porque a história de hoje foi a política de ontem e a política de hoje será a história de amanhã; mas, em contrapartida, como é do nosso conhecimento, sendo investigadores científicos, alguns historiadores e políticos podem enganar e extorquir a verdade científica quando estes defendem os seus ideais e ideologias políticas, falsificando a verdade científica histórica ou linguística. Neste caso, como factos científicos, a história e a política como ciências não mentem, mas os historiadores e os políticos podem o fazer para defesa dos seus ideais e interesses. Foi em 15 de janeiro de 1975 a mais de 40 anos que se assinou o Acordo de Alvor, no Algarve, na República portuguesa, que se definiu os princípios da partilha do poder entre os movimentos de libertação de Angola MPLA, FNLA e UNITA e, também a anexação do Enclave de Cabinda como parte integrante e inalienável do território angolano²⁵.

Quanto às águas, distingue-se a costa marítima de 200 km. Os rios Chiloango, Lulondo, Luali e os Lagos de Massabi, de Bumulambuto, Nkúkulu (Caio Caliado) e do Mazengo, representam um património considerável em peixe. Enfim, não se pode falar da riqueza de Cabinda, sem evocar o seu subsolo. Ali se encontra o ouro, o diamante, o mercúrio, o fosfato,

²³ Conferência de Berlim tida em Novembro de 1884 a Fevereiro de 1885, sob os auspícios da Alemanha de Bismarck, para a partilha colonial de África, Cf. LUEMBA, Francisco (2008), p.12, e FANQUE, D. Domingos José (1940), p. 66-71, op.ct.

²⁴ Seria mais exato dizer 1887, ano da criação do distrito do Congo Português, atual Província Cabinda. Cf. Supra, p.11.

²⁵ Cf. O artigo 3º do Acordo do Alvor: “Angola constitui uma entidade una e inalienável nos seus limites geográficos e políticos atuais e, neste contexto, Cabinda é parte integrante e inalienável do território angolano”. Neste encontro do Acordo de Alvor, participaram as delegações do governo português, Presidente de Portugal Costa Gomes e o primeiro-ministro Mário Soares, na parte do MPLA, António Agostinho Neto, FNLA, Holden Roberto, UNITA, Jonas Malheiro Savimbi. Para mais informação deste caso, a Ciência Política e História estão mais habilitadas para mais detalhes político-históricas.

o ferro, o petróleo, urânio, potássio, manganésio, etc. Esta riqueza do subsolo de Cabinda, os geólogos descrevê-la-ão melhor, pormenorizadamente, que são os especialistas desta área científica.

1.1.2. Localização Linguística na Província de Cabinda

Antes de descrevermos a situação linguística de Cabinda, primeiramente, devemos esclarecer os conceitos da língua, variedade linguística ou diatópica e dialeto no contexto sociolinguístico, etnolinguístico e linguístico deste Enclave que outrora foi um protetorado português a partir dos tratados de Chinfuma (1883), Chicamba (1884) e Simulambuco o mais importante dos dois precedentes em 01 de fevereiro de 1885.

É só desta forma que poderemos compreender a situação linguística da Província de Cabinda e o uso dos termos língua, variante ou variedade linguística e dialeto, tendo em conta estes conceitos linguísticos na perspetiva diacrónica e sincrónica da língua cabindesa e os seus dialetos antes e depois do período da colonização portuguesa e da anexação deste território no território angolano por razões administrativas pelo governo colonial português em 1956 e, depois da independência de Angola em 1975, no seu contexto sociolinguístico, etnolinguístico e linguístico. Dada a importância que este estudo revela, até hoje, tem havido duas correntes divergentes na linguística cabindesa, apresentando dois pontos de vistas, hipóteses e pressupostos teóricos diferentes em relação a situação linguística de Cabinda, se o Iwoyo, Iyombe, Isundi, Ivili, Ikwakongo, Ilinji e ikoci se são ou não línguas naturais ou dialetos ou variedades diatópicas da língua Cabindesa, que os portugueses e os franceses apelaram a língua deste território de fiote, como testificam as obras escritas por estes: (cf. as gramáticas [1888, 1889, 1890], dicionários [1888, 1889, 1890] e livros de catecismo [1884, 1885, 1888, 1902, 1982] dos missionários da igreja católica franceses e portugueses, Carrie, Ussel)²⁶, antes da era colonial e no período colonial, chamaram o conjunto destes dialetos etnolinguísticos da língua fiote ou variedades diatópicas de ifyote (ibinda).

Nós , como investigadores, linguistas e estudantes, não refutamos estes dois pontos de vista, hipóteses e pressupostos teóricos, mas, somente, queremos esclarecer este imbróglio linguístico, definindo os termos e os conceitos de língua, variedade linguística

²⁶ Op.cit.

diatópica e dialeto segundo o sentido denotativo epocal do estudo sociolinguístico, etnolinguístico da língua ifyote e o significado destes na linguística, hoje, tendo em conta os estudos do sistema linguístico de Cabinda, se estes foram criados no período pré-colonial ou colonial ou depois colonial ou ainda depois da independência de Angola em 1975.

a) Língua

Comecemos pelo conceito de língua. Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (2013:1-5)²⁷, «Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos». A língua, como «expressão da consciência de uma coletividade», é o meio pelo qual essa consciência representa o mundo envolvente e sobre este age; além disso, a língua não é imutável, pelo contrário, esta está em perpétua evolução. Além deste conceito, ainda temos os seguintes que definem a língua, a saber, segundo a nossa investigação:

- ✓ A língua é um sistema de meios de expressão oral e escrito de que dispõem todos os membros de uma comunidade linguística, tendo em conta as suas variedades diatópicas ou dialetos regionais;
- ✓ A língua é um conjunto de signos linguísticos ordenados e utilizados pelo homem na comunicação com os outros membros da sua comunidade linguística, tendo em conta as regras gramaticais aceitáveis nesta língua ou ainda, a língua é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos dos membros de uma comunidade considerados como expressão oral e escrita que se fundamenta na linguagem humana, tendo em conta o carácter interno e a forma externa desta;
- ✓ A língua é também o conjunto de palavras que uma comunidade utiliza para a sua comunicação, tendo em conta as regras gramaticais específicas desta língua e, também as suas variações ou variedades diacrónicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas.

Deste modo, os dialetos constituem um dos tipos de diferenças existentes numa língua. Cunha e Cintra (2013) consideram três tipos de diferenças: **1)** diferenças no espaço geográfico (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais — dialetos); **2)** diferenças entre as camadas socioculturais (nível culto, língua-padrão, nível popular...); **3)**

²⁷ CUNHA, Celso & LINDLEY, Cintra (2013). *Na Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 6.ª ed., Edições João Sá da Costa, Lisboa.

diferenças entre os tipos de modalidade expressiva (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagens dos homens, linguagens das mulheres (...)).

Os referidos gramáticos supracitados observam e afirmam que, a *«condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.»*. Acrescentam ainda que: *«todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades dos seus usuários.»*

A partir da mesma fonte linguística supracitada, transcrevemos o seguinte: *«As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se DIALETOS. Na área variadíssima e descontínua em que o português é falado apresenta-se como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à grafia e ao vocabulário. (...) A faixa ocidental da Península Ibérica ocupada pelo galaico-português apresenta-nos um conjunto de DIALECTOS que, de acordo com certas características diferenciais de tipo fonético, podem ser classificadas em três grandes grupos: 1) dialetos galegos; 2) dialetos portugueses setentrionais; 3) dialetos portugueses centro-meridionais.*

Esta classificação parece ser apoiada pelo sentimento dos falantes comuns do português-padrão europeu, isto é, dos que seguem a NORMA ou conjunto dos usos linguísticos das classes cultas da região Lisboa-Coimbra, e que se distinguirão pela fala, por exemplo, um natural da Galiza, um falante do Norte e um falante do Sul (...).»

Finalmente, uma variante segundo Campbell & Mixco (2007) afirmam que a variante é *«qualquer uma das formas diferentes que um item linguístico (som, palavra, construção) pode ter numa língua em determinado período»*.²⁸ Sendo assim, no contexto da mesma comunidade linguística, uma variante dialetal é um uso linguístico (fonético, lexical, sintático, morfológico, semântico, etc.) característico do falar de uma região, o qual se diferencia dos usos de outras regiões.

²⁸ CAMPBELL Lyle & MIXCO Maurício J. (2007). *A Glossary of Historical Linguistics*, Edinburgh University Press.

b) Dialeto

Do grego “*diálektus*”, conversa; linguagem; do latim “*dialectu*”, linguagem própria de uma região. Dialeto é uma variedade de uma língua; maneira de falar de um determinado grupo, região de falantes de uma língua. Desta forma, o dialeto identifica-se pela sua peculiaridade de pronúncia, do vocabulário e de gramática (fonética, morfologia, sintaxe, fonologia, semântica).

No sentido tradicional e mais restrito do conceito do termo dialeto, refere-se ao uso da língua própria de uma determinada região (dialeto regional ou geográfica ou diatópico).

c) Variante ou variação linguística ou variedade linguística ou geolinguística

A variação ou variedade linguística é um fenómeno que acontece com a língua e pode ser compreendida por intermédio das variações ou variedades históricas e regionais ou geolinguísticas ou diatópicas. Num mesmo país ou província com um único idioma nacional, regional ou provincial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes, sabendo que esta não é um sistema fechado e imutável, mas ela pode ter diferentes nuances. Podemos ter como referência a língua portuguesa, que é falada em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo-Verde, etc. Claro que este idioma une todos os falantes lusófonos da CPLP, mas, verificando as suas variações ou variantes ou variedades diatópicas em todos estes países, tendo em consideração as suas diferenças morfossintáticas, fonológicas, fonéticas, semânticas e pragmáticas, mas estas variantes não fogem a sua unidade linguística, a língua portuguesa, tendo em conta a realidade linguística de cada país.

As variações linguísticas acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, então é compreensível que os seus falantes façam rearranjos de acordo com as suas necessidades comunicativas. Os diferentes falares devem ser considerados como variações ou dialetos, e não como erros de um língua ou línguas. Quando tratamos das variações de uma língua como erro, incorremos no preconceito linguístico que associa, erroneamente, a língua ao *status*. Na verdade, as diferenças diatópicas de uma língua enriquecem esse património cultural no contexto sociolinguístico.

Para nós, os cabindas, as sete variedades diatópicas da língua cabindesa segundo as etnias e regiões²⁹ do território de Cabinda, o Ibinda é uma relíquia cultural do povo Ibinda de Miconje ao Yema e de Massabi a Zenze Lucula que evidencia o seu contexto sociocultural e sociolinguístico.

É deste modo, que a variação linguística é o movimento comum e natural de uma língua, que varia principalmente por fatores históricos, regionais ou geográficos e culturais. O modo pelo qual ela é usada, sistemática e coerentemente, de acordo com o contexto histórico, geográfico ou sociocultural, no qual os falantes de uma língua natural se manifestam verbalmente. Este ser da língua é o conjunto das diferenças de realização linguística falada pelos locutores (falantes-ouvintes) de um mesmo sistema linguístico. Tais diferenças decorrem do facto de um idioma não ser unitário, mas comportar vários eixos de diferenciação: estilístico, regional, sociocultural, ocupacional, etário, etc.. A variação e a mudança podem ocorrer em algum ou em vários dos subsistemas constitutivos de uma língua (fonético, morfológico, fonológico, sintático, léxico e semântico). O conjunto dessas mudanças constitui a evolução dessa língua.

A variação é também descrita como um fenómeno pelo qual, na prática corrente de um dado grupo social, em uma época e em certo lugar, uma língua nunca é idêntica ao que ela é em outra época e outro lugar, na prática de outro grupo social. O termo variação pode também ser usado como sinónimo de variante ou dialeto. Existem diversos fatores de variação possíveis - associados a aspetos geográficos, etnolinguísticos e sociolinguísticos, à evolução linguística e ao registo linguístico de uma língua natural.

A variedade ou variante linguística é definida pela forma que a comunidade de falantes a determina, vinculados por relações sociais ou geográficas, usando as formas linguísticas de uma língua natural. Refere-se a cada uma das modalidades em que uma língua se diversifica, em virtude das possibilidades de variação dos elementos do seu sistema linguístico (vocabulário, pronúncia, morfologia, semântica e sintaxe) ligadas a fatores sociais ou culturais (escolaridade, profissão, sexo, idade, grupo social, etc.) e geográficos (tais como o português do Brasil, de Portugal, de Angola, de Moçambique, de Cabo Verde, de São Tomé e Príncipe, de

²⁹ Ver no anexo IV, página 347, Carta Linguística de Cabinda, variedades da língua Ibinda.

Guiné Bissau e os falares regionais de cada país da CPLP, e, ainda, tomemos também o exemplo da realidade da língua cabindesa (Ibinda), neste caso, temos: o Ibinda dos bawoyo, **Iwoyo**, dos bayombe, **Iyombe**, dos bavili, **Ivili**, dos bakoci, **Ikoci**, dos basundi, **Isundi**, dos bakwakongo, **Ikwakongo** e dos balinji, **Ilinji**.

A língua padrão e a linguagem popular também são variedades sociais ou culturais. Um dialeto é uma variedade geográfica de uma língua, como afirma Rocha (2017:29,30), que *“a língua é uma, mas, como se trata de um organismo vivo, tem a propriedade de apresentar variações em função do tempo (época histórica), da geografia (local em que é falada) e da sociedade (contextos em que é usada e falantes que a utilizam). Essas características diferenciadoras ocorrem não só na fonologia como na morfologia, na sintaxe e, ainda, no léxico e semântica. Existem, ainda, os dialetos, isto é, as variedades geográficas próprias de cada região ou local, manifestadas, sobretudo, ao nível fonológico e lexical”*. Esta realidade linguística testemunha a situação linguística do sistema linguístico português e cabindês, a língua portuguesa e a língua cabindesa, em que os seus dialetos ou as suas variedades diatópicas têm diferenças mínimas ou de pormenor a nível da fonologia, do léxico, da sintaxe, semântica e morfologia.

A Sociolinguística, neste contexto, procura estabelecer as fronteiras entre os diferentes falares de uma língua. Neste caso, o investigador linguista verifica se os falantes apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com o lugar em que estão (variação diatópica), com a situação de fala; por isso mesmo que, nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, pode apresentar várias diferenciações.

As variedades linguísticas podem ser de ordem geográfica, social e até individual, pois que, neste contexto, cada variação diatópica procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor exprime a sua realidade regional, não prejudicando a unidade superior desta língua nacional, nem tão pouco a consciência diatópica, valorizando, deste modo, os que a falam diversamente, servindo-se do mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção, como acontece na CPLP e em Cabinda, principalmente, na hora do programa radiofónico e televisivo de Ibinda na rádio e televisão Provincial Nacional de Angola de Cabinda, na rádio Comercial de Cabinda em que os ouvintes expressam a realidade de cada

variedade linguística, desta língua bantu, nas suas dedicatórias feitas e nas intervenções radiofónicas, exprimindo a realidade da unicidade da língua nacional da Província de Cabinda.

Neste contexto, podemos reafirmar que nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, mas esta manifesta a realidade da cosmolinguística das suas variedades de ordem geográfica, de ordem social, etnolinguística e até individual, pois que cada falante procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor exprime o seu gosto e o pensamento, não prejudicando a unidade superior desta língua natural, nem tão pouco a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem dela como instrumento de comunicação que traduz a realidade cultural diatópica da sua região.

Nesta análise e estudo linguístico, podemos agora compreender e distinguir os conceitos dos termos língua, dialeto e variante ou variedade linguística. Podemos também distinguir as variedades da língua cabindesa ou dialetos como muitos falam e afirmam, não apenas por seu vocabulário, mas também por diferenças na sintaxe, morfologia, fonologia, semântica. É nesta perspetiva linguística que podemos afirmar que, em Cabinda, o sotaque e os sons guturais de certas palavras tonais nas variantes diatópicas da língua cabindesa têm algumas formas diferentes de pormenor, principalmente, o Iwoyo, Ikwakongo, Ikoci, ilinji e ivili em relação ao Iyombe e Isundi de Miconje. Um outro aspeto linguístico cabindês, que descobrimos, é a formação de palavras por neologismos ou estrangeirismos, por exemplo, os portuguesismos, galicismos, inglesismos e holandismos em diferentes variantes, variando, deste modo, no seu grau de adaptação à fonologia básica da linguagem de cada região linguística cabindesa.

Na base do estudo e análise feitos, neste item, podemos concluir que Cabinda, linguística e etnolinguisticamente, é um território pluridialetoal, que é constituído pelo conjunto de dialetos ou variedades linguísticas diatópicas de Iwoyo, Iyombe, Ilinji, Ikoci, Isuundi, Ikwakongo e Ivili relativas a subgrupos étnicos (bawoyo, bayombe, bakoci, basundi, bavili, balinji e bakwakongo), e, também é bilingue por existir dois sistemas linguísticos, isto é, duas línguas naturais, o português e o ibinda. Alguns falantes deste território têm-nas como L1 ou L2.

Lembramos que o Português é uma língua novilatina e indo-europeia; o **Ibinda** é uma língua proto-bantu-africana, pertencente ao subgrupo das línguas bakongo. Alguns autores

colocam a hipótese do Proto-bantu africano ter também uma origem indo-europeia, dadas as semelhanças com o grego antigo; eventualmente, o Proto-bantu “teria sido” a língua de povos que tinham descido junto ao rio Nilo e, que, posteriormente, ter-se-iam instalado nas regiões e/ou países bantu-africanos, onde existem até aos nossos dias.

Linguisticamente, os glossónimos *fyote* (*ifyote*) ou *ibinda*, designações que testificam a junção da realidade linguística dos dialetos ou variantes linguísticas da Província de Cabinda antes de 1882 e no tempo colonial português desde 1885 até 1975, depois da independência de Angola, testificando a língua nacional e regional da Província de Cabinda.

A coabitação das duas línguas (o português e *ibinda*) criou interferências entre elas na comunicação linguística aos falantes, notando-se muitas diferenças, principalmente, na estrutura morfossintática, fonológica, fonética do português europeu e do português cabindês, como afirmam Martins (1972) e Luemba (2008)³⁰.

A coabitação entre o *Ibinda* e o Português remonta a épocas anteriores ao Tratado do Simulambuco, não só porque os portugueses já tinham comércio intenso com os habitantes de Cabinda, mas também porque houve relações políticas e comerciais, sobretudo, com o reino do Ngoyo, atual comuna Sede (Cabinda), onde se fala a variante da língua cabindesa bantu *Iwoyo*, por esta razão, que os filhos de alguns nobres locais, como a família Puna e Franque, foram educados ou em Portugal ou no Brasil (cf. Franque (1940, p. 49-53, 62-65)³¹.

A presença destas duas línguas no sistema de comunicação em Cabinda pode ser classificada como bilinguismo social ou individual.

A nossa investigação, nesta tese de doutoramento, fundamenta-se, principalmente, sobre o *falar dos bawoyos*, o *iwoyo*, separadamente com as outras variedades diatópicas do *ibinda*, porque propomo-nos fazer um estudo (diatópico) do dialeto falado no Sul da Província de Cabinda da língua cabindesa. Assim, Cabinda é um todo único, tendo uma língua nacional, mas pluridialetoal, embora exista um bilinguismo social ou individual por parte de muitos cabindeses que falam o português e *ibinda*.

Nos tempos mais recentes, devido ao peso urbano provocado pela migração interna e externa, por causa da guerra civil angolana e outros fatores, nesta província, no resto de

³⁰ Martins, Joaquim (1972), op. cit., p. 25-35; Luemba, Francisco (2008), op. cit., p. 11-12.

³¹ Op. cit.

Angola e nos países limítrofes, começa a ganhar corpo um certo monolinguismo que não é uma característica dos cabindeses, pois estes gostam de falar a sua língua autóctone, principalmente, em contextos familiares.

No contexto situacional linguística de Cabinda, Nzau (2004:32,34) afirma que: *«atualmente, a situação de Cabinda carece de estudos o que torna o nosso desafio mais atraente e a abordagem cautelosa. Há, contudo, alguns investigadores que se opõem à ideia da unidade linguística de Cabinda e defendem que em Cabinda cada uma das variantes é uma língua. Sendo assim, Cabinda teria sete línguas autóctones. Ignorar ou negar tal transparência parece-nos acientífico, porque seria, na nossa ótica, negar, ou ignorar que as variações diatópicas linguísticas de Cabinda: a) não têm o mesmo caudal lexical; b) não têm a mesma morfossintaxe e que; c) não há transparência total, ou pelo menos, suficiente entre as etno-dialetos»*³². Esta situação leva-nos a repensar, cautelosamente, a realidade linguística em Cabinda, tendo em conta a análise feita posteriormente na explicação e esclarecimento dos termos ou dos conceitos linguísticos língua, variedade ou variações linguísticas ou dialeto. Cada investigador pode tirar as suas ilações destes conceitos linguísticos, e fazer uma dedução se em Cabinda há sete dialetos de uma língua ou estes dialetos são sete línguas.

Depois da nossa investigação e análise da situação linguística em Cabinda, encontrámos quase o mesmo caudal lexical e morfossintático e transparência linguística, entre as variantes da língua cabindesa iwoyo, ikwakongo, ikoci e o isundi de Zenze Lucula; estas em relação ao ivili e ilinji não há transparência total, mas parcial, como também acontece com o iyombe e o isundi de Miconje. O ivili e ilinje em relação ao iyombe e isundi de Miconje é quase 95 por cento no caudal lexical, morfossintático e transparência, possibilitando estabelecer a comunicação entre estas variedades diatópicas linguísticas da língua de Cabinda em relação aquelas primeiras dos seus utentes.

Com base no que acabámos de descrever segundo a nossa investigação feita em Cabinda, estamos de acordo com o mesmo ponto de vista do investigador e linguista Nzau (2004) que reafirma, *«felizmente, em Cabinda não é preciso um tradutor entre as variantes linguísticas étnicas, nem tão pouco se recorre a uma espécie de dialeto franco para estabelecer a comunicação territorial, ao contrário do que se passa, por exemplo, no resto de Angola, em*

³² NZAU, Domingos G. Ndele (2004), op. cit.

que o português, apesar de ser proveniente de fora (Portugal), é a única língua que une a nação (angolana) em termos de comunicação, i. e, assegura a comunicação de comunidades em cujas línguas autóctones não há intercompreensão e funciona como língua de contacto e meio de comunicação na rua, no mercado, nas diversões, nas igrejas e nas escolas”.

Hoje, sem sombra de dúvida linguística, estas duas línguas são usadas na difusão de informações e programas nos meios de comunicação social desde o tempo colonial e depois da independência (Rádio Nacional Provincial de Cabinda, Rádio comercial de Cabinda e Televisão Pública de Angola-TPA) e nas igrejas da província de Cabinda, embora o Português tenha o estatuto de língua oficial e de ensino em Angola, como foi referenciado amiúde. Depois da independência de Angola em 1975, a Igreja Católica em Cabinda definiu o Ibinda, como sendo a primeira língua litúrgica.

Da mesma forma, no período colonial, o fyote, isto é, o ibinda, foi definido a língua do ensino do catecismo na igreja Católica no território de Cabinda, como testifica o livro de Catecismo Fiote-Português, 1963, mas escrito na variante Iwoyo, sendo o dialeto franco que foi usado para o ensino do catecismo em toda a extensão do território de Cabinda no período colonial desde 1885 até 1975, cf. os livros de catecismo de fiote (1884, 1885, 1888, 1909, 1982)³³; estes eram ensinados em toda a extensão territorial da província de Cabinda onde se fala as outras variantes linguísticas do Ibinda, isto é, o Iyombe, isundi, ivili, ikoci, ikwakongo e ilinji. Alguns falantes, para além da sua língua materna, possuem uma competência linguística e comunicativa numa ou noutra língua e são capazes de utilizar uma ou outra língua para se comunicar, isto é, o português ou ibinda.

A língua nacional falada e cantada em Cabinda em toda a sua extensão geográfica (nos municípios de Cabinda, Kakongo, Buco-Zau e Belize) é o fyote, termo usado pelos portugueses e franceses antes e depois no período colonial e, também, depois da independência de Angola em 11 de novembro de 1975. O termo Ibinda segue também a mesma trajetória, foi usado pela primeira vez em 1973 na época colonial na igreja Católica de Cabinda pelo padre José da Rocha Ferreira (1973) na sua obra eclesiástica intitulada “Rituais do Batismo em Ibinda”³⁴ e o mesmo termo ibinda foi usado antes e depois da independência de Angola em 1975 por alguns

³³ Op. cit.

³⁴ FERREIRA, José da Rocha (1973), op. cit.

linguistas cabindeses nos seus livros e trabalhos académicos como exemplo, o Padre Gabriel Nionje Sede (1996)³⁵.

A língua cabindesa, sendo o meio fundamental de consenso comunicacional dos cabindas, pode ser chamada nestes dois termos Ifyote ou Ibinda, mas no dia 21 de Março de 2012, houve um encontro de auscultação e de consenso sobre a denominação da língua nacional de Cabinda orientado pela Secretaria Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia onde participamos falantes-ouvintes de todas as variedades linguísticas diatópicas da língua nacional cabindesa³⁶. O consenso tomado unanimamente, neste encontro, por todos os participantes sobre a denominação oficial da língua cabindesa é a fixação e normalização do termo Ibinda, conforme testemunha o documento supracitado, a ver no anexo VIII pag. 354.

1.1.2.1. A normalização e fixação dos termos Ifyote e Ibinda como apelação da língua Cabindesa

Toda e qualquer língua tem uma apelação ou tem termos que a designam. A língua cabindesa não foge a esta regra linguística, por isso, através deste estudo, queremos apresentar alguns elementos investigados referentes as designações da língua nacional falada em Cabinda, tendo em conta alguns pontos de vista, pressupostos teóricos e hipóteses de linguistas, falantes-ouvintes da língua nacional da província de Cabinda e outros linguistas que não pertencem a este sistema linguístico. A nossa preocupação é de repensar, nestes pontos de vista, pressupostos teóricos e hipóteses sobre a realidade linguística de Cabinda, parafraseando as palavras de Mateus (2005, 22)³⁷, que “ *a linguística é a ciência da linguagem (...) que no seu estudo se assenta em pressupostos teóricos coerentes, utiliza objetividade e rigor na descrição dos dados e apresenta hipóteses de explicação com base nos pressupostos teóricos, hipóteses que podem ser confirmados ou refutados perante os dados das línguas em análise*”, sabendo que a língua é um sistema dinâmico em constante mudança.

Esta investigação da tese de doutoramento em Linguística sobre a realidade linguística do território cabindês permitiu-nos criar novos pressupostos e novas hipóteses, tendo uma nova perspetiva na análise e no estudo científico-linguística no que dedilha a língua

³⁵ SEDA, Gabriel Nionje (1996), op. cit.

³⁶ Ver o anexo VIII da acta do encontro de auscultação e consenso sobre a denominação da língua nacional de cabinda e as assinaturas dos participantes, páginas 347-350.

³⁷ MATEUS, Mira Helena, FALÉ e FREITAS, Maria João (2005). Fonética e Fonologia do Português. Universidade Aberta, Lisboa.

portuguesa e a língua cabindesa como idiomas falados naquele território. Assim, estamos de acordo com os pressupostos teóricos linguísticos de Campos e Xavier (1991:21), reafirmando que “a relação entre a observação dos dados linguísticos e a teorização traduz-se numa constante formulação e reformulação de hipóteses (...)”, tendo em conta a perspectiva diacrónica e sincrónica da língua ou das línguas em estudo. Deste modo, podemos ter como referência a esta descrição linguística as primeiras gramáticas (1888) da língua Fiote escrita pelos missionários franceses em Lândana-Caongo/Cabinda pelo Monsigneur Carrie e Ussel³⁸.

É neste prisma, como investigadores e estudantes poderemos aceitar ou não todos os pressupostos teóricos e hipóteses descritos sobre as línguas bantu-africanas ou outros elementos linguísticos que focalizam a realidade linguística da língua cabindesa, tendo em conta a perspectiva diacrónica e sincrónica do passado e a realidade linguística hodierna.

No item subsequente, vamos apresentar o nosso ponto de vista e alguns pressupostos teóricos linguísticos de alguns linguistas sobre a fixação dos termos de apelação da língua cabindesa, Ibinda, tendo em conta o estudo e a perspectiva diacrónica e sincrónica deste idioma, antes e depois da colonização portuguesa a luz do tratado do Simulambuco (1885) entre a coroa portuguesa e os nobres e representantes dos três antigos reinos de Cabinda e, depois da independência de Angola em 1975 até hoje.

1.1.2.1.1. A normalização e fixação do termo fiote

O termo Fiote (Ifyote) foi usado pelos portugueses e franceses antes da colonização portuguesa de Cabinda em 1885, quando este território se tornou um protetorado Português pelo tratado de Simulambuco entre a coroa portuguesa e os nobres (reis e chefes) do território de Cabinda. A língua dos cabindas, foi denominada como Fiote. Esta língua não foi ensinada nas escolas, mas, somente a igreja Católica que a usou no ensino do catecismo em toda a extensão do Enclave de Cabinda pelos missionários católicos franceses e portugueses, de Yema a Miconje e de Zenze Lucula a Massabi. Os livros onde constam estes ensinamentos religiosos do catecismo em ifyote são denominados de Catecismo Fiote-Português ou *Cathecisme en Fiote* ou *Katesisu i Fiote* (1884, 1885, 1888, 1909, 1882, 1963). Este termo, fiote, desde aquele período foi fixado como glossónimo que designa a língua cabindesa, como afirma Martins (1972: 25-35), “a língua Fiote nunca foi ensinada no sistema escolar, enquanto

³⁸ Op. cit

a língua portuguesa existe neste território há mais de um século e três décadas, antes de 1 de Fevereiro de 1885."

Na verdade, o termo aportuguesado "*fiote*" proveio da palavra cabindesa "*m'fyote ou ifyote*", que significa "negro", pessoa de raça negra. Estando aquém da etnografia, os colonos portugueses e franceses, instalados em Cabinda, antes de 1882 na base dos três tratados (Chinfuma, a 26 de Dezembro de 1883, Chicamba, a 29 de Setembro 1884 e Simulambuco, 01 de Fevereiro de 1885)³⁹, sendo o do Simulambuco o mais importante, deram-se assim ao luxo de chamar fiote não só o autóctone de Cabinda, como também tudo o que fosse considerado por eles de qualidade inferior e, por consequência, era "fiote" o nativo de Cabinda. Noutros termos, os valores da cultura cabindesa, inclusive a língua, passaram a ser chamados fiote, isto é, coisas de pouca qualidade. Ilustremo-lo com um exemplo: o atalho, que também era frequente encontrar no "Puto" (i.e. Metrópole, Portugal), em Cabinda, passou a ser chamado pelos portugueses "caminho fiote", isto é, caminho do negro, em oposição à estrada, obra do branco.⁴⁰

Tomemos mais este exemplo: a galinha criada pelos nativos das aldeias de Cabinda chamou-se "galinha fiote", até hoje é apelidada com este termo, só porque criada na *buâla*⁴¹ e, naturalmente, menos desenvolvida do que a dos aviários do branco Português.⁴²

É de conhecimento de todos os linguistas que nunca houve um ser humano cuja língua fosse designada pelo mesmo termo que exprime a cor da sua pele, isto é, a sua raça (negra, branca e amarela). Se assim não fosse, haveria no mundo muito poucas línguas, entre outras, a língua branca, a língua negra (fiote), e a língua amarela. Desse modo, facilmente, se depreende que é inconcebível a existência de uma língua fiote (i.e. língua negra) em Cabinda.

Podemos deduzir haver três fatores que estão, certamente, na base da descoberta portuguesa em terras além-mar ou terras ultramarinas: "a Língua Fiote".

³⁹ MARTINS, P. Joaquim (1972), op. cit., p. 25- 34.

⁴⁰ Todavia, toda a gente sabia e sabe que eram os negros, sob o incisivo chicote do contratado, as máquinas que construíram as estradas em Cabinda e em todas as Províncias de Angola no período colonial. Este trabalho forçado chama-se *m'tûlu*, neologismo do francês *tour* (vez). As populações revezavam-se.

⁴¹ *Termo Ibinda para designar povoação; aldeia.*

⁴² *Ninguém esquece, contudo, que era o negro a criar as galinhas do branco nos aviários em troca de um salário (se houvesse) de fome e numa atmosfera de insultos de toda a natureza. Bem se sabe que a menosprezada galinha fiote era, uma vez "enchurrascada", a mais apreciada pelos portugueses naquele tempo. Nesta conformidade, tudo o que não fosse de origem europeia foi etiquetado "fiote": mamão fiote, manga fiote, batata fiote, etc.*

No lânguido interesse de conhecer os aspetos da cultura Cabindesa para melhor imperar, segundo as nossas investigações de recolha oral, o colono português tinha o hábito de formular a seguinte pergunta: "como se diz ou se pode traduzir, por exemplo, o ditado "tal pai, tal filho na vossa língua?" A essa questão o ancião cabindês interpelado respondia simplesmente: "*mu ifyote citu bwa kwabu*": ... ora, "*mu ifyote citu*" não significa, nem significou, no nosso ifyote, nem tão pouco na nossa língua fiote", mas tão simplesmente significa "na nossa cultura ou segundo a nossa cultura negro-africana de Cabinda" ou "segundo nós os cabindas". Nota-se que em qualquer das variedades da língua cabindesa a referida expressão era similar: "*mu ifyote citu* (iwoyo, ikoci, ikwakongo e isundi de Tando Zinze); *mu cifyote citu* (ilinje, ivili e iyombe de Buco-Zau); *mu kifyoti kyetu* (iyombe de Belise e isundi de Miconje)." Assim, é de presumir que o colono português se tenha cingido à tradução literal ou ad liturum dos seus inculpáveis intérpretes para deduzir que a língua dos nativos de Cabinda é o fiote.

Usar os termos Ifyote ou Ibinda, neste contexto, hoje, não altera a identidade cultural da língua cabindesa como muitos pensam, depende das circunstâncias sociais, políticas, sociolinguísticas que um governo poderá usar na sua política linguística, como se verificou no período colonial e depois da independência de Angola, tendo em conta a semântica, afirma-se as palavras serem polissémicas. Em Cabinda, os dois termos são usados para apelidar os glossónimos da designação da língua dos Cabindas, ifyote ou ibinda, sem qualquer amuo, mas os cabindas preferem mais o glossónimo ibinda, o outro, o ifyote, tem uma conotação pejorativa.

Muito antes de conviver com os nativos de Cabinda, os portugueses tiveram a possibilidade de verificar que os reinos de Kakongo, Ngoyo e Loango de outrora não falavam fiote, mas a língua dos cabindas, "*cikabinda*", tendo em conta as suas variedades diatópicas dos dialetos étnicos em conformidade com as designações das suas respetivas tribos ou etnias), como aconteceram e acontecem com os outros povos ou tribos angolanos ou bantu: Kissolongo, Kikongo, Umbundo, Cokwe, Nganguela e Kwanyama, etc. Esta língua cabindesa, os nossos antepassados chamavam-na "***ci-kabinda ou bembu basi kabinda***", cabindês ou língua cabindesa ou língua dos cabindas.

Depois da independência de Angola, na classificação das línguas nacionais angolanas, a língua nacional falada em Cabinda foi e é denominada por Fyote como o governo português colonial denominou-a antes e depois de 1885 até 1975. O governo angolano retomou o

mesmo termo fixado e normalizado pelo governo português no período colonial do Enclave de Cabinda até hoje. Hodiernamente, na Televisão Pública de Angola (TPA), na Rádio Nacional de Angola em Cabinda (provincial) e a RCC há programas emitidos e difundidos em língua nacional Fyote, sem qualquer contestação, como afirma Arlindo Isabel, Diretor do INALD, a apelação, fixação e normalização do termo Ibinda em 1996 na nota editora do livro do padre Gabriel Nionje Seda (1996), cf. , neste livro supracitado ou no rodapé.⁴³

O debate mais acalorado pelos linguistas cabindeses tem sido aquele à volta do termo “fiote” adotado oficialmente, sobretudo, na comunicação social, especialmente, na rádio e na televisão pública de Angola. O termo refletia e reflete a síntese representativa das várias nuances do fyote.

Os linguistas cabindeses, nomeadamente, o padre Gabriel, concluíram que o “fiote” é uma palavra pejorativa em Kikongo e nas variedades linguísticas da língua Cabindesa. Daí rebuscamos o glossónimo Ibinda que foi criado no período colonial pelo Padre José da Rocha Ferreira na Missão Católica de Cabinda do então República Portuguesa em 1973 no seu livro religioso intitulado “Rituais do batismo em ibinda” como foi referenciado anteriormente.

1.1.2.1.2. A normalização e fixação do termo Ibinda

Conforme as nossas investigações feitas da língua cabindesa, apurámos que o termo Ibinda é de origem eclesiástica, proveniente da palavra Cabinda, significando a língua falada em Cabinda e pelos cabindas. O termo Ibinda foi empregue pela primeira pelo padre José da Rocha Ferreira no seu livro eclesiástico supracitado, quando ele exercia as suas funções sacerdotais no Enclave de Cabinda, precisamente, na missão Católica do mesmo nome, quando este território ultramarino fazia parte da República Portuguesa desde 1885.

Vamos apresentar, gramaticalmente, os processos morfológicos que deram origem a formação do termo Ibinda. A palavra Ibinda proveio da palavra Cabinda, com a supressão de dois fonemas da primeira sílaba (**Ca**)**binda**, isto é, aférese, que deu a origem o termo **binda**. Depois da inserção do lexema (**i**) no início da palavra binda > i+binba > ibinda, prótese, e,

⁴³ Segundo Arlindo no prefácio deste livro, “ Para se chegar a este ponto foram necessárias várias análises e discussões, sendo a mais acalorada aquela suscitada pela palavra “fiote”, que, em circulação a título oficial e sobretudo na comunicação social, especialmente na Rádio e na Televisão públicas, parece ser a síntese representativa das várias línguas faladas em cabinda, como o Iwoyo, Ilinje, Ikoci, etc. O padre Gabriel investigou e concluiu que o “fiote” é uma palavra pejorativa, que, quer em Kikongo como nas diversas línguas de Cabinda significa pequeno e negro. Daí que tenha proposta a palavra Ibinda, em substituição de fiote”.

finalmente, originou a palavra **ibinda** que surgiu pela primeira vez no livro do padre Ferreira em 1973, conforme foi referenciado.

Para melhor compreensão linguística e sociolinguística do termo **ibinda**, devemos também compreender donde veio ou qual é origem da palavra Cabinda, por isso, vamos recorrer a fontes históricas relacionadas a chegada dos portugueses em Cabinda: segundo Martins (1972, p. 38), o esperto em questões da história, crenças, usos e costumes do povo Binda, afirma que, *o nome “Cabinda” derivaria de um processo aglutinativo: a última sílaba de MAFU(CA) com BINDA > (CA+BINDA), nome de um dignitário do reino do Ngoyo, responsável pelo comércio. O Mafuca desse tempo seria um tal Binda. Tanto se repetia o termo, soando cadencialmente mafuka **binda**, que veio a dar o nome à região ou a Província ou o território de Cabinda, ex-colônia Portuguesa desde 1885 até 1975, e, atualmente, desde 1975 na fundamentação dos Acordos de Alvaro em 1974; Cabinda tornou-se parte integrante e uma Província de Angola até hoje.*”

Depois da independência de Angola em 1975, o padre Gabriel Nionje Seda, no seu livro Guia de Alfabetização em língua Ibinda, segundo Método Inongo-Nongo (1996) reafirmou a fixação e a normalização do termo **ibinda** como o termo ou glossónimo mais específico e adequado, linguisticamente, para se chamar a língua nacional falada em Cabinda em substituição do termo *fiote*, como argumenta mais uma vez Arlindo Isabel na Nota Editora do livro Guia de Alfabetização em Língua Ibinda do Padre Seda: *“que a palavra Ibinda formada da expressão **cisi kabinda** (a fala da gente de Kabinda) vem acabar com a falta de propriedade do termo “fiote”⁴⁴ ou ifiote que significaria língua da gente negra e que aparece na era colonial para designar a língua vernácula de Cabinda. Foi uma busca longa, cheia de peripécias. A criação da palavra **ibinda** veio pôr termo às buscas e discussões pela sua objetividade e isenção, e é um fruto do trabalho de pesquisa de vários anos dos cursos de iniciação “Nova et Vetera. A sua difusão acompanhou a trajetória dos cursos e está aqui para ficar nos textos com este nome que lhe dão direito a cidadania”⁴⁵.*

Este livro teve a sua revisão científica pelos especialistas e linguistas angolanos, na área de especialidade em linguística africana, do Instituto de Línguas Nacionais de Angola (ILN) os Drs. Nzavoni Ntongo, José Pedro e Amélia Mingas.

⁴⁴ Deturpação do termo *ifyote*, sua dimensão antropológica.

⁴⁵ SEDA, Gabriel Nionje (1996), op. cit

Nas observações científicas do livro supracitado na página 54, Dr. Zavoni Ntongo, Diretor do INL em 1996 afirma o seguinte: *“nesta fase de desenvolvimento da nossa nação, impõe-se a necessidade de, no domínio linguístico e, sobretudo, para o interesse do ensino, sair do caos ortográfico em que se encontram até aqui mergulhadas as nossas línguas. Não é raro encontrar um som escrito de duas ou três maneiras diferentes, e no interior de uma língua. Mais grave é ainda a situação de um mesmo som que, em cada língua, **caso concreto da língua ibinda, falada na região de Cabinda**, conhecer uma notação (signo) particular /t/ = tx, tch, tsh. Assim, apoiando-se nas recomendações do A.F.I. (Alfabeto Fonético Internacional), o presente trabalho esforça-se em reduzir as diferenças entre o som e a sua notação e de propor signos ortográficos adaptados aos seus sons (...).”*

Depois da publicação deste livro pela autorização da ministra de Cultura em 1996 a Dra. Ana Maria de Oliveira, o termo ibinda foi normalizado e afixado como denominação da língua nacional da Província de Cabinda. Este termo ibinda ganhou a dinâmica, a cidadania e sobrevivência linguística no seio da comunidade linguística cabindesa e angolana. O ibinda, como termo ou glossónimo que traduz a língua falada em Cabinda, começou a ser usado em alguns programas da Rádio Nacional Provincial de Angola e Televisão Pública de Angola regional de Cabinda (RNA e TPA) e na Rádio Comercial de Cabinda (RCC) desde aquela data (1996) em substituição do termo fiote até 2012. Depois desta data (2012), estas rádios e televisão Provinciais receberam orientações superiores para retomaram o termo deixado pelo Colono Português na difusão dos seus programas, o Fiote, como dizem, segundo as nossas investigações, por razões políticas superiores das suas direções gerais. Segundo algumas informações de alguns círculos políticos angolanos, que tivemos acesso, afirmaram que este termo ibinda reflete o espírito político e independentista dos cabindas. Depois desta orientação, o termo fiote foi retomado até hoje nos programas da comunicação social na rádio e televisão pública e privada provincial de Cabinda e nacional de Angola, ficando somente, o termo ibinda, no espaço sócio-provincial de Cabinda, na liturgia da igreja católica, dos falantes-ouvintes do ibinda e dos linguistas cabindeses.

Esta não é, todavia, a única explicação da fixação e normalização do termo ibinda e ifyote. Todas as investigações feitas da fixação e normalização dos termos ifyote e Ibinda no território de Cabinda, há ainda outras correntes que defendem e sustentam esta realidade linguística. Eis aqui a descrição da segunda visão e versão linguística do Professor Doutor

Padre Jorge Casimiro Congo⁴⁶ (1998), linguista e investigador da língua ibinda e das línguas clássicas (latim e grego), originário do município de Cacongo, precisamente, na comuna de Lândana, onde se fala a variedade linguística do ibinda, ikoci; sustenta linguisticamente que: *“afirmar que o verbo Ibinda não tem fundamento, perde todo o sentido, depois da explicação baseada na sua evolução fonética. Declarar, por outro, que o verbo fiote está recheado de ressaibos raciais e coloniais é, simplesmente, um complexo de inferioridade e um falso problema. O termo fiote não existe na língua cabindesa, ibinda; é uma criação ou um neologismo do Português proveniente do termo m’fyote (negro). Os Portugueses tiveram e têm uma dificuldade quase inata em pronunciar algumas palavras da língua cabindesa bantu desde o tempo colonial até hoje, isto é, os sons guturais, eufónicos e suspensos, tendo em conta a especificidade desta língua bantu-africana, como por exemplo: a) as guturais nasais: daí o termo Nkútu, Ndinje, mvûmbi, Ngimbi passaram a ser escritos e pronunciados em português por Necutu [nekútu], dinje [dĩje], vumbi [vũbi], Gime etc.; b) os eufónicos: daí os nomes próprios - Isâmbu, Ikóngo, Imwéndu, Ikúnji, ifyote, etc. passaram a ser escritos para Sambo, Congo, Muendo, Cunji, fiote; c) os suspensos: daí os nomes M’béua, m’kama etc. passarem para Béua, Kama etc.*

A palavra fiote, por isso, é uma deturpação do termo Ifyote (algo do preto; o que é do preto; a língua do preto, enfim, o que é local e insignificante). Este não pode e não deve desaparecer, sob pena de esvaziar até o termo Ibinda. Ela, a palavra Ifyote, representa toda a dimensão antropológica bantu, especificamente, a Antropologia Cabindesa. Fala-se Ifyote desde Mbanza Ngungu (RDC), passa por Cabinda, atravessa o Congo Brazzaville e termina no sul da República gabonesa.”

A questão do termo ibinda para os cabindas de Ngoyo, Kakongo e Loango tem grande importância nas áreas linguísticas, sociolinguísticas e etnolinguísticas de Lulondo e Chiloango para a normalização e fixação da língua cabindesa. Deste modo, o Dr. Marcos Mavungo (2004)⁴⁷, docente universitário e investigador da língua ibinda, originário do município de Bucu Zau, precisamente, na comuna de Necuto onde se fala a variedade linguística do ibinda, iyombe de Bucu-Zau, assevera a partir desta terceira visão linguística na descrição e análise

⁴⁶ Parafraseando, CONGO, Jorge Casimiro (1998), op. cit., p. 98.

⁴⁷ MAVUNGO, Marcos José (2004). Palestra sobre o Ibinda como expressão da unidade Cabindense, por ocasião das festas de Cabinda (28-05-2004), Paroquia Nossa Senhora Rainha do Mundo, Cabinda.

do termo *ibinda*, afirma que: “ a *palavra ibinda designa a língua falada pelo homem enraizado na cultura das terras de Cabinda, é de criação recente, que remonta nos anos setenta, empregue pela primeira vez pelo Padre Ferreira (1973)*⁴⁸ *no período colonial. Este termo não figurava a nenhum livro escrito antes da sua descrição e fixação naquele livro e nem tão pouco estava no livro de Catecismo Fiote-Português ("Buka I Msambu") do inesquecível missionário Pe Eugénio Bish*⁴⁹ *nem no Dicionário Porto Editora. Reapareceu pela segunda vez nos Cursos de Iniciação Nova Et Vetera animados pelo Pe Gabriel Nionje Seda na década de 70 até em 1996 com a publicação do seu livro*⁵⁰. *Este livro faz menção sobre as condições de possibilidades de uma pedagogia fundada no "Nongo" (conto) para ser implementado na língua local Ibinda. Mas a problemática do surgimento do termo Ibinda está bem patente no prefácio do livro Padre Eugenio Bish*⁵¹ *cujo título «Nsambo Misa»*⁵² .

Com apoio da sociolinguística e linguística, parafraseamos o mesmo autor supracitado na sequência de análise linguística do verbo *ibinda*, assim, examinando os diversos glossónimos utilizados para designar os dialetos locais ou variedades geolinguísticas supracitados da língua cabindesa; Padre Seda apercebeu-se que estes termos são a resultante da aplicação das regras da fonologia, fonética e morfologia, nomeadamente, a queda das vogais, o princípio do menor esforço e aglutinação. Por exemplo, a palavra Kikongo, vem das expressões “**Cisi Nsi Kongo**” (línguas faladas, enraizadas nas terras do Kongo). É por isso que apareceu ao nosso autor que a expressão “**Cisi Kabinda**” – língua enraizada nas terras do Mafuca Binda - donde deriva a palavra “*ibinda*” por aglutinação constitui a expressão

⁴⁸ Op.cit.

⁴⁹ Pe. Eugénio Bish (1869-1910), falecido apenas com quarenta e um anos de idade, a 20 de Maio de 1910, após apostolado fecundo durante cerca de dez anos consecutivos em terras de Cabinda, publicou em 1900 o Catecismo Fiote-Português ("Buka I Msambo"). Neste trabalho, foi coadjuvado pelo irmão Gregório Lopes, que morreu tragicamente em 1930, quando dirigia o trabalho do derrube de árvores, para se encontrar espaço onde implantar a Missão do Belize, dentro da imensa floresta do Maiombe. Eugénio Bish e Gregório Lopes foram ambos Missionários da Congregação do Espírito Santo. A 2ª edição do ("Buka I Msambo" foi corrigida e aumentada pelo R.P. Alberto Riehl, S. Sp., aos 15 de Novembro de 1955. O Secretariado Arquidiocesano de Catequese de Luanda reeditou o Catecismo do Pe Bish aos 15 de Dezembro de 1982.

⁵⁰ Op. cit.

⁵¹ Publicado pela Arquidiocese de Luanda ao 14 de Janeiro de 1971, tendo por censores os Padres M. Franklin da Costa e Gabriel Nionje Seda, esta obra é fructo dos então seminaristas de Cabinda no Seminário Maior Sagrado Coração de Jesus de Luanda. De entre os seminaristas, destacam-se o seminarista Francisco de Assis Pezo Mbambi.

⁵² No qual Pe. Próspero Puaty fala de uma Missa em língua vernácula de Cabinda, em vez do termo *fiote* – designação dada pelos portugueses à língua Cabindesa falada no território de Cabinda, que o autor do *Inongo-Nongo* considerava como um lamentável neologismo (empréstimo) da língua *ibinda* na língua portuguesa”.

vernácula para caracterizar a língua como algo que brota da raiz, terra (Nsi), e não um vocábulo que caracteriza uma língua em termos de cor ou de raça daquele que fala ou do emissor; pois o branco europeu não fala o branco ou sua raça, mas uma língua que reflete a sua identidade nacional e cultural do seu território que o vi nascer.

As três versões apresentadas referentes os termos ibinda e ifyote, não se contradizem; todas elas dizem a mesma coisa, a identidade linguística do território de Cabinda, isto é, da língua Cabindesa, o ibinda, como língua nacional cabindesa. Neste contexto, não existe sete línguas em Cabinda, mas sim, sete dialetos ou variedades linguísticas da língua Ibinda, por isso mesmo que Cabinda é um território pluridialetoal.

Recalcamos mais uma vez, nesta descrição, que o berço originário dos avoengos Bantu, a África subsariana, modelaram os povos do Makongo, Mangoyo e Maloango que, nas suas migrações, rodeando sempre pelo espaço do atual território de Cabinda e abrindo-se à influência de outros povos durante milénios, criaram e conservaram uma cosmovisão do mundo, na qual a língua Ibinda assume as características linguísticas peculiares, conferindo-lhes as categorias de um vero povo. Estas categorias veiculadas e transmitidas pela língua Ibinda de geração em geração são e serão sempre o substrato da unidade linguística cabindesa.

Em guisa conclusiva deste item, descrevemos mais uma vez as palavras do Dr. Arlindo Isabel, Diretor do INALD em 1996, na sua nota editora feita no livro do padre Gabriel Nionje⁵³, (cf. a seguinte na nota do rodapé.⁵⁴

⁵³ Op. cit.

⁵⁴ “ É com dever de missão decorrente do cumprimento de seu próprio objeto social que o INALD edita o Guia de Alfabetização em Ibinda, segundo o Método Inongo-Nongo, do Padre Gabriel Nionje Seda. A concretização deste projeto foi possível a decisiva ajuda e ao estímulo recebidos do Ministério da Cultura na pessoa da sua titular, Dra. Ana Maria de Oliveira que, muito jovem, na década de 70, no Lukula Zenze, em estágio como assistente social, viveu profundamente a experiência dos cursos e Iniciação “Nova Et Vetera”, na esteira dos quais nasce o Guia de Alfabetização e o Manual, este ainda no prelo. Também agradecemos ao Governo da Província de Cabinda e ao ministério da Economia e Finanças pelo apoio financeiro, sem o qual seria impossível esta edição. O Guia de Alfabetização em Ibinda é a todos os títulos um contributo valiosíssimo à luta titânica pela valorização e aplicação das Línguas Nacionais no espaço geográfico que lhes é próprio. Não só se adapta à alfabetização em língua falada na província de Cabinda, como é perfeitamente adaptável para o ensino de outras línguas de outras áreas geo-étnicas de Angola. É verdade que a aplicação das línguas dos diversos grupos étnicos que povoam o imenso território angolano, mormente aquelas para as quais já há estudos lexicológicos e gramaticais bastante avançadas, desejada e defendida quase por unanimidade por vários segmentos da nossa sociedade, até como instrumento de defesa e de afirmação da nossa identidade cultural, aguarda por decisões do foro político cujo assunção requer certa audácia, é também verdade que a nível da investigação e da criação de suportes gráficos que permitirão o seu estudo e o seu uso multidimensional, sobretudo a nível do ensino e da administração, há ainda muito por fazer. Admitindo que levamos um atraso de 20 anos, este texto

Neste trabalho científico, para denominar ou descrever a língua falada no território de Cabinda, estamos a utilizar os dois termos, ibinda ou ifyote, que denotam a língua cabindesa. Estes termos, vamos usá-los amiúde, neste trabalho da tese de doutoramento, para descrever a denominação da língua falada em Cabinda. Eles traduzem a apelação da língua Cabindesa no seu contexto linguístico, sociolinguístico e etnolinguístico segundo os seus utentes, da mesma forma, como a língua portuguesa é apelidada como língua lusa, língua de Camões ou língua Lusitana. Estes termos que denominam a língua portuguesa fazem alusão ao idioma falado nos países lusófonos, CPLP. Pedimos a todos que lerem esta tese de doutoramento em Linguística que possam respeitar e reconsiderar os termos supracitados da apelação da língua cabindesa, ifyote ou ibinda, mas com mais relevância e consideração o termo ibinda pois que este traduz a vontade cultural do povo cabindês na sua conjuntura linguística de Yema a Miconje e de Massabi a Zinze Lucula. Linguisticamente, os termos supracitados exprimem a apelação da língua cabindesa e estão a ser usados neste trabalho em todas as descrições que são feitas alusivas a língua nacional falada no território cabindês, denominada a língua cabindesa, sendo o termo ibinda, é que tem maior relevância e que representa o consenso unificado da maioria dos cabindas.

1.1.2.2. Perspetiva sincrónica e diacrónica do Ibinda no contexto das línguas bantu

A realidade linguística das línguas bantu-africanas, hoje, é muito diferente em relação aquelas investigações e pressupostos feitos e descritos antes das independências dos países africanos na classificação das línguas africanas pelos linguistas europeus, que constituíram, deste modo, a família das línguas proto-bantu-africanas. Na base das nossas investigações, extraímos alguns subsídios relacionados as *“Langues bantoues”*, integrando, deste modo, a família das línguas bantu, que *“est un ensemble de langues africaines regroupe environ 400 langues parlées dans une vingtaine de pays de la moitié Sud d’Afrique. Elles forment un sous ensemble de la grande familles nigéro-congolaise. C’est à partir de 1851 que le linguistique allemand Wilhelm Bleek choisit ce terme pour designer l’ensemble des langues d’ Afrique*

ganha um significado incommensurable, pelo pioneirismo e por ser um subsídio valioso ao estudo das nossas línguas nacionais.”

Centrale, Orientale et Australe connues d'après des documents ressemblés."⁵⁵ Além deste linguista europeu, Bleek, também referenciamos os outros como Malcolm Guthrie (1948), Greenberg (1963) e Cole (1961) que se notabilizaram nas investigações das línguas bantu. Algumas línguas que outrora consideradas línguas africanas em certos países ou regiões linguísticas⁵⁶; hoje, estes idiomas umas são línguas nacionais em certos países ou certas regiões ou províncias e, as outras línguas tornaram-se dialetos ou variantes diatópicas de uma língua nacional nestes espaços geográficos referenciados, tendo em conta a política linguística de cada país, considerando a perspetiva sincrónica e diacrónica e sociolinguística de cada comunidade ou região ou país. Nesta perspetiva linguística, certos países africanos têm a mesma língua nacional, isto é transnacional, que é falada em alguns países fronteiriços, mas com uma denominação glossonímica e um estatuto desigual ou igual em cada país. Esta é uma realidade linguística que deve ser bem encarada na linguística africana, que muitos linguistas não sabem e continuam a fazer balbúrdia linguística na classificação das línguas bantu-africanas. Hoje, muitos linguistas africanos desconhecem a realidade sociolinguística de cada sistema linguístico dos países africanos daquilo que é hoje e o que foi ontem na sua perspetiva diacrónica e sincrónica. Deste modo, em certos países fronteiriços, alguns sistemas linguísticos são chamados línguas ou dialetos (variedades linguísticas diatópicas), como afirma Duarte

⁵⁵ Langues bantoues disponível em Município de Cabinda e a área linguística do iwoyo., consultado no dia 03 de Abril de 2017.

⁵⁶ Algumas línguas bantu-africanas em certos países são línguas nacionais e noutros são variedades diatópicas ou dialetos. Hoje, o estudo e desenvolvimento destas línguas depende dos seus usuários e linguistas que as têm como L1 ou L2. Verifica-se, hoje, nas línguas africanas, *Parafraseando estes autores: BENAÏSSA, Slimane, et alii (2007). Coexistence du français et des langues nationales dans les pays francophones africaines*, Presses universitaires de Rennes. Disponível em: <http://www.openedition.org/6540>, consultado no dia 4 de outubro de 2019. Algumas línguas africanas são faladas em vários países, sendo transnacionais, e, às vezes, com estatutos diferentes em cada país, sendo língua ou dialeto; outras são só línguas nacionais ou dialetos ou variedades geolinguísticas, dependentemente da política linguística de cada país africano. Estas línguas ou dialetos, algumas são transnacionais ou nacionais, às vezes, podem manter os seus glossónimos ou são designados em cada país por glossónimos diferentes, como podemos descrever algumas nos seguintes exemplos: **a)** o swaili mantém o mesmo glossónimo nos seguintes países: Burundi, Rwanda, Kenya, RDC, Uganda e Tanzânia; **b)** a mesma língua falada no Burkina-Faso, Costa de Marfim, Guiné, Mali, Senegal e Guiné-Bissau, tem as seguintes diferentes apelações glossonímicas: manding-malinké, bambara, dioula; **c)** a mesma língua falada no Burundi, Rwanda e RDC tem as diferentes designações glossonímicas: kirundi e kinyaruanda; **d)** a mesma língua falada em Burkina-Faso, Guiné, Benin, Mali, Mauritânia, Gâmbia e Camarões, tem os seguintes glossónimos diferentes: o peul, pulaar, fulfulde; **e)** a mesma língua falada em Senegal, Gâmbia e Mauritânia tem a única designação glossonímica de wolof; **f)** a língua haoussa falada no Níger e Nigéria tem a única designação glossonímica; **g)** o yuruba tem a mesma apelação glossonímica, língua falada no Benin, Togo e Nigéria. Na base desta explanação, apesar da diversidade dialetal linguística, todos os dialetos ou variedades geolinguísticas da língua cabindesa, ibinda, não se adversam linguisticamente. Esta língua é usada na comunicação social, nos meios radiofónicos e televisivos, desde o tempo colonial e depois da independência de Angola como a língua dos cabindas, usando os glossónimos para a sua apelação Fiote ou ibinda.

(2000:16)⁵⁷, *“por vezes, as fronteiras de uma comunidade linguística coincidem com as fronteiras de um Estado: é o caso do Irlandês. Outras vezes, uma língua é língua materna numa região sem autonomia política: é esse o caso do Catalão, em Espanha e França. Inversamente, a língua pode ser língua materna em vários Estados, como acontece com o português, inglês ou o espanhol. Finalmente, razões políticas podem levar a considerar línguas como dialetos da mesma língua, como acontece com o Flamengo e o Neerlandês”*; esta é a realidade que acontece em muitos países africanos hoje, e, por vezes, uma língua é língua num país e é dialeto noutro, podemos ter como o exemplo a província de Cabinda com a RDC, Congo Brazzaville e Gabão; sendo o ivili em Cabinda como variedade diatópica da língua ibinda, esta variedade regional é língua nacional em Gabão, precisamente, na região de Muanda, e na região de Kuilu no Congo Brazzaville, como também acontece o iyombe, iwoyo, isundo e ikwakongo no RDC como línguas nacionais e, variedades diatópicas em Cabinda.

Hoje, na classificação das línguas bantu-africanas, como acontece em Cabinda em que os dialetos étnicos ou variedades linguísticas da língua cabindesa, Ibinda, foram classificadas como línguas na classificação das línguas bantu nos pressupostos teóricos dos linguistas europeus supracitados no período antes e depois da colonização africana. Neste contexto, hodiernamente, certos linguistas sem conhecerem a realidade linguística e sociolinguística de cada língua bantu africana, na sua perspetiva diacrónica e sincrónica, continuam a chama-las somente como línguas, refutando a realidade diatópicas que estas têm em certos países ou regiões, sabendo que, hoje, algumas línguas já não têm, às vezes, aquele estatuto de línguas, mas sim, são dialetos ou línguas em certos países ou regiões .

A perspetiva linguística de Cabinda, hoje, os falares ou os dialetos diatópicos da língua ibinda já não são línguas conforme foram classificadas por Bleek e por outros linguistas europeus antes da colonização de Cabinda, mas, neste contexto linguístico hodierno, são variedades diatópicas ou dialetos da língua cabindesa, tendo em conta a realidade linguística sincrónica hodierna e sociolinguística desde o período da presença portuguesa que começou antes de 1885, data que foi assinado o tratado de Simulambuco em que Cabinda se tornou um protetorado português, designando a língua dos cabindas de fiote ou ibinda, segundo os colonizadores.

⁵⁷ DUARTE, Inês (2000), op. cit., p.16.

Hodiernamente, o estudo sincrónico da questão linguística de Cabinda é muito diferente em relação a vários estudos feitos pelos linguistas não falantes-ouvintes da língua ibinda na conjuntura etnolinguística das suas variedades diatópicas (iwoyo, iyombe, isundi, ikoci, ivili, ikwakongo e ilinje), que alguns linguistas as chamam de línguas e outros de variedades regionais ou dialetos. Os dois pressupostos teóricos são aceites quando se estuda o sistema linguístico cabindês na fundamentação teórica da perspectiva linguística diacrónica e sincrónica antes da colonização portuguesa e, também depois do período colonial português até aos nossos dias, tendo uma outra perspectiva linguística. Nestas duas perspectivas de estudo, poderemos compreender melhor esta realidade linguística cabindesa, tendo em conta o que já foi descrito, para que possamos descortinar este imbróglio linguístico, permitindo-nos tirar as nossas ilações linguísticas desta língua sem quaisquer sombras e rodeios de dúvidas do sistema linguística cabindês, tendo em conta a sua perspectiva sincrónica linguística hodierna em relação aquela de Bleek e outros linguistas.

1.1.2.3. A População de Cabinda e os fatores de unidade e identidade linguística

A população autóctone de Cabinda pertence ao grupo etnolinguística dos Bakongo. Os cabindas, embora sejam Bakongos, têm as suas características culturais, usos e costumes e os seus valores tradicionais peculiares que os fazem ser o que foram, são e serão, tendo, com certeza, alguns aspetos comuns com os outros bakongos e bantu-africanos.

Esta população na sua essência existencial como povo compreende sete etnias que, a despeito duma interpretação e brassagem evidentes, conservam ainda uma especificidade que os faz ser o que são hoje. Deste modo, essas etnias são, de Norte a Sul de Cabinda: os Basundi, Bayombe, Bavili, Balinje, Bakoci, Bakwakongo e Bawoyo. De entre essas etnias, só os Bakoci e os Balinje se circunscrevem ao território de Cabinda, *ipso facto*, sem prolongamento nos países limítrofes; a menos que tenham emigrado de Cabinda. Os bavili, os bayombe e os basundi têm ramificações na República do Congo Brazzaville e RDC; do mesmo modo, os dois últimos grupos étnicos, juntamente com os bawoyo e os bakwakongo fazem parte do povo da República Democrática do Congo e, por fim, encontramos de igual modo os bavili no Gabão.

A unidade é, em primeiro lugar, étnica, porque as diferentes etnias que compõem a população de Cabinda, exibem uma efetiva e evidente unidade, assumida por uma identidade

linguística, que os seus avoengos, irmãos (Makongo, Mangoyo e Maloango), fundadores dos três reinos de Cabinda com os respetivos nomes: Kakongo, Ngoyo e Loango .

Os elementos dessa unidade são: familiar (irmandade), étnico (decorrente da origem Kongo - os Bakongos); linguística (a língua comum ou, melhor ainda, única que o colono Português emblematizou de ifyote ou ibinda), mas que, atualmente, segundo a maior parte da população de Cabinda e os linguistas desta parcela territorial preferem mais usar o termo Ibinda que serve de veículo de comunicação cultural (participação no mesmo culto dos antepassados comuns)⁵⁸ e a partilha de idênticos valores e crenças ancestrais que são transmitidos de geração a geração a partir desta língua Ibinda (nas suas variedades linguísticas ou dialetos). Assim, como afirma um pesquisador português (Martins 1970) e conhecedor da realidade e cultura cabindesa, que “ *não tivemos em todo o trabalho – como afirmámos já na introdução ao estudo dos textos – pretensões essencialmente linguísticas quanto à escrita do fiote e à tradução. Escrevemo-lo como captámos. Traduzimo-lo, por vezes, mais segundo o sentido do que segundo o rigor literal, tarefa que, por vezes, era impossível e resultaria até algo confusa, dado o génio próprio da língua e a diferença de conceitos que nos separam deles. Além de que não se encontram editados, em fiote, livros científicos onde pudéssemos ter bases fisiológicas.*”⁵⁹

Quando os cabindas falam o Ibinda nas suas variedades diatópicas, verifica-se esta mesma unidade e compreensão linguística, razão por que a unidade é também linguística porque, ao arrepio dos dialetos ou variedades diatópicas que coexistem no seio da população, todos os cabindeses falam a mesma língua⁶⁰. Além disso, as variantes geolinguísticas desta língua são tão próximas e aparentadas, tendo o mesmo léxico, mas com sotaques um pouco diferentes que, mesmo nos diferentes contextos, eles podem comunicar, dialogar, entender-se e compreender-se sem qualquer dificuldade linguística como a língua portuguesa na CPLP.

A unidade linguística é ainda o símbolo, o apanágio e a prova duma unidade mais global e transcendente, prefigurada pela esta língua nacional ibinda, que estrutura a unidade cultural e linguística do povo ibinda. Na verdade, mau grado, as pequenas diferenças de pormenor

⁵⁸ Makongo, Mangoio e Maloango.

⁵⁹ VAZ, José Martins (1970), op. cit., p. 7,8.

⁶⁰ *Este sentimento, mas, sobretudo, esta percepção da compreensibilidade dos utentes do Ibinda levou muitos intelectuais cabindenses a concluir que, em Cabinda, não existem tribos tout court, mas apenas nuances étnicas. A tribalização do espaço-cabinda obedeceu, simplesmente, a uma tentativa de uma construção comparativa de outras aglomerações, impulsionada por uma visão colonial redutora da antropologia negra.*

linguístico no sotaque, isto é, todos os cabindas têm as mesmas tradições, iguais valores ancestrais, idênticos interditos, as mesmas crenças; os mesmos usos e costumes, os mesmos patrimónios, em suma, todos partilham os mesmos valores culturais autênticos e genuínos a partir da língua Ibinda.

1.1.2.3.1. A língua Ibinda como expressão de unidade linguística do povo ibinda

Como é do conhecimento de todos e de qualquer linguista que a língua é o conjunto de signos linguísticos ou de palavras que uma comunidade linguística utiliza para a sua comunicação, tendo em conta os princípios e os parâmetros linguísticos gramaticais desta, servindo-se dela como elo de comunicação oral ou escrita, unilateral ou bilateral no ato da comunicação sem qualquer discriminação geolinguística, tendo em conta a língua interna do falante-ouvinte e a língua externa ou natural da comunidade linguística. A língua Ibinda não é somente o léxico e os outros módulos gramaticais, mas sim, é, sobretudo, um pensamento, isto é, um sistema linguístico, no qual os cabindas se evidenciam como verdadeiros protagonistas deste através da relação entre as palavras (signos) e as coisas ou entre o verbo e a terra onde habita o ser cabindês. A linguagem é a casa do ser humano que é o elemento cultural e fundamental da sua identidade existencial cultural, porque sem a língua não há cultura, por isso ela é o elemento fundamental da cultura que transcende o tempo e espaço, sendo dinâmica na perspetiva diacrónica e sincrónica.

Deste modo, o ibinda permite a comunicação entre os cabindas, libertando-os da solidão, do individualismo e do tribalismo, dando-lhes uma nova perspetiva de cogitar o mundo com o léxico e a gramática interna (língua interna) do ibinda que existem neles, no seu carácter interno da linguagem humana, e, afirmando a sua origem histórica e sociolinguística comum e a fraternidade de sangue que os une a partir dos seus avoengos. É o ibinda que faz veicular o «cogito» do verbo com que se reestruturam os valores de ontem e de hoje de cabindenidade e a sociedade tradicional, exprimindo as ações de ontem, hoje e do amanhã levadas a cabo em cada momento preciso, a partir das quais, o cabinda estará à altura de responder às solicitações e aos problemas postos acerca do Homem, da Sociedade, da Linguística, Política, Filosofia, Religião e da História em todas as circunstâncias da sua existência do Ser do que foi, do que é e do que será sem quaisquer tabus.

Nesta perspetiva, as palavras do léxico da língua ibinda pronunciadas não são simples instrumentos de comunicação dos ibindófonos, mas sim, a voz da consciência cabindesa, que vai exteriorizar e interiorizando o mundo dos cabindas em consideração da metafísica, da ciência, da linguística, da poesia, da religião, cultura e, porque não da filosofia bantu ou muntu e cristã em que o pensamento dominante é a sobrevivência dos habitantes no espaço territorial cabindês. Portanto, a língua Ibinda como um **continuum linguístico** criado pelos cabindas, “apresenta-se como um paradigma e um atributo perfeito da unidade nacional cabindesa, pois que ela permite aos Cabindas de veicular os sentimentos mais sublimes da sua consciência nacional, continental, mundial, microcósmica e macrocósmica da cosmovisão da cultura ibinda e universal”, tendo em conta a verdade externa a Ciência e a interna a Religião.

Assim sendo, o ibinda como estrutura linguística não é somente um sistema ou código de signos linguísticos pessoais ou coletivos, para exprimir as principais características e a alma do povo ibinda (“*Cisi nsi*”), mas também o lugar de encontro, “*ludenguno*”, dos cabindas, em vista à uma ordenação da vida, “*luzingu*”, e da sociedade, “*libwete*”. Como é do nosso conhecimento, que é pela língua ibinda que os cabindas exaltam o passado dos três Reinos (Macongo, Mangoyo e Maloango), glorificam os seus avoengos, “*bakulo*”, e expressam sentimentos da fraternidade de sangue cabindês, “*bukhomba*”, e fraternidade, “*basi Kabinda béfu i béfu*”, um único clã ou povo ou uma única origem, “*nkunu umweka u basi Cabinda*”).

Portanto, falar o ibinda acontece justamente na praxis da relação comunicacional bilateral e unilateral entre os Cabindas e, nele joga-se a experiência viva, a experiência da relação entre o verbo e o real do povo cabindês, “*likanda li cabinda*”, isto é, a família de Cabinda, a partir da qual pode-se pensar no passado, presente e no futuro como realidade que transcende o tempo e o espaço do povo de Cabinda. O facto do ibinda apresentar-se – em todos os cabindas (de Miconje ao Yema e de Massabi a Zinze Lucula) – como uma estrutura e um sistema linguístico de comunicação entre os seus habitantes a partir dos seus dialetos ou variedades linguísticas, expressando a unidade linguística desde povo. Esta língua afirma a existência e a unicidade de que os cabindas são originais e formam um só povo. Este idioma patenteia a identidade cultural mais sublime da cultura cabindesa, fonte real da transmissão de tudo que os cabindas foram e fizeram no passado a partir dos primeiros avoengos, criadores deste idioma, dessa gente tão nobre que souberam dignificar e cultivar a sua existência, a sua sabedoria e o seu valor inolvidável como testemunha a existência dos três

reinos Macongo, Mangoyo e Maloango e dos três tratados, Chinfuma (1883), Chicamba (1884) e Simulambuco (1885) que os seus descendentes e representantes, hoje, nunca esqueceram.

Nesta senda, as variedades regionais linguísticas não empobrecem o ibinda. Elas elevam-no. Estas servem para exprimir ainda com maior precisão a identidade cabindesa, para pôr em evidência diferenças subtis e de pormenores que os identificam ser um todo – um povo com uma entidade própria de ser e diferente dos outros povos bantu-africanos e do mundo. As cores linguísticas da língua cabindesa embelezam o falar dos cabindas, os bawoyo, bayombe, bavili, bakoci, balinje, bakwakongo e os basundi que os tornam ser aquilo que foram, são e serão sempre eternamente, tendo uma única língua nacional, o ibinda e não sete línguas, mas sim dialetos do Ibinda.

Não é, assim, de espantar que a identidade de Cabinda é invocada, para a diferenciar dos outros povos bantu-africanos e do mundo através de elementos linguísticos – culturais identitários. A diferenciação dos povos bantu, pode aperceber-se que as palavras mudam de sentido e de pronúncia (sotaque) ao mesmo tempo que as pessoas que as pronunciam se enraízam em espaço linguístico-cultural diferente. Por isso, é frequente dizer-se que este é cabinda, e não alguém de uma outra cultura e língua bantu, porque ao falar, logo é traído pelos condicionalismos peculiares linguísticos, culturais, geográficos, históricos e geopolíticos.

Por isso, ao atravessar o outro lado do rio Zaire ou Congo, mesmo quando o Cabinda estiver a falar português, é frequente ouvir: «este é um cabinda», designando assim a carga linguística de cabindanidade que cada cabinda transporta dentro de si ao falar o português. Como testemunha Joaquim Martins Vaz⁶¹, na sua obra, *Cabindas – História, Crenças, Usos e Costumes*, deixando provas insígnies desta identidade, quando examina a idiossincrasia própria do povo de Cabinda, a mentalidade natural cabindesa e, também conforme os falares em 1900 do Padre Eugénio Bish que já falava que o «fiote» é a língua que caracteriza os habitantes do território de Cabinda.

À guisa de conclusão deste item, diria que ao longo desta reflexão foi-nos dado o ensejo de descobrir que o ibinda não é uma simples estrutura lexical, semântica, fonética e sintática ou morfológica da língua nacional e materna cabindesa. Ele é, sobretudo, o veículo

⁶¹ VAZ, Joaquim Martins (1972). *Cabindas – História, Crenças, Usos e Costumes*.

da cabindanidade, pelo qual os cabindas se compreendem e se comunicam sem qualquer intérprete, porque todos eles falam a mesma língua, o ibinda (fiote), como os portugueses tinham-na batizado de fiote ou ibinda e, nós, hoje, preferimos apelá-la ibinda, mas estes termos ibinda e fiote não se contradizem, traduzem a mesma cosmovisão linguística da realidade denotativa da língua dos cabindas. Conceptualmente, trata-se duma língua assegurada por uma rica profusão de formas locais ou regionais típicas das etnias “woyo, kwakongo, yombe, vili, linje, koci e sundi”; na base desta explanação e descrição, apesar da diversidade dialetal linguística, todos os dialetos ou variedades geolinguísticas da língua cabindesa, ibinda, não se adversam linguisticamente, fazendo-a como uma relíquia veicular e um continuum linguístico, a partir do qual expressam os mesmos sentimentos e a sua consciência nacional de ser o que são, porque nela (a língua ibinda) reflete o vastíssimo espólio patrimonial, conforme foi descrito posteriormente, o qual guarda a identidade de ser do povo ibinda, *“cinkulu ci basi Cabinda” (a cultura e o ser do povo cabindês)*.

Finalmente, a estrutura linguística do ibinda, o caráter fundamental da relação entre as palavras (os signos linguísticos) e as coisas evidenciam os cabindas como os veros utentes e protagonistas deste idioma, que é a fonte comunicacional e de compreensão da sua existência, ao mesmo tempo não perdendo de vista considerações e identidade mais sublimes do pensamento dominante nas suas memórias indelévels como um povo surgido na base de três reinos unidos dos irmãos Makongo, Mangoyo e Maloango, os bakongos.

1.1.3. O Ensino da Língua Portuguesa em Cabinda

Desde 1885, depois do tratado do Simulambuco, os portugueses foram automaticamente confirmados como os protetores do território de Cabinda em toda a sua dimensão política, administrativa, económica e linguística, tornando-se, desta forma, parte integrante do território Português de África Central. Foi a partir desta data que a língua Portuguesa começa a fazer parte na vida linguística do povo cabindês e, nesta conformidade, começou a ser ensinada nas escolas com o estatuto de língua primeira e oficial no ensino e aprendizagem na educação escolar em Cabinda.

Tendo em conta a realidade política da colonização europeia em África, *“as políticas linguísticas das potências colonizadoras europeias foram, a grosso modo, de dois tipos: primeiro, a do tipo inglês e belga. Estes introduziram as línguas africanas na escolaridade dos*

povos africanos colonizados; segundo, a do tipo francês e português que apenas permitiu o uso da língua da colonização não só na escola como também nas outras situações do domínio público"⁶². *"Nas colónias portuguesas, toda a intenção dos portugueses, outrora, foi a de fazer desaparecer todas as línguas africanas, que eles chamavam de indígenas; medida que visualizava a concretização dos seus intentos, o uso do ensino exclusivo da língua Portuguesa nas suas colónias, conforme defende Norton: "ao espelhar o Português falado, seguir-se-ia ensinar a ler e escrever esta língua, e as línguas indígenas iriam desaparecer rapidamente das províncias portuguesas de África"*"⁶³.

De acordo com Chicuna (2003), *"as duas últimas políticas são provas que testificam a política linguística portuguesa, para a eliminação das línguas autóctones africanas. O ensino das línguas bantu era proibido nas escolas, para não pôr em perigo a Unidade Nacional Portuguesa. A atividade das missões religiosas no ensino era controlada pelas autoridades civis para que estas não ensinassem, nas suas escolas, línguas africanas."*⁶⁴

Em consequência destas medidas, a língua Ifyote (ibinda) não teve nenhum desenvolvimento científico-linguístico e académico, no que diz respeito à bibliografia (gramáticas, dicionários, prontuários, etc.) e outros instrumentos didáticos, pedagógicos e metodológicos. Sobreviveu graças à transmissão oral, fundamentando-se na gramática implícita ou no conhecimento linguístico implícito, salvo aquelas gramáticas e dicionários feitos em 1888, 1889, 1890 escritos pelos missionários franceses na missão Católica em Lândana-Cabinda para o uso somente clerical, como foi referenciado anteriormente.

Ao longo da história colonial, até aos nossos dias, a língua Portuguesa teve e tem sempre um papel fundamental na formação de toda a comunidade linguística da CPLP. Ela serve para fins sociais, administrativos, educacionais, académicos, científicos e todos aqueles sectores que fazem parte da evolução da vida integral do homem nos países lusófonos.

O ensino/aprendizagem de uma língua exige-se, hoje, uma consciencialização para a relatividade do conhecimento científico, entendendo a formação como processo dinâmico, tanto do ponto de vista científico como aquele pedagógico. Neste sentido, *"é preciso evidenciar o papel formativo, veicular e cultural da língua no seu aspecto singular, específico e na sua transversalidade. Daí o refletir sobre a problemática de ensinar a estudar, como facto*

⁶² CRISPIM, Lourdes, Português, Apud CHICUNA, Alexandre (2003), op. cit. p.18.

⁶³ Cf. DE MATOS, Apud CHICUNA, Alexandre (2003), op. cit. p.18.

⁶⁴ Ibidem.

*de autonomia, o papel do professor de língua incide no esforço deste estar à altura de orientar a maneira correta de utilizar a língua, relevando os erros verificados na sociedade linguística. Parece-nos, para tal, importante estabelecer um perfil, porque os alunos, como todas as pessoas, precisam de pontos de referência. A ausência destes pode deixá-los à deriva. Apresentamos, por isso, apenas dois níveis que reputámos ser de maior relevância: o primeiro, designado de cognitivo-cultural que diz respeito à língua, diretamente, à disciplina de Português ou de uma outra língua natural. Segundo, designado de sociomoral que diz respeito a todas as disciplinas. Assim, o primeiro constitui o suporte do segundo”.*⁶⁵

O nível cognitivo-cultural, neste contexto, de acordo com estes autores e parafraseando-os, diz respeito à disciplina de Português ou qualquer língua natural, outorgando, principalmente, ao professor e ao aluno, o saber estudar e investigar; conhecer o mundo da cultura e dos valores estéticos, isto é, relacionar a evolução da literatura com aquela da sociedade; ter conhecimentos básicos da linguística e da literatura; ser capaz de interpretar e apreciar o texto não literário e literário a partir de um conhecimento básico dos valores estéticos e científicos; integrar os autores nas suas respetivas correntes linguísticas, científicas e literárias, tendo em conta a perspectiva diacrónica e sincrónica da língua e o desenvolvimento intelectual e espiritual do homem ao longo da sua existência, tendo em conta o tempo e o espaço .

Assim, tendo em conta a importância do nível cognitivo-cultural da língua, neste contexto, deve-se então discutir os objetivos gerais a prosseguir no ensino desta, principalmente, o português, em todos os níveis, no contexto de Angola e, eventualmente, nos outros países da CPLP, onde este sistema linguístico é a língua do ensino/aprendizagem na educação escolar. Importa, também, discutir a problemática e as funções do ensino da literatura; aprender métodos investigativos e técnicas de leitura do texto literário e não literário; verificar a identidade e a especificidade da literatura angolana, portuguesa, em suma da CPLP e universal; por fim, refletir sobre o ensino da Língua Portuguesa e das línguas nacionais angolanas, especificamente, a língua nacional cabindesa, o ibinda, em todos os níveis do ensino. Usá-la, finalmente, com correção e fluência nos diversos modos de comunicação (ouvir/falar; ler/escrever) num ensino da L1 e da L2.

O presente item tem como finalidade esclarecer e mostrar a importância que a língua Portuguesa teve e tem na CPLP e, especificamente, em Cabinda, constituindo um fator

⁶⁵ GUERRA, Augusto da Fonseca & VIEIRA, José A. da Silva (1977). Aula Viva, Português-A, Ensino Secundário-12. Porto, p. 9.

facilitador, enquanto língua primeira e oficial no ensino/aprendizagem, para os professores, alunos e todos os falantes-ouvintes desta como L1 ou L2. Mostrar, deste modo, aos professores que a lecionam, a importância que a didática do Português ou de qualquer outra língua natural tem no âmbito do ensino. Esta é a bússola orientadora de todo o ensino e aprendizagem científico e religioso na aquisição e aprendizagem dos valores científicos, morais, éticos e espirituais na formação da personalidade humana qualificada e condigna.

Todos os elementos que foram enunciados neste item para o ensino/aprendizagem da língua portuguesa em Cabinda ou noutra província de Angola ou na CPLP, deve-se ter em conta que a finalidade de todo o ensino de língua se centra no progresso individual do homem, da sua integração plena na sociedade e na crescente consciência da sua capacidade de ação, isto implica que todas as finalidades do ensino/aprendizagem da língua natural, o mais importante é a relação pedagógica que se centre no aprendente, isto é, na formação do homem integral, neste aspeto, tendo uma competência e performance linguística e comunicativa oral e escrita da sua língua na dignificação e identificação do seu ser linguístico e da cidadania como membro de uma comunidade linguística e social de um país.

1.1.4. O bilinguismo na Província de Cabinda

Nesta secção, vamos descrever o conceito de “bilinguismo” como destaque na província de Cabinda, distinguindo-o com o conceito de “diglossia”.

1.1.4.1. O Bilinguismo

Hoje, em muitos países, a maioria da sua população fala mais do que uma língua, esta é uma realidade vigente neste século XXI, tendo em conta a globalização que é um fenómeno sociológico hodierno. Esta verdade linguística não deve ser encarada como uma situação de exceção como realidade da globalização. Neste contexto, o bilinguismo tornou-se uma realidade a nível de todas as nações do mundo, como afirma Wei (2010:13), *“for many people, bilingualism and multilingualism are a fact of life and not a problem.”*

O bilinguismo pode ser estudado e analisado em duas vertentes, social e individual. O bilinguismo social é quando existe presença de duas línguas dentro da mesma comunidade linguística e repercute consequências sociolinguísticas. Em relação ao bilinguismo individual, isto é, quando as circunstâncias sociais influenciam fortemente no processo de aquisição

bilingue e pode variar, neste contexto, de pessoa para pessoa, caso concreto, o que acontece nas zonas rurais no procedimento da aquisição do ibinda L1.a e português L1.b ou L1 e L2, e nas zonas urbanas no processo de aquisição de português L1.a e ibinda L1.b ou L1 e L2.

Na base de um estudo genérico deste processo, consideramos bilinguismo individual ao indivíduo que tem uma competência linguística e comunicativa equivalente ao uso de duas línguas na sua comunicação e é capaz de usá-las em todas as circunstâncias comunicacionais com a mesma eficácia semelhante em qualquer contexto situacional na comunicação bilateral ou unilateral.

Neste contexto, o estudo e análise do bilinguismo individual, parafraseando Bulter & Hakuta (2006:115), muitos investigadores deram o seu ponto de vista em relação a este tema, considerando que este tipo de bilinguismo é aquele que os indivíduos têm proficiência linguística em usar na sua comunicação linguística duas línguas naturais, incorporando o desenvolvimento e a aquisição da L2 nos estudos do bilinguismo. Segundo o mesmo ponto de vista linguístico, Wei (2010:4), considera que, *“a multilingual individual is anyone who can communicate in more than one language, be it active (through speaking and writing) or passive (through listening and reading). Multilingual individuals may have become what they are through very different experiences: some may have acquired and maintained one language during childhood, the so called first language (L1), and learned other languages later in life, while others have acquired two or more first languages since birth.”*

Nesta investigação linguística feita, apurámos que no âmbito deste estudo, Marques (2003) afirma que, *“o bilinguismo implica uma organização mental que distingue três relações diferentes entre estes dois sistemas linguísticos.”* De acordo com Weinreich (1993) citado por Bulter & Hakuta (2006:115), *“essa relação pode ser tripartida, sendo coordenada, subordinada e composta: 1) A **relação coordenada**, quando duas línguas são adquiridas na mesma fase de aquisição e desenvolvimento linguístico da criança, em contextos diferentes, interagindo com específicos de falantes-ouvintes, proporcionando, deste modo, condições favoráveis para que as competências linguísticas sejam as mesmas às dos falantes de cada língua; 2) A **relação subordinada** verifica-se quando uma das línguas sobreponha a outra, geralmente esta situação acontece quando a L1 domina a L2. Nesta conformidade, a L2 é aprendida num contexto gramatical e linguístico, tendo um aspeto referencial contrastivo da L1, na tradução e outras referências linguísticas, embora havendo uma especificidade linguística de cada*

língua e a L2 ficará sujeita a uma forte influência daquela materna⁶⁶; 3) A relação composta verifica-se que nos dois sistemas linguísticos existe uma estrutura difusa, usada de forma indiscriminada em todos os seus contextos linguísticos, podendo ocorrer interferências nos dois sistemas.”

Para concluirmos este item, vamos apresentar alguns pressupostos teóricos de Sim-Sim (1998) relacionados a este tipo de bilinguismo individual, afirma que *“se a criança cresce num ambiente em que desde sempre esteve em contacto com duas línguas no mesmo contexto, desenvolve um bilinguismo de raiz ou seja, esteve exposta e adquiriu em simultâneo as duas línguas. Se, por outro lado, a criança inicia a sua socialização, estando exposto à L2, desenvolve um bilinguismo composto, ou seja, a criança aprende as duas línguas de forma sucessiva ou sequencial: quando inicia a aprendizagem da L2, já possui um vasto repertório linguístico na L1.”* Parafraseando o mesmo autor supracitado, é neste contexto, que a forma, o ritmo e as características de desenvolvimento linguístico de uma criança na aquisição bilingue depende do processo de aquisição das duas línguas (L1 e L2). É deste modo, que a aquisição simultânea, isto é, bilinguismo de raiz, a criança adquire as duas línguas de forma idêntica à que sucede com o falante monolingue, o que não implica que o domínio das duas línguas seja sempre equitativo tanto em quantidade como em qualidade. Esta situação linguística é uma realidade vigente no território de Cabinda, por exemplo, naquelas aldeias próximas da cidade de Cabinda e, também nas capitais sedes das conunas de Tando-Zinze, Lândana, Malembo, Dinge, Massabi, Bucu-Zau, Inhuca, Necuto, Belize, Luali-Belize e Miconje em que o português e o ibinda, às vezes, há uma aquisição simultânea das duas línguas como L1 (a) e L1 (b).

Na aquisição sucessiva ou sequencial (bilinguismo composto), a criança possui as estruturas bases da L1 quando inicia o processo de aprendizagem da L2. É o caso também que acontece em Cabinda, nas zonas rurais, em que o ibinda é a L1 falada em casa, no seio familiar e na comunidade e, esta é diferente da L2, o português, veículo do ensino/aprendizagem na escola. Esta é uma das razões fundamentais que o bilinguismo individual se desenvolve de acordo com a necessidade de usar uma das línguas, por isso mesmo que um indivíduo bilingue não tem uma fluência igual nas duas línguas se as circunstâncias quotidianas destas o exigem.

⁶⁶ Exemplo nosso: o que acontece com o português falado em Cabinda e nas outras províncias de Angola.

1.1.4.2. O bilinguismo na província de Cabinda

Cabinda é uma província pluridialetoal, segundo o nosso estudo e investigação feitos, e como falantes-ouvintes do sistema linguístico cabindês. Este sistema linguístico tem três regiões linguísticas ou geolinguísticas, segundo o nosso ponto de vista, a saber: Mangoyo, Makongo e Maloango, vindas dos antigos reinos de Ngoyo [bawoyo] e Kakongo [bakwakongo, bakoci e basundi]) e Lowango [balinji, bavili, bayombe e basundi]) e duas áreas linguísticas que são separadas pelos rios Lulondo⁶⁷ e Chiloango⁶⁸. As regiões linguísticas têm quase 95 por cento das mesmas características morfológicas, sintática, fonéticas e fonológicas, mas tendo o mesmo significado semântico lexical do vocábulos. As regiões linguísticas Ngoyo e Kakongo, isto é, na área linguística Lulondo, têm os seguintes dialetos segundo as suas etnias, tendo quase o mesmo sotaque, mesmo caudal lexical, a mesma morfossintaxe, fonologia, semântica e, havendo quase uma transparência total das suas características gramaticais nas variedades diatópicas do ibinda (iwoyo, ikoci, ikwakongo e isundi de Tsi M'swa e Zenza-Lucula na Comuna de Tando-Zinze nos Municípios de Cabinda e Cacongo). A área linguística Chilowango tem quase as mesmas características linguísticas em relação aquela área linguística supracitada. Esta área linguística os seus dialetos (ilinje, ivili, iyombe de Buco-Zau e Beleze e isundi de Miconje) têm quase as mesmas características linguístico-gramaticais, mas com sotaque do ilinje e ivili (balinji e bavili) é um pouco diferente do iyombe e isundi de Miconje (bayombe e basundi). O ilinje e o ivili têm quase o mesmo sotaque e, muito mais próximo dos dialetos da área de Lulondo do iwoyo, ikoci, ikwakongo e o isundi do Tando-Zinze (bawoyo, bakoci, bakwakongo). Aquelas etnias (balinji e bavili) estão localizadas no município de Kakongo nas comunas de Dinje e Massabi e no município de Buco-Zau na comuna de Inhuca, antiga comuna de Cacongo no período colonial português. Todas as variedades linguísticas da língua ibinda têm o mesmo caudal lexical, morfossintático e semântico, mas com sotaque um pouco diferente de pormenor entre as duas áreas linguísticas dialetais. Vejamos os seus

⁶⁷ Esta apelação pertence ao rio Lulondo que separa as localidades das etnias woyo (bwoyo) e koci (bakoci), kwakongo (bakwakongo) e sundi (basundi) de Tando-Zinze. Os bawoyo estão localizados na margem esquerda do rio Lulondo e os bakoci na margem direita deste rio. Por esta razão apelidamos esta área linguística Lulondo, comportando os dialetos iwoyo, ikoci, ikwakongo e idundi de Tando-zinze.

⁶⁸ Este nome é a apelação do rio Chiloango que identifica a cultura balwango e o modo vivendi das etnias linji (balinji), vili (bavili), yombe (bayombe) e sundi (basundi de Miconje) com os seguintes dialetos ou variedades: ilinji, ivili, iyombe e isuundi de Miconje. Estas etnias estão localizadas na margem direita do rio Chiloango, por isso apelidamos esta área linguística Chiloango. Os bakoci estão localizados na margem esquerda deste rio e na margem direita do rio Lulondo. A comuna de Lândana onde o rio Chiloango desagua no mar, os seus habitantes têm características dos balwango, isto é, cultura influenciada pelo rio Chiloango.

pormenores diferenças lexicais e morfossintáticas nas seguintes tabelas. As áreas linguísticas dialetais da língua dos cabindas subdividem-se em sete dialetos linguísticos como segue a seguinte tabela:

Tabela 1: Regiões linguísticas do Ibinda

Regiões linguísticas da língua Ibinda			
Mangoyo e Makongo		Malowango	
Etnias	Dialetos (variedades)	Etnias	Dialetos (variedades)
bawoyo	Iwoyo	balinji	Ilinji
bakoci	Ikoci	bavili	Ivili
bakwakongo	ikwakongo	bayombe	iyombe
Basundi	a) isundi ⁶⁹	Basundi	b) isundi

Fonte: Adaptação e análise do autor 2017

Prosseguindo o mesmo estudo e descrição, vamos apresentar na tabela seguinte algumas diferenças e semelhanças ortográficas de certos prefixos dos lexemas das áreas linguísticas do Ibinda (Lulondo e Chilowango), tendo em conta as variedades linguísticas desta língua na formação do singular e plural, tendo em conta os prefixos nominais, pronominais e verbais como determinadores gramaticais do singular e plural na prefixação, que têm a sua origem nos morfemas lexicais (radicais e afixos derivacionais) e gramaticais (afixos flexionais). Para nós, a questão do uso dos termos ifyote ou ibinda para apelarmos a língua cabindesa, é de somenos importância, porque estes condizem a mesma apelação da língua cabindesa, embora o termo ifyote não é benvindo no seio dos cabindas, por este ter um significado pejorativo num dos aspetos. Neste contexto, cingir-nos-emos a usar os dois termos na descrição de qualquer tema ou item neste trabalho científico da tese de doutoramento em linguística se for necessário, porque eles traduzem a identidade linguística e apelação da língua cabindesa desde o tempo colonial até hoje.

⁶⁹ a) Isundi de Tando-Zinze (Thsinswa e Lucula-Zinze) no Município de Cabinda; b) isundi de Miconje (Município de Belize).

Tabela 2: diferenças e semelhanças do léxico das variedades linguísticas do Ibinda

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS GRAMATICAS DAS VARIEDADES DAS ÁREAS LINGUÍSTICAS DA LÍNGUA AFRICANA IBINDA			PORTUGUÊS EUROPEU
LULONDO	CHILOWANGO		
LÍNGUA IBINDA			LÍNGUA PORTUGUESA
Dialetos ou variedades	Dialetos ou variedades		
Iwoyo, Ikoci, Ikwakongo e isundo	Ilinji e Ivili	Iyombe e Isundi	Português
Singular/plural	Singular/plural	Singular/plural	Singular/plural
idongo/udongo	cidongo/bidongo	kidongo, cidongo/bidongo	pescoço(s)
Izala, luzala/uzala	luzala/zinzala	luzala/zinzala	dedo(s)
ikwanga/ukwanga	cikwanga/bikwanga	kikwanga, cikwanga/bikwanga	chiquanga(s)
itebe/utebe	citebe/bitebe	kitebe; citebe/bitebe	banana(s)
cinkhutu/binkhutu	cinkhutu/binkhutu	kikhûtu,cikhûtu/bikhûtu	camisa(s)
ciika/biika	ciika/biika	ciika, kiika/biika	cama(s)
Cyelika	Cyelika	cyelika, kyedika	Verdade
ucyela (verbo)	Kucyela	Kucyela	cortar (verbo)
Iyesu/mesu	Iyesu/mesu	Iyesu, dyesu/mesu	olho(s)
m’cyentu/bacyentu	m’cyetu/bacyetu	m’cyetu/bacyetu m’kyêtu/bakyêtu mukêtu/bakêtu	Mulher(eres)
m’ti/inti	m’ti/minti	m’ti/minti muti/miti	árvore(s)
Iiyilu/mayilu	Iyilu/muyilu	Iiyilu, dyilu/mayilu	nariz(es); céu(s)
itambi/utambi	citambi/bitambi	kitambi/bitambi	pé(s)
Itimba/utimba	citimba/bitimba	citambi, kitimba/bitimba	cachimbo(s)
ikuundu/ukuundu	cikuundu/bikuundu	cikuundu, kikuundu/bikuundu	cadeira(s)
ivadangu/uvandangu	civadangu/bivadangu	civandangu, kivandangu/bivadangu	pato(s)
ibasula/ubasula	cibasula/bibasula	cibasulu,kibasulu/bibasula	armadilha de peixe de rio
muntu/bantu	muntu/bantu	muutu/baatu	peessoa(s)
kulu/malu	kulu/malu	kulu/malu	perna(s)
nzó/zizó	nzó/zizó	nzó/zizó	casa(s)
Iulonga/zidonga	Iulonga/zidonga	Iulonga/zidonga	prato(s)
Iusende/zisende	Iusende/zisende	Iusende/zisende	espinho(s)
mwila/miila	mwila/miila	mwila/miila	rio(s)
mala/zimala	mala/zimala	mala/zimala	mala(s); valesse(s)
kutu/matu	kutu/matu	likutu, dikutu/makutu	orelha(s)
ikata/ukata	cikata/bikata	cikata, kikata/bikata	paralítico(s)
ikala/ukala	cikala/bikala	kikaala/bikaala	esteira(s)
cingola/bingola	cingola/bingola	cingola, kingola/bingola	bagre(s)
mpuli/zimpuli	mpuli/zimpuli	mpuli/zimpuli	bagre(s)
mphunji/zimpunji	mphunji/zimpunji	mphunji/zimpunji	trombeta(s)
ngenga/zingenga	ngenga/zingenga	ngenga/zingenga	gajaja(s)
libene/mabene	libene/mabene	libene, dibene/mabene	mama(s)
nsiku/insiku	nsiku/minsiku	nsiku/minsiku	lei(s)
Iisambu/masumbu	Iisambu/musambu	Iisambu, disambu/masambu	peixe(s) salgado(s)
likunzi/makunzi	likunzi/mukunzi	likunzi, dikunzi/makunzi	suporte(s)
nuni/zinuni	nuni/zinuni	nuni/zinuni	pássaro(s)
susu/zisusu	susu/zisusu	tsusu/zitsusu	galo(s)/galinha(s)
Iukweku/tukweku	Iukewku/tukweku	Iukweku/tukweku	praia(s)

lidézu/madézu	lidézu/madézu	lidézu, didézu/madézu	feijão/feijões
mbú/mimbú	mbú/mimbú	mbú/mimbú	mar(es)
cikweya/bikweya	cikweya/bikweya	cikweya, kikweya/bikweya	coelho(s)
itíti/utíti	citíti/bitíti	citíti, kitíti/bitíti	capim/capins
libáka/mabáka	libáka/mubáka	libáka, dibáka/mabáka	catana(s)
ilimbu/bilimbu	čilimbu/bilimbu	kilimbu/bilimbu	bandeira(s); sinal/sinais
itali/utali	čitali/bitali	čitali, kitali/bitali	machado(s)
likulusu/makulusu	dikulusu/makulusu	likulusu, dikulusu/makulusu	cruz(es)
livaku/mavaku	livaku/mavaku	livaku, divaku/mavaku	esgalho(s)
litafi/matafi	litafi/bitafi	litafi, ditafi/matafi	ramo(s)
m'lengu/inlengu	m'lengu/milengu	m'lengu/milengu	Funil/funis
nzazi/zinzazi	nzazi/zinzazi	nzazi/zinzazi	trovão(ões)
lusyemu/zisyemu	lusyemu/zisyemu	lusyemu/zisyemu	relâmpago(s)
mvika/mimvika	mvika/bivika	mvika/mimvika	escravo(s)
m'tambu/Intambu	m'tambu/mintambu	m'tambu/mitambu mutambu/mitambu⁷⁰	armadilha(s)

Fonte: Adaptação e análise do autor 2017

Quando descrevemos a região linguística Malowango, devemos ter em conta que ela tem dois grupos de variedades linguísticas diatópicas, que têm quase os mesmos parâmetros linguísticos nos prefixos dos seus vocábulos, isto é, a morfossintaxe e a semântica, mas com o sotaque um pouco diferente. Temos como modelo desta realidade linguística o grupo das variedades geolinguísticas do iwoyo, ikwakongo, ikoci e isundi de Tando-Zinze e o grupo de ilinje, ivili e iyombe de Buco-Zau (com um sotaque iyombenisado), tendo quase a mesma morfossintaxe, semântica e quase a mesma fonologia. Enquanto as variedades de iyombe de Belize e isundi de Miconje têm também quase as mesmas características linguísticas daquelas supracitadas, mas com alguns parâmetros linguísticos da morfologia e do sotaque um pouco diferentes, tendo também em conta a realidade dos morfemas lexicais e gramaticais. Nesta zona linguística, o iyombe da comuna de Buco-Zau e de Necuto (Município de Buco-Zau) tem alguns aspetos morfossintáticos e fonológicos diferentes e semelhantes em relação ao iyombe da comuna de Belize e Luali Belize (Município de Belize), tendo em conta a realidade sociolinguística e etnolinguística de cada localidade.

Da mesma forma, na comuna de Miconje no município de Belize, verifica-se algumas pequenas diferenças e semelhanças morfossintática e fonológica na variedade isundi em relação ao iyombe, principalmente, no sotaque. Esta variedade linguística o sotaque é mais aspirado e guturado. O Isundi falado na comuna de Miconje (Município de Belize) apresenta alguns aspetos um pouco diferentes na fonologia (sotaque) entre as aldeias de Conde Cungo,

⁷⁰ Isundi de Miconje

Cungu Tati, Kikwanga, Sanda Massala, Mbunda, Sanga Loango e Kilwamba em relação ao isundi falado no Maloango Zau, Seke Banza e Bitina, conforme veremos na tabela seguinte. Este último o sotaque é muito mais aspirado e guturado em relação aquele primeiro grupo das aldeias da comuna de Miconje. Além do Isundi falado na comuna de Miconje, fala-se também o isundi no município de Cabinda na comuna de Tando-Zinze nas povoações de Tsi M'swa e Zenze Lucula, mas este dialeto ou variedade linguística é “ikwakongonizado”, “iwoyonizado” e “ikocinizado” e não *iyombenizado* como aquele de Miconje. O isundi de Tando-Zinze tem quase as mesmas características morfofossintáticas e fonológicas com o iwoyo, ikwakongo e ikoci, havendo somente algumas diferenças de pormenores, talvez de cinco por cento em alguns prefixos nominais no singular e, também o sotaque tem uma ligeira diferença. Isto mostra mais uma vez que em Cabinda não há sete línguas conforme certos linguistas cabindeses afirmaram nos seus pressupostos teóricos linguísticos relacionados a situação linguística de Cabinda, mas, na verdade, existe sete variedades geolinguísticas ou diatópicas ou dialetos da língua cabindesa. Apresentamos nas seguintes tabelas a realidade linguística das diferenças morfofossintáticas e semelhanças de pormenores do iyombe e isundi, tendo em conta os morfemas lexicais e gramaticais dos seus lexemas no singular e plural:

Tabela 3: Diferenças e semelhanças morfofossintáticas dos vocábulos de iyombe

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS MORFOSSINTÁTICAS DOS VOCÁBULOS DA VARIEDADE DIATÓPICA DE IYOMBE				PORTUGUÊS
MUNICÍPIO				
Bucu-Zau		Belize		
Comuna		Comuna		
Bucu-Zau	Necuto	Belize	Luali Belize	
Singular/ Plural	Singular/ Plural	Singular/ Plural	Singular/ Plural	Sing./Plural
libakala/ babakala	libakala/ babakala	dibakala/ babakala	dibakala/ babakala	Homem/homens
m'cyêtu/ bacyêtu	m'cyêtu/ bacyêtu	m'khyêtu/ bakh'yêtu	m'khyêtu/ bakh'yêtu	Mulher(es)
cidongo/ bidongo	cidongo/ bidongo	Kidongo/ bidongo	Kidongo/ Bidongo	Pescoço(s)
lisambu/ masambu	lisambu/ masambu	disambu/ masambu	disambu/ masambu	Peixe salgado
cikhûtu/ bikhûtu	cikhûtu/ bikhûtu	kikhûtu/ bikhûtu	kikhûtu/ bikhûtu	Camisa(s)
cimasi/ bimasi	cimasi/ bimasi	Kimasi/ bimasi	Kimasi/ Bimasi	namorado(a)/namorados(as)
cisalu/bisalu	cisalu/bisalu	kisalu/bisalu	kisalu/bisalu	trabalho (s)
citumba/ bitumba	citumba/ bitumba	kitumba/ bitumba	kitumba/ bitumba	estátua(s)
cíka/bíka	cíka/bíka	kíka/bíka	kíka/bíka	cama(s)

luzala/ zinzala	luzala/ zinzala	luzala/ zinzala	luzala/ zinzala	dedo(s)
m'ti/ minti	m'ti/ minti	m'ti/ minti	m'ti/ minti	árvore(s)
civandangu/biva dangu	civandangu/bivadangu	kivandangu/bi vadangu	kivandangu/biv adangu	pato(s)
mwila/miila	mwila/miila	mwila/miila	mwila/miila	rio(s)
likutu/ makutu	likutu/ makutu	dikutu/ makutu	dikutu/ makutu	orelha(s)
mpuli/ zimpuli	mpuli/ zimpuli	mpuli/ zimpuli	mpuli/ zimpuli	bagre(s)
likunzi/ makunzi	likunzi/ makunzi	dikunzi/ makunzi	dikunzi/ makunzi	suporte(s)
cikweya/ bikweya	cikweya/ bikweya	kikweya/ bikweya	kikweya/ bikweya	coelho(s)
lizina/ mazina	lizina/ mazina	dizina/ mazina	dizina/ mazina	nome(s)
bwala/ maala	bwala/ maala	bwala/ maala	bwala/ maala	aldeia(s)

Fonte: Adaptação e análise do autor 2017

Tabela 4: Diferenças e semelhanças morfofossintáticas dos vocábulos de isundi

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS MORFOSSINTÁTICAS DOS VOCÁBULOS DA VARIEDADE DIATÓPICA DE ISUNDI			PORTUGUÊS
MUNICÍPIO DE BELIZE		MUNICÍPIO DE CABINDA	
Comuna de Miconje		Comuna de Tando-Zinze	
Aldeias		Aldeias	
Conde Cungu, Congo Tali, Kikwanga, Sanda Massala, Mbunda, Sanga Loango, Kilwamba	Maloango Zau, Seke Banza; Bitina	Zenze-Lucula, Tsi M'swa Banza	
Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural	Singular/Plural
mwíla/míla	mwíla/míla	mwíla/míla	rio(s)
mwéla/myéla	mwéla/myéla	mwéla/myéla	alma(s), bênção(s)
nitú/zínitú	nitú/zínitú	nyítu/zínítu	corpo(s)
nyóka/zínýoka	nyóka/zínýoka	nyóka/zínýoka	serpente(s)
nyenze/zínýenze	nyenze/zínýenze	nyenze/zínýenze	alegria (s)
ngúngá/zínúngá	ngungá/zínúngá	nguúnga/zinguúnga	sino(s)
ngómbe/zínómbé	ngómbe/zínómbé	ngómbe/zínómbé	boi(s); vaca(s)
ngangá/zínangá	nganga/zínangá	ngánga/zínangá	curandeiro (s)
m'khêtu/bakhêtu	mukhêtu/bakhêtu	m'cyentu/bacyentu	mulher(s)
dyéla/madyéla	dyéla/madyéla	lyéla/malyéla	esperteza(s)
kímá/byímá	kímá/byímá	címa/byíma	coisa(s)
dínga/madínga	dínga/madínga	línga/malínga	pescoço(s)
dyóngo/madyóngo	dyóngo/madyóngo	lyóngo/malyóngo	espada(s)
kyúvu/byúvu	kyúvu/byúvu	cyúvu/byúvu	pergunta(s)
mwísi/mísi	mwísi/mísi	mwísi/mísi	fumo(s)
mwínda/mínda	mwínda/mínda	mwínda/mínda	cadeeiro(s)
mwána/bána	mwána/bána	mwána/bána	filho(a)/filhos(as)
dyéno/méno	dyéno/méno	lyéno/méno	dente(s)
kóko/myóko	kóko/myóko	kóko/myóko	braço(s)

dikutu/makutu	dikutu/makutu	kutu/matu	orelha(s)
mólo/myólo	mólo/myólo	mólo/myólo	preguiçoso(s)
bwalá/malá	bwalá/malá	bwála/mála	aldeia(s)
lwímbu/malwímbu	lwímbu/malwímbu	lwímbu/twímbu	canção/canções
mútu/bátu	mútu/bátu	mútu/bátu	pessoa(s)
nzila/zinzila	nzila/zinzila	nzila/zinzila	estrada(S)
ndôzi/zindôzi	ndôzi/zindôzi	ndôse/zindôse	sonho(s)
ndabu/zindabu	ndabu/zindabu	ndabu/zindabu	sobrancelha(s)
nzínzi/zinzínzi	nzínzi/zinzínzi	nzínzi/zinzínzi	mosca(s)
phuku/ziphuku; baphuku	phuku/ziphuku; baphuku	phuku/ziphuku	rato(s);rata(s)
kibongá/bibongá	kibongá/bibongá	khuvu/zikhuvu	cagado(s)
m'tima/mintima	mutima/mintima	m'tima/mintima	Coração(ões)
m'ti/minti	muti/minti	m'ti/minti	árvore(s)
m'nuni/banuni	m'nuni/banuni	m'nuni/banuni	esposo(s)
m'kazi/bakazi; m'kama/bakama	mukazi/bakazi; mukama/bakama	m'kazi/bakazi; m'kama/bakama	esposa(s)
phú/ziphú	phú/ziphú	mphú/zimphú	chapéu(s)
mbú/mibú	mbú/mibú	mbú/imbú	mar(es)
lubú/zimbú	lubú/zimbú	lubú/zimbú	mosquito(s)
mwidi/midyá	mwidyá/midyá	m'lya/minlya	intestino(s)
kilumbu/bilumbu	kilumbu/bilumbu	ilumbu/bilumbu	dia(s)
khazí/zikhazí; bakhazí	khazí/zikhazí; bakhazí	khazi/zikhazi	tio(s) materno(s)
kisyotó/bisyotó	kisyotó/bisyotó	cyúla/byúla	sapo(s)
dyámbu/mámbu	dyámbu/mámbu	lyámbu/mámbu	palavra(s); problema(s)
mwényi/myényi nzénza/bazenza; zinzenza	mwényi/myényi nzénza/bazenza; zinzenza	mwénya/bénya	estrangeiro(s); estrangeira(s)
mwána/bána	mwána/bána	mwána/bána	filho(s);filha(s)
m'tú/mitú	mutú/mitú	m'tú/mintú	cabeça(s)
díba/mába	díba/mába	libá/mabá	palmeira(s)
dibaba/mababa	dibaba/mababa	libaba/mababa	estulto(s)
dilolo/malolo	dilolo/malolo	lilolo/malolo	mamão/mamões
dyéze/méze	dyéze/méze	lyéze/méze	folha(s)
lyóngo/malyóngo	lyóngo/malyóngo	lyóngo/malyóngo	espada(s)
kimá/bimá	kimá/bimá	címa/bíma	coisa(s)
mwanti/mwamiti	mwanti/mwamiti	cínti/bínti	pau(s)
kititi/bititi	kititi/bititi	cititi/bititi	capim/capins
kingana/byangana	kingana/byangana	cingana/bingana	alheio(s); alheia(s)
ngulú/zingulú	ngulú/zingulú	ngulu/zingulu	porco(s)
nzila/zinzila	nzila/zinzila	nzila/zinzila	caminho(s)
m'tutu/mitutu	mututu/mitutu	mbwétíla/zimbwétíla	garrafa(s)
ludimi/zindimi;	ludimi/zindimi;	lulimi/zindimi; tulimi	língua(s)
luvátí/ziphátí	luvátí/ziphátí	luvátí/zimphátí	costela(s)
butá/matá	butá/matá	butá/matá	arma(s)
bwílu/mabwílu	bwílu/mabwílu	bwílu/mabwílu	noite(s)
bwémba/mémba; babwémba	bwémba/mémba; babwémba	bwémba/mémba	gravidez(s)
mbombo/zimbombo	liílu/mayílu	liílu/mayílu	nariz(es)
mwívi/mívi	mwívi/mívi	mwívi/mívi	ladrão(ões)
diyílu/mayílu; mazulu	diyílu/mayílu; mazulu	liyílu/mayílu	céu(s)

Fonte: Adaptação e análise do autor 2017

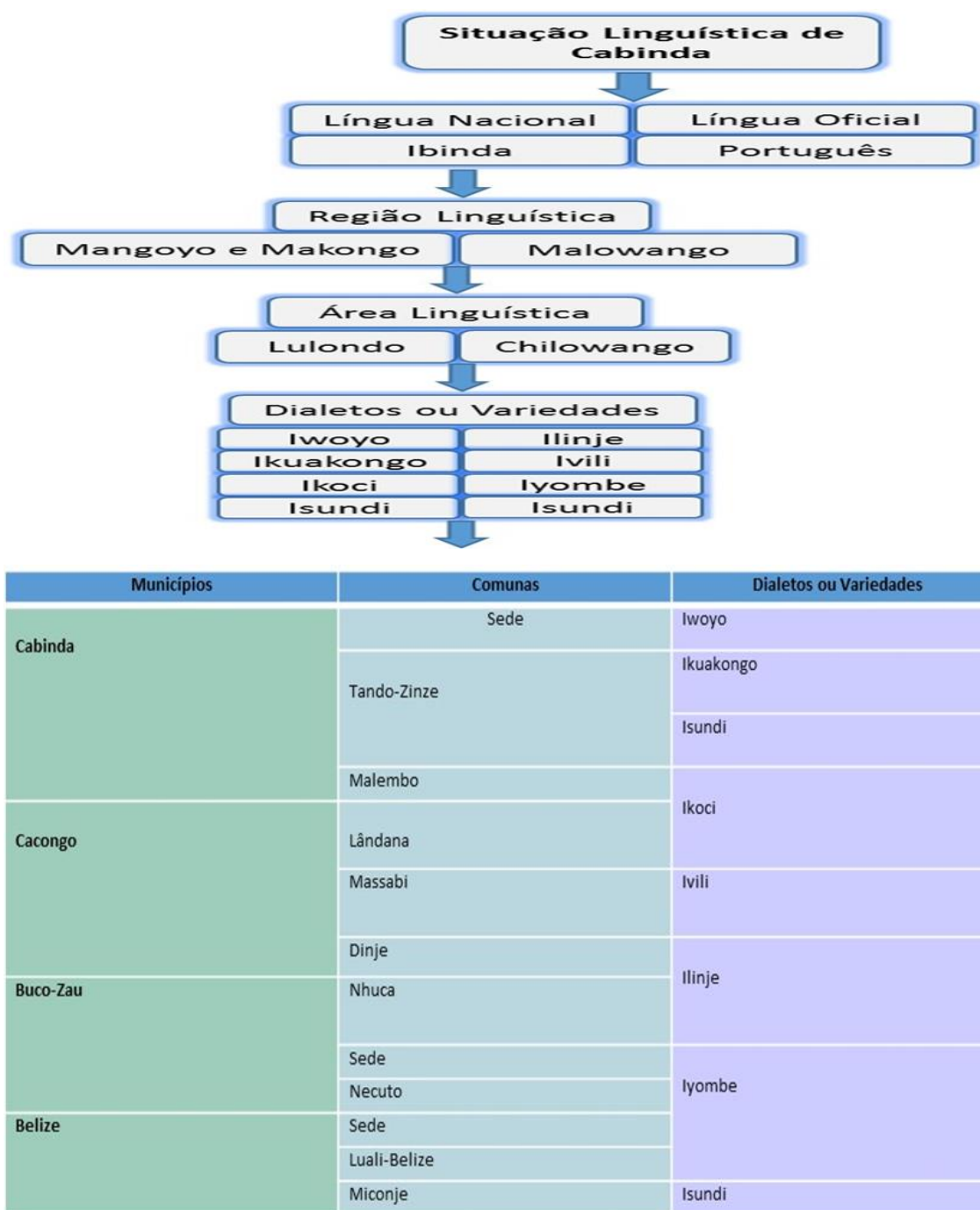
Com estas tabelas linguísticas apresentadas, verificámos algumas diferenças e semelhanças morfossintáticas dos vocábulos das variedades ou dialetos da língua cabindesa, inventariando a realidade de certos prefixos nominais, pronominais, verbais, (...) em alguns vocábulos. Com esta evidência linguística, podemos compreender melhor e tirarmos as nossas ilações referentes a realidade linguística de Cabinda sem termos qualquer dúvida. Nesta lógica linguística, qualquer leitor ou linguista, especificamente africano, agora, pode tirar as suas inferências se em Cabinda há setes variedades linguísticas ou se estas sete variedades são línguas naturais ou não. O nosso pressuposto teórico linguístico é que em Cabinda não há sete línguas, mas sim, sete dialetos ou variedades geolinguísticas. Esta é a nossa posição linguística que descrevemos e defendemos neste trabalho científico de doutoramento em linguística relacionado a nossa investigação feita em Cabinda e, também como falantes-ouvintes desta língua bantu-africana. Esta investigação científico-linguística, na base destas tabelas, demonstra um teste linguístico das variedades linguísticas da língua cabindesa, tendo em conta os aspetos morfológicos, sintáticos, lexicais, fonológicas, fonéticas e semânticos que ilustram a realidade da situação linguística de Cabinda, na base dos morfemas lexicais e gramaticais desta língua.

Para além do ibinda como língua nacional falada em Cabinda, fala-se também, neste território, o português como língua oficial e do ensino/aprendizagem no sistema de educação escolar. Deste modo, podemos afirmar que a população de Cabinda é bilingue. Estas duas línguas exercem grande influência aos utentes do território de Cabinda. A coabitação delas criou uma interferência linguística entre elas na comunicação linguística dos seus utentes, notando algumas diferenças linguísticas, principalmente, na estrutura morfossintática do sintagma nominal e verbal do português europeu e do português cabindês. A língua ibinda nunca foi ensinada no sistema escolar, enquanto a língua portuguesa existe neste território quase há um século e três décadas, antes mesmo de dia 1 de fevereiro de 1885, data em que Cabinda se tornou um protetorado português a partir do Tratado de Simulambuco.

A presença destas duas línguas (**português e ibinda**) no sistema de comunicação linguística em Cabinda pode ser classificada como **bilinguismo social** ou **individual**; elas são usadas na comunicação linguística unilateral e bilateral, isto é, na difusão de informações e programas nos meios de comunicação social (rádio e televisão), nas igrejas, na comunidade e

na família, embora o português tenha o estatuto de língua oficial e do ensino/aprendizagem no sistema da educação escolar em Angola. Por outro lado, Cabinda, como foi descrito posteriormente, é **pluridialeto**, tendo em conta as variedades dialetais, isto é, o ibinda dos bawoyo, **iwoyo**, o ibinda dos bakoci, **ikoci**, o ibinda dos bakwakongo, **ikwakongu**, o ibinda dos balinje, **ilinje**, o ibinda dos bavili, **ivili**, o ibinda dos bayombe, **iyombe** e o ibinda dos basundi, **isundi**. Estas variedades diatópicas da língua cabindesa não afetam a unidade linguística deste idioma no contexto da comunicação bilateral e unilateral dos seus utentes. Alguns falantes-ouvintes, para além da sua língua materna (português ou ibinda), possuem uma competência linguística e comunicativa numa ou noutra língua e, são capazes de utilizarem uma ou outra para se comunicarem. Apresentamos em seguida o sinopse da situação linguística de Cabinda no seguinte gráfico.

Gráfico 1: Sinopse da situação linguística de Cabinda



Fonte: Adaptação e análise do autor 2017

1.1.4.3. Bilinguismo e diglossia

A principal diferença entre o bilinguismo e diglossia está a nível do seu estatuto sociocultural. O **bilinguismo**, como vimos acima, refere-se a uma convivência de duas línguas no mesmo território, sem nenhum predomínio de uma língua sobre a outra, sendo ambas as línguas igualmente valorizadas.

Em contrapartida, o termo **diglossia** refere-se também à convivência de duas línguas num mesmo território, mas, neste caso, uma delas predomina sobre a outra, adquirindo maior prestígio e relevo para os assuntos de carácter oficial, afastando a outra língua para um uso familiar e quotidiano. É isto que aconteceu com a língua portuguesa e o ibinda no período colonial e, também, as outras línguas nacionais angolanas. Hodiernamente, esta situação já não se verifica em Cabinda e nas outras províncias de Angola depois da independência deste país em 1975. O português tem maior prestígio e relevância porque é a língua oficial, administrativa e do ensino/aprendizagem no sistema da educação nacional angolano.

1.1.4.3.1. Situação de bilinguismo e diglossia

Nesta perspetiva de análise linguística da situação de bilinguismo e diglossia, devemos ter em conta a presença ou ausência destes dois fenómenos linguísticos, que se podem identificar no contexto da linguística, parafraseando Fishman (1972)⁷¹, a existência de três tipos de situações de bilinguismo e diglossia pode ser estudada e analisada nas seguintes vertentes linguísticas, a saber: 1) bilinguismo e diglossia de forma estável; 2) bilinguismo sem diglossia; e 3) diglossia sem bilinguismo:

1. **Situação de bilinguismo e diglossia de forma estável:** esta realidade linguística verifica-se nos países onde se fala várias línguas oficiais, sem, no entanto, haver qualquer discórdia linguística, o que aconteceu, por exemplo, no período colonial belga, na República Democrática de Congo. Neste país, a política linguística do país colonizador, a Bélgica, tinha introduzido as línguas nacionais africanas bantu na escolaridade na época colonial, usando-as não só na escola como também em outras situações de domínio público, parafraseando Crispim (1991:15-17). Na base deste

⁷¹ FISHMAN, John A. (1972). The Sociology of language: Newbury House.

exemplo, a RDC tem 4 línguas nacionais oficiais, hoje, e uma única língua oficial do antigo colonizador (o francês, L2). As quatro línguas nacionais oficiais, na RDC, como L1 (lingala, swaíli, kikongo ya Leta e ciluba)⁷², verificadas em cada região linguística, são ensinadas no primeiro nível escolar do ensino primário, como primeira língua do ensino e aprendizagem, isto é, de 1ª classe a 3ª classe do ensino primário e, depois os alunos começarão aprender o francês, num ensino/aprendizagem bilingue com aquelas nacionais em cada região linguística, a partir da 4ª a 6ª classe; nas classes subsequentes do Ensino Secundário até ao Ensino Superior, neste contexto, só terão o francês como língua do ensino/aprendizagem nacional;

2. **Situação de bilinguismo sem diglossia:** neste caso, quando os grupos sociais não têm uma conexão social, estes mantêm as suas línguas próprias; é o caso verificado na África do Sul no período de apartheid em que as línguas bantu africanas eram mantidas paralelamente com o inglês, língua oficial em todo o território Sul-Africano.
3. **Situação de diglossia sem bilinguismo:** esta situação aconteceu nas colónias portuguesas onde o uso das línguas nacionais africanas não era permitido em todos os setores oficiais, na escola e nos lugares públicos; as línguas nacionais africanas eram só permitidas na igreja Católica para o ensino do catecismo, mas só usando o código oral. Analogicamente, este tipo de situação é referente ao período colonial português em África, sendo a intenção daquele colonizador era de fazer desaparecer todas as línguas africanas, que eram chamadas de *línguas indígenas*, como afirma Matos (1953:96)⁷³: *“ao espelhar o português falado, seguir-se-ia a ensinar a ler e escrever esta língua, as línguas nacionais africanas, indígenas, iriam desaparecer rapidamente nas províncias ultramarinas portuguesas de África.”* Esta situação foi evocada por Norton no período colonial nos territórios africanos, equivalendo, deste modo, linguisticamente, ao diglossia sem bilinguismo;

Para nós, hoje, em Cabinda e noutras províncias angolanas, há uma necessidade imperiosa de se implementar uma educação bilingue, especificamente, em Cabinda, para

⁷² Bilinguisme au Republic Democratic du Congo. Disponível em <http://www.axl.cefan.ulava.ca/afrique/czaire.thm>, consultado no dia 13 de Março de 2017.

⁷³ Matos, Norton (1953). *África nossa – o que queremos nas terras de África*. Edições Miranus, Lisboa.

facilitar o ensino da língua portuguesa e ibinda, perspetivando a criação de um programa de enriquecimento que garanta o ensino/aprendizagem bilingue desde a alfabetização, sendo ambas usadas como línguas de instrução de conteúdos escolares e, permitindo, deste modo, que os métodos de ensino e orientações da língua oficial do ensino na educação escolar nacional, como por exemplo, o português em Angola, sejam aplicados para a produção de materiais didáticos e adaptados para o ensino/aprendizagem das línguas não oficiais, como as línguas nacionais angolanas, caso o ibinda, sendo L1 ou L2 para alguns falantes de Cabinda.

1.1.5. O uso da língua Ibinda nos meios de comunicação social

Conforme já foi enunciado amiúde, que a língua nacional falada em Cabinda é o Ibinda, razão pela qual não se circunscreve somente ao contexto da comunicação bilateral dos utentes, mas, também, é utilizada no contexto da comunicação unilateral, respetivamente, na rádio difusão estatal, privada e na televisão estatal. Neste contexto, podemos fundamentar-nos no artigo 35º da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos que diz o seguinte: *“Todas as comunidades linguísticas têm direito a decidir qual deve ser o grau de presença da sua língua nos meios de comunicação do seu território, tanto nos locais oficiais e tradicionais, como nos de maior difusão ou de transmissão utilizado.”*

A Rádio Clube de Cabinda, no período colonial, emitiu, pela primeira vez, o programa em fiote, em Fevereiro de 1958⁷⁴. Em 1971, foi criada a Rádio Provincial de Cabinda, apelidada, naquele tempo, **Voz de Cabinda “Mbêmbu Cinkundi”** (língua de amizade). Esta começou com os programas em fiote. Faziam parte deste programa de fiote, os jornalistas André Barros (falecido), Pedro Simba dos Santos, João Maria Nzango (falecido), Alexandrina Maria e José Lembe (falecido). Continha os seguintes programas: Cabinda Gente e Factos (*Ngôyo, Bântu ayi Cyélíka [Ngôyo, gente e verdade]*) programa de André Barros, com dedicatórias, leitura de cartas, contos tradicionais de Cabinda e um programa radiofónico dos ouvintes⁷⁵. Isto para mostrar, mais uma vez, que os cabindas têm uma língua que identifica o aspecto linguístico mais sublime da sua cultura, dos seus valores, da sua literatura, usos e costumes e da sua filosofia, apelidada de ibinda ou ifyote.

⁷⁴ Dados informativos de pesquisa, recolhidos do antigo jornalista Pedro Simba ou dos Santos (técnico e operador do som), funcionário da Rádio Provincial de Cabinda, desde Outubro de 1957; nascido a 10 de Abril de 1940, em Cabinda, Ad usum privatum, recolhido no dia 12 de Março de 2017, em Cabinda.

⁷⁵ Ibidem

Depois da independência de Angola em 1975, com o estabelecimento da Rádio Nacional de Angola (RNA) e da Televisão Pública de Angola (TPA), a língua nacional *fyote*, termo herdado pelo governo colonial português, sempre esteve e está presente nos meios de comunicação social. Hoje, temos dados concretos da RNA em Cabinda, precisamente, o programa em Ibinda. Este vocábulo criado pelo padre Ferreira (português) em 1973 conforme foi referenciado amiudadamente, começou a ser usado e fixado a nível provincial e nacional desde a publicação do livro *Guia de Alfabetização em Língua Ibinda*, segundo o Método Inongo-Nongo do Padre Gabriel Nionje Seda em 1996⁷⁶. Neste caso, o termo *ifyote* naquela rádio provincial, desapareceu completamente, mudando todos os indicativos do termo *ifyote* para o termo *ibinda*. Nesta lógica, alguns programas informativos, dedicatórias eram dados naquela rádio⁷⁷, mas por razões políticas governativas superiores, o termo *ifyote*, em Cabinda, foi reativado em 2012 nos meios de comunicação social, tendo em conta a TPA em Luanda o programa das línguas nacionais angolanas; o termo *fyote* herdado pelo colonizador português sempre esteve e está patente no programa das línguas nacionais angolanas na TPA em Luanda; neste caso, tendo em conta a força maior das Instituições superiores políticas, os meios de comunicação social provincial de Cabinda receberam orientações superiores políticas do Ministério de Comunicação Social, obrigando-os a retirar o termo *ibinda* e retomar aquele herdado pelo colono português, *fyote*, em 2012.

Na mesma senda, a Rádio Comercial de Cabinda (RCC) também tem o espaço de programas da língua cabindesa, *Ifyote*: síntese informativa, todos os dias, das 11 horas e 30 minutos até às 12 horas; de segunda à sexta-feira, espaço de informação com um tema ou um debate; recriação e dedicatórias dos ouvintes, das 14 horas às 15 horas e, aos domingos, o espaço de dedicatórias, das 17 horas às 19 horas. Este programa começou a ser emitido ao 11 de novembro de 1992, ano da fundação daquela rádio. Estava a cargo deste programa o jornalista Tadeu Domingos.⁷⁸

⁷⁶ Op. cit.

⁷⁷ Rádio Provincial de Cabinda – Departamento do Programa da língua Ibinda (com os seguintes jornalistas Joaquim Mbatchi, João Barros, Luís Agostinho, Maria Chantal e Angelina de Jesus) – *Arquivos da Rádio Provincial de Cabinda e informações do Chefe do Departamento*, Joaquim Mbatchi (Mbizi Chivúnzi), pesquisado, no dia 16 de Março 2017, em Cabinda.

⁷⁸ *Rádio Comercial de Cabinda, espaço em língua Ibinda (com os seguintes Jornalistas: Tadeu Domingos (falecido), Mateus Cabechie (chefe do Programa em Ibinda), Branca Kakúlo, Severino Mavûngo* – *Arquivos da Rádio Comercial e informações de Severino Mavûngo*, pesquisado, no dia 15 de Março de 2017, em Cabinda.

Os programas em Ifyote a nível provincial são também emitidos na televisão Pública de Angola (TPA), precisamente, no programa Regional *Nzíngulu (vivência ou modo de viver)* pelos jornalistas Inocêncio Tango (chefe do programa), Mónica Massiala e Malila Sambo (falecida recentemente). Estes apresentam-no em Ifyote, abordando aspetos sociais e o noticiário, mormente, aos domingos, no programa local das 14 horas e 30 minutos às 15 horas e às segundas-feiras às 12 horas, em sintonia com o TPA (Luanda).⁷⁹

Em Cabinda, a TPA iniciou as suas emissões televisivas, em 1990. Em 1993, Francisco José, o então delegado da TPA, teve a iniciativa de dar uma formação de capacitação de algumas pessoas que falavam bem o Ifyote. Nesta altura, não havia condições favoráveis para o enquadramento dos jornalistas das línguas nacionais angolanas. Foi a partir deste momento que os primeiros jornalistas Pedro Banda, Fátima Icambizi, Francisco Lubota e Mónica Massiala tiveram alguma formação prática como apresentadores e, depois, deu-se início à apresentação do programa Magazine em Ifyote. Este foi substituído pelo programa *Nzíngulu*⁸⁰.

Segundo as perspetivas sociolinguística e etnolinguística de Cabinda, podemos, mais uma vez, afirmar que a língua dos cabindas é o ibinda. Todos os jornalistas que trabalham nos meios de comunicação social na rádio difusão pública e privada ou na TPA (Televisão Pública de Angola) em Cabinda utilizam as sete variedades da língua ibinda, cada jornalista fala segundo a realidade fonológica e morfossintática do seu dialeto, permitindo a compreensão da mensagem em toda a extensão da província de Cabinda, sem quaisquer obstáculos ao nível da compreensão, isto é, na comunicação bilateral e unilateral; da mesma forma, esta realidade linguística tem acontecido na CPLP onde encontramos variedades diatópicas do Português (brasileiro, angolano, europeu, moçambicano, guinense (...)). Esta é uma realidade consabida e, linguisticamente, não existem sete línguas em Cabinda, mas sim, uma língua nacional apelidada Ifyote ou Ibinda .

⁷⁹ TPA-Cabinda, *Programa nzíngulu em fyote, arquivos e informações dos jornalistas Mónica Massiâla, pesquisado no dia 23 de Março 2017, em Cabinda.*

⁸⁰ Ibidem.

1.1.6. Município de Cabinda⁸¹ e a área linguística da variedade diatópica Iwoyo

1.1.6.1. Município de Cabinda

O município de Cabinda é um dos quatros municípios da Província com o mesmo nome conforme foi referenciado precedentemente. É neste município onde está situado a cidade capital da província de Cabinda Cyowa ou Cabinda.

A cidade de Cabinda formou-se, como povoação, antes de 1883 e está localizada junto a Baía do Oceano Atlântico. Esta foi elevada a categoria de cidade no dia 28 de Maio de 1956 pelo Governo Português, ano em que o Território de Cabinda foi anexado a Angola por razões administrativas pelo governo português no período colonial.

O Município de Cabinda, administrativamente, está dividido em três comunas (Sede, Tando Zinze e Malembo), e a sua sede administrativa é a cidade com o mesmo nome. Este Município é bilingue com a existência da língua portuguesa com o estatuto de língua oficial e de ensino no sistema de Educação e o ibinda como língua nacional da província. O município de Cabinda é pluridialeto por ter 4 variedades linguísticas diatópicas da língua ibinda, a saber: o iwoyo (na comuna sede), o ikoci e ikwakongo (na comuna de Malembo), e ikwakongo e isundi (na comuna de Tando-Zinze).

Este município tem a superfície de 2.348 km². A população está estimada em mais de 160.428 habitantes com uma estimativa da densidade populacional de 68 habitantes por km². Segundo os dados investigados, esta população está distribuída de forma irregular pelo município, a comuna sede concentra mais ou menos de 83 por cento do total, Tando Zinze 13 por cento e Malembo 4 por cento.

O Município de Cabinda faz fronteira com o Município de Cacongo a Norte, a Este e Sul com a República Democrática de Congo e a Oeste é banhado pelo Oceano Atlântico. É uma região tropical quente. Este Município possui uma grande rede hidrográfica com vários rios e seus afluentes, lagoas e pântanos. Para além destas potencialidades naturais regurgitam outros recursos a saber: petróleo, burgau, madeira, ouro, etc.

⁸¹ Ver no anexo VII: Localização do Município de Cabinda, Divisão Político-Administrativa página 373.

1.1.6.1.1. A área linguística da variedade linguística Iwoyo

A comuna sede (Cabinda) é a área linguística do ibinda dos bawoyos, variedade diatópica Iwoyo. O nosso trabalho da tese do doutoramento fundamenta-se no estudo do corpus lexical dos verbos em português e iwoyo e uma proposta de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos em português e iwoyo.

O iwoyo é uma das variedades linguísticas diatópicas da língua ibinda falada na comuna de Cabinda (sede) no município com a mesma denominação. A sua área linguística parte do Yema, na fronteira com RDC, Caio Litoral e Champuto-Rico, isto é, todas as aldeias da margem esquerda do rio Lulondo que divide esta área geolinguística com a do Ikoci a partir da margem direita deste rio com as seguintes aldeias costeiras: Buco Mazi, Fútila, Malembo (comuna de Malembo do mesmo município) e Cinfuka, Zenga, Bembika, Syafumu, Tenda e a vila de Lândana (comuna de Lândana município de Cacongo) até a margem esquerda do rio Chiloango depois da vila de Lândana e, também divide a área linguística com a variedade diatópica Ikwakongo a partir da margem direita do rio Lulondo com a aldeia de Champuto-Rico a esquerda do mesmo rio, tendo a margem direita as aldeias Mazengo, Bumulambuto, Cynguinguili e outras aldeias da Comuna de Tando-Zinze, município de Cabinda.

Em relação as outras áreas linguísticas das variedades diatópicas da língua ibinda, o ilinje é falado nas comunas de Dingé e Inhuca, no município de Cacongo e Buco-Zau; o ivili na comuna de Massabi no município de Cacongo; o ikwakongo na comuna de Tando Zinze (município de Cabinda); o iyombe é falado nas comunas de Buco-Zau, Necuto (município de Buco-Zau), Belize, Luali Belize (município de Belize); o isundi é falado na comuna de Miconje (município de Belize) e, precisamente, nas aldeias de Tsi Nswa e Zenze-Lukula na comuna de Tando Zinze (município de Cabinda). A variedade dialetal do isundi de Tando Zinze é mais *“ikwakongonizada”* em relação ao isundi de Miconje. Estas variedades etnolinguísticas da língua ibinda, tendo em conta o sistema linguística da província de Cabinda, constituem a língua nacional que o colono português chamou ifyote ou ibinda e, estas denominações da língua cabindesa continuam até hoje.

Os estudos, as investigações e análises linguísticos feitos no nosso trabalho investigativo de doutoramento centram-se mais na comuna de Cabinda na variedade linguística Iwoyo, falado pelos bawoyo. Estes são os autóctones do antigo reino do Ngoyo e descendentes de Mwen-Ngoyo que abarca a comuna de Cabinda, como afirma o historiador

Martin (2010:43) que *“Ngoyo era o menor dos três reinos. A linha da costa estendia-se do rio Mbele até ao estuário do Congo e depois acompanhava a margem norte do Congo até a fronteira de Kakongo. O porto em Cabinda proporcionava um fundo ancoradouro, mais seguro na Costa do Loango. Outro local de desembarque era em Boma-ngoyo, uma povoação na margem norte do rio Congo, atual cidade de RDC do Baixo Congo, onde os barcos, que atravessavam o rio Congo a partir do Soyo, na margem sul, chegavam com frequência para descarregar. A capital do Ngoyo, Mbanza Ngoyo, ficava no interior, a cerca de dois dias de jornada da baía de Cabinda”*, estes eram os limites do antigo reino de Ngoyo antes da sua amputação na conferência de Berlim na partilha de África em 1884-1885; assim, também, como os autóctones e descendentes de Mwen-Kakongo que abarca as comunas de Malembo, Tando Zinze e Cacongo; e Mwen-Loango que abarca os autóctones e descendentes das comunas de Dinge, Massabi, os municípios de Buco-zau e Belize e, também a região de Kwilu e Dolezi na república do Congo Bazzaville e Muanda na República de Gabão. Estes formaram os antigos reinos de Macongo, Mangoyo e Maloango do território de Cabinda antes da colonização portuguesa e antes da conferência de Berlim.

Neste trabalho, vamos usar o termo língua⁸² Iwoyo que traduz a realidade ou dialeto ou variedade do ibinda dos bawoyo, como dialeto franco que foi usado pela igreja Católica no ensino do catecismo em ifyote em todo o território de Cabinda no período colonial Luso.

Todas as investigações feitas, sobretudo, as entrevistas aos falantes-ouvintes da língua cabindesa em todas as comunas da província de Cabinda, nas suas respetivas nuanças linguísticas diatópicas, todos eles afirmaram que a língua nacional falada em Cabinda desde o tempo colonial até agora é o ifyote, também apelidada Ibinda; os falares ou dialetos regionais desta língua nacional que os cabindas designam, linguisticamente, de língua ibinda, subscrevendo-se no linguajar dos cabindas os termos que significam dialeto ou variedade linguística desta língua, cf. no rodapé.⁸³

Estas variedades linguísticas têm o mesmo caudal lexical, a morfossintaxe e a transparência é quase total, pelo que, podemos afirmar na base das realidades dos aspetos

⁸² Sinédoque parte pelo todo ou o todo pela parte, neste trabalho, os termos língua Iwoyo vai traduzir a variedade de ifyote falada pelos bawoyo, isto é, a parte pelo todo, a língua cabindesa ifyote.

⁸³ Os termos que significam dialeto ou variedade diatópica em ibinda: **«zintubulu ou zimbembulu ou zimphûmukwina ou zinvmukwina ou zindhîngulu**, isto é, **zinvmukwina zibayombe, zibawoyo, zibavili, zibalinje, zibakwakongo, zibakoci ayi zibasundi, ou zimbembulu zyibinda»** (dialeto ou falares ou variedades ou variações linguísticas de bayombe, bawoyo, bavili, balinje, bakwakongo, bakoci e basundi ou dialetos da língua cabindesa).

linguísticos já descritos que apresentam a realidade destes dialetos do ibinda. As diferenças que estes apresentam são mais ou menos de noventa e cinco por cento, isto é, alguns pormenores que não se fazem sentir linguisticamente, conforme foi referenciado anteriormente.

Todos estes grupos linguísticos dialetais têm uma aproximação muito estrita e íntima no caudal lexical, morfossintático, fonológica e uma transparência parcial que os possibilita estabelecer uma comunicação linguística entre os seus falantes-ouvintes, sem que se recorra a uma variedade dialetal oficial ou padrão, ou ainda uma espécie de dialeto franco, mas como consequência comunicacional, estes falantes podem falar ibinda dos bawoyo, bayombe, babil, balinji, bakwakongo e basundi, todavia, a sua comunicação e compreensão é de cem por cento. Como exemplo vivo, a variedade iwoyo foi utilizado no período colonial em Cabinda para o ensino do catecismo da igreja Católica em todas as comunas e municípios do Enclave de Cabinda, como testifica os livros Catecismos Fiote-Francês (1884, 1885, 1888), Fiote (1909) e Fiote-Português (1909, 1963), usou-se o iwoyo na escrita destes livros como dialeto franco.

Da mesma forma, podemos ter como referência analógica as variedades diatópicas da língua portuguesa, tendo em conta o português europeu (Portugal), brasileiro, angolano, moçambicano, cabo-verdiano, são-tomense, guinense, timorense, etc., formando deste modo os países lusófonos ou da lusofonia ou da CPLP. Estas variedades linguísticas da língua portuguesa não têm o mesmo caudal lexical, fonológico, fonético, morfológico, sintático, semântico ou pragmático e a transparência ou equivalência em vários léxicos as vezes é total, parcial e nulo em vários casos. Estas diferenças não impeçam a unidade linguística da língua portuguesa na CPLP.

À guisa de conclusão da descrição deste capítulo, depois de termos navegado, lido e analisado juntos desde a primeira página até a última, desde modo, tivemos subsídios suficientes e válidos que poderão nos facilitar, habilitar a compreender, apreender, conhecer e encontrar bases sólidas para uma reflexão linguística mais eficiente e científica relacionada a realidade linguística do território de Cabinda sem quaisquer rodeios científico-linguísticas como verdade linguística, etnolinguística e sociolinguística elucidativa do povo ibinda e da sua língua nacional. Nesta perspetiva, afirmamos, mais uma vez, linguisticamente, sem quaisquer receios, rodeios e sem medo de errar que Cabinda é um território bilingue (português e ibinda) e pluridialetal, tendo em conta os dialetos do ibinda, e não é um território multilingue ou plurilingue com sete línguas línguas nacionais bantu em Cabinda.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA, LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

Neste capítulo, vamos descrever alguns aspetos fundamentais que reputámos muito relevantes, na nossa investigação científica, relacionados aos princípios e fundamentos teóricos e metodológicos do Curso Doutorado em Linguística na FCSH/UNL nas áreas de especialidade em Linguística e Ensino de Língua, Lexicologia e Lexicografia, que são as áreas basilares deste capítulo e do trabalho científico desta tese de doutoramento em Linguística, cujo tema corpus lexical dos verbos em português e iwoyo e proposta de um dicionário bilingue bidireccional de verbos em português e iwoyo.

2.1. LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA

A Linguística e Ensino de Língua é uma área de especialidade do Curso de Linguística na FCSH/UNL que tem por finalidade a formação de mestres e doutores em Linguística, habilitando-os no ensino de teorias da linguística, didática, pedagogia e metodologias de ensino de língua, isto é, L1 e L2. Os especialistas ou linguistas formados nesta área linguística, tendo em conta o nível de cada formação académica, adquirem, deste modo, uma formação académica eficiente nos estudos teóricos, didáticos, pedagógicos e metodológicos desta área de especialidade; estes realizam investigações a fim de situarem a complexidade dos problemas que envolvem a Linguística e Ensino de Língua, no que tange, principalmente, aos aspetos metodológicos empregues, desenvolvidos e investigados por vários linguistas; por último, proporcionando-os a estarem altamente qualificados e habilitados para o ensino da linguística e de língua e no uso das ferramentas da Lexicologia e Lexicografia para fins didático-pedagógicas no ensino-aprendizagem da L1 ou da L2.

No estudo e ensino da língua, os investigadores desenvolvem novos aspetos didáticos, pedagógicos e metodológicos que são viáveis e eficientes para o ensino de L1 ou de L2. Para nós, achamos que o mais importante é a descoberta de novas metodologias didático-pedagógicas para o ensino/aprendizagem da L1 ou L2, principalmente, no uso da gramática e do dicionário, tendo em conta a especificidade de cada língua natural. É por esta razão que a

Linguística nos ensina que os especialistas desta área de saber têm a Linguística e Ensino de Língua como a fonte do saber linguístico onde buscam normas metodológicas para o ensino, que associadas aos princípios didáticos e pedagógicos permitem aos linguistas desta área de especialidade e outras áreas do curso da Linguística uma tomada de consciência e um posicionamento mais efetivo e eficiente sobre o ensino da língua num determinado contexto de aula.

A nossa perspetiva linguística, hoje, resume-se em aquilatar as teorias e os princípios linguísticos desenvolvidos por vários especialistas e investigadores no ensino/aprendizagem de língua, tendo em conta a perspetiva diacrónica e sincrónica, proporcionando-nos um novo prisma e posicionamento linguístico que deve ter em conta a linguística geral e a linguística descritiva; neste modo, evidenciando que o facto metodológico deve abranger uma teoria de educação linguística e ensino de língua que abarca a didática, a pedagogia e os princípios metodológicos do ensino da L1 ou da L2, tendo em conta uma compreensão mais profícua da linguística e ensino da língua, Lexicologia, Lexicografia e Sociolinguística de cada sistema linguístico em estudo. Dalí, permitir ao linguista ou investigador desta área científica tomar novo posicionamento reflexivo hipotético-dedutivo-indutivo-teórico-linguístico para o ensino/aprendizagem da língua, tendo em conta a perspetiva diacrónica e sincrónica de cada língua em estudo, sabendo que toda e qualquer língua natural é dinâmica e não estática. Neste contexto linguístico, de acordo com Fonseca e Fonseca (1977, 39-40)⁸⁴, afirmam que *“o ensino da língua Portuguesa ou qualquer outra língua só pode ser desenvolvida a partir de uma reflexão sobre a própria noção de língua e pela análise da situação em que todo o indivíduo está envolvido; isso implica dois aspetos: 1) Entender o domínio da língua não apenas como um saber sobre ela, mas, primordialmente como domínio de um conjunto de habilidades de uso da língua em cada situação; 2) Aplicar princípios da linguística na metodologia do ensino de línguas.*

Os estudos atuais procuram descartar, sobremaneira, não só o aspeto sistemático e criativo da linguagem, mas também a adequação realizada em cada momento do ato linguístico. A tendência é a de superar reduções excessivas praticadas em momentos

⁸⁴ FONSECA, Fernanda e FONSECA, Joaquim (1977). Pragmática linguística e ensino de Português, Livraria Almedina, Coimbra.

precedentes na investigação e integrar aspetos complementares de correntes da justa avaliação das dimensões social e individual dos usos centrais determinantes.”

De acordo ainda com estes autores supracitados, podemos realçar que os aspetos fundamentais do ensino de língua *“compreende-se, desta forma, que o ensino da língua deve estar associado a uma ciência que é a Linguística. Contudo, repensar o ensino de língua como fundamento na linguística, não significa induzir diretamente, nas escolas de 1º e 2º grau, as formulações teóricas mais recentes; nem se trata de realizar um exercício meramente mecânico de passar as conclusões teóricas para a atividade pedagógica; é, isto sim, desenvolver uma pedagogia de Português ou qualquer outra língua natural a partir desta, deve-se assumir uma ou outra ou várias das teorias linguísticas. É um trabalho indireto e, por isso, interdisciplinar. Nesta conformidade, uma compreensão mais rica do fenómeno linguístico fornecida pelas formulações teóricas – será o suporte para a definição de novas diretrizes para o ensino. É por esta razão que aparece a linguística aplicada que tem por finalidade a compreensão das coordenadas e dos termos que configuram o ato verbal e do complexo de funções inseridas nesta área científica.”*

Parafraseando os mesmos linguistas, descrevemos que a linguística aplicada ao ensino de L1 e de L2, neste contexto, absorverá os aspetos centrais que decorrem do conhecimento científico desta natureza e funcionamento da linguagem e das línguas, da sua aquisição e domínio por parte de um falante, tendo em conta o papel que desempenham no seio das comunidades e, deste modo, suscitará uma elucidação e informação a didática, gramática, lexicologia, lexicografia, constituindo-se em instrumentos de configuração, de equacionamento e, também de resolução de problemas que atingem esta área de atividade.

É nesta perspetiva linguística, que o ensino das línguas deve obedecer a realidade linguística de cada língua, tendo em conta as suas variedades linguísticas diatópicas, por exemplo, a CPLP onde se verifica a variedade do português europeu (Portugal), americano (Brasil), variedades africanas (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo-Verde) e asiáticas (Macau, Timor Leste, Goa e Damão). Da mesma forma, em Cabinda, no seu sistema linguístico bantu, podemos fazer um estudo linguístico analógico, tendo em conta as variedades linguísticas do ibinda, como por exemplo, o ibinda dos bawoyo (iwoyo), dos bakoci (ikoci), dos bakwakongo (ikwakongo), dos balinji (ilinje), dos bayombe (iyombe), o

dos basundi (isundi) e dos bavili (ivili), respeitando a identidade específica de cada variante geolinguística nos seus aspetos morfológicos, sintáticos, fonológicos, fonéticos e semânticos.

De acordo com Lubato (1978:8)⁸⁵, *“o modelo linguístico aplicável ao ensino de língua deveria englobar, além dos elementos propriamente linguísticos, principalmente outros aspetos tais como o contexto linguístico dos falantes e as variações no uso da língua, pois, dominar uma língua significa dominar além das regras de boa formação de frases, os princípios e condições de utilização adequada dessas frases num dado contexto linguístico e numa dada situação de comunicação”*, tendo em conta a semântica dos vocábulos em cada frase e em cada contexto situacional.

Essa abordagem, segundo as nossas investigações científico-linguísticas e o nosso ponto de vista, tem merecido, recentemente, especial atenção dos lexicólogos, lexicógrafos, sociolinguistas e, nesse campo, os estudiosos têm dado maior destaque ao aspeto socio-semântico, das opções linguísticas que caracterizam a heterogeneidade do uso da língua entre uma determinada população. A língua mantém-se a mesma, mas com variedades diatópicas que a vai diferenciar nos seus aspetos sintático, morfológico, semântico, fonético, fonológico, suscitando, deste modo, as variedades linguísticas, criando, às vezes, vários acordos linguísticos desta língua, como por exemplo, na língua portuguesa, os acordos ortográficos, especificamente, o atual, o novo acordo ortográfico de 1990⁸⁶.

Para concluirmos este pensamento supracitado, vamos descrever algumas palavras de Lina (2010) como subsídios linguísticos a reter, *“as teorias desenvolvidas por vários linguistas sobre a linguística e ensino de língua, a adoção da linguística de Halliday parece relevante para reformulação do ensino da língua, tomando por base uma visão sociolinguística peculiar, amplia as conexões correntes da língua, passando a entendê-la como um sistema de opções comportamentais. Consequentemente, essa conceção, possibilitará uma nova metodologia, mais dinâmica para o ensino de língua, tendo em conta as realidades vigentes*

⁸⁵ LUBATO, Lúcia (1978). Teorias linguísticas e ensino do Português como língua materna. Rio de Janeiro.

⁸⁶ Laboriosamente preparado por delegações da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras e dos cinco países africanos – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe – e aprovado politicamente pelos ministros ou secretários de estado da cultura dos sete países, numa reunião efetuada em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990 (Casteleiro & Correia, 2009:3).

em cada sistema linguístico”, na sua perspetiva diatópica, diacrónica e sincrónica, como podemos ver e compreender no seguinte item, a aquisição e aprendizagem de L1 e de L2.

2.1.1. Aquisição e aprendizagem de L1 e L2

Nesta secção, vamos descrever e discutir alguns conceitos teóricos que são de capital importância no nosso estudo, nomeadamente, os conceitos de aquisição e aprendizagem de L1 e L2.

Em conformidade aos conceitos linguísticos de ensino de língua estudados, a L1 é a primeira língua aprendida na infância por qualquer falante que continua a ser utilizada por este, como sua língua materna. Por exemplo, no caso dos falantes-ouvintes de Cabinda, alguns têm a língua portuguesa e outros a língua ibinda como L1 (língua materna ou língua primeira). Por outro lado, a L2 (língua segunda ou língua estrangeira) é qualquer língua aprendida após a L1, também podemos ter como exemplo os mesmos falantes-ouvintes de Cabinda, tendo as duas línguas supracitadas como L1 ou L2, línguas da comunidade linguística de Cabinda .

De acordo com o quadro dos estudos feitos em aquisição e aprendizagem de L1 e de L2, na especialidade de Linguística e Ensino de língua⁸⁷, podemos definir os termos *aquisição* e *aprendizagem* no seu contexto linguístico e de ensino de língua: a) na aquisição da língua, o conhecimento linguístico desenvolve-se naturalmente, segundo um percurso pré-determinado, através da exposição a dados linguísticos - conhecimento linguístico implícito; b) na aprendizagem da língua, o conhecimento linguístico desenvolve-se conscientemente, através do estudo formal e explícito da forma e regras da língua – este processo é determinado pelas condições de aprendizagem como conhecimento linguístico e metalinguístico explícito.

Quanto ao aspeto formal/informal, o termo *aquisição da L2* foi empregue por Maclaughlin (1978) apud Figueiredo (1995) para se referir ao processo de se desenvolver conhecimento de uma nova língua num ambiente natural, sem instrução formal, ou seja, o indivíduo, geralmente, está inserido na comunidade da língua-alvo ou tem a oportunidade de interagir com falantes nativos desta língua. Por seu lado, o termo *aprendizagem de L2* implica

⁸⁷ ANA, Madeira, Coordenadora do Doutoramento da área de Especialidade de Linguística e Ensino de Língua na FCSH/UNL, (2013). Seminário de especialidade, tema: Perspetivas teóricas sobre aquisição e aprendizagem da linguagem.

uma situação de aprendizagem formal, com aprendizagem de regras, correção de erros, etc., num ambiente artificial (a sala de aula), no qual um aspeto da gramática é apresentado de cada vez.

Por sua vez, Krashen (1981) usa o aspeto “consciência/inconsciência” para distinguir estes termos. Para ele, *“a aquisição da L2 é um processo semelhante à aquisição da L1. Ela requer uma comunicação natural, pois os falantes não estão preocupados com a forma da estrutura frásica, mas sim, com as mensagens que eles exprimem e entendem.”* Por outro lado, a aprendizagem da L2 requer um conhecimento consciente das regras da nova língua, e ela é muito ajudada pela correção de erros, que auxilia o aprendente a desenvolver uma representação mental correta das generalizações linguísticas.

A aquisição da L2 tem sido uma questão científica que tem merecido muitas investigações por muitos pesquisadores. Muitos deles têm questionado se a aquisição da L2 é um processo semelhante à da L1, tendo-se, neste caso, levantado várias controvérsias, razão pela qual existem muitas teorias sobre este processo linguístico.

Alguns fatores como a idade, as diferenças entre as línguas, a interferência de uma língua na outra e a ordem de aquisição dos morfemas foram sempre os pontos mais pesquisados e badalados na identificação de semelhanças e diferenças linguísticas entre os dois processos. Estes fatores mostram semelhanças e diferenças entre os processos de aquisição de L1 e de L2. O fator *idade* segundo Anderson (1969) e Echeverria (1974), proponentes da hipótese do período crítico, determina que os indivíduos mais jovens têm melhores hipóteses de ser bem-sucedidos na aquisição de L2. Por seu lado, Bley-Vroman (1989:41) argumenta que *“a aquisição de L2 nos adultos é qualitativamente diferente da aquisição de L1, pois o indivíduo é biologicamente programado para adquirir uma língua antes da puberdade”*. De acordo com este ponto de vista, os adolescentes e adultos já não são capazes de recorrer às capacidades inatas de aquisição de língua que funcionam tão bem nas crianças. Por outro lado, Cooper (1970) & Corder (1967) afirmam que *“a aquisição de L1 na infância e a aquisição de L2 na idade adulta envolvem processos semelhantes.”*

A fundamentação teórica da Gramática Generativa (GG) de Chomsky (1980) referente a esta realidade linguística, segundo Martelotta & al. (2012:135), definem a Gramática Universal (GU) como *“o conjunto de propriedades gramaticais comuns e compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas, são previsíveis segundo o leque*

de opções disponíveis na própria GU. A faculdade da linguagem é um dispositivo inato, presente em todos os seres humanos como herança biológica, que fornece um algoritmo ou um sistema generativo. Estes princípios linguísticos são restritos por parâmetros que governam um conjunto de propriedades de uma língua” inatas no cérebro de todo o ser humano, possibilitando aquisição e aprendizagem da L1 ou L2 na formação da língua interna.

Nesta perspectiva generativa, podemos referenciar ainda a realidade do conhecimento da linguagem interna do falante adulto, tendo em conta a estrutura gramatical interiorizada ao longo da aquisição (conhecimento implícito e gramática implícita) ou da aprendizagem (conhecimento explícito e gramática explícito) de uma língua. Este conhecimento interno do falante engloba a sintaxe, morfologia, fonologia, fonética, semântica, léxico individual (LI), e permite-lhe codificar frases em cada contexto situacional na comunicação unilateral ou bilateral. Este conhecimento da linguagem interna do falante adulto tem uma relação estreita com a estrutura gramatical da língua falada naquela comunidade linguística, tendo em conta a variação (diatópica, diastrática, diafásica ou o nível de língua que este falante utiliza para a sua comunicação). De acordo com Martelotta & al. (2012:133), *“esse conhecimento linguístico inconsciente (língua interna) que o falante possui sobre a L1 ou a L2 e que lhe permite essas intuições é denominado pela competência linguística - o conhecimento interno e tácito das regras que governam a formação das frases da língua. Esse uso concreto da língua denomina-se desempenho linguístico (também conhecido por performance).”*

É nesta perspectiva que a língua interna (caráter interno da linguagem humana) do falante adulto é o conhecimento gramatical e lexical adquirido por este ao longo da aquisição e da aprendizagem de uma língua, correspondendo a todas as diferentes etapas do seu desenvolvimento linguístico, desde os protótipos gramaticais (GU) inato no cérebro (faculdade de linguagem) até à sua maturidade linguística, tendo em conta ao léxico individual (passivo e ativo) de um falante-ouvinte e ao léxico geral de um sistema linguístico, constituindo, deste modo, o caráter interno da linguagem humana que está numa relação recíproca com a forma externa da mesma (o aparelho fonador, os cinco sentidos, o canal e a

língua externa da comunidade linguística); desta forma, para melhor esclarecimento, podemos nos apoiar nas palavras de Duarte (2000: 221-222), cf. na rodapé⁸⁸.

2.1.2. O ensino/aprendizagem do conhecimento gramatical e a competência de leitura e escrita na língua portuguesa e iwoyo

O estudo deste item tem por objetivo fundamental clarificar e dar um contributo eficiente em certos aspetos gramaticais no desenvolvimento das competências de leitura e de escrita, fundamentando-se no ensino e aprendizagem da língua materna ou primeira (L1) e da língua estrangeira ou segunda (L2), tendo em conta a linguagem humana no seu carácter interno e na sua forma externa.

Em primeiro lugar, devemos ter uma compreensão clarividente como linguistas ou professores, tendo em conta o papel que a gramática tem no desenvolvimento da competência de leitura e de escrita. Nesta ótica, deve-se ter em conta o conhecimento explícito (gramática explícita) que se fundamenta na realidade linguística e ensino de língua, sendo este o nosso campo de investigação.

Segundo Duarte (2008:9-10), afirma que *«especialistas e responsáveis pelas políticas educativas de vários países têm dado diferentes respostas no que diz respeito a este tema, chegando a vários resultados de investigação e avaliação de desempenho na leitura e na escrita, apontando nas seguintes direções como objetivos fundamentais: 1) para se atingir um nível elevado de desempenho na competência de escrita é necessário um reconhecimento da língua extenso e profundo que, em grande medida, tem de ser explícito; 2) para se atingir um nível elevado de desempenho na competência de leitura é necessário saber interpretar as pistas estruturais contidas num texto. Uma grande parte delas envolve um conhecimento da língua extenso e profundo que, em grande medida, tem de ser explícito; 3) parte substancial das aprendizagens escolares faz-se através da leitura e uma parte muito significativa da avaliação exige textos escritos; sendo o conhecimento explícito um fator de sucesso na aprendizagem da leitura e da escrita, ele favorece, indiretamente, o sucesso escolar; 4) a*

⁸⁸ Duarte, Inês (2000), op. cit., p. 221-222: para que haja produção da fala, é preciso que um comando cerebral inicial seja dado, no sentido da articulação final do som: a) no cérebro, existe informação linguística a ser fornecida por um pólo emissor; b) essa informação entra no sistema nervoso central e é transmitida pelo sistema nervoso periférico aos músculos e órgãos que são ativados no momento da produção de um som da fala (conjunto de músculos e órgãos envolvidos na produção da fala é designado por aparelho de produção de fala ou aparelho fonador); c) recebida a informação, os órgãos e músculos designados para a tarefa de produção da fala entram em ação e produzem o som ou os sons a que corresponde a informação linguística inicialmente contida no cérebro, concretizada no ato de fala (código oral ou escrito).

escola tem o papel decisivo nas seguintes vertentes: (a) no alargamento do conhecimento da língua de cada criança; (b) na aprendizagem da leitura e da escrita; e (c) no desenvolvimento da sua consciência linguística até estádios superiores de conhecimento explícito.»

É nesta perspetiva linguística, que no ensino e aprendizagem da língua se deve ter maior consideração e cautela nestes aspetos focados pela Professora Doutora Inês Duarte, porque continuam a ser a alavanca fundamental no desenvolvimento da consciência linguística dos alunos de todos os níveis de ensino (primário, secundário e superior).

A partir disto, já se pode avaliar basicamente o que podemos fazer para encontrarmos soluções mais benéficas, como professores ou investigadores nesta área de conhecimento.

Para que possamos falar da gramática e da sua importância no desenvolvimento da competência de leitura e escrita, devemos primeiramente defini-la, sabendo claramente as suas alíneas mestres no desenvolvimento do conhecimento linguístico explícito e da consciência linguística de uma língua. Assim, parafraseando Duarte (2008), o termo gramática tem uma aceção alargada, designando tanto o estado do conhecimento intuitivo da língua que têm os falantes de uma dada comunidade como princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse conhecimento. É nesta conformidade, que a gramática é a exaltação e a concretização do conhecimento explícito, isto é, que designa o conhecimento reflexivo e sistemático do sistema intuitivo que os falantes conhecem e usam, bem como o conhecimento dos princípios e das regras que regulam o uso oral e escrito de um sistema linguístico. No ponto de vista da linguística, este estado de conhecimento caracteriza-se pela capacidade de identificar e nomear as unidades da língua (por exemplo, fonemas, sílabas, morfemas, palavras, grupos sintáticos, frases, etc.) de caracterizar as suas propriedades, as suas regras de combinação e os processos que atuam sobre estruturas formadas; caracteriza-se igualmente pela capacidade de seleção das unidades e estruturas mais adequadas à expressão de determinados significados e à concretização de determinados objetivos em situações concretas de uso oral e escrita da língua.

Hoje, em tudo que se pode fazer no sistema do ensino de um país para o ensino/aprendizagem da língua nas escolas ou nas universidades, o mais importante é ter em conta, que os problemas da gramática encontram, principalmente, explicação na formação inicial dos professores no ensino de L1 ou de L2, sem isto, não poderemos falar de um ensino de qualidade de língua e do conhecimento gramatical no desenvolvimento da competência de leitura e de escrita. Se a língua for ensinada por professores adaptados sem qualquer

formação didática, pedagógica e metodológica de ensino de L1 ou de L2, como acontece em Cabinda onde podemos verificar e encontrar em várias escolas não universitárias (1º e 2º ciclo do ensino secundário) e no ensino universitário este tipo de professores que ensinam a L1 ou a L2 nestas instituições escolares ou universitárias.

Com base desta investigação e conhecimento, podemos fazer uma análise crítica a realidade do ensino da língua portuguesa em Angola, especificamente, na província de Cabinda, como já fizemos referência amiúde, em certos aspetos linguísticos, tendo em conta o ensino da gramática e o desenvolvimento da competência de leitura e de escrita, que é um desastre. Hoje, podemos ver muitos alunos, em Angola, que terminam o ensino médio ou superior, com muitas lacunas na leitura e escrita, sem conhecerem a realidade linguística do conhecimento explícito da gramática no que dedilha a fonologia, fonética, sintaxe, morfologia, semântica e pragmática. Isto acontece por não haver uma formação didático-pedagógica a certos professores que lecionam a língua portuguesa no ensino primário e secundário como também no ensino superior, sendo estes professores adaptados ao ensino da língua portuguesa. Alguns professores que lecionam a disciplina de língua portuguesa nestes níveis de ensino não têm a formação linguística e ensino da língua portuguesa, razão pela qual, muitos alunos estão mutilados no primeiro e segundo ciclos e no ensino superior; desta forma, não podemos esperar que estes alunos tenham uma grande competência de leitura e de escrita.

De acordo com Costa A. (2010), em conformidade com a realidade linguística e científica deste item, afirma *que a disponibilidade de dados sobre o conhecimento linguístico, requerido em situação de escrita pode-se distinguir dos objetivos de investigação que, em alguns momentos, em fases de desenvolvimento linguístico que acompanham as idades de escolarização, nem sempre se pode destringir, tendo em consideração os seguintes objetivos:*

1. Consiste na caracterização do conhecimento linguístico necessário para o desenvolvimento da aprendizagem formal da escrita. Relativamente a este objetivo, por «conhecimento linguístico» entende-se o conhecimento que decorre do processo natural de aquisição da língua e que, embora possa ser entendida como uma progressiva consciência sobre a língua, que é manifestação de evolução em diferentes módulos do conhecimento linguístico;

2. O objetivo de investigação decorre da pretensão de se determinar até que ponto o «conhecimento explícito da língua pode estimular o desenvolvimento da competência de escrita.

Neste caso, por **conhecimento explícito**, segundo Costa A. (2010), entende-se o conhecimento refletido, explícito e sistematizado das unidades, regras e processos gramaticais, o que implica o desenvolvimento de processos metacognitivos, quase sempre decorrentes da instituição formal.

Neste contexto linguístico, formulamos a seguinte questão: como ficariam as línguas africanas nos países lusófonos em que estas não tiveram qualquer desenvolvimento linguístico diacrónico e sincrónico gramatical do conhecimento explícito no desenvolvimento da competência de leitura e de escrita, sabendo que estas línguas não são ensinadas nas escolas? Deixamos esta questão em aberta para que seja estudada, analisada e respondida pelos linguistas e investigadores das línguas bantu-africanas em Angola e noutros países dos PALOP.

Se o conhecimento sobre a língua a desenvolver na escola, for entendida como uma competência linguística precoce e culmina num estágio de mestria mais complexo, que implica a capacidade de recorrer a metalinguagem e a estratégias metacognitivas para controlar usos de língua, então os dois objetivos de investigação de Costa supracitados sobre a gramática são relevantes para o desenvolvimento do código oral e escrito no desenvolvimento da competência de leitura e escrita. Estas são bem-vindas na área de interseção de qualquer língua natural, principalmente, no estudo contrastivo do português e das línguas bantu-africanas em Angola, especificamente, o ibinda, na variedade diatópica em estudo e análise, o iwoyo.

Nesta análise linguística, fundamentando-nos na gramática e no conhecimento explícito, deve-se ter em conta a consciência linguística que é um estágio intermédio entre o conhecimento intuitivo da língua e o conhecimento explícito, que é caracterizado por alguma capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização.

Ensinar gramática, principalmente no 1º ciclo, visa desenvolver a consciência linguística das crianças ao longo do seu percurso escolar a qual evoluirá para o estágio de conhecimento explícito; neste caso, deve ser um professor formado nesta área linguística de ensino de língua.

É neste contexto, que o professor da língua materna tem de proporcionar atividades linguísticas às crianças para prosseguir este objetivo tão nobre. Estas atividades que o professor proporcionar podem ser de vários tipos, abrangendo as várias áreas de índole gramatical, principalmente, aquelas da fonética, fonologia, morfologia e sintaxe. E, neste modo, que estas atividades devem ser de natureza classificatória e de formulação de regras, envolvendo o recurso de uma aprendizagem a termos gramaticais. Os termos gramaticais ou nomenclatura gramatical são instrumentos que permitem que toda a classe ou turma saiba exatamente de que unidade, propriedade ou regra que se está a falar quando se usa esse termo ou aquele da gramática, tendo em conta a nomenclatura em uso na gramática diacrónica segundo o dicionário terminológico atualizado de uma língua em estudo; por conseguinte, as nossas línguas naturais angolanas, especificamente, o ibinda, ainda não têm nomenclaturas gramaticais destes idiomas; deste modo, nas nossas investigações, recorreremos, ainda hoje, na nomenclatura hodierna gramatical da língua portuguesa.

Em Angola, esta realidade da nomenclatura da Gramática hodierna no ensino da língua portuguesa não existe por desconhecimento científico e linguístico desta matéria, tendo em conta que a sincronia e a diacronia da língua é totalmente desconhecida nalguns professores que se fazem ser professores de ensino/aprendizagem da língua Portuguesa.

Segundo a perspetiva de ensino da língua, Costa A. (2010), afirma ainda que este tipo *«language awareness» defendem a importância de tornar conscientes os processos, as estratégias e as estruturas envolvidas nas situações de interação oral, de escrita, de leitura, de modo a que os sujeitos possam monitorizar e controlar, de forma intencional, os seus discursos e agir socialmente, modo consciente, através deles. Hudson (1992:10) apud Costa (2010), afirma, «most of the data needed a grammar lesson are already in the children's head, so the teacher's role is mainly to guide them in exploring the patterns in the data and in gradually expanding the linguistic horizons».*⁸⁹

Nesta análise, chegamos a uma conclusão que nos pareça perfeita, para que haja um progresso no ensino/aprendizagem do conhecimento gramatical para o desenvolvimento da competência de leitura e de escrita, devemos ter em conta que o elemento fundamental é o professor. Se este não tiver nenhuma formação académica em linguística e ensino de língua,

⁸⁹ Segundo a nossa tradução: a maior parte dos dados necessários para a aula de gramática já estão nas cabeças das crianças, por isso o papel do professor é, principalmente, para orientá-las em explorar os padrões nos dados e, gradualmente, expandindo os seus horizontes linguísticos.

nas áreas do ensino explícito da gramática e no desenvolvimento da competência de escrita e de leitura e do conhecimento linguístico, é inútil falarmos do conhecimento gramatical no desenvolvimento de leitura e de escrita.

De acordo com Costa. A. (2010), parafraseando, linguisticamente, as suas palavras, num trabalho de ensino da língua como explicitação do conhecimento linguístico importa, como já se fez várias referências ou se sublinhou, distinguir, no conhecimento da língua materna, o que decorre do processo natural de aquisição da língua e o que requer o estímulo e a aprendizagem formal. É, além do mais, fundamental a identificação das áreas do conhecimento linguístico cujo conhecimento explícito não pode ser construído da explicitação de conhecimento intuitivo, porque este não existe. Por exemplo, segundo as investigações feitas e os seminários de doutoramento em linguística, aprendemos que não existe conhecimento implícito e intuitivo sobre aspetos convencionais da língua, como a pontuação ou regras ortográficas e, em geral, as diferenças entre a gramática oral e a gramática escrita. *“Outros aspetos do conhecimento da língua, como a adequação de registos ao contexto situacional e algumas regras pragmáticas das interações comunicativas, têm de ser formalmente ensinadas. Finalmente, o conhecimento lexical beneficia da exposição a contextos de aprendizagens propícios ao alargamento do vocabulário”*, Gisson (1993) apud Costa (2010). Deste modo, os fatores fundamentais que harmonizam o desenvolvimento da competência de leitura e de escrita no ensino do conhecimento gramatical, segundo as nossas investigações linguísticas, são: o desenvolvimento da consciência fonológica, fonética, morfológica, lexical, sintática, textual e discursivo.

Para nós, lusófonos e ibíndistas, sabendo que a disciplina de língua portuguesa e do ibíndia tem uma capital importância no ensino e aprendizagem bilingue, por exemplo, no do português e do ibíndia, apoiamo-nos nesta asserção com as palavras de Ferreira (2010), que o ensino da língua L1 *“é um instrumento de comunicação, mas também de reflexão, de raciocínio e concentração, deve desenvolver nos alunos a capacidade de uso correto da palavra oral e escrita, e ser veículo de informação, interpretação, confrontação, argumentação. Deve ainda ser veículo de cultura e aproximação ao património literário, sua realização superior (Projeto Curricular da ESPJAL, 2007)”*.

É nesta perspetiva, que os fatores fundamentais para o desenvolvimento da competência de leitura e de escrita no ensino do conhecimento gramatical de uma língua natural estão na base de todo o desenvolvimento da competência linguística em todos os

níveis do ensino de qualquer língua materna, por isso, merecem uma profunda atenção no ensino-aprendizagem da língua; de acordo a descrição da linguista Duarte (2008:21-55), eis aqui os cinco fatores fundamentais para o desenvolvimento da competência de leitura e escrita: [1- o desenvolvimento da Consciência Fonológica; 2- o desenvolvimento da Consciência Morfológica; 3- o desenvolvimento da Consciência Lexical; 4- o desenvolvimento da Consciência Sintática; 5- o desenvolvimento da Consciência Textual]⁹⁰, cf. no rodapé.

⁹⁰ DUARTE, Inês (2008). O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística, Editora Ministério da Educação, Direção -Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, Lisboa/Portugal. Os cinco fatores fundamentais: **1) O Desenvolvimento da Consciência Fonológica:** muitos estudos mostraram existir uma relação preditiva forte entre o nível de consciência fonológica da criança e o seu progresso e sucesso de aprendizagem da leitura. Do mesmo modo, em línguas com ortografias como a língua portuguesa, a consciência segmental é um fator de sucesso na aprendizagem da literacia ortográfica. Dado o papel de relevo da consciência fonológica como pré-condição de sucesso na aprendizagem da leitura e da escrita, é-lhe consagrada uma brochura (conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica). As atividades de desenvolvimento desta consciência a seguir exemplificadas assumem que, no final do 1º ciclo, as crianças devem ter trabalhado e aprendido os seguintes conteúdos gramaticais: **a)** a classificação dos sons distintivos da língua entre vogais, consoantes e semivogais e a distinção entre orais e nasais; **b)** a identificação de ditongos orais e nasais; **c)** no que respeita à sílaba, a distinção entre sílabas tónicas e átonas; **c)** no que respeita o acento, a classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica; **d)** o que respeita à representação (orto)gráfica das unidades linguísticas, o alfabeto, os tipos de letras, as correspondentes entre som e letra (s) consagradas na ortografia, os acentos gráficos, os diacríticos: cedilha, til e hífen; os sinais de pontuação; a configuração gráfica característica do parágrafo; as regras ortográficas, incluindo as regras de acentuação gráfica, as regras de translineação; **2) O Desenvolvimento da Consciência Morfológica:** Nas etapas posteriores do desenvolvimento da competência de leitura, em que o foco se coloca na compreensão do que se lê, a consciência morfológica desempenha um papel de relevo. Com efeito, estudos recentes mostraram que ela desempenha um papel determinante no sucesso da leitura em ciclos de escolaridade mais avançadas, o que é fácil compreender se pensarmos que os processos morfológicos flexionais e de formação de palavras têm como efeito tornar mais transparente as (formas de) palavras que lemos, por permitirem reconhecer nelas unidades menores com significado gramatical ou lexical. No ensino e aprendizagem do desenvolvimento da consciência morfológica, no final do 1º ciclo, as crianças devem ter trabalhado e aprendido os seguintes conteúdos gramaticais: **a)** a distinção entre palavras variáveis e invariáveis; a flexão nominal em número e género e os respetivos paradigmas flexionais regulares; a flexão em pessoa dos pronomes pessoais; a flexão verbal em número e pessoa, tempo-modo-aspeto e os respetivos paradigmas flexionais regulares de 1ª, 2ª e 3ª conjugação; **b)** a distinção entre palavras simples e complexas e a distinção entre radical e afixos; os prefixos e sufixos derivacionais mais produtivos; **3) O Desenvolvimento da Consciência Lexical:** Este é um fator que desempenha um papel importante na aprendizagem da leitura e no desenvolvimento da competência de escrita e é o capital lexical da criança; **4) O Desenvolvimento da Consciência Sintática:** No que se refere à consciência sintática, é de há muito reconhecido o seu papel no desenvolvimento da leitura e da escrita. Sabe-se, por exemplo, que vários aspetos estruturais de um texto funcionam com pistas para a sua compreensão. Assim, as pistas estruturais, em que se inclinam ordem de palavras e conectores que ligam frases, períodos e parágrafos, melhoram a identificação das ideias principais e a sua retenção em memórias: exemplificando, recorda-se melhor uma ideia principal se ela for expressa na primeira frase de um parágrafo do que nas restantes; **5) O Desenvolvimento da Consciência Textual:** No que respeito à consciência textual, a investigação mostrou que os leitores usam o conhecimento estrutural que têm ao procurar um texto. Assim, por exemplo, o paralelismo entre a estrutura superficial do texto e a estrutura conceptual da informação facilita a compreensão, quando a ordem cronológica dos acontecimentos é a mesma da sua descrição no texto, a compreensão é facilitada. Este fator permite o desenvolvimento da competência de escrita e leitura; **6) O Desenvolvimento da Consciência discursiva:** Este fator do desenvolvimento da consciência propõe que no final do 1º ciclo, as crianças devem ter trabalhado os seguintes conteúdos: **a)** formas de tratamento; **b)** tipos de atos

À guise de conclusão deste item, queríamos fazer uma certa contribuição, tendo em conta a importância que o conhecimento gramatical tem no desenvolvimento da competência de leitura e de escrita. Toda a língua materna ou estrangeira para que seja ensinada nas escolas, é necessário que haja professores qualificados e competentes (na didática e metodologia de ensino da língua) na matéria da Linguística e ensino de língua, se queremos que tenhamos alunos do ensino primário, secundário e superior bem formados na disciplina de português ou noutra língua materna. Esta situação de não ter professores qualificados do ensino da língua oficial (portuguesa) ou língua nacional, o ibinda ou outras, é verificado aqui em Angola, principalmente, na província de Cabinda, onde não existiu nenhuma escola secundária de formação de professores de língua portuguesa antes de 2014, mas se existe hoje, não há especialistas (formadores) formados nesta área linguística ou em linguística que administram este curso (ensino), a grande lastima e desolação científica, são os professores adaptados sem qualquer formação linguística e ensino de língua, para não falar do ensino superior que só começou em 2013 com várias lacunas na formação dos licenciados do ensino de língua portuguesa no ISCED-Cabinda.

Ensinar o conhecimento gramatical de uma língua, mormente, no 1º e 2º ciclo, visa desenvolver a consciência linguística do aluno ao longo do seu percurso escolar, evoluindo, deste modo, o estágio de conhecimento explícito. Este conhecimento permite ao aluno ter uma competência de leitura e de escrita na vida académica, social e profissional. É, só assim, que os alunos bem formados, nesta vertente científica, poderão assumir qualquer responsabilidade relacionada na área linguística no que dedilha ao código oral e escrito.

Segundo o nosso ponto de vista, tendo em conta as investigações feitas e as formações académicas tidas do mestrado e de doutoramento no Curso de Linguística e na especialidade de Linguística e Ensino de Língua, chegamos a conclusão, que para que haja desenvolvimento da competência de leitura e escrita, a peça fundamental é o professor. Este deve ser bem formado segundo as regras de uma formação superior de linguística relacionada ao ensino da língua materna ou língua de ensino/aprendizagem do país. É só, deste modo, que poderemos esperar resultados positivos e satisfatórios aos alunos do ensino primário, 1º e 2º ciclo do ensino secundário (não universitário) e do ensino superior.

illocutórios e formas da sua realização linguística; **c)** formas gráficas de representação do discurso próprio e do discurso de outrem; **d)** formas de cortesias de atenuar a força illocutória.

É nesta perspetiva que recalamos, nesta vertente científica, que devemos ter em conta que não se pode ensinar a gramática sem que haja frases de um texto literário ou não literário para que se situe o aluno a compreender como foram empregues os princípios e parâmetros gramaticais em cada contexto textual frásico, tendo em conta a codificação e a descrição das frases do texto de qualquer língua natural. Nesta conformidade, estamos convencidos, que o estudo deste tema, deu-nos uma nova perspetiva linguística na compreensão do uso da gramática e a importância da leitura e da escrita de uma língua.

2.1.3. As metodologias mais importantes para o ensino da gramática

O objetivo da descrição desta subsecção é de fazer um estudo, uma análise e uma síntese crítica das metodologias mais importantes para o ensino da gramática e dar um contributo linguístico do ensino/aprendizagem da língua. Antes de tudo, devemos ter em conta, que as teorias de ensino de língua devem ser subsídios para a prática docente ou na investigação dos estudos linguísticos, refletindo, deste modo, o ensino da língua, da gramática da L1 ou da L2, de maneira a reafirmar o papel do ensino das línguas como suporte para a compreensão e interpretação de textos orais e escritos, isto é, literários e não literários, tendo em conta ao léxico ativo e passivo de cada língua nativa. Consequentemente, deve-se compreender também que a leitura crítica deve apoiar-se nos aspetos sociolinguísticos, psicolinguísticos numa perspetiva diacrónica e sincrónica. Pretendemos, ainda, avaliar alguns aspetos relevantes sobre a matéria da didática e pedagógica de ensino da L1 e da L2, na tentativa de proporcionarmos orientações para o aprimoramento do processo do ensino-aprendizagem da língua, de forma que estas metodologias estejam em consonância com as reais necessidades dos alunos, visando, principalmente, à superação do ensino focado somente nos aspetos gramaticais como um fim em si mesmos.

Uma das dificuldades e preocupações que reputámos importantes quanto ao ensino da L2 que ainda está relacionada em vários níveis de aprendizagens ao ensino da gramática, aquele que está, geralmente, associado à memorização de regras com o intuito de aplicá-las em exercícios, tendo assim, o único objetivo para praticar estruturas linguísticas. Devido a isso, questiona-se muito a utilidade do conhecimento da gramática, tendo em conta ao conhecimento implícito e explícito na aquisição e aprendizagem da L1 ou da L2. De acordo com Paiva e Figueiredo (2005), há também uma indagação se a gramática que se ensina, se

deve ser investigada como ela é e ensinada na L1 e na L2 e a sua contribuição para que os alunos aprendam a língua de forma significativa, isto é, algo que tenha a ver com o universo dos alunos, esperando que estes possam ter uma competência linguística e comunicativa; deste modo, produzindo a língua como conhecimento explícito, em vez de somente reproduzi-la sem que se tenha conta este requisito linguístico, mas o mais pertinente é usar a língua de forma contextualizada, tendo em conta as regras gramaticais desta.

O mais essencial e preocupante para nós, é ter uma forma didático-pedagógica mais eficaz no ensino da gramática da L1 ou da L2, utilizar uma metodologia que está em conformidade com a realidade dos alunos no seu contexto social e linguístico, tendo em conta a realidade do seu conhecimento implícito e explícito da sua língua materna.

No entanto, o ensino da gramática pode e deve ser muito significativo do que a memorização e o uso de regras descontextualizadas. Basta que se privilegie um ensino de qualidade que tenha conexão com a produção de sentido e que a língua não fique somente no nível da forma. Daí a importância de entendermos que o ensino da língua não é linear no seu desenvolvimento, pois este não é apenas acrescentar regra após regra, mas proporcionar aos alunos a compreensão que significa estar voltada ao sentido semântico e pragmático e não na forma da mensagem, sendo possível com auxílio do contexto ou informações extralinguísticas de um professor formado nesta área linguística.

Nesta conjuntura, achamos pertinente para o ensino da gramática de L1 ou de L2, nesta lógica linguística, leva-nos a questionar qual é a metodologia ou método mais eficiente para que se ensine e o que se deve ensinar para que haja uma aprendizagem muito eficaz e que proporcione uma metodologia, didática e pedagogia certa linguisticamente relacionada ao ensino de língua e que permite obter um conhecimento explícito, possibilitando o aluno a ter um nível positivo no código oral e escrito? Poderemos também indagar se isso poderia resultar numa qualidade de ensino e como se ensina, ou seja, quais são as estratégias adotar para não reduzir o texto a um pretexto para ensinar os conteúdos estruturais gramaticais?

Baseando-se nestas questões, propomos uma síntese de uma reflexão crítica e avaliativa sobre a eficácia de matérias didáticas, por meio de uma análise de propostas, atividades e técnicas usadas na série de metodologias, ressaltando a noção do ensino de língua, os critérios aceites e as habilidades trabalhadas nesses materiais, segundo as investigações feitas.

Desse modo, para esta síntese crítica das metodologias para o ensino da gramática, achamos conveniente a necessidade de retomarmos aqui de maneira breve os principais métodos e

teorias que marcaram o ensino-aprendizagem da L2 e porque não da L1 no século passado e, hoje, como orientações do ensino de língua. Neste contexto, é pertinente para que todos nós (linguistas ou professores ou investigadores) comecemos a refletir sobre os processos envolvidos, possibilitando-nos construir a nossa própria visão mais informada pela prática diária daquilo que estamos a investigar e aprender em cada dia, uma vez que venhamos a constatar as vantagens e desvantagens que nos possibilitem questionar se há clareza ou não das abordagens teóricas aprendidas ou investigadas, permitindo-nos, deste modo, tomar nova posição linguística, metodológica, didática e pedagógica para o ensino da gramática.

Contudo, como estudantes e investigadores de doutoramento do Curso de Linguística asseveramos que aprendemos muita coisa em cada seminário de doutoramento e em cada investigação; temos, neste momento, novas perspetivas e pressupostos de estudo e análise da realidade da linguística, tendo em conta os princípios e parâmetros gramaticais do ensino de língua, pois que aprendemos todos os dias.

O ensino de L2, em algumas escolas, ainda hoje, é feito através da apresentação, memorização e análise de regras gramaticais e prática de exercícios de fixação e tradução, pois que se acredite que seja assim que se aprenda uma língua estrangeira; esta é uma das realidades constatadas numa das escolas de ensino da língua inglesa em Cabinda e, também são formas metodológicas de alguns métodos do ensino da língua estrangeira. Devemos ter em conta, que não se aprende a língua, mas sim sobre a língua. Porém, na realidade, a situação é que os alunos estudam a gramática sem saber a razão pela qual estudam a gramática e sem aprendê-la de facto, ou seja, em situações reais de uso. Segundo Neder (1992:56), afirma que, *“a gramática é dada para se cumprir um programa previamente estabelecido sem se levar em conta as dificuldades ou não dos alunos no uso que fazem efetivamente da linguagem, nessa ou naquela ocasião, num processo de interação verbal”*.

Nesta conformidade, o ensino da gramática em língua estrangeira tem sido um problema constante para muitos professores, que se angustiam ao fazer uma proposta de ensino da gramática que seja pertinente para a vida dos alunos. Isso reflete, nos professores, uma ansiedade de inovar, que sem um conhecimento substancial das teorias linguísticas, acabam adotando teorias e métodos antigos apenas com a aparência de novos, gerando assim, instrumentos de trabalho que são prejudiciais para a didática e a pedagogia do ensino de língua.

Para que possamos entender o fundamento básico das metodologias do ensino da gramática, primeiro devemos ter uma compreensão lógica da Linguística e Ensino de Língua e, em seguida, compreender como se estrutura o trabalho do ensino da gramática com a língua em termos de ensino. Nesta perspectiva, ele é fundamental e podemos defini-lo em três tipos de concepções de linguagem que aqui vamos apresentar segundo as investigações feitas:

1. Linguagem como representação do pensamento: esta concepção é mais antiga e foi contestada pela sua forma simplista de ser o sujeito como ser psicológico, individual, social e interativo, porém detentor do poder de suas palavras e ações. Supõe-se que as regras existentes devem ser seguidas para a organização lógica do pensamento e, a partir daí, a linguagem, constituindo-se nas normas gramaticais do falar e escrever bem. As características dessa concepção estão relacionadas aos estudos linguísticos tradicionais, isto é, a gramática normativa ou tradicional;
2. Linguagem como instrumento de comunicação: como a língua é um código, este deve ser dominado pelos falantes para que a comunicação aconteça. O estudo da língua é isolado de sua utilização, separando a língua do homem no seu contexto social. Esta concepção baseia-se nos estudos linguísticos do estruturalismo (a partir de Saussure) e do transformacionalismo (a partir de Chomsky);
3. Linguagem como forma de interação: A noção da língua é dialogada: o indivíduo, ao usá-la, não só traduz e exterioriza um pensamento ou transmite informações a outro, mas realiza ações, age e atua sobre o interlocutor. Essa concepção é representada pela Linguística de Enunciação. Uma vez que o nosso objeto de estudo, neste item, é a análise e a crítica das metodologias para o ensino da gramática, tendo em conta a necessidade de refletirmos sobre o conceito da gramática de acordo a cada concepção, que, a seguir, vamos mencionar: a) **Gramática Universal** (GU): com a evolução da linguística generativa no início dos anos 1980, a ideia da competência linguística como sistema de regras específicas cedeu lugar à hipótese da Gramática Universal, (cf. Martelotta, Mário E. & al., 2012 p. 135)⁹¹; b) **Gramática normativa**: como afirma Franchi (1991:48), para essa concepção, a *“gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrada pelos bons escritores”*. Nessa concepção, a língua é só a variedade

⁹¹ Op. cit.

dita padrão ou culta e, então, a gramática se preocupa apenas com esta variedade, fazendo uma descrição da mesma e, considerando erro ou desvio todas as formas de uso da língua; c) **Gramática descritiva**: é o conjunto de regras que o cientista linguista encontra nos dados que analisa á luz de determinada teoria e método, segundo Necer (1992:42). A gramática faz uma descrição da estrutura, funcionamento, da forma e função da língua. Aqui o cientista linguista pode fazer gramáticas de todas as variedades da língua; d) **Gramática internalizada**: é o conjunto de regras que o falante realmente aprendeu e das quais lança a mão ao falar. Deste modo, não existem livros dessa gramática, pois saber gramática não depende de processos de aprendizagem sistemática, mas da construção progressiva na própria atividade linguística.

Hoje, quando queremos falar sobre o ensino de gramática em língua estrangeira, primeiramente, devemos ter como base a referência e a fundamentação das principais características dos métodos e das abordagens aplicados no ensino de língua materna (L1). Partindo da realidade do método de gramática e tradução que perdurou, aproximadamente, de 1840 até 1940, segundo as nossas pesquisas, sofrendo críticas na metade do século XX pelo movimento reformista. O objetivo deste método era propiciar um ensino de línguas voltado à compreensão de obras de literatura, tendo em foco nas habilidades de leitura e escrita. Segundo Stern (1983:455) a língua nativa (L1) é a referência para a aquisição da L2.

Vamos estudar e analisar alguns métodos do estudo da gramática:

1) método direto, também chamado de Método natural, baseava-se na aprendizagem de uma criança regida pelos princípios naturais da língua materna. A proficiência oral fazia-se necessária devido à imigração no país estrangeiro e ao intercâmbio entre os países. Desta forma, era dada a ênfase nas habilidades orais e nas de compreensão oral, onde a comunicação era organizada por perguntas e respostas artificiais e descontextualizadas entre professores e alunos na língua alvo. Os vocabulários eram ensinados por demonstrações, mímicas, objetos, figuras ou associação de ideias.

Todavia, a correta gramática, assim como a pronúncia, continuava a ser enfatizada, porém, a gramática deveria ser aprendida de forma indutiva, isto é, através do uso da língua. Este método apresenta um grande problema: a necessidade dos professores fluentes – nativos ou com excelente proficiência. Há também a seguinte questão: se ele distorce a semelhança

entre aprendizagem natural de primeira língua e aprendizagem de língua estrangeira, faltando, deste modo, uma base em teoria linguística?

2) Método Áudio-oral ou Áudio-lingual: nasce em meados de 1950 e a didática se centra na oralidade por meio das estruturas linguísticas. Este método surgiu em decorrência da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, uma vez que o exército sentia a necessidade de produzir falantes em várias línguas.

Este método apoia-se na teoria behaviorista de que aprendizagem de uma língua se daria pela formação de hábitos, segundo Lado (1964), supõe-se que uma pessoa aprendendo uma segunda língua adquire os hábitos aprendidos na L1 e que estes interferem com os novos hábitos necessários para a L2. Nesta fundamentação teórica, havia uma grande preocupação para que os alunos não cometessem erros; neste caso, já poderia criar hábitos incorretos.

A aquisição de uma língua podia ser considerada como um processo mecânico de formação de hábitos, rotinas e automatismos, onde os diálogos apresentavam estruturas e vocabulários para serem aprendidos por imitação dos alunos. Este método foi criticado pelos generativistas como Chomsky, uma vez que para ele as propriedades fundamentais da linguagem derivam dos aspetos inatos da mente e de forma que o ser humano processa a experiência através da linguagem, onde o foco é centrado nos processos mentais;

3) O Método ou abordagem Comunicativa, segundo as nossas investigações, apurámos que este método fundamenta-se em pressupostos teóricos que orientam o ensino de L2, tratando-se de um movimento eclético. Este método ou abordagem tem influência da pragmática, sociolinguística e da análise do discurso. Poderíamos citar, também, a contribuição de Bakhtin (2004) com o conceito de diálogo, de géneros discursivos, como tipos estáveis de enunciado, linguagem como atividade, linguagem ligada à ação. Nesta lógica teórica, é preciso que citemos os linguistas ingleses como Halliday (1976) & Widdowson (1983) – com as questões do uso da linguagem contextualizada, privilegiando-se, deste modo, o uso que engloba a forma. A grande dificuldade na abordagem comunicativa é de relacionar os princípios teóricos e a suas aplicações práticas para gerar um método mais concreto.

Neste contexto, é preciso ressaltar, mais uma vez, que o ensino-aprendizagem de L2 é um processo complexo que envolve inúmeras variáveis. Todos esses métodos estão inseridos em práticas sociais e espelham, reproduzem e constroem estas práticas. Elas surgem de necessidades sociais, o ensinar e o aprender fazem inevitavelmente parte delas.

Depois desta análise crítica das metodologias para o ensino da gramática, apresentamos uma síntese final do papel da gramática nos métodos/abordagens de ensino de línguas, tendo em conta os seguintes pontos: **1) Gramática e Tradução**, a aprendizagem dava-se pela apresentação explícita e abstrata de regras pelo professor, de maneira dedutiva, através de exercícios gramaticais e tradução de língua materna para a língua-alvo e vice-versa; **2) Método direto**, neste método, não há papel para a instrução gramatical explícita. O aluno, por meio da exposição ao sistema linguístico, deverá adquiri-lo de maneira indutiva, como língua materna; **3) Método Áudio lingual**: este tem um papel periférico na aprendizagem da gramática de uma forma também indutiva, através de muita repetição, seguindo um programa de ensino estrutural, semelhante ao Método da Gramática e tradução; **4) Método Comunicativo ou abordagem comunicativa**: este também é periférico conforme as circunstâncias. Assemelha-se ao Método direto quanto ao ensino indutivo da gramática. Porém, falhou na integração da gramática com as funções comunicativas.

Depois de uma análise crítica das metodologias ou métodos de ensino da gramática, concluímos e verificamos que todos privilegiam o estudo da língua. Porém, alguns métodos, além do estudo da língua, levam em conta a psicologia da aprendizagem, tendo em consideração o processo e as condições de aprendizagem segundo os parâmetros gramaticais de cada língua.

Mediante ao esclarecimento de todas essas teorias, métodos ou abordagens para o ensino da gramática ou ensino das línguas, o professor pode desenvolver os seus próprios procedimentos de ensino, pois isso possibilita a ele uma visão mais ampla, clarividente e organizada do ensino da gramática e o processo de ensino-aprendizagem da L1 ou L2 e, conseqüentemente, uma crítica com mais segurança e, se possível, condições potenciais para mudanças e/ou avanços na questão do ensino da gramática.

Portanto, mesmo que tais estudos tragam importantes contribuições para orientar a fundamentação de metodologias de ensino das línguas, o professor não deve aceitar, de maneira acrítica, as teorias ditadas por especialistas, aderindo à moda do momento, exigindo sempre, momentos para reflexão e questionamento sobre suas ações para poder construí-las.

É preciso lembrar também que, ao adotar um determinado material didático, deve compartilhar os pressupostos teóricos subjacentes à sua elaboração. Por isso mesmo, faz-se necessária uma análise crítica, sob o aspecto do papel do professor, que pode e deve fazer as alterações cabíveis no livro, de modo a escolher textos que sejam úteis e relevantes ao aluno.

De acordo com as diretrizes curriculares, a seleção de textos deve assegurar a diversidade de gêneros e o tratamento de certos assuntos, adequados à faixa etária e interessantes aos alunos; evitar os textos que tragam uma visão monolítica, estereotipada da cultura.

Quanto ao ensino da gramática em L2, é melhor lembrar que, atualmente, este é concebido como um processo cumulativo e linear e ainda que consiste em transmissão de saber, no qual o aluno é tábua rasa, embora possuindo um conhecimento implícito ou explícito da sua L1. Contudo, deve-se dar ao ensino da gramática uma nova roupagem e outro tratamento linguístico. Entendendo a língua como real, concreta, sistemática e dinâmica, para estudá-la e/ou entendê-la não basta mais as suas partes ou fragmentos. É preciso contextualizá-la, garantindo assim a aprendizagem. Deste modo, é imprescindível que o ensino de gramática não seja descartado, mas que este seja realmente útil ao aluno para atuar no mundo e não apenas na escola, tendo, deste modo, a competência de leitura e de escrita, compreendendo, interpretando todos os contextos situacionais dos textos orais e escritos, tendo em conta a gramática.

Como conclusão final deste item, tendo em conta a importância que este tema reveste, mostra realmente que se deve perceber que o aluno não se mostre, somente, acostumado a esperar explicações feitas através de aulas expositivas, principalmente, se as explicações são sobre a gramática, mas sim, deve ter a noção e um espírito científico e investigativo. Por outro lado, pode-se constatar que é mais fácil e prazeroso para o aluno quando o conteúdo faz parte de um contexto que se vê ligado na sua vida na aprendizagem do conhecimento explícito da gramática.

Esperemos também que o professor possa ver a gramática como algo muito mais amplo que incorpore um conjunto de regras de gramática normativa, onde as frases do texto sejam usados como veículos para o ensino das estruturas e módulos linguísticos de uma língua, sabendo a importância que o conhecimento gramatical tem no desenvolvimento da competência de leitura e de escrita em cada nível de aprendizagem escolar, tendo em conta o nível de cada gramática escolar.

Deste modo, como conclusão deste item, podemos definir a realidade linguística da gramática de uma língua, naquilo que achamos mais conveniente e abrangente deste paradigma linguístico no ensino da língua, segundo as linguistas Mateus, Fale e Freitas

(2005:22)⁹², definem *“a gramática como uma descrição estrutural do funcionamento dos sistemas de elementos de uma língua particular e, portanto, beneficia da investigação linguística, abrange as grandes áreas da língua e deve permitir uma difusão adequada dos conhecimentos alcançados no campo teórico e na aplicação a essa língua; uma gramática assim concebida diferencia-se da gramática normativa que procura regular o bom uso da língua, motivo pelo qual apresenta graves lacunas relativamente à descrição da língua que os falantes realmente utilizam (por se reportar sempre a um modo conservador) e não toma em consideração as análises explicativas do funcionamento das estruturas linguísticas”*.

Hoje, no ensino da língua, é muito importante e necessário a formação e o aperfeiçoamento do professor de língua, tendo em conta a realidade hodierna da linguística e ensino de língua, perfraseando Girard (1975)⁹³, neste contexto, antes de tudo, deve-se pensar preparar bem e melhor o docente de língua durante a sua formação académica, insistindo fundamentalmente, na linguística, psicologia e pedagogia. O ensino de língua, hoje, tem uma nova roupagem no que dedilha a métodos. Outrora, ensinava-se, sobretudo, a força de regras de gramática e o conteúdo do curso ou da aula era estabelecido de maneira mais empírica; o professor era o dono de saber, mas hoje, é diferente, tem-se em conta os estudos psicológicos, que levaram o aparecimento de uma nova disciplina científica que une a psicologia e a pedagogia, isto é, a psicopedagogia; esta tem vindo a facultar, assim uma nova perspectiva científica na pedagogia e ensino de língua ou de qualquer outra disciplina académica.

2.1.4. A nomenclatura gramatical e a sua utilidade no ensino de língua

Em primeiro lugar, devemos saber o que é uma nomenclatura gramatical de uma língua. Linguisticamente, a nomenclatura gramatical é uma lista de termos gramaticais e linguísticos de referência que idealiza os termos gramaticais e linguísticos de uma língua, isto é, uma terminologia simples que consta em todas as gramáticas sincrónicas de uma língua natural, tendo em conta a sua perspectiva diacrónica e sincrónica. Estes termos, que exprimem conceitos, designam de forma a normalizar e fixar os conceitos básicos gramaticais e linguísticos que os professores de qualquer língua devem dominar e, nalguns casos, transmitir

⁹² Op. cit.

⁹³ GIRARD, Denis (1975). *Linguística Aplicada e Didática das Línguas*, traduzida por Maria Flor Simões . Editora Estampa, Lda., Lisboa, p. 21.

aos alunos do ensino básico, secundário e universitário, obedecendo uma dinâmica diacrónica e sincrónica científico-linguística de cada língua natural.

Uma das principais finalidades e objetivos desta ferramenta linguística é definir, normalizar e fixar uma rede conceptual de referência gramatical e linguística de uma língua, tendo em conta a sua perspetiva diacrónica e sincrónica na dinâmica linguística. A definição desta conceptual de referência é uma tarefa primordial para a estruturação de práticas discursivas e comunicativas em qualquer área técnico-científica da gramática e linguística, razão pela qual, a língua portuguesa (ou uma outra língua natural) tem-se servido deste instrumento normativo de referência e fundamental para a uniformização do ensino terminológico gramatical da língua lusa.

Hoje, a língua portuguesa e o seu ensino na CPLP, tendo em conta as suas variedades linguísticas diatópicas, existe duas nomenclaturas, uma do português euro-afro-asiática e a outra do português brasileiro. Na bibliografia gramatical e linguística da língua portuguesa, encontramos estes dois tipos de nomenclaturas no contexto do estudo e ensino da língua portuguesa na CPLP, isto é, o português euro-afro-asiático e português brasileiro que é a fundamentação do sistema linguístico português, a língua portuguesa. A língua portuguesa, no seu ensino/aprendizagem, é alicerçada no seu estudo gramatical e linguístico nos dois tipos de nomenclaturas supracitados, por isso mesmo que no ensino da L1 ou L2 deve haver uma única nomenclatura gramatical em todo o país, como regra linguística de ensino de língua.

2.1.4.1. Breve descrição sobre o Dicionário Terminológico (DT) de 2008 e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa (NGP) de 1967

A NGP de 1967, elaborada sob coordenação de Manuel de Paiva Boléo, um dos mais destacados linguistas portugueses daquele tempo, foi aprovada pela portaria nº 22664, de 28/04/1967. Normalmente, toda a nomenclatura gramatical de uma língua tem sido objeto de discussão durante o qual vários projetos e anteprojetos são circulados em vários debates dos especialistas, os linguistas. Esta ferramenta tem servido como bússola orientadora na feitura das gramáticas de uma língua natural, exemplo concreto, a NGP de 1967 (base das gramáticas daquele tempo) e o DT de 2008 (as gramáticas atuais) que substitui a antecedente.

A NGP de 1967 foi revogada e substituída pela TEBS a título de experiência pedagógica pela portaria nº 1488/2004, de 24 de dezembro, após da revisão; esta foi transformada num Dicionário Terminológico que hoje é uma realidade descrita em todas as gramáticas portuguesas hodiernas, isto é, português europeu.

No texto da portaria que revoga a NGP de 1967, segundo as investigações feitas⁹⁴, lê-se a fundamentação seguinte: *“que emana de falta de bom senso pedagógico e incompreensão dos objetivos da NGP: «a NGP foi, progressivamente, acusando a inexorável usura do tempo. Tendo deixado, há muito, de constituir referências para a solução de problemas que têm vindo a ser identificados no campo do ensino da Língua Portuguesa, nomeadamente, no que se refere à constituição de uma terminologia especializada, apta a instituir e a descrever os factos linguísticos, permitindo a criação de instrumentos de trabalho reconhecíveis por professores e alunos, delimitando o conhecimento pedagogicamente válido na área da linguística e clarificando as bases da relação entre os saberes escolares e os saberes científicos».”*

Se formos a descrever esta realidade do ensino da língua portuguesa em Angola, relacionada a este instrumento linguístico e normativo, é uma lástima. Hoje, o ensino da língua portuguesa em Angola, não se tem em conta a referência no ensino/aprendizagem deste utensílio linguístico, nem tão pouco da sua perspetiva diacrónica e sincrónica no estudo da língua portuguesa. Cada professor da língua portuguesa, não conhecendo os parâmetros linguísticos, didáticos e pedagógicos que este instrumento normativo tem na fixação e uniformização dos termos conceptuais da gramática de uma língua, utilizam nomenclaturas gramaticais diferentes segundo a sua autoria, isto é, a NGP de 1967, NGB, e o atual, DT de 2008.

Segundo as nossas constatações, vimos que é urgente que o Ministério de Educação e aquele do Ensino Superior da República de Angola que tenham, hodiernamente, especialistas do ensino da língua portuguesa nesta área linguística, isto é, Linguística e Ensino de Língua, que devem velar sobre esta matéria linguística e do ensino do idioma português no sistema do ensino de língua na República de Angola, criando bases sólidas para a elaboração

⁹⁴ Nomenclatura da gramática Portuguesa. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/nomenclatura_gramatical_portuguesa; http://www.portalda_lingua_portuguesa.org/?action=nomenclatura; <http://dt.menc.pt>, consultado no dia 11 de Abril de 2017.

de programas curriculares do ensino e aprendizagem da língua portuguesa e, não só, das línguas nacionais.

Para a língua cabindesa, o ibinda, até cá, não existe nenhuma nomenclatura gramatical desta língua bantu, pelo que, alguns linguistas cabindeses que investigam este idioma têm-se servido da nomenclatura das gramáticas (que tiveram acesso a estas gramáticas) de fiote com explições em francês⁹⁵ que foi escrita pelos missionários franceses da igreja Católica em Lândana-Cacongo/Cabinda, como foi referenciado posteriormente, e a portuguesa atual, isto é, a de 1967 e o DT de 2008. Para nós, como investigadores atualizados, até ao momento presente, temos adotado os termos gramaticais e linguísticos do Dicionário Terminológico do português europeu de 2008, mas, futuramente, poder-se-á encontrar soluções para a criação de uma Nomenclatura Gramatical da língua cabindesa com finalidade e objetivo de normalização e fixação dos termos gramaticais e linguísticos desta língua bantu-africana, Ibinda.

O nosso maior objetivo da descrição da NGP de 1967 e o DT de 2008 é para demonstrar as principais alterações introduzidas no Dicionário Terminológico, relativamente, à tradição gramatical Portuguesa de 1967, apresentando, assim, as modificações feitas no que diz respeito aos domínios considerados, bem como aos conceitos e termos que são usados no português europeu na nomenclatura das gramáticas atuais, cf. a nomenclatura da gramática da NGP de 1967 e do DT de 2008 do português europeu.

Sabendo que a língua é dinâmica e não estática, respeitando a perspetiva diacrónica e sincrónica, a língua portuguesa não foge desta realidade científico-linguística. É, neste âmbito, que, linguisticamente, estas alterações da nomenclatura da gramática do português europeu foram feitas, possibilitando uma nova perspetiva e roupagem no ensino/aprendizagem da língua portuguesa nas escolas e universidades, uniformizando, deste modo, as gramáticas, tendo em conta a nova Nomenclatura do Dicionário Terminológico de 2008. Solicitámos que em Angola, no ensino da língua portuguesa, que se siga e se adote as atuais gramáticas com a nova nomenclatura gramatical, isto é, Dicionário Terminológico de

⁹⁵ 1) USSEL, R. P. (1888), op. cit.; 2) CARRIE, A.M. (1888), op. cit.

2008, sabendo que toda e qualquer língua é dinâmica, e a língua portuguesa não foge a esta regra científico-linguística.

Depois de termos lido e analisado estes dois documentos linguísticos importantes relacionados ao ensino da língua portuguesa em Portugal e nos PALP, nas gramáticas onde constam estas realidades da nomenclatura de 1967 e 2008, descobrimos que houve várias alterações feitas no âmbito da nova terminologia linguística das gramáticas hodiernas portuguesas, que estão sendo usadas no Ensino Básico, Secundário e Superior em Portugal. Deste modo, podemos ter a ousadia e o bom senso como investigadores e estudiosos da linguística e professores do ensino de língua portuguesa de consultarmos as novas gramáticas em relação aquelas antigas com a nomenclatura gramatical portuguesa de 1967 para averiguarmos e conhecermos as mudanças e a nova terminologia gramatical na dinâmica da língua portuguesa hodierna, neste século XXI, a realidade da nomenclatura da gramática do português europeu.

Como conclusão deste estudo e análise do DT de 2008, relativamente a nomenclatura Gramatical Portuguesa de 1967 a partir das suas diferenças terminológicas e das alterações feitas no que ponteia aos domínios dos seus conceitos e termos, tendo em conta que a língua é dinâmica, estudada na perspetiva diacrónica e sincrónica; portanto, devemos considerar aficadamente estes aspetos da linguística descritiva supracitados. Espera-se que os professores e alunos, em Angola, possam compreender esta realidade linguística do ensino de língua para podermos atualizar sincronicamente o estudo da língua portuguesa no nosso país, tendo em conta o Dicionário Terminológico de 2008 que ilustra a realidade linguística das novas gramáticas do português Europeu, hoje.

A fundamentação teórica e metodológica da linguística e ensino de língua, orientam-nos a ter em conta um dos objetivos fundamentais do ensino da L1, sendo uma disciplina específica, como a língua portuguesa em Angola e noutros países da CPLP na formação do professor de L1 ou da L2, como elemento complementar na formação geral e científica da linguística e ensino de língua. Devemos saber ainda que a educação linguística permite o ensino de língua, no âmbito da formação escolar do homem, a ter uma relevância na formação dos quadros de um país em todas as vertentes da formação científica e profissional. Os professores de língua devem encarar a importância que todos os pré-requisitos evocados

neste item, só podem ser adquiridos se tivermos uma consciência investigativa em cada momento de ensino/aprendizagem, porque a língua é dinâmica e não estática. É, só assim, que todos nós poderemos aprendê-los ainda mais em cada circunstância de aula e investigação nesta área científica, permitindo-nos, deste modo, adquirirmos mais perícia e competência para o ensino da L1 no domínio da metodologia, didática e pedagogia.

De acordo com o Reis & Adragão (1992), parafraseando-os, na sua linha didático-linguística, as suas palavras e pensamento, descrevemos a seguinte síntese: **1)** O mais importante no ensino e aprendizagem da L1, é antes de tudo, o como ensinar que nos interesse e as metodologias a usar no plano didático e pedagógico de ensino de língua desde o primeiro momento, e, nesse trilho, orientam-se em todas as reflexões e objetivos da didática de ensino da língua materna; **2)** É nesta orientação linguística do ensino de língua que devemos refletir e saber que o mais importante não são as avaliações técnicas, mas sim, as capacidades de reflexão sobre as técnicas e de avaliação das mesmas na sua adequação no ensino de L1, tendo em conta as finalidades gerais do ensino da língua materna e aos objetivos definidos para cada nível de escolaridade ou a subsequência destes níveis de escolaridade. Como tal, nesta perspetiva didático-linguística, deveriam ser avaliadas as capacidades de interação com os aprendentes ou alunos, de abertura e de colaboração com os colegas (professores) do ensino da L1, de participação no conselho dos professores desta disciplina – atitudes e comportamentos do âmbito da didática geral que ganham uma importância nesta área específica da linguística e ensino de língua, no nosso caso, o português e o ibinda como L1 para alguns falantes e L2 para os outros.

2.2. LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

2.2.1. Definição da Lexicologia e Lexicografia

Nesta secção, vamos descrever alguns aspetos da Lexicologia e da Lexicografia, tendo em conta a Lexicografia de Aprendizagem. Em todo o estudo do Curso da Linguística, quando falarmos de qualquer sistema linguístico, não podemos deixar de fazer menção à Lexicologia, disciplina de capital importância daquele Curso. É, nesta base, que vamos delinear e descrever alguns aspetos fundamentais que reputámos importantes desta matéria.

A Lexicologia constitui-se, enquanto ciência, depois da linguística estrutural, e tem por objeto de estudo a unidade lexical⁹⁶. A Lexicologia (do grego *lexicon*, palavra, e *lógos*, tratado) é um dos domínios da linguística que, pela sua especificidade e extensão, constitui uma disciplina autónoma: ocupa-se dos diferentes fenómenos de criação lexical (lexicogénese), analisa e descreve as estruturas semânticas, sintáticas, morfossintáticas e fonomorfológicas do léxico⁹⁷; é o ramo da Linguística que se ocupa do estudo teórico e aplicado do vocabulário, das palavras, nas suas relações com a etimologia, a fonética, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica⁹⁸.

Uma língua não pode existir sem unidades lexicais. Deste modo, podemos afirmar que a Lexicologia é a ciência do léxico. No entanto, devemos distinguir a Lexicologia da Lexicografia, esta última é disciplina que se ocupa da elaboração de dicionários. Assim, a Lexicologia é um ramo da linguística que tem por objeto o estudo científico do acervo das palavras de uma determinada língua – léxico – sob diversos aspetos. Para isso, ela procura determinar a origem, a forma e o significado das palavras de um idioma, bem como o seu uso na comunidade dos falantes, tendo em conta a perspetiva diacrónica e sincrónica. A Lexicologia permite também observar e descrever cientificamente as unidades lexicais de uma comunidade linguística. Por isso, a Lexicologia diferencia-se da Lexicografia que tem como finalidade a elaboração de vários tipos de dicionários, tendo em conta a verdade linguístico-lexicográfica que aprendemos e investigámos durante a nossa formação no Curso de doutoramento em Linguística.

Deste modo, podemos descrever que o léxico é o nível linguístico que mais facilmente emerge da consciência dos locutores, por este estar diretamente relacionado com a significação e, como tal, com o mundo em que vivemos; constatamos que os métodos da Lexicologia têm sido inspirados por outras disciplinas, como a filosofia, a psicologia, a lógica, a sociologia, etc.; todas estas disciplinas estudam basicamente as relações, o comportamento, o querer saber do homem e tudo aquilo que o próprio homem vai criando em cada época e tempo, mediante o seu desenvolvimento intelectual e espiritual, tendo em conta as suas faculdades espirituais, isto é, o intelecto (sensibilidade, compreensão e razão) que é a fonte do conhecimento ou da cognição. Esta é uma das razões que nos permite conhecer o que já

⁹⁶ Cf. LINO, Teresa (1979: 11-12).

⁹⁷ Cf. Ibidem.

⁹⁸ Cf. Dicionário Portuguesa Contemporânea, Academias das Ciências de Lisboa, 2001.

foi investigado e criado pelo homem na ciência, permitindo-nos ter mais conhecimentos científicos na área do nosso campo de investigação científica, adquirindo, deste modo, novos conhecimentos e protótipos através das nossas experiências, especialmente pela associação e síntese das ideias dos pressupostos teóricos dos outros autores e com a nossa perspectiva linguístico-científica, criando novos pressupostos teóricos e hipóteses, conceitos e termos.

Nesta conformidade, os protótipos que nós possuímos do conhecimento científico compreendem dois tipos: 1) as ideias a priori, ou ideias intrínsecas, que originam da experiência do nosso corpo físico (sistema nervoso central, células, tecidos, órgãos, etc.); 2) ideias pré-experimentadas ou a posteriori, que derivam das experiências reais com o mundo exterior, por intermédio de um processo de aprendizagem a partir do nosso intelecto (sensibilidade ou cinco sentidos, compreensão e razão). Os protótipos do homem ampliam-se na medida em que ele se desenvolve intelectual e espiritualmente, isto é, tanto no aspeto de ideias a priori, através do desenvolvimento do intelecto, cérebro, sistema nervoso, células, etc., como também, no aspeto de ideias pré-experimentadas, através da ampliação das experiências do homem até que, finalmente, este chegue a um estado completo ou parcial de uma dada investigação científica ou espiritual. Nestas circunstâncias, o investigador é utente de uma dada língua natural que o possibilita descrever os resultados ou a síntese da sua investigação científica, na base do léxico ou na criação de novas palavras ou importação destas segundo a realidade da sua investigação.

A Lexicologia abrange domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras e o neologismo; é por esta razão que podemos falar de uma estatística lexical. Esta relaciona-se, necessariamente, com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e, em particular, com a semântica de um sistema linguístico. Neste âmbito, podemos verificar que cada sistema linguístico tem as suas especificidades que o diferencia de outros sistemas linguísticos, e, por isso, a polissemia, as relações semânticas de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia interessam muito à Lexicologia no seu estudo sincrónico e diacrónico e, também, em qualquer investigação científico-linguística.

É, neste contexto, que, neste século XXI, os estudos da Lexicologia estão assumindo patamares de grande importância científica, graças às iniciativas efetuadas a partir dos anos 50, que marcaram o início da disciplina, a partir das obras de G. Matoré e B. Quemada⁹⁹ que

⁹⁹ Cf. CHICUNA, Alexandre (2003), op. cit. p.55.

contribuíram de uma forma decisiva para o início e desenvolvimento internacional da ciência linguística. Graças ao contributo destes estudos, hoje, os linguistas africanos procuram os elementos identitários e valorativos dos sistemas linguísticos das suas línguas proto-bantu-africanas que, outrora, não tiveram desenvolvimento científico e académico em algumas colónias europeias em África no período colonial, principalmente, as ex-colónias portuguesas ultramarinas, a saber, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Arquipélago de Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e **Cabinda**, cf. na Constituição Política da República Portuguesa de 1933¹⁰⁰.

Neste momento, existe a possibilidade de criar novas perspetivas e pressupostos teóricos para que as línguas nacionais africanas dos PALOP ganhem um estatuto científico-linguística, principalmente, com a ajuda da linguística bantu-africana e portuguesa - da comunidade linguística lusófona - onde Angola, nosso país, faz parte. As nossas línguas nacionais bantu devem ter um desenvolvimento científico-linguística e académico de modo a poderem propiciar elementos lexicológicos, lexicográficos e gramaticais explícitas que sirvam como base no ensino/aprendizagem destas línguas nas escolas primárias, secundárias e nas universidades. Tudo, porém, dependerá da política educacional linguística de cada país africano implementar, no seu sistema da educação nacional, os aspetos valorativos destas áreas da linguística. É nesta base que queremos encorajar todos os linguistas e investigadores africanos para assumirem a responsabilidade de emancipar as línguas nacionais africanas, porque fazem parte da nossa identidade, elemento fundador da antropologia, da sociolinguística e da cultura africana de cada país.

2.2.1.1. Definição do léxico

Hoje, se fizermos um inventário lexicológico e lexicográfico, verificaremos que cada comunidade linguística dispõe de um número considerável de unidades lexicais, passíveis de inventariar, constituindo *ipso facto* o seu léxico. É neste contexto que o léxico é o objeto do estudo da lexicologia, constituído, deste modo, de unidades virtuais que são os lexemas, como afirma Guilbert (1971), que "*o léxico é um conjunto virtual das unidades lexicais de uma língua*". É nesta perspetiva linguística que afirma também uma das fundadoras e mãe da

¹⁰⁰ Promulgada a 22 de fevereiro de 1933, referendada a 19 de março; revisões: 1935, 1936, 1937, 1938, 1945, 1951, 1959, 1971. Artigo 1º. O território de Portugal é o que atualmente lhe pertence e compreende: (...) 2º Na África Ocidental: Arquipélago de Cabo Verde, Guiné Bissau, S. Tomé e Príncipe e as suas dependências ; S Joao Baptista de Ajudá, **Cabinda** e Angola (...).

lexicologia portuguesa, Teresa Lino (1991:181), como ciência académica, que *"o léxico pode ser entendido também como sinónimo de índice, glossário, vocabulário ou dicionário sucinto (monolingue ou bilingue ou multilingue) relativo à língua corrente, a uma ciência ou técnica ou a outro domínio especializado, a um autor ou a uma determinada época"*. O léxico comporta de um léxico específico de uma língua, não é senão uma componente do sistema linguístico, como afirma Dubois & al. (1973:364) que *"o léxico é um conjunto das unidades lexicais que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor"*.

Deste modo, de acordo com Quivuna (2013:44) que explicita ainda mais a realidade linguística do termo léxico: *"o termo léxico é polissémico: apresentamos apenas alguns das suas particularidades: 1) numa perspetiva abstrata: a) designa um conjunto virtual de unidades lexicais; b) designa um conjunto (aberto) de unidades significativas que constituem um sistema de uma língua; c) as unidades do léxico são os lexemas; 2) por oposição, o termo vocabulário, reservado ao discurso, designa: a) o conjunto de unidades lexicais realizadas/atualizadas em contextos ou em corpus; b) as unidades do vocabulário são os vocábulos"*.

Ainda o mesmo autor reafirma que o léxico de uma língua compreende o *léxico geral* e o *léxico comum partilhado* pela comunidade de locutores de uma língua; compreende ainda os *léxicos de especialidade* (ou terminologias) ligados a qualquer domínio do conhecimento.

O léxico de uma língua, no âmbito da teoria generativa, segundo Raposo (1992:89), afirma que, *"é uma componente do modelo gramatical onde se encontram as informações de natureza fonológica, sintática e semântica sobre os itens lexicais individuais de um falante ou de uma língua. Podemos dizer que o léxico é o dicionário da gramática: as regras desta manipulam os itens lexicais, fazendo um uso crucial da informação aí contida"*. Deste modo, *"o léxico é, assim, uma parte central de qualquer teoria gramatical"*.

De acordo com o mesmo autor, reafirma que, *"o léxico é ainda o repositório das propriedades dos itens lexicais que não podem ser derivadas a partir das regras da gramática, tanto as propriedades de natureza geral que servem para integrar os itens em classes (a sua categoria gramatical, a sua classe semântica em termos de características como [animado], [concreto], etc.), como aquelas, mais idiossincráticas, que caracterizam apenas um item ou um pequeno número de itens da língua que são classificados num número finito de categorias"*

lexicais, destacando-se, nestas, as denominadas categorias principais, isto é, os nomes, os adjetivos, os verbos, as preposições e os advérbios.».

O *léxico geral*, na *lexicologia*, é constituído por um conjunto de unidades, os *lexemas* que, quando atualizados no discurso, são designados de *vocábulos*.

Há, todavia, uma distinção no que se refere às noções de *léxico* e de *vocabulário*:

“o léxico é o conjunto de todas as unidades lexicais que, num momento dado, está a disposição do locutor (emissor). As unidades lexicais que ele pode, oportunamente, empregar e compreender, constituem o seu léxico individual”¹⁰¹.

Deste modo, um número indeterminado de unidades lexicais fica excluído desse *léxico individual*, isto é, todas as unidades que o locutor ainda não integrou na sua competência lexical. Assim, o *léxico individual* é um subconjunto do *léxico geral*¹⁰²: *“o vocabulário é o conjunto das unidades empregues pelo locutor num ato de fala preciso. O vocabulário é também a atualização de um certo número de unidades lexicais pertencentes ao léxico individual do locutor”*. Nesta perspetiva lexicológica do *léxico individual* de um falante de uma língua natural, podemos descrever, parafraseando Duarte (2000), como acontece noutras áreas do conhecimento linguístico, podendo destinguir o conhecimento lexical de um falante, tendo em conta a distinção entre a compreensão (descodificação da mensagem) e a produção (codificação da mensagem). Deste modo, existe uma assimetria entre o número de palavras que um falante é capaz de compreender, isto é, o seu *léxico passivo*, e o número de palavras que usa, o seu *léxico ativo*: o *léxico passivo* é sempre maior ao *léxico ativo*.

Existe, em consequência, uma relação de inclusão entre o *léxico geral* (língua) e o *léxico individual* (fala). Outra distinção da oposição *léxico/vocabulário* é apresentada nos seguintes termos, segundo Teresa Lino (1979:11-12): a oposição *léxico/vocabulário* é paralela à oposição *“langue”/ “parole”* (Saussure) e *“langue”/ “discours”*». Neste contexto, o termo *léxico* funciona, portanto, ao nível da língua (sistema linguístico), enquanto o termo *vocabulário* funciona ao nível do discurso (fala).

Depois de termos definido este item, o *léxico*, de uma forma clarividente e esclarecedora, vamos mais uma vez defini-lo, numa perspetiva geral, tendo em conta a

¹⁰¹ CHICUNA, Alexandre (2003), op. cit. p. 68.

¹⁰² Ibidem.

perspetiva cognitiva-representativa e a **perspetiva comunicativa** segundo as palavras de Vilela (1995:1-3)¹⁰³:

- **Perspetiva cognitiva-representativa** – o léxico é a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística;
- **Perspetiva comunicativa** – o léxico é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si.

Nestas duas perspetivas, tanto na primeira, cognitiva-representativa, como na segunda, comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber particular (= *share knowledge*). Nesta sequência lexicológica, podemos ainda descrever que o léxico e o vocabulário não têm o mesmo significado semântico, mas podem ser distinguidos, parafraseando o mesmo autor, não se trata tanto de uma diferenciação entre parte e todo; pois, sabendo que: - o léxico é o conjunto das palavras fundamentais, enquanto o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo; tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística. Nesta conformidade, o léxico é o geral, o social e o essencial (língua), enquanto o vocabulário é o particular, o individual e o acessório (fala).

O mesmo autor supracitado, Vilela (1995), acrescenta ainda uma outra perspetiva de análise lexicológica do léxico, em que o vocabulário se opõe ao dicionário e glossário: – o dicionário é a recolha ordenada dos vocábulos duma língua e o glossário é o vocabulário difícil de um autor, de uma escola ou de uma época. Com esta fundamentação linguística do léxico, tendo em conta a mesma linha do pensamento do linguista Vilela, ocorrem ainda outras designações como vocábulo, termo, lexema e palavra, ou lexicologia e lexicografia. Neste conjunto de termos, o vocabulário (ou forma de palavra) é a palavra que ocorre na frase, o termo é a palavra duma disciplina e a palavra ou o lexema é a palavra que aparece como entrada do dicionário. A lexicologia, conforme foi referenciada, linguisticamente, é o estudo científico do léxico, enquanto a lexicografia é a técnica de elaboração de dicionário.

Considerando os parâmetros descritos da realidade linguística do léxico de um idioma, tendo em conta a fundamentação teórica desse item, vamos apresentar, como exemplo do sistema linguístico cabindês, o corpus lexical dos vocábulos do campo lexical da família e do

¹⁰³ VILELA, Mário (1995). Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática. Editor Livraria Almedina, Coimbra.

corpo humano na língua bantu-africana ibinda, na variedade diatópica iwoyo, e da língua portuguesa, tendo em conta os seus aspetos e parâmetros léxico-gramaticais.

A partir da correlação destes dois sistemas linguísticos, pode chegar-se a várias conclusões, tendo em conta as suas diferenças linguísticas específicas. Vamos, porém, delinear e descrever estes campos lexicais referentes à família e ao corpo humano a partir das seguintes tabelas que se seguem, tendo em conta que a lexicologia aplicada, uma das áreas da lexicologia que procura situar esta área linguística em consonância com a gramática e a semântica, ocupando-se também na análise dos campos lexicais dos sistemas linguísticos que “é o conjunto de palavras que fazem parte de uma realidade”.¹⁰⁴ Segundo Bechara (2009), afirma, seguindo a mesma linha lexicológica, que o “*campo lexical é o conjunto das palavras (sintagmas ou lexis) que a língua agrupa para designar os diferentes aspetos ou os diferentes traços semânticos de uma técnica, de um objeto, de uma noção: como o campo lexical do automóvel, da aviação, etc.*”. Aqui apresentamos o corpus do campo lexical referente a família e ao corpo humano em iwoyo e português.

a) Tabela 5: Corpus do campo lexical referente a Família:

Iwoyo	Português
Libakála; dibakála	Homem, pessoa
M’cyêntu; m’kyêntu	Mulher
M’tênde/ditôko/ mwâna bákala	Rapaz/moço/rapazote/mancebo
Cinkúmpa	Menina virgem/donzela/moça
Nkâka/khâi	Avô/avó
Ngúli-nkâzi ou nkhazi	Tio ou tia materna
Mwana–nkâzi byakala/mwána-khâzi m’cyêntu	Sobrinho/ sobrinha
Nkômba	Irmão/irmã
Mwâna	Filho/ filha
Nkómba-mkuluntu	Primogénito/ Irmão ou irmã mais velho(a)
Nkómba-ilêze	Irmão ou irmã menor

¹⁰⁴ Cf. PINTO, José M. De C., NEVES, Manuela e LOPES, Maria do Céu V. (1997). *Gramática do Português Moderno*, Lisboa, p. 101.

M'tékulu	Neto(a)
Nkómba-ifûmbi	Bisneto(a)
Mwana ifumbi	Trisneto ¹⁰⁵
Muána-súka	Caçula
Máma-m'kébi	Madrasta
Táta-m'kébi	Padrasto
Táta- mûngu /mama-mûngu	Padrinho/madrinha

b) Tabela 6: Corpus do campo lexical referente ao corpo Humano:

Iwoyo	Português
M' tú	Cabeça
M'lênje	Cabelo
Lyêsu	Olho
Lulábu	Pestana
Litáma/matáma	Bochecha/bochechas
Mbusa	Costas
Luvâti	Costela
Itâmbi/utâmbi	Pé/pés
Ivúmu; kivûmu (iyombe)	Barriga
Munkondo/minkondo	Unha/unhas
Libêne/mabêne	Seio; mama/seios; mamas
Nsya-mpakanya	Sovaco
Kûlu/malu	Perna/pernas
Likúma; libúba/mabuba; makuma	Coxa/coxas
Ikóde; kikôdi/bikóde	Calcanhar/calcanhares
Ikókolo/bikókolo	Cotovelo/cotovelos
M'kanda-nhitu	Pele
Mîka	Pelos
Lusíla/zisíla	Veia/veias
Zisíla; myânzi	Veias

¹⁰⁵ Segundo a cultura binda, não é considerado membro familiar.

Lyûfa	Suor
ZiSisi	Sobrancelhas
Ilúba ci lyêsu	Pupila
Mbúlu	Testa
Likóse; dikôsi	Nuca
Lyílu	Nariz
Tubômbô	Ranho
Lyênu/mênu	Dente/dentes
Luláka/tulimi; tuláka	Língua/línguas
Ikózolu	Escarro
m`vámbu kôko	Braço
Mênga	Sangue
M'vese	Osso
Ilûnzi; kilunzi	Alma; espírito; juízo
Luzála/zinzala	Dedo/dedos
Maswêla	Lágrimas
Likanda li kôko; dikanda di koko	Palma da mão
Likúngulu; likuma	Joelho
Ibóvo	Queixo
Zindevu	Barbas
Nkokoto ou m'kotokóto	Pescoço
M'lya	Intestino
Idóngo	Pescoço
Ifúla /ufúla	Pulmão/pulmões
Myôngo	Rins
Masúba	Urina
Livêmbu/mavembu	Ombro/ombros
Lutambi/Zintambi	Pegada/Pegadas
Likámi	Ânus
Madûngu	Testículos
Malúma	Esperma

Iléko	Pénis
Ibúnu	Vagina
Kôko	Mão
Cincyese ci kôko	Pulso
Cincyese ci kúlu	Tornozelo

2.2.1.2. Importância do léxico no ensino/aprendizagem

A importância do ensino do léxico nos níveis do ensino primário e secundário é de capital relevância, porque proporciona aos alunos a aquisição e aprendizagem de novos conhecimentos, alargando a sua competência linguística, em geral, e a sua competência lexical, em particular. Cada formando ou falante tem uma língua materna, vem munido de competências gerais e comunicativas e, nas aulas, numa situação de aprendizagem, as novas aquisições não se juntam simplesmente aos conteúdos já adquiridos. Dá-se, todavia, uma interação entre eles, resultando daí a continuação do desenvolvimento da competência linguística e comunicativa do formando.

A noção de ensino do léxico, por parte dos professores, nos níveis do ensino supracitados, reside na convicção que uma política educacional deve pôr à disposição dos alunos e docentes materiais didáticos e instrumentos de normalização linguística, como os dicionários, prontuários. Para que haja uma eficácia da competência linguística e comunicativa, é necessário ensinar aos professores a utilização didática do dicionário, em situação de sala de aula, para que estes possam ensinar os alunos a utilizar este livro, muitas vezes desconhecido, e que este seja um instrumento de aquisição e de aperfeiçoamento do léxico dos alunos nos vários níveis de ensino.

Assim, os professores de L1 ou de L2 devem ter uma formação em Lexicologia e Lexicografia. A implicação didática do léxico parece-nos imprescindível; deste modo, impõe-se ao docente mostrar aos alunos, sejam quais forem os seus conhecimentos linguísticos, as semelhanças e, também algumas diferenças entre línguas, ajudando-os a suplantar o receio de utilizar os conhecimentos linguísticos, o uso próprio do léxico, tanto da L1 como da L2.

Urge, hoje, valorizar o aprendido e fazer com que os alunos se empenhem na aquisição e aperfeiçoamento da sua língua materna ou segunda. As diferentes abordagens didáticas

investigadas mostraram-nos que é muito importante o ensino-aprendizagem do léxico de uma língua, porque contribui para o desenvolvimento da competência linguística e comunicativa.

2.2.2. LEXICOGRAFIA DE APRENDIZAGEM

A Lexicografia de Aprendizagem é uma área da lexicografia que tem por objetivo fulcral desenvolver as obras lexicográficas destinadas ao ensino/aprendizagem das línguas. Este estudo lexicográfico permite o uso e a prática na aplicação do dicionário para o ensino/aprendizagem das línguas, desenvolvendo estudos e teorias que potenciam o uso das obras lexicográficas como o material didático e pedagógico a ser utilizado em sala de aula.

Hoje, neste século XXI, o dicionário tem uma grande importância no ensino/aprendizagem das línguas naturais, proporcionando uma nova perspectiva no ensino do léxico dos sistemas linguísticos nas escolas da maior parte dos países do mundo. De acordo com Laface (1997), as necessidades dos alunos variam de acordo com o nível escolar e, por isso, os dicionários escolares não devem ser apenas uma recorte dos dicionários gerais, mas estes devem obedecer a critérios para a seleção do léxico, tendo em conta as necessidades dos níveis escolares dos alunos. Esta é o melhor e maior requisito didático/pedagógico da lexicografia da aprendizagem alcançado pelo homem neste século. Deste modo, primeiramente, no ensino/aprendizagem, os lexicógrafos têm uma grande preocupação com o público-alvo que os dicionários se destinam, tendo em consideração os níveis de escolaridade e as áreas das atividades profissionais. Este é um requisito fundamental didático/pedagógico no ensino de língua e, é, exatamente, o elemento crucial que norteia os dicionários didáticos, na medida em que estes influenciam criteriosamente na seleção da nomenclatura e da composição das definições lexicais.

Neste contexto lexicográfico, deve-se ter em conta, que a organização geral e interna dos dicionários representa um papel fundamental no ensino do léxico de uma língua, pois que, é a partir das informações lexicográficas dos dicionários que o professor poderá escolher um dicionário adequado e que atenda as necessidades do nível académico dos seus alunos.

Nesta conjuntura, sabendo que o dicionário é o instrumento primordial do ensino/aprendizagem, este deve ser organizado em concomitância com o público-alvo, isto é, ter um objetivo específico para uma dada comunidade linguística. Estas informações

lexicográficas são reveladas e evidenciadas na macroestrutura do dicionário. Esta informa-nos tudo aquilo que diz respeito a organização geral do dicionário, de modo que as informações ou os critérios de seleção das unidades lexicais devem estar em conformidade ao perfil de cada tipo de dicionário, se é monolíngue ou bilingue ou plurilíngue. É, neste contexto, que a macroestrutura do dicionário deve estar também em simultaneidade com a microestrutura do dicionário, porque esta última é o paradigma que define um dicionário, tendo como finalidade despertar um grande interesse por parte dos utentes do mesmo. A microestrutura do dicionário apresenta informações de ordem sintática, morfológica e semântica, isto é, dando informações morfossintáticas e semânticas do léxico.

Na lexicografia de aprendizagem, todas as informações apresentadas referentes a macroestrutura e microestrutura dos dicionários são de capital importância em todo o tipo de dicionário, servindo ao utente como requisito necessário na ampliação do seu repertório lexical, e, deste modo, o dicionário servirá para cada usuário como um instrumento lexicográfico auxiliador da sua competência lexical.

A partir deste estudo, queremos evidenciar e explicitar que a lexicografia de aprendizagem tem o dicionário como uma ferramenta didático-pedagógica que possui a função de auxiliar na ampliação do conhecimento lexical do aluno e, conseqüentemente, no desenvolvimento da sua competência lexical.

A ciência linguística ensina-nos que a lexicografia tem como objeto de estudo compilar e organizar o léxico de uma língua em dicionários monolíngue, bilingue ou plurilíngue, de forma que estes possam servir a diferentes finalidades, tendo o lexicógrafo seu maior representante e os dicionários a sua obra-prima, cujo fim é de recolher o acervo lexical de uma língua ou de línguas num dado momento sincrónico ou diacrónico de um grupo social, como afirma Barbosa (1980: 264): *“ao lexicógrafo, pois, compete, mais especificamente, a tarefa de classificar as lexias de um grupo sócio-linguístico-cultural, segundo critérios e normas lexicográficos propriamente ditas. Deste modo, o produto do trabalho lexicográfico manifesta-se em vários tipos de obras, como por exemplo: a) dicionários monolíngues, b) dicionários bilingues ou plurilíngues (...)”*. Nesta perspetiva lexicográfica, **o dicionário escolar** pode

ser definido como elemento da lexicografia de aprendizagem, e, é um instrumento de ensino/aprendizagem e de aprimoramento linguístico, sendo, deste modo, um elo de intercâmbio de informação entre pessoas de um sistema linguístico e de povos, como assevera

Belivasqua (1993:21), que *“o dicionário possibilita a compreensão e assegura a comunicação bem como o intercâmbio de informações entre os diferentes povos (...), e estes possuem um papel fundamental num mundo no qual a integração entre nações torna-se uma realidade constante e crescente”*.

2.2.2.1. A Lexicografia e a sua dimensão pedagógica

A Lexicografia, conforme foi referenciada anteriormente, é uma área da ciência linguística que tem por finalidade a feitura dos dicionários. Deste modo, os dicionários são repertórios de saber lexical de cada língua natural. Neste contexto, não podemos falar do léxico sem que tenhamos em conta destas duas áreas da linguística, a Lexicologia e a Lexicografia, conforme referenciámos, precedentemente, este binómio amiúde. É, nesta conformidade linguística, que a Lexicologia e a lexicografia são dois ramos de estudo e investigação quase inseparáveis na ciência Linguística. Não obstante, cada uma delas tem um campo conceptual delimitado e tecnologias específicas.

Hoje, graças aos estudos lexicológicos e lexicográficos, tornou-se mais evidente o estudo do léxico de uma língua natural. De acordo com Quibongue (2003), a Lexicologia de aprendizagem dá uma forte contribuição ao ensino/aprendizagem das línguas. Paralelamente, a Lexicografia de aprendizagem tem uma função importante na utilização didática e pedagógica dos dicionários. A contribuição destes dois ramos da Linguística no ensino/aprendizagem pode ajudar a inverter o insucesso para o sucesso escolar.

O léxico de qualquer língua, hoje, está representado e descrito nos dicionários, o que implica dizer que a elaboração e o estudo dos dicionários fazem parte da Lexicografia. Nesta conjuntura, no ensino/aprendizagem de uma língua, a lexicologia e Lexicografia desempenham um papel insubstituível no exercício do professor de língua. É, neste contexto, hoje, no ensino/aprendizagem da língua, nunca se pode ignorar que o investimento científico na formação do professor deve ser guiado por três termos de capital importância para que se forme um professor de língua qualificado, a saber: ensinar, aprender e língua. Estes três termos estão intimamente ligados, pois que ao ensinar e aprender transmite-se e recebe-se o saber, o saber-fazer e o saber-ser num código linguístico que é a língua (cf. Ançã, 2003:179).

Nesta simbiose lexicológico-lexicográfica, podemos afirmar que o léxico, tendo em conta o que foi descrito e afirmado antes, que este módulo gramatical é o conjunto das unidades lexicais de uma língua, tendo como base linguística primordial a concepção da língua como “*fenómeno social*” (forma externa da linguagem humana), segundo Saussure e, por outro lado, como “*um facto mental*” (caráter interno da linguagem humana), segundo Chomsky; deste modo, estas asserções exprimem a forma externa e o caráter interno da linguagem humana, na elaboração e representação do léxico de uma língua em dicionários digitais e em forma de papel.

O léxico de toda a língua natural tem uma ligação com a gramática (sintaxe, morfologia, semântica, fonologia, fonética, pragmática), parafraseando Margarita (2008). Hoje, o léxico já não é encarado meramente como um repertório das unidades lexicais; as suas respetivas idiossincrasias identificam, antes tudo, como uma componente gramatical que, apesar das suas particularidades, apresenta as suas regularidades próprias e uma forma de estruturas específicas. Com a mudança de paradigma linguístico, tendo em conta que a língua é dinâmica (diacronia) e não estática (sincronia), os seus estudos lexicais passaram também a incorporar a tentativa de entender o modo como o conhecimento lexical é estruturado, adquirido e processado a nível mental, caráter interno da linguagem humana. Deste modo, a Linguística passou a ver o léxico como uma componente específica da gramática, tendo em conta o reforço do entendimento das relações estreitas entre o léxico e as restantes componentes da gramática e, a necessidade de descrever a própria gramática das unidades lexicais como uma única forma de ter uma melhor apresentação do que é o conhecimento lexical.

A Lexicografia de Aprendizagem, neste contexto, tem por direito elaborar dicionários didático-pedagógicas que têm a finalidade no ensino/aprendizagem da L1 ou da L2, na produção de dicionários escolares segundo cada nível de escolaridade dos alunos. Ela tem ainda um objetivo didático e pedagógico, tendo como fundamento primordial os programas curriculares do Ensino Nacional da L1 e da L2 para a construção de um perfil parcial do usuário do dicionário escolar. Neste contexto lexicográfico, poder-se-á almejar um desenvolvimento linguístico dos alunos ao longo da formação destes, nos seus ciclos do ensino/aprendizagem, relacionados como desenho macro ou microestrutura dos dicionários.

2.2.2.1.1. As funções do dicionário escolar

O dicionário escolar é um instrumento que serve o utente (aluno) durante toda a sua vida, por isso, não se pode privar ninguém e muito menos ao aluno deste instrumento escolar tão valioso e imprescindível no sucesso quer da L1 quer da L2, proporcionando a todo o usuário a ter uma competência linguística da língua, cf. Quibongue (2013:56).

As funções do dicionário escolar são parâmetros específicos que devem nortear a eficácia e a competência linguística do utente de cada nível do ensino de língua a compreender o léxico de um idioma segundo o seu nível de escolaridade. Neste contexto, Farias (2014:527) afirma que, *“as funções que o dicionário escolar deve cumprir estão relacionadas diretamente à definição do perfil do usuário, neste caso, ao consulente de cada ciclo de ensino/aprendizagem”*. A mesma autora, cite Tarp & Gouws (2012), que, *“um dicionário para alunos da língua materna ou da língua estrangeira deve auxiliar a cumprir sete funções fundamentais linguísticas que se subdividem em: comunicativas, cognitivas e operacionais, a saber, cf. no rodapé as suas subdivisões¹⁰⁶”*.

De acordo com Farias (2014), estas funções descritas não são igualmente relevantes para todos os tipos de dicionários destinados aos usuários, tendo em conta a idade e o nível de escolaridade. Deste modo, prevalecem, no entanto, sobre as demais funções comunicativas ou seja, aquelas: auxiliar na receção e produção linguística.

Em relação a função cognitiva não diretamente relacionada a aprendizagem da língua, Farias (2014:528) apud Tarp & Gouws (2012:238), recorda que é um dos aspetos que é aplicado em África de Sul, cf. no rodapé¹⁰⁷.

¹⁰⁶ **“1) Funções comunicativas** relacionadas a aprendizagem da língua: - **a)** auxiliar nas atividades de receção linguística; **b)** auxiliar nas atividades de produção linguística -; **2) Funções cognitivas:- a)** Funções cognitivas diretamente relacionadas a aprendizagem da língua: i) auxiliar na aprendizagem da gramática; ii) auxiliar na aprendizagem do léxico; iii) auxiliar na aprendizagem sobre o mundo; **b)** Funções cognitivas não diretamente relacionadas à aprendizagem da língua: i) auxiliar na aprendizagem sobre a origem e a história da língua (etimologia) -; **3) Funções operacionais** não diretamente relacionadas à aprendizagem da língua: - **a)** auxiliar no desenvolvimento da habilidade de consulta ao dicionário.”

¹⁰⁷ *“Em alguns países, como o caso da África do Sul, a Legislação Oficial sobre os currículos escolares orienta que, em algum momento ao longo da educação básica, os alunos, nas aulas da L1, devem aprender algo sobre a origem e a história da língua. Neste caso, a informação etimológica converter-se-á em uma indicação funcional no interior do verbete, posto que se relaciona diretamente a uma das demandas de aprendizagem do aluno.”*

Baseando-se na finalidade e nos objetivos da Lexicografia de aprendizagem, que visam um pendor didático e pedagógico, as funções do dicionário escolar, na nossa ótica, devem depender da idade e do nível de escolaridade do usuário, por um lado, deve-se também ter em conta ao contexto sociocultural em que o dicionário é produzido, por outro lado.

Considerando estes dois aspetos proeminentes evocados, anteriormente, poder-se-ia definir como prioridade as funções de um dicionário escolar que nós reputamos importante na produção dos dicionários escolares para o ensino/aprendizagem do português e do ibinda e outros sistemas linguísticos nacionais angolanos nos níveis de escolaridade não universitários, isto é, nos dois ciclos primário e secundário, parafraseando Farias (2018: 28,29), que privilegia e apresenta em súmula as seguintes funções primárias e secundárias: **1) Funções primárias:** a) **funções comunicativas** (relacionadas à aprendizagem da língua): i) auxiliar nas atividades de receção da língua; ii) auxiliar nas atividades de produção linguística; **2) Funções secundárias:** a) **Funções cognitivas** (relacionadas à aprendizagem da língua): i) auxiliar na aprendizagem da gramática; ii) auxiliar na aprendizagem do léxico; **b) Funções operacionais** (não relacionadas à aprendizagem da língua): i) auxiliar no desenvolvimento das habilidades de consulta ao dicionário.

Na base destas funções do dicionário escolar descritas neste item, podemos ter agora uma noção lexicográfica clarividente da importância que este tipo do dicionário tem na aquisição e aprendizagem da L1 e da L2. É neste aspeto lexicográfico que vamos descrever o item a seguir, a importância do uso do dicionário escolar no ensino da língua.

2.2.2.2.1. A importância do uso do dicionário escolar no ensino da língua

A Lexicografia, hodiernamente, tem grande importância no ensino/aprendizagem quando é direccionada na Lexicografia de Aprendizagem no uso do dicionário escolar para fins didáticos e pedagógicos na sala de aula, principalmente, no ensino da L1 ou da L2. Na sala de aula, o material básico e primordial de ensino/aprendizagem da língua, além da didática e da pedagogia, é o dicionário. Deste modo, o dicionário é, por excelência e natureza existencial, ferramenta indispensável para o professor e aluno e, é também a fonte de consulta recorrente, considerada por muitos linguistas, especialmente, aqueles especialistas e investigadores na

área da Linguística e Ensino de Língua, Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, como um instrumento de capital importância no ensino da língua natural.

É nesta perspetiva linguístico-lexicográfica que o dicionário escolar deve fazer parte do quotidiano no ensino da língua, porque se deve reconhecer a sua importância como utensílio didático e pedagógico nos programas curriculares como material didático, como afirma Krieger (2007:236), que *“embora os dicionários de língua não possam ser classificados como livros, strictu sensu, seu potencial pedagógico é insubstituível, pois que ajudam o aluno a ler, a escrever, a expressar-se bem, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre o léxico, seus usos e sentidos, bem como sobre o comportamento gramatical das unidades lexicais que os integram”*.

Como professor e investigador linguístico, façamos um apelo a todos os professores de L1 e de L2 em Angola e noutros cantos do mundo para cultivarem a cultura didática e pedagógica no uso do dicionário como ferramenta de ensino/aprendizagem de língua na sala de aulas. Neste contexto, o seu raro uso como instrumento para o ensino/aprendizagem do léxico de uma língua, tem dificultado muito os alunos em Cabinda e noutras províncias de Angola em vários aspetos linguísticos, principalmente, no que diz respeito à leitura, a escrita e, também na aquisição e aprendizagem de informações sistematizadas sobre o léxico, bem como também o componente gramatical das unidades lexicais. O professor de língua deve ensinar o aluno como usar este utensílio para que este aprendiz tenha o domínio do uso do dicionário, visto que, a maior parte dos alunos em Angola tem pouca explicação sobre como usá-lo. É muito importante e imperativo que o professor tenha esta noção didática e pedagógica que o dicionário proporciona na sala de aula no ensino/aprendizagem de língua, como Duarte e Ponte (2001:48) afirmam que, *“a proximidade entre o texto lexicográfico e o aluno, no entanto, é pouco aproveitado pelo professor que não sabe usar o dicionário no processo de ensino/aprendizagem do letramento e é subestimado dentro do ambiente escolar”*.

Hoje, a Lexicografia de Aprendizagem elucida-nos claramente que o dicionário, além de ter um valioso recurso de consulta individual, material e várias atividades profissionais, tem uma importância capital como mero material didático/pedagógico no ensino/aprendizagem, como demonstram Höfling, Silva & Tosqui (2004:1) que, *“o dicionário, além de servir como material potencial de apoio e de consulta, tem grande potencial para ser elevado à categoria*

de material didático utilizado durante a aula, em atividades como: desenvolvimento do vocabulário, gramática, pronúncia, uso de língua, cultura, leitura e interpretações do texto”.

A Lexicografia de Aprendizagem dá-nos ainda uma visão prospetiva linguística clarividente e sábia que o dicionário escolar é um instrumento pedagógico, útil para o ensino/aprendizagem da L1 ou da L2. Nestas descrições explicativas lexicográficas, parafraseando Vazquez (2009), quase todos os pressupostos teóricos dos investigadores consultados sobre esta matéria concordam e confirmam a importância que o dicionário tem na aprendizagem de uma língua e, caberia, linguisticamente, no seu aperfeiçoamento. É justamente com a gramática que o dicionário relaciona-se mais linguisticamente, sendo um dos elementos indispensáveis no ensino do conhecimento gramatical explícito, mas os investigadores linguistas assinalam nessa sequência uma necessidade que afeta um dos elementos fundamentais do ensino: é o professor que não deve supor nenhum conhecimento no uso do dicionário por parte do aluno, porque ainda que conheça a ordem alfabética, o dicionário tem uma série de codificações, abreviaturas, informações que é preciso sabê-las para lhe tirar o máximo rendimento e, por isso, o docente tem de explicar ao aluno esses procedimentos. O docente tem de ensinar o aluno a manusear o dicionário e tem de lhe mostrar a sua utilidade e importância. No fim, cada professor deve utilizar o método que achar adequado para interpretar um dicionário; este método ajuda a melhorar o uso da língua pelo aluno.

Eis aqui os principais requisitos e benefícios que achámos importantes nas nossas investigações feitas que o dicionário outorga ao aluno: **a)** descodificação escrita (leitura); **b)** codificação escrita (escrita); **c)** descodificação oral (compreensão oral); **d)** codificação oral (expressão oral); **e)** descodificação da L1 (tradução da L1 a L2); **f)** codificação de L2 (tradução de L2 a L1).

Nesta ótica, podemos demonstrar que o dicionário é uma excelente ferramenta de trabalho e de consulta no ensino/aprendizagem quer para o professor, quer para o aluno, tanto na L1 como na L2. É por esta razão primordial que a Lexicografia de Aprendizagem ou a pedagógica tem o dicionário escolar como elemento fundamental e fornece ao usuário adquirir as seguintes competências básicas de acordo com Vazquez (2009): **a) competências em comunicação linguística ; b) competência para aprender a aprender; c) autonomia e iniciativa pessoal; d) aprender a tratar a informação; e) ter competência social e cidadã; f)**

competência no conhecimento de interação com o mundo físico; g) competência artística e cultural; h) competência matemática; i) competência do conhecimento lexical e gramatical explícito.

Para terminarmos este item, citamos algumas palavras de Moraes (1998), que vão nos fazer refletir a importância do uso do dicionário escolar ou qualquer outro dicionário: *“para usar o dicionário temos que ser sábios e humildes. Na verdade, precisamos de ter uma série de conhecimentos para que possamos ter acesso às informações ali organizadas. É só desta forma, que possamos nos tornar mais letrados, podendo, desta maneira, usufruirmos adequadamente do que o dicionário tem a nos oferecer”*.

2.2.2.3. Lexicografia bilingue de aprendizagem

Não deixaremos de fazer menção, neste estudo, sobre alguns aspectos relacionados a Lexicografia Bilingue de Aprendizagem, sabendo que a nossa tese de doutoramento em linguística centra-se sobre o ensino/aprendizagem do *corpus lexical dos verbos em português e Iwoyo* e uma proposta de elaboração do dicionário bilingue bidirecional de verbos do português e iwoyo.

É nesta perspectiva que a Lexicografia é definida segundo Mudiambo (2013: 139), tendo em conta a sua dimensão científico-linguística, como *«a ciência que tem como objeto de estudo as teorias e as metodologias sobre a elaboração de dicionários monolíngues, bilingues ou plurilingues»*.

Os lexicógrafos têm empenhado um grande esforço na elaboração de vários tipos de dicionários, facilitando, deste modo, os estudantes, professores, académicos, profissionais ou qualquer estudioso de língua a encontrar soluções em todas as suas pesquisas científicas, como afirma o mesmo autor supracitado que, *«os dicionários unilingues, bilingues ou multilingues remontam aos tempos antigos. Acredita-se que o dicionário tenha tido a sua origem na Mesopotâmia, por volta de 2.600 a.C., feito em tabletes com escrita cuneiforme, contendo repertórios de signos, nomes de profissões, divindades e objetos usuais, mas, neste contexto, existem também dicionários na antiguidade chinesa.»*

Hoje, tendo em conta o conjunto de fatores que estão a contribuir para a criação de uma sociedade global ou uma aldeia planetária, coincidindo com o planeta, isto é, a globalização; nesta perspectiva, os dicionários bilingues ou multilingues têm facilitado e

ajudado pessoas de vários Estados, Organizações Internacionais e investigadores nas suas relações e investigações académicas, profissionais, económicas, políticas, culturais e em vários domínios científicos a encontrarem soluções linguísticas em todas as vertentes comunicacionais.

Nesta análise linguístico-lexicográfica, parafraseando mais uma vez Mudiambo (2013), a vertente do estudo contrastivo da linguística é uma perspetiva que se inspira nos princípios da linguística contrastiva que surgiu nos Estados Unidos, em 1950, dando origem a um grande impulso no estudo desta área da linguística, de modo a permitir novas perspetivas e pressupostos teóricos no estudo e investigação dos princípios da linguística contrastiva nos Cursos de Linguística nas universidades mundiais, tendo como finalidade a elaboração de dicionários bilingues ou plurilingues, comparando duas ou mais línguas no estudo lexical, morfológico, sintático e semanticamente, sublinhando as suas diferenças linguísticas.

Hodiernamente, os linguistas (lexicógrafos) têm feito investigações sobre o estudo contrastivo das línguas naturais, elaborando um leque de glossários e dicionários monolíngues, bilingues ou plurilingues que têm facilitado e ajudado o ensino-aprendizagem da L1 e da L2. É muito importante, desta forma, que todo o trabalho de investigação linguística merece ser incentivado e ter um apoio científico e financeiro, conforme fazem vários governos dos países europeus, americanos e asiáticos, mas este tipo de apoio, o linguista africano, especificamente, em Angola, dificilmente tem-no usufruído ao governo do seu país. Esta é uma realidade palpável, que nós, como africanos e investigadores, temos vivenciado neste século XXI.

2.2.2.4. O Dicionário e a sua contribuição no ensino/aprendizagem

Hoje, muitos professores e estudantes não sabem qual é a contribuição que o dicionário pode ter no ensino/aprendizagem do léxico. O dicionário é, sem dúvida, um suporte de capital importância no ensino do léxico de uma língua. É muito relevante que os professores, alunos e outros usuários saibam as possibilidades que lhes são oferecidas por esta obra lexicográfica, sendo um instrumento indispensável para a aprendizagem do léxico de uma língua. Ele deveria estar presente em todas as aulas e nos outros meios académicos e profissionais. O dicionário é uma fonte de aprendizagem do léxico, por isso, Biderman (2001:132) afirma que o dicionário é *«a arte de compilar e de organizar o léxico de forma que o mesmo possa servir a diferentes finalidades, por isso mesmo cabe à Lexicografia, que tem*

no lexicógrafo seu maior representante e nos dicionários sua obra- prima, cujo fim é recolher o tesouro lexical num dado momento da história de um grupo social.»

O conhecimento das informações que oferece o dicionário e a sua utilização presenteia o aluno e o professor ou qualquer indivíduo um grau de autonomia sobre o funcionamento da língua; deste modo, os falantes de todas as classes sociais interiorizam as regras do sistema linguístico, servindo-se delas para verbalizar as situações em que são instados a atuar na sua comunicação oral e escrita, como Miaca (2011: 80)¹⁰⁸ afirma que, *“o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma das mais importantes instituições simbólicas que representa o caráter interno e a forma externa da linguagem humana, quando se fala, especificamente, do léxico ativo e passivo da língua na sua existência como património cultural coletivo de um povo na comunicação unilateral e bilateral deste”*.

Neste contexto, o dicionário reflete o conjunto do uso social de uma língua, sem escapar à condição de ser um produto linguístico. De acordo com Lara (1999:20), *“o dicionário é o resultado de uma infinidade de atos verbais que, na experiência social, se desligaram dos seus atores para passar a fazer parte do património cultural coletivo”*.

Deste modo, podemos afirmar ainda que ele reúne, ou procura reunir, as unidades lexicais e as significações de uma comunidade linguística; por vezes, integra também unidades funcionais, informações de caráter morfológico, semântico, sintático e fonético. O dicionário é também um instrumento de normalização e de fixação da língua numa dada perspetiva sincrónica. Este utensílio de normalização e fixação da língua é um nicho de cultura que existe impregnado no próprio léxico de um sistema linguístico. Depreende-se, por conseguinte, que, enquanto obra lexicográfica, ele deve relacionar-se com a sociedade vigente, num dado recorte sócio- temporal, isto é, sincrónico.

Tendo em conta o caráter inegavelmente didático e pedagógico que um dicionário possui, ao consultá-lo, o falante de uma língua ou línguas espera encontrar informações sobre os usos relativos de termos vulgarizados em várias áreas científicas, como por exemplo, a linguística, medicina, biologia, o direito, a política, física, etc., sabendo que os vocábulos são polissémicos.

A linguística considera o dicionário como um elemento de capital relevância no ensino/aprendizagem de qualquer língua. Por isso, no que diz respeito ao ensino-

¹⁰⁸ Op. cit.

aprendizagem de uma língua materna, segunda ou estrangeira, o professor e o aluno devem impreterivelmente explorá-lo com todo o zelo.

Esta ferramenta de consulta contribui ainda mais para a aquisição do léxico na medida em que, hoje, a educação ou o ensino-aprendizagem a considera como um dos aspetos mais importantes na aprendizagem da língua, porque facilita a descodificação do léxico, ajudando a adquirir várias competências básicas conforme foi referenciado no item antecedente. É nesta conformidade, que o dicionário tem estes objetivos e finalidades evocados como afirmam vários lexicógrafos, tendo em conta a finalidade de cada tipo, cf. no rodapé¹⁰⁹: 1) Durão & Andrade (2007: 1087-1094,); 2) Andrade (2006).

Tendo em conta a finalidade e objetivo de cada tipo de dicionário, os mesmos autores precedentes (2007:1090) demonstram ainda, a sua importância que este tem na sociedade humana, cf. no rodapé¹¹⁰.

Neste contexto, o resultado do trabalho lexicográfico materializa-se mediante dicionários de diferentes formatos e proporções, aos quais dependem da finalidade para qual se destinam. Eles podem ser classificados de vários pontos de vista. De acordo com os autores supracitados, os dicionários podem ser classificados segundo o ponto de vista linguístico-lexicográfica, cf. a classificação destes no rodapé¹¹¹.

¹⁰⁹ 1) Durão & Andrade (2007: 1087-1094) afirmam que: a) «o conhecimento de um item do léxico é um processo complexo e gradual no qual se aprende não só a forma e o significado, mas também uma intrincada rede de relações formais e semânticas entre esse item e outras palavras e morfemas que constituem subsistemas de diferentes níveis. O conhecimento de uma palavra é uma representação mental de grande complexidade, que integra diferentes aspetos e componentes cognitivos, alguns mais automáticos e inconscientes e outros mais conscientes, reflexivos e empíricos; b) demonstram mais uma vez que, «o dicionário também é como um texto, um discurso pedagógico e didático e um instrumento de educação permanente, uma instituição social, cuja finalidade é definir a norma linguística, responder questões sobre o emprego de palavras e frases aceitáveis ou coisas denotadas, no caso do dicionário técnico-científica»; 2) Andrade (2006), na sua definição, define ainda que «o dicionário é um inventário de lexemas de uma língua natural, dispostos numa ordem convencional, habitualmente alfabético, que, tomados como denominações, são dotados, quer de definições, quer de equivalentes parassinónimos. O dicionário é uma praxis, um objeto manufaturado que corresponde às exigências de informação e de comunicação de uma sociedade. É mais do que um livro de consulta, que apresenta informações em ordem alfabética. Ele é um ponto de referência entre a língua e a ciência e, também entre a língua e a cultura, pois que ele tem como objeto o seu discurso o que se diz da língua e da cultura.

¹¹⁰ Neste caso, «*compete ao lexicógrafo, mais especificamente, a tarefa de classificar as lexias de um grupo sócio-linguístico-cultural, segundo os critérios e normas lexicográficos propriamente ditas numa determinada língua. Deste modo, o produto do trabalho lexicográfico manifesta-se em vários tipos de obras lexicográficas, a saber: a) dicionários monolíngues; b) dicionários bilingues ou plurilíngues; c) dicionários de sinónimos e de antónimos; d) dicionários inversos; e) dicionários analógicos; f) dicionários enciclopédicos; g) vocabulários; h) glossários monolíngues; i) glossários bilingues ou plurilíngues; j) thesaurus; l) vocabulários fundamentais; m) vocabulários técnico-científicos (...).*

¹¹¹ Classificação linguístico-lexicográfica dos dicionários: 1) «*quanto ao alcance do léxico: a) dicionários gerais (todo o léxico); b) dicionários especializados (parte do léxico); 2) quanto à natureza das informações: a)*

É sobre esta base linguística que o dicionário de uma língua natural é constituído por um universo do léxico ou um conjunto de lexemas, referindo-se ao sistema de uma comunidade linguística, como a comunidade lusófona ou *ibindófona*.

Assim, temos agora uma visão mais ampla e clara, que o léxico de uma língua é um conjunto aberto, pois que ele abriga todos os lexemas existentes e, todos os virtuais, os que poderão vir a ser formados por vários processos morfológicos, tendo em conta a cada perspetiva sincrónica.

De outro modo, o dicionário é um conjunto fechado, por conter o léxico existente numa língua natural, mas limitado a um *corpus* selecionado, cf. Biderman (2001:13) no rodapé¹¹².

Hoje, de um modo geral, a definição no dicionário de língua corrente parte da palavra para a distinção dos seus múltiplos significados ou aceções (polissemias); o processo utilizado é semasiológico; neste sentido, a definição lexicográfica refere-se aos signos da língua, explicando os significados, com o objetivo de esclarecer o utilizador; explica o sentido e as atualizações dos signos linguísticos¹¹³ em discurso.

De outro modo, a Terminologia, outra área da linguística que lida com os termos, ligada a especialidades profissionais ou áreas específicas de um determinado domínio, procura uma designação para um conceito ou noção; aplica-se o processo da onomasiologia,

dicionários de língua (palavras da língua); b) enciclopédias (dados ideológicos ou culturais); 3) quanto à extensão do léxico: a) dicionário extensivo (totalidade do léxico ou thesaurus); b) dicionários intensivos (totalidade de informação sobre lexias); 4) dicionários de línguas: a) gerais (definições semânticas e sintáticas); b) específicas ou de assuntos específicos; 5) quanto à natureza da língua: a) dicionários monolíngues ou unilíngues; b) dicionários bilingues ou plurilíngues.»

¹¹² O dicionário é um conjunto fechado, por conter o léxico existente numa língua natural, mas limitado a um *corpus* selecionado que «a geração do léxico se processou e se processa através de sucessivos atos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras. Acreditamos que o paulatino domínio dos limites e horizontes de cada palavra de um novo idioma depende, pelo menos em parte, da forma como são integradas nos dicionários bilingues e semi-bilingues utilizados pelos estudantes que aprendem, contribuindo tanto de forma positiva, como de forma negativa no processamento do léxico da LE, dependendo das características que tais materiais possuem.»

¹¹³ O linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um dos principais teóricos do signo linguístico. Para este linguista, o signo é formado por um significante (imagem acústica) e um significado (imagem mental de uma palavra); O linguista americano Charles Pierce (1838-1914), por sua vez, definiu o signo como sendo uma entidade de três faces, com um significante (o suporte mental), um significado (imagem mental) e um referente (o objeto real ou imaginário ao qual o signo faz alusão).

A semiologia é a ciência que estuda todos os sistemas de signos na vida social, isto é, a ciência que trata de todos os estudos relacionados com a análise dos signos, quer linguísticos, quer semióticos (signos humanos e da natureza). Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/conceito.de/semiologia>. Acesso em: 25 de setembro de 2018.

utilizando o sistema conceptual que parte do conceito para o termo; estes aspetos caracterizam os dicionários de línguas de especialidade ou dicionários terminológicos, fazendo as definições de coisas ou de conceitos para determinar a natureza e o uso do termo numa especialidade. É deste modo, que os terminólogos dizem que no processo onomasiológico, as definições são muitas vezes “construídas”, (Costa, Rute, 2014)¹¹⁴.

Neste contexto, os processos que norteiam a elaboração das definições dos dicionários diferem, linguisticamente, nos dicionários de língua geral (lexicografia geral) e nos dicionários de especialidade ou terminológicos (lexicografia de especialidade).

Em resumo, parece-nos muito pertinente, a importância que o dicionário tem, como instrumento de apoio ao ensino/aprendizagem, principalmente, os dicionários bilingues. Estes permitem o intercâmbio comunicacional de informações entre povos, estudantes, profissionais, académicos, etc.

De acordo com Durão & Andrade (2007:1093), como conclusão deste item, «o dicionário tem por finalidade, possibilitar a compreensão de textos e assegurar a comunicação, bem como o intercâmbio de informações entre diferentes povos, sendo estes, também, os objetivos das primeiras obras lexicográficas elaboradas desde a Antiguidade Clássica. Este lema ainda continua a ser o objetivo dos dicionários, dos glossários, dos vocabulários, hoje, chegando aos bancos de dados elaborados e produzidos nos nossos dias e que possuem um papel fundamental num mundo no qual a integração entre nações torna-se uma realidade constante e crescente».

2.3. Linguística de corpus

Para iniciarmos a descrição deste item, primeiramente, vamos definir a Linguística do Corpus de acordo a este linguista cujo o nome Willians¹¹⁵ (apud Sinclair, 1991; Stubbs, 1996; Biber, 1998), que define «a linguística de corpus como o ramo da linguística que se ocupa da exploração de corpora, isto é, o conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade

¹¹⁴ COSTA, Rute (2014). Seminário de Metodologias em Linguística: - Metodologias aprofundadas em Terminologia, FCSH/UNL.

¹¹⁵ TEACHER, Willians' website. Linguística de Corpus. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org>wiki>.linguistica](https://pt.m.wikipedia.org/wiki>.linguistica). Acesso no dia 25 de Fevereiro 2017.

linguística. Como tal, dedica-se à exploração da língua através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador».

Para além desta definição, a Linguística de Corpus pode ainda ser definida nas seguintes vertentes, como ilustram algumas definições neste rodapé¹¹⁶.

Assim, deste modo, além destas vertentes, o *corpus* linguístico é também um conjunto de textos escritos ou de registos orais de uma determinada língua, tendo em conta as suas variedades diatópicas e que servem como base de estudo e análise.

Os *corpora* apresentam muitas vantagens uma vez que contêm bases de consultar ou um vasto material oral e escrito produzido espontaneamente por locutores; permitem-nos efetuar observações precisas sobre o comportamento linguístico dos falantes, proporcionando-nos informações isentas de opiniões e julgamentos prévios, sobre os factos de uma língua.

Desde os anos sessenta do século XX, segundo as investigações feitas, o conceito de *corpus* mudou e contribuiu para o aparecimento da Linguística de corpus. Existem vários tipos de *corpus*, mas, hoje, há dois tipos de *corpora* (*corpus textual* e *corpus oral*) muito explorados¹¹⁷.

Muitos investigadores afirmam que a Linguística de corpus revolucionou o modo como a língua é estudada, contribuindo positivamente para diversas áreas de pesquisa, tais como Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, ensino-aprendizagem de línguas, tradução, estudos gramaticais, linguística computacional, linguística aplicada, etc.

¹¹⁶ A Linguística do corpus é uma área que: **1)** Estuda a língua em uso, ou seja, investiga a língua por meio da observação de grandes quantidades de dados linguísticos (textos falados ou escritos) autênticos; **2)** Utiliza o corpus (plural: corpora) para realizar as suas investigações, ou seja, um conjunto de dados linguísticos reais criteriosamente coletados (em suporte eletrónico), que deve ser representativo do universo linguístico que se pretende estudar; **3)** Faz amplo uso de ferramentas computacionais para organizar, extrair dados e interpretar as informações do corpus (como WordSmith Tools, dentre muitas outras); **4)** Parte de uma abordagem empírica (dados observados), contrariamente à abordagem racionalista (princípios pré-estabelecidos), e tem como base central a noção de língua enquanto sistema probabilístico, embora existam inúmeras possibilidades de expressão na língua.

¹¹⁷ Nesta conformidade estes dois tipos de corpus são: a saber: **1)** *Corpus* textual: os primeiros *corpora* eram todos escritos, por causa da disponibilidade e da sua heterogeneidade interna; os *corpora* escritos contêm tradicionalmente um número significativo de textos. Para o Português europeu existem o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, o *CETEMPÚBLICO* que contêm todos os textos do jornal Público entre 1991 e 1998. Existem também outros *corpora* escritos em várias instituições universitárias; **2)** *Corpus* oral: para além dos *corpora* escritos existem também *corpora* orais, que contêm gravações de fala. Em geral, os *corpora* orais são apenas utilizáveis quando transcritos: fornecidos de um ficheiro que contém a transcrição da fala. A transcrição mais comum é a ortográfica, mas pode também ser fonética, indicando a pronúncia das palavras do corpus em símbolos fonéticos.

2.3.1. O Corpus

2.3.1.1. Conceito de corpus na Linguística e na Linguística de corpus

Como é do nosso conhecimento, como investigadores e estudantes numa das áreas de especialidade do Curso de Linguística, a utilização do *corpus* é um requisito imprescindível nas pesquisas linguísticas hodiernas. A Linguística de corpus segundo Aluísio & Almeida (2006:156-178), “*é a abordagem que se ocupa da coleta e da exploração de corpora, isto é, o conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística, dedicando-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por computador*”.

2.3.1.2. Definição de Corpus

Hoje, ao analisarmos a definição do corpus, verificamos que, no contexto do estudo e análise linguístico, há dois conceitos a partir dos quais se pode definir o *corpus*: um da Linguística e o outro da Linguística do corpus. Segundo as nossas investigações, vamos apresentar quatro definições de *corpus dos linguistas seguintes que considerámos relevantes para este estudo*, sendo a última relativa à Linguística de corpus que achámos mais completa embora as outras também dão uma elucidação clarividente e científica, vamos descrever as algumas definições do corpus, tendo em conta as definições de: **1)** Galisson & Coste (1983:763), **2)** Para Dubois & al. (1993:653), **3)** Para Ducrot & Todorov (2001:339), **4)** Sinclair (2005:1-16), cf. estas descrições no rodapé¹¹⁸.

¹¹⁸ **1)** Galisson & Coste (1983:763), «o corpus é um conjunto finito de enunciados tomados como objeto de análise. Mais precisamente, conjunto finito de enunciados considerados característicos do tipo de língua a estudar, reunidos para servirem de base à descrição e, eventualmente, à elaboração de um modelo explicativo dessa língua. Trata-se, pois de uma coleção de documentos quer orais (gravados ou transcritos), quer escritos, de acordo com o tipo de investigação pretendido. As dimensões do corpus variam segundo os objetivos do investigador e o volume dos enunciados considerados como característicos do fenómeno a estudar. Um corpus é exaustivo quando compreende todos os enunciados característicos e é seletivo quando compreende apenas uma parte desses enunciados»; **2)** Para Dubois & al. (1993:653), «o corpus é considerado como o conjunto de enunciados a partir do qual se estabelece a gramática descritiva de uma língua. O corpus não deve ser considerado como constituindo a língua, mas somente deve ser representado, isto é, deve ilustrar toda a gama das características estruturais. Poder-se-ia pensar que as dificuldades serão levantadas se um corpus for exaustivo (...) Na realidade, sendo indefinido o número de enunciados possíveis, não há exaustividade verdadeira e, além, disso, grandes quantidades de dados inúteis só podem complicar a pesquisa, tornando-a pesada. O linguista deve, pois procurar obter um corpus realmente significativo. Enfim, o linguista deve desconfiar de tudo o que pode tornar o seu corpus não representativo»; **3)** Para Ducrot & Todorov (2001:339), «o corpus é um conjunto variado quanto possível, de enunciados efetivamente emitidos por usuários da referida língua em

Segundo Aluísio & Almeida (2006), uma das diferenças entre a Linguística e a Linguística de Corpus é o tipo e o formato do corpus. Uma grande quantidade de textos impressos pode não ser considerada pela Linguística de Corpus, como um *corpus*, tendo em conta que os dados linguísticos não estão num formato digital de modo a poderem ser processados por computador.

Segundo McEnery & Wilson (1996: 124), com uma definição do corpus que achámos mais completa, o termo corpus para eles «*implica uma definição específica, tendo em conta a moderna noção do Corpus que carrega consigo pelo menos quatro características fundamentais: a) amostragem e representatividade (sampling and representativeness), b) tamanho finito (finite size); c) formato eletrónico (machine-readable form); d) referência padrão (standard reference)*», cf. detalhadamente estas quatro características no rodapé.¹¹⁹

Nesta fundamentação científico-linguística, estamos de acordo com estes linguistas no que ponteia as quatro caraterísticas fundamentais que constam nesta última definição de *corpus*. Consequentemente, um *corpus* deve ter representatividade da língua ou variedade de língua que se pesquisa, conforme o caso e o tema da nossa investigação nesta tese de doutoramento em Linguística: corpus lexical dos verbos em português e iwoyo e proposta do dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e iwoyo.

Assim, o *corpus* deve ser organizado de forma a representar determinadas características da comunidade linguística, cuja língua está em estudo e análise, como é o nosso caso; desta forma, a nossa tese de doutoramento em Linguística, o *corpus* tem de ser organizado em função do objetivo do nosso trabalho de investigação que consiste na

determinada época; [...] o corpus é um conjunto de textos escritos ou falados numa língua disponível para análise»; 4) Sinclair (2005:1-16), linguista de corpus, responsável pelo trabalho pioneiro na área de léxico com o dicionário COULBUILD, efetuado a partir de um corpus informatizado, propõe a seguinte definição para *corpus* na perspetiva da Linguística de Corpus: «*a corpus is a collection of pieces of language text in electronic form, selected according to external criteria to represent, as far as possible, a language or language variety as a source of data for linguistic research*».

¹¹⁹ Explicação pormenorizada destes quatro caraterísticas fundamentais: **a) amostragem e representatividade (sampling and representativeness)**: um corpus deve ter uma amostragem suficiente da língua ou variedade de língua que se quer analisar para obter-se o máximo de representatividade desta mesma língua ou variedade linguística; **b) tamanho finito (finite size)**: à exceção do corpus-monitor, todo o corpus deve ter um tamanho finito, por exemplo: 500 mil palavras, 1 milhão de palavras; 10 milhões de palavras, etc; **c) formato eletrónico (machine-readable form)**: atualmente, o emprego do termo corpus significa admitir necessariamente que os textos estejam no formato eletrónico, diferentemente do conceito de corpus dos anos 20 do século XX, que se referia somente a textos impressos. O formato do corpus possui as seguintes vantagens: i) os corpora podem ser pesquisados de forma mais rápida; ii) os corpora podem ser mais facilmente enriquecidos com informações extra; **d) referência padrão (standard reference)**: existe um entendimento tácito de que um corpus constitui uma referência padrão para a variedade de língua que ele representa, pressupondo que o corpus esteja disponível para outros pesquisadores”.

identificação e na constituição do estudo do *corpus lexical dos verbos em português* e iwoyo e, também uma proposta, de modo a ser possível, de elaborar um dicionário bilingue bidirecional dos verbos em português e iwoyo.

A partir do corpus de análise e estudo, o pesquisador pode observar aspetos linguísticos relacionados com a língua ou variedade linguística em estudo e extrair um conjunto de dados que constituem um *corpus*, que, no nosso caso, é o *corpus lexical de verbos destes dois sistemas linguísticos em estudo, com uma proposta lexicográfica de elaboração do dicionário bilingue bidirecional de verbos*.

O *corpus em estudo* pode ser analisado e investigado nos parâmetros morfológico, sintático, lexical, semântico, etc.; permite ainda observar a produtividade e o emprego de palavras, expressões e formas gramaticais segundo os princípios e parâmetros gramaticais da língua ou das línguas em estudo e análise.

2.3.1.3. O Corpus de verbos

O corpus de verbos, segundo o nosso trabalho investigativo, é constituído por um conjunto de verbos em iwoyo e português. Desta forma, trata-se de um *conjunto de verbos* extraídos quer, por exemplo, do *corpus oral* (gravações ou recolhas orais de enunciados produzidos por falantes-ouvintes destas línguas) ou transcritos quer do *corpus escrito*.

O estudo do corpus dos verbos é feito sob o paradigma do conhecimento lexical, morfológico, sintático, fonético, semântico, (...), apresentando as inúmeras particularidades que caracterizam uma língua. O *corpus dos verbos* pode ser também analisado sob o paradigma de um *corpus monolingue ou bilingue ou multilingue*, estudando só os verbos de uma língua ou de mais de uma língua: flexões ou categorias dos verbos, sintaxe dos modos e tempos verbais, conjugações, classificação dos verbos, verbos auxiliares, concordância dos verbos, regência verbal, tipos de predicados, etc.

É por esta razão linguística, que o nosso trabalho de investigação em Linguística desta tese de doutoramento se cinge ao estudo contrastivo linguístico do corpus lexical dos verbos em iwoyo e português e tem por objetivo último uma proposta de elaboração de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos em português e iwoyo. Nesta ótica, estamos cientes e satisfeitos, porque descrevemos os aspetos mais relevantes dos fundamentos teóricos e metodológicos da Linguística e Ensino de Língua, Lexicologia e Lexicografia.

CAPÍTULO III

ESTUDO CONTRASTIVO DOS SISTEMAS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS E DO IWOYO

3.1. Sistema linguístico do Português e do Iwoyo

3.1.1. Introdução

A língua Portuguesa é uma das línguas indo-europeias, pertencente à família das línguas românicas ou novilatinas. É, precisamente, uma das línguas da Península Ibérica, da República Portuguesa, pertencente aos antigos reinos das Espanhas, que se tornou independente desde a sua proclamação pelo rei D. Afonso Henriques, primeiro Rei do Reino Lusitano que hoje é o atual Portugal: *“Em 1139, depois de uma estrondosa vitória na batalha de Ourique contra um forte contingente mouro, Afonso Henriques autoproclama-se Rei de Portugal, com o apoio das suas tropas. Outrora, segundo a tradição cristã, a independência foi confirmada mais tarde, nas míticas cortes de Lamego, quando recebeu do arcebispo de Braga, D. João Peculiar a coroa de Portugal, se bem que estudos recentes questionem a reunião destas cortes. O reconhecimento de Castela chegou em 1143, com o tratado de Zamora e deve-se ao desejo de Afonso VII de Castela em ser Imperador (e, como tal, necessitar de reis como vassalos). Desde então, Afonso I procurou consolidar a independência por si declarada. Fez importantes doações à Igreja e fundou diversos conventos. Procurou também conquistar terreno a sul, povoado então por Mouros e conquistou Santarém em 1146 e Lisboa em 1147. Em 1179 o Papa Alexandre III, através da bula “Manifestis Proba Tum”, reconhece Portugal como país ou reino independente e vassalo da Igreja”*¹²⁰.

Da mesma forma, a língua cabindesa é uma das línguas Proto-bantu-africanas, pertencente, precisamente, uma das línguas bakongo, especificamente, dos antigos três reinos do Kongo (Kakongo, Ngoyo e Loango) que é a atual Província de Cabinda, que se formou como território pertencente ao colono Português na base dos três tratados (Chinfuca 1883, Chikamba 1884 e Simulambuco), sendo este último o mais notável e importante dos dois primeiros, que a partir dele em 1 de Fevereiro de 1885, o território de Cabinda tornou-se como

¹²⁰ *História de Portugal*, disponível in <http://www.flick>. Acesso no 17 de abril 2017.

Protetorado de Portugal como foi referenciado anteriormente. Neste estudo, estamos a fazer uma descrição contrastiva da variedade geolinguística iwoyo da língua Cabindesa em contraste com o sistema linguístico da língua portuguesa, tendo em conta, principalmente, o léxico, os seus módulos gramaticais (fonética, fonologia, sintaxe, morfologia e semântica), apresentando características que os diferenciam linguisticamente.

Nesta lógica linguística, podemos compreender que os sistemas linguísticos destas duas línguas são diferentes, mesmo com a sua coabitação e interferência ao longo de mais de 133 anos na província de Cabinda. Verifica-se certas influências e interferências nestes dois sistemas linguísticos em vários aspectos linguístico-gramaticais.

Apontar-se-á, neste capítulo, algumas características linguístico-gramaticais que consideramos importantes nos dois sistemas linguísticos. O nosso estudo vai cingir-se mais na variedade linguística Iwoyo do Ibinda, isto é, o ibinda dos bawoyo, o Iwoyo, dialeto ou variedade linguística falado no sul da província de Cabinda, precisamente, na comuna sede.

3.1.2. Conceito de Língua

Antes de tudo, vamos descrever o conceito de língua, fazendo uma caracterização dos dois sistemas linguísticos que têm uma dimensão linguística diferente em todos os aspetos linguísticos da sua existência como corpos individuais de verdade linguística. Tomaremos como *“quaestio disputantur”* alguns estudos já realizados neste âmbito bilingue contrastivo.

Segundo Costa, Martins e Castro (1900) afirmam que, *“a língua é o conjunto de signos linguísticos ordenados e utilizados pelo homem na comunicação com os outros membros da sua comunidade ou ainda é um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma comunidade”*.¹²¹ Ainda os mesmos autores, citando Saussure, afirmam que *“a língua é um produto social que é partilhado por uma comunidade que admite as suas convenções, mas que pouco a pouco as modifica, fundamentando-se na sua evolução na perspectiva diacrônica e sincrônica”*.¹²²

¹²¹ COSTA, Fernando, MARTINS, Francisco e CASTRO, Rogério, *Novos Horizontes da Palavra, 10º Ano de Escolaridade/Áreas A, B, C, D*. Lisboa, 1900, p. 22.

¹²² Ibidem, p. 22.

Para Cunha e Cintra (2013), *“a língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos; expressão da consciência de uma coletividade. A língua é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Ela é a utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, esta não pode ser imutável, ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.”*¹²³

Nesta perspectiva, segundo os mesmos autores supracitados, e com fundamento na perspectiva sociolinguística¹²⁴, é possível demonstrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, compromete-se uma covariação do fenómeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direccional: a influência da sociedade na língua, ou a língua na sociedade¹²⁵, acrescentam, *mutatis mutandis*, que (...) a recente concepção da língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos seus aspectos é um meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas de uma forma social, cultural e geograficamente. É nesta perspetiva, que podemos definir a língua no seguinte parágrafo, segundo a definição que achámos mais completa, do ponto de vista da linguística e ensino da língua, tendo em conta as variedades diatópicas de cada língua natural.

Neste sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos, isto é, um DIASSISTEMA, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Daí o estudo de uma língua reveste-se de extrema complexidade, não podendo prescindir de uma delimitação precisa dos factos analisados para o controle das variáveis que atuam, em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação. A variação sistemática está, hoje, incorporado à teoria e a descrição da língua.”¹²⁶

Nesta perspectiva linguística, parafraseando os mesmos autores, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas, como acontece em todas as línguas conforme foi descrito no capítulo 1.

Tendo em conta todas estas realidades linguísticas, a língua, em suma, é o conjunto de sons, palavras e regras linguístico-gramaticais utilizadas por um grupo ou uma comunidade

¹²³ Cf. CUNHA, Celso, CINTRA, Lindly (2013), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, p.2

¹²⁴ *Ramo da linguística que estuda “a língua como fenómeno social e cultural.*

¹²⁵ CUNHA, Celso et alli (2013), op. cit. p. 2.

¹²⁶ Ibidem.

linguística na sua comunicação oral e escrita, fundamentando-se ou na gramática explícita ou na gramática implícita, tendo todos os subsistemas ou variedades geolinguísticas. Deste modo, o português é o veículo de comunicação de todos os falantes da comunidade lusófona, isto é, a CPLP, e o ibinda é o meio de comunicação de todos os falantes da comunidade ibindófona – língua ibinda onde o **iwoyo** é variante desta - em particular, diatópica a comunidade ibindo-iwoyófona da comuna sede (Cabinda) e no município sede.

3.1.3. Normalização Linguística do Iwoyo

A identidade e a difusão de qualquer língua, isto é, língua viva ou padrão, pressupõem a produção de instrumentos de normalização linguística, cuja função é descrever a estrutura e o léxico de uma língua, bem como fixar as regras do registo escrito, contam-se entre os mais importantes: gramáticas, dicionários, tratados de ortografia e prontuários, etc.¹²⁷

Neste contexto, segundo a linguista supracitada, no caso da língua Portuguesa, “o processo de normalização linguística acompanha o movimento geral ocorrido durante o renascimento, decorrente da valorização das línguas vernáculas em detrimento do latim, é fortemente influenciada pela invenção da imprensa, que constituiu uma condição indispensável para o alargamento da comunidade de falantes alfabetizados.”¹²⁸

Nesta perspetiva diacrónica e sincrónica de análise linguística do sistema linguístico português, a primeira gramática de português foi publicada em 1536: a Gramática da *Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira. E desta forma, seguiram-se outras publicações como de João de Barros, a Cartinha, para Aprender a Ler em 1539, seguida em 1540 da gramática da Língua Portuguesa, que inclui o Diálogo em Louvor da nossa Linguagem.¹²⁹ Desta forma, apareceram muitas publicações até aos nossos dias. Isto permitiu o grande desenvolvimento científico, linguístico e académico da língua Portuguesa.

Fazendo um estudo contrastivo do português com o ibinda, língua cabindesa, precisamente, na variedade diatópica iwoyo, embora verifiquemos que exista uma diferença abismal linguisticamente com aquela lusa, mas esta língua bantu-africana também não ficou

¹²⁷ Cf. DUARTE, Inês (2000), *Língua Portuguesa, Instrumentos de Análise*, Universidade Aberta, Lisboa, p. 27.

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ Ibidem.

despercebida, graças aos missionários franceses da congregação dos padres do Espírito Santo, os primeiros que se instalaram em Cabinda como religiosos católicos, precisamente, no actual município de Kakongo, na antiga vila Guilherme Capelo, actual Lândana, construindo a primeira igreja Católica, que, hoje, é designado de igreja S. Tiago Maior de Lândana, na África Central em 1873 antes do território de Cabinda tornar-se um protetorado português em 1885 através do tratado de Simulambuco. Deste modo, as primeiras gramáticas do fiote (ibinda) foram publicadas em 1888 para o uso eclesiástico: *“Grammaire de la langue Fiote Dialecte de Kakongo de Monseigneur Carrie A. M. e, de R. P. Ussel, Grammaire de la langue Fiote Dialecte du Loango”*. Desta forma, seguiram-se outras publicações como dicionários e gramáticas¹³⁰; estes instrumentos de normalização linguística foram escritos com a base da variante iwoyo como variante franco ou padrão em relação as outras. Depois da independência de Angola 1975, apareceram algumas publicações até aos nossos dias relacionadas a linguística cabindesa. Estes instrumentos da normalização linguística da língua ibinda em Cabinda não eram ensinados nas escolas, mas sim, eram de uso eclesiástico. Tendo em conta as políticas linguísticas das potências colonizadoras, em África, foram, grosso modo, de dois tipos: a do inglês e belga que introduziram as línguas africanas na escolaridade e aquele francês e português que apenas permitiram só o uso da língua de colonização na escola como também nas outras situações do domínio público.¹³¹ Neste sentido, ao espalhar o português falado, seguir-se-ia a ensinar a ler e escrever esta língua, e as línguas indígenas (africanas) iriam desaparecer rapidamente nas províncias ultramarinas portuguesas em África; argumentando que *“as duas últimas citações são provas evidentes da política linguística portuguesa, para eliminação das línguas autóctones africanas. O ensino das línguas bantu era proibido nas escolas, para não por em perigo a unidade nacional linguística Portuguesa. As atividades das missões religiosas católicas no ensino eram controladas pelas autoridades civis para que estas não ensinassem, nas suas escolas, línguas africanas. Nesta ótica, são reveladores deste “modus agendi” os decretos (nº 77 de 9 de Dezembro 1921) de Norton de Matos:*¹³² **«Art. 2º** - Não é permitido ensinar, nas escolas das missões católicas, línguas indígenas; **Art. 3º** - O uso da língua indígena só é permitido, em linguagem falada, na catequese: i) *É vedado na catequese das missões Católicas, nas suas escolas e em quaisquer relações com os indígenas,*

¹³⁰ 1) Les missionnaires du Sainte esprit (1890), op. cit.; 2) VISSEQ, Alexandre (1889), op. cit.; Ibidem (1890); 3) Missão Evangélica de Cabinda (1948), op. cit.

¹³¹ Cf. CRISPRIM Lourdes, Apud CHICUNA, Alexandre (2003), op. cit., p. 18.

¹³² Cf. Ibidem, p. 19.

o emprego das línguas indígenas por escrito; Art. 4º - As disposições dos dois artigos antecedentes não impedem os trabalhos linguísticos ou quaisquer outros trabalhos de investigação científica, reservando-se, porém, o governo o direito de proibir a sua circulação quando, mediante um inquérito administrativo, se reconhecer que ela pode prejudicar a ordem pública e a liberdade ou a segurança dos cidadãos e das populações indígenas.»

“Outras disposições do decreto têm por fim proibir por completo o uso e o emprego das línguas indígenas escritas, quer no ensino, quer com qualquer outro fim.”¹³³

É, nesta lógica, que as medidas tomadas por Norton de Matos sobre as línguas africanas nos territórios coloniais portugueses africanos, também, foram adotadas, nessa época, pelo governo português em Cabinda, mesmo sendo um protetorado português, conforme as disposições jurídicas plasmadas nos tratados celebrados no território de Cabinda entre os representantes do reino português e os representantes dos reinos de Cabinda, cf. as cláusulas do Tratado de Simulambuco: 1) Martins, P. Joaquim (1972), p. 25-37; 2) FRANQUE, D. Domingos José (1940), p. 66-79¹³⁴.

Como consequência, na normalização linguística, na produção de instrumentos de fixação linguística da língua cabindesa, o ibinda, não teve qualquer desenvolvimento linguístico, baseado em instrumentos linguísticos como gramáticas explícitas, dicionários, tratados ortográficos e prontuários, tendo em conta que as línguas africanas eram interditas ao seu ensino no período colonial português, exceto aqueles instrumentos normativos linguísticos supracitados escritos pelos missionários franceses católicos antes e depois da colonização portuguesa e o dicionário português-iouio escrito em 1948 pelos missionários da Igreja Evangélica para fins eclesiásticos.

Depois da independência de Angola, em 11 de Novembro de 1975, por falta de uma boa política cultural e linguística, no que toca às línguas nacionais angolanas, foi, somente, em maio de 1996, que aparece o Guia de Alfabetização em Ibinda: O Método Inongo-Nongo e, em Outubro do mesmo ano, o Manual de Alfabetização em Língua Ibinda¹³⁵.

¹³³ CRISPRIM, Lourdes, Apud CHICUNA, Alexandre (2003), op. cit., p. 19.

¹³⁴ Op. cit.

¹³⁵ [PADRE] SEDE, Gabriel Nionje (1966), op. cit.

Para dinamizar o desenvolvimento científico e académico da língua cabindesa, com base nos instrumentos de normalização e fixação linguística, como por milagre, aparece a Gramática Elementar de Ibinda (Zabizi *utuba Ibinda?*), em Abril de 2011, redigida pelo Padre José Silvino Sambo Mazunga, que, hoje, também faz parte na conjuntura daqueles instrumentos linguísticos supracitados descritos no século XIX, que serve como um dos suportes desta língua bantu-africana, na perspetiva que qualquer gramática e outros instrumentos de normalização linguística têm por objetivo e finalidade a fixação, a organização e a maturação da língua que devem ser criados pelos linguistas falantes-ouvintes desta língua. De uma forma mais concisa e realística, tivemos que viajar em Paris (França) na cede dos padres Católicos da congregação do Espirito Santo onde tivemos acesso aqueles instrumentos de normalização linguística supracitados (gramáticas e dicionários).

Em suma, segundo Duarte (2000): *“os instrumentos de normalização linguística têm de ser sensíveis à distinção entre língua oral e língua escrita e entre situações informais e formais de uso de língua. Na realidade, a preservação de uma língua de cultura como património e instrumento de identificação de uma comunidade linguística nacional ou regional não se compadece nem com atitudes laxistas de oralização anarquizante nem com tentações puristas, ao arrepio das grandes tendências de mudança linguística: os estudiosos das línguas e os professores desempenham um papel fundamental em tal preservação*¹³⁶.

3.1.4. A Língua Portuguesa

A língua Portuguesa como as outras línguas europeias novilatinas, o francês, espanhol, catalão, italiano, romeno, pertencem às línguas românicas, tendo como tronco o latim falado originalmente em determinadas partes do Lacio¹³⁷. A língua latina expandiu-se à medida que o poder político do Império Roma se foi alargando.

O latim esteve na origem do português e de outras línguas românicas; foi falado por camadas humildes, pelo povo – o latim vulgar –, e, assim, a maioria das palavras latinas entraram na

¹³⁶ DUARTE, Inês (2000), op. cit. p. 28.

¹³⁷ *Região da Itália central em redor da cidade de Roma, que serve de capital do território. O seu nome resiste desde o povo latino, de quem os romanos herdaram o latim, que torna a língua oficial do Império.* (Cf. RIBEIRO, Helga, et alii, *A Gramática do Português moderno*, Lisboa, 2010, p. 27.

língua Portuguesa por via popular. Eram palavras espontaneamente faladas por toda a gente e, por isso, foram sofrendo grandes transformações fonéticas ao longo dos séculos.¹³⁸

Nesta conformidade linguística, a partir do século XIV, e, sobretudo, do século XVI com o Renascimento, os estudiosos aprofundaram os seus conhecimentos e muitas vezes recorreram à criação de novas palavras portuguesas idas buscar diretamente ao latim clássico. Ora estas palavras, criadas tardiamente e vindas por via erudita, ou culta, não podem ter uma transformação tão grande como as vindas por via popular, que estão na origem do português.¹³⁹

A língua Portuguesa é, presentemente, uma das línguas nativas mais falada ao nível mundial, sendo utilizada não só em Portugal e Brasil (onde é língua materna), como em Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe (onde é língua oficial). Na Ásia, apenas se conservou, como língua oficial, em Macau, Timor-Leste e em alguns territórios na Índia. Hoje, no total, estima-se que o número de falantes da língua Portuguesa cifra-se em aproximadamente 250 milhões¹⁴⁰.

Depois desta análise linguística da língua lusa na sua perspetiva sincrónica e diacrónica, podemos concluir que o português iniciou no proto-indo-europeu, passando pelo latim, pelo galaico-português, pelo português arcaico médio e, finalmente, pelo português clássico, que após algumas evoluções até ao século XVIII, resultará no idioma hoje utilizado em todos os aspetos comunicativos da vida diária na CPLP.

No contexto das línguas mundiais, “o português, hoje, é língua de trabalho em doze organizações internacionais”¹⁴¹.

3.1.4.1. Características da língua portuguesa

A língua Portuguesa, como qualquer outra língua, tem características próprias e específicas que a diferencia de outros sistemas linguísticos, tendo em conta a sua origem, evolução diacrónica e sincrónica, o contexto geográfico, sociolinguístico, cultural e, também,

¹³⁸ Cf. PINTO, José M. Castro et alii, *Gramática do Português Moderno*, Lisboa, 1997, p. 77.

¹³⁹ Ibidem

¹⁴⁰ Cf. RIBEIRO Helga, et alii (2010), op. cit. p. 25.

¹⁴¹ COUTO, Jorge, Apud CHICUNA, Alexandre (2003), op. cit. p. 33.

a sua identidade; é um corpus individualizado, *tout court*, com uma existência linguística que foi evoluindo ao longo dos tempos, com o apoio de instrumentos normativos linguísticos.

Assim, a língua Portuguesa apresenta uma oposição de género (masculino e feminino) como uma das suas características linguísticas que também pode-se identificar nas outras línguas naturais. O género pode ser gramatical ou natural. No entanto, não existe, nesta língua, o género neutro.¹⁴² O género gramatical dos nomes que não designam pessoas ou animais é puramente convencional.¹⁴³

Os nomes que designam pessoas ou coisas variam naturalmente de género conforme o sexo (masculino ou feminino), do ser designado, salvo as exceções em que ambos são designados por único género.

Outras características importantes da língua portuguesa a destacar são:¹⁴⁴ **1) A existência da oposição de número (singular/plural); 2) Nasalação:** queda de consoantes latinas que dão origem aos ditongos nasais, exemplo: -ão e -ãe, e as vogais do mesmo timbre, exemplo: pa(n)es > pães, ma(n)us > mãos, leo(n)em > leões, o **n** caiu (síncope), nasalando a vogal anterior; **3) Vocalização e a elisão:** queda de consoantes latinas que dão origem a vogais e a elisão o último segmento, exemplo: re(g)num> reino; **4) Palatização:** grupos de consoantes latinas que resultam dos grupos **ch-** e **-lh-**, exemplo: (plu)viam> chuva.

3.1.4.2. Sistema Fonológico da língua portuguesa

O sistema fonológico da língua Portuguesa é dividido em três classes principais, a saber: vogais, consoantes e semivogais (semiconsoantes ou glides)¹⁴⁵.

São vogais e semivogais todos os sons que na produção dos quais o ar passa livremente na cavidade oral e consoantes todos os sons com obstrução à passagem do ar na cavidade oral.

¹⁴² Ibidem. *É verdade que o português não tem o género neutro, como definição gramatical. É, no entanto, incorrecto afirmar que o português não o tenha, porque este aparece, normalmente, em certas formas de Pronomes v.g. isso <ipsum>; isto, aquilo.*

¹⁴³ Ibidem

¹⁴⁴ AA.VV., *Aprender o português* in .instituto-camões, 2011, acesso em: 02 de Maio de. 2017, Disponível em <http://www.pt/cvc/tempolingua/index.htm>.

¹⁴⁵ Cf. RIBEIRO, Helga, et al (2010), op. cit., p. 64.

O sistema fonológico da língua portuguesa existe cinco vogais alfabéticas que nós aprendemos na escola desde ensino primário até hoje. Estas vogais são: <a>, <e>, <i>, <o>, <u>, quando encaramos a realidade fónica do português é muito diferente com o seu sistema de sons, por isso, não existe cinco sons fónicos das vogais desta língua, mas sim, catorze vogais, nove orais e cinco nasais, formando as vogais fonéticas do português.

Tendo em conta esta realidade fonológica portuguesa, vamos apresentar os sons deste sistema linguístico, considerando os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) que nos vai permitir inventariar o conjunto fonético dos símbolos gráficos necessários para representação dos sons da língua Portuguesa nas suas respetivas identificações nos grupos principais, a saber, vogais, semivogais e consoantes conforme a tabela seguinte:

Tabela 7: os sons fonéticos do Português


Vogais	Semivogais	Consoantes
[a] <casaco>	[j] <pai>	[p] <Paulo>
[ɐ] <casaco>	[w] <mau>	[b] <boca>
[i] <contente; grande>	[ɰ] <cão>	[t] <teto>
[e] <ferro>	[j] <mãe>	[d] <dançar>
[ɛ] <teto>		[k] <cabeça>
[i] <Filipe; exame>		[g] <garrafa>
[o] <todo>		[f] <feliz>
[ɔ] <toda>		[ʒ] <gelado>
[u] <modista; mudo>		[v] <vaso>
[ẽ] <canto>		[s] <sapato>
[ê] <atento>		[ʃ] <charopa; chave; rapaz>
[ĩ] <tinta>		[z] <camisa>
[õ] <tonto>		[m] <mola>
[ũ] <atum>		[n] <nadador>
		[ɲ] <caminho>
		[l] <litro>
		[ʌ] <abelha>
		[r] <tarefa>
		[ʀ] <corrida>

1. As vogais, as semivogais e as consoantes

I) **As vogais:** são classificadas de acordo com os traços fonológicos em: **1. Quanto ao ponto de articulação:** a) **palatal ou anterior** (quando articulada na parte anterior da cavidade bucal, com a língua elevada em direcção ao palato duro, próximo dos dentes) exemplo: [ɛ] sé, [e] cabeça, [i] pilha; b) **central ou média** (quando articulada com a língua abaixada, quase em posição de repouso) exemplo: [a] mala, [ɐ] pano; c) **velar ou posterior** (quando articulada na parte posterior da cavidade bucal e a língua se dirige para o palato mole) exemplo: [ɔ] foca, [o] globo, [u] sumo; **2. Quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios:** a) **arredondadas** (quando se dá a projecção e arredondamento dos lábios, provocando um estreitamento da passagem do ar) exemplo: [ɔ] mola, [o] porco, [u] muro; b) **não arredondadas** (quando há relaxamento dos lábios) exemplo: [i] fita, [ɛ] tela, [e] dedo, [i] sobre, [a] gato; **3. Quanto ao timbre ou grau de abertura:** a) **abertas** [a] pata; b) **semi-abertas** [ɛ] café, [ɔ] nova; c) **semi-fechadas** [e] medo, [ɐ] câmara [o] flor; d) **fechadas** [i] amigo, [i] sete, [u] tu; **4. Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal:** a) **oral** (quando o palato mole está elevado permitindo que a corrente expiatória se realize toda pela boca) exemplo: [i] ideia, lima, ali; [ɛ], [e], [i] neto, camelo, menina; [a], [ɐ] água, luva; [ɔ], [o] bola, bolo; [u] lupa, carro; b) **nasal** (quando o palato mole está abaixado, permitindo que a corrente expiatória se realize, ao mesmo tempo, pela boca e pelas fossas nasais) exemplo: [ĩ] cinto, jardim; [ẽ] penso, lembra; [ẽ] rã, manda, campo; [õ] tonto, som; [ũ] mundo, um; **5. Quanto à intensidade e acento:** a) **tónicas ou acentuadas** (quando há mais força expiatória e sobre elas recai o acento tónico) [i] apito, [a] árvore, caça, [ɛ] papel; b) **átonas (pretónicas e postónicas) ou não acentuadas** (quando há força expiatória e estão em sílabas não acentuadas) exemplo: [i] árvore, [ɐ] caça, [u] apito.

II) **As semivogais:** são classificadas de acordo com os traços fonológicos.

Na língua Portuguesa, foneticamente, existem duas semivogais, também chamadas glides [j] [w]. Têm características articuladas e acústicas semelhantes à da vogal, mas apresentam uma pronúncia breve. As semivogais não tomam a posição de núcleo, devendo associar-se a uma vogal para formarem uma sílaba ou melhor, ditongos crescentes (vogal seguida de semivogal) e ditongos decrescente (semivogal seguida de vogal). O traço de nasalação pode ser atribuído às semivogais em associação a vogais

nasais, originando os ditongos nasais, muito característico do português.¹⁴⁶ Elas podem ser classificadas em: **1. Oraís** (quando o corpo da língua se encontra elevado, permitindo o fluxo de ar unicamente pela cavidade bucal) exemplo: [j] pai, [w] mau, qual; **nasal** (quando há um abaixamento do corpo da língua, permitindo a passagem do fluxo de ar pela cavidade bucal e nasal) exemplo:  mãe, [w̃] cão; **2. Quanto ao ponto de articulação:** **a) não recuada** (quando há elevação da parte anterior do corpo da língua) exemplo: [j] pai; **b) recuada** (quando há elevação da parte posterior da língua) exemplo: [w] pau; **3. Quanto ao arredondamento ou não arredondamento dos lábios:** **a) arredondado** (quando se dá a projeção e arredondamento dos lábios) [w] mau; **b) não arredondadas** (quando há relaxamento dos lábios) [j] vai;

III) **As consoantes:** são classificadas de acordo com os traços fonológicos, deste modo, há traços distintivos que permitem as classificar. Elas podem ser classificadas: **1. Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal podem ser oraís e nasais;** **2.** Quanto ao papel das cordas vocais: surdas e sonoras; **3. Quanto ao modo de articulação ou passagem do ar pelo traço vocal:** oclusivas, fricativas, laterais e vibrantes; **4. Quanto ao ponto ou zona de articulação:** labiodentais, bilabiais, linguodentes, alveolares, palatais e velares.¹⁴⁷

Os traços distintivos das consoantes verificam-se a partir da intervenção das cavidades bucal e nasal, conforme visualiza a tabela que segue:

¹⁴⁶ RIBEIRO, Helga, et alli (2010), op. cit., p. 64-69.

¹⁴⁷ Ibidem

Tabela 8: Intervenção das cavidades bucal e nasal

		INTERVENÇÃO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL						
		Orais						Nasais
		Modo de articulação						
		Oclusivas		Constritivas				Oclusivas
Fricativas				Laterais	Vibrantes			
Intervenção das cordas vocais		Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Sonoras	Sonoras	Sonoras
Ponto de articulação	Bilabiais	[p] p <u>o</u> rta	[b] <u>b</u> arco					[m] <u>m</u> oda
	Labiodentais	[t] <u>t</u> aco		[f] <u>f</u> igo	[v] <u>V</u> oto			
	Linguodentais		[d] <u>d</u> or	[s] <u>s</u> ol o <u>sso</u> po <u>ço</u> <u>ç</u> éu pró <u>x</u> im o	[z] az <u>o</u> to me <u>s</u> a ex <u>a</u> me			[n] <u>n</u> ódoa
	Alveolares					[l] ge <u>l</u> ado	[r] Fe <u>r</u> o	[ɲ] Mo <u>in</u> ho
	Palatais			[ʃ] in <u>ch</u> ar <u>x</u> aile cre <u>s</u> cer	[ʒ] <u>g</u> elo <u>j</u> usto sis <u>m</u> o	[ʎ] fil <u>h</u> o		
	Velares	[k] sa <u>ç</u> o <u>q</u> uinta	[g] <u>g</u> ota		[ɣ] fo <u>g</u> o	[t̚] cal	[R] fe <u>r</u> ro <u>r</u> olha	

3.1.5. A língua cabindesa, a variante Iwoyo

Neste estudo, estamos usar a variedade diatópica o Iwoyo da língua cabindesa, ibinda, da comuna sede do município Sede da província de Cabinda, variedade franca no estudo da

língua cabindesa, neste trabalho científico, como a igreja Católica no período colonial a utilizou no ensino do catecismo desta igreja em toda a extensão territorial do Enclave de Cabinda, tendo como referência os livros de Catecismo de Fiote-Francês (padres franceses da congregação do Espírito Santo e Sagrado Coração de Maria) Katechissou i fiote-Francês nos anos (1884, 1885, 1888 e 1909)¹⁴⁸ e Catecismo Fiote-Português (padres portugueses) Katesisu i Fiote [katesisu kete ma Longe ma Zambi] (1909)¹⁴⁹ e Catecismo Fiote-Português (1963) supracitado no Capítulo I. Ela é uma língua africana, pertencente ao grupo das línguas Proto-bantu-africanas, da família das línguas bantu, fazendo parte do subgrupo daquelas línguas bakongo¹⁵⁰ e, especificamente, a língua que se fala na província de Cabinda. Ora, é muito evidente que esta língua possui todos os aspetos linguísticos universais como qualquer outro sistema linguístico do mundo. Possui idênticas características como qualquer língua do grupo bantu, com características particulares das línguas bantu e da família das línguas bakongo. Estas têm, sem esquecer a especificidade de qualquer sistema linguístico, as suas principais características que os particularizam dos outros sistemas linguísticos nos aspetos do leixoco, da fonética, fonologia, ortografia, sintaxe e morfologia. A isto se acresce aquelas peculiares características linguísticas de carácter individual da verdade linguística. É o terreno onde os ibindófonos colocam toda a sua criatividade e sabedoria do conhecimento linguístico, ao longo do processo do estudo diacrónico e sincrónico deste sistema linguístico, na medida que vão pesquisando a língua nativa cabindesa que os viu nascer, crescer e até os vê na última fase da vida (a morte)¹⁵¹ pelos hinos religiosos e cantos fúnebres desta língua.

3.1.5.1. Características da língua cabindesa

Conforme estamos prosseguindo o estudo e análise contrastivo dos dois sistemas linguísticos, já vimos e descremos que a língua Portuguesa tem características específicas em relação às outras línguas naturais do mundo e às línguas românicas; da mesma forma, o sistema linguístico cabindês, em particular, o Iwoyo, variedade diatópica do ibinda, apresenta

¹⁴⁸ Op. cit.

¹⁴⁹ Op. cit.

¹⁵⁰ Língua que pertenciam aos antigos reinos do reino do kongo que hoje pode encontrar nos territórios da república de Angola, Congo Brazzaville, Congo Democrático e Gabão.

¹⁵¹ Exemplificando: Padre Gabriel Nionje Seda, Padre Faustino Builo, Padre João de Brito Monteiro Mayamba e Simão Mamboma linguistas cabindenses que contribuíram muito para a eficácia e força comunicativa da língua Ibinda, que, hoje, já não estão connosco neste mundo dos vivos.

também características específicas que a diferenciam de qualquer outra língua não bantu, bantu e kongo, mas tendo as mesmas características dos outros dialetos do ibinda.

Tendo em conta esta constatação de teor científico-linguística, apoiar-nos-emos, também, nos seminários do II Mestrado de Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa na disciplina da Linguística Africana (ISCED-Luanda), nas obras linguísticas e académicas: “*Essai de Morphologie Lexicale du Cissundi* de Cabinda, Angola, (2012) , no *Étude Grammaire de L’Iwoyo* (1994), no *Contributo para o Estudo contrastivo do português e Ibinda* (2004), Miaca (2012 e 2017, nas gramáticas (de 1888, 1889, 1890, 1894, 1895) e nos dicionários (de 1889, 1890) de fiote-francês e de francês-fiote escritos pelos padres franceses e outros linguistas que se instalaram em Cabinda antes e depois do tratado de Simulambuco em 1885]¹⁵². O conjunto destes instrumentos normativos linguísticos é a referência essencial científico-linguística para estudo do sistema linguístico da língua Cabindesa, além das outras referências bibliográficas que tivemos acesso. Esta língua, como qualquer outra língua natural tem a oposição entre masculino e feminino (género). Por outro lado, este idioma apresenta o género neutro para os substantivos. O número nos substantivos é determinado através de um sistema de classes prefixais, recorrendo, no entanto, à prefixação, conforme veremos adiante.

3.1.5.2. Alfabeto e Sistema Fonológico da língua cabindesa

O alfabeto do Iwoyo e outras variantes da língua cabindesa é constituído por vinte e seis grafemas, segundo a realidade do alfabeto latino, isto é, sem colocarmos, neste momento, as consoantes pré-nasais, característica específica das línguas bantu-africanas:

A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, (Q), (R), S, T, U, V, W, Y, (X), Z;¹⁵³

- **Cinco (5) vogais: a, e, i, o, u;**
- **Duas (2) semivogais: y, w;**

¹⁵² Cf. NTONDO, zavoni. *Linguística Africana*, Ad Usum Privatum, 2011; FUTI, Joao Maria (2012), op. cit.; MINGAS, Amélia Arlete (1994), op. cit.; NZAU, Domingos Gabriel Ndele (2004), op. cit.; MIACA, Filipe Camilo (2012), op. cit.; *Ibidem*, (2017), op. cit.; USSEL, Alexandre (1888). Op. cit.; *Ibidem* (1889). Op. cit.; 2) MONSEIGNEUR, Carrie (1888). Op. cit.; 3) TRADÊ, A. (1895), op.cit.; *Les Missionnaires de la Congrégation du Saint-Esprit et du Saint Coeur de Marie* (1890), op. cit.; 2) USSEL, Alexandre (1889), op. cit.; *Ibidem*(1890). Op. cit.

¹⁵³ No alfabeto do Kikongo veicular e do kokongo continuum linguístico os grafemas c, j, h não existem, mas na língua cabindesa, como particularidades desta língua, tem-nos no seu alfabeto por causa do neologismo do português na língua cabindesa.

- **Dezasseis (19) consoantes: b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, (q), (r), s, t, v, (x), z.**

Segundo a linguística bantu-africana, os grafemas (**q, r, x**) não faziam parte do alfabeto da língua Cabindesa antes da colonização portuguesa no território de Cabinda, mas com o portuguesismo na língua Ibinda, especificamente, na variedade diatópica iwoyo, devido a coabitação e interferência do português nesta língua bantu, isto é, o neologismo, o empréstimo de muitos vocábulos neste idioma, criando este fenómeno linguístico, o neologismo, o portuguesismo na língua ibinda, onde o iwoyo é variante ou dialeto etnolinguístico.

A língua Nacional de Cabinda, Ibinda, é uma língua bantu, razão pela qual socorremos a escritura Mandombe¹⁵⁴, inventado na República Democrática do Congo para traduzir a realidade das línguas bantu-africanas que é utilizada para mostrar também a consistência e evidência linguística dos sons de alguns grupos consonânticos pré-nasais que formam os sons guturais nasalados e guturais nasalados-aspirados, permitindo a singularidade linguística destas línguas africanas em relação aquelas indo-europeias. Neste caso, podemos inventariar que a língua Ibinda, em todos os seus dialetos ou suas variedades geolinguísticas, nomeadamente, iwoyo, tem 40 grafemas que fazem parte dos seus sons vocálicos e consonânticos. Este alfabeto que apresenta as consoantes pré-nasais de quase todas as línguas bantu, formando dígrafos, duas consoantes que denotam um som, como demonstram as seguintes letras negritadas:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, k, m, **mb, mf, mp, mv**, n, **nd, ng, nk, nl, ns, nt, nz**, o, p, (q), (r), s, t, u, v, w, y, (x), z.

Neste sistema linguístico, segundo o sistema fonológico da língua cabindesa, as vogais são abertas e surdas. As semivogais têm valor morfológico de consoante, segundo as características das línguas bantu, e as consoantes apresentam algumas propriedades específicas¹⁵⁵.

Segundo a realidade do alfabeto das línguas nacionais angolanas, através da Resolução nº 3/78, de 23 Maio de 1987, que o Conselho de Ministros da República de Angola aprovou, a título experimental, o alfabeto das línguas nacionais Kikongo, Kimbundu, Cokwe,

¹⁵⁴ L'Écriture Mandombe, inventée en République Démocratique du Congo, est aussi utilisée dans la communauté Kimbanguiste pour traduire le Kituba. Kituba, Munukutuba, Kikongo Ya Leta, disponível in <http://fr.wikipedia.org/wiki/kituba>, acesso no dia 14 de junho de 2019.

¹⁵⁵ KUKANDA, Vatumenu, Apud CHICUNA, Alexandre, op. cit. p. 36.

Umbundu, Mbunda, Fiote (Ibinda) e Oxikwanyama, tendo em conta a realidade linguística das línguas nacionais angolanas, no quadro de um projeto tripartido entre Angola, o PNUD e UNESCO, denominado Ang/77/009 – “ **Desenvolvimento das Línguas Nacionais na República de Angola**”. Considerando esta realidade linguística angolana, o Instituto de Línguas Nacionais Angolanas colocou à disposição de todas as línguas nacionais um código económico e prático que facilitaria a leitura e a escrita destas, que são utilizáveis nos vários domínios sociolinguístico e cultural da vida nacional de cada região linguística angolana, respondendo a uma necessidade real de se substituírem as várias transcrições linguísticas paralelas e especificidades de cada língua nacional.¹⁵⁶

A língua Ibinda não foge a esta realidade linguística como língua bantu-africana, mas teve-se em conta a especificidade dos seus princípios e parâmetros linguístico-gramaticais, principalmente, os sons vocálicos e consonânticos que constituem o baluarte linguístico da fonologia e fonética de cada língua natural, formando um dos aspetos da linguística descritiva no estudo de cada língua, na conjuntura dos parâmetros linguístico-gramaticais do léxico, da sintaxe, morfologia, semântica e pragmática.

Nesta lógica linguística das línguas angolanas, , tendo em conta a resolução nº 3/78, de 23 maio de 1987 supracitada, adaptar a realidade do alfabeto da língua cabindesa com a das outras línguas nacionais deste país africano, considerando os seus princípios e parâmetros gramaticais e a sua especificidade linguística. É nesta coerência linguística que este idioma deve ser adaptado segundo a realidade do parâmetro alfabético do seu sistema fonológico e fonético, tendo em conta a sua especificidade linguística. Para o efeito, propusemos o seguinte alfabeto, baseando-nos na realidade deste sistema linguístico, e, também a interferência linguística do português no Ibinda que criou o portuguesismo (neologismo) nesta língua, na adição também das consoantes “**q, r, x**” no alfabeto da língua cabindesa, tendo também em conta as consoantes pré-nasais, totalizando 40 letras . Neste contexto linguístico, apresentamos e propomos o abecedário da língua Ibinda, segundo os seus sons vocálicos e consonânticos dos utentes desta língua, com a menção no estudo da variante diatópica iwoyo:

¹⁵⁶ Parafraseando, PEDRO, José Domingos, Diretor Geral do Instituto de Línguas Nacionais do MINCULT e Professor Auxiliar da Faculdade de Letras Universidade Agostinho Neto, fazendo referência alguns aspectos da sua brochura, Balanço Sobre a Utilização dos Alfabetos em Línguas Nacionais, Ad Usum Privatum.

a, b, c, d, e, f, fh, g, h, i, k, kh, m, mb, mf, mp, mv, n, nd, ng, nk, nl, ns, nt, nz, o, p, ph
(q), (r), s, t, th, ts, u, v, w, y, (x), z.

3.1.5.2.1. Os sons vocálicos

Do ponto de vista articulatorio, os sons vocálicos de Iwoyo classificam-se em duas categorias como noutras variantes do ibinda: as vogais e as consoantes, tendo em conta a realidade linguística das línguas bantu, uma terceira categoria é constituída das semiconsoantes, as chamadas às vezes por semivogais, sons intermediários entre as vogais e as consoantes. Neste contexto, os sons na língua cabindesa, no seu aspeto fonológico, equiparados com aqueles portugueses apresentam características diferentes na articulação, dependendo da posição da língua e dos lábios relativamente aos dentes, aos alvéolos e ao palato, do levantamento ou abaixamento do véu palatino, da vibração da úvula, das cordas vocais e da existência ou não da ressonância nasal. Deste modo, vamos descrever a classificação dos sons das vogais, semivogais, consoantes, consoantes pré-nasais e sequências, tendo em conta a realidade linguística deste idioma.

3.1.5.2.1.1. As vogais

As vogais do Iwoyo, segundo a nossa investigação linguística feita e, também como falantes-ouvintes, na identificação dos seus sons, tendo em conta a supremacia destes, elas podem ser representadas pelos seguintes grafemas: <a>, <e>, <i>, <o> e <u>. Nas obras investigadas e lidas relacionadas as vogais, referente a língua cabindesa, os linguistas e investigadores afirmam que esta língua, em todas as suas variedades diatópicas, especificamente, o iwoyo, tem cinco vogais. Segundo Nzau (2003:91) afirma, que *“quanto ao sistema vocálico a língua cabindesa, Ibinda, em todas as suas variedades geolinguísticas, querendo aqui referir o mecanismo funcional do aparelho fonador quando são pronunciadas, as vogais de Ibinda correspondem a 7 realizações fonéticas agrupadas em duas anteriores (/e/, /i/, duas posteriores (/o/, /u/) e uma central, (/a/), com 4 graus de abertura”* como ilustram o esquema e a tabela 9 na página 151 deste trabalho.

Nesta consonância vocálica, as vogais orais do iwoyo e dos outros dialetos do ibinda são classificados de acordo os traços fonológicos como vimos na língua portuguesa, fazendo

um estudo e uma descrição analógicos, apresentam certas características específicas, sabendo que o som delas sai pela boca, enquanto as vogais nasais, o som sai simultaneamente pela boca e pelas fossas nasais. Eis aqui as seguintes características das vogais: **1) quanto ao ponto de articulação** são: a) **palatal ou anterior**, ex.: [ɛ] m'téla: chama-o, [e] mbêle: faca; [i] ufila: enviar; b) **central ou média**, ex.: [a] mbala: batata, [e] m'téla: chama-o; c) velar ou posterior [ɔ] iyóko: barulho, [o] mangolo: força, [u] mayindu: pensamento; **2) quanto ao arredondamento ou não arredondamento aos lábios**: a) **arredondadas**, ex.: [ɔ] iyóko: barulho, [o] mangolo: força, [u] mayindu: pensamento ; b) **não arredondadas** ex.: [i] mbizi: carne, [ɛ] ntela: altura, [e] mbele: faca), [ɪ] ndima: roça, [a] mbala: batata; **3) quanto ao timbre ou grau de abertura**: a) **abertas** [a] mbala: batata; b) **semi-abertas** [ɛ] ntela: altura, [ɔ] iyoko: barulho; c) **semi-fechadas** [e] mbele: faca, [e] mbala: batata, [o] iyoko: barulho); **d) fechadas** [i] mbizi: carne , [ɪ] ndîka: ratoeira de peixe, [u] mpungu: gorila; **4) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal**, [cf. neste item na p. 145-146: a. vogais orais e b. vogais nasais]; **5) quanto à intensidade e acento**: a) **tónicas ou acentuadas**, ex.: [i] mbizi: carne, [a] utala: olhar, [ɛ] utéla:chamar); b) **átonas (postónicas ou não acentuadas)**, ex.: [ɪ] nkandî: coconote, [e] mbala: batata, [u] mbulu: testa; .

No entanto, quando nos referimos da realidade fónica do Iwoyo, afirmamos e concluímos que, linguisticamente, ao interpretar o seu parâmetro fonológico, este sistema linguístico tem nove vogais orais e cinco vogais nasais como vamos apresentá-las na seguinte descrição, realidade linguística fonológica que não foi aceite e nunca foi mencionada por certos linguistas africanos, como por exemplo, com a referência de Chicuna (2014:94-95)¹⁵⁷, especificamente, por linguistas que investigaram e descreveram sobre a realidade do sistema fonológico e linguístico da língua Cabindesa, tendo em conta os seus dialetos ou variedades diatópicas, apresentamos em seguida as vogais orais e nasais do iwoyo:

a. Vogais orais

1. A vogal [a] em <mbala> (batata);
2. A vogal [e] em <m'téla> (chama-o);
3. A vogal [ɛ] em <mbêle> (faca);

¹⁵⁷ Cf. CHICUNA, Alexandre Mavungo (2014), op. cit.: As vogais são geralmente pronunciadas abertas. A língua Kiyombe, tal como as outras línguas Bantu de Cabinda, comporta vogais orais, carecendo de vogais nasais; (Cf. Amélia Mingas (2000), op. cit. p.39; Cf. J. Fernanes e Z. Ntongo (2001), op. cit. p.91.

4. A vogal [ɛ] em <ntela> (altura);
5. A vogal [i] em <mbizi> (carne);
6. A vogal [i] em <nkandi> (coconote); <ndima> (roça); <ndika> (ratoeira de peixe); <ndíndi> (forte, gordo, grande);
7. A vogal [o] em <mangolo> (força);
8. A vogal [ɔ] em <iyóko> (barulho);
9. A vogal [u] em <mayindu> (pensamento).

b. Vogais nasais

1. A vogal [ẽ] em <ntándu> [ntẽ:ndu] ou [ũtẽ:ũdu] / (planície);
2. A vogal [ẽ] em <ntende> [ntẽ:nde] ou [ũtẽ:ũde] / (jovem);
3. A vogal [ĩ] em <mpinda> [mpĩ:nda] ou [ũpĩ:ũda] / (ginguba);
4. A vogal [õ] em <nkombo> [nkõ:mbo] ou [ũkõ:ũbo] / (cabra/bode);
5. A vogal [ũ] em <mpungu ou pungu> [mpũ:ngu ou pũ:ngu] ou [ũpũ:ũgu ou pũ:ũgu] / (gorila).

Podemos evidenciar e elucidar que os símbolos que transcrevem os sons das vogais do Iwoyo não foram inventados por nós, mas sim, são símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI), que todas as línguas utilizam para transcrever a fonética dos sons das vogais, semivogais e consoantes como base fundamental do seu código fonológico ou a forma fonológica vocálica e consonântica de uma língua, tendo em conta a peculiaridade fonética e fonológica de cada língua natural. O Iwoyo e as outras variedades etnolinguísticas da língua cabindesa não fogem a esta regra, por esta razão que estamos apresentar e propor os símbolos fonéticos do AFI que representam os sons deste idioma, que poderão facilitar a leitura dos seus vocábulos.

De acordo com Duarte (2000:218), “ *a relação entre grafemas e sons da língua não é biunívoca, é preciso usar um sistema gráfico que permite a representação inequívoca dos sons que constituem o inventário fonético de uma língua. É por esta razão que foi o Alfabeto Fonético Internacional (AFI), um conjunto de símbolos gráficos que constitui um sistema biunívoca e universal de representação dos sons da fala. O sistema é biunívoca a cada símbolo gráfico corresponde apenas um som e um som é sempre representado pelo mesmo gráfico; é universal porque permite representar todos os sons de todas as línguas do mundo.*”

Desta forma, vamos apresentar apenas os símbolos necessários que reputámos convenientes para a representação dos sons do Iwoyo, dividindo-os em quatro classes ou categóricas que vamos descrever uma a uma as suas características fonéticas e fonológicas, a saber, vogais, semivogais, consoantes e consoantes pré-nasais.

3.1.5.2.2. Os sons fonéticos do iwoyo

3.1.5.2.2.1. As vogais

- [a] <mb**al**a> (batata); <nkazi> (chefe de família; tio materno)
- [ɐ] em <m-té**l**a> (chama-o)
- [e] <mbê**l**e> (faca); <ityende> (cesto)
- [ɛ] <nt**e**la> (altura); <ntebola> (testa grande)
- [i] <mb**i**zi> (carne); <cimp**i**ti> (catana)
- [ɪ] <nkand**i**> (coconote); <ndima> (roça); <ndika> (ratoeira de peixe)
- [o] <mangol**o**> (força); <ntonon**o**> (começo)
- [ɔ] <iy**o**ko> (barulho); <ubot**u**la> (tirar; recolher)
- [u] <mayindu> (pensamento); <ut**u**ba> (falar; dizer)
- [ɘ] <nt**a**du> (planície); <mbamb**i**> (salamandra)
- [ɛ̃] <nt**e**nde> (jovem); <malemb**e**> (quietude; sossego, paz)
- [ĩ] <mp**i**nda> (ginguba); <ud**i**nda> (inflamar)
- [õ] <nk**o**mba> (cabra/bode); <ukó**mb**a> (varrer)
- [ũ] <mp**u**ngu ou ph**u**ngu> (gorila); <liv**u**nga> (cobertor)

3.1.5.2.2.2. Semivogais

- [j] <ly**e**su> (olho)
- [w] <b**w**ala> (aldeia)

3.1.5.2.2.3. As consoantes

- [p] <mp**e**se> (barata)
- [b] <ib**a**sula> (ratoeira de peixe)
- [t] <ityali ou it**a**li> (machado)
- [d] <ud**i**nda> (inflamar)
- [k] <nk**k**anka> (esquilo)

[g] <ngandu> (jacaré)
 [f] <ufinga> (ofender)
 [ʒ] <gelu> [ʒelu] (gelo); igenze [iʒêze] (balde de puxar água na cacimba)
 [v] <uváva> (estragar)
 [s] <usala> (trabalhar); <susu> (galinha)
 [ʃ] <isalu> (trabalho; serviço)
 [z] <nzazi> (relâmpago)
 [ts]¹⁵⁸ <tsutsu ou tsusu> (galinha/galo)
 [dʒ] ou [ŋg] <ngili> [ũdʒili] ou [ndʒili] (hérnia); ilinji [ilĩ:ndʒi] ou [ilĩdʒi]; njye [(n)/ũdʒje] (tu);
 <unonje> [unõ:ndʒe] ou [unõ:ũdʒe] (atingir)
 [m] <madezu> (feijão)
 [n] <nandi> (ele/ela)
 [ɲ] <limanya> (pedra)
 [l] <ulanda> (buscar)
 [ʌ] <ulyata> (andar); <lyanya> (milho)
 [fh] <mfú, fú> (peixe)
 [ph] <mpú> (chapéu)
 [kh] <nkáka> (avô/avó)
 [th] <ntáta> (coroa)

3.1.5.2.2.4. As consoantes pré-nasais

[ᵐb] ou [ũb]¹⁵⁹ <mbongo> (dinheiro)
 [ᵐf] ou [ũf] <mfwizi> (viúvo/viúva)
 [ᵐp] ou [ũp] <mpungu> (gorila)
 [ⁿd] ou [ũd] <ndembama> (paz)
 [ⁿg] ou [ũg] <ngandu> (jacaré)
 [ⁿk] ou [ũk] <nkama> (esposa)
 [ⁿl] ou [ũl] <nlenvu> (perdão)
 [ⁿt] ou [ũt] <ntandu> (planície)

¹⁵⁸ Este som só existe na variedade do fyote dos bayombe, iyombe, e fyote dos basundi, isuundi de Miconje e Tando-Zinze.

¹⁵⁹ Usamos este modelo de fonética aportuguesa do para facilitar a leitura aos falantes da CPLP que têm o português como L1, obedecendo as normas linguísticas internacionais do AFI

[ns] ou [üs] <nsamu> (assunto; questão)

[ⁿz] ou [üz] <nzó; nzá> (casa; mundo)

A linguista supracitada, reafirma que “a fala é um contínuo fónico, uma das aplicações possíveis do AFI que é a transcrição fónica deste contínuo fónico que constitui um enunciado de fala. A transcrição fonética é a representação linear dos sons que se sucedem numa sequência de fala, através da utilização dos símbolos do AFI.”

Os sons pré-nasais que já referenciámos têm dois tipos de alfabeto fonético, uma fonética do continente africano e a outra do AFI, segundo a nossa proposta, para facilitar a leitura das línguas africanas do leitor africano e não africano.

A nossa investigação vai continuar nesta matéria, esperemos que nas próximas investigações, descreveremos, pormenorizadamente, este assunto fonético e fonológico.

Neste estudo fonético/fonológico/linguístico, tendo em conta a realidade do sistema fonológico das línguas bantu-africanas, afirmamos que todas estas línguas têm alguns aspectos fonológicos e fonéticos comuns e cada uma delas tem a sua especificidade linguística em relação as outras. O Iwoyo e as outras variedades regionais da língua cabindesa, admitem estes cinco fonemas (vogais) do alfabeto latino sem qualquer contestação e retracção diatópica em relação as outras línguas bantu ou a língua portuguesa: /i/, /e/, /a/, /o/, /u/. Estes fonemas são classificados em função de três parâmetros: **1) o ponto de articulação:** a) **as vogais anteriores ou palatais** (/i/, /e/) e /a/; b) **vogais posteriores ou velares** (/u/, /o/)); **2) o grau de abertura:** a) **as vogais abertas** /a/; b) **fechadas** /i/ e /u/; c) **semifechadas** /e/ e /o/; **3) a participação dos lábios:** a) **as vogais labiais ou arredondas** /u/ e /o/; b) **as não labiais ou não arredondas** /i/, /e/ e /a/. Estes três critérios linguísticos permitem dividir as vogais no seio do triângulo vocálico seguinte, conforme os sons destas cinco vogais que estão inseridas nos seguintes nomes:

/i/: luzingu «vida»

/e/: madêzu «feijão»

/a/: bwâla «aldeia»

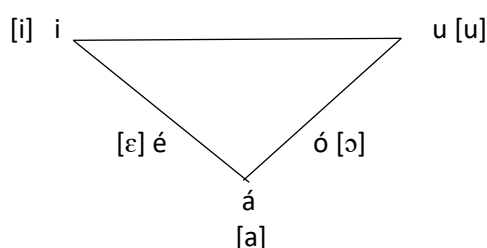
/u/: mpungu «gorila»

/o/: luzólo «amor»

Considerando a realidade da classificação das cinco vogais (a, e, i, o, u) em português, vamos fazer uma analogia e uma representação da realidade das vogais em iwoyo, língua ibinda, parafraseando Lopes & al. (2018 54-55)¹⁶⁰, que o /a/ [a] ocorre na maior parte das palavras e para o pronunciar é necessário a abertura máxima da cavidade bucal em português, é a mesma coisa que acontece em iwoyo, sem qualquer contestação.

Neste caso, vamos reparar em português e iwoyo, ao pronunciarmos as outras vogais orais (/e/, /i/, /o/, /u/), o som sai pela boca, vai-se diminuindo o espaço da cavidade bucal, precisamente através de uma maior elevação da língua. Deste modo, poderíamos fazer a seguinte representação esquemática destas vogais – a vogal /a/ encontra-se no ponto inferior para sugerir que, ao pronunciá-la, a língua tem de estar em posição de repouso, enquanto as vogais /i/ e /u/ estão num nível superior já que para a sua pronúncia tem de se elevar, como podemos verificar neste esquema seguinte dos autores supracitados:

Gráfico 2: as cinco vogais alfabetidos do iwoyo



Quanto ao sistema vocálico, no aspeto do mecanismo funcional do aparelho fonador, quando as vogais da língua cabindesa são pronunciadas, como Nzau (2004)¹⁶¹ afirma que, correspondem a 7 realizações fonéticas agrupados em duas anteriores (/e/, /i/), duas posteriores (/o/, /u/) e uma central, (/a/), com 4 graus de abertura; este é também o mesmo ponto de vista de [Chicuna (2009, 2015) e Mingas (1994)]¹⁶² sobre a realidade das vogais orais do sistema linguístico cabindês. Para nós, a perspetiva linguística-fonológica das vogais orais é diferente, como referimos anteriormente, no item dos sons fonológicos e símbolos

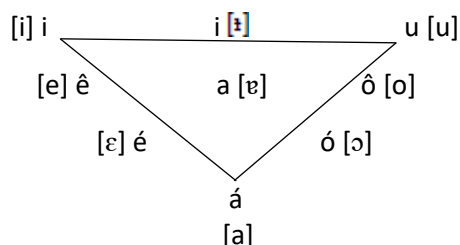
¹⁶⁰ LOPES, M. Carmo Azevedo & ali (2018). Da Comunicação à Expressão/Gramática Prática de Português 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Raiz Editora, Lisboa.

¹⁶¹ NZAU, Domingos G. Ndele (2004), op. cit. P. 91.

¹⁶² CHICUNA, Alexandre Mavungo (2009,2014), op. cit. ; MINGAS, Amélia Arlete (1994), op. cit.

fonéticos das vogais, correspondendo a 9 realizações fonéticas das vogais orais, como segue o esquema seguinte.

Gráfico 3: o sistema vocálico do Iwoyo



Quanto à classificação das vogais orais em iwoyo, podemos distingui-las em: vogais **baixas**, produzidas com o abaixamento do corpo da língua na boca, exemplo: (*mbala* [batata], *ntela* [altura], *nzó* [casa]), as vogais **médias**, produzidas com a língua em repouso, ex.: (*ubala* [pensar], *mbêle* [faca], *mangolo* [força]) e as vogais **altas**, produzidas com a elevação do corpo da língua na boca, ex.: (*ufila* [enviar, refilar], *utuma* [mandar], nkandi [coconote]. Neste caso, podemos compreender facilmente o gráfico precedente das vogais orais do iwoyo.

Em relação as vogais orais em iwoyo, devemos também considerar ainda a realidade fonológica ou dos sons deste sistema linguístico, enfatizando uma outra distinção analógica com o português, como veremos nos exemplos seguintes desta matéria, tendo, neste caso, as **vogais arredondadas** produzidas com a **projeção e arredondamento dos lábios**: (*utumunu* [arrancar], *mangolo* [força], *luzólo* [amor], as **vogais adiantadas**, produzidas com a **elevação da parte anterior do dorso da língua**: (*fiti* [zanga], *mvêvu* [sombra], *ntéte* [cesto de carga que os bawoyo utilizam]), e as **vogais recuadas**, produzidas com a **elevação da parte posterior da língua**: (*mphîli* [cesto de carga que os bayombe utilizam], *ubula* [bater], *utala* [olhar]).

Tabela 9: Sistema vocálico das vogais orais do iwoyo

Vogais orais			
	Adiantadas	Recuadas	Arredondas
Baixas	[ɛ]	[a]	[ɔ]
Médias	[e]	[ɐ]	[o]
Altas	[i]	[ɪ]	[u]

Segundo este estudo e análise, a língua cabindesa, como foi referenciado, as vogais não comportam só em sete vogais fonéticas como verificámos em certos trabalhos linguísticos

que tivemos acesso, (cf. Nzau (2004) p. 91)¹⁶³, mas sim, a realidade linguístico-fonológica, na nossa investigação, encontrámos 9 realizações fonéticas das vogais orais, ainda mais, nós mesmos somos falantes-ouvintes deste idioma, e, também encontrámos 5 vogais nasais, como segue os exemplos das alíneas 1) e 2) das vogais orais e nasais:

1) Vogais fonéticas orais:

- ✓ [a] Mazi : água; nkhazi: chefe de família, tio materno no sistema matrilinear; ukwimbila: cantar;
- ✓ [ɐ] em < m-téla> (chama-o)
- ✓ [e] Mbele: faca, catana, algo cortante; Mphene nkwa: despido; mphene: sexo; ithende: cesto;
- ✓ [ɛ] Malembe: devagar; Ndele: nome próprio; nlenvu: perdão;
- ✓ [i] Mbizi: carne; uvika: assar; túvi: fezes;
- ✓ [ɪ] <nkandi> (coconote); <ndima> (roça); <ndika> (ratoeira de peixe)
- ✓ [o] Mangolo: forças; fofolo: fósforo; nthonono: começo;
- ✓ [ɔ] Linkhoma: soco; ubotula; tirar, recolher; iyoko: baralho; confusão;
- ✓ [u] Cifumu: chefia, utuba: falar; dizer; expor; transmitir; mayindu: pensamento

Neste contexto, na base do nosso estudo e análise daquilo que já foi descrito, como falantes-ouvintes do iwoyo da língua ibinda, encontrámos dois tipos de vogais fonéticas: 9 orais e cinco nasais, totalizando catorze vogais fonéticas como em português. Deste modo, vamos descrever também as vogais fonéticas nasais:

2) Vogais fonéticas nasais:

- ✓ [ẽ] <mpanza> [mpan:nza] ou [ũpẽ:nza]: mandioca
- ✓ [ẽ] <ntende> [nten:nde] ou [ũtẽ:nde]: jovem
- ✓ [ĩ] <mpinda> [mpîn:nda] ou [ũpĩ:nda]: ginguba
- ✓ [õ] <ngonda> [ngon:nda] ou [ũgõ:nda]: mês
- ✓ [ũ] <ntungulu> (ntun:ngulu) ou [ũtũ:ngulu]: modelo

¹⁶³ Op. cit.

3.1.5.3. Realizações fonéticas das vogais da língua cabindesa

Neste contexto, focalizando neste item em estudo, achámos conveniente, cientificamente, estarmos de acordo com alguns pressupostos teóricos relacionados a esta matéria de Mingas (1994), Nzau (2004), Mazunga (2011), Miaca (2011), Futi (2012) e Chicuna (2015), aos modelos que eles apresentaram nas realizações fonéticas das vogais deste sistema linguístico bantu, tendo em conta a realidade regional etnolinguística do território de Cabinda:

1) Realizações fonéticas da vogal /a/

a	aa
e	ye
i	yi
o	wo
u	wu

Tabela 10: realizações fonética da vogal /a/

Realizações do fonema /a/	Iwoyo	Significado
a + a = aa	uba + aka = uba aka > ubáka	rasgar
a + e¹⁶⁴ = ye	ba + eku = bayekula	nome próprio
a + i = yi	ba + imi = bayimini	nome próprio
a + o = wo	ba + ombo = bawombo	muitos (as)
a + u = wu	nza + u = nzawu ba + u = bawu	elefante eles (as)

2) Realizações fonéticas da vogal /e/¹⁶⁵

a	ya
e	ee

¹⁶⁴ Nota: Parafraseando Nzau (2004), op. cit., mas com algumas modificações nossas, em alguns casos no iwoyo ou nas outras variedades diatópicas do ifyote, o encontro **ae** ao contrair a semivogal /y/, mas realiza uma assimilação. Exemplo: **ma + eso** > **meesu** > mésu: olhos; **ma + emba** > **meemba** > mémba: gravidezes.

¹⁶⁵ Nota: segundo o mesmo autor, a não realização de ditongo pode resultar o fenómeno de monotongação e de assimilação nas palavras iwoyonizadas.

i	ei	ee
o	eo	yo
u	eu	e

Tabela 11: realizações fonética da vogal /e/

Realizações do fonema /e/	Iwoyo	Significado
e + a = ya	be + a = Beya	nome próprio
e + e = ee	ube + ela = ubeela > ubéla	estar doente
e + i = ee	le + eta = leeta > léta (informal)	leite
e + o = yo	lici + o = licyó	ovo
e + u = e	E + ulalia = Elali	Eulália

3) Realizações fonéticas da vogal /i/

a	ia	ya
e	ie	ye
i	ii	ii
o	io	yo
u	iu	yu

Tabela 12: realizações fonética da vogal /i/

Realizações do fonema /i/	Iwoyo	Significado
i + a = ya	mi + atu = myatu li + anzi = lyanzi	canoas ninho
i + e = ye	li + ela = lyela li + esu = lyesu	esperteza olho
i + i = ii	li + imbu = iliimbu > ilímbu	símbolo, sinal
i + o = yo	mi + oko = myoko mi + ongo = myongo	braços costas, montanhas
i + u = yu	Mi + unu = myunu	bocas

3) Realizações fonéticas da vogal /o/

a	oa	wa
e	oe	we
i	oi	yoi
o	oo	oo
u	ou	oo

Tabela 13: realizações fonética da vogal /o/

Realizações do fonema /o/	Iwoyo	Significado
o + a = wa	mbo + a = mbowa	"jimbowa"
o + e = we	ubo + ela = ubowela	caçar
o + i = oyi ¹⁶⁶	libo + i = liboyi	criado, servente
o + o = oo	ubo + olo = uboola > ubóla	apodrecer
o + u = oo	ko + uve = Kooove > kóve u + ongo = mongo ¹⁶⁷	couve montanha

4) Realizações fonéticas da vogal /u/

a	ua	wa
e	ue	we
i	ui	wi
o	uo	wo
u	uu	uu

Tabela 14: realizações fonética da vogal /u/

Realizações do fonema /u/	Iwoyo	Significado
u + a = wa	bu + ala = bwala	aldeia
u + e = we	uku + enda = ukwenda bu + emba = bwemba	ir gravidez
u + i = wi	uku + iza = ukwika mu + ila = mwila	encaixar, forçar rio

¹⁶⁶ **Nota:** A não realização de ditongo oi contrai a semivogal /y/ e a irrealização de ou resulta uma assimilação.

¹⁶⁷ Neste quadro, no último exemplo, há uma concorrência de crase.

u + o = wo	imphu + ososo = imph w ososo	tranquilidade
u + u = uu	uku + ula = uk u ula > ukúla	salvar, libertar

Nota:¹⁶⁸, cf. no rodapé.

3.1.5.4. Estudo das comutações e distribuições da classificação das vogais no sistema fonemático da língua cabindesa

Neste estudo, parafraseando Futi (2012)¹⁶⁹, tendo em conta os seus exemplos no que dedilha os verbos, vamos apresentar algumas oposições necessárias para uma identificação e definição dos fenómenos das vogais deste idioma. É neste contexto linguístico privilegiado, que nos vai permitir facilmente encontrar um grande número de pares mínimas no meio das palavras (verbos) dissilábicas. Por conseguinte, a maior parte dos pares mínimas dos verbos, tendo em conta as formas das bases ou radicais dos verbos da língua cabindesa, na variante iwoyo, isto é, sem o seu prefixo verbal **u-**, esses radicais são os morfemas¹⁷⁰ lexicais dos verbos:

1) O fonema /i/¹⁷¹

A identidade fonológica do /i/ evidencia as seguintes oposições:

- i/e -*bila* «cumprimentar» / -*bela* «perder o processo»
- *lila* «chorar» / -*lela* «aclamar a criança nos braços; acarinhar; amimar»
- *mina* «engolir» / -*mena* «germinar; desabrochar»
- *sika* «cavar» / -*seka* «roer; carcomer»;
- i/a -*bila* «cumprimentar» / -*bala* «pensar»
- *lila* «chorar» / -*lala* «dormir»;
- *mina* «engolir» / -*mana* «terminar; concluir»

¹⁶⁸ Nota: Em Iwoyo, os sons /i/ e /u/, quando seguidos ou quando estão entre vogais são substituídos pelas semivogais ou pelas semiconsoantes homorgânicas¹⁶⁸, mas, em certos casos e realidades linguísticas do iwoyo, às vezes, preferem mantê-las, conforme vimos e poderemos verificar em muitos vocábulos.

¹⁶⁹ Op. cit.

¹⁷⁰ Morfemas são as unidades mínimas com significado e forma fónica que se podem combinar para formar outras palavras; quanto ao significado, os morfemas subdividem-se em morfemas lexicais (radicais e afixos derivacionais) e morfemas gramaticais (afixos flexionais), cf. Duarte (2000), op. cit., p. 74-77.

¹⁷¹ O fonema /i/ realiza-se como uma vogal anterior não arredondada, de uma abertura, não nasal.

-*vika* «chegar» / -*vaka* «angariar; recoltar»;

➤ i/u -*bila* «cumprimentar» / -*bula* «partir, bater»

-*lila* «chorar» / -*lula* «arder»

-*mina* «engolir» / -*muna* «naquilo»

-*vika* «chegar» / -*vuka* «pentear»;

➤ i/o -*lila* «chorar» / -*lola* «ladrar»

-*liínda* > *línda* «pedir» / -*loónda* > -*lónda* «remendar; repara»

-*mina* «engolir» / -*mona* «ver»

-*tiina* > -*tína* «fugir» / -*toona* > -*tóna* «começar».

2) O fonema /u/¹⁷²

A identidade fonológica de /u/ evidencia as seguintes oposições:

➤ u/i ver 1)

➤ u/e -*tuba* «falar» / -*teba* «partir»

-*duula* > -*dúla* «quebra (corda)» / -*deeda* > -*déda* «cortar»

-*tuunda* > -*túnda* «lamentar» / -*teenda* > *ténda* «cortar (unhas)»

➤ u/a -*buba* «emagrecer» / -*baba* «imbecil»

-*buunda* > -*búnda* «pancar» / -*baanda* > -*bánda* «pregar»

-*kula* «expulsar» / -*kala* «negar»

➤ u/o -*nuna* «envelhecer» / -*nona* «enfiar»

-*tuula* > -*túla* «meter» / -*toola* > -*tóla* «forçar (uma porta); desbravar (uma mata)»

-*tuunda* > -*túnda* «lamentar» / -*toonda* > -*tóna* «agradecer».

3) O fonema /e/¹⁷³

A identidade fonológica do fonema /e/ evidencia as seguintes oposições:

¹⁷² O fonema /u/ realiza-se como uma vogal posterior, arredondada, de uma abertura mínima, não nasal.

¹⁷³ O fonema /e/ realiza-se como uma vogal anterior, não arredondada, da segunda abertura, não nasal.

- e/i ver 2);
- e/a -*keba* «fazer atenção» / -*kaba* «distribuir»
 -*leba* «suplicar» / -*laba* «pestanejar»
 -*mena* «germinar» / -*mana* «acabar»
 -*teba* «partir (coconote)» / -*taba* «atravessar; colher folhas»;
- e/o -*leba* «suplicar» / -*loba* «pescar»
 -*mena* «germinar» / -*mona* «ver»
 -*teba* «partir» / -*toba* «furar»
 -*tela* «chamar» / -*tola* «engordar»
 -*teta* «cortar; talhar» / -*tota* «apanhar; recolher»;
- e/u -*deda* «cortar (asas)» / -*dula* «quebra (corda)»
 -*teba* «partir» / -*tuba* «falar»
 -*teenda* > -*ténda* «cortar (unhas)» / -*tuunda* > -*túnda* «lamentar»
 -*teka* «acarretar (água)» / -*zuka* «cercar; rodear»

4) O fonema /o/

A identificação fonológica do fonema /o/ evidencia as seguintes oposições:

- o/i ver 1)
- o/u ver 2)
- o/e ver 3)
- o/a -*bola* «apodrecer» / -*bala* «pensar»
 -*kola* «colar» / -*kala* «sentar-se»
 -*tola* «engordar» / -*tala* «olhar»
 -*boonda* > -*bónda* «consolar; acalmar» / -*baanda* > -*bánda* «pregar»

Nota: O fonema /o/ realize-se como uma vogal posterior arredondada, da segunda abertura, não nasal.

5) O fonema /a/

A identificação fonológica do fonema /a/¹⁷⁴ evidencia as seguintes oposições:

- a/i ver 1)
- a/u ver 2)
- a/e ver 3)
- a/o ver 4)

Ainda o mesmo autor confirma, tendo em conta a realidade dos princípios e parâmetros da língua cabindesa, especificamente, neste trabalho da tese do doutoramento onde estamos referenciando a variedade Iwoyo, estamos plenamente de acordo com as suas palavras, “ *il faut noter qu’aucune modulation n’est attestée dans la dernière syllabe ni dans un nom de plus de deux syllabes. Dans ces noms, l’accent/ton peut frapper l’antépénultième et la pénultième syllabe, comme dans le nom “ngúlúngu” «cerf» (viado). En revanche, la base nominale monosyllabique est frappée d’un accent/ton comme dans le nom “m’lyá” «intestin» (intestino), “minlyá” «intestins» (intestinos), “mbú” «moustique» (mosquito), “zimbú” «moustiques» (mosquitos), “fhú” «poisson» (peixe) et “zifhú” «poissons».*

Nesta perspetiva, estamos sempre de acordo com autor supracitado (p. 51-52), parafraseando as suas palavras, descrevemos o seguinte; na realização fónica da estrutura tonal auditivo, o tom alto tem mais intensidade do que o tom baixo. É isto que nos faz dizer que o tom alto tem um estatuto muito próximo daquele acento da intensidade. Este fenómeno é recorrente em certas línguas bantu-africanas, precisamente, naquelas línguas bantu orientais, cf. Creissels, 1994:276¹⁷⁵. Neste estudo e análise da variante iwoyo da língua ibinda, os nomes, o acento/tom e as modulações incidem antes da última sílaba, como em

¹⁷⁴ O fonema /a/ realize-se como uma vogal media anterior arredondada, da terceira abertura, não arredondada. Parafraseando Futi (2011), op. cit.: os cinco fonemas do sistema vocálico do Iwoyo realizam-se em dez vogais dos quais cinco são breves (i, e, a, o, u) e cinco longos (ii [i:], ee [e:], aa [a:], oo [o:] e uu [u:]). Como afirma o mesmo linguista, “ *en outre, les voyelles courtes peuvent être frappées soit d’un ton haut ou d’un ton bas soit d’une modulation ascendante ou descendante*”. Para nós, o Iwoyo, “ *les voyelles qui précèdent une consonne pré-nasale sont légèrement longues et sont affectés par une certaine nasallité.*” Ex. : 1) -*liínda* > -línda [lì.í:ndà] «pedir»; 2) -*luúnda* > -lúnda [lù.ú:ndà] «guardar»; 3) -*loónda* > -lónnda [lò.ó:ndà] «remendar»; 4) -*beénga* > -bénga [bè.é:nga] «madurecer»; 5) -*baánda* > -bánda [bà.á:ndà] «pregar».

¹⁷⁵ CREISSELS, D. (1994). *Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines*, 2ème éd., Grenoble, Ellug, p. 276.

todas as variedades etnolinguísticas ou diatópicas da língua ibinda (ikoci, isundi, iyombe, ivili, ilinje, ikwakongu e **iwoyo**), como mostram os exemplos seguintes:

Ex.: *ilumbu* [ilũ:mbu] ou [ilũ:ũbu] «dia»

bilumbu (ivili, ilinji, iyombe e isundi), em **iwoyo** é: *ulumbu* [ulũ:mbu] ou [bilũ:ũbu] «dias»

m'kazi [m.kázi] ou [ũ:kazi] «esposa»

bakazi [bakázi] «esposas»

khazi [kházi] «chefe de família, tio materno»

zikhazi [zikházi] «tchefs de familia»

lwímbu > lwímbo [lwĩ:mbu] ou [luĩ:ũbu] «canção»

cyúula > cyúla [cjú.ù:la] «sapo»

mbeémbo > mbémbu [mbê:mbu] ou [ũbê:ũbu] «voz, língua»

ngoómbe > ngómbe [ngõ:mbe] ou [ũgõ:ũbe] «boi, vaca»

lyaámbu > lyámbu [ljê:mbu] ou [ljê:ũbu] «palavra, acontecimento, problema»

3.1.5.4.1. A duração vocálica das vogais

Um dos fenómenos muito importante que devemos ter em conta é a duração vocálica das vogais em Iwoyo, sabendo que, em todas as línguas naturais existem diferenças de duração vocálica ao emitirmos um som, mas nem todas as línguas as utilizam fonologicamente para distinguirem os morfemas e os vocábulos. Como afirma Futi (2012:52-53) que “*la durée peut être considérée comme un trait distinctif permettant d’établir des paires minimales. Pour ce faire, nous devons chercher des paires minimales opposables uniquement par la durée*”. Eis aqui alguns exemplos que o autor supracitado apresenta traduzidos por nós de francês para o português; nós optamos fazer a contração das duas vogais iguais seguidas que não formam um ditongo, fazendo uma crase ou contração das duas vogais numa só vogal:

- *uliila* > *ulíla* [lí:là] «chorar» vs *lila* [lílà]: «chora»;
- *ukuuka* > *ukúka* [ùkú:kà] «libetar-se» vs *ukuka* [ukuka]: «perseguir»;
- *ukuula* > *ukúla* [ùkú:là] «libertar» vs *ukula* [ùkúla]: «crescer (altura)»;
- *ubeela* > *ubéla* [ùbé:là] «estar doente; adoecer» vs *ubela* [ùbélà]: «perder um processo»;
- *uboola* > *ubóla* [ùbó:là] «desenrascar» vs *ubola* [ùbólà] «apodrecer»

- *ulaala* > ulála [ùlá:là] «dormir» vs *ulala* [ùlálà] «inundar».

Tendo em conta estes exemplos descritos, parafraseando o mesmo autor supracitado, concluímos que toda a **vogal pode ser breve ou longa** como segue estas transcrições fonéticas destas **vogais longas** ([i:], [u:], [e:], [o:], [a:]) ou **breves** [i], [u], [e], [o], [a]). Remarcamos que não há regra sem exceção, há alguns verbos que têm alongamentos compensatórios nas bases verbais formadas como segue estes exemplos seguintes em iwoyo:

- /CVnCV/ → /-CVVnCV/
Ex.: -*koomba* > kómba [kõ:mba] ou [kõ:ũba]: «varrer»
-*toonda* > tónnda [tõ:nda] [tõ:ũda]: «agradecer», etc.
- /CwVCV/ → /-CwVVnCV/
Ex.: -*kwiika* > kwíka [kwi:ka]: «forçar»
-*kweela* > kwéla [kwé:la]: «casar-se», etc.
- /-CyVCV/ → /-CyVVnCV/
Ex.: -*cyuuka* > cyúka [cju:ka]: «virar-se» / *cyuka* [cjuka]: «negócio»
-*lyooma* > lyóma [ljo:ma]: «estar limpo», etc.

Para testificar este parâmetro linguístico da duração vocálica dos verbos em Iwoyo, citamos as palavras de Laman que escreveu o seguinte: “*une syllabe radicale est longue dès qu’une semi-voyelle précède ou qu’une combinaison nasale suit la voyelle*” (K. E. Laman, Dictionnaire kikongo-français, vol. I, p. 11, citado por F. Lumwamu, 1973:27)¹⁷⁶.

3.1.5.5. As semivogais: w e y

Quando estudamos as línguas bantu-africanas, temos verificado que a maior parte destas tem duas semivogais. Quanto ao ponto de articulação delas, uma é palatal, /y/, e a outra, velar, /w/. Deste modo, as semivogais podem aparecer em muitos vocábulos do Iwoyo.

Em iwoyo, emprega-se o /w/ e o /y/ em vez das vogais /u/ e /i/ em dois momentos entre duas vogais:¹⁷⁷

- Quando /u/ e /i/ estão entre vogais.

¹⁷⁶ LUMWAMU, F. (1973). Essai de morphosyntaxe systematique des parlers kongo. Ed. Klincksieck, p. 27.

¹⁷⁷ Cf. MAZUNGA (2011), op. cit. p. 15.

Exemplos: Cyowa (cidade de Cabinda). Aqui o /w/ está entre /o/ e /a/; uyóla (cantar) a mesma coisa com o /y/; liyó (onda do mar);

- Em vez do /u/ e /i/ dos ditongos iniciais /ua/, /eu/, /uo/, /ia/, /ie/, /io/, /iu/ do imperativo de certos verbos:

Exemplos: yuwânu (escutai); wênda (vá); yóla (canta); yúvula (pergunta) ou o imperativo do verbo ou, eventualmente, nome próprio); yánika (estende); wôcya (aumenta); wêza (enche); yélika (experimental).

Tendo em conta do que já foi descrito sobre o comportamento das vogais em Iwoyo, não deixaremos de fazer uma notificação linguística sobre as semivogais, tendo em conta a grande utilidade que elas têm na comunicação vocálica deste idioma, por isto mesmo, que vamos apresentar algumas conclusões linguísticas naquilo que achámos importante, parafraseando as palavras do Nzau (2004):

1. Em iwoyo, não encontrámos ditongos como acontece em Português, quer no encontro de vogais diferentes, quer no de vogais semelhantes. Pelo contrário, quando o encontro se dá a nível de vogais semelhantes, resulta o fenómeno de hiato e estas não formam a mesma sílaba, mas, contudo, segundo a nossa percepção linguística, achámos conveniente fazer uma crase ou contração de duas vogais semelhantes numa só; para alguns linguistas africanos, em certas línguas bantu-africanas, portanto, acharam separá-las na divisão silábica ou na translineação. Por exemplo, a palavra *ubóóla* (apanhar com jeito ou desenrascar), não é um trissílabo como tende parecer, mas sim, polissílabo, pois tem mais de três sílabas com as duas vogais (*ubóóla*), mas com a crase as duas vogais foram uma – (*ubóóla* > *u-bó-ó-la* > *ubóla* [ubó:lɐ]): desenrascar;
2. Na sequência do que ficou dito no ponto anterior, as vogais /a/, /e/, /i/ não dão lugar ao fenómeno de hiato quando combinam com vogais diferentes, peculiaridades linguísticas das línguas bantu-africanas, mas formam sequências vocálicas com semivogal /y/, ao passo que as vogais /o/ e /u/, não formando de igual modo hiato em contacto com outras vogais, combinam em sequências vocálicas com a semivogal /w/;
3. A não realização de ditongos não só causa hesitações nem tão pouco obriga, somente, o investigador a recorrer a fenómenos sociolinguísticos (contacto de línguas e influências entre elas) para dissipar certas dúvidas e encontrar exemplos que justifiquem tal

comportamento, mas, também pode originar alguns fenómenos fonéticos que quebram a homogeneidade de algumas regras fonéticas das línguas bantu-africanas, tendo em conta a especificidade linguística de cada sistema linguístico destas línguas.

Exemplos¹⁷⁸:

- a) e + i = ei > ee leite > **leeta** > **léta** (iwoyonização/assimilação), portuguesismo;
- b) e + u = eu > e Eulália > Elali (iwoyonização/sincope/assimilação), portuguesismo na língua ibinda;
- c) o + i = oi > oyi iboi > iboyi (epêntese), anglicanismo;
- d) o + u = ou > oo couve > koove > kóve (i) (portuguesismo no ibinda);
- e) a + u = au > wu nzau > nzawu (aportuguesamento /assimilação).

4. Podemos agrupar em cinco hiatos as vogais que compõem o sistema vocálico de Iwoyo resultados do encontro de vogais idênticos e, para facilitar a ortografia e a leitura, propomos a contração destas vogais idênticas numa vogal com o acento aguda, sendo esta um som longo /:/: **aa** > **á:** , **ee** > **é:**, **ii** > **í:**, **oo** > **ó:** e **uu** > **ú:**. Esta contração de duas vogais idênticas foi usada pela primeira vez na língua cabindesa fiote (ibinda) pelo padre Ussel (1888) na sua gramática de fiote, mas com o acento til, cf. no rodapé¹⁷⁹.

Apresentamos algumas palavras (verbos) em que ocorrem este fenómeno linguístico:

- a) *Ubaaka* > ubáka [ùbá:ka]: infinitivo impessoal que significa “rasgar” em português. Exemplo: ubáka nlele: rasgar o pano ou tecido. O seu homógrafo é *ubaka* [ubəka], infinitivo que significa “conseguir”, “arranjar”. “*Ikwíza, minu ubaka nthangu*” ou “*yakizi iza, minu ubaka nthangu*”. / Virei, se eu tiver tempo; b) *Ubeela* > ubéla [ùbé:là]: infinitivo impessoal que significa, em português, adoecer. Exemplo: *Minu béla ibéla*. / Eu estou a adoecer. Diferente de *ubela* [ubela], infinitivo de “perder (a razão) ou ser culpado”: *ubela nkanu*; c) *Liili* > líli [li:li]: forma de verbo “*ulya*” [uʎá] (comer), 2ª e 3ª pessoa do singular, pretérito perfeito simples. Exemplo: *Nandi líli bilya byonso*. / Ele acabou toda a comida; d) *Uboola* > ubóla [ùbo:là]:

¹⁷⁸ **Nota:** as palavras iwoyonizadas ou ibindanizadas funcionam como neologismos, empréstimos lexicais já incorporados no iwoyo (ibinda), portuguesismo.

¹⁷⁹ USSEL (1888), op. cit. p. 5-10. Ex.: 1) *maambu* > *māmbu*: chose; 2) *maanza* > *mānza*: nid; 3) *maagna* > *māgna*: maïs; 4) *maagna* > *māgna*: pierre; 5) *maesu* > *měsu*: oeil; 6) *miinda* > *mĩnda*: lumière; etc.

infinitivo impessoal de apanhar ou desenrascar. Este verbo é normalmente usado em contextos ligados, por exemplo, à ação de apanhar grãos ou fazer alguma coisa para conseguir algo. Difere do outro verbo seu homógrafo, *ubola* [ubɔla], infinitivo de apodrecer. Exemplos: *Bóla loso owlo lubwili*. / Apanhe este arroz que caiu; e) *Ukuula* > *ukúla* [ùkú:la]: infinitivo impessoal que significa “salvar”, “libertar” em Português. Exemplo: *Zezu nkúl’itu*. / Jesus é o nosso salvador. Porém, podemos encontrar outro verbo que dele se aproxima na grafia: *ukula* [ukúla], “alongar”, “adelgaçar”, “crescer”: *Ukúlisa nzó oyo utunga*. / Alongar esta casa que estás a construir;

5. As vogais /e/ e /o/ têm praticamente o mesmo comportamento fonético em termos de realização. Normalmente, são tónicas e abertas, quer na posição inicial, quer na posição intravocabular, quando se repetem na mesma palavra: Exemplos: i) *ntende* [ntẽ:nde] ou [ũtẽ:ũde] / jovem, rapaz; ii) *telemeze* [telemẽze] / levantou-se; iii) *Bwabobo* [bwabɔbo]: é isso;
6. As línguas bantu, inclusive a língua ibinda, para muitos linguistas africanos, afirmam que, estas línguas não apresentam vogais nasais; o Iwoyo e as outras variantes do ibinda para nós, segundo as nossas investigações, conforme fizemos menção, anteriormente, achámos que elas apresentam vogais nasais, como no português em que as vogais /a/, /e/, /i/, /o/, /u/ são nasalizadas por uma consoante , /m/ e /n/, nasal impulsiva, isto é, seguida de uma consoante nasal /m/ ou /n/ – exemplo em português : *pranto*, *gente*, *pinto*, embora “*muntu*” em Iwoyo, essas mesmas vogais, nas mesmas posições, nasalizam, como por exemplos nas palavras que seguem, formando duas nasalações: vocálica e consonântica, isto é, uma vogal nasal e uma consoante pré-nasal: *mambu* [ma(m)+mbu], *menvu* [me(n)+nvu], *mvindu* [mvi(n)+ndu], *mvondi* [mvo(n)+ndi], *mvumbi* [mvu(m)+mbi]¹⁸⁰. Quer dizer, existem em **Iwoyo** e nas outras variantes de Ibinda vogais e consoantes que se realizam de forma nasal junto de alguns fonemas

¹⁸⁰ Como podemos mostrar esta nazalação vocálica e consonântica nas mesmas palavras: *mambu* [mẽ + mbu] = ma(m)mbu; *menvu* [mẽ + nvu] = me(n)nvu; *mvindu* [mvĩ + ndu] = mvi(n)ndu; *mvondi* [mvõ + ndi] = mvo(n)ndi; *mvumbi* [mvũ + mbi] = mvu(m)mbi. Desta forma, segundo a nossa perspetiva linguística, Estas palavras em ibinda, tendo duas nasalações, uma vocálica e a outra consonântica, deveria ter estas duas formas de ortografia.

consonânticos , caso de /m/ e /n/, formando uma **binasalação (vocalica e consonântica)** na mesma palavra, tendo em conta as consoantes nasais /m/ e /n/;

7. Quanto ao caso das semivogais, são representadas, como vimos, pelos grafemas /Y/ e /W/ em todos os contextos posicionais, quer dizer, /Y/ e /W/ funcionam sempre como semivogais, na posição inicial, mediana ou final, mas, sobretudo, no caso das vogais correspondentes, /i/ e /u/, serem seguidas de uma vogal diferente.

Exemplos:

- a) Quanto à semivogal velar /W/. Exemplos: 1) Cyowa: designação autêntica da cidade de Cabinda. (posição final); 2) Ukwenda: ir (posição intermédia); 3) Ukwila: anoitecer. (posição intermedia); 3) Wolof: uma das línguas de Senegal. (posição inicial);
- b) Quanto à semivogal palatal /Y/. Exemplos: 1) Yánika; 2ª pessoa do verbo “ukwánika”: estender (posição inicial); 2) Makyadi: nome próprio (posição intermédia); 3) Mataya: nome próprio (posição final)

Nota: Em alguns casos, a irrealização dos ditongos contrai as semivogais /Y/ e /W/ e resulta alguns fenómenos fonéticos nos casos de iwoyonzização, ibindinização, (ver os quadros das realizações vocálicas).

3.1.5.6. As consoantes

No estudo de qualquer língua natural, é fundamental compreendermos os princípios e parâmetros linguísticos e o tratamento dos processos fonológicos de cada sistema linguístico em estudo. É por esta razão linguística que a fonologia tem uma importância capital no sistema fónico de uma língua, quando se quer descrever a realidade fonológica e fonética desta; deste modo, deve-se ter em conta, no contexto linguístico, os seguintes principais objetivos: **1)** o estudo da definição dos sons que desempenham funções linguísticas numa dada língua; **2)** a descrição e explicação dos processos fonológicos que os sons de um sistema linguístico sofrem e provocam, nas relações que estabelecem com outros sons contextualmente próximos. É por esta razão, que todas as tarefas para-fonológicas têm uma estreita relação e recebem auxílio do trabalho desenvolvido na área da fonética. Esta tem como objetivos fundamentais identificar, descrever e classificar os sons da fala a partir da

observação das propriedades físicas, isto é, articulatórias, acústicas e perceptivas, estando cada uma delas relacionada com um ponto específico do processo na comunicação verbal dos falantes-ouvintes de uma língua natural.

Depois de termos feito a descrição fonológica e fonética das vogais e semivogais, agora, vamos apresentar e descrever algumas regras relacionadas às consoantes de Iwoyo, tendo em conta as nossas investigações linguísticas feitas, na sua conjuntura específica e geral no que tange a língua cabindesa, o ibinda, na perspetiva linguística do alfabeto das línguas bantu-africanas, considerando os seus princípios e parâmetros linguísticos peculiares, especificamente, aquelas das línguas bantu bakongo ou kongo. Desta forma, queremos advertir, que, neste estudo, não vamos ter em conta, às vezes, a ordem linear das consoantes de /b/ a /z/.

Nesta perspetiva linguística, vamos apresentar as consoantes simples, complexas pré-nasaladas, sabendo que estas últimas não existem na língua portuguesa. Nas línguas bantu-africanas, bakongo, especificamente, o ibinda, na sua variedade diatópica, o Iwoyo, que é o nosso foco do estudo nesta investigação, encontrámos as seguintes consoantes, tendo em consideração a sua especificidade linguística no cerne fonológico e fonético da língua ibinda.

É do nosso conhecimento como linguistas e investigadores bilingues das línguas bantu-africanas e indo-europeias, que o estudo das vogais e consoantes, existem aspetos contrastivos no estudo destes elementos linguísticos, conforme afirma Nzau (2004:100-101), que *“em termos acústicos, as consoantes se caracterizam pela ausência de ruído e, de ponto de vista articulatorio, por uma passagem do ar livre, citando Malmberg (1954), o que faz com que também sejam por vezes livres, as consoantes, pelo contrário, «são ou contêm ruídos e pronunciam-se com um fechamento ou uma contração a quando da passagem do ar (...)»”, ou seja*, soam com a realidade fonológica e fonética de cada língua.

No Iwoyo, como numa outra língua bantu ou indo-europeia, as consoantes estão sempre ligadas às vogais com as quais formam sílabas, embora haja alguns casos específicos em que as vogais sejam, às vezes, elípticas – caso da nasal silábica, parafraseando a mesma linha linguística do autor supracitado, apresentamos os seguintes exemplos:

- Mutu > m'tu > ntu (singular) – mintu ou intu (plural): cabeça (s) < de min + ntu ou in + ntu < mintu ou intu (para evitar a confusão e hesitação com o seu homónimo muntu (singular) / bantu (plural), que significa, respetivamente, pessoa(s).

3.1.5.6.1. Classificação da tabela fonética das consoantes

As consoantes no Iwoyo podem ser classificadas em consoantes simples e consoantes complexas pré-nasaladas, segundo a realidade de todos os dialetos da língua ibinda:

- Consoantes simples: **b, d, f, g, j, k, l, m, n, p, s, t, v, w, y, z**. Estes comportam seis e sete séries, quanto ao ponto e ao modo de articulação respetivamente.

Tabela 15: Consoantes simples

CONSOANTES SIMPLES	FONÉTICA	IWOYO	PORTUGUÊS
B/b	[b]	Baana > bána	filhos (as)
D/d	[d]	idovula	antropófago
F/f	[f]	ufunda	queixar
G/g	[g]	Ngoombe > ngómbe	boi/vaca
J/j	[dʒ]	njyembo	morcego
K/k	[k]	ikwaku	serrote
L/l	[l]	uloza	deixar alguma coisa
M/m	[m]	maalu > málu	pernas
N/n	[n]	nuni	pássaro
P/p	[p]	upumbukwa	saltar
S/s	[ç]	usala	trabalhar
T/t	[t]	utalanga	olhar
V/v	[v]	uvutumuka	acalmar; derreter
W/w	[w]	ukweka	casar
Y/y	[y]	ukyilukwa	transformar-se
Z/z	[z]	uzitika	terminar

- b. Consoantes complexas pré-nasaladas: **mb, mf, mp, mv, nd, ng, nk, nl, ns, ny, nt, nz.**

Tabela 16 : Consoantes complexas pré-nasaladas

CONSOANTES COMPLEXOS PRÉ-NASALADAS	FONÉTICA	IWOYO	PORTUGUÊS
MB/mb	[^m b] ou [ũb] ¹⁸¹	mbongo	dinheiro
MF/mf	[^m f] ou [ũf]	mfwizi	viúvo (a)
MP/mp	[^m p] ou [ũp]	mpungu	gorila
MV/mv	[^m v] ou [ũv]	mvwala	porta-voz
ND/nd	[nd] ou [ũd]	ndoci	feiticeiro
NG/ng	[ŋg] ou [ũg]	ngandu	crocodilo
NK/nk	[nk] ou [ũk]	nkundi	amigo
NL/nl	[nl] ou [ũl]	nlenvu	perdão
NS/ns	[ns] ou [ũs]	nsafu	safueiro
NY/ny	[ɲ]	limanya	pedra
NT/nt	[nt] ou [ũt]	ntandu	planície
NZ/nz	[nz] ou [ũz]	nzó	casa

a) Quanto ao ponto de articulação, as consoantes classificam-se em:

- Bilabiais: [p], [ph], [b], [m] [^mb]
- Labiodentais: [f], [fh], [v], [^mv], [^mf]
- Dentais: [t], [th], [d], [l], [ts], [n], [nd], [nt]
- Alveolares: [s], [z], [ns], [nz]
- Palatais: [ʒ], [ʎ], [tʃ], [ɲ]
- Velares: [k], [kh], [ŋg]

b) Quanto ao modo de articulação, as consoantes classificam-se em:

- Oclusivas: [p], [ph], [b], [t], [th], [d], [k], [kh]

¹⁸¹ Usámos este modelo de fonética do AFI (ũ +b, d, f, g, l, k, n, p, s, v) nas consoantes pré-nasais m e n +(b, d, f, g, l, k, n, p, s, v) para facilitar a leitura a qualquer leitor da língua cabindesa.

- Fricativas: [f], [fh], [v], [s], [ʒ], [z]
- Africada: [ts], [dz], [tʃ]
- Lateral: [l], [λ]
- Nasais: [m], [n], [ɲ]

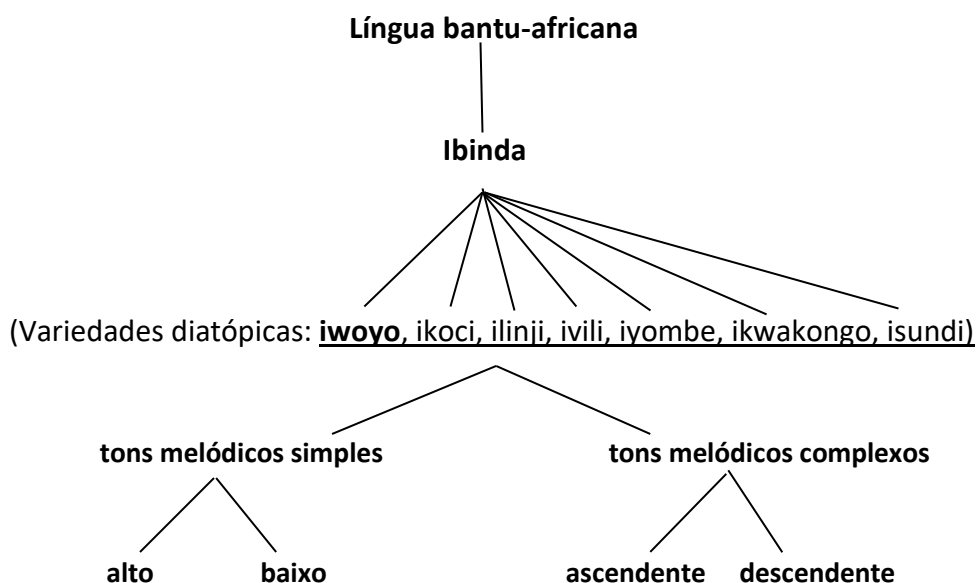
Tabela 17: Intervenção das cavidades bucal e nasal das consoantes

INTERVENCAO DAS CAVIDADES BUCAL E NASAL											
		Orais							Nasais	Pré-nasais	
		Modo de articulação									
		Oclusivas			Constritivas				Oclusivas		
Fricativas					Laterais	Aficada					
Intervenção das cordas vocais		Surdas	Aspiradas	Sonoras	Surdas	Aspiradas	Sonoras	Sonoras	Sonoras	Sonoras	
Ponto de articulação	Bilabiais	[p]	[ph]	[b]						[m]	[ᵐb]
	Labiodentais	[t]			[f] [fh]	[fh] [v]					[ᵐv] [mf]
	Dental	[t]	[th]	[d]	[ts]			[l]	[ts]	[n]	[ᵐd] [nt]
	Linguodentais										
	Alveolares				[s]		[z]	[l]	[dʒ]		[ᵐz] [ns] [nk]
	Palatais						[ʒ]	[λ]	[tʃ]	[ɲ]	
	Velares	[k]	[kh]								

3.1.5.7. Sistema tonal do ibinda dos bawoyo, Iwoyo

O estudo deste item vai ter como referência o trabalho linguístico do Nzau (2004), tendo em conta as nossas investigações, em Cabinda, sobre a realidade tonal do iwoyo, por isso, estamos de acordo com a descrição deste linguista sobre esta matéria. Parafraseando, este autor, chegámos a conclusão que as línguas bantu-africanas são de dois níveis tonais (ou entoacionais), ou seja, aquelas que apresentam tons simples e complexos. Deste modo, a língua cabindesa, na sua conjuntura diatópica, integra-se, neste grande conjunto das línguas bantu-africanas, ao comportar tons melódicos simples e complexos. Segundo a linguística bantu-africana, os tons simples do iwoyo podem ser alto e baixo, ao passo que os melódicos complexos podem ser ascendentes e descendentes, conforme o esquema seguinte da língua ibinda:

Gráfico 4: Língua Ibinda



De acordo com Nzau (2004:130), “convencionalmente, o tom alto é marcado na maior parte das línguas bantu-africanas por um acento agudo, colocado sobre a vogal, ao passo que o tom baixo é marcado por acento grave”. Este procedimento linguístico foi aplicado nesta tese de doutoramento em Linguística, mas, por força maior, linguisticamente, como lusófonos, seguimos mais os aspetos da realidade linguística da língua lusa, por causa da sua coabitação e interferência linguística a vários anos com língua ibinda. Parafraseando Nzau (2004), o tom baixo é mais frequente na escrita corrente e, por isso, nem sempre é marcado, por causa da sua abundância. Neste contexto, o marcador de tom baixo será omitido, salvo nalguns casos de demonstração. Os tons melódicos complexos resultam da variação da voz na realização

duma mesma sílaba. Existem tons melódicos ascendentes e descendentes. São ascendentes aqueles que a voz passa do nível baixo para nível alto, porém, se a passagem for do nível alto para o baixo, estamos em presença de tons descendentes, vejamos os exemplos seguintes:

- ubá [u'bá] (ser; estar) / ukúba [u'kubà] (lançar; atirar)
- mbíla [m'bi.la] ou [ũ'bi.la], cumprimenta(i)-o (modo imperativo) / m'biila > m'bíla [m'bi:la] ou [ũ'bi:la], procura(i)-o (modo imperativo);
- nuni ['nuni] (pássaro) / m'nuni [m:'nuni] ou [ũ.'nuni] (marido).

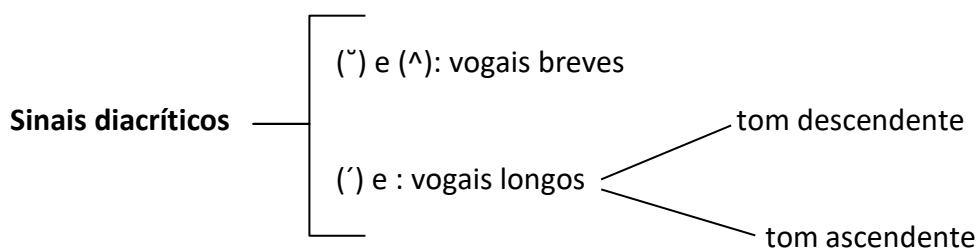
Os tons ascendentes são maracados por acento anti-circunflexo (˘) em certas línguas bantu e os tons descendentes, por acento circunflexo (^). Nas línguas kongo ou bakongo, os tons complexos sobrepõem-se às vogais breves conforme fizemos referência nas descrições precedentes. Parafraseando o mesmo linguista na linha linguística de Galisson e Coste (1983:710-711), recalamos que, em guisa de exemplo, estes autores apresentam um esquema considerado o mais simples e que consiste em anotar os tons por sinais diacríticos sobre as sílabas. Estes sinais diacríticos aparecem apresentados em algumas línguas bantu-africanas, tendo em conta a influência dos sinais diacríticos das línguas novilatinas ou germânicas ou dos idiomas dos antigos colonizadores europeus no continente africano, como por exemplo: a língua inglesa, francesa, espanhola e portuguesa.

Nesta perspetiva linguística, a nossa descrição sobre esta matéria faz menção das línguas bantu dos PALOP. Segundo a nossa perspetiva linguística, os idiomas bantu-africanos dos PALOP devem obedecer a realidade linguística dos sinais diacríticos do português, conforme acontece nas línguas bantu-africanas dos outros países africanos francófonos, anglófonos e hispanófonos. Eis aqui os tons dos sinais diacríticos de Galisson e Coste:

1. Sinal diacrítico Tom

- c) (˘) a ou ātom médio
- d) (´) átom alto
- e) (`) àtom baixo
- f) (^) âtom descendente
- g) (˘) ätom ascendente

Segundo Kamuleta e al. (1995:66), na sua perspectiva linguística das línguas bantu-africanas, tendo em conta a questão dos tons, principalmente, no aspeto entoacional, evidencia dois grupos de vogais: breves e longos, afirmando que *“os sinais diacríticos (˘) e (^) colocam-se sobre as vogais breves. Entretanto, no que diz respeito às vogais longas, defende o uso de (´) e, que se coloca sobre a primeira parte da vogal longa para o tom descendente e sobre a segunda parte da vogal longa para o tom ascendente”*, conforme visualiza o esquema seguinte:



3.1.5.8. Sequências vocálicas e consonânticas do Iwoyo

3.1.5.8.1. Sequências vocálicas do Iwoyo

Todas as investigações feitas sobre as línguas proto-bantu-africanas, principalmente, as bakongo e, especificamente, a língua cabindesa, na variedade linguística Iwoyo, na área da Linguística africana das línguas bantu-africanas-kongo em contraste com a linguística das línguas Indo-europeias, concluímos que as línguas bantu não apresentam ditongos em relação as línguas indo-europeias-românicas ou germânicas que apresentam ditongos. Neste caso, tendo em conta este parâmetro linguístico, que fez o Nzau (2004) referência na dissertação do Mestrado (2004:32)¹⁸². Neste caso, Ussel (1888:5)¹⁸³, na sua gramática de fiote, optou fazer a contração de duas vogais idênticas na língua fiote (ibinda), fazendo a contração destas numa só vogal, com o acento til. Neste trabalho, em conformidade analógica com a iniciativa deste autor na língua fiote (ibinda) em 1888, **optámos usar o acento aguda** conforme podemos apresentar nos seguintes exemplos da sequência vocálica de duas vogais idênticas do Iwoyo numa só vogal (crase), partindo da iniciativa da contração de Ussel com o acento til,

¹⁸² Op. cit. Nzau afirma que, “ nos casos em que se verifica o encontro de vogais nas línguas bantu não se trata de ditongos, mas de uma simples sequência de vogais que se encontram, tendo cada qual, uma tonalidade própria. Comparando as sequências vocálicas com as consonânticas, chega-se à conclusão que são pouco numerosas as primeiras, ao passo que as segundas se apresentam em número bastante considerável como poderão observar no ponto seguinte.”

¹⁸³ USSEL (1888). Op. cit. p.5.

mas para nós, usamos o acento aguda, partindo do crase de Ussel: a) ula + ala > ulaala > ulãla > **ulála**: dormer; b) ube + ela > ubeela > uběla > **ubéla**: adoecer; c) nsi + inga > nsiinga > nsínga > **nsínga**: corda; d) nso + ongo > nsoonga > nsõngo > **nsóngo**: doença; e) ilu + unzi > iluunzi > ilünzi > **ilúnzi**: alma; espirito.

3.1.5.8.2. Sequências consonânticas do Iwoyo

A sequência consonântica é uma realidade linguística que existe em todos os sistemas linguísticos, por isso mesmo, também encontramos-la em todas as línguas bantu, inclusive na língua cabindesa em todas suas variedades dialetais ou diatópicas, tendo como referência o Iwoyo, nesta tese de doutoramento em linguística.

Na língua portuguesa ou noutras línguas indo-eurpeias, em alguns casos, um som pode ser representado por duas ou três letras, representando um símbolo ortográfico, normalmente chamado por dígrafo, isto é, conjunto de duas letras para a representação de um só som. Na língua Lusa, podemos exemplificá-la com as seguintes palavras: **falha**, **caminho**. Nas línguas bantu-africanas, o som pode ser representado por duas letras, dígrafos, ou três letras, trígrafos. Esta é uma peculiaridade das línguas bantu, e o Iwoyo como variante da língua ibinda não foge a esta regra, por isso mesmo, vamos apresentar este fenómeno linguístico nas tabelas seguintes que integram o sistema linguístico cabindês, onde vamos pontualizar e descever as três sequências consonânticas mais destacadas: **Consoante + semivogal (CS)**, **nasal + consoante (NC)** e **nasal + consoante + semivogal (NCS)**.

3.1.5.8.2.1. Sequência Consoante + Semivogal (CS) e sequência Nasal + Consoante (NC) do Iwoyo

Nestas sequências linguísticas, vai-se tratar da apresentação de combinações de consoantes com as semivogais /Y/ e /W/ conforme vai ser mostrado na tabela seguinte com os respectivos exemplos destas combinações e, também como se seguirá a demonstração da combinação da sequência de uma consoante nasal /m/ e /n/ com uma simples consoante como mostra a seguinte tabela.

Tabela 18: Sequência Consoante + Semivogal e Sequência Nasal + Consoante

SEQUÊNCIA CONSOANTE + SEMIVOGAL			SEQUÊNCIA NASAL + CONSOANTE		
Con.	Y	W	C	M	N
p	py <i>pyuka</i> : meia	pw <i>lpwati</i> : nome próprio	P	mp <i>mpese</i> : barata	-
b	by <i>byula</i> : sapos	bw <i>ubwéla</i> : aumentar	B	mb <i>mbwa</i> : cão	-
m	my <i>myoko</i> : braços	mw <i>mwisi</i> : fumo	J	-	nj <i>unonje</i> : atingir
F	fy <i>lufyatu</i> : fé	fw <i>ufwika</i> : programar	F	mf <i>mfwizi</i> : viúvo (a)	nf <i>banfingizi</i> : ofenderam-no
V	vy <i>uvyatulu</i> : rasterar	vw <i>uvwata</i> : vestir	G	-	ng <i>ngulubu</i> : porco
T	ty <i>utyamunwa</i> : espalhar	tw <i>utwama</i> : adiantar	V	mv <i>mvumbi</i> : cadáver	nv <i>ndanvu</i> : fraco; inútil
D	dy <i>udyoka</i> : rotar	dw <i>udwika</i> : introduzir	T	-	nt <i>ntende</i> : jovem
L	ly <i>ulyata</i> : andar	lw <i>ulwala</i> : aleijar	D	-	nd <i>itende</i> : cesto
N	ny <i>lyanya</i> : milho	nw <i>unwana</i> : lutar	L	-	nl <i>nlanlanzi</i> : laranjeira
S	sy <i>usyala</i> : ficar	sw <i>uswama</i> : esconder	K	-	nk <i>nkele</i> : arma
Z	zy <i>uzyula</i> : desenterrar	zw <i>uzwika</i> : introduzir; enfiar	S	-	ns <i>nsazi</i> : trabalhador
K	ky <i>makyadi</i> : nome Próprio	kw <i>ukwakana</i> : afastar	Z	-	nz <i>nzila</i> : caminho
ngy	ngy <i>ngyembo</i> : morcego	ngw <i>Ngwala</i> : nome próprio	-	-	-

3.1.5.8.2.2. Sequência Nasal + Consoante + Semivogal (NCS) do Iwoyo

Nesta sequência, vamos apresentar, na tabela seguinte, o grupo de sílabas compostas por uma nasal (m/n), uma consoante e uma semivogal (Y/W), com segue os respetivos exemplos:

Tabela 19: Sequência Nasal + Consoante + Semivogal

SEQUÊNCIA NASAL + CONSOANTE + SEMIVOGAL			
Con.	NC	Y	W
P	mp <i>mpako</i> : imposto	mpy <i>mpyaka</i> : antónimo	mpw <i>mpwátulu</i> : moda de vestir
B	mb <i>mbêle</i> : faca	mby <i>mbyalisi</i> : impossador	mbw <i>mbwinga</i> : vale
J	nj <i>njye</i> : tu; você	njy <i>njyembu</i> : morcego	njw <i>njwali</i> : náusea
F	mf <i>m'fwizi</i> : viúvo (a)	mfy <i>mfyende</i> : empreitada	mfw <i>mfwá</i> : muito
G	ng <i>ngandu</i> : jacaré	ngy <i>ngyembu</i> : morcego	ngw <i>mangwelo</i> : vacina
V	mv <i>mvumuku</i> : respiração	mvv <i>mvvosi</i> : alerta; apelo	mvw <i>mvwala</i> : emissário
T	nt <i>ntima</i> : coração	nty <i>ntyamunu</i> : destruidor; espalhador	ntw <i>utwalisi</i> : orientador
D	nd <i>ndindi</i> : grande; gordo	ndy <i>ndyatulu</i> : procedimento	ndw <i>ndwenguma</i> : acautelador
L	ml/ni <i>mlembu</i> : dedo / <i>n'lyati</i> : peregrino	nly <i>nlyafu</i> : guloso	nlw <i>nlwazi</i> : palmador de manjyenvu
K	mk/nk <i>mkama</i> : esposa / <i>n'kwiki</i> : colocador	nky <i>nkyese</i> : dendem de estrutura muito pequeno no caixo	nkW <i>nkwasá</i> : comichão nas coxas
S	ms/ns <i>m'sumuku</i> : pecador <i>nsunya</i> : naco	nsy <i>n'syati</i> : vasculhador	nlw <i>nlwangu</i> : natural da região de Loango
Z	nz <i>nzó</i> : casa	nzy <i>n'zyoli</i> : massagista	nzw <i>Nzwínu</i> : vossa casa

3.1.5.8.2.3. Elucidação e uso dos parâmetros ortográficos, fonéticos e fonológicos de algumas consoantes e grupos consonânticos do Iwoyo

Nesta elucidação linguística e no uso dos parâmetros deste item, vamos apresentar as seguintes alíneas linguísticas com alguns exemplos:

1. O <ci> em iwoyo tem a **mesma** pronúncia fonética de [tʃ] como **Ch** na língua inglesa “chair”, e na língua espanhola “muchacha”. Apresentamos alguns exemplos relacionados a este item: a) **cíka** (cama); **b) Cinkútu cyâmi cimbóte**. / A minha camisa é bonita. Sigamos algumas orientações da linguística bantu, segundo observações do Zavoni (1996)¹⁸⁴;
2. <ng> – como na palavra portuguesa “manga”.
Exemplos: **ngulûngu** (veado); **ngéte** (obrigado); **ngându** (jacaré);
3. <nj> – como na palavra inglesa “range”.
Exemplos: **njyêmbu** (morcego); **m’lônji** (catequista);
4. <ny> – como na palavra portuguesa “caminho”.
Exemplos: **nyênze** (alegria); **limanya** (pedra); **lyanya** (milho);
5. <th>, <kh> e <ph> – têm pronúncia gutural aspiral.
Exemplos: **mphási** (sofrimento); **nthângu** (sol); **nkhômbo** (cabra).
6. **O uso das consoantes no iwoyo <m e n>**¹⁸⁵:
 - a.1. <m> – Antes das consoantes **b, p, v e f**, com as quais forma os sons guturais nasalizados (**mb, mp, mv e mf**), exemplos: i) **mvûmbi** (cadáver); ii) **mpînda** (amedoim); iii) **mfúmu** (senhor, chefe, responsável); iv) **mbíla** (chamamento, aviso);
 - a.2. <m’> (**m** suspenso). Este fonema surge na síncope do (u) numa série de termos ou vocábulos do prefixo “mu”; esta vogal /u/ permanece como fonema, no entanto, somente, na variedade regional da língua cabindesa Isundi de Miconje. Quando o **m** constitui uma sílaba suspensa (**m’**)¹⁸⁶ noutras variedades dialetais do ibinda, exceto o isundi de Miconje, escreve-se desta forma, exemplos do Iwoyo: i) **m’pînda** > m(u)pînda (figueira); ii) **m’vútu** > m(u)vutu (resposta); iii) **m’kazu** > m(u)kazu (árvore que dá cola); iv) **m’manga** >

¹⁸⁴Cf. NTONDO, Zavoni, *especialista em línguas africanas, observações científicas feitas no livro de Gabriel Nionje Seda (1996), op.cit., cf. depois da p. 53, s/ número.*

¹⁸⁵ Cf. MAZUNGA, Silvino (2011), op. cit. p. 18.

¹⁸⁶ O Isundi é falado no norte de Cabinda e em algumas zonas de emigração quer por motivos de trabalho (café, cacau, *implatio ecclesiae*, como na área de Lukula-Nzênze) quer por motivos do conflito armado.

m(u)manga (mangueira); v) **m'nuni** > m(u)nuni (marido), **m'kazi** > m(u)kazi (esposa); vi) **m'situ** > m(u)situ (mata, floresta); vii) **m'tu** > m(u)tu (cabeça); viii) **m'cyêntu** > m(u)cyêntu (mulher); ix) **tum'vâna** > tum(a)vana (demos-lhe); x) **m'cyâma** > m(u)cyama (arco-íris);

Nota: a variedade dialetal de isundi de Miconje mantém o /u/ no /mu/, cf. no rodapé¹⁸⁷.

7. <n> – antes das consoantes **c, d, g, j, k, s, t, z**

O /n/ com estas consoantes formam os sons guturais nasalados-aspirados, no princípio e no interior das palavras onde podemos verificar os dígrafos (**nc, nd, ng, nj, nk, ns, nt e nz**), exemplos: i) **ngônda** (lua); ii) **nzûngu** (panela); iii) **ncíma** (macaco); iv) **nzó** (casa); v) **ndóko** (vamos); vi) **ndûmba** (meretriz); vii) **likûndi** (semente, comprimido); viii) **ndûbu** (comunicado); ix) **ndima** (fazenda, roça); x) **nkóna** (caçador); xi) **nkônga** (grupo, colecção (povoação)); xii) **nkôndo** (embondeiro);

8. O uso das consoantes <g>, <k>, <s>, <j> e <h>:

- a. <G> – O /g/ tem sempre o som gutural. **Exemplo:** i) **Ngéte** (sim); ii) **ngéngulu** (fisioterapeuta; massagista);
- b. <k> – O /k/ antes das vogais /e/ i/ lê-se como em português **ke (que), ki (qui)** e antes das vogais /a/ o/ u/, tem a pronúncia de [k]. Exemplo: i) **kebéze** (cuidou); ii) **kisi ko** (não tem) **m'kúdu** (garrafa); iii) **ukóta** (entrar); iv) **ukáka** (barrar);
- c. <s> - O /s/ nunca tem o valor de **z**, tendo aquele de **c**, quando junto das vogais /e/ e /i/, da mesma forma, quando junto das vogais /a/, /o/ e /u/ tem a pronúncia de [s]. Exemplo: i) **nsítu** (mata, floresta); ii) **ukása** (mastigar); iii) **usíba** (maldizer; amaldiçoar); iv) **usêmba** (exortar); v) **maswêla** (lágrima);

¹⁸⁷ Vejamos agora os exemplos da variedade Isundi de Miconje que mantém o fonema /u/, exemplos: i) **mupînda** (cajueiro); ii) **muwutu** (resposta); iii) **mukazu** (árvore de cola); iv) **mumanga** (mangueira); v) **mukazi** (esposa); vi) **muti**; vii) **mukhêtu** (mulher); viii) **mutu** (cabeça); ix) **mucyama** (arco-íris);

- d. <h> - Este fonema forma dígrafos com as consoantes <d, k e t> (**dh, kh, th**), formando deste modo sons guturais aspirados. É muito utilizado para aspiração e para sons guturais. Importa, porém, fazermos uma sinopse de duas variantes da língua Ibinda: o **Iwoyo** e o **Iyombe**: **1)** Os sons, aparentemente, aspirados em **iwoyo**, não o são em relação ao **iyombe**, v.g. **cin~~kh~~útu** (camisa); são sons guturais-nasalados. Por isso, estes sons são, fundamentalmente, estruturados de seguinte modo: <**m** ou **n**> + consoante. Ex. **nthându** (planície); **2)** Em **iyômbé**, todavia, este som é pronunciado, utilizando a laringe (velar). Neste aspeto, é um som gutural nasalado-aspirado. Aqui, sem dúvida, se pode usar o <h>. **Exemplos:** a) **iwoyo**: i) **Ndhambi**: problemas; **ndhandu**: prosseguimento, benefício; **ndhandulu**: seguimento; ii) **Cinkhútu**: camisa; **nkhón~~g~~a**: caçador; **nkhola**: caracól; **nkhusu**: papagaio; **nkhomba**: irmão ou irmã); b) **iyombe**: **kikhútu** (*Belize*) ou **cikhútu** (*Buco-Zau*): *camisa*; **khûsu**: papagaio; **khûmba**: irmão (irmã); **khûtsu**: papagaio; c) **iwoyo**: **Nthá~~n~~du**: planície; **nthá~~n~~gu**: sol; **cinthá~~t~~u**: afastamento; d) **iyombe**: **thâ~~n~~du**: *planície*; **thâ~~n~~gu**: *sol*; **kithâ~~t~~u** ou **cithâ~~t~~u**: *afastamento*.

Neste estudo linguístico, é evidente que a língua Ibinda em todas suas variantes diatópicas, especificamente, na variedade **iwoyo** em estudo, tem as suas particularidades, mesmo sendo uma língua do grupo das línguas bantu-africanas, subgrupo da família das línguas bacongo ou da hipotética língua mãe Kongo. A questão da ortografia tem sido um problema para muitas línguas, como, por exemplo, o português do Brasil, o português europeu e o dos PALOP; o francês de Canadá, o da França e o dos países francófonos africanos; o inglês da Inglaterra, o dos Estados Unidos da América e Canadá e o dos países africanos anglófonos; o espanhol da Espanha, o dos países da América do Sul e dos países africanos hispanófonos, verificando esta realidade linguística com as variedades geolinguísticas nos países lusófonos, francófonos, anglófonos e hispanófonos. Os linguistas africanos devem ter em conta que as línguas naturais africanas têm uma grande influência e interferência linguística daquelas línguas dos antigos colonizadores, os europeus, devido a coabitação e interferências destas, consequência da colonização, que, hoje, são línguas oficiais nos países africanos e, também, línguas primeiras ou segundas ou oficiais no ensino e aprendizagem no sistema educacional e escolar destes países africanos.

Vejamos o caso das línguas românicas (português, francês, italiano, espanhol, o romeno, etc.) não têm cem por cento a mesma fonética, fonologia, ortografia, sintaxe, morfologia, semântica ou pragmática. Estes sistemas linguísticos que têm a mesma origem, o latim, apresentam paradigmas gramaticais diferentes em vários aspetos dos seus módulos linguístico-gramaticais, da mesma forma, podemos fazer uma analogia linguística, tendo em conta a realidade linguística das línguas Kongo ou bakongo que têm a mesma origem da hipotética língua kongo. Neste contexto, estas línguas têm princípios e paradigmas gramaticais diferentes em vários aspetos linguísticos como no léxico, na fonologia, fonética, ortografia, sintaxe, morfologia e semântica.

O mais importante numa língua natural é fazê-la apoiar-se nas recomendações do A.F.I (Alfabeto Fonético Internacional) para se evitar certos atropelos na representação dos sons ou signos ortográficos. Estes devem ser adaptados à realidade específica da fonologia e fonética de cada língua, sem qualquer imposição ou retração em certos aspetos, passíveis de não serem convenientes ou aceites pelos falantes-ouvintes ou linguistas desta ou daquela língua, chegando ao ponto de não serem compatíveis e aplicáveis numa dada língua, tendo em conta a sua especificidade linguística. Tudo isso é, porém, baseado em certos acordos ortográfico-linguísticos, encontrando soluções mais eficazes e pacíficas na regularização, normalização e fixação dos instrumentos normativos de uma língua, conforme tem acontecido na lusofonia, os acordos ortográficos na CPLP, no que diz respeito à língua Portuguesa, tendo em conta a realidade linguística da ortografia e outros aspetos linguísticos, por causa das variedades diatópicas desta língua de Camões. A língua portuguesa tem dois pólos de ortografia, fonética, sintaxe, morfologia, semântica e fonologia, gerando, assim, o português do Brasil e o português euro-afro-asiático.

3.1.5.9. Os acentos¹⁸⁸

As palavras, na língua cabindesa, obedecem, quanto à acentuação, à modulação dos sons, isto é, à sua quantidade. Daí que há palavras com a mesma estrutura ortográfica, mas com pronúncia e significado diferentes (palavras homógrafas. Ex. mbôngo (semente para se plantar); mbóngo (dinheiro).

¹⁸⁸ Cf. MAZUNGA, Silvino (2011), op. cit. p. 13-14.

- 1) **O acento agudo (´)** indica os tons altos e breves e a mesma vogal dupla que constitui um som longo que se contrai, formando uma só (crase) com acento aguda. **Exemplo:** utélíka (erguer), maama > máma (mãe): **a) são geralmente agudos os vocábulos:** i) Os monossílabos. Exemplos: ntó (fonte); mphú (chapéu); nsí (terra, povo); ii) Os dissílabos terminados em /o/. Exemplos: itó ci mbízi (pedaço de carne); liyó (onda do mar); licyó (ovo); iii) Os dissílabos iniciados por /m/ e /m'/ suspenso. Exemplos: m'tí (árvore); mbú (mar); m'tú (cabeça); **b) Os polissílabos são, de modo geral, esdrúxulas.** Exemplos: nánguna (levanta); télama (levanta-te, ergue-te).

N. B.: O /o/ final na língua ibinda nunca tem o som de [u], mas, tem só o som de [o].
Exemplos: bôlo (preguiça);

- 2) **O acento circunflexo (^)** em Iwoyo é adotado para representar as vogais longas (alta – baixa e baixa – alta), usa-se o acento aguda na crase de duas vogais idênticas, sendo um som longo.

Neste contexto, são, geralmente, longos os sons das vogais da penúltima sílaba, seguidas das consoantes (**l, m, n,**), exceto as que pela especificidade de iwoyo são de tom alto e breve. **Exemplos:** mbêle (faca); ngômbe (boi), bôlo (preguiça); mâna (fé), bâna (filhos).

3.1.5.10. Elisão e Supressão¹⁸⁹

3.1.5.10.1. Elisão

No iwoyo, dá-se a elisão, sobretudo, quando a palavra anterior termina em <a> vogal e a seguinte começa com <a>, <i> e <o>. Suprime-se o <a> da palavra anterior.

Exemplos da elisão ou supressão do /a/:

- 1) a + a = <a> ex.: nkómbaa + ami > nkómb'ami (meu irmão);
- 2) a + e¹⁹⁰ = não se dá a elisão ou supressão; o “e” tem o som de [i],
- 3) a + i = <i> ex.: nkómbaa + itu > nkómb'itu (nosso irmão);
- 4) a + o = <o> ex.: limpa + olyo > limp'olzo (este pão);
- 5) a + u = não se dá a elisão ou supressão.

¹⁸⁹ Cf. MAZUNGA, Silvino (2011), op. cit. p. 13-14.

¹⁹⁰ **Nota: a)** Quanto ao <e> não se dá, mas o <e> anterior pronuncia-se [i]. Exemplo: libêmbe[i] alili [libêmbi alili] (esta pomba); **b)** O mesmo com o <i>, <o> e <u>, da mesma forma, quando a palavra termina em <o> vogal e a seguinte começa com <o>, suprime-se o <o> da palavra anterior ex: nkômb'oyo (esta cabra), mas não se dá com as vogais <a>, <e>, <i> e <u>.

3.1.5.10.2. Supressão

É muito frequente, na língua ibinda em todas as suas variedades etnolinguísticas (**iwoyo**, ikoci, ivili, iyombe, ikwakongo, ilinji e isundi) na formação de frases elípticas sem o verbo¹⁹¹:

1) quando a frase tem função de possuidor. Exemplo: **a) Binkútu obyó (-) byandi.** (Esta roupa (pertence-lhe); **2) quando a frase tem função copulativa.** Exemplo: **a) Nandi (-) mûntu mbóte** (ele (é) uma boa pessoa); **3) No Iwoyo, quando o prefixo faz parte da estrutura da palavra, este mantém.** Exemplo: **a) Lyânya li (-) Lândana** (o milho (é) de Lândana); É, no entanto, elidido, quando o prefixo não faz parte. **b) (li)mányá li (-)nyêmbu** ([a] pedra (é) de sorte); **c) (li)mányá li m'tú mûntu owvo ayi lyandi** (cada um por si Deus por todos ou cada cabeça cada sentença).

3.1.5.11. A sílaba e estrutura silábica da língua cabindesa

É bom que tenhamos em conta, que, linguisticamente, nenhum sistema linguístico é a fotocópia de outro, por isso mesmo, que cada língua apresenta a sua especificidade linguística, tendo em conta os seus princípios e parâmetros linguístico-gramaticais.

É por esta razão que a língua cabindesa, nas suas variedades regionais, especificamente, a variedade em estudo, nesta tese, **o iwoyo**, há uma implicatura conjuntural no que se refere a sílaba e as distintas das estruturas silábicas, cf. Nzau (2004:137)¹⁹².

O Iwoyo como qualquer outra variedade linguística do Ibinda e, também como qualquer língua bantu-africana, é regido por leis próprias que o leva a ter estruturas silábicas próprias, mas sem que esqueçamos a realidade peculiar vocálica e consonântica de cada idioma, isto é, a fonologia; tendo em conta os sons que são reproduzidos em cada sílaba de uma palavra e a sua representação fonética deve estar em consonância com o som que

¹⁹¹ Na formação de frases sem o verbo: 1) a. (**biké**); 2) a. (**ke**); 3) a. (**ke li**); b. (**ke li**).

¹⁹² NZAU, Domingos Gabriel Ndele (2004), op. cit. p. 137, “a sílaba pode ser entendida como uma unidade fonética imediatamente superior ao fonema, quer por um único fonema, quer por um núcleo silábico e por um ou vários fonemas, e que possui uma certa coesão acústica e articulatória. O Mesmo autor apoia-se, citando as palavras de Jakobson & Halle (1983:657), que “a estrutura silábica pode ser constituída por um só elemento ou mais de um elemento, e essa estrutura é definida por regras fundamentadas num jogo de contraste entre vogais e consoantes, e varia de uma língua para outra”.

representa a realidade dos símbolos fonéticos de AFI que representa cada sistema linguístico, dependemente dos seus parâmetros fonológicos e fonéticos.

Hoje, a realidade linguística das línguas bantu é muito diferente em relação aos séculos ou anos passados, tendo em conta as investigações linguísticas que são feitas pelos investigadores e linguistas autóctones hodiernos, falantes-ouvintes, das línguas bantu-africanas. Estes investigadores, às vezes, têm encontrado vários pressupostos teóricos linguísticos que já não estão em conformidade com a realidade dos princípios e parâmetros linguísticos das suas línguas nativas, porque as investigações dos pressupostos passados foram descritos por linguistas não nativos ou não falantes-ouvintes destas línguas bantu-africanas, naquele tempo.

Nós, hoje, como investigadores e estudiosos da língua Ibinda, especificamente da variante iwoyo, neste estudo, temos investigado esta variedade etnolinguística do ibinda dos bawoyo, Iwoyo; neste estudo e investigação linguística, chegámos a conclusão, que certos aspetos fonéticos e fonológicos que alguns linguistas e investigadores evidenciaram sobre a fonética e a divisão silábica de certas línguas ou variedades linguísticas das línguas bantu-africanas não estão em conformidade com a especificidade linguística destas línguas.

Nesta lógica linguística dos idiomas bantu-africanos, a distinção de sílabas abertas e fechadas é indubitavelmente aplicável ao Iwoyo; pois que as sílabas, nesta variedade linguística e nas outras da língua ibinda, são em geral abertas e fechadas, isto é, terminam quase sempre em vogal como qualquer outra língua bantu-africana ou indo-europeia.

Esta situação não tem qualquer implicação linguística com todos os pressupostos teóricos linguísticos que foram desenvolvidos até hoje sobre as línguas bantu-africanas. O problema mais candente é a fonologia e a fonética, isto é, os sons e os símbolos fonéticos que são forçados a serem usados em algumas línguas bantu, às vezes, não correspondem com a realidade fonológica destas línguas. Isto mostra uma imposição linguística que as políticas linguísticas de certos países africanos impõem em certas línguas nacionais. Deste modo, certos símbolos fonéticos não correspondam, linguisticamente, com a realidade de muitas línguas bantu-africanas.

A nossa perspetiva linguística da língua cabindesa, na variedade iwoyo, como referenciámos e descrevemos, neste capítulo, nos itens anteriores, constatámos que este

idioma é representado por quatro grupos de símbolos fonético-linguísticos para a representação dos seus sons, dividindo-os em quatro classes: vogais (orais e nasais), semivogais, consoantes e consoantes pré-nasais.

A situação linguística mais pertinente que caracteriza uma nova evidência e novo pressuposto teórico linguístico no estudo desta língua bantu-africana, ibinda, é a questão das vogais nasais que deparámos na nossa investigação linguística, como falantes-ouvintes deste idioma, que não tínhamos encontrado em nenhuma bibliografia lida referente as línguas bantu-africanas. Todas as investigações feitas sobre este tema, não encontrámos nenhum linguista ou investigador que fez menção a existência de vogais nasais nas línguas bantu. Este caso linguístico verificamo-lo na divisão silábica entre as consoantes pré-nasais antes das vogais /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, como vamos demonstrar nos exemplos seguintes da variante Iwoyo da língua ibinda e da língua portuguesa. Vamos apresentar as duas versões, a antiga no a) e a nossa no b) segundo o nosso ponto de vista, tendo em conta o nosso pressuposto linguístico que em iwoyo e nas outras variantes do ibinda, existem as vogais nasais e consoantes pré-nasais nas seguintes opções, isto é, binasalação da vogal e da consoante:

- 1) <ntandu > (Iwoyo): planície:
 - a) <nta-ndu > [nta-ndu];
 - b) <nta(n)-ndu > [ntẽ:ndu], [ũtẽ:ũdu];
- 2) <mbambi > (iwoyo): corcodil:
 - a) <mba-mbi > ['mba:mbi];
 - b) <mba(m)-mbi > ['mbẽ:mbi], ['ũbẽ:ũbi]
- 3) <contente > (português):
 - a) contente [kõ'tětĩ]
 - b) bastante [beʃ'tětĩ]

Com esta realidade linguística da fonologia dos sons em Iwoyo, concluímos que a língua cabindesa tem as vogais nasais como na língua portuguesa. Vejamos a palavra portuguesa <mu~~ito~~> ['muĩtu] que é muito similar com as palavras do Iwoyo ou das outras variedades regionais do ibinda que têm as consoantes prê-nasais precedidas das vogais /a/, /e/, /i/, /o/, /u/. Estas vogais quando estão antecedidas das consoantes pré-nasais /mb/, /mp/, /mv/, /nj/, /nl/, /nt/, /nd/, /nk/, /ns/, /nz/ são consideradas vogais nasais na língua cabindesa porque o som nasal começa na vogal e termina no dígrafo das consoantes (pré-

nasais), segundo a realidade fonológica do som nesta língua bantu. Esta é uma especificidade linguística da língua dos cabindas sem qualquer contestação linguística como testificam aqueles exemplos precedentes do nosso pressuposto teórico ao articular aquelas palavras, tendo em conta o som da palavra e as suas sílabas.

Na divisão silábica do Iwoyo, vamos ter como referência a divisão silábica das línguas bantu-africanas, isto é, a fonologia e os símbolos fonéticos, tendo em consideração a existência de vogais nasais neste idioma. A divisão silábica de alguns vocábulos, estando de acordo com Nzau (2004), representa os seguintes exemplos da sílaba em Iwoyo com as seguintes estruturas:

- 1) vogal (V)
 - a) <a-ci > aci: isto
 - b) <o-yo > oyo: esse
 - c) <u-tu-ba > utuba: falar;
- 2) Nasal (N e M)
 - a) <m'-la-tu > m'latu: mestiço
 - b) <m'-fyo-te > m'fyote: negro
 - c) <m'-va-ti > m'vati: lavrador;
- 3) Consoante + vogal (CV)
 - a) <ba-ya-ya > bayaya: irmãos
 - b) <ma-so-na-ma> masonama: escrituras
 - c) <bu-fwe-ne> bufwene: merecido;
- 4) Nasal + consoante+ vogal (NCV)
 - a) <zi(n)-ndo-ci > zindoci [zĩ:'ndo.tʃ]: feiticeiros
 - b) <mba(m)-mbi > mbambi ['mbẽ:mbi], ['ũbẽ:ũbi]: corcodil
 - c) <mpe-lo > mpelo ['mpɛ:lo], ['ũpɛ:lo]: padre
 - d) <u-lu(m)-mba > ulumba ['ulũ:mba], ['ulũ:ũbɛ]: deixar cair;
- 5) Consoante + Semivogal + vogal (CSV)
 - a) <Lu-fwa > lufwa [lu'fwɐ]: morte
 - b) <bi-lya > bilya [bi'ljɐ]: alimentação; comida
 - c) <u-vwa-ta > uvwata [uvwɐ'ta]: vestir;

6) Nasal + Consoante + Semivogal + Vogal (NCSV)

- a) <zi(n)-**ndya**-tu-lu > **zindyatulu** [zĩ:ũdjɛtulu]: andanças; pernas
- b) <**ntwa**-la > **ntwala** ['ntwɛla] ou ['ũtwɛla]: dianteira
- c) <**n'twi**-zi > **n'twizi** ['ntwizi] ['ũtwizi]: criador de animais.

A partir do estudo e análise feito neste capítulo, já podemos compreender alguns aspetos da realidade linguística (fonológica, fonética e morfológica da língua ibinda em comparação da língua portuguesa e das outras línguas bantu-africanas, tendo em conta a sua especificidade linguística que a faz ser o que foi e o que é hoje na sua perspetiva linguística diacrónica e síncrona.

CAPÍTULO IV

CLASSES E PREFIXOS EM IWOYO

4.1. Dados históricos da classe e prefixos nominais, pronominais, verbais e adjetivais das línguas bantu-africanas

Hoje, não podemos fazer qualquer descrição linguística das línguas bantu sem que façamos uma fundamentação teórica e que tenhamos em conta os dados diacrónicos e sincrónicos ou da linguística histórica destas línguas. Esta é uma das razões que nos vai cativar e nos facilitar delinear alguns aspetos importantes que outrora marcaram as investigações científico-linguísticas das línguas bantu-africanas, que serviram como sementes e geraram muitas árvores, dando frutos preciosos hoje. Deste modo, estas investigações serviram e sirvam para nós como base da continuação da linguística africana até aos nossos dias.

Como é do conhecimento quase de todos os linguistas africanos, as línguas bantu não eram escritas, a sua transmissão e comunicação de geração em geração até hoje foi feita pela transmissão oral. Foi uma das razões preponderantes que elas necessitam, hoje, com urgência uma metodologia linguística que as possa dar mais vida científico-linguística.

Na África sub-sariana, com a ausência da escrita destas línguas nativas antes da colonização europeia, causou muitos problemas linguísticos cruciais para o seu desenvolvimento e a sua sobrevivência científico-linguística em todos os aspetos; mas, contudo, a transmissão oral destas deu a vida e a sua manutenção existencial até a chegada dos europeus em África. Contudo, principalmente, o trabalho da evangelização dos missionários cristãos (católicos e protestantes) que amiúde estavam sempre em contacto comunicacional com os falantes-ouvintes destas línguas, por exemplo, em Cabinda, o catecismo da igreja Católica era também ensinada na língua bantu-africana, ibinda (fiote), conforme testemunha os livros de catecismo escritos pelos missionários franceses da igreja Católica em fiote, fiote-francês (1884, 1885, 1888 e 1909)¹⁹³ e portugueses e angolanos em fiote-português (1909, 1963, 1982)¹⁹⁴. Em contra partida, houve mais desenvolvimento da

¹⁹³ *Les missionnaires de la congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie (1884, 1885, 1888 et 1909), op. cit.*

¹⁹⁴ *Op. cit.*

linguística africana nas colónias inglesas e belgas, porque, nestas colónias, as línguas africanas eram permitidas a serem ensinadas nas escolas. Ao contrário, esta não foi a mesma política linguística nas colónias francesas e portuguesas em África. Nestas colónias, as línguas bantu só eram permitidas no ensino do catecismo da igreja católica, como foi referenciado no capítulo precedente. Este foi um trabalho notório dos padres da igreja Católica no período colonial, contribuindo fortemente para o estudo destas línguas no ensino de catecismo só por via da comunicação oral. Estes missionários religiosos interessaram-se a compreender e a estudar estas línguas, dando por isso os primeiros passos para a estruturação escrita das mesmas, obedecendo a transcrição fonética das línguas indo-europeias, como o português, francês, inglês, alemão, espanhol, etc.

Um dos problemas de capital importância que as línguas bantu-africanas tiveram, é a transcrição dos sons, a fonologia e a fonética bantu. O que se pretendia era apurar que tipo de letras deveriam ser usadas para transcrever a fonética dos sons de cada língua africana, sendo assim, um dos aspetos mais salientes foi a necessidade de encontrar um alfabeto fonético que corresponda a estes sons fonéticos, tendo em conta o AFI, na criação destes símbolos fonéticos.

Desde o tempo colonial até hoje, esta tem sido uma das questões mais importantes e badaladas para o estudo das línguas bantu, isto é, a fonética, a classificação dos prefixos e os seus aspetos léxico-gramaticais em cada língua bantu-africana. Os linguistas africanos, desta forma, querem encontrar um estudo eficaz, coerente e explícito da linguística africana, que é capaz de esmiuçar o estudo linguístico de cada língua bantu, tendo em conta a especificidade gramatical de cada uma delas, como afirma Doneux (2003:5) que *“l'exigence de comparaison de ces langues à peine écrites exigeait de nouveau des principes: comment faire pour classer des langues dont on ne connaît que l'histoire récente et situées dans des pays dont on découvre à peine la géographie? Cet objectif de recherche enthousiasma de nombreuses personnes et le lecteur découvrir les avancées progressives des précurseurs. Nombreux ont été les candidats qui espéraient dessiner la carte des familles de langues africaines: mais le travail allait commencer dans les années 1850 avec Bleek, durer plus d'un siècle, et s'achever dans les grandes lignes dans les années 1960 avec Greenberg. La méthodologie, tout comme pour l'écriture de ces langues, connaîtra cependant des périodes d'accélération dans les moments de nouvelles descriptions”*.

Hoje, há uma necessidade urgente de encontrar a verdadeira identidade linguística de cada língua africana, tendo em conta os princípios e parâmetros linguístico-gramaticais de cada uma delas para que se possa formatar e "*linguistifricanizar*"¹⁹⁵ os critérios gramaticais do ensino e aprendizagem de cada língua.

Os cabindas, principalmente, os linguistas e investigadores, têm esta nobre missão da estruturação, normalização e fixação da língua cabindesa, partindo do conhecimento implícito para o conhecimento explícito da língua ibinda, tendo em conta a especificidade desta em relação as outras línguas bantu e, especificamente, aquelas línguas da família kongo ou baongo e da língua portuguesa.

Não é fácil estudar e investigar uma língua africana sem um fundamento sólido e linguístico dos parâmetros desta para descrever a sua realidade linguística em comparação com as outras línguas africanas e as línguas não africanas, conforme reafirma o autor supracitado (2003:6), *"la méthodologie de comparaison des langues orales s'est donc précisée durant deux siècles en établissant des comparaisons lexicales systématiques (permettant la naissance de la lexico-statistique) au fur et à mesure des descriptions de nouvelles langues. De plus, elle a permis de relativiser la dichotomie saussurienne «diachronie-synchronie» : les choix pour décrire une langue dans une perspective comparative obligeaient à privilégier une écriture structurelle (écrire les formes de base d'un morphème) par rapport à une écriture systémique qui aurait décrit uniquement les phonèmes présents en synchronie dans un morphème. Le cas des alternances consonantiques illustre ce propos: faut-il écrire les deux formes phonologiques d'un morphème, ou privilégier une forme de base avec un phonème fixe qui rencontre une alternance décrite par une règle morphophonologique? Cependant les choix réalisés par les linguistes africanistes ne seront finalement pas théorisés dans une linguistique générale et révéleront davantage les traditions linguistiques où ont été formés ces chercheurs. C'est pour cela que, les familles de langues et les auteurs se croisent: les progrès dans la connaissance des langues africaines sont mis en relation avec les formations et les savoir-faire des chercheurs."*

Esta é uma realidade e uma das razões fundamentais linguísticas que temos verificado no estudo dos sistemas linguísticos bantu nas políticas linguísticas dos países africanos, obedecendo e seguindo as normas da política linguística das línguas dos antigos

¹⁹⁵ Este termo é criação nossa proveniente da aglutinação das palavras linguística e africanizar.

colonizadores, refletindo, deste modo, a realidade das línguas europeias nas línguas africanas; tendo em conta os aspetos dos paradigmas linguísticos da morfologia, sintaxe, fonética, fonologia, semântica, o alfabeto, os sinais diacríticos do francês, inglês, espanhol, alemão, português, etc. Se formos a diagnosticar a política linguística do ensino das línguas nacionais angolanas, verificaremos que o material do ensino/aprendizagem linguístico destas línguas tem uma influência da língua francesa, por causa da maior parte dos especialistas e linguistas angolanos da linguística africana no ensino superior (mestres e doutores desta área linguística) tiveram a sua formação académica nos países francófonos, como por exemplo, Professor Doutor Zavoni Ntongo, Professora Doutora Amélia Mingas e outros.

Para nós lusófonos, tendo em conta a coabitação e a interferência do português nas nossas línguas nacionais dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), devemos implementar alguns aspetos da linguística portuguesa, como por exemplo, os sinais diacríticos, alguns aspetos linguísticos do português relacionados com as nossas línguas africanas para facilitar o ensino/aprendizagem destas, principalmente, a leitura e a escrita.

Hodiernamente, os linguistas africanos devem ter muita atenção cautelosa no estudo das línguas bantu-africanas, porque há certos pressupostos teóricos da linguística africana do passado, antes das independências dos países africanos, que não condizem, hoje, com a realidade das normas linguísticas de certas línguas africanas, tendo em conta a especificidade de cada uma, mesmo que esta seja da mesma família linguística com as demais. Há uma necessidade imperiosa e imediata de recolher a verdadeira informação linguística de cada uma das línguas bantu para que possa servir como base linguística para o estudo e estruturação de cada uma delas, tendo em conta a verdadeira identidade linguística que corresponda a cada sistema linguístico. É necessário que sejamos mais prudentes e humildes no estudo das nossas línguas bantu para que não introduzamos parâmetros linguísticos de uma outra língua africana na nossa ou noutra, por isso mesmo, cada linguista autótone de cada língua africana deve ter em conta a realidade gramatical do seu sistema linguístico, como falante-ouvinte, como nos elucida mais uma vez o autor supracitado, que *“on pense par exemple à ceci, que les soubassements idéologiques ayant conduit plusieurs linguistes africanistes à certaines hypothèses sur les langues qu’ils étudiaient n’ont pas encore été bien éclairés, malgré l’une ou l’autre tentative récente. En mettant cet essai dans le domaine public, l’auteur a donc bien conscience des imperfections qu’il contient, mais il espère que ces imperfections mêmes pourront servir de point de départ, non seulement à des remarques*

critiques ponctuelles, mais surtout à des réflexions plus fines sur ce qu'a été, ce qu'est aujourd'hui et ce que peut encore devenir la linguistique africaine."

Atualmente, há uma necessidade impreterível dos linguistas africanos depararem com as normas linguísticas que correspondam a realidade das suas línguas nativas, sem que haja uma imposição linguística sobre os outros idiomas que pode destronar os princípios e parâmetros linguístico-gramaticais de uma outra língua, isto é, a colonização ou neocolonização linguística dos parâmetros linguísticos de uma dada língua na outra.

Neste momento, cabe a cada linguista africano ser humilde na ciência, para considerar a fundamentação das hipóteses e dos pressupostos teóricos linguísticos deixados pelos primeiros pioneiros investigadores europeus, como uma relíquia ou herança cultural linguística, pois que aqueles foram os precursores que começaram a desbravar este caminho do conhecimento linguístico na investigação das línguas bantu-aficanas; começando por Bleek (1827-1875), a partir da sua tese intitulada *"De nominum generibus, linguarum Africae australis, Copticae, Semiticarum aliarumque, sexualium"* e, terminando por Greenberg como afirma Doneux (2003), (...) *mais le travail allait commencer dans les années 1850 avec Bleek, durer plus d'un siècle, et s'achever dans les grandes lignes dans les années 1960 avec Greenberg. La méthodologie, tout comme pour l'écriture de ces langues, connaîtra cependant des périodes d'accélération dans les moments de nouvelles descriptions"*.

Tendo em conta este fundamento linguístico, a parte mais importante da tese de Bleek, foi onde ele evidenciou a classificação dos prefixos nominais das línguas bantu-aficanas, como afirma Doneux, (2003:34) que *"pour remplir son programme de thèse, Bleek est donc amené à proposer une classification des préfixes nominaux du bantou, à leur assigner une forme, et à leur donner une valence sémantique. Chacun de ces éléments lui est nécessaire pour qu'il puisse attribuer une place au bantou dans un tableau de l'évolution des langues à partir d'une situation originelle."*

"En recomposant à partir d'une liste qu'il donne lui-même les données éparses dans l'ouvrage, on a le tableau général suivant du système des affixes nominaux tel qu'il l'établit".

Neste contexto, apresentamos a tabela seguinte do Bleek:

Tabela 20: Sistema dos afixos nominais de Bleek (1851)¹⁹⁶

Nº	LANGUES	LANGUES	VALENCE GRAMMATICALE	VALENCE SÉMANTIQUE
	<i>Xhosa</i>	<i>Hétero</i>		
1.	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>Singulier de 2.</i>	<i>Humain</i>
2.	<i>Ba</i>	<i>Va</i>	<i>Pluriel de 1.</i>	<i>Humains</i>
3.	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>Locatif, singulier de 4.</i>	<i>Lieu</i>
4.	<i>Mi</i>	<i>Mi</i>	<i>Pluriel de 3.</i>	
5.	<i>Li</i>	<i>Ri</i>	<i>Singulier de 6.</i>	<i>Relatif. Applicatif</i>
6.	<i>Ma</i>	<i>Ma</i>	<i>Plur. De 6. Ou non coupé</i>	<i>Coletif</i>
7.	<i>Si</i>	<i>Tij</i>	<i>Singulier de 8.</i>	<i>Causal, objet</i>
8.	<i>Zi</i>	<i>Vi</i>	<i>Plurier de 7.</i>	
9.	<i>N</i>	<i>N</i>		
10.	<i>Zin</i>	<i>Zon</i>		
11.	<i>Lu</i>	<i>Ru</i>	<i>Inversif</i>	
12.	<i>Tu</i>			
13.	<i>Bu</i>	<i>U</i>	<i>Abstrait et colietif</i>	
14.	<i>(ka)</i>	<i>Ka</i>	<i>Diminutif</i>	
15.	<i>Ku</i>	<i>Ku</i>	<i>Infinitif, locatif</i>	<i>Nom d'action, locative de direction</i>
16.	<i>(pa)</i>	<i>pa</i>	<i>locatif</i>	<i>“donner”, locatif de contact</i>

Système des afixes nominaux selon Bleek (1851)

Nesta tabela, pode-se extrair uma soma de ideias que Bleek introduziu na linguística africana, dando uma nova perspetiva linguística no estudo destas línguas, servindo como alicerce para os futuros trabalhos investigativos linguísticos das línguas bantu desde aquela data até aos nossos dias; permitindo, deste modo, que outros linguistas subsequentes podessem desenvolver outras hipóteses e outros pressupostos teóricos linguísticos relacionados a esta matéria, tendo em conta a realidade linguística de cada idioma africano. O mesmo autor em 1862 reelaborou uma outra classificação dos afixos, isto é, a classe dos prefixos nominais, pronominais e verbais com 19 classes, cf. Nzau (2004:147-148), em que demonstra a tabela seguinte do William Bleek e, depois seguir-se-ão as outras tabelas dos outros linguistas como Sigismund Koelle (1823-1903), Karl Meinhf (1857-1944).

¹⁹⁶ DONEUX, Jean Léonce (2003), op. cit., p. 35.

Tabela 21: Classes dos Prefixos nominais segundo Bleek

CLASSES DOS PREFIXOS DO PROTO-BANTU DE BLEEK EM 1862			
Classes (Cl.)	Prefixo Nominal (PN)	Prefixo Pronominal (Ppron)	Prefixo Verbal (Pv)
1	mo-	Jo-	o-/a-
2	ba-	ba-	ba-
3	mo-	go-	go-
4	me-	ge-	ge-
5	i-	le-	le-
6	ma-	ga-	ga-
7	ke-	ke-	ke-
8	bi-	bi-	bi-
9	N-	je-	je-
10	N-	ji-	ji-
11	do-	do-	do-
12	ka-	ka-	ka-
13	to-	to-	to-
14	bo-	bo-	bo-
15	ko-	ko-	ko-
16	pa-	pa-	pa-
17	ko-	ko-	ko-
18	mo-	mo-	mo-
19	pi-	pi-	pi-

As classes e prefixos de Proto-Bantu de Bleek de 1862¹⁹⁷

Este último, Karl Meinhf, (1857-1944) propôs 23 classes dos prefixos nominais e adjetivais como segue na tabela seguinte:

¹⁹⁷ NZAU, Domingos Gabriel Ndele (2004), op. cit. p. 147.

Tabela 22: Classes dos prefixos nominais segundo Meinhf

LES CLASSES DES PRÉFIXES NOMINAUX SELON MEINHf		
Nº DE CLASSES	PRÉFIXES ET ADJECTIVAUX	PRÉFIXES ET PRONOMINAUX
1	mu-	mu-
2	ba-	ba-
3	mu-	gu-
4	mi-	gi-
5	di-	di-
6	ma-	ga-
7	ki-	ki-
8	bi-	bi-
9	ni-	gi-
10	di-/ni-	di-/ni-
11	du-	du-
12	ka-	ka-
13	tu-	tu-
14	bu-	bu-
15	ku-	ku-
16	pa-	pa-
17	ku-	ku-
18	mu-	mu-
19	pi-	pi-
20	gu-	gu-
21	gi-	gi-
22	ga-	ga-
23	gi-	gi-

Les classes nominaux selon Meinhf (1857-1944)¹⁹⁸

4.2. Classes e prefixos em iwoyo

Nós, linguistas e investigadores africanos, hoje, ao estudarmos e investigarmos a linguística africana, devemos ter uma perspetiva linguística inovadora, reconhecendo e reconsiderando aquilo que já foi investigado outrora, tendo em conta a diacronia e a sincronia de cada língua bantu que se estuda, para que não venhamos a repetir as mesmas coisas que já datam a séculos sem qualquer inovação e evolução da linguística africana e da língua que se investiga, pois que, sabemos que toda a língua é dinâmica e não estática.

Neste contexto, deve haver novidades linguísticas que correspondam a realidade linguística hodierna de cada língua africana que se investiga e se estuda ou qualquer outra língua natural. Por esta razão, com a base nos estudos e investigações feitos, podemos definir

¹⁹⁸ FUTi, João Maria (2012), op. cit. p. 60-61).

a **linguística**, segundo as investigações feitas, que **é a ciência que estuda a linguagem humana, as línguas naturais, baseando-se nas observações metalinguísticas, investigações e estudos conduzidos através de métodos e uma fundamentação de hipóteses e de pressupostos teóricos a priori e a posteriori, criando novas hipóteses e novos pressupostos teóricos que se fundamentam numa nova perspectiva sincrónica linguística, tendo em conta aquilo que já existe como fundamento da linguística geral e descritiva, aceitando ou refutando alguns aspetos que não estão em conformidade com a língua ou as línguas em estudo.** É nesta perspetiva que o estudo da linguística deve ser feito por um especialista, isto é, um linguista. Deste modo, podemos realçar mais uma evidência científico-linguística, segundo o nosso ponto de vista linguística, que **a linguística estuda toda e qualquer manifestação linguística como um facto científico-linguístico merecedor de uma descrição e explicação dentro de um quadro científico e metodológico adequado, tendo em conta os métodos que norteiam e identificam o estudo de cada língua ou línguas naturais, apoiando-se, deste modo, na macrolinguística, teoria geral da linguística, e na microlinguística, linguística descritiva, metendo em evidência e relevo o carácter interno e a forma externa da linguagem humana e das línguas naturais.**

Nesta perspetiva científico-linguística, cada língua tem a sua especificidade ou princípios e parâmetros gramaticais que a identificam, mesmo aquelas línguas que pertencem a mesma família de línguas. Estas nunca poderão obedecer os mesmos critérios ou normas gramaticais, como por exemplo: a ortografia, morfologia, sintaxe, fonologia, fonética, etc., como acontece, por exemplo, com as línguas românicas ou novilatinas e as línguas baongo ou kongo.

Devemos compreender que a realidade linguística de hoje é muito diferente em relação aquela do passado, por isso mesmo, que se exija uma nova perspetiva linguística no estudo das predisposições metalinguísticas das línguas africanas como afirma Doneux (2003) que *“Il pourrait se faire que dans les circonstances historiques qui sont les nôtres (langues), la recherche linguistique prenne comme un de ses objets de recherche tout ce champ des prédispositions métalinguistiques dans les langues africaines; dans l'état actuel des choses, cependant, la linguistique africaniste doit être vue dans son histoire comme un mouvement d'études et d'idées ayant produit des résultats très différents de celui-là du passé.”*

De acordo com Guthrie (1948:91), Futi (2011:59-61), Mingas (1994:105), Kamuleta (1969:82) e Nzau (2004:147-148), afirmam que todas as línguas bantu-africanas possuem prefixos nominais, verbais, pronominais e outras classes das palavras.

A questão das classes e prefixos pode suscitar, hoje, alguns problemas científico-linguísticos; parafraseando Nzau (2004), uma delas prende-se com o número exato de classes, quer a nível do Proto-Bantu-africano, língua hipotética, de onde supostamente derivaram as línguas bantu atuais. O número de classes varia de língua para língua; segundo Kamuleta et al. (1995:98): *«Les langues bantu actuelles ont entre 10 et 20 classes» [...] «en comparant les différents systèmes actuels, on est arrivé à reconstituer 19 classes pour la langue bantu ancienne, qu'on appelle Proto-bantu, et qui est la langue mère hypothétique dont les langues bantu actuelles dérivent.»*.

O Iwoyo, como variante diatópica da língua ibinda, pertencente ao subgrupo bacongo, foi classificado por Guthrie (1948) na zona H 16A, não foge a esta regra; por isso, a formação dos nomes, pronomes, verbos e géneros no singular e no plural é assinalada pelos prefixos supracitados.

Toda a língua é dinâmica e apresenta uma perspectiva diacrónica e sincrónica que favorece a variação linguística ao longo dos tempos. Assim, as línguas bantu atuais, faladas em África subsariana, derivaram do Proto-bantu, língua mãe hipotética. Fatores geográficos, sociolinguísticos, etnolinguísticos, culturais e psicolinguísticos foram surgindo por processos idênticos, iguais aos que ocorreram com o latim vulgar que deu origem às hodiernas línguas novilatinas, (cf. Nzau, 2004:149). É por esta razão que a língua Cabindesa não fugiu a esta linha e regra linguística. Deste modo, não faltaram investigadores, linguistas do território de Cabinda, república de Angola, continente africano e de outros continentes que tinham feito estudos e investigações sobre esta língua. Assim, surgiu em cada estudo feito a classificação das classes e prefixos nominais, pronominais e verbais desta língua, como podemos verificar a divisão dos prefixos da língua cabindesa nas tabelas destes linguistas, (cf. Futi, 2012: 114¹⁹⁹ e Nzau, 2004: 195) com a classificação de 19 classes dos prefixos desta língua bantu. Nesta mesma senda das classificações dos prefixos nominais deste sistema linguístico de Cabinda, Chicuna (2003: 106-107)²⁰⁰ afirma que “como todas as línguas bantu, o Kiyombe caracteriza-

¹⁹⁹ FUTU, João Maria (2012), op. cit.

²⁰⁰ CHICUNA, Alexandre Mavungo (2014), op. cit.

se por apresentar um sistema de classes nominais. As classes nominais do iyombe comportam treze prefixos. (...) O iyombe não possui as classes 12 e 13, não havendo as classes 12 e 13 (ka-, tu-) existentes noutras línguas Bantu”.

Na análise da evolução linguística das línguas, todas elas são estudadas numa perspetiva diacrónica e sincrónica, por isto mesmo, que a evolução do sistema linguístico das classes dos prefixos nominais, pronominais e verbais das línguas bantu-africanas, desde Bleek em 1851 até aos nossos dias, sofreu várias modificações linguísticas, tendo em conta a realidade linguística de cada língua bantu e o aspecto temporal da evolução diacrónica e sincrónica de cada uma. Esta é uma das razões que a língua Cabindesa conheceu ao longo do seu percurso linguístico diacrónico e sincrónico, tendo em conta as várias modificações a nível da divisão e classificação das classes dos prefixos deste idioma, no contexto dos estudos feitos das suas variedades linguísticas por cada linguista e investigador, isto é, o ibinda dos bawoyo, Iwoyo, o ibinda dos bayombe, Iyombe, o ibinda dos bakwakongo, Ikwakongo, o ibinda dos bavili, Ivili, o ibinda dos balinji, Ilinji, e o ibinda dos basundi, Isundi. É neste contexto que o linguista cabindês Futi (2012:62) afirma, no seu livro proveniente da sua dissertação do mestrado na especialidade da linguística africana, descrevendo o ibinda dos basundi, o isundi, na “ Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3”²⁰¹.

Para nós, o nosso ponto de vista linguístico e conclusão sobre a divisão e classificação das classes dos prefixos nominais, segundo as investigações feitas em Cabinda relativa a língua Ibinda em todas as suas variedades regionais, especificamente, o ibinda dos bawoyo, o Iwoyo, estamos de acordo com a classificação e divisão das classes nominais, pronominais e verbais no quadro classificativo das classes dos prefixos na tabela feita pelo Nzau, (cf. 2004:195)²⁰² com 19 classes nominais dos prefixos nominais, pronominais e verbais do Ibinda.

O sistema Proto-Bantu apresentado por William Bleek nas tabelas descritas de 1851 e 1862, anteriormente, nasceram o sistema de classes e prefixos que deram origem a emancipação científico-linguística na classificação das classes dos prefixos das línguas

²⁰¹ Futi (2012), Op. cit, 62: que “ *comparant le système que nous proposons pour le Cisuundi aux systèmes du Ciyóombe selon la grammaire de De Clercq (1921:12) et du Ciwoyo selon l’étude grammaticale de l’ Iwoyo de Mingas (Mingas, 1994:105), on constatera une nette différence quant au nombre de classes et quant aux préfixes. Le schema synoptique que nous présentons ci-dessous montre les différences entre système nominal du Cisuundi et le système nominal de l’Iwoyo, selon Mingas: les deux systèmes diffèrent quant à l’ordre des classes et à la nature des classes 12, 13, 14, 15 et 19.*”

²⁰² Cf. NZAU, Domingos Gabriel Ndele (2004), op. cit. p.195.

africanas até hoje, servindo como modelo e muleta no estudo das línguas africanas como realidade dinâmica de cada língua.

Na tabela seguinte, vamos apresentar os prefixos do Iwoyo, tendo em conta o que os outros linguistas cabindeses investigaram e apresentaram nos seus trabalhos investigativos e científicos, definindo os prefixos nominais, pronominais e verbais e outros da língua cabindesa. Deste modo, a partir do seguinte quadro que reflete os dados linguísticos das nossas investigações feitas na base da realidade linguística do ibinda dos bawoyo, Iwoyo, encontrámos 20 prefixos, adicionando mais um prefixo em relação as investigações feitas pelo Nzau (2004:195)²⁰³, *Futi* (2012:114)²⁰⁴ e outros pesquisadores cabindeses ou não, na divisão das classes dos prefixos que correspondem completamente com as outras variedades regionais linguísticas da língua cabindesa (iyombe, ikoci, isundi, ilinji, ivili e ikwakongo). Os prefixos verbais do Iwoyo serão exemplificados na conjugação dos verbos no próximo capítulo. Eis aqui as classes dos prefixos do Iwoyo segundo a nossa proposta investigativa com alguma inovação da realidade diacrónica e sincrónica da língua dos Cabindas, fazendo uma analogia das 18 classes dos prefixos na tabela da classe dos prefixos do iwoyo da Professora Doutora e linguista Mingas, (cf. Mingas, 1994 pp. 104-105) ²⁰⁵.

Na base desta análise, segundo o nosso estudo e ponto de vista no que tange as classes dos prefixos nominais, pronominais, verbais, genitivos e, a valência gramatical e semântica destes prefixos, vamos apresentar a nossa proposta da tabela da classe dos prefixos, com uma fundamentação linguística daquilo que já foi feito pelos linguistas europeus, africanos, angolanos, especificamente, aqueles linguistas e investigadores do território de Cabinda. Toda a investigação e trabalho científico-linguística feito alusivo ao sistema linguístico de Cabinda merece todo o respeito e deve ser contemplado com todo o cuidado e reverência, porque representa a perspetiva sincrónica e diacrónica desta língua na sua evolução linguística. Neste contexto, vamos apresentar, a nossa proposta, na seguinte tabela dos prefixos do iwoyo com 20 classes de prefixos (singular e plural), das quais um neutro, tendo em conta a prespetiva sincrónica atual da realidade do Ibinda dos bawoyo, o iwoyo.

²⁰³ Ibidem

²⁰⁴ FUTU, João Maria (2012), op. cit.

²⁰⁵ Cf. MINGAS, Amélia Arlete (1994), op. cit.

Tabela 23 : Classes dos prefixos nominais, pronominais e verbais do Iwoyo

CLASSES DOS PREFIXOS EM IWOYO SEGUNDO MIACA					
Classes	Prefixos Nominais (Pn)	Prefixos Pronominais (Pp)	Prefixos Verbais (Pverb)	Prefixos genitivos	Valência Gramatical e Semântica (PGS)
1	mu-/ (m)w-	u-/wu-∅	u-/wu-/N-∅	u-/∅	seres humanos (singular)
2	ba-	ba-	ba-	ba-	seres humanos (plural)
3	mu/ (m)w/N-	u-/wu-	u-/wu-	u-	plantas, objetos e partes do corpo (singular)
4	mi-, i-/my	mi-/my-	mi-/my-	mi-/my	plantas, objetos e partes do corpo (plural de cl. 3 e 13)
5	di-/li-/∅- dy-/ly-	di-/li- dy-/ly-	di-/li- dy-/ly-	di-/li-	substâncias e partes do corpo (singular)
6	ma-/me-	ma-/mi-	ma-/me-	ma-	substâncias e partes do corpo (plural de cl. 5 e 12)
7	ki-/ci-/i- ky-/cy	ki-/ci-/i- ky-/cy	ki-/ci-/i- ky-/cy	ki-/cy-	objetos (singular)
8	bi-/by-/u-/∅	bi-/by-/u-	bi-/by-	bi-/by-	objetos (plural)
9	N-	i-/ya-/∅-	i-/ya-	i-/∅	outros nomes (singular)
10	zi(N)-	zi-/zy-	zi-/zy	zi-/zi-	nomes de animais e outros nomes (plural de cl. 9 e 11)
11	lu-/lw-/ly-	lu-/lw-/ly-	lu-/lw-/ly-	lu-/lw-/ly-	vários nomes (singular)
12	(ko-)/ku-	ku-	ku-	ku-	partes do corpo humano (Plural cl.6)
13	tu-/tw-	tu-/tw-	tu-/tw-	tu-/tw-	objetos (Plura cl. 4 e 6)
14	bu-/bw-	bu-/bw-	bu-/bw-	bu-/bw	nomes abstratos (uniformes)

15	(k)u-	(k)u-	(k)u-	Ku-	infinitivo impessoal (verbo)
16	va-	va-	va-	va-	locativos (modificadores preposicionais, ideia de superficialidade <sobre>: preposições e locuções prepositivas de lugar); forma verbal
17	ku-	ku-/i-	ku-	ku-	locativos (ideia de direção: a, para, em direção a, na direção de)
18	mu-	mu-	mu-	mu-	interior: em, dentro de, no interior de)
19	fi-/fy-/∅	fi-/fy-/∅	fi-/fy-	fi-/fy-	grau diminutivo ²⁰⁶ , inferioridade e pequenez
20 ²⁰⁷	∅	-	-	∅	vários nomes

Na língua Portuguesa, fazendo um estudo analógico linguístico-gramatical com o Ibinda, a maior parte dos nomes da língua lusa têm dois géneros (masculino e feminino) e número (singular e plural). A concordância destes é feita através de certas mudanças no fim

²⁰⁶ O diminutivo não se obtém somente pela recorrência à classe 19. A simples repetição do nome pode levar a que os vocábulos exprimem ideia diminutiva. Neste caso, vai o tema do primeiro termo e anexa-se o prefixo deste ao segundo termo. Ex.: mwana: filho; mwana + mwana > mwa(na)mwana > mwa + mwana < filhote, criança.

²⁰⁷ **Nota** : A classe 20 denota o prefixo ∅ (zero), isto é, não flexiona a marca de número singular com o prefixo nominal a exemplo de outras classes (prefixo nominal no singular e prefixo nominal no plural), isto é, existindo um prefixo no singular e outro no plural. Neste caso, nós descrevemos a classe zero a não existência do prefixo nominal no singular que determina o singular do vocábulo, mas este é formado pela **base ou radical da palavra sem o prefixo nominal**; somente o seu **plural é que se forma com o prefixo nominal + o radical ou base**. Nós achámos conveniente atribuir este vocábulo no singular sem prefixo nominal como irregular porque não é o prefixo nominal que determina o singular, mas sim, o próprio radical. Desta forma , propoemos chamá-lo de **classe ∅ (zero ou neutro) ou irregular**. Esta é uma das razões que na nossa tabela de classes de prefixos aparece com mais uma classe em relação às tabelas prefixionais de Nzau e Futi e duas classes de Mingas. Ilustramos os seguintes exemplos do singular e plural destes vocábulos: **1) Nzó** / zi + **nzó** > zinzó: casa / casas; **2) Saka** / zi + **saka** > zisaka: sacafolha / sacafolhas ou quisaca / quisacas; **3) Saaku** / zi + **saaku** > zisaaku: saco / sacos; **4) Susu** / zi + **susu** > zisusu: galainha / galinhas ou galo / galos; **5) Sólá** / zi + **sólá** > zisólá: roça / roças; **6) Selele** / zi + **selele** > ziselele: salalé / salalés; **7) Seka** / zi + **seka** > ziseka: carridentária/ carridentárias; **8) Sava** / zi + **sava** > zisava: calabaza / calabazas; **9) Séngu** / zi + **séngu** > ziséngu: enxada / enxadas; **10) Sotó** / zi + **sotó** > zisotó: munção / munições; **11) Suka** / zi + **suka** > zisuka: cassula / cassulas; **12) Seluku** / zi + **seluku** > ziseluku: tipo de banana ou bananas de Cabinda; **13) Semphelele** / zi + **semphelele** > zisemphelele: tipo de pássaro; **14) Súnga** / zi + **súnga** > zisúnga: tabaco / tabacos ou cigarro / cigarro; **15) Sángu** / zi + **sángu** > zisángu: notícia / notícias; informação / informações; **16) Nuni** / zi + **nuni** > zinuni: pássaro / pássaros.

da palavra, isto é, por morfemas gramaticais presos que codificam conceitos gramaticais de género e número. Graças a estes morfemas, todos eles sufixos, cada palavra assume formas diferentes, que transmitem os valores gramaticais de género e número na língua portuguesa. Isto não acontece com a língua cabindesa em todas as suas variantes, com a menção da variedade diatópica em estudo, o iwoyo, onde os nomes não têm género (masculino e feminino). Os géneros vêm expressos em termos de natureza diferente, como podemos ver nestes exemplos: nkhombo **mbákala** (bode); nkhombo **tsyêntu** (cabra).

O singular e plural formam-se a partir de um morfema gramatical, isto é, prefixo que junta ao radical da palavra, mudando o prefixo da palavra, *ipso facto*, o dígrafo inicial. A concordância, porém, é feita por meio de partículas (prefixos) que correspondem ao sujeito e antepõem-se à palavra que serve de complemento.²⁰⁸

Exemplos: Limême lizimbê. / Uma ovelha ou um carneiro perdeu-se. (singular)

Mamême mazimbê. / Umas ovelhas ou uns carneiros perderam-se). (Plural)

Os prefixos no sistema linguístico cabindês ou nas outras línguas bantu substituem os artigos das línguas românicas.

Exemplos:

- a) Cíka cyámi. (iwoyo) / A minha cama. (port.)
- b) Kíka Kyámi. (iyombe) / A minha cama. (port.)
- c) Cínkútu ci Kapita. (iwoyo) / A camisa do Kapita. (port.)
- d) Kikhûtu ki Kapita. (iyombe de Belize); Cikhûtu ci Kapita (iyombe de Buco-Zau) / A camisa do Kapita. (port.)
- e) Byuma byami. (iwoyo). / As minhas coisas. (port.)
- f) Binkhûtu bi kapita. (iwoyo) / As camisas do Kapita. (port.)

Nestes exemplos, podemos notar que as variedades diatópicas linguísticas da língua ibinda na região Norte (iyombe e isundi de Miconje), Centro (Ikocy, ilinji, ivili, isundi de Tando-Zinze) e Sul (iwoyo, ikwakongo, ikoci) de Cabinda. Tendo em conta esta realidade, podemos

²⁰⁸ Cf. MAZUNGA, Silvino, op. cit. p. 20.

compreender que toda e qualquer língua natural tem sempre variedades regionais; por isso, a língua cabindesa não foge à esta regra linguística.

4.2.1. Prefixo Nominal

Segundo o estudo e a pesquisa feitos, encontramos na língua Ibinda 20 prefixos na sua generalidade. Há uma oposição entre o singular e o plural, marcada por um morfema gramatical, um prefixo ou um classificativo nominal: *“os nomes nas línguas bantu estão interligados num sistema de géneros (classes). Para este autor, existem géneros com duas classes ou binárias e com uma classe ou unitária. O género implica dois prefixos e cada prefixo indica uma classe”*)²⁰⁹:

a) Género (classe) Unitário

Este apresenta um prefixo tanto no plural como no singular.

Exemplos:

bilya/comida; **bilya** abibi / “esta(s) comidas”

masuela/lágrima; **masuela** amama / “esta(s) lágrima(s)”

masuba/urina; **masuba** amama / “esta urina”

Segundo Chicuna, estes exemplos, os prefixos ou classificativos /ma-/ e /bi-/ caracterizam os nomes monoclasses 6 e 8 (2003, 44).

b) Género (classe) Binário

O género binário apresenta um prefixo no singular e o outro no plural.

Exemplos:

Singular – Itâmbi (Iwoyo); kitambi (Iyombe); citambi (Ivili, ilinji, Iyombe): “pé”

Itâmbi aci (Iwoyo): “este pé”; Kitâmbi akiki (Iyombe): “este pé”

Plural – utâmbi abibi (Iwoyo): “estes pés”; bitâmbi abi (Iyombe): “estes pés”

²⁰⁹ GUTHRIE, Malcon, Apud CHICUNA, Alexandre, op. cit. p. 43.

Nestes exemplos /i-/ , /ki-/ , /ci-/ e /u-/ , /bi-/ - são classificativos ou prefixos nominais.

O primeiro é o singular (7ª classe) e o segundo, o seu plural, representa a 8ª classe, ainda parafraseando o mesmo autor supracitado.

Para a indicação de número singular e plural dos nomes, no Iwoyo, apresentamos o seguinte sistema dos pares de classes dos prefixos:

Tabela 24: sistema dos pares de classes dos prefixos nominais de Iwoyo: singular e plural

SISTEMA DOS PARES DE CLASSES DOS PREFIXOS NOMINAIS: SINGULAR/PLURAL				
Singular	Classe	Plural	Classe	Valência Gramatical e Semântica (PGS)
mu-/ (m)w- muntu/pessoa	1ª	ba bantu/pessoas	2ª	seres humanos
mu-/ (m)w/N mwinda/cadeiro nti/árvore	3ª	mi-.i -/(m)w- minda/candeiros inti ou minti/árvores	4ª	plantas, objetos, partes do corpo humano
di-/li-/dy-/ly- liyaka/mandioca lyesu/olho	5ª	ma-/me- mayaka/mandioca mé-su/olhos	6ª	substâncias e partes do corpo
ki-/ci-/i-/ky-/cy cika/cama cilu/empreitada ililu/choro idongo/gargante itebe/banana itimba , citimba, kitimba/cachimbo	7ª	bi-/by-/u-/ bika/camas bilu/empreitadas ulilu/choros udongo/gargantes utebe/bananas utimba , bitimba/cachimbos	8ª	objetos
n-/m- nzíla/caminho núni/pássaro mbóta/estrela	9ª	zi(n)- zinzíla/caminhos zinúni/pássaros zimbóta/estrelas	10ª	nomes de animais e outros nomes
lu-/lw-/ly- lusênde/espinho lutâmbi/pegada lugânzi/raíz	11ª	zi(n)- zisênde/espinhos zintâmbi/pegadas zingânzi/raízes	10ª	vários nomes
(ko-)/ku- kútu/orelha	12ª	ma-/mi- mátu/orelhas	6ª	partes do corpo humano

Kúlu/perna Kôko/braço		málu/pernas myôko/braços		
bu-/tu-/tw- bwâtu/canoa bwâla/aldeia	13 ^a	mi-/ (m)w- myâtu/canoas	4 ^a	objetos
		ma- mála/aldeias	6 ^a	
bu-/bw- bubaba/idiotice bóma/medo bwimi/avareza	14 ^a	-	-	nomes abstratos (uniformes)
(k)u- ulya/comer usumba/comprar	15 ^a	-	-	Infinitivo impessoal (verbo)
va- va meza/sobre a mesa va ntoto/sobre a terra	16 ^a	-	-	Locativos (modificadores preposicionais, ideia de superficialidade <sobre>: preposições e locuções; forma verbal
ku- ku nzó/à ou em casa ku ílu/no ceu, nas alturas ku cikuku, ku fola/na cozinha	17 ^a	-	-	Locativos (ideia de direção: a, para, em direção a, na direção de, interior)
mu- mu nzó/dentro de casa mu nzó nkanda/na escola mu nzó Nzambi/ na igreja	18 ^a	-	-	locativos (ideia de espaço interior: em, dentro de, no interior de)
fi-/fy- fyote/um pouco fisalu/um pouco de sal fibilya/um pouco de comida	19 ^a	-		grau diminutivo ²¹⁰ , inferioridade e pequenez
ø salkata: fruto silvestre de Cabinda sava: calabaua safu: safú	20 ^a	zisalkata: frutos silvestres de Cabinda zisava: calabauas zisáfu: safús	10 ^a	Nomes

²¹⁰ O diminutivo não se obtém somente pela recorrência à classe 19. A simples repetição do nome pode levar a que os vocábulos exprimem ideia diminutiva. Neste caso, vai o tema do primeiro termo e anexa-se o prefixo deste ao segundo termo. Ex.: mwana: filho; mwamna + mwana > mwanamwana > mwa + mwana < filhote, criança.

Ora, segundo este estudo, podemos deduzir que destas classes, nove delas indicam o singular e cinco o plural.

Nesta lógica, os prefixos /**mu**/, /**di**/ e /**li**/, /**ki**/, /**n'**/, /**lu**/, /**bu (bo)**/, /**ku**/ e /**m'**/, correspondem, respetivamente, as classes: 1ª, 3ª, 5ª, 7ª, 9ª, 11ª, 12, 13ª, 14ª e marcam o singular e, as classes: 2ª, 4ª, 6ª, 8ª, 10ª, correspondendo aos prefixos /**ba**/, /**mi**/ ou /**i**/, /**ma**/ ou /**me**/, /**bi**/ e /**zi**/, marcam o plural; as classes 15ª, 16ª, 17ª, 18ª, 19ª representam o infinitivo impessoal verbal, locativos modificadores, preposições e graus diminutivos; a classe 20ª é neutra. Para melhor compreensão do funcionamento destas classes, cf. o quadro precedente, que ilustra a sua forma de aplicação.

4.2.2. Funções do Prefixo²¹¹

O prefixo tem as seguintes funções, a saber:

- 1) Indica o singular ou o plural de uma palavra.

Exemplo: **lyâmbu**/ **mâmbu** (problema / problemas)

- 2) Serve para estabelecer a concordância entre o nome e o adjetivo; elemento de concordância nominal.

Exemplo: **lusênde lumnene** (espinho grosso) / **zisênde zimnene** (espinhos grossos);
ikûndu cimbóte (um banco bonito) / **ukûndu bimbóte** (bancos bonitos).

- 3) É empregue para unir os nomes aos pronomes e determinantes.

- 4) Uma outra função do prefixo nominal de acordo com Futi (2012), que *“une autre fonction des préfixes nominaux est d’assurer le système d’accord, ce qui donne à la phrase vraie harmonie morphosyntaxique. On peut donc dire que les préfixes nominaux jouent un importante rôle morphologique et morphosyntaxique. En effet, dans les langues bantu, les préfixes nominaux sont des morphèmes qui s’attachent à la base, pour constituer de nouvelles unités lexicales. Même s’il semble abusif d’attribuer un statut sémantique strict à tous les préfixes nominaux, il reste vrai que ceux-ci permettent d’établir la classification des noms ainsi que leur répartition en un certain nombre de genres nominaux.”*

²¹¹ MAZUNGA, Silvino (2011), op. cit. p. 24.

Exemplos: Likôko alili (ali) lyandi. (Este coco pertence-lhe); Lináni lyami. (Aquele é meu.)

N.B.: /Lu/ – lulônga / (zi)ndônga (prato /pratos), a sua particularidade é que o (l) no singular passa para (d) no plural.

Quando o nome é seguido por um advérbio de quantidade, o prefixo nominal pode ser suprimido, mantendo-se, assim, a palavra no singular. É o que se pode chamar em português de nome colectivo. Isto só se dá, quando o prefixo não faz parte da estrutura da palavra. **Exemplos:** sênde ziwombo (muitos espinhos), em vez de zisênde ziwombo.

Estas são algumas particularidades que podemos encontrar no uso dos prefixos em iwoyo.

4.2.3. Os géneros nominais dos prefixos em iwoyo

Uma das características mais básicas que identifica as línguas bantu-africanas é a repartição dos géneros nominais dos prefixos que se reagrupam em duas classes nominais. De acordo com Futi (1012: 64), afirma que, *“une des caractéristiques les plus frappantes des langues bantu est la répartition des noms en un certain nombre de genres nominaux regroupant deux classes nominales. Selon le genre nominal auquel il appartient, chaque nom bantu comporte un préfixe différent au singulier et au pluriel. Tous les noms qui utilisent régulièrement la même opposition d’un préfixe au singulier et d’un autre au pluriel constituent un genre nominal. On estime en général que les noms qui relèvent d’un même genre ont des propriétés communes. Mais, si le genre mu- / ba- a une base sémantique bien définie (par exemple, le genre des noms d’êtres humains), d’autres n’ont pas de base sémantique claire. Il y a cependant des noms qui ne connaissent pas l’opposition singulier/pluriel. C’est le cas de certains noms”* (da língua cabindesa - iwoyo, isundi, ikoci, ivili, iyombe, ilinji e ikwakongo) . *“C’est le cas de certains noms comme luzolo «amour», luléndo «haine», etc. (cl. 11) et bólo « paresse», bulyáfu «gourmandise», bumúntu «personnalité», bufumu «royauté», etc. (cl. 14) qui n’ont pas de pluriel, alors que, mafina (tufina em iwoyo) «le pus», mazi «eau», ménqa «sang», malavu «boisson», mata «salive», masika «soir», etc. (cl. 6), n’ont pas de singulier”*. Todos estes vacábulos pertencem a língua Ibinda e são comuns em todas as variedades linguísticas do ibinda. O mesmo autor supracitado cita Jacques Lerot (1993:329) que afirma: *“Le formant «pluriel» ne doit pas être confondu avec la notion*

sémantique de «pluralité». Entre le formant et la notion sémantique il n'existe pas de relation biunivoque. En effet, le pluriel (formant grammatical) ne peut pas exprimer la pluralité (notion sémantique)...”.

Deste modo, vamos apresentar os nove géneros nominais (singular e plural) existentes em todas as variedades linguísticas da língua Cabindesa, inclusive a variante que está em estudo neste trabalho científico, o Iwoyo. Vejamos a demonstração dos seguintes géneros nominais:

1) Género **mu-/ba-** (classes 1-2)

Ex.: muntu/bantu: <peessoa/pessoas>

mwénya/bénya: <estrangeiro (a)/estrangeiros (as); visitante/visitantes>

mwána/bána: <filho(a)/filhos(as)>

m’nuni/banuni: <esposos/esposas>.

Nota: Na língua cabindesa, de acordo com Futi (2012:65), tendo em conta o seu trabalho científico na variedade Kisundi, afirma que: “certains noms qui concernent les êtres humains appartenant à d’autres classes forment également le pluriel en ba-. Ainsi voit-on des pluriel comme **babakala** «les hommes» au lieu de **mabakala** (genre li-/ma-), **bafhumu** «les chefs»” (em kisundi, mas o Iwoyo admite o plural **zifhumu** (género N-/zi(N)-). “Tous les vocatifs pluriels introduisant le discours sont aussi en ba- comme l’illustrent ces formules de politesse ci-après, parafraseando os seguintes exemplos em iwoyo e português:

- a) *Batáta ayi bamáma*: «senhoras e senhores ou pais e mães»;
- b) *Batáta, bamáma ayi bayáya*: «senhoras, senhores e caros irmãos»;
- c) *Bakómba* «irmãos» em vez de *zikhómba*;
- d) *Bayáya* «irmãos».

2) Género **mu-/mi-**, i- (classes 3-4)

Ex.: múnbele/mínbele: <o branco / os brancos>

móngó/myóngó: <montanha/montanhas>

mwíla/míla: <o rio/ os rios>

mwámba/myámba: <a muamba/ as muambas>

m’tí/intí: <a árvore/ as árvores>

m’tú/intú: <a cabeça/as cabeças>, etc;

3) Género **li-/ma-** (classes 5-6)

Ex.: liláwu/maláwu: <o maluco/osmalucos>

lilolo/malolo: <o mamão/osmamãos>

libaba/mababa: <o imbecil/os imbecis>

lyéze/méze: <a folha/as folhas>

lyóngo/malyóngo: <a espada/as espadas>;

4) Género **ci-/bi-** (classes 7-8)

Ex.: cíka/bíka: <a cama/as camas>

cilu/bilu: <a empreitada/as empreitadas>

cyuma/byuma: <a coisa/as coisas>

cingana/bingana: <a parábola/as parábolas>

cínti/bínti: <a varra/as varras; o palito/os palitos>;

5) Género **N-/zi(n)-** (classes 9-10)

Ex.: ngúlubu/zingúlubu: <o(a) porco(a)/os(as) porcos(as)>

nkómbo/zinkómbo: <o bode/os bodes; a cabra/as cabras>

nzila/zinzila: <o caminho/os caminhos>

nzó/zinzó: <a casa/as casas>

mbota/zinbota: <a estrela/ as strelas>

ncima/zincima: <o macaco/ os macacos>;

6) Género **lu-/ma-** (classes 11-6) [parâmetro usado em isundi, iyombe]

Ex.: lwándu/mwándu: <a esteira de loando/as esteiras de loando>

lwímbu/malwímbu: <a canção/ as canções>

lwíta/malwíta: <o assobio/ os assobios>;

7) Género **lu-/zi-** (classes 11-10)

Ex.: lulimi/zindimi: <a língua/ as línguas>

luvati/zinpháti: <a costela/ as costelas>

lusila/zisila: <a veia/ as veias>

lutambi/zintambi: <pé/ os pés; a pegada/ as pegadas>

lusemu/zinsemu: <a bênção /as bênções>

lutumu/zintumu: <a lei /as leis>;

8) Género **lu-/tu-** (classes 11-13) [parâmetro usado em iwoyo]

Ex.: lulaka/tulaka: <a língua/ as línguas>

lulimi/tulimi: <a língua / as línguas >

lwímbu/ twímbu: <a canção /as canções>

lwándu/ twándu: <a esteira de loando / as esteiras de loando>

lutumu/tutumu: <a lei / as leis>;

9) Género **ku-/ma-** (classes 14-6)

Ex.: kulu/málu: < a perna / as pernas>

bwála/mála: <a aldeia /as aldeias>

kutu/matu: < a orelha / as orelhas>

kulusu/makulusu: <a cruz /as cruzes>

10) Género (neutro)²¹² **Ø /zi-** (classes 20-10)

Ex.: sáka/zisáka: < sacafolha (quisaca) tipo de fruto silvestre comestível de Cabinda>

sáku/zisáku: <saco/sacos>

sapatu/zisapatu: <sapato /sapatos>

sangu/zisangu: <notícia / notícias>

sáfu / zisáfu: <safú /safús>

sava / zisava: <calabaça>

salkata / zisalkata: < tipo de fruto silvestre comestível de Cabinda>.

4.2.3.1. As modificações dos prefixos em iwoyo

Neste item, vamos apresentar algumas modificações das classes dos prefixos em Iwoyo, tendo em conta a sua especificidade geolinguística das variedades da língua ibinda, segundo a perspetiva linguística de Futi (2012:68), estando de acordo com este linguista ibinda, tendo em conta a descrição deste linguista sobre as iniciais de bases nominais vocálicas

²¹² O singular não é formado com prefixo, somente, o radical, morfema lexical, mas o plural se forma com prefixo da classe 10 /zi-/.

e consonânticas²¹³. Parafraseando o mesmo autor, algumas vezes tem sido difícil de distinguir certas modificações da vogal dos prefixos nominais antes da base na inicial vocálica. Neste contexto, vamos apresentar o item dos prefixos nominais antes da inicial vocálica, tendo em conta a realidade linguística da língua ibinda, especificamente, na variante iwoyo.

4.2.3.2. Os prefixos nominais antes de uma inicial vocálica

Estando de acordo com o autor supracitado, podemos afirmar que há três regras fonéticas que se aplicam no contexto da aglutinação do prefixo nominal numa base nominal inicial vocálica: **a)** a assimilação da vogal do prefixo nominal com a vogal inicial da base ou radical; **b)** a elisão; **c)** a semi-vocalização da vogal do prefixo nominal. Vejamos e seguimos a seguinte explicação de **a)**, **b)** e **c)** nos seguintes exemplos:

- a) Há a assimilação²¹⁴ completa das vogais /a/ e /u/ do prefixo nominal quando estes estão em contacto com a vogal inicial do lexema do prefixo nominal /e/ e /o/ e a crase, isto é, a contração ou fusão de duas vogais numa só, cf. nos seguintes exemplos segundo a realidade diatópica do Iwoyo:

ma- + -enga > *meénga* > ménga: sangue

ma- + -eno > *méeno* > méno : dentes

mu- + -onyo > *móonyo* > mónyo: alma

mu- + -olo > *móolo* > mólo: preguiçoso

bu- + -olo > *bóolo* > bólo: preguiça

bu- + -oma > *bóoma* > bóma: medo;

- b) A semi-vocalização tem lugar quando /u/ ou /i/ de um prefixo nominal estiver antes de uma vogal inicial da base nominal diferente dela mesma e, também

²¹³ Descrevemos as palavras de Futi (2012:68, op. cit.): que “ les initiales des bases nominales, qu’elles soient vocaliques ou consonantiques, impliquent souvent des modifications plus ou moins importantes du préfixe, qui se manifestent soit par la contraction, l’élision ou semi-vocalisation de la voyelle, soit par l’élision totale du préfixe nominal lui-même. Cette reconfiguration peut s’accompagner ou non d’une modification de la consonne initiale de la base nominale elle-même. Rappelons en passant que dans les langues à classes nominales, les préfixes servent à former des noms différents à partir d’une même racine ou base. Par exemple, à partir de la base verbale -lok- on peut former des noms comme (k)uloka «ensorcelier», bundoce « le fait d’être sorcier», ndoce «sorcier», zindoce «sorciers» et budoce «sorcellerie». En revanche, à partir des bases verbales -end- et -iz- on peut former pour la première des noms comme mwendo «voyage» et ndyendolo «manière de voyager», et pour la seconde , mwizila «habitant non autochtone, étranger» et ndiíza «temps de l’avent»”

²¹⁴ Assimilação - processo de aproximação por identificação de um segmento fonológico com um segmento que lhe é contíguo.

verifica-se a crase de duas vogais semelhantes numa só vogal e esta torna-se uma vogal longa, como o mostram os exemplos seguintes:

mu- + -ila > *mwíila* > mwíla: rio

mu- + -ivi > *mwíivi* > mwívi: ladrão

mu- + -ana > *mwáana* > mwána : filho(a)

lu- + -imbu > *lwíimbu* > lwímbu: canção

tu- + -imbu > *twíimbu* > twímbu : canções

ci- + -ami > *cyáami* > cyámi : meu, minha

ci- + -ala > *cyáala* > cyála: tipo de banana de Cabinda

ci- + -oko > *cyóoko* > cyóko: banho a vapor de tratamento tradicional

ci- + -uvu > *cyúuvu* > cyúvu: questão; pergunta;

- c) O prefixo nominal **N-** (cl. 9) , **n + y = ny** tem o som de [ɲ] notada «**ny**» antes da vogal inicial da base nominal:

Ex.: N- + -enze > *nyeenze* > nyénze : alegria

N- + -oka > *nyoka*: serpente

N- + -undu > *nyúundu* > nyúndu: martelo.

4.2.3.3. Os prefixos nominais antes de uma inicial consonântica

A influência da consoante inicial base nominal sobre o prefixo nominal é exercida de dois modos, segundo a natureza da consoante da base nominal. Trata-se de um processo de assimilação e de elisão.

4.2.3.4. A assimilação do prefixo nominal

Esta assimilação concerne aos prefixos nominais [**N-** (cl. 9)] e [**Zi (n)-** (cl. 10)]. Nesta ótica, trata-se de uma assimilação regressiva da nasal nos traços da seguinte consoante oclusiva. A nasal /**N**/ é realizada em [**m**] antes de [**b**] e de [**ɲ**] antes da nasal composta de /**ng**/. Em contrapartida, quando esta estiver antes de uma oclusiva surda, torna-se mais aspirado, realizando-se como [**n**] antes das outras consoantes. Ilustramos os seguintes exemplos:

- a) **N-** > [**m**] antes de [**b**], verifica-se uma assimilação incompleta de /**n**/ para /**m**/ :

/ N- + -beene/ > *mbeene* > mbéne: inimigo

/ N- + -bwa/ > *mbwá*: cão

/ N- + -bulu/ > *mbulu*: testa

/ N- + -boma/ *mboma*: gíboa

/ N- + -beémbo/ *mbeémbo* > mbémbo: voz, língua;

b) **N-** > [ŋ] na nasal composta [ng]:

/ N- + -goómbe / > *ngoómbe* > ngómbe: boi / vaca

/ N- + -gongolô / > *ngongolô*: mil pés

/ N- + -gulubu / > *ngúlubu*: porco/porca;

c) **N-** antes de uma consoante oclusiva surda torna-se gutural e muito aspirada:

/ N- + -pu / > *phú*: chapéu

/ N- + -kuvu / > *khuvu*: cágado

/ N- + -tuumbu / *thuumbu* > thúmbu: agulha;

d) **N-** [n] antes das outras consoantes:

/ N- + -dima / > *ndima*: roça

/ N- + -zango / > *Nzango*: nome próprio

/ N- + -zau / > *nzau*: elefante

/ N- + zazi / > *nzazi*: trovão.

4.2.3.5. A extinção do prefixo nominal

O apagamento do prefixo nominal pode ser total ou parcial no singular de alguns nomes. O apagamento parcial consiste na supressão da consoante ou da vogal do prefixo. Por conseguinte, há três tipos de extinção:

a) O prefixo nominal pode ser completamente extinguido. A extinção total é frequente nos nomes como apresentam os exemplos seguintes, que formam a classe neutra, classe 20, dos prefixos nominais, isto é, nomes que se formam sem prefixo nominal no singular, formando somente com o morfema lexical, o radical:

/ (∅-) + kúulu / > *kúulu* > kúlu : perna

/ (∅-) + kulu / > *kutu*: orelha
 / (∅-) + kuumi / > *kuumi* > *kúmi*: dez
 / (∅-) + yaka / > *yaka*: mandioca
 / (∅-) + yaanga / > *yaanga* > *yánga* : lagoa
 / (∅-) + wíika / > *wíika* > *wíka*: mel
 / (∅-) + táata / > *táata* > *táta* : pai
 / (∅-) + wáandu / > *wáandu* > *wáandu*: ervilha
 / (∅-) + maama / > *maama* > *máma* : mãe
 / (∅-) + yáaya / > *yáaya* > *yáya* : irmão, antepassado;

- b) A extinção parcial ou total produz-se quando os prefixos nominais das classes 7 e 15 perdem a sua consoante inicial. O /c/ do prefixo nominal da classe 7 pode extinguir-se quando a inicial da base nominal é uma consoante não nasal. Em contrapartida, o apagamento do /k/ da classe 15 é facultativo. Na língua cabindesa, este apagamento de /c/ só é verificado nas variedades linguísticas **iwoyo**, **ikwakongo**, **ikoci** e **isundi de Tando-Zinze** em que o /c/ apaga em algumas palavras somente e, não se verifica este apagamento nas variedades linguísticas **ilinji**, **ivili** e **iyombe de Necutu e Buco-Zau** onde o /c/ do prefixo nominal /ci-/, também é utilizado pelos seus utentes. Neste contexto, este prefixo não é utilizado nas variedades linguísticas de **iyombe das comunas de Belize e Luali Belize** e, também na variedade linguística **isundi de Miconje**; os utentes destas últimas variedades linguísticas de ibinda utilizam na sua fonologia o prefixo /ki-/ em vez de /ci-/ como aquelas outras variedades linguísticas supracitadas. Neste caso, vamos apresentar alguns exemplos da ilustração da classe 7 (ci-) com esta realidade linguística:

- a. Ilustração da classe 7 (c)i- (**iwoyo**, **ikoci**, **ikwakongo** e **isundi de Tando-Zinze**), extinção total de (c):

/ci- + -kwanga / > *ikwanga*: chicuanga
 / ci- + -bola / > *ibola*: tigela
 / ci- + -kuta / > *ikuta*: herança
 / ci- + -têbe / > *itêbe*: banana
 / ci- + -swali / > *iswali*: lenha

/ci- + -butu / *ibutu*: membro da família
 / ci- + -woyo / *iwoyo*: variedade linguística da língua Ibinda
 /ci- + -koci / *ikoci*: variedade linguística da língua Ibinda;

- b.** Ilustração da classe 7 (**ci-**) (ilinji, ivili, e iyombe das comunas de Buco-zau e Necuto), sem extinção, o /**ci**/ mantém:

/ci- + -kwanga / > *cikwanga*: chicuanga
 / ci- + -bola / > *cibola*: tigela
 / ci- + -kuta / *cikuta*: herança
 / ci- + -têbe / *citêbe*: banana
 / ci- + -swali / *ciswali*: lenha
 /ci- + -butu / *cibutu*: membro da família
 / ci- + -woyo / *ciwoyo*: variedade linguística da língua Ibinda
 /ci- + -koci / *cikoci*: variedade linguística da língua Ibinda;

- c.** Ilustração da classe 7 (**ki-**) (iyombe das comunas de Belize e Luali belize e isundo de Miconje):

/ki- + -kwanga / > *kikwanga*: chicuanga
 / ki- + -bola / > *kibola*: tigela
 / ki- + -kuta / *kikuta*: herança
 / ki- + -têbe / *kitêbe*: banana
 / ki- + -swali / *kiswali*: lenha
 /ki- + -butu / *kibutu*: membro da família
 / ki- + -woyo / *kiwoyo*: variedade linguística da língua Ibinda
 /ki- + -koci / *kikoci*: variedade linguística da língua Ibinda.

N.B., cf. no rodapé:²¹⁵

²¹⁵ N.B.: Em todas as variedades da língua cabindesa (*iwoyo*, *ikoci*, *ikwakongo*, *iyombe* das comunas de Buco-Zau, Necuto e isundi da Comuna de Tando-Zinze) o /**(c)i-**/ não se apaga antes de uma consoante nasal, exceto o *iyombe* das comunas de Belize, Luali Belize e isundi de Miconje que usam o prefixo /**ki**/ em vez de /**ci**/, ex.: i) /ci- + -nchûtu / > *cinkhûtu* ou *cikhûtu*: camisa; ii) /ci- + -mbote / > *cimbote*: bonito/ bonita; iii) /ci- + -mphenze / > *cimphenze*: chimpanzé; iv) /ci- + -ngola / > *cingola*: bagre do rio; v) / ci- + -ina / > *ciína* > *cína* : proibição.

d. Ilustração da classe 15 /-(k)u-/: o prefixo do infinitivo dos verbos em iwoyo, ikoci, ikwakongo e isundi de Tando-Zinze o /k/ apaga-se totalmente, enquanto nas variedades de iyombe, ivili, iliji e isundi de Miconje o /k/ mantém. Em todas as variedades linguísticas do ibinda o morfema /k/ do prefixo nominal /ku/ mantém em algumas palavras que traduzem as partes do corpo humano como demonstram os seguintes exemplos do grupo 3.:

1. Exemplos do infinitivo verbal de **Iwoyo**, ikoci, ikwakongo e isundi de Tando-Zinze:

/ku- + -sónika / > (k)usónika > **usónika**: escrever
 /ku- + -tanga / > (k)utanga > **utanga**: ler
 / ku- + -tunga / > (k)utunga > **utunga**: construir
 / ku- + -bila / > (k)ubila > **ubila**: cumprimentar, saudar
 /ku- + -fwa / > (k)ufwa > **ufwá**: morrer
 /ku- + -enda / kweénda > **ukwénda**: ir;

2. Exemplos do infinitivo verbal de Iyombe, ilinji, iivili e isundi de Miconje:

/ku- + -sónika / > **kusónika**: escrever
 /ku- + -tanga / > **kutanga**: ler
 / ku- + -tunga / > **kutunga**: construir
 / ku- + -bila / > **kubila**: cumprimentar, saudar
 /ku- + -fwa / > **kufwa**: morrer
 /ku- + -enda / **kukweénda**: ir;

3. Exemplos dos nomes das partes do corpo humano em pares de todas as variantes de ibinda:

/ ku- + -ulu / > kúulu > kúlu: perna
 / ku- + -utu / > kutu > kutu : orelha
 / ku- + -oko / > kóoko > kóko: braço.

- e. O apagamento parcial do prefixo realiza-se pelo desaparecimento da vogal /u/ do prefixo /mu/ das classes 1 e 3 antes da consoante. Esta realização é efetuada no **iwoyo**, ilinji, ivili, ikoci, ikwakongo, iyombe e isundi de Tando-

Zinze, mas no isundi de Miconje não há apagamento²¹⁶. A consoante /m/ torna-se uma nasal silábica como vamos apresentar nos seguintes exemplos, sendo uma consuante suspensa com o apóstrofo²¹⁷:

1. Ilustração dos prefixos da classe 1:

/ mu- + -fyóte / > m'fyóte > m'fyóte: negro

/ mu- + -tinu / > m'tinu: rei ou qualquer cargo político

/ mu- + -kama / > m'kama: esposa

/ mu- + -kama / > m'kama: barreira

2. Ilustração dos prefixos da classe 3:

/ mu- + -bákàti / > m'bákàti: abacateiro

/ mu- + -manga / > m'manga: mangueira

/ mu- + -káazu / > m'káazu > m'kázu: árvore de fruta cola

/ mu- + -koondo / > m'koondo > nkóndo: embundeiro

/ mu- + -káanka / > m'káanka > nkánka: esquilo.

Depois desta análise, tendo em conta os parâmetros linguísticos do comportamento dos prefixos nominais antes do inicial dos lexemas, agora, vamos descrever pormenorizadamente as diferentes formas que os prefixos nominais tomam na língua ibinda, precisamente, na variante iwoyo.

4.2.3.6. Os prefixos nominais e os seus alomorfes

Com a exceção dos prefixos locativos quando a sua flexão alomórfica não flexiona, mas todos os outros prefixos nominais na língua ibinda têm mais de uma forma entre o prefixo e a base (radical) na formação do vocábulo conforme vai ser mostrado nos exemplos seguintes, parafraseando Futi (2012).

²¹⁶ **Nota:** No isundi de Miconje não há o apagamento da vogal /u/. Esta mantém /u/ no prefixo /mu/, exemplos: **1)** / mu- + -fyóte / > **mufyóte**: negro; **2)** / mu- + -tinu / > **mutinu**: rei ou qualquer cargo do poder político; **3)** / mu- + -kama / > **mukama**: esposa; **4)** / mu- + -kama / > **mukama**: barreira

²¹⁷ Sinal gráfico em forma de vírgula ('), usa-se na escrita para indicar a elisão de sons ou supressão de letra ou letras.

4.2.3.6.1. Os alomorfes do prefixo nominal /mu-/ (classe 1)

O prefixo da classe 1 apresenta quatro alomorfes: /mu-/, /mw-/, /m-/, e /u-/.

- ✓ /mw-/ quando o inicial da base nominal é vogal, o /u/ transforma-se /w/

mu- > [mw]

Ilustração:

- / mu- + ana / > mwáana > mwána: criança; filho (a)
- / mu- + enya / > mwéenya > mwénya: visitante; estrangeiro
- / mu- + ísi / > mwíisi > mwísi : habitante de...

- ✓ /m-/ depois a elisão (sincope) da vogal /u/

mu- > [m] - derivação²¹⁸, verifica-se uma derivação nominal por prefixação, isto é, nominalização, proveniente, às vezes, por verbos como ilustram os seguintes exemplos):

- / mu- + twalisi / > m'twálisi: guia; orientador
- / mu- + kuuli / > m'kúli: libertador; salvador
- / mu- + boonde / > m'bónde: consolador
- / mu- + lóoga / > m'lóngisa: professor
- / mu- + loonje / > m'lónje: professor; conselheiro; catequista
- / mu- + oyo / > m'woyo: habitante de Ngoyo, comuna de Cabinda.

- ✓ O alomorfe /u-/ é atestado uma vez nesta expressão “wali yaku” (teu amigo ou condiscípulo, o plural é “bali yaku” (teus companheiros).

²¹⁸ Segundo Duarte (2004:86) explica que a “**derivação** é uma combinação de um radical ou tema verbal (forma derivante) com afixos derivacionais, isto é, morfemas lexicais (i.e., com prefixos ou sufixos que têm significado lexical), deste modo, formam-se novas palavras. Este processo morfológico, denominado derivação, permite formar verbos a partir de adjetivos, nomes e verbos (casos de verbalização), nomes a partir igualmente de adjetivos, nomes ou verbos (casos de nominalização) e adjetivos a partir de adjetivos, nomes ou verbos (casos de adjetivação)”

4.2.3.6.2. Os alomorfes do prefixo nominal /ba-/ (classe 2)

O prefixo da classe 2 apresenta dois alomorfes: /ba-/ e /be-/; /ba-/ torna-se /be-/ pela assimilação²¹⁹ regressiva da vogal /a/ com a vogal de uma base (radical) que começa por /e/, isto é, o elemento assimilador /e/, ficando depois do elemento assimilado /a/.

Ex.: / ba- + -enya / > beénya > bénya: estrangeiros; visitantes

/ ba- + -efu / > béefu > béfu : nós

4.2.3.6.3. Os alomorfes do prefixo nominal /mu-/ (classe 3)

O prefixo da classe 3 apresenta três alomorfes: /mu-/, /mw-/ e /m-/.

- ✓ /Mw-/ quando a vogal inicial da base nominal é a vogal /u/ do prefixo nominal /mu-/.

a) /mu- > [mw]/ – a vogal /u/ do prefixo /mu-/ antes de uma vogal inicial da base nominal transforma-se em/w/ como seguem os seguintes exemplos:

- / mu- + amba/ > mwámba: muamba de dendém
- / mu- + ela / > mwéla: alma; espírito
- / mu- + ila / > mwíla: rio
- / mu- + inda/ > mwínda: candeeiro

- ✓ /m-/ depois da elisão da vogal /u/, isto é, verifica-se o apócope de /u/. Esta elisão só se verifica em **iwoyo**, ikwakongo, ikoci, yombe, ivili, ilinji e isundi de Tando-Zinze, mas no isundi de Miconje²²⁰ não há elisão do /u/.

a) /mu- > [m]/

Exemplos:

- / mu- + ti / > m'tí: árvore
- / mu- + kafi / > m'kafi: cafeeiro

²¹⁹ A assimilação é um processo morfológico de flexão e de formação de palavras de uma língua. Ela é um fenómeno que se dá quando um fonema se adapta a outro, tornando-se (assimilação completa) ou semelhante a ele (assimilação incompleta). A assimilação pode ser ainda progressiva ou regressiva, conforme o elemento assimilador, se estiver antes ou depois do assimilado.

²²⁰ No isundi de Miconje o /u/ mantém: mutí, mutú, mulyá, mubuku, mukaka, musafu.

- / mu- + lolo / > m'lolo: mamoeiro
- / mu- + tú / > m'tú: cabeça
- / mu- + safu / > m'safu: safoeiro
- / mu- + lyá / > m'lyá: intestino
- / mu- + káka / > m'káka: lei; interdição
- / mu- + búku / > m'búku: remédio.

4.2.3.6.4. Os alomorfes do prefixo nominal /mi-/ (classe 4)

O prefixo da classe 4 apresenta três alomorfes: /mi-/, /my-/ e /min-/.

- ✓ [my-] quando o inicial da base nominal é uma vogal antes do prefixo /mi-/ e, esta transforma-se em/y/ como seguem os seguintes exemplos:
 - / mi- + ali / > myáli: gomos de laranja
 - / mi- + ela / > myéla: almas; espíritos
 - / mi- + elo / > myélo: portas
 - / mi- + olo / > myólo: preguiçosos
 - / mi- + unu / > myunu: bocas
- ✓ [min] quando se trata do plural dos nomes da classe 3 cujo prefixo é /m-/, no grupo **a) iwoyo**, ikoci e ikwakongo há uma elisão do /m/ > /in/, verifica-se a aférese²²¹ do /m/, isto é, [min] > [in]. Nas outras variedades diatópicas do ibinda do grupo **b) yombe**, ivili, ilinji e isundi não há nenhuma elisão ou aférese, o [min], isto é, mantém o morfema /m/ no [min] na formação do plural destas variedades dialetais do ibinda, como vamos apresentar nos seguintes exemplos, tendo em conta a realidade linguística dos dois grupos das variedades diatópicas supracitadas **a) e b)**:
 - / min- + ti / > b) minti >; a) ínti: árvores
 - / min- + tima / > b) mintima >; a) íntima: corações
 - / min- + tú / > b) mintú >; a) intú: cabeças
 - / min- + tuutu / > b) mintútu >; a) íntútu: garrafas

²²¹ Processo de elisão ou queda de um segmento no princípio da palavra, aqui verifica-se a elisão de /m/ no princípio da palavra.

- / min- + manga / : > b) **mimmanga** > a) **ímmanga**: mangueiras

4.2.3.6.5. Os alomorfes do prefixo nominal /li-/ (classe 5)

a) O prefixo da classe 5 apresenta três alomorfes: /li-/, /ly-/, e /ø-/:

- O /li-/ quando o inicial da base nominal é a vogal /a, e, o, u/ diferente que /i/²²².

/li-/ > /ly/ [lj]

É o caso, por exemplo, das seguintes palavras:

- / li- + -anzi / > **lyánzi**: ninho
- / li- + -ela / > **lyéla**: inteligência
- / li- + -onga / > **lyóngá**: espada
- / li- + -ufa / > **lyúfa**: suoar

Nota da linha a), cf. no rodapé²²³:

b) /ø-/: Neste caso, o apagamento do prefixo /li-/ é facultativo em iwoyo, isto depende da pessoa que fala ou escreve. O emissor pode apagá-lo ou não; isto não altera o sentido e o significado da palavra. Este fenómeno só acontece quando o inicial da base nominal é uma consoante ou uma semi-consoante /y/. vejamos os exemplos seguintes deste caso:

- / li- + -kúmi / > **likúmi** ou **kúmi**: dezena
- / li- + -tyaba / > **lityaba** ou **tyaba**: farrapo
- / li- + -khazu / > **likhazu** ou **khazu**: cola (fruto amargo de Cabinda)
- / li- + -yala / > **liyála** ou **yála**: lixeira
- / li- + -yaka / > **liyáka** ou **yáka**: mandioca
- / li- + -yángá / > **liyángá** ou **yángá**: lago ou lagoa

²²² Segundo Futi (2012:76), op. cit., diz que: - la plupart de ces noms gardent leur préfixe l- au pluriel. En fait, ils forment le pluriel par pré-préfixation de ma-. Nous avons des pluriels comme malyóonga, malyáanza ou máanza, etc. Dans ces cas, le préfixema- se comporte comme un pré-préfixe. Este caso, tem uma influência na língua francesa, mas nós como lusófonos, a língua cabindesa não segue esta regra a duplicação das vogais /a/, /e/, /o/, exemplo: 1) malyóngá em vez de mallyóonga; 2) malyánza ou mánza em vez de malyáanza ou máanza, etc.

²²³ Esta mudança do prefixo nominal li- não se transforma em ly, quando o inicial da base nominal é /i/, neste caso, não se transforma em ly, tomamos o exemplo, da palavra seguinte: i) li- + -ilu/ > **liyílu**: céu, nariz.

➤ / li- + -sambu / *lisambu* ou *sambu*: peixe salgado ou peixe seco

4.2.3.6.6. Os alomorfes do prefixo nominal /mi-/ (classe 6)

O prefixo da classe 6 apresenta dois tipos de alomorfes: /ma-/ e /me-/. O /ma-/ torna /me-/ quando o inicial da base nominal é /e/.

Neste caso, apresentamos os exemplos seguintes :

/ ma- + -enu / > méenu > ménu: dentes

/ ma- + -esu / > méesu > mésu: olhos

/ ma- + -eze / > méeze > méze: folhas

/ ma- + -enga / > meénga > ménga: sangue

4.2.3.6.7. Os alomorfes do prefixo nominal /ci-/, /ki-/, /i-/ (classe 7)

O prefixo da classe 7 apresenta três alomorfes na língua ibinda, tendo em conta as suas variedades linguísticas ou dialetos (**iwoyo**, ikoci, ikwakongo, ivili, ilinje, iyombe e isundi).

a) /ci-/, /i-/ e /ki/ em algumas palavras destas variedades linguísticas supracitadas têm uma diferença na formação de algumas palavras em relação a estes três prefixos, é o caso, por exemplo, das palavras que se seguem:

1. Prefixo /ci-/ (ilinje, ivili e iyombe da comuna de Buco-Zau e Necutu):

➤ / ci- + kwanga / > cikwanga: chicuanga (acompanhamento feito de mandioca)

➤ / ci- + boba / > ciboba: velho (a)

➤ / ci- + tebe / > citêbe: banana

➤ / ci- + kuta / > cikhûta: herança

➤ / ci- + zeenji / > cizeenji > cizénji: recipiente de acarretar água

2. Prefixo /(c)i-/ (**iwoyo**, ikoci, ikwakongo e isundi de Tando/Zinze), neste caso, nestas variantes linguísticas do ibinda, quando há uma elisão da consoante /c/ do prefixo nominal, deste modo, o inicial da base nominal é uma consoante não nasal; verifica-se a aférese (elisão) da consoante /c/, é o caso, por exemplo das seguintes palavras:

- / (c)i- + kwanga / > ikwanga: chicuanga (acompanhamento feito de mandioca)
- / (c)i- + boba / > iboba: velho (a)
- / (c)i- + tebe / > itêbe: banana
- / (c)i- + kuta / > ikûta: herança
- / (c)i- + zeenji / > izeenji > izénji : recipiente de acarretar água

3. Prefixo /ki-/ (iyombe da comuna de Belize e Luali belize e o isundi de Miconje); estas variantes formam as palavras supraescritas com prefixo nominal /ki-/, é o caso dos exemplos seguintes:

- / ki- + kwanga / > kikwanga: chicuanga (acompanhamento feito de mandioca)
- / ki- + boba / > kiboba: velho (a)
- / ki- + tebe / > kitêbe: banana
- / ki- + kuta / > kikhûta: herança
- / ki- + zeenji / > kizénji: recipiente de acarretar água

b) /cy-/ e /ky/ são empregues em algumas palavras das variedades linguísticas dos grupo a) e b) do ibinda supracitados, tendo, neste caso, diferenças na formação das mesmas palavras com esses prefixos. Verificamos estas diferenças, como ilustram os exemplos seguintes do prefixo /cy-/ e /ky-/ :

1. /ci-/ torna-se /cy-/ nas variedades de iwoyo, ikoci, ilinji, ikwakongo, iyombe das comunas de Buco-Zau e Necutu e o isundi do Tando-Zinze, quando o inicial da base nominal do prefixo é a vogal /i/, quando o radical do nome inicia com a vogal /a/, /e/, /o/ e /u/.

/ci-/ > /cy-/ [cj]

Exemplos:

- / ci- + ala / > cyála : espécie de banana de Cabinda
- / ci- + elika / > cyélika: verdade
- / ci- + oko / > cyóko: banho de vapor de água quente com folhas medicinais africanas
- / ci- + ula / > cyúla: sapo

2. /ki-/ torna-se /ky-/ nas variedades diatópicas de iyombe das comunas de Belize e Luali Belize e o isundi de Miconje quando o inicial da base nominal do prefixo é a vogal /i/, quando o radical do nome inicia com a vogal /a/, /e/, /o/ e /u/.

/ki-/ > /y-/ [kj]

Exemplos:

- / ki- + ala / > **kyála** : espécie de banana de Cabinda
- / ki- + edika / > **kyédika**: verdade
- / ki- + oko / > **kyóko**: banho de vapor de água quente com folhas medicinais africanas
- / ki- + ula / > **kyúla**: sapo

4.2.4. Prefixos Concordantes

Os prefixos concordantes correspondem aos prefixos iniciais dos nomes. Importa-nos, no entanto, apresentar o quadro de alguns desses prefixos e a sua respetiva concordância:²²⁴

Tabela 25: Prefixos concordantes do Iwoyo:

Prefixos concordantes do Iwoyo em contraste com a variante iyombe	
Singular	Plural
<p>/ci-/ e /i - / (Iwoyo); /ki-/ (Iyombe de Belize)</p> <p>cika cyami – kika kyami / a minha cama)</p> <p>itumba cyami – kitumba kyami / a minha estátua</p>	<p>/u -/ e /bi-/ (Iwoyo); /bi-/ (Iyombe)</p> <p>bika byami (Iwoyo e Iyombe) / as minhas camas</p> <p>utumba byami – bitumba byami / as minhas estátuas</p>
<p>/lu/</p> <p>lutambi lwami / o meu pé</p> <p>lusênde lwami / o meu espinho</p>	<p>/tu/ e /zi/</p> <p>tutambi twami ou zitambi zyami / os meus pés</p> <p>zisênde zyami / os meus espinhos</p>
<p>/m’-/ e /u-/</p> <p>m’vwatu nkhulu / a roupa antiga</p>	<p>/i-/ e /mi-/</p> <p>invwatu inkhulu / roupas antigas</p>
<p>/li-/ e /di-/</p>	<p>/ma-/</p>

²²⁴ Mazunga, Silvino (2011), op. cit. p. 25).

libulu livinda ou dibulu divinda / o buraco fundo	mabulu mavinda / os buracos fundos
/mu-/ e /u-/ mwinda wami / o meu cadeeiro	/mi-/ e /a-/ mind'ami* / os meus cadeeiros

Seria: minda ami

O prefixo concordante aparece, também, como preposição, quando ligado à uma palavra que se segue, como um determinativo. Pode, eventualmente, desempenhar a função de modificador, como apresenta o seguinte **exemplo**: Makûndi **ma** Itula. (os comprimidos da Itúla)

Na base deste estudo, vamos descrever o sistema linguístico cabindês com mais afinco na variedade linguística diatópica iwoyo, tendo em conta a realidade linguística da sua especificidade. Deste modo, esperemos mais descobertas e informações linguísticas alusivas a esta matéria, que está sendo abordada neste capítulo, principalmente, a classificação das classes e prefixos da língua cabindesa em todas as suas variedades regionais comunais e municipais do território de Cabinda. Com estes requisitos linguísticos vamos proporcionar, linguisticamente, a normalização e fixação das normas linguísticas desta língua bantu-africana como conhecimento explícito, isto é, gramática explícita. Este conhecimento vai facilitar-nos a aplicação destas normas no ensino/aprendizagem desta língua, tendo em conta os seus princípios e paradigmas gramaticais, permitindo-nos descobrir e compreender mais esta língua para uma nova perspetiva linguística para as futuras investigações científico-linguísticas.

As investigações linguísticas feitas posteriormente pelo linguista Nzau (2004), falante-ouvinte da língua ibinda, na sua dissertação do mestrado cujo tema, Contributo para o estudo da língua Ibinda, na Univesidade da Beira Interior, Covilhã, abrangem todos os contextos e aspetos linguísticos da língua cabindesa, Ibinda, nos aspetos da morfologia, sintaxe, fonética, fonologia, semântica e sociolinguística, cingindo numa visão linguística da unicidade e homogeneidade da língua dos cabindas. Quando se usa os termos Ifyote ou Ibinda por certos investigadores, estes polissónimos não alteram a identidade linguística da língua cabindesa. Neste trabalho de investigação da tese de doutoramento, preferimos usar mais o termo ibinda do que o ifyote, porque este idealiza e mostra com mais afinco linguístico o

consenso da maioria dos cabindas, falantes-ouvintes desta língua bantu, que traduz a cosmovisão da cultura ibinda. A abordagem linguística deste autor, Nzau, sociolinguista supracitado, tem uma implicatura abrangente da língua nacional do Território de Cabinda, por isso mesmo, que nós estamos de acordo com a maior parte dos seus pressupostos teóricos linguísticos sobre esta língua bantu-africana-kongo. Ele não falou somente de uma variedade linguística regional, mas descreveu sobre a língua cabindesa (ibinda) em geral em toda a sua visão macrolinguística e microlinguística.

Na mesma senda, o investigador e linguista Futi (2012) no seu livro intitulado “Essai de Morphologie Lexicale du Cisuundi de Cabinda (Angola), variedade linguística regional do ibinda falado no Miconje município de Belize e Tando-Zinze (nas localidades Thsi Nswa e Zenze- Lucula, no município de Cabinda (sede) e de Belize. Esta obra evidencia a variedade linguística do Isundi da conuma de Tando-Zinze, município de Cabinda.

Sem sombra de dúvidas, estes investigadores como por exemplo: [Chicuna, Amélia Mingas, Mwana Ngulungu, Mazunga]²²⁵ e mais outros contribuíram fortemente na normalização e fixação da língua cabindesa, proporcionando aos investigadores novas investigações sobre a nossa língua, Ibinda, que nos viu nascer e nos veja viver até hoje. A maior parte destes autores têm a língua cabindesa como L1, exceto a linguista Amélia Minga que a tem como L3. Sem qualquer contestação, o Nzau (2004), sociolinguista, esmiuçou a realidade sociolinguística da língua ibinda na perspectiva diacrónica e sincrónica.

Hoje, todos nós, linguistas e investigadores cabindeses, temos esta nobre missão para que a nossa língua nacional, o Ibinda, encontre novos caminhos científico-linguísticos sem qualquer regionalismo étnica egoísta diatópico ou etnolinguístico. O nosso objetivo principal é que todos nós queremos exaltar e fazer atingir, linguisticamente, a normalização e a fixação desta língua como conhecimento linguístico explícito.

Não deixaremos de referenciar e enaltecer os trabalhos investigativos dos primeiros pioneiros que escreveram as primeiras gramáticas e dicionários no século XIX como fizemos menção amiúde em várias referências linguísticas, aqueles missionários da Igreja Católica, os franceses, que se instalaram no município de Cacongo no século XIX por razões eclesiásticas

²²⁵ CHICUNA, Alexandre Mavungo (2003), op. cit.; MINGAS, Amélia Arlete (1994), *op.cit. s/p.*; CONGO, Jorge Casimiro (1998), op. cit.; MAZUNGA, Silvano (2011; a. 2015; b. 2015), op. cit.

em mando do seu país, tendo a sede em Lândana; não esquecemos da mesma forma os trabalhos investigativos, da nossa hodierna linguística, aqueles de Chicuna²²⁶ do mestrado (2003) intitulado “Portuguesismo nas línguas bantu para um dicionário Português-Kiyombe”, que refletem uma das características linguísticas do ibinda dos bayombe, lyombe falado nas comunas de Belize e Lwali Belize (município de Belize), transcrevendo uma das realidades linguísticas diatópicas da língua cabindesa e, por última, não esquecemos também a tese do doutoramento da inolvidável Professora Doutora linguista Amélia Minga (1994) intitulada “*Étude Grammaticale d’ Iwoyo (Angola)* ”, também de índole regional, o ibinda dos bawoyo, Iwoyo, da comuna sede do município de Cabinda.

Para nós, o nosso desejo mais importante é a normalização e a fixação desta língua ibinda, criando uma base sólida para a efetivação do material didático/pedagógico para o seu ensino/aprendizagem na sua conjuntura geolinguística como meio de transmissão oral e escrito na comunicação unilateral e bilateral desta língua que nos viu nascer, nos vê a crescer que foi criada pelos nossos avoengos, os cabindas, dos reinos de Ngoyo, Kakongo e Loango.

O nosso maior objetivo neste estudo do sistema linguístico da língua cabindesa, tendo em conta a sua perspetiva linguística e geolinguística, é encontrar mecanismos didático-pedagógicos para o ensino bilingue da língua portuguesa e ibinda em todos os níveis de ensino.

Na verdade, em Cabinda, linguisticamente falando, existe uma unidade linguística que criteriosamente é revelada pela ausência de tradução, parafraseando Nzau (2003), estando de acordo a sua posição linguística de que:

- A língua cabindesa permite a intercomunicação entre os cabindas;
- O processamento gramatical é também homogéneo e não compadece com algumas discrepâncias, sobretudo, fonéticas e fonológicas, pois são naturais em qualquer língua, ou seja, há, praticamente, unidade fonológica, sintática, semântica e lexical, correspondentes a pormenores diatópicos;
- As discrepâncias de que nos aludimos, para além de serem aceitáveis, ocorrem a nível de uso de primeira mão;

²²⁶ CHICUNA, Alexandre Mavungo (2003; 2009; 2014) Op. cit. s/p..

- A problemática que chama atenção a muita gente, não os cabindas, é o caso concreto da problemática da designação dos termos (Ifyote ou Ibinda) comum para a língua cabindesa, que estas foram criadas desde o tempo colonial e mantêm-nos vivos hoje, depois da independência de Angola em 1975 na política linguística angolana das línguas nacionais angolanas. Os termos Ifyote e o Ibinda são usados paralelamente em Cabinda sem qualquer polémica linguística;
- Toda e qualquer língua é dinâmica, os linguistas cabindeses, tendo em conta a urgência da fixação e normalização desta língua como conhecimento explícito, há uma necessidade urgente, que os impera a darem alguns contributos linguísticos em todos os aspetos para que esta língua seja ensinada nas escolas como programa do governo angolano do ano letivo 2020 ou 2021, para que as línguas nacionais sejam ensinadas no sistema de educação escolar.

Quanto a designação da língua comum dos cabindas, chegamos a uma conclusão, unânime, com a base do ponto de vista dos falantes nativos nas investigações e entrevistas feitas no quadro linguístico, precisamente, nos municípios de Cabinda, Cacongo, Buco-Zau e Belize e, alguns linguistas, principalmente os padres. Deste modo, chegou-se a esta conclusão daquilo que eles afirmam ser:

- A designação mais referida e preferida atualmente é o glossónimo Ibinda, havendo a maior parte da bibliográfica da língua cabindesa escrita com o termo Ibinda em relação ao termo Ifyote que tem uma conotação pejorativa;
- Linguisticamente, Cabinda é um território pluridialetoal, cuja língua é Ibinda, mas a sua população é bilingue, porque para além desta língua nacional bantu fala-se o Português em concorrência daquela dos cabindas ou outras línguas estrangeiras como o inglês, francês, espanhol. Escusamos dizer que em Cabinda há sete línguas nacionais, mas sim, sete variedades diatópicas da língua ibinda. O que se constata, linguisticamente, em cabinda, segundo os falantes nativos não são línguas, mas sim, dialetos ou variedades linguísticas regionais, como eles mesmo dizem “*zimbembulu, zintubulu zi basi*” Cabinda (falares ou dialetos dos Cabindas) que são denominados segundo as etnias regionais ou geolinguísticas de Ibinda dos bawoyo, o Iwoyo, ibinda dos bayombe, o Iyombe, ibinda dos bakoci, o Ikoci, ibinda dos bakwakongo, o Ikwakongo, ibinda dos balinje, o Ilinje, ibinda dos bavili, o ivili e ibinda dos basundi, o isundi.

Quanto à grafia, as razões fundamentais que, desde sempre, nortearam a ortografia de uma língua para a sua existência como língua viva é a convivência e interferência linguística que uma língua pode ter com as outras línguas. No nosso caso, a língua portuguesa, no período da colonização política e administrativa portuguesa desde 1885 até hoje, teve e tem grande influência na língua nacional Ibinda. Esta é uma das razões de natureza histórica e sociolinguística. De facto, torna-se imperioso a influência ortográfica, o neologismo e os acentos diacríticos (gráficos) que uma língua pode ser influenciada por outra, como aconteceu no caso do latim, influenciando as línguas novilatinas.

Esta realidade linguística é a mesma situação que aparece na perspetiva diacrónica e sincrónica, hoje, nas línguas bantu que têm grandes influências linguísticas e interferências em vários aspetos gramaticais das línguas dos ex-colonizadores europeus, isto é, por exemplo, a coabitação e a interferência do francês, inglês, português, espanhol e alemão nas línguas bantu africanas.

Na mesma alínea sociolinguística, estamos de acordo mais uma vez com Nzau (2003), defendemos o mesmo ponto de vista linguística, parafraseando as suas palavras que:

- Por pertencermos ao mesmo círculo gráfico compreensivo do português, temos que ignorar algumas convenções de escritas das línguas bantu-africanas que têm influências do inglês, francês, espanhol, alemão, etc., nos parecer díspares e muitas delas descontextualizadas com os parâmetros da nossa língua nacional bantu;
- Queremos que o ensino/aprendizagem das línguas nacionais angolanas encontrem facilidades didática e pedagógica para a compreensão mais fácil nas escolas. A adaptação deste requisito linguístico constituirá uma mais valia didática e pedagógica, pois que um aluno sentir-se-á aflito perante dois sistemas de grafias linguísticas diferentes.
- O trabalho investigativo levado a cabo por Nzau tem grande mérito no estudo e ensino da língua cabindesa, proporcionando novas perspetivas investigativas da língua cabindesa, ibinda, também, queremos deixar em aberto novas perspetivas de investigação linguística para as investigações futuras, nesta matéria linguística, para a normalização e fixação sincrónica e dinâmica da nossa língua.

Tendo em conta esta análise e estudo linguístico feito sobre a classe e prefixos da língua cabinbesa, cingimo-nos mais no estudo da variedade linguística diatópica Iwoyo, achámos pertinente tecermos alguns pontos, para finalizarmos este capítulo, relacionados a sociolinguística para melhor esclarecimento e compreensão da língua cabindesa ou da sua realidade linguística regional na perspetiva diacrónica e sincrónica.

Assim, de acordo com as nossas investigações, podemos descrever que a sociolinguística é uma área da linguística que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspetos sociais e culturais da produção linguística. Para esta corrente linguística, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autónoma e independente do contexto situacional da sua cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. Deste modo, ela deve ser estudada no seu contexto geral, tendo em conta, principalmente, todas as suas variedades diatópicas, sociais, linguísticas e extralinguísticas, tendo, neste contexto, uma consciência e perspetiva linguística no estudo do conceito de língua natural e das variedades linguísticas de uma língua.

Nesta perspetiva, podemos compreender a realidade e a vera identidade linguística de uma língua natural, tendo em conta todos os seus fatores e requisitos linguísticos. É por esta razão científica e metodológica que a sociolinguística parte do princípio de que a variação linguística e a mudança desta são inerentes às línguas naturais e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística da perspetiva diacrónica e sincrónica, porque as línguas são dinâmicas e não estáticas. Baseando-se nesta perspetiva, a sociolinguística se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua, por exemplo, no caso das variedades linguísticas diatópicas do português na CPLP e, também das variedades linguísticas regionais ou etnolinguísticas do ibinda na comunidade ibindófona no território de Cabinda.

Nesta descrição sociolinguística, estamos de acordo com a linha linguística de Martelotta et al. (2012), que afirmam que o termo variante é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra variedade linguística sem que se verifique mudança significativa no significado básico do léxico ou da gramática.

Na metodologia de análise de uma língua em situação real da comunicação, a sociolinguística consegue medir o número de ocorrência de usos de uma variante e, sobretudo, fazer previsões sobre as principais tendências de uso em relação a essa variedade, como por exemplo, podemos distinguir o português de Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, Timor Leste, Macau em relação ao português de Portugal ou português europeu. Do mesmo modo, no sistema linguístico cabindês, podemos distinguir o ibinda dos bayombe, basundi, bakoci, bavili, bakwakongo, balinje em relação ao ibinda dos bawoyo, o iwoyo. Este modo de análise e estudo, faz-nos descobrir os contextos linguísticos que favorecem a variação linguística de um idioma, principalmente, aquela diatópica ou etnolinguística. Esta é uma verdade sociolinguística e linguística que não podemos negar, porque a diversidade e a variabilidade são características inerentes aos sistemas linguísticos, isto é, a todas as línguas naturais. Por isto mesmo, que estas não formam línguas de uma mesma língua, mas sim, criam variedades linguísticas de uma língua. A variação linguística se verifica quase em todos os níveis da língua, por exemplo, nível lexical e gramatical (fonético, fonológico, morfológico, semântico, ortográfico e na sintaxe). Debulhando ainda na perspectiva sociolinguística dos autores supracitados, podemos definir a língua, como uma estrutura maleável, que apresenta variações linguísticas, mas, havendo muitos elementos gramaticais, fonéticos e lexicais que são comuns às variedades de uma língua. A variedade linguística de uma língua configura-se como um conjunto de elementos diferentes de outro, conjunto de grupo, de localidade ou região ou etnia. É deste modo, que qualquer variação linguística é previsível e determinada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos de uma língua, como o português, o francês, o inglês e o ibinda ou qualquer outra língua natural.

É nesta perspectiva que reafirmamos que a língua falada em Cabinda é o ibinda e, esta tem sete variedades linguísticas ou dialetos conforme fizemos referência amiúde nos itens e capítulos precedentes.

CAPÍTULO V

CORPUS LEXICAL DOS VERBOS EM IWOYO E EM PORTUGUÊS

Neste capítulo, vamos abordar os seguintes aspetos que achámos importantes, neste estudo, do corpus lexical dos verbos: conceitos fundamentais, elementos específicos do verbo em português e Iwoyo, conjugação do verbo em Iwoyo com a tradução portuguesa, categorização morfosintática do verbo em iwoyo em contraste com português, os tipos de predicados do grupo verbal do português e do iwoyo, descrição dos principais elementos contrastivos do verbo em português e iwoyo.

A investigação deste capítulo teve como base linguístico- investigativa nas gramáticas do português hodierno com a nova nomenclatura gramatical de 2008 conforme podemos verificar nas novas gramáticas do português europeu. O ibinda dos bawoyo, o iwoyo, o seu estudo teve uma base analógica da nomenclatura da gramática do português europeu e, também a partir do fundamento linguístico daquelas gramáticas em fiote-francês de 1888, 1889 e 1990 dos missionários franceses (Padre Carrie e Ussel) na Missão Católica de Lândana-Cacongo/Cabinda, da tese de doutoramento de Mingas, 1994, *Étude grammaticale de l' Iwoyo (Angola) e do Congo (1998)* no seu livro (ad usum privatum) que ele usou para o ensino do Ibinda no Seminário da igreja Católico de Cabinda (1998-2006), intitulado *Elementos da estrutura do verbo em Ibinda*²²⁷ e da bibliografia de outros autores, mas não esquecendo de referenciar a recolha de dados orais que fizemos, principalmente, aos falantes-ouvintes de ibinda e à Rádio Nacional de Angola (RNA) em Cabinda e TPA. Esta bibliografia permitiu-nos delimitar o nosso estudo sobre o **corpus lexical dos verbos em Iwoyo** em contraste com os verbos em Português, tendo também em conta os verbos em Iwoyo “lusitanizados”, isto é, adaptados ao Português ou portuguesismo verbal em iwoyo. Assim, fizemos um enquadramento inovador linguístico, introduzindo novos elementos linguísticos, neste

²²⁷ CARRIE e USSEL (1888, 1889, 1990), op. cit.; MINGAS, Amélia Arlete (1994), op. cit.; CONGO, Jorge Casimiro (1998), op. cit.

estudo, na descrição deste capítulo, sendo a gramática²²⁸ um dos elementos linguísticos fundamentais para o estudo e análise de uma língua natural.

5.1. O Corpus de verbos

O *corpus* de verbos, neste estudo e investigação, é constituído por um conjunto de verbos do Iwoyo e português, que serviram de foco fundamental neste capítulo. Desta forma, trata-se de um conjunto de verbos e de todos os componentes relacionados com os verbos do Iwoyo e português extraídos quer do corpus oral (gravações orais de enunciados produzidos por falantes-ouvintes desta língua ou transcritos) quer do corpus escrito.

O estudo do *corpus* dos verbos será feito sob o paradigma do conhecimento lexical, morfológico, sintático, fonético, semântico (...), apresentando as inúmeras peculiaridades que caracterizam o iwoyo em contraste com o português. Neste contexto, o corpus dos verbos de qualquer língua pode ser estudado e analisado sob a ótica de um *corpus monolingue*, bilingue ou multilingue, estudando uma ou mais línguas que podem ser estudadas ou analisadas em flexões ou categorias dos verbos, isto é, a sintaxe dos modos e tempos verbais, as conjugações, a classificação dos verbos, os verbos auxiliares, a concordância dos verbos, regência verbal, os tipos de predicados, etc.

Este capítulo como calátide cinge-se ao estudo contrastivo do corpus lexical dos verbos do Português e Iwoyo e, que termina no capítulo seguinte com uma proposta de elaboração de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos destas duas línguas em estudo.

5.1.1. Conceitos fundamentais do Verbo

A definição do verbo, segundo Moreira e Pimenta (2014:113), «*é a palavra com a função predicativa, que pertence a uma classe aberta e exprime situações dinâmicas e estados. Flexiona em tempo e modo, pessoa e número e, constitui o núcleo do grupo verbal. Desta forma, o verbo apresenta marcas morfológicas de pessoa, número, tempo, voz, aspeto e constitui sozinho ou combinado com outros constituintes, uma variável que desempenha, na*

²²⁸ A gramática é a descrição estrutural do funcionamento dos sistemas de elementos de uma língua particular e, portanto, beneficia da investigação linguística, abrange as grandes áreas da língua e deve permitir uma difusão adequada dos conhecimentos alcançados no campo teórico e na aplicação a esta língua, [Mateus, Fale e Freitas (2005, p.22), op. cit.].

*frase, a função sintática de predicado (grupo verbal da frase)». Na mesma ótica linguística, Lopes, Pinto e Azevedo (2018: 213)²²⁹ definem também o verbo como: «o núcleo do grupo verbal pertence a uma classe aberta de palavras que exprime ações, estados, acontecimentos, considerados em momentos diferentes; neste caso, o verbo é uma palavra variável: em pessoa, número, tempo e modo. Quando o núcleo do GV é uma forma verbal com mais do que um verbo (sendo um auxiliar e outro o verbo principal ou copulativo) estamos perante um complexo verbal». Quase todas as línguas naturais têm verbos que se caracterizam pelos tempos naturais designados de pretérito, presente e futuro. No sentido mais lato na descrição do verbo, Matoso (2003:282-283)²³⁰ demonstra que o verbo é uma palavra variável que anuncia uma ação ou exprime a qualidade, o estado ou a existência de alguma pessoa ou coisa, considerados no tempo. Os verbos segundo este autor podem ser estudados nos seguintes paradigmas: **a)** classificação – são vários os aspetos sob os quais os verbos podem ser classificados, a saber: i- quanto à forma: abundantes, anómalos, completos, defetivos, regulares e irregulares; ii- quanto à função: principais ou plenos, auxiliares; iii- quanto à sintaxe: transitivos, intransitivos, verbos de significação definida, verbos de significação indefinida, copulativos ou de ligação; iv- quanto ao sujeito: ativos, passivos, reflexos, recíprocos; v- outras funções: verbo de ação, causativo, depoente, factitivo, modal, verbo de estado, vicário; **b)** verbo absoluto; **c)** verbo de ação.*

Na flexão do verbo, quase em todas as línguas naturais, consideram-se três modos que abrangem formas verbais finitas: o indicativo, conjuntivo, imperativo; para alguns gramáticos consideram quatro modos, incluindo o condicional que é o futuro do pretérito do indicativo para aqueles primeiros gramáticos; há ainda as formas verbais não finitas constituídas pelas formas do infinitivo (pessoal e impessoal), do gerúndio e do particípio passado.

Cada língua natural apresenta a sua particularidade na flexão verbal. O verbo, sendo um elemento fundamental do grupo verbal, possui certas características em cada língua que lhe permite ter determinadas categorias ou flexão, segundo a sua especificidade.

²²⁹ LOPES, M. C. Azevedo, PINTO, M. Isabel Feitas M. e AZEVEDO, M. Olga (2018). Da Comunicação à Expressão, Gramática Prática de Português (3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário), Raíz Editora, Lisboa.

²³⁰ MATOSO, António (2003). Dicionário da Gramática da língua portuguesa, Quarteto Editora, Coimbra.

Nalgumas línguas, os verbos flexionam em tempo, modo, aspeto, pessoa e número, mas noutras flexionam de maneira diferente. Os primeiros autores supracitados, neste item, afirmam que a variação em tempo – modo²³¹ – aspeto – é uma categoria morfossintática dos verbos que está relacionada com a representação morfológica do tempo, do modo e do aspeto. O verbo tanto em português como em Iwoyo tem estas categorias morfossintáticas que estão relacionadas com a representação morfológica do tempo, modo e aspeto. É neste sentido que vamos analisá-las, estudá-las e descrevê-las, tendo em conta os elementos específicos do verbo nestas duas línguas em estudo.

5.1.2. Os elementos específicos do verbo em Português

O verbo, em Português, flexiona em tempo²³², modo, aspeto, pessoa e número.

A estrutura do verbo em Português apresenta a forma simples e a forma composta, como é demonstrado por Moreira e Pimenta (2014): **1) a forma simples** é formada por uma só palavra, isto é, o verbo é conjugado no tempo finito, constituído pelos tempos simples do modo indicativo (presente, pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito simples, futuro do presente e futuro do pretérito simples), o modo conjuntivo apresenta as formas simples (presente, pretérito imperfeito, futuro simples), o imperativo é constituído só por um tempo, presente do indicativo (a 2ª pessoa de singular e plural na forma afirmativa) e o presente do conjuntivo (a 1ª pessoa do plural na forma afirmativa e negativa, a 2ª pessoa do singular e plural na forma negativa, 3ª pessoa do singular e plural na forma afirmativa e negativa), o infinitivo pessoal simples e o gerúndio simples; **2) a forma composta** é formada por duas ou mais palavras, isto é, dois ou mais verbos, um verbo principal e um auxiliar e é constituída pelos tempos compostos: 1) modo indicativo (pretérito perfeito composto, pretérito mais que perfeito composto, futuro do presente e futuro do pretérito

²³¹ Segundo as últimas autoras citadas afirmam que o modo verbal traduz as diferentes maneiras de se encarar uma ação, um conhecimento, um estado expressos pelo verbo.

²³² O tempo verbal indica o momento ou o intervalo temporal em que se situa a ação, acontecimento, estado, expressos pelo verbo. Essa localização temporal pode situar-se em relação ao momento em que se fala (momento da enunciação) ou em relação a outro ponto de referência explicado no enunciado. A categoria do tempo está intimamente ligado ao aspeto e a localização temporal pode depender ainda de outros elementos da frase para além da flexão verbal, explicação de LOPES, M. C.Azevedo, PINTO, M.Isabel Feitas M. e AZEVEDO, M. Olga (2018), op. cit.

composto); 2) modo conjuntivo (pretérito perfeito, pretérito mais que perfeito e futuro composto); 3) infinitivo pessoal composto e gerúndio composto.

Na língua portuguesa, há formas que não flexionam em pessoa, número, isto é, o infinitivo impessoal, gerúndio simples e particípio passado.

Há, finalmente, três conjugações verbais, na língua portuguesa, isto é, verbos da primeira conjugação terminados em **ar** (andar), segunda conjugação terminados em **er** (comer) e terceira conjugação terminados em **ir** (partir). Nessa conformidade linguística peculiar, os verbos em Português têm a seguinte estrutura: radical + vogal temática + sufixo ou desinência. Tomemos o exemplo do verbo **andar**: **and** [radical] + **a** [vogal temática] + **r** [sufixo] desinência. Deste modo, em português, há verbos regulares (verbos que ao longo da sua conjugação o radical não altera) e irregulares (verbos que ao longo da sua conjugação o radical altera); Há também verbos com particípio regular e irregular, mas, todavia, não esquecemos também de referenciar aqueles verbos com particípio duplo, isto é, com forma regular e irregular (a forma regular é, regra geral, a que se utiliza nos tempos compostos da voz ativa, com os auxiliares ter e haver, e a forma irregular utiliza-se, sobretudo, na formação dos tempos da voz passiva com auxiliar ser, como caso específico e peculiar, com o auxiliar **estar**²³³ para formar a voz passiva de estado e **ficar**²³⁴ para formar a voz passiva indicadora de mudança de estado, para aqueles verbos principais com estas características de estado e mudança de estado).

A língua portuguesa, conforme foi referenciado, tem tempos compostos, um verbo principal e um verbo auxiliar. Neste contexto, o verbo auxiliar, segundo Moreira e Pinto (2014:116-117), é um verbo que ocorre juntamente com um verbo principal ou um verbo copulativo, precedendo-o. No complexo verbal formado, o verbo auxiliar não determina o sujeito ou os complementos que ocorrem na frase. Na construção com um verbo auxiliar, existe apenas um sujeito exigido pelo verbo principal.

²³³ O verbo estar como auxiliar da voz passiva, para formar os tempos da voz passiva dos verbos principais de estado, exemplo: a) O espetáculo **impressionou** o público. (Voz Ativa); b) O público **esteve impressionado com** o espetáculo. (Voz Passiva).

²³⁴ O verbo ficar como auxiliar da voz passiva, para formar os tempos da voz passiva dos verbos principais indicadores de mudança de estado, exemplo: a) A tua resposta **ofendeu** o meu amigo. (Voz Ativa); b) O meu amigo **ficou ofendido com** a tua resposta. (Voz Passiva).

O verbo auxiliar pode sê-lo dos tempos compostos, da passiva, temporal, aspetual ou modal.²³⁵ Os verbos auxiliares aspetuais, segundo os autores supracitados, apud na gramática tradicional, contemplam os três tipos da conjugação perifrástica, abordados na gramática tradicional: a) a que veicula uma ideia de continuidade (aspeto durativo); b) de início de ação (aspeto inceptivo ou incoativo); c) de conclusão (aspeto pontual); há autores que referem, também, o aspeto cessativo e o contínuo/descontínuo.

5.1.3. Os elementos específicos do verbo em Iwoyo²³⁶

Estamos perante não só de dois sistemas linguísticos totalmente diferentes, mas, sobretudo, porque representam duas maneiras de encarar o fator tempo no estudo do verbo. Tendo em conta esta constatação linguística, é muito difícil delimitar **os verbos** em Iwoyo e em Português, sublinhando os seus **modos e tempos**, assim como as suas **estruturas morfossintáticas**. Deste modo, socorremo-nos aos primeiros europeus que estudaram e investigaram a língua Ibinda em Cabinda, os missionários franceses (padres) da igreja Católica “de *la congrégation du Saint-Esprit et du Saint Coeur de Marie*”, na Missão Católica de Lândana/Cabinda, elaboram e descreveram as primeiras gramáticas em língua fiote com tradução francesa em 1888, 1890, conforme foi referenciado nos capítulos precedentes.

O nosso estudo linguístico hodierno, referente a este capítulo da tese de doutoramento em Linguística do corpus lexical dos verbos em iwoyo (Ibinda) e português, tem grande importância referencial nas primeiras gramáticas bilingue Fiote-Francês que foram descritas

²³⁵ Moreira e Pinto (2014:116-117): a) verbo auxiliar dos tempos compostos: - se forma com o verbo principal um tempo composto, exigindo que este se encontre no particípio passado. Os auxiliares dos tempos compostos são ter e haver; b) verbo auxiliar da passiva: - se ocorre em frases passivas, exigindo que o verbo principal se encontre no particípio passado. O verbo da passiva é o verbo ser, no sentido absoluto, mas existem casos específicos da voz passiva que exigem os verbos auxiliares estar (para formar os tempos da voz passiva de estado) e ficar (para formar os tempos da voz passiva indicadores de mudança de estado); c) verbo auxiliar temporal: - se o complexo verbal formado com o verbo principal tem valor de futuro, exigindo que o último se encontre no infinitivo. Os auxiliares temporais são haver e ir, no presente mais o verbo principal no infinitivo, conjugação perifrástica; d) verbo auxiliar aspetual: - se o complexo verbal formado com o verbo principal tem valor aspetual de tipo durativo, inceptivo ou pontual. Exige que o verbo principal se encontre no infinitivo; e) verbo auxiliar modal: - se o complexo verbal formado com o verbo principal tem valor modal de possibilidade, probabilidade ou obrigatoriedade. Exige que o verbo principal se encontre no infinitivo. Os auxiliares aspetuais com valor de possibilidade são, por exemplo, poder (com valor de probabilidade, obrigatoriedade), dever (com valor de obrigatoriedade), ter de.

²³⁶ 1) Esta secção apoia-se nos seguintes trabalhos: CONGO, Jorge Casimiro (1998), op. cit.; 2) NZAU, Domingos G. Ndele (2004), op. cit.; 3) MAZUNGA, Silvano (2011), op. cit.; USSEL, R. P. (1888), op. cit.; 3) CARRIE, A. M. (1888), op. cit.

por Carrie (1888) e Ussel (1888, 1890) em Lândana/Cabinda. É na base daqueles instrumentos normativos linguísticos (gramáticas) da língua Ibinda onde tivemos mais informações na descrição dos tempos e modos verbais de iwoyo, dialeto ou variedade linguística da língua cabindesa, Ibinda, e, também no livro do Padre Congo (1998), Elementos da Estrutura verbal em Ibinda, na estruturação e na descrição da designação dos tempos verbais, dos modos do iwoyo, tendo em conta a realidade sincrónica verbal hoje, [cf. Carrie (1888) p. 83-130; cf. Ussel (1888) p. 28-65; cf. Congo (1998) p. 30-45; cf. Mazunga (2015)]²³⁷.

Neste contexto, procurámos estabelecer algumas diferenças que reputámos importantes para uma compreensão linguística mais clarividente do verbo nestas duas línguas em estudo, razão pela qual, vamos apresentar os princípios e parâmetros gramaticais específicos do verbo em iwoyo, tendo em conta a realidade verbal do presente, do pretérito e do futuro dos modos indicativo, conjuntivo, imperativo e as formas verbais (infinitivo, gerúndio e particípio passado): **1)** o verbo em iwoyo concorda com o sujeito, tomando o prefixo verbal da classe deste; **2)** o prefixo verbal tem como função representar o sujeito; este está sempre presente, mesmo se o nome, que o substitui, quando estiver presente.

Vamos descrever em seguida a **classificação dos verbos em iwoyo**, sublinhando as características específicas deste falar:

a) Quanto à identificação (apenas) dos tempos

O **presente** em Iwoyo é comparável ao presente em Português. Os problemas colocam-se, sobretudo, no **pretérito do indicativo**; por isso, para a identificação dos tempos verbais em iwoyo, socorremo-nos de novas designações para uma melhor descrição da especificidade deste idioma bantu²³⁸. Assim, apresentamos as **designações** seguintes: **1.** Pretérito perfeito simples²³⁹: **minu ndili** (eu comi); **2.** Pretérito perfeito próximo²⁴⁰: **minu ilili** (eu comi [dias anteriores]); **3.** Pretérito perfeito contínuo²⁴¹: **minu ilyanga** (eu tenho comido); **4.** Pretérito perfeito composto adverbial: **minu ulya yete lya** (eu tenho comido); **5.** Pretérito perfeito composto gerundivo: **minu ulya ilyanga** (eu tenho comido); **6.** Pretérito mais que perfeito

²³⁷ Op. cit.

²³⁸ Cf. CONGO, Jorge Casimiro (1998), op. cit. p. 30.

²³⁹ Indica uma ação praticada no passado, mas pertencente ao mesmo dia que a ação foi praticado.

²⁴⁰ Indica uma ação referente ou praticada nos dias anteriores.

²⁴¹ Esta é uma ação que começa no passado e continua no presente.

simples: **minu isonika** (eu escrevera); **7.** Pretérito mais que perfeito composto: **minu usonika isonikeze**(eu tinha escrito); **8.** Futuro do presente adverbial simples: **minu ila sonika** (eu escreverei); **9.** Futuro do pretérito adverbial simples: **minu nkana ndili** (eu comeria); **10.** Futuro do presente adverbial composto: **minu ulya ilalya** (eu terei comido); **11.** Futuro do pretérito adverbial composto: **minu nkana usonika isónikeze** (eu teria escrito); **12.** Pretérito perfeito do conjuntivo: **monti minu ulya ílya** (que eu tenha comido); **13.** Pretérito mais que perfeito do conjuntivo: **monti minu ulya ilíli** (eu tivesse comido); **14.** Futuro simples do conjuntivo: **minu kwizi lya** (se eu comer); **15.** futuro composto do conjuntivo: **monti minu ulya ikízilya** (se eu tiver comido);

b) Quanto aos tempos e sua à estruturação

Tendo em conta o número de tempos, dividimo-los em duas partes: **1. Tempos definidos ou simples:** são aqueles que exigem apenas uma forma. Ex.: **Minu ílya** (eu como); **2. Tempos adverbiais ou compostos:** são aqueles que exigem uma outra forma (advérbios, preposições, verbos e, eventualmente, construções específicas) para a sua estruturação. Exemplos: i) **Minu ulya yete lya**. (Eu tenho comido); ii) **Minu ulya ilálya**. (Eu terei comido); iii) **mélya** (mé [mana]+ úlya) = **mélya** (**acabo de comer ou já comi**); iv) **Minu lya ilya**. (Eu estou a comer); v) **Befu lya tufiti lya**. (Nós estivemos a comer);

c) Quanto aos modos e às formas nominais dos verbos

Os modos são os mesmos que em Português (indicativo, conjuntivo e imperativo), assim como também as formas nominais dos verbos (infinitivo, gerúndio e particípio passado) e os tempos naturais (presente, pretérito e futuro).

Os tempos, contudo, são os seguintes em cada modo verbal: **1) indicativo:** presente, pretérito perfeito (simples, próximo e contínuo), Pretérito perfeito composto adverbial, pretérito perfeito composto gerundivo, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito simples e composto, futuro do presente simples e composto, *futuro do pretérito adverbial simples e composto*; **2) conjuntivo:** presente, futuro simples e composto, pretérito perfeito; pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito; **3) imperativo** (afirmativo e negativo); **4) formas nominais dos verbos:** Infinitivo (impessoal e pessoal), gerúndio e particípio passado.

O infinitivo, como defende Kamuleta (1995:133) e Nzau (2004:159), «é uma forma mono-verbal, quer dizer, a sua estrutura, é quase semelhante à das formas verbais, apresenta

elementos substantivos e verbais. As grandes distinções que podemos destacar entre eles resumem-se em: na maioria das línguas bantu a forma do infinitivo faz parte da classe 15.»

O infinitivo impessoal do Iwoyo, como na maioria das línguas bantu, compõe-se de um prefixo nominal, “ (k)u-” e de um tema verbal que termina, geralmente, pela desinência ou final “-a” depois do radical.

Podemos observar a realidade linguística verbal das **marcas (diatópicas) da língua Ibinda (Iwoyo, Ikoci, Iyombe, Ivili, Ikwakongo, Ilinji e Isundi)**, onde o prefixo nominal, “**(k)u-**” deu origem, por aférese de “**k**”, ao prefixo “**u**” e, por apagamento de “**ku**”, ao morfema zero “**∅**”, tendo as seguintes formas do infinitivo [kutuba, (k)utuba, (ku)tuba].

Estas três formas são utilizadas pelos falantes da língua cabindesa (**Iwoyo, Iyombe, Ilinji, Ivili, Ikoci, Isundi e Ikwakongo**), e são bem compreendidas em todo o espaço territorial de Cabinda.

Eis aqui alguns exemplos que testificam o **prefixo verbal, radical e a desinência ou final na língua ibinda**: a) **ku-sub-a [kusaha]** ou **u-sub-a [usha]** ou **∅sub-a [sha]**: urinar;

b) ku-samb-a [kushamba] ou **u-samb-a [ushamba]** ou **∅samb-a [shamba]**: rezar.

Com base nestes dados, podemos observar que o infinitivo em Iwoyo difere do infinitivo em Português, sabendo que este último tem a característica principal e peculiar que é determinada pela desinência “-r” antecédida da vogal temática **/a/**, **/e/** e **/i/**, e não apresenta qualquer prefixo nominal, como em Iwoyo, na sua estrutura morfológica.

Estas especificidades linguísticas do verbo em iwoyo vão ser detalhadas na conjugação do seguinte verbo ulya (comer). Com base nos estudos feitos nas gramáticas relacionadas a língua Cabindesa, o Ibinda, segundo os autores supracitados que escreveram sobre esta língua bantu-africana, propomos agora a conjugação do seguinte verbo, na variante iwoyo, segundo os princípios, os parâmetros e as características desta língua, tendo em conta aos modos e tempos supradescritos, com modificações e tempos verbais acrescidos na base do falar dos cabindas, segundo a realidade linguística hoje.

Os modos permanecem os mesmos nas duas línguas (indicativo, conjuntivo e imperativo), assim como as formas nominais e os tempos naturais conforme descrevemos anteriormente. Os tempos na flexão verbal, contudo, temo-los como referência, tendo em

conta o que apresentámos e explicitámos sobre os modos, tempos e as formas nominais dos verbos das duas línguas. Vamos apresentar a tabela seguinte, tendo em conta os paradigmas verbais específicos contrastivos do português e iwoyo e as referências das descrições precedentes descritas destas duas línguas em estudo.

Tabela 26: Paradigmas gramaticais específicos verbais contrastivos de Português e Iwoyo

PARADIGMAS ESPECÍFICOS VERBAIS CONTRASTIVOS DE PORTUGUÊS E IWOYO	
PORTUGUÊS	IWOYO
<p>O paradigma verbal em Português é constituído:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formas finitas e infinitas - Estrutura verbal apresenta: forma simples e composta: <ol style="list-style-type: none"> 1. Forma simples e composta: verbo é conjugado no tempo finito: <ol style="list-style-type: none"> a) Modo Indicativo: presente, pretérito perfeito (simples e composto), pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito (simples e composto), futuro do presente e do pretérito (simples e composto); b) Modo Conjuntivo: presente, pretérito imperfeito e futuro (simples e composto); c) Modo Imperativo (afirmativo e negativo); d) Forma nominal do verbo: i) Infinitivo: impessoal e pessoal (simples e composto); ii) gerúndio (simple) composto); iii) particípio passado (regular; irregular; duplo – regular e irregular). 2. Há três tipos de conjugações verbais, na língua portuguesa: <ol style="list-style-type: none"> a) 1ª conjugação - verbos terminados em ar, ex.: andar; b) 2ª conjugação - verbos terminados em er: ex.: comer; c) 3ª conjugação - verbos terminados em ir, ex.: partir; 3. Estrutura morfológica do verbo em português: radical + vogal temática + sufixo (desinência): ex.: andar - and [radical], a [vogal temática], r [sufixo]; 3.1. Verbos regulares e irregulares. <p>Nota: Os tempos compostos são usados nos tempos composto finitos dos modos, na conjugação perifrástica e na voz passiva.</p>	<p>O paradigma verbal em Iwoyo é constituído:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formas finitas e infinitas - Estrutura verbal apresenta: forma simples e composta: <ol style="list-style-type: none"> 1. Forma simples e composta: verbo é conjugado no tempo finito: <ol style="list-style-type: none"> a) Modo indicativo: presente, pretérito perfeito (simples, próximo, contínuo) e composto adverbial e gerundivo; pretérito imperfeito, pretérito + que perfeito (simples e composto, futuro do presente e futuro do pretérito adverbial (simples e composto); b) Modo conjuntivo: presente, pretérito perfeito, pretérito mais que perfeito, pretérito imperfeito e futuro (simples e composto); c) Modo imperativo (afirmativo e negativo); d) formas nominais dos verbos: i) o infinitivo: impessoal e pessoal, ii) gerúndio: simples e composto; iii) particípio passado. Estes não flexionam em género, pessoa e número. 2. No Iwoyo, não há tipos de conjugações Verbais como em português 1ª, 2ª e 3ª conjugação; 3. Estrutura morfológica do verbo em iwoyo é: prefixo verbal + radical + sufixo (desinência): ex.: ulya - u [prefixo], ly [radical], a [sufixo (desinência)]. 3.1. Verbos regulares e irregulares²⁴² <p>Nota: Os tempos adverbias ou compostos são usados nos tempos composto finitos dos modos, na conjugação perifrástica e na voz passiva.</p>

²⁴² Na língua Ibinda, também existem verbos irregulares como em português: ex.: Verbos: 1) **uba** (ser, estar e ter): minu ike(le) ou khê: eu sou, eu estou; minu ibele: eu foi, eu estive]; 2) **ukwenda** (ir): minu ikwenda: eu vou; minu iyendeza: eu foi: monti minu iyenda ou iyéndeze: se eu fosse; minu kizi iyenda: se eu for; 3) **ukwiza** (vir): minu ikwiza: eu vou; minu iyizizi: eu vim; minu iyizízi: eu vim; minu iyíza: eu vim; monti minu iyiza: se eu viesse; minu iyízili ou iyizíli: eu tinha vindo; minu ikwizanga: eu tenho vindo.

Na base desta explanação, podemos agora conjugar o seguinte verbo em Iwoyo (Ibinda), mas com a tradução em Português, ulya (comer).

Na língua cabindesa em todos os seus falares regionais, os verbos só apresentam três realidades, tendo um prefixo verbal “u” ou “ku” antes do radical, um radical e um sufixo verbal, a vogal “a”, final, depois do radical, por exemplo o verbo ulya. Podemos afirmar que os verbos nesta língua apresentam características diferentes quanto á sua estrutura morfológica em relação à língua portuguesa, vejamos a conjugação do verbo ulya (comer) em iwoyo na tabela seguinte.

5.1.4. Conjugação do verbo em Iwoyo

Tabela 27: Conjugação do verbo ulya (comer)

VERBO ULYA (COMER)			
Modo indicativo			
Presente		Pretérito imperfeito	
Minu ilya	eu como	Minu ibalyanga	eu comia
Njye wilya	tu comes	Njye ubalyanga	tu comias
Nandi wilya	ele(a) come	Nandi ubalyanga	ele(a) comia
Befu tílya	nós comemos	Befu tubalyanga	nós comíamos
Benu lílya	vós comeis	Benu lubalyanga	vós comíeis
Bawu bílya	eles(as) comem	Bawu babalyanga	eles(as) comiam
Pretérito perfeito simples²⁴³		Pretérito mais que perfeito simples	
Minu ndili	eu comi	Minu ílya	eu comera
Njye lili	tu comeste	Njye úlya	tu comeras
Nandi lili	ele(a) comeu	Nandi úlya	tu comeras
Befu tulili	nós comemos	Befu túlya	nós comêramos
Benu lulili	vós comestes	Benu lúlya	vós comêreis
Bawu balili	eles(as) comeram	Bawu bálya	eles(as) comeram
Pretérito perfeito próximo		Pretérito mais que perfeito composto	
Minu ilíli	eu comi	Minu ulya ilíli	eu tinha comido
Njye ulíli	tu comeste	Njye ulya ulíli	tu tinhas comido
Nandi ulíli	ele(a) comeu	Nandi ulya kiiíli	ele tinha comido
Befu tulíli	nós comemos	Befu ulya tulíli	nós tínhamos comido
Benu lulíli	vós comestes	Benu ulya lulíli	vós tínheis comido
Bawu balíli	eles(as) comeram	Bawu ulya biiíli	eles tinham comido

²⁴³ O **pretérito perfeito simples** indica uma ação passada recente e o **pretérito perfeito próximo** um passado próximo, ex. ndili /comi; cibebe yono ilili/ontem eu comi.

<p>Pretérito perfeito contínuo</p> <p>Minu ilyanga eu tenho comido Njye ulyanga tu tens comido Nandi ulyanga ele(a) tem comido Befu tilyanga nós temos comido Benu lilyanga vós tendes comido Bawu bilyanga eles(as) têm comido</p> <p>Pretérito perfeito composto adverbial</p> <p>Minu ulya yete lya eu tenho comido Njye ulya wetw lya tu tens comido Nandi ulya kete lya ele tem comido Befu ulya twetw lya nós temos comido Benu ulya lwetw lya vós tendes comido Bawu ulya betw lya eles têm comido</p> <p>Pretérito perfeito composto gerundivo</p> <p>Minu ulya ilyanga eu tenho comido Njye ulya ulyanga tu tens comido Nandi ulya kilyanga ele tem comido Befu ulya tulyanga nós temos comido Benu ulya lulyanga vós tendes comido Bawu ulya bilyanga eles têm comido</p>	<p>Futuro do presente simples</p> <p>Minu ilalya eu comerei Njye ulalya tu comerás Nandi ulalya ele(a) comerá Befu tulalya nós comeremos Benu lulalya vós comereis Bawu balalya eles(as) comerão</p> <p>Futuro do presente composto</p> <p>Minu ulya ilalya eu terei comido Njye ulya ulalya tu terás comido Nandi ulya kwilalya ele terá comido Befu ulya twilalya nós temos comido Benu ulya lwilalya vós tereis comido Bawu ulya belilalya eles terão comido</p> <p>Futuro do pretérito adverbial simples</p> <p>Minu nkana ndili eu comeria Njye nkana lili tu comerias Nandi nkana lili ele(a) comeria Befu nkana tulili nós comeríamos Benu nkana lulili vós comeríeis Bawu nkana balili eles(as) comeriam</p> <p>Futuro do pretérito adverbial composto</p> <p>Minu nkana ulya ilili eu teria comido Njye nkana ulya ulili tu terias comido Nandi nkana ulya kulili ele teria comido Befu nkana ulya tulili nós teríamos comido Benu nkana ulya lulili vós teríeis comido Bawu nkana ulya balili eles teriam comido</p>
Modo conjuntivo	
<p>Presente</p> <p>Bwinji minu ilya eu coma Bwinji njye ulya tu comas Bwinji nandi kalya ele coma Bwinji Befu tulya nós comamos Bwinji benu lulya vós comais Bwinji bawu balalya eles comam</p> <p>Pretérito Perfeito</p> <p>Monti minu ulya ílya eu tenha comido Monti ndye ulya úlya tu tenhas comido Monti nandi ulya kálya ele tenha comido Monti befu ulya túlya nós tenhamos comido Monti benu ulya lúlya vós tendais comido Monti bawu ulya bálya eles tenham comido</p>	<p>Pretérito imperfeito</p> <p>Monti²⁴⁵ minu ndili eu comesse Monti njye lili tu comesse Monti nandi lili ele comesse Monti befu tulili nós comêssemos Monti benu lulili vós comêsseis Monti bawu balili eles comessem</p> <p>Pretérito mais que perfeito</p> <p>Monti minu ilíli eu tivesse comido Monti njye ulíli tu tivesses comido Monti nandi ulili ele tivesse comido Monti befu tulíli nós tivéssemos comido Monti benu lulíli vós tivésseis comido Monti bawu balíli eles tivessem comido</p>

²⁴⁵ *Monse + ti = monti.*

Futuro simples Minu kizilya eu comer Njye kizilya tu comeres Nandi kizilya ²⁴⁴ ele comer Befu kizilya nós comermos Benu kizilya vós comerdes Bawu kizilya eles comerem		Futuro simples Minu kwizi lya se eu comer Njye kwizi lya se tu comeres Na(ndi) kwizi lya se ele comer Befu kwizi lya se nós comermos Benu kwizi lya se vós comerdes Bawu kwizi lya se eles comerem Futuro composto Monti minu ulya ikízilya eu tiver comido Monti njye ulya ukízilya tu tiveres comido Monti nandi ulya kakílya ele tiver comido Monti befu ulya tukílya nós tivermos comido Monti benu ulya lukízilya vós tiverdes comido Monti bawu ulya bakílya eles tiverem comido	
Modo imperativo			
Afirmativo Lyá (njye) come (tu) Tulyanu (Befu) comamos (nós) Lyanu ou lulyanu (benu) comei (vós) Balya (bawu) comam (eles)		Negativo Bika ulya (njye) não comas (tu) Tubikanu ulya (befu) não comamos (nós) Lubikanu ulya (benu) não comais (vós) Babika balya (bawu) não comam (eles)	
Infinitivo			
Impessoal ulya comer		Pessoal Ilya minu comer eu Ulya njye comeres tu Kalya nandi comer ele Tulya befu comermos nós Lulya benu comerdes vós Balya bawu comerem eles	
Gerúndio Kalyanga/comendo		Particípio Passado Uliwa/comido	

No Iwoyo e nas outras variedades geolinguísticas da língua ibinda, os verbos são constituídos conforme foi referenciado por um radical, quase sempre invariável no início dos verbos, que variam também segundo o modo, tempo, número, voz e aspeto. Não há conjugações terminadas em vogal temática como em português /a/, /e/ e /i/, formando a 1ª, 2ª e 3ª conjugação, mas verificamos, no ibinda, que a forma do infinitivo impessoal é

²⁴⁴ A terceira pessoa do futuro do conjuntivo a forma mais usual, o pronome nandi perde as letras ndi, ficando somente na, por exemplo: na kwizilya.

constituída por um prefixo (u ou ku) antes do radical em todos os verbos e por um sufixo (a) depois do radical. Em português, como fizemos alusão, anteriormente, que as vogais temáticas [a], [e] e [i] mais a desinência [r] determinam as três conjugações na língua lusa, isto é, a 1ª conjugação que faz menção dos verbos terminados em [ar], a 2ª em [er] e a 3ª em [ir]; na língua cabindesa ou outra língua bantu-africana não existe estes tipos de conjugações existentes em português.

Neste contexto linguístico, «nas línguas bantu, o verbo distingue-se do substantivo e dos seus acompanhadores por uma flexão peculiar de que estes são desprovidos. O radical verbal é, como os acompanhadores dos nomes, compatível com todas as classes. O morfema chamado índice do sujeito ou inicial é controlado pelo nome, em função do sujeito, o qual pertence a uma classe determinada.

Com efeito, distinguimos as formas simples e as compostas. No plano prosódico, não existe distinção de tom lexical, pois o tom de uma dada forma verbal é inteiramente determinada pela estrutura morfológica e o número de sílaba, (...) segundo Ntongo (2006, 109)²⁴⁶».

Falando propriamente do radical no Iwoyo (língua ibinda) como em uma outra língua bantu-africana, segundo o autor supracitado afirma, que «o radical é o elemento portador de informação lexemática, todavia, alguns radicais sem extensão são semanticamente vazios, assim distinguimos dois tipos de radicais: simples e compostos»²⁴⁷.

Em Ibinda, conforme foi mencionado, posteriormente, na nossa descrição, neste item tese de doutoramento, quanto à sua estruturação, tem duas formas, tempos definidos ou simples e tempos adverbiais ou compostos, como acontece em Português, havendo os tempos simples e compostos. Deste modo, nas línguas bantu: *«as formas verbais compostas – uma forma verbal composta distingue-se da simples pelo facto que se decompõe em auxiliante e auxiliado, o auxiliado é uma forma dependente (infinitivo), participe ou conjuntivo) da base verbal que determina as propriedades de reação do sintagma considerado globalizante; o auxiliante não intervém em nada na determinação das propriedades sintáticas do sintagma,*

²⁴⁶ NTONDO, Zavoni (2006), *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*, Ed. Mayamba, Luanda, p. 109.

²⁴⁷ Ibidem, p. 113.

mas tem aparência de uma forma verbal simples, segundo (Ntondo 2006: 133)»²⁴⁸ apud Creissels (1999).

5.2. Categorização sintagmática dos verbos em Iwoyo e Português

5.2.1. Função sintática dos pronomes pessoais do GN e GV

O estudo contrastivo das funções sintáticas dos pronomes pessoais do grupo verbal (GV) na pronominalização em iwoyo e português, como referência linguística gramatical, vai permitir-nos compreender, linguisticamente, o estudo deste paradigma gramatical em iwoyo, a conjugação pronominal simples, reflexa, recíproca e perifrástica, evidenciando um estudo linguístico do corpus lexical dos verbos destas duas línguas naturais, tendo em conta os seus princípios e parâmetros gramaticais do verbo.

Neste contexto, o conhecimento linguístico de cada idioma abarca um conjunto de componentes linguísticos que existe em todas as línguas como a sintaxe, morfologia, o léxico, a fonética, fonologia, pragmática e semântica, identificando a peculiaridade de cada língua, isto é, os princípios e parâmetros linguístico-gramaticais comuns e diferentes que constituem a base da Gramática Universal, como afirma Martelotta & all. (2008:135)²⁴⁹, a «*Gramática Universal é o conjunto das propriedades gramaticais comuns e compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU. A faculdade da linguagem é um dispositivo inato, presente em todos os seres humanos como uma herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema generativo, um conjunto de instruções passo a passo – como as inscritas num programa de computador – o qual nos torna aptos para desenvolver (ou adquirir) a gramática de uma língua*».

Vamos, agora, demonstrar alguns aspetos comuns morfossintáticos dos pronomes pessoais destes dois idiomas que indicam as pessoas: 1ª pessoa (eu, nós) em português e (*minu, befu*) em iwoyo, indicando a pessoa a que fala (locutor ou emissor); 2ª pessoa (tu, vós) e (*njye, benu*), a quem se fala (destinatário ou recetor); 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas) e (*nandi*,

²⁴⁸ Supra, p. 133.

²⁴⁹ MARTLOTTA, Mário Eduardo & al. (2008), op. cit.

bawu), de quem se fala. Estes pronomes pessoais descritos e os outros podem exercer na frase a função sintática ou sintagmática de sujeito (sintagma nominal) e objeto direto (SN2), objeto indireto (SP2) e complemento oblíquo (SP2) no predicado (sintagma verbal).

Segundo a função sintática que exerce o leque dos seguintes pronomes pessoais, a sua forma pode ser diferente, conforme ilustra as tabelas seguintes e exemplos que demonstram os pronomes pessoais do português e iwoyo que vão ser utilizados na categorização dos verbos na conjugação pronominal simples, reflexa, recíproca e na pronominalização dos verbos transitivos, tendo em conta os constituintes do objeto direto, indireto e do complemento oblíquo e, também, na conjugação perifrástica dos verbos principais e auxiliares destas duas línguas em estudo:

Tabela 28 : Pronomes pessoais em Português²⁵⁰:

Pronomes pessoais em Português						
Funções sintáticas						
Número	Pessoa	Sujeito	Objeto Direto	Objeto indireto		Complemento Oblíquo
				s/prep.	c/prep.	
Singular	1ª	eu	me	me	mim	mim, comigo
	2ª	tu, você	te	te	ti	ti, contigo
	3ª	ele, ela	se, o, a,	lhe	si, ele, ela	si, consigo, ele, ela
Plural	1ª	nós	nos	nos	nós	nós, connosco
	2ª	vós, vocês	vos	vos	vós	vós, convosco
	3ª	eles(as)	se, os, as	lhes	si, eles, elas	eles, elas

²⁵⁰ MOREIRA, Vasco e PIMENTA, Hilário (2015), op. cit. p. 153.

Tabela 29: Pronomes pessoais em Iwoyo:

Pronomes pessoais em Iwoyo					
Funções sintáticas					
Número	Pessoa	Sujeito	Objeto Direto	Objeto indireto	Complemento oblíquo
Singular	1ª	minu	i, im, iku,	m', um	minu, yami
	2ª	njye	u, m, uku, uyi	njyewo, bu	njye, yaku
	3ª	nandi	u, yawu ²⁵¹ , m, uku, uyi, uci	nandi,	nandi, yandi
Plural	1ª	befu	tu, tum, tuku, twyi, ti	lutu, befu	befu, itu
	2ª	benu	lu, lum, luku, luyi, li	bulu, benu	benu, inu
	3ª	bawu	bu, bi, awu ²⁵² , ba(m), baku, bayi	baba, ube, uba, bawu	bawu, yawu

5.2.1.1. Conjugação pronominal em Iwoyo

Os pronomes pessoais que têm a função sintática de objeto direto em português e em iwoyo formam três tipos de conjugação pronominal (simples, reflexa e recíproca) que vão ser descritos segundo os princípios e paradigmas gramaticais de cada sistema linguístico.

5.2.1.1.1. Conjugação pronominal simples

Esta conjugação é feita com os pronomes pessoais em português (o, a, os, as) e em iwoyo [(*lyau*, *mawu*, *i(m)*, *u(m)*), *tu(m)*, *lu(m)*, *ba(m)*, *lyawu*, *cyawu*, *wawu*, *uci*]. Eis aqui o

²⁵¹ Este pronome pessoal tem a função sintática de objeto direto, significando em português os pronomes pessoais (o, a), junta-se com o prefixo nominal no singular, correspondente a um nome, por exemplo: os nomes no singular com os prefixos nominais li-, mi-,mu-, ci-, lu- (...) fazendo a contração com o pronome pessoal (li + yau <lyau; ci + yau <cyau): 1) M'pana limpá/dê-me o pão; M'pana lyawu/dê-mo; 2) Minu sumbizi cinkhutu/comprei uma camisa; Sumbizi cyawu/comprei-a.

²⁵² O pronome pessoal (trígrafo awu), correspondente em português (os, as) com a função sintática de objeto direto, faz a contração com o prefixo nominal no plural ma-, ba-, zi-, bi- (...) (ba + au <baau; bi + au <byau; zi + au <zau (...)). Eis aqui alguns exemplos: 1) Talanganu baa bami/Veja (olha) os meus filhos; talanganu bawu/veja-os; 2) Twala byuma byami/traz as minhas coisas; Twala byawu/trá-las; 3) Minu nsumbizi makuba mwali manpinda/comprei dois sacos de zinguba; Minu sumbizi mawu/comprei-os.

exemplo deste tipo de conjugação com o verbo amar/*uzola* no presente do indicativo no seguinte quadro:

Tabela 30: verbo amá-lo/ velubu kum'zola

Português	Iwoyo
Amá-lo	Kum'zola
Eu amo-o (a)	Minu im -zoleze
Tu amá-lo (la)	Njye um -nzoleze
Ele ama-o(a)	Nandi um -zoleze
Nós amamo-lo (la)	Befu tum -zoleze
Vós amai-lo (la)	Benu lum -zoleze
Eles amam-no (na)	Bawu bam -zoleze

5.2.1.1.2. Conjugação pronominal reflexa

Nesta conjugação, o sujeito que pratica a ação ele mesmo sofre a ação. A conjugação reflexa em Português é feita com os pronomes pessoais (me, te, se, nos, vos, se) e em Iwoyo [*i, u, tu, lu, ba*]. Vamos apresentar alguns exemplos com os verbos **lavar-se** em português / e **kusukula** em iwoyo no presente do indicativo e **ferir-se** (português) e **kulweka** (iwoyo) (pretérito perfeito simples do indicativo).

Segundo as nossas investigações do iwoyo, achámos que o pronome reflexo verbal personificado **ku** é invariável na forma infinitiva, tendo as formas latentes dos pronomes pessoais reflexos que têm a função sintática de objeto direto, que na conjugação reflexa são flexíveis nas formas pronominais na 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e plural no iwoyo: **i** (me), **u** (te), **u** (se), **tu** (nos), **lu** (vos); **bi** ou **ba** (se):

Tabela 31: verbo lavar-se/ velubu kysukula:

Português	Iwoyo
Lavar-se	Kusukula

Eu lavo- me	Minu iku -sukula
Tu lavas- te	Njye uku -sukula
Ele lava- se	Nandi uku -sukula
Nós lavamo- nos	Befu tuku -sukula
Vós lavai- vos	Benu luku -sukula
Eles lavam- se	Bawu baku -sukula

Tabela 32: verbo ferir-se/ velubu kyulweka:

Português	Iwoyo
Ferir-se	Kyulweka
Eu feri- me	Minu i-lwekeze
Tu feriste- te	Ndjye u -lwekeze
Ele feriu- se	Nandi u -lwekeze
Nós ferimo- nos	Befu tu -lwekeze
Vós feriste- vos	Benu lu -lwekeze
Eles feriram- se	Bawu ba -lwekeke

5.2.1.1.3. Conjugação pronominal recíproca

Esta conjugação é feita em português com os pronomes pessoais (nos, vos, se) no plural e em Iwoyo (**tu** ou **ti**, **lu** ou **li**, **ba** ou **bi**), exprimindo reciprocidade na ação praticada. Eis aqui alguns exemplos com os verbos abraçar-se / **kuzingazyana** e cumprimentar-se / **kubilazyana** no presente do indicativo.

Tabela 33: verbo abraçar-se / velubu uzingazyana:

Português	Iwoyo
Abraçar-se	kuzingazyana
Nós abraçamo- nos	Befu tu -zingazyana ou ti -zingazyana
Vós abraçai- vos	Benu lu -zingazyana ou li -zingazyana
Eles abraçam- se	Bawu bi -zingazyana

Tabela 34: verbo cumprimentar-se / velubu ubilazyana:

Português	iwoyo
Cumprimentar-se	Ubilazyana
Nós cumprimentamo- nos	Befu tu -bilazyana ou tibilzyana
Vós cumprimentai- vos	Benu lu -bilazyana ou libilazyana
Eles cumprimentam- se	Bawu bi -bilazyana

5.2.1.2. Pronominalização em português e em iwoyo

A pronominalização é um processo linguístico, propriamente dito, gramatical, que vai permitir demonstrar, neste trabalho, um estudo contrastivo de duas línguas faladas em Cabinda, uma como L1 e outra como L2 para alguns falantes-ouvintes. Este processo permite substituir o nome do sujeito, objeto direto, indireto pelo correspondente aos pronomes pessoais em português (eu, tu, ele(a), nós, vós, eles (as), o, a, os, as, me, te, nos, vos, lhe, lhes) e em iwoyo (*minu, njiye, nandi, befu, benu, bawu, yawu, awu, um, ube, i, u, tu, lu, ba, bu*) e, do mesmo modo, substituir o complemento oblíquo aos pronomes pessoais em Português (mim, comigo, ti, contigo, si, consigo, a ele, a ela, a nós, connosco, vós, convosco, a eles, a elas) e em iwoyo (*yami, yaku, yandi, ayi nandi, itu, inu, yawu, ayi bawu*). Estes pronomes complementos, uns são só usados na substituição do nome com aqueles que só têm a função sintática de sujeito, complemento direto, complemento indireto e complemento oblíquo em português e em iwoyo, (cf. as tabelas precedentes).

Exemplos:

1. O João deu um pão ao Zau e José. (port.)
João vene limpá ke Zau nzua José. (iwo.)
 - 1.1. Ele deu-lhes um pão. / Nandi uba-vene limpá.
2. O João deu-o ao Zau e José. / João vene lyawu ke Zau nzua José.
3. Ele deu-lhos. (port)
Nandi uba-vene lyawu. (iwo)
4. O Ngoma deu uma camisa à Malila. (port)
 Ngoma vene cinkhutu ke Malila. (iwo)

6. O Ngoma deu-a à Malila. (port)
 - a) Ngoma vene cyawu ke Malila. (iwo)
 - b) Ngoma uci-vene ke Malila. (iwo)
7. O Ngoma deu-lhe uma camisa. (port)

Ngoma m-vene cinkhutu. (iwo)
8. O Ngoma deu-lha. (port.)

Ngoma m-vene cyawu. (iwo)
9. O Ngoma deu-a a ela. (port)

Ngoma vene cyawu ke nandi. (iwo)
10. O Miaca comeu um mincate. (port)

Miaca lili munkatu. (iwo)
11. a) O Miaca comeu-o. (port)
 - b) Miaca lili wawu. (iwo)
 - c) Miaca u-ulili. (iwo)
12. Nós comemos mincates. (port)

Befu tulili minkatu. (iwo)
13. Eu comi-o. (port)
 - a) Minu i-ulili./ b) Minu ndili wawu. (iwo)
14. Tu comeste-o. (port)

Ndjye u-ulili. (iwo)
15. Ele comeu-o. (port)

Nandi u-ulili. (iwo)
16. Nós comemo-lo. (port)
 - a) Befu tu-u-lili./ b) Befu tulili wawu. (iwo)
17. Vós comeste-lo. (port)
 - a) Benu lu-u-lili./ b) Benu lulili wawu. (iwo)
18. Eles comeram-no. (port)
 - a) Bawu ba-u-lili./ b) Bawu balili wawu. (iwo)
19. Nós fomos ontem com a Maria à praia. (port)

- a) Befu twendéze ayi Maria mulukweko. (iwo)
 - b) Tuyendéze ayi Maria mu lukweko. (iwo)
20. Nós fomos com ela à praia. (port)
- a) Befu twendéze yandi mulukweko. (iwo)
 - b) Tuyendéze yandi. (iwo.)
21. O João vai comigo ao Buco-Zau. (port)
- João ukwenda yami ku Buco-Zau. (iwo)
22. O Luemba comeu com o meu pai ontem, e eu como com ele hoje. (port)
- Luemba ulíli ayi tat'ami cibéle yono, i minu, bubu, ilya yandi. (iwo)
23. Luemba comeu connosco hoje. (port)
- Luemba lili yitu bubu. (iwo)

5.2.2.3. O uso do pronome impessoal se em Português e ba em Iwoyo

De acordo com Raposo (1992, 44-45), “o uso do sujeito pronominal nas línguas românicas em que este pode ser nulo (como em Português e Italiano), o se impessoal pode ocorrer em orações simples ou em orações subordinadas, desde que os verbos respetivos pertençam a uma das conjugações do indicativo ou do conjuntivo”.

Nesta mesma senda da linguística generativa, podemos evidenciar que os parâmetros linguísticos do estudo contrastivo do português e iwoyo, tendo em conta esta realidade linguística, também se verifica em iwoyo. Deste modo, vamos usar alguns exemplos das frases gramaticais em português deste autor supracitado como referência e modelo para os exemplos em Iwoyo. O uso do pronome impessoal se em Português e ba em Iwoyo, no contexto contrastivo destes dois sistemas linguísticos, tendo em conta alguns aspetos gramaticais peculiares de cada língua conforme mostram os exemplos seguintes:

- a. Telefonou-se ao João. (Alguém telefonou ao João). (port)
- b. Ba-telefoneze João. (Muntu ou cigandi) telefoneze João). (Iwo)
- c. Ele disse [que se tinha telefonado ao João]. (port)
- d. Nandi katubizi [ti ba-telefoneze João]. (Iwo)
- e. Ele quer [que se telefone ao João]. (port)

- f. Nandi kitomba [bwingi ba-telefona João]. (Iwo)

Na língua portuguesa e no iwoyo (língua Ibinda), o se e o ba impessoal podem ocorrer numa oração em que o verbo seja, infinitivo, enquanto nas outras línguas românicas, como o Espanhol e Italiano, o se impessoal não pode ocorrer numa oração em que o verbo seja o infinitivo, vejamos estes exemplos:

- g. É necessário [telefonar-se ao João]. (port)
h. Ncinzi kele bwinji [ba-telefona ka João]. (Iwo)
i. * E necessário [telefonarsi a Giovanni]. (Italiano)
j. * Es necessário [telefonearse a Juan]. (Espanhol)

Estes exemplos das frases apresentadas anteriormente em Português, Italiano e Espanhol foram extraídos a partir do trabalho linguístico de Raposo (1992:44-45)²⁵³. Segundo o mesmo autor, afirma que «*o português, contrariamente às duas línguas novilatinas (espanhol e italiano), possui uma conjugação de “infinitivo flexionado, ou pessoal”, a qual consiste na forma do infinitivo modificado por sufixo de concordância em pessoa e número*»; esta realidade linguística verifica-se também em iwoyo, conforme testifica a alínea “h”.

Nós apurámos, linguisticamente, no nosso estudo e investigação do Iwoyo que há uma compatibilidade linguística com o Português no uso da forma do infinitivo flexionado, ou pessoal, a qual consiste na forma do infinitivo modificado por sufixo de concordância em pessoa e número, conforme o exemplo morfossintático h) de ibinda descrito em contraste com as línguas novilatinas (português, italiano e espanhol).

5.2.2. Conjugação perifrástica em português e iwoyo

5.2.2.1. Conjugação perifrástica em português

Na língua Portuguesa, a conjugação perifrástica é constituída por um verbo principal, no infinitivo ou gerúndio, e um auxiliar, no tempo que se quer conjugar por um falante (emissor).

²⁵³ RAPOSO, Eduardo Buzalo Paiva (1992), op. cit. p. 44-45.

Neste item, vamos apresentar alguns verbos auxiliares da voz perifrástica da língua Portuguesa, que nos vão permitir fazer um estudo contrastivo da conjugação perifrástica com os verbos auxiliares do iwoyo, fruto das investigações feitas; eis aqui alguns verbos auxiliares da voz perifrástica: ir, vir, andar, dever, deixar, estar, ter, haver, começar, acabar, continuar.

Na língua Lusa, os verbos na forma perifrástica adquirem algumas tonalidades de sentido característico, relacionadas com o aspeto verbal. Nesta sequência linguística, vamos descrever algumas tonalidades mais frequentes na língua portuguesa:

1. Necessidade ou obrigatoriedade de praticar a ação: [ter + infinitivo]

- 1.1. Tenho de comprar umas calças. / *Minu fwete usumba kalsa.* (iwo)
- 1.2. Eles terão de falar com a professora. / *Bawu bafwete ka sonsa ayi m'longoso m'cyentu.* (iwo)

2. Resolução ou certeza de praticar a ação: [haver de + infinitivo]

- 2.1. Hei- de ir ao cinema, no sábado. / *Ila kwenda ku sinema mu sabala.* (iwo)
- 2.2. Havemos de conseguir os livros de leitura. / *Tula baka zibuku zi tanga.* (iwo)

3. Intenção de ou proximidade de realização da ação: [estar para + infinitivo]

- 3.1. Estive para lhe telefonar, mas, entretanto, ele chegou. / *Mbele bwingi i kuba nsinga mayo, me, muna ilokolo bene, nandi vikizi.* (iwo)
- 3.2. Estávamos para ir a Lândana, mas desistimos. / *Nkana tubemeze mu kwenda ku Lândana, me tuvunzisi (tusaba kwenda kó).* (iwo)

4. Realização duma ação do futuro imediato ou longínquo com o verbo ir no presente do indicativo mais o infinitivo: [ir + infinitivo]

- 4.1. O João vai partir a Buco-Zau. / *João mu so kenda ku Buco-Zau.* (iwo)
- 4.2. Eu vou concorrer ao concurso da literatura. / *Minu mu so yenda mu konkursu ku litelatula.* (iwo)

5. **Acontecimentos ou ações concomitantes (que ocorrem ao mesmo tempo):**

[Estar a + infinitivo]; [Ir a + infinitivo]

- 5.1. Estava a escrever, quando a mãe chegou. / *Usonika ba sonika, itangu ina (bunani) mama kuvikízi. (iwo)*
- 5.2. O Zé e a Malonda iam a sair, quando o Tadeu entrou. / *Zé ayi Malonda kana babasikizi, ilokulo cina Tadeu kukoteze. (iwo)*

6. **Realização de uma ação prolongada: [andar a + infinitivo ou estar a + infinitivo];**

[andar + gerúndio ou estar + gerúndio]

- 6.1. A Maria anda a tirar a carta de condução. / *Maria nkanda kyalu kete kwenda kabotula. (iwo)*
- 6.2. Estávamos a ser aldrabados no negócio. / *Vuna ba fiti tuvuna mu lugosu. (iwo)*
- 6.3. A Joana estava procurando uma solução dos seus problemas idílicos. / *Joana nswakulu ka fiti tombanga (bilanga) mu mambu mándi mu luzolo. (iwo)*

7. **Realização gradual de uma ação: [ir + gerúndio ou ir a + infinitivo]; [vir + gerúndio ou vir a + infinitivo]**

- 7.1. Os alunos vão a entrar na sala de aulas. / *Zilunu beka kota mu nzó nkanda. (iwo)*
- 7.2. Os passageiros iam reclamando os seus bilhetes. / *Bakwendi tunda baka tundangqa mubila cizibilyete zyawu. (iwo)*
- 7.3. Os rapazes vêm chegando da praia. / *Batenda vika ba vikanga mu fumina mu lukweko. (iwo)*

8. **Probabilidade ou dever: [dever + infinitivo]**

- 8.1. A minha mãe é que deve saber o que aconteceu na igreja. / *Mam'ami nawuna fwete uzaba ncyá civyokeze (cibele) mu nzózambi. (iwo)*
- 8.2. Devíamos ajudar os deficientes, porque eles precisam muita ajuda. / *NKana tufwete uzudya bana babéla, ibila bawu lusalusu luwombo bitomba. (iwo)*

Nota: Na língua Portuguesa, há verbos que são aspectuais, quer dizer, o próprio significado do verbo já é em si mesmo aspectual. Estão nesta condição linguística os verbos como começar (utona), principiar (utona), continuar (ukontinwa), acabar (umanisya). Neste contexto linguística, o ibinda também obedece, linguisticamente, as tonalidades da

conjugação perifrástica verificadas em português, conforme demonstram os exemplos precedentes.

5.2.2.2. Conjugação perifrástica em Iwoyo

Em iwoyo, segundo as nossas investigações feitas em contraste com o português, chegámos a conclusão que, nesta variedade diatópica de ibinda e as outras etnolinguísticas deste idioma bantu, a conjugação perifrástica obedece certos princípios linguísticos específicos; esta é constituída por um verbo principal conjugado no infinitivo ou em qualquer tempo do modo verbal, e um verbo auxiliar ou um outro verbo conjugado em qualquer tempo verbal que o emissor utilizar na sua fala como em português; às vezes, nesta conjugação, pode aparecer um advérbio como auxiliar da conjugação perifrástica.

Nesta sequência gramatical, vamos apresentar alguns aspetos que achámos pertinentes e peculiares da conjugação perifrástica desta língua bantu:

1. Conjugação Perifrástica em Iwoyo: [verbo Principal no infinitivo + verbo auxiliar] - a repetição do mesmo verbo como principal + auxiliar no tempo finito:

- 1.1. Minu ulya ilya. (iwo)
1. 2. Eu estou a comer. (pot)
- 1.3. *Eu comer como (port)
1. 4. Njye ulya ulya, (iwo)
- 1.5. Tu estás a comer. (port)
- 1.6. *²⁵⁴Tu comer comes. (port)
- 1.7. Nandi ulya kilya. (iwo)
- 1.8. Ele está a comer. (port)
- 1.9. * Ele comer come, (port)
- 1.10. Befu ulya tulya. (iwo)
- 1.11. Nós estamos a comer. (port)
- 1.12. *Nós comer comemos. (port)
- 1.13. Beenu ulya lulya. (iwo)

²⁵⁴ Todas as frases com asterisco representam uma tradução ad litteram de iwoyo para português, isto é, são frases agramaticais..

- 1.14. Vós estais a comer. (port)
- 1.15. *Vós comer comeis. (port)
- 1.16. Bawu **ulya bilya**. (iwo)
- 1.17. Eles (as) estão a comer. (port)
- 1.18.*Eles comer comem. (port)

Estes exemplos acima descritos mostram que, no Iwoyo, o verbo principal **ulya** (comer), no infinitivo, e auxiliar **ulya** (comer), no tempo finito, testificam a realidade desta tonalidade da conjugação perifrástica em que o mesmo verbo aparece como verbo principal no infinitivo e auxiliar conjugado no tempo e modo, concordando com a pessoa e número (singular ou plural) gramatical. O verbo auxiliar tem o valor semântico do verbo estar em Português conforme as traduções ilustram.

2. Conjugação Perifrástica em Iwoyo: [verbo principal no infinitivo + verbo auxiliar ufika + verbo Principal como auxiliar no tempo finito]

- 2.1. Minu usonika fiti sonika / eu estive a escrever
- 2.2. Njye usonika fiti sonika / tu estiveste a escrever
- 2.3. Nandi usonika kufiti sonika / ele (a) esteve a escrever
- 2.4. Befu usonika tufiti sonika / nós estivemos a escrever
- 2.5. Benu usonika lufiti sonika / vós estivestes a escrever
- 2.6. Bawu usonika bafiti sonika / eles(as) estiveram a escrever

3. Conjugação Perifrástica em Iwoyo: [verbo principal no infinitivo + verbo auxiliar ufita + verbo principal como auxiliar no tempo finito]

- 3.1. Minu ulya ifiti lya./ eu estive a comer
- 3.2. Njye ulya ufiti lya./ tu estiveste a comer
- 3.3. Nandi ulya kafiti lya./ ele esteve a comer
- 3.4. Befu ulya tufiti lya./ nós estivemos a comer
- 3.5. Beenu ulya lufiti lya./ vós estivestes a comer
- 3.6. Bawu ulya bafiti lya./ eles estiveram a comer

4. Conjugação Perifrástica em Iwoyo: [verbo principal no infinitivo + verbo auxiliar ufika + verbo principal como auxiliar no tempo finito]

- 4.1. Minu utanga ifika tanga. /eu estive a ler
- 4.2. Njye utanga ufika tanga. / tu estiveste a ler
- 4.3. Nandi utanga kafika tanga. /ele esteve a ler
- 4.4. Befu utanga tufika tanga. /nós estivemos a ler
- 4.5. Beenu utanga lufika tanga. /vós estivestes a ler
- 4.6. Bawu utanga bafika tanga. /eles estiveram a ler

5. Conjugação Perifrástica em Iwoyo: [verbo principal no infinitivo + verbo auxiliar uba + verbo principal como auxiliar no tempo finito]

- 5.1. Minu ubíla yaba bíla. / eu estava a procurar
- 5.2. Njye ubíla waba bíla. / estavas a procurar
- 5.3. Nandi ubíla kaba bíla. / ele estava a procurar
- 5.4. Befu ubíla twaba bíla. / nós estávamos a procurar
- 5.5. Bénu ubíla lwaba bíla. /vós estáveis a procurar
- 5.6. Bawu ubíla baba bíla. Eles estavam a procurar

Nos exemplos precedentes da conjugação perifrástica em iwoyo, demonstram que, linguisticamente, a tonalidade da conjugação perifrástica deste idioma obedece outros parâmetros linguísticos peculiares em contraste com aqueles da língua Portuguesa. Nestes exemplos, foram demonstrados que, em Iwoyo, há uma repetição do mesmo verbo (como auxiliar no tempo finito e principal no infinitivo) e um terceiro verbo que se posiciona no meio que concorda com o verbo auxiliar no tempo finito (modo, tempo, número e pessoa), verificando a existência de dois verbos auxiliares e um principal. Segundo este parâmetro linguístico peculiar deste sistema linguístico demonstrado no ibinda dos bawoyo, iwoyo, a especificidade da realidade linguística desta língua bantu. Neste estudo e análise, chegámos a conclusão que a especificidade linguística deste idioma revela que os dois verbos auxiliares testificam a realidade linguística específica deste idioma, como mostram os exemplos das frases 2.1.) *fiti sonica*, 3.1.) *ifiti lya*, 4.1.) *ifika tanga*, e 5.1.) *yaba bila*, que estes verbos auxiliares têm um valor semântico semelhante em Português como o verbo estar.

6. Conjugação Perifrástica em Iwoyo: [verbo auxiliar umana + o verbo principal utanga no infinitivo]

- 6.1. Minu me mana utanga / eu (já) acabei de ler
- 6.2. Njye ma mana utanga / tu (já) acabaste de ler
- 6.3. Nandi ma mana utanga / ele(a) (já) acabou de ler
- 6.4. Befu tu mana utanga / nós (já) acabámos de ler
- 6.5. Benu lu mana utanga / vós (já) acabastes de ler
- 6.6. Bawu ba mana utanga / eles(as) (já) acabaram de ler

Nestes exemplos das frases escritas, verifica-se uma outra tonalidade linguística do iwoyo em que aparece os pronomes pessoais: *me, ma, ma, tu, lu, ba* (me, te, se, nos, vos, se em português) que têm o valor semântico do advérbio “já” em português, um verbo auxiliar umana (acabar) e um verbo principal utanga (ler), tendo a tradução *ad litterum*, como demonstra o exemplo na frase 6.1.) *Minu me mana usonika*: (a. *Eu me acabei de ler; b. Forma certa: Eu já acabei de ler).

7. Outras tonalidades da conjugação perifrástica

Além destes aspetos linguísticos apresentados ou tonalidades da conjugação perifrástica desta língua bantu, Ibinda, na variante Iwoyo, podemos apresentar alguns verbos auxiliares que considerámos importantes e transcrevemo-los com alguns exemplos de tonalidades perifrásticas como verbos auxiliares: ukwenda (ir), ukwiza (vir), ufweta (dever, ter), ubika (deixar), ubá (estar), ubaka (ter), utóna (começar), umana (terminar, acabar):

- 7.1. João ufweti usumba bilya. / O João deve (ou tem de) comprar comida.
- 7.2. Minu ikwenda kalya. / Eu vou comer.
- 7.3. Befu tuma kwiza kuloba. / Nós viemos pescar.
- 7.4. Bawu bama tóna ulyata. / Eles começaram a andar.
- 7.5. José ma mana ulya. / O José acabou de comer.
- 7.6. Maria ukontinwa kikontinwa ulembekela. / A Maria continua a dormir.
- 8.7. Minu ifwete usumba cinkhutu acici. / Devo comprar esta camisa.
- 8.8. Minu ifitizi kum telefona, me nandi uzizi muna utangu bene. / Estive para lhe telefonar, mas, entretanto, ele chegou.
- 8.9. Tufitizi ukwenda ku Brazil, me, tusaba kwenda ko. / Estávamos para ir ao Brasil, mas desistimos.

8.10. Unoka ka fitti noka, *ithangu inani imwene.* / Estava a chover, quando te vi.

5.2.2.3. O uso dos verbos modais e auxiliares da conjugação perifrástica em iwoyo

Vamos apresentar alguns verbos modais em Iwoyo com o mesmo significado semântico em português: **uweka** (ir, estar), **ulá** (ir), **uweta** (ter) são verbos auxiliares que se utiliza nesta língua bantu para atribuir um significado particular e específico ao verbo principal na conjugação perifrástica, tendo em conta os aspetos peculiares que estes verbos exprimem, linguisticamente, em relação ao verbo principal, com as características complementares que os ostentam somente como verbos auxiliares modais.

Os verbos modais em ibinda não se conjugam como os restantes verbos, porque estes apresentam cada um uma forma única linguística nesta língua, tendo em conta os parâmetros linguísticos peculiares. Esta é um dos parâmetros linguísticos que o Iwoyo, língua Ibinda, pode apresentar em relação a estes verbos. Fora deste contexto, estes verbos em Iwoyo apresentam características bem definidas e peculiares em relação aos parâmetros linguísticos de algumas línguas bantu, da família das línguas bacongo. Vamos apresentar as características e as tonalidades de cada um destes verbos auxiliares:

1. O verbo **uweka** (ir, estar)

Este verbo auxiliar da conjugação perifrástica tem um significado semântico equivalente ou aproximadamente em português com os verbos (**ir** e **estar**). O verbo **uweka** é usado em Iwoyo como verbo auxiliar da conjugação perifrástica na formação do presente, do futuro próximo, do futuro mais próximo e longínquo conjugado no presente do indicativo com a significação de ir ou estar na língua Portuguesa. Vamos mostrar agora uma outra perspetiva linguística do estudo contrastivo do iwoyo com a língua inglesa, tendo em conta a conjugação verbal deste idioma chamado “Future with Present Continuous” ou “Future with be going to”, indicando uma ação de futuro, fazendo referência a coisas combinadas com outras pessoas. *Pode usar-se o “Future with Present Continuous” ou “Future with be going to” para exprimir planos ou intenções para futuro, previsões baseadas em factos do presente também. As expressões temporais permitem distinguir o presente dos compromissos futuros. Esta é a realidade específica da língua inglesa, que tem uma equiparação analógica*

morfossintática, semântica e linguística, segundo as nossas investigações linguísticas feitas com a realidade semântica e linguística da língua ibinda, na sua conjuntura das variedades diatópicas, por exemplo, a variedade em estudo, o Iwoyo, tendo alguns aspetos realçados por este estudo contrastivo e analógico com a língua inglesa, conforme apresentaremos os exemplos do seguinte item com a tradução em português.

Vejamos esta outra tonalidade da conjugação perifrástica que este verbo auxiliar ***uweka*** exprime, quando tem o significado semântico do verbo estar em Português. Ali, este verbo exprime uma ação da conjugação perifrástica do presente contínuo como em inglês, isto é, o verbo ***uweka*** (estar) no presente do indicativo e o verbo principal vai no infinitivo, como apresentam os exemplos seguintes:

1.1. Conjugação Perifrástica em Iwoyo no presente: [verbo auxiliar *uweka* + verbo principal *usonika*]. Exemplos:

- 1.1.1. Minu yeki sonika. / Eu estou a escrever.
- 1.1.2. Njye weki sonika. / Tu estás a escrever.
- 1.1.3. Nandi weki sonika. / Ele está a escrever.
- 1.1.4. Befu tweki sonika. / Nós estamos a escrever
- 1.1.5. Bénu lweki sonika. / Vós estais a escrever
- 1.1.6. Bawu beki sonika. / Eles estão a escrever

1.2. Conjugação Perifrástica em Iwoyo no futuro mais próximo (agora): [verbo auxiliar *uweka* + verbo principal *usonika*]:

- 1.2.1. Minu yekizi sonika. / Eu vou escrever.
- 1.2.2. Njye wekizi sonika. / Tu vais escrever.
- 1.2.3. Nandi wekizi sonika. / Ele vai escrever.
- 1.2.4. Befu twekizi sonika. / Nós vamos escrever.
- 1.2.5. Bénu lwekizi sonika. / Vós ides escrever.
- 1.2.6. Bawu bekizi sonika. / Eles vão escrever.

1.3. Conjugação perifrástica em Iwoyo do futuro próximo (mais tarde): [verbo auxiliar *uweka* + principal *usonika*]:

- 1.3.1. Minu yaka sonika. / Eu vou comer.

- 1.3.2. Njye waka sonika. / Tu vais comer.
- 1.3.3. Nandi waka sonika. / Ele vai comer.
- 1.3.4. Befu twaka sonika. / Nós vamos comer.
- 1.3.5. Bénu lwaka sonika. / Vós ides comer.
- 1.3.6. Bawu baka sonika. / Eles vão comer.

1.4. Future with be going to em inglês com a tradução em português e iwoyo:

- 1.4.1. I'm going to write. / Eu vou escrever. / Minu yekizi sonika
- 1.4.2. You are going to write. / Tu vais escrever. / Njye wekizi sonika
- 1.4.3. He/she is going to write. / Ele vai escrever. / Nandi wekizi sonika
- 1.4.4. We are going to write. / Nós vamos escrever. / Befu twekizi sonika
- 1.4.5. You are going to write. / Vós ides escrever. / Bénu lwekizi sonika
- 1.4.6. They are going to write. / Eles vão escrever. / Bawu bekizi sonika

1.5. Future with Present Continuous em inglês com a tradução em português e iwoyo:

- 1.5.1. I'm writing. / Eu estou a escrever. / Minu yeki sonika.
- 1.5.2. You are writing. / Tu estás a escrever. / Njye weki sonika.
- 1.5.3. He/she is writing. / Ele está a escrever. / Nandi weki sonika.
- 1.5.4. We are writing. / Nós estamos a escrever. / Befu tweki sonika.
- 1.5.5. You are writing. / Vós estais a escrever. / Bénu lweki sonika.
- 1.5.6. They are writing. / Eles estão a escrever. / Bawu beki sonika.

2. O verbo ulá (ir) em iwoyo

Este verbo modal em Iwoyo é usado somente como auxiliar do verbo principal, completando o sentido do verbo principal, traduzindo, semanticamente, o futuro do presente simples do indicativo em Iwoyo sem o prefixo u que traduz o infinitivo dos verbos em Iwoyo. Da mesma forma, este verbo auxiliar em Iwoyo tem quase as mesmas características do verbo **will** na língua inglesa como auxiliar do futuro simples em Inglês, isto é, o futuro em inglês com **will**, refere-se a um tempo posterior ao presente e expressa factos, certezas e opiniões.

No inglês, o **will** é sempre seguido de um verbo no infinitivo sem **to**. Este tempo em inglês utiliza-se para: 1) previsões para o futuro; 2) decisões espontâneas tomadas no

momento em que se está a falar; 3) demonstrações de vontade; 4) ordens; 5) convites. O verbo modal **Will** utiliza-se com expressões temporais como: *tomorrow, tonight, next, week, soon, in a week*, etc. Parafraseando Malavieille & Rotgé (2000:64)²⁵⁵, ao contrário do português, e **will** está mais próximo semanticamente do iwoyo, língua ibinda; o inglês não tem um tempo futuro formado somente por um verbo. Para se fazer referência ao tempo futuro em inglês, emprega-se o verbo modal **will** ou determinadas expressões (...), (cf. aquelas autoras supracitadas na p. 64). A língua ibinda, segundo a nossa investigação e estudo da variante iwoyo, segue quase os mesmos parâmetros linguísticos como na língua inglesa no que tange ao tempo futuro. Para mais informações, (cf. PATERSON, HARRISON & COE, 2008 p. 98, 100, 102)²⁵⁶. Nesta conformidade, vamos apresentar os exemplos seguintes da realidade linguísticas destas duas línguas com traduções em português:

2.1. Futuro do presente simples do indicativo em Iwoyo e português

Minu **ilá** sonika. / Eu escreverei.
Njye **ulá** sonika. / Tu escreverás.
Nandi **ulá** sonika. / Ele (a) escreverá.
Befu **twelá** sonika. / Nós esceveremos..
Bénu **lwelá** sonika. /Vós escrevereis.
Bawu **balá** sonika. Eles esceverão

2.2. Future with will em inglês

I **shall** write. / Minu **ilá** sonika. / Eu escreverei.
You **will** write. / Njye **ulá** sonika. / Tu escreverás.
He/she **will** write. / Nandi **ulá** sonika. / Ele(a) escreverá.
We **shall** write. / Befu **twelá** sonika. / Nós esceveremos.
You **will** write. / Bénu **lwelá** sonika. /Vós escrevereis.
They **will** write. / Bawu **balá** sonika. Eles esceverão.

²⁵⁵ MALAVIEILLE, Michéle & ROTGÉ, Wilfrid (2000). Consolidar a Gramática Inglesa, 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, Plátano Editora, Lisboa.

²⁵⁶ PATERSON, Ken, HARRISON, Mark & COE, Norman (2008). Grammar Spectrum for Portuguese students, Ideal para o 3º Ciclo e Secundário e para o estudo autónomo/Explicações gramaticais claras em português, Oxford University Press. Translation into Portuguese by Vanda Meneses and Teresa Barbosa.

3. O verbo uweta (ter)

Este verbo modal em Iwoyo é um verbo auxiliar que tem o significado semântico **ter** em Português. Segundo o nosso estudo e a nossa investigação, este verbo só é conjugado no presente do indicativo como verbo auxiliar do pretérito perfeito composto em Iwoyo. Fora deste contexto linguístico, este verbo não tem outro significado semântico neste idioma. Deste modo, vamos apresentar alguns exemplos do pretérito perfeito composto do indicativo deste verbo:

3.1. Pretérito perfeito composto do indicativo em Iwoyo e português

Minu **yeta** samba. / Eu **tenho** rezado.
Njye **weta** samba. / Tu **tens** rezado.
Nandi **weta** samba. / Ele(a) **tem** rezado.
Befu **tweta** samba. / Nós **temos** rezado.
Bénu **lweta** samba. / Vós **tendes** rezado.
Bawu **beta** samaba. / Eles(as) **têm** rezado.

4. Outras investigações dos verbos em Iwoyo

a) Pretérito perfeito adverbial do indicativo

Minu me Iya. / Eu já comi.
Njye ma Iya. / Tu já comeste.
Nandi ma Iya. / Ele(a) já comeu.
Befu tu ma Iya. / Nós já comemos.
Bénu lu ma Iya. / Vós já comestes.
Bawu ba ma Iya. / Eles(as) já comeram.

b) Pretérito perfeito composto

Minu yeta sonika. / Eu tenho escrito
Njye weta sonika. / Tu tens escrito..
Nandi weta sonika.. / Ele(a) tem escrito..
Befu tweta sonika. / Nós temos escrito
Bénu lweta sonika. / Vós tendes escrito..

Bawu beta sonika. / Eles(as) têm escrito.

c) Pretérito perfeito composto

Minu isalánga. / Eu tenho trabalhado.

Njye usalánga. / Tu tens trabalhado.

Nandi usalánga. / Ele tem trabalhado.

Befu tusalánga. / Nós temos trabalhado..

Bénu lusalánga. / Vós tendes trabalhado.

Bwau bisalaanga. / Eles têm trabalhado.

d) Pretérito perfeito composto gerundivo

Minu ikwendanga. / Eu tenho ido.

Njye ukwendanga.. / Tu tens ido.

Nandi ukwendanga. / Ele(a) tem ido.

Befu tukwendanda. / Nós temos ido.

Bénu lukwendanga. / Vós tendes ido.

Bawu bikwendanga. / Eles(as) têm ido.

e) Pretérito mais que perfeito

Minu isónika. / Eu tinha escrito.

Njye usónika. / Tu tinhas escrito.

Nandi usonika. / Ele(a) tinha escrito.

Befu tusónika. / Nós tínhamos escrito.

Bénu lusónika.. / Vós tínheis escrto.

Bawu basónika. / Eles(as) tinham escrito..

f) Pretérito imperfeito

Minu iba sonikyanga. / Eu escrevia.

Njye uba sonikyanga. / Tu escrevias,

Nandi uba sonikyanga. / Ele(a) escrevia.

Befu tuba sonikyanga. / Nós escrevíamos.

Bénu luba sonikyanga. / Vós escrevíeis.

Bawu baba sonikyanga. / Eles(as) escreviam.

5.3. Os tipos de predicados do grupo verbal em português e iwoyo

O grupo verbal (GV), predicado, é a função sintática ou sintagmática do constituinte da frase que seleciona os restantes constituintes que ocorrem nele. Esta função sintática ou sintagmática desempenhada pelo verbo e complementos que seleciona, permite determinar o objeto indicado pelo sujeito ou afirmando algo sobre ele.

Como é do nosso conhecimento, como estudiosos e investigadores em linguística e ensino de língua, que um dos objetivos principais do estudo da língua é a construção de uma gramática explícita de língua que corresponda com a realidade do conhecimento gramatical explícito de um idioma de uma comunidade linguística, formando, neste caso, um modelo do conhecimento linguístico global que constitui a competência linguística e comunicativa dos falantes-ouvintes de um sistema linguístico, tendo em conta os seus princípios e parâmetros gramaticais e linguísticos.

É nesta perspetiva que o estudo e análise do corpus lexical dos verbos em iwoyo em contraste com o português, nesta investigação científica da tese de doutoramento em Linguística, está a obedecer os seguintes critérios metodológicos no estudo contrastivo da estrutura do GV (predicado ou SV) destes dois idiomas, enquadrando os seguintes aspetos: **1)** Analisar os diferentes tipos de estrutura do GV em iwoyo e português, partindo do sentido da proposição linguística que lhes é subjacente; **2)** Analisar a construção destas estruturas, tendo em conta a posição do verbo em relação aos constituintes do GV, o predicado, e os outros constituintes imediatos da frase, identificando a classe e a posição morfossintática do eixo sintagmático e paradigmático das palavras (categorias sintagmáticas e paradigmáticas), procurando explicar as suas compatibilidades e incompatibilidades entre os valores que concorrem na sequência estrutural dos dois sistemas linguísticos, convergindo também a sua significação global na frase; **3)** Vamos apresentar e introduzir diferentes tipos de representação linear do GV (SV), predicado, que poderão facilitar o estudo e o ensino/aprendizagem bilingue do GV das frases em iwoyo e português. Procuraremos também esclarecer a realidade linguística dos verbos significativos e predicativos do iwoyo num estudo contrastivo com o português, tendo em conta os seus complementos verbais.

Neste estudo, o corpus lexical dos verbos em iwoyo e português é contrastivo, tendo em conta a peculiaridade de cada uma das línguas.

5.3.1. Tipos de Predicado em português e iwoyo

Na língua portuguesa e Iwoyo, encontrámos dois tipos de predicado: verbal e nominal, como existe também nas outras línguas naturais, tendo em conta a GU, LG e LD.

a) Predicado Verbal

Este tipo de predicado tem como núcleo um verbo significativo, ou seja, um verbo principal que contém uma ideia e um significado. Nesta conformidade, os verbos significativos ou principais dividem-se em verbos intransitivos e transitivos (diretos, indiretos e ditransitivos). Neste item, só vamos analisar e explicar o predicado ou SV na frase.

Exemplos:

1.

Ele	<u>comprou</u> uma casa de madeira.
Sujeito	Predicado verbal
Nandi	<u>nzó i mabáya kasumbîzi.</u>
Sujeito	Predicado verbal

O verbo comprou, na frase em português, e o verbo kasumbîzi na frase em iwoyo são verbos transitivos. Neste caso, verificamos que uma casa de madeira é o objeto direto que completa o sentido do verbo finito comprou em português e, em iwoyo, nzó i mabáya é o objeto direto que completa o sentido do verbo finito kasumbîzi.

2.

As folhas	<u>caíram.</u>
Sujeito	Predicado verbal
Mêze	<u>masonokweze</u>
Sujeito	Predicado verbal

O verbo caíram na frase em português e o verbo masonokweze em iwoyo são verbos intransitivos. Estes verbos não selecionam nenhum complemento para os completar o sentido, pois que eles têm já o conteúdo da ação, não necessitam o complemento verbal.

b) Predicado Nominal

O predicado nominal é formado pelos verbos copulativos, também denominados predicativos ou de significação indefinida ou de ligação.

Os verbos somente copulativos, ao contrário dos verbos significativos (transitivos e intransitivos), não contêm uma ideia, servindo apenas, linguisticamente, para estabelecer uma ligação entre sujeito e o seu predicado a partir do predicativo do sujeito. Este último completa o sentido do verbo copulativo e caracteriza o sujeito.

Pertencem a este grupo de verbos predicativos em português e em iwoyo os verbos **ser, estar (ubá)** (como verbos copulativos no sentido absoluto), **ficar, continuar, parecer, permanecer (ukala, ulandagana, umonekena, ukalilila)** (no sentido parcial, podendo ser verbos copulativos ou significativos, segundo o contexto situacional na codificação da mensagem frásica pelo emissor que o verbo exprime), isto é, quando o verbo selecionar um complemento direto ou indireto; neste caso, são verbos significativos, e quando selecionar um predicativo do sujeito para completar o sentido do verbo e caracterizar o sujeito (verbo copulativo). **Exemplos:**

1.

<u>O João</u>	<u>está</u> <u>doente</u>
Sujeito	Predicado nominal (verbo copulativo)
<u>João</u>	<u>béla kibêla</u>
Sujeito	Predicado nominal (verbo copulativo)

Os verbos está em português e béla kibêla em iwoyo são verbos copulativos. Nestes casos, doente, em português é o predicativo do sujeito que completa o sentido do verbo finito está, caracterizando, deste modo, o sujeito, o João; e, em iwoyo, béla kibêla, como verbo finito, já traduz uma caracterização diferente, tendo um predicativo do sujeito latente no verbo.

Uma tradução *ad litteram* do verbo béla kibêla é: «ele está a adoecer». Verifica-se que este, o verbo, assume “*tout court*” a expressão portuguesa está doente (verbo/adjetivo). Daí chegarmos à seguinte *ilação*:

a) No ibinda dos bawoyo, iwoyo, a função copulativa do verbo, isto é, unir determinante ao SN1 sem o verbo²⁵⁷.

b) Esta função é feita de dois modos:

b.1. Unindo o pronome determinativo ono ao SN sem o verbo. Ex. **Ono** (*sem o verbo*) **mûntu.** / Aquela é uma pessoa.

b.2. Com o verbo. Ex. **Nandi masúkama.** / Ele está tramado.

5.3.1.1. Os constituintes do GV em português e iwoyo

A classe do verbo nas duas línguas é o constituinte fundamental do sintagma verbal (SV) ou grupo verbal (GV), o predicado. O verbo surge na frase, regra geral, depois do SN ou GN, o sujeito, concordando em pessoa e em número com aquele. Nesta lógica linguística, o verbo pode dar-nos indicações sobre o tempo em que se situa a ação. Neste contexto, vamos descrever os tipos de verbos em português e iwoyo.

5.3.1.1.1. Verbos significativos ou principais (intransitivos e transitivos)

Reparamos nas seguintes frases do português e iwoyo, onde melhor poderemos compreender os verbos transitivos e intransitivos antes de qualquer estudo e análise contrastivo destes dois sistemas linguísticos:

a)

1. A Fina varreu o pátio. (port)

2. Fina kombêze lupângu. (iwo)

b)

1. Ele vai medir a roupa ao alfaiate. (port)

2. Nandi wikwénda kwezônga binkhútu ke m'tûnji-mvwâtu. (iwo)

c)

1. Eles correm. (port)

2. Bawu ntînu binônga. (iwo)

²⁵⁷ Este fenómeno é recorrente em quase todas as línguas bântu. O mesmo se dá em Hebraico e no Árabe, segundo CONGO, Jorge Casimiro (1998), op. cit. p. 43. Esta constatação leva-nos a concluir que esta função relacional é típica, sobretudo, das línguas novilatinas e com uma forte influência grega.

d)

1. O João e a Maria foram à lavra. (port)
2. João nzwa Maria ku sola bendêze. (iwo)

5.3.1.1.1. Representação linear das frases dos verbos significativos

A representação linear (reescrita) das frases a), b), c) e d) vai permitir-nos mais uma vez compreender as variantes ou os constituintes do SV ou GV (predicado), constituído com os verbos transitivos e intransitivos; vejamos os seguintes exemplos:

a)

1.



1.1. A reescrita na forma sintagmática

1.1. a)

$F \rightarrow \text{SN1} + \text{SV}$

$\text{SN1} \rightarrow \text{D} + \text{N}$

$\text{SV} \rightarrow \text{Vt/d}^{258} + \text{SN2}$

$\text{SN2} \rightarrow \text{D} + \text{N}$

1.1.b)

SN1: A Fina

SV: varreu o pátio

SN2: o pátio

1.2. A reescrita na forma sintática

1.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow \text{D} + \text{N}$

$\text{Pred} \rightarrow \text{Vt/d} + \text{OD}^{259}$

$\text{OD} \rightarrow \text{D} + \text{N}$

²⁵⁸ Verbo transitivo direto.

²⁵⁹ Objeto direto ou complemento direto.

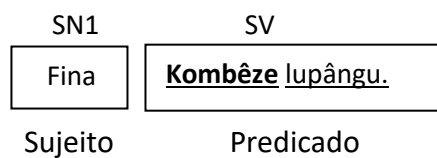
1.2.b)

Suj: A Fina

Pred: varreu o pátio

OD: o pátio

2.



2. 1. A reescrita na forma sintagmática

2.1.a)

$F \rightarrow SN1 + SV$

$SN1 \rightarrow N$

$SV \rightarrow Vt/d + SN2$

$SN2 \rightarrow N$

2.1.b)

SN1: Fina

SV: kombêze lupângu

SN2: lupângu

2.2. A reescrita na forma sintática

2.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow N$

$\text{Prd} \rightarrow Vt/d + OD$

$OD \rightarrow N$

2.2.b)

Suj: Fina

Pred: kombêze lupângu

OD: lupângu

b)



1.1. A reescrita na forma sintagmática

1.1.a)

$F \rightarrow SN1 + SV$

$SN1 \rightarrow \text{Pron}$

$SV \rightarrow Vt/d/ind^{260} + SN2 + SP2$

$SN2 \rightarrow D + N$

$SP2 \rightarrow \text{Prep} + SN3$

$SN3 \rightarrow D + N$

1.1.b)

SN1: Ele

SV: vai medir a roupa ao alfaiate

SN2: a roupa

SP2: a + o (ao) alfaiate

SN3: o alfaiate

1.2. A reescrita na forma sintática

1.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow \text{Pron}$

$\text{Pred} \rightarrow Vt/d/ind + OD + OI^{261}$

$OD \rightarrow D + N$

$OI \rightarrow \text{Prep} + D (\text{contr.})^{262} + N$

1.2.b)

Suj: Ele

Pred: vai medir a roupa ao alfaiate

OD: a roupa

²⁶⁰ Verbo ditransitivo (objeto direto e indireto).

²⁶¹ Objeto indireto ou complemento indireto.

²⁶² Contração de preposição a mais o artigo definido o no masculino singular.

OI: ao alfaiate

2. SN1 SV

Nandi	<u>wikwénda kwezônga</u> binkhútu <u>ke m'tûnji-mvuâtu</u>
Sujeito	Predicado

2.1. A reescrita na forma sintagmática

2.1.a)

$$F \rightarrow SN1 + SV$$

SN1 \rightarrow Pron

SV \rightarrow Vt/d/ind + SN2 + SP2

SN2 → N

SP2 → Prep + SN3

SN3 → N

2.1.b)

SN1: Nandi

SV: wikwénda kwezônga binkútu ke m'tûnji-mvwâtu

SN2: binkútu

SP2: ke m'tûnji-mvwâtu

SN3: m'tûnji-mvwâtu

2.2. A reescrita na forma sintática

2.2.a)

$$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$$

Suj → Pron

Pred \rightarrow Vt/d/ind + OD + OI

OD \rightarrow N

OI → Prep + N

2.2.b)

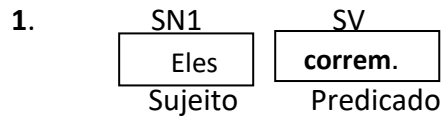
Suj: Nandi

Pred: wikwénda kwezônga binkútu ke m'tûnji-mvwâtu

OD: binkútu

Ol: ke m'tûnji-mvwâtu

c)



1.1. A reescrita na forma sintagmática

1.1.a)

$F \rightarrow \text{SN1} + \text{SV}$

$\text{SN1} \rightarrow \text{Pron}$

$\text{SV} \rightarrow \text{V/intr}^{263}$

1.1.b)

SN1: Eles

SV: correm

1.2. A reescrita na forma sintática

1.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow \text{Pron}$

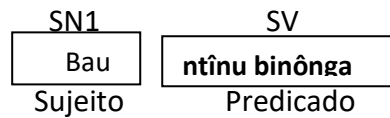
$\text{Pred} \rightarrow \text{V/intr}$

1.2.b)

Suj: Eles

Pred: correm

2.



2.1. A reescrita na forma sintagmática

2.1.a)

$F \rightarrow \text{SN1} + \text{SV}$

²⁶³ Verbo intransitivo.

SN1 → Pron

SV → V/intr

2.1.b)

SN1: Bau

SV: ntînu binônga

2.2. A reescrita na forma sintática

2.2.a)

F → Suj + Pred

Suj → Pron

Pred → V/intr

2.2.b)

Suj: Bawu

Pred:ntînu binônga

d)

1.

SN1	SV
O João e a Maria	foram à lavra
Subjeito	Predicado

1.1. A reescrita na forma sintagmática

1.1.a)

F → SN1 + SV

SN1 → D + N + Conj²⁶⁴ + D + N

SV → Vloc²⁶⁵ + SP2

SP2 → Prep + SN2

SN2 → D + N

1.1.b)

SN1: O João e a Maria

SV: foram à lavra

²⁶⁴ Conjunção

²⁶⁵ Verbo locativo, indica movimento ou locação.

SP2: a+a (à) lavra

SN2: a lavra

1.2. A reescrita na forma sintática

1.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow \text{D} + \text{N} + \text{Conj} + \text{D} + \text{N}$

Pred $\rightarrow \text{Vloc} + \text{COblq}$ ²⁶⁶

COblq $\rightarrow \text{Prep} + \text{D (contr.)}$ ²⁶⁷ + N

1.2.b)

Suj: O João e a Maria

Pred: foram à lavra

COblq: à lavra

2.

SN	SV
João nzwa Maria	ku sóla bendêze.
Sujeito	Predicado

2.1. A reescrita na forma sintagmática

2.1.a)

$F \rightarrow \text{SN1} + \text{SV}$

$\text{SN1} \rightarrow \text{N} + \text{Cunj} + \text{N}$

SV $\rightarrow \text{Vloc} + \text{SP2}$

SP2 $\rightarrow \text{Prep} + \text{SN2}$

SN2 $\rightarrow \text{N}$

2.1.b)

SN1: João nzwa Maria

SV: ku sóla + bendêze (verbo)

SP2: ku + sóla

SN2: sóla

²⁶⁶ Complemento oblíquo.

²⁶⁷ Contração de preposição a mais o artigo definido a no feminino singular que deu à.

2.2. A reescrita na forma sintática

2.2.a)

F → Suj + Pred

Suj → N + Conj + N

Pred → COblq + Vloc

Mod Prep → Prep + N

2.2.b)

Suj: João nzwa Maria

Pred: ku sóla + bendêze (verbo)

COblq: ku sóla

Depois de uma análise e estudo contrastivo do SV, predicado, das duas línguas em estudo, tendo em conta os exemplos apresentados nas alíneas a), b), c) e d) com os verbos significativos (transitivos e intransitivos), chegamos nesta seguinte conclusão linguística:

- 1) Há verbos que se constroem com um SN2 (OD) ou com SP2 (OI ou COblq), isto é, os verbos transitivos diretos e indiretos. Estes verbos, sintaticamente, necessitam de um complemento ou objeto que os completa o sentido. Neste contexto, temos o objeto direto (SN2), o objeto indireto e o complemento oblíquo (SP2) e o objeto direto e indireto (SN2 + SP2), formando, assim os verbos transitivos diretos, indiretos e ditransitivos, isto é, os verbos transitivos simultaneamente diretos e indiretos. Estes constituintes aparecem em português e em iwoyo, conforme foi apresentado nas frases das alíneas a) e b).
- 2) De acordo com Rocha (2017:119-120), há alguns verbos transitivos indiretos, direto e indireto (ditransitivos) que apresentam as seguintes características: a) os verbos que pedem complemento oblíquo, às vezes, aparecem com preposição ou sem preposição; b) alguns dos verbos cuja regência implica a existência de um complemento oblíquo são verbos de localização espacial ou de movimento (verbos locativos), que exigem como complementos constituintes referentes a locais; c) no caso dos verbos referidos no ponto anterior, o complemento oblíquo pode assumir a forma de um advérbio de lugar, precedido de preposição ou não.

- 3) Há verbos que se constroem sem o SN2 ou SP2, podendo, eventualmente, estar associados a um SP1 (ModPrep) ou SADV (ModAdv), mas não fazendo parte do GV, isto é, os verbos intransitivos que contêm já o conteúdo da ação e, não necessitam de um objeto ou complemento direto ou indireto para os completar o sentido.

5.3.1.1.2. Verbos copulativos ou verbos de significação indefinida

Reparemos nas frases que se seguem:

a)

1. Elas são mães.

2. Bawu zingúli.

b)

1. A Joana e a Madia estão atentas.

2. Joana nzwa Madia yeléle bakéle.

c)

1. Elas são de Cabinda.

2. Bawu bási Cabinda.

A partir destas frases, vejamos que os verbos ser em português e ukêlé²⁶⁸ em iwoyo, na primeira e na terceira frase, e o verbo estar em português e ukêlé em iwoyo na segunda frase exigem uma palavra ou um grupo de palavras que lhes complete o sentido e, caracterizando o sujeito, isto é, o predicativo do sujeito (PredctSuj), principalmente, em português.

Na língua portuguesa, as formas verbais são/ bakéle (iwoyo); estão/ bakéle (iwoyo) estabelecem a ligação entre o sujeito (elas) e o nome (mãe); o adjetivo atenta e as expressões (de Cabinda) que o caracterizam. Neste contexto, estas expressões em português completam o sentido do verbo e caracterizam o sujeito ou o SN1 no sentido absoluto. Em iwoyo, estas formas verbais não têm a mesma função no sentido absoluto, como atrás se esclareceu²⁶⁹,

²⁶⁸ O verbo *ukêlé*, em iwoyo, traduz-se por *ser* ou *estar*, como em inglês *to be*.

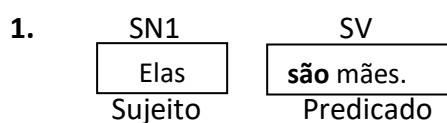
²⁶⁹ Cf. no item 3.3.1.2.1.

exceto quando têm uma função de realce. Ex. Banâni baké bantu. / Aqueles são mesmo pessoas.

5.3.1.1.2.1. Representação linear das frases dos verbos copulativos

Vejamos agora os seguintes exemplos que vamos apresentar e, em seguida, a reescrita ou representação linear destas frases, em especial, na análise do SV ou do predicado:

a)



1.1. Representação linear

1.1.1. Forma sintagmática

1.1.1.a)

$F \rightarrow SN1 + SV$

$SN1 \rightarrow \text{Pron}$

$SV \rightarrow V_{\text{cop}}^{270} + SN2$

$SN2 \rightarrow N$

1.1.1.b)

SN1: Eles

SV: são mães

SN2: mães

1.1.2. Forma sintática

1.1.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

²⁷⁰ Verbo copulativo.

Suj → Pron

Pred → Vcop + PredctSuj²⁷¹

PredctSuj → N

1.1.2.b)

Suj: Eles

Pred: são mães

PredctSuj: mães

2.

SN1	SV
Baw	zingúli
Sujeito	Predicado

2.1. Representação linear

2.1.1. Forma sintagmática

2.1.1.a)

F → SN1 + SV

SN1 → Pron

SV → Vcop + SN2

SN2 → N

2.1.1.b)

SN1: Bawu

SV: (bakê) zingúli

SN2: zingúli

2.1.2. Forma sintática

2.1.2.a)

F → Suj + Pred

Suj → N

Pred → Vcop + PredctSuj

PredctSuj → N

²⁷¹ Predicativo do sujeito

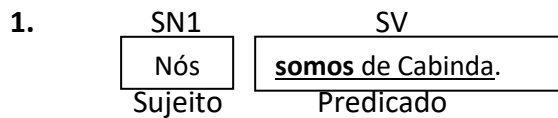
2.1.2.b)

Suj: Bawu

Pred: (bakéle) zingúli

PredctSuj: zingúli

b)



1.1. Representação linear

1.1.1. Forma sintagmática

1.1.1.a)

$F \rightarrow SN1 + SV$

$SN1 \rightarrow \text{Pron}$

$SV \rightarrow V_{cop} + SP2$

$SP2 \rightarrow \text{Prep} + SN2$

$SN2 \rightarrow N$

1.1.1.b)

SN1: Nós

SV: somos de Cabinda

SP2: de Cabinda

SN2: Cabinda

1.1.2. Forma sintática

1.1.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow \text{Pron}$

$\text{Pred} \rightarrow V_{cop} + \text{PredctSuj}$

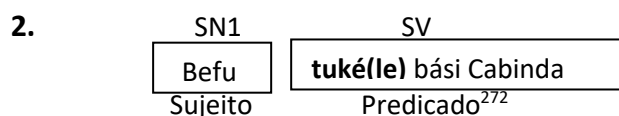
$\text{PredctSuj} \rightarrow \text{Prep} + N$

1.1.2.b)

Suj: Nós

Pred: somos de Cabinda

PredctSuj: de Cabinda



2.1. Representação linear

2.1.1. Forma sintagmática

2.1.1.a)

$F \rightarrow SN1 + SV$

$SN1 \rightarrow \text{Pron}$

$SV \rightarrow V_{\text{cop}} + SP2$

$SP2 \rightarrow \text{Prep} + SN2$

$SN2 \rightarrow N$

2.1.1.b)

SN1: Befu

SV: tukele basi Cabinda

SP2: basi Cabinda

SN2: Cabinda

2.1.2. Forma Sintática

2.1.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow \text{Pron}$

$\text{Pred} \rightarrow V_{\text{cop}} + \text{PredctSuj}$

$\text{PredctSuj} \rightarrow \text{Prep} + N$

2.1.2.b)

Suj: Befu

Pred: (tukêle) bási Cabinda

²⁷² Em iwoyo, seguindo as formas originais, sem qualquer influência externa, depois de uma análise linguística deste modo de falar, chegámos à conclusão de que o predicativo do sujeito em iwoyo, nos verbos copulativos, não desempenha, em princípio, esta função, como atrás foi realçado. Exemplos: Njye ke mwísi ncya? (Tu és donde?); Minu (ke) mwísi Cabinda. (Eu sou de Cabinda). Befu basi Cabinda. (Nós somos de Cabinda).

PredctSuj: bási Cabinda

c)

1.

SN1

SV

A Joana e Madia

estão atentas.

Sujeito

Predicado

1. Representação Linear

1.1. Forma Sintagmática

1.1.a)

$F \rightarrow SN1 + SV$

$SN1 \rightarrow D + N + Conj + D + N$

SV $\rightarrow Vcop + SAdj$

SAdj $\rightarrow Adj$

1.1.b)

SN1: A Joana e a Madia

SV: estão atentas

V: estão

SAdj: atentas

1.2. Forma Sintática

1.2.a)

$F \rightarrow Suj + Pred$

$Suj \rightarrow D + N + Conj + D + N$

Pred $\rightarrow Vcop + PredctSuj$

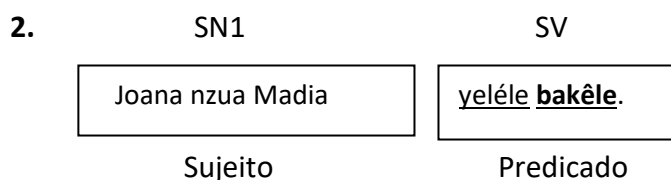
PredctSuj $\rightarrow Adj$

1.2.b)

Suj: A Joana e a Madia

Pred: estão atentas (verbo + adjetivo)

PredctSuj: atentas



2.1. Forma Sintagmática

2.1.a)

$F \rightarrow \text{SN1} + \text{SV}$

$\text{SN1} \rightarrow \text{N} + \text{Conj} + \text{N}$

$\text{SV} \rightarrow \text{SAdj}^{273} + \text{Vcop}$

$\text{SAdj} \rightarrow \text{Adj}$

2.1.b)

SN1: Joana nzua Madia

SV: yeléle **bakê**le (adjetivo + verbo)

SAdj: yeléle

V: bakêle

2.1.2. Forma Sintática

2.1.2.a)

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow \text{N} + \text{Conj} + \text{N}$

$\text{Pred} \rightarrow \text{PredctSuj} + \text{Vcop}$

$\text{PredctSuj} \rightarrow \text{Adj}$

2.1.2.b)

Suj: Joana nzwa Madia

Pred: yeléle **bakê**le (adjetivo + verbo)

PredctSuj: Adj

²⁷³ Na análise sintática ou sintagmática em iwoyo o predicativo do sujeito aparece, às vezes, antes ou depois do verbo copulativo, mas não altera o sentido da frase, enquanto na língua portuguesa o predicativo do sujeito só aparece depois do verbo copulativo.

5.3.1.1.3. Verbos transitivos-predicativos

Os verbos transitivos-predicativos (vt/pred) são os transitivos diretos, aqueles que, normalmente, exigem o predicativo do objeto direto. Estes verbos têm os seguintes princípios e paradigmas gramaticais, indicando um julgamento, uma nomeação, um tratamento, um trato de deferência, etc., podem ser construídos com o predicativo do objeto direto em português e iwoyo.

Eis aqui alguns verbos em português: **julgar, considerar, achar, ter por, supor, declarar, tornar, apelidar, cognominar, denominar, eleger, proclamar, reputar, sagrar, aceitar por, dar por, haver por, tomar por (...)** e em iwoyo: **ufúndisya, ubála, ubanza, utá mbânji, ucítula, utá lizína, uvána lizína, ubyêka, usóbola, uvítika, (...)**.

Nestes verbos, o predicativo do objeto direto concorda, especificamente, com o objeto direto em número e género em português, mas em iwoyo, a concordância só é feita em número, no entanto, em género não se faz sentir (não existe), tendo em conta a especificidade das línguas bantu-africanas, das quais faz parte o sistema linguístico Cabindês.

O predicativo do objeto direto é a função sintática do constituinte que o verbo transitivo-predicativo seleciona, que afirma algo (qualidade, ação ou estado) acerca do objeto direto. Completa o significado do verbo transitivo-predicativo direto, especificando a característica do grupo nominal com a função de objeto direto.²⁷⁴ O complemento e o predicativo do objeto direto formam uma predicação complexa, que pode também ser substituída por uma oração subordinada finita²⁷⁵; vejamos os seguintes exemplos das duas línguas em estudo:

- 1) *Todos consideram o João bondoso. (port)
- 2) (= Todos consideram **que o João é bondoso.**) (port)
- 3) * *Baboso babálili João m'zitu.* (iwo)
- 4) (= *Baboso babálili **ti na João ké m'zitu.***) (iwo)

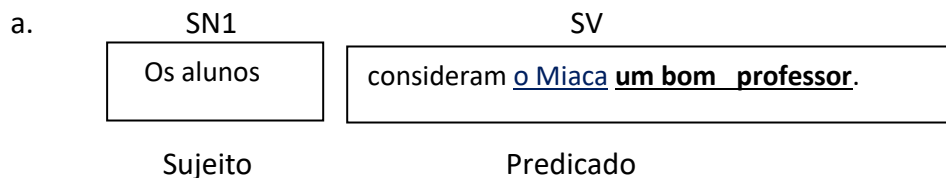
²⁷⁴ MOREIRA, Vasco et alii, op. cit. p. 213.

²⁷⁵ Ibidem.

5.3.1.1.3.1. Representação linear das frases dos verbos transitivos-predicativos

Vamos apresentar a reescrita (representação linear) das seguintes frases com os verbos transitivos-predicativos, que seleccionam o predicativo do objeto direto em português e iwoyo:

1) a. (português), b. (iwoyo)



1.1. Forma sintática

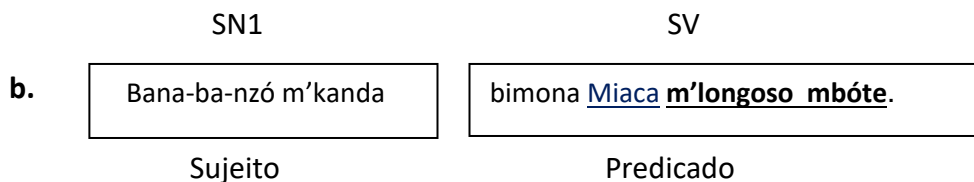
$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

$\text{Suj} \rightarrow \text{D} + \text{N}$

$\text{Pred} \rightarrow \text{Vt/dp} + \text{OD} [\text{consideram} + \text{o Miaca um bom professor}]$

$\text{OD} \rightarrow \text{N} + \text{PredctOD} [\text{o Miaca} + \text{um bom professor}]$

$\text{PredctOD} \rightarrow \text{D} + \text{Adj} + \text{N} [\text{um} + \text{bom} + \text{professor}]$



1.2. Forma Sintática

$F \rightarrow \text{Suj} + \text{Pred}$

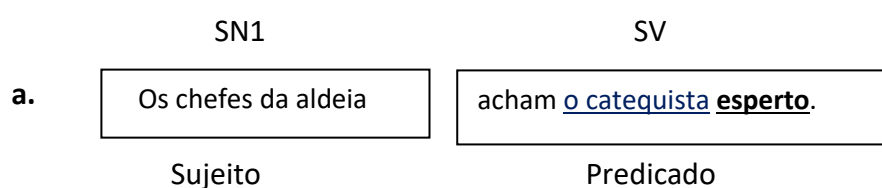
$\text{Suj} \rightarrow \text{N} + \text{N} + \text{N}$

$\text{Pred} \rightarrow \text{Vt/dp} + \text{OD} [\text{bimona} + \text{Miaca m'longoso mbote}]$

$\text{OD} \rightarrow \text{N} + \text{PredctOD} [\text{Miaca} + \text{m'longoso mbóte}]$

$\text{PredctOD} \rightarrow \text{N} + \text{Adj} [\text{m'longoso} + \text{mbóte}]$

2) a. (port), b. (iwo)



2.1. Forma sintática

F → Suj + Pred

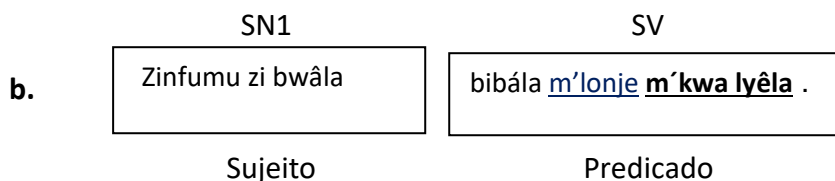
Suj → D + N + CN²⁷⁶

CN → Prep + D + N

Pred → Vt/dp + OD [acham + o catequista esperto]

OD → D + N + PredctOD [o + catequista + esperto]

PredctOD → Adj [esperto]



2.2. Forma sintática

F → Suj + Pred

Suj → D + N

Pred → Vt/dp + OD [bibála + m'lonje m'kwa lyéla]

OD → N + PredctOD [m'lonje + m'kwa lyéla]

PredctOD → Adv+ Adj [m'kwa + lyéla]

5.4. Descrição dos principais elementos contrastivos do verbo em português e iwoyo

O estudo e a análise linguísticos destes dois sistemas linguísticos, tendo em conta a língua portuguesa, os verbos são constituídos pelo radical + vogal temática + sufixo ou desinência (r), quase sempre invariável nas suas terminações, variando segundo o modo, tempo, número, pessoa, voz e aspecto. Desta forma, podemos designar, como é de conhecimento de todos linguistas, que as conjugações verbais são o conjunto de todas as flexões verificadas no verbo. Conjugar um verbo é dizê-lo em todos esses princípios e paradigmas da flexão verbal.

Todas as investigações feitas relacionadas aos verbos da língua portuguesa em todas as gramáticas do português brasileiro e do português euro-afro-asiático (que se fundamenta

²⁷⁶ Complemento de nome.

na nomenclatura do PE), deparámos que há três conjugações nesta língua²⁷⁷. Estas são determinadas pela vogal temática. Estas conjugações são encontradas na forma nominal do infinitivo impessoal, antecedita pelo radical do verbo e precedida pelo sufixo (r), conforme foi descrito no item relacionado aos elementos específicos do verbo em português. Nesta lógica, os linguistas e gramáticos da língua portuguesa chegaram à conclusão de que o tipo de conjugação de um verbo em português obedece esta realidade linguística específica conforme já fizemos referência, de ter um radical, uma vogal temática e uma desinência .

No iwoyo e noutros variantes do ibinda, os verbos são constituídos também pelo radical, quase sempre invariável no início dos verbos, que variam também segundo o modo, tempo, número, voz e aspecto. No sistema linguístico da língua cabindesa, não há tipos de conjugações (1ª, 2ª e 3ª) como em português terminados em vogal temática, mas verificámos que a forma do infinitivo impessoal é constituída por um prefixo (u) nas variantes: **iwoyo**, **ikwakongo**, **ilinji**, **isundi** de Tando zinze e **ivili** e (**ku**) nas variantes: **iyombe**, **isundi** de Miconje antes do radical em todos os verbos e por um sufixo (**a**) depois do radical de cada verbo da língua. Neste aspecto, descrevemos as características do verbo das línguas bantu-africanas, cf. no rodapé, de acordo com Ntondo(2006:109)²⁷⁸.

Falando propriamente do radical do verbo na língua cabindesa e noutras línguas bantu, de acordo com o autor supracitado, «o radical é o elemento portador de informação lexicática, todavia, alguns radicais sem extensão são semanticamente vazios, assim distinguimos dois tipos de radicais: simples e compostos»²⁷⁹.

Em iwoyo, conforme fizemos alusão anteriormente, o infinitivo impessoal de todo o verbo tem o prefixo (u) antes do radical e o sufixo (**a**) depois deste, formando o infinitivo impessoal de todos os verbos na língua ibinda.

²⁷⁷ A saber: **1ª Conjugação** – a dos verbos com o infinitivo impessoal terminado em **ar**: andar, falar, cantar, dançar (...); **2ª Conjugação** – a dos verbos com o infinitivo impessoal terminado em **er**: varrer, comer, dizer, fazer (...); **3ª Conjugação** – a dos verbos com o infinitivo impessoal terminado em **ir**: partir, rir, seguir, construir (...).

²⁷⁸ NTONDO, Zavoni, (2006), op. cit. p. 109: «nas línguas bantu, o verbo distingue-se do substantivo e dos seus acompanhadores por uma flexão particular de que estes são desprovidos. O radical verbal é, como os acompanhadores dos nomes, compatível com todas as classes. O morfema chamado índice do sujeito ou inicial é controlado pelo nome, em função do sujeito, o qual pertence a uma classe prefixal determinada. Com efeito, distinguimos as formas simples e as formas compostas. No plano prosódico, não existe distinção de tom lexical, pois o tom de uma dada forma verbal é inteiramente determinado pela estrutura morfológica e o número de sílaba (...).

²⁷⁹ Ibidem. p.113.

A língua Ibinda, ao longo do estudo deste capítulo, tendo em conta a variedade diatópica iwoyo em estudo e análise, possui certos paradigmas linguísticos verbais descritos que os diferenciam com as línguas indo-europeias, especificamente, o português. Esta realidade linguística particular foi concretizada, neste estudo, análise e investigações feitas na sua perspectiva diacrónica e sincrónica (escrita e oral) dos princípios e paradigmas morfossintáticos dos verbos em Ibinda, especificamente, a variante iwoyo, tendo em conta os primeiros estudos linguístico-gramaticais feitos desta língua em 1888 nas primeiras gramáticas do Fiote (ibinda), (Cf. Carrie [1888] p. 68-130 e Cf. Ussel [1888] p. 28-65 [1888])²⁸⁰, onde também concretizámos e verificámos nos seus pressupostos teóricos gramaticais, além das nossas investigações hodiernas, que concretizam que não há verbos auxiliares específicos dos tempos verbais compostos dos modos verbais nesta língua bantu, mas, especificamente, tempos compostos em português ou outra língua novolatina ou germânica, com os verbos auxiliares *ter* e *haver*, como verbos auxiliares específicos para os tempos compostos dos modos verbais. Nesta língua bantu, Ibinda, há verbos ou elementos gramaticais auxiliares que não são só específicos para os tempos compostos, mas, às vezes, é a repetição do verbo principal ou outros verbos ou partículas ou advérbios que têm esta função linguística de verbos ou elementos gramaticais auxiliares dos tempos compostos e da conjugação perifrástica, como afirma Carrie na gramática fiote-francês (1888: 98), cf. na rodapé²⁸¹.

As características estudadas e apresentadas na conjugação perifrástica, deparámos que há especificidade linguística em iwoyo, isto é, na língua ibinda, em contraste com o português, caracterizando a particularidade desta língua na conjugação perifrástica, isto é, a repetição do mesmo verbo principal como auxiliar conjugado no tempo finito, formando, deste modo, a conjugação perifrástica, como seguem os seguintes exemplos: 1- Nandi **lyá kilya**²⁸² (iwo) / Ele está a comer (port). 2- minu **usónika isónika**²⁸³ (iwo) / eu estou a escrever

²⁸⁰ CF. CARRIE, A. M. (1888), op. cit.; e USSEL, R. P. (1888), op. cit.

²⁸¹ CARRIE, A. M. (1888), op. Cit. p. 98: “ *on compte en fiote (Ibinda) 22 auxiliaires dont onze verbes e onze particules ou adverbes: 1) uba, 2) umona, 3) ubwela, 4) umana, 5) ufika, 6) ufita, 7) usuka, 8) ufina, 9) ufuma, 10) ukwenda, 11) ukwiza, qui ne sont pas employés qu’a l’infinif. Les auxiliaires ne s’emploient pas indifferement les uns pour les autres, car ils servent à former les differents temps des verbes. Les particules ou adverbes sont: 1) eka, 2) alla, 3) asa, 4) musoko ou soko, 5) muloko ou loko; adverbes de temps qui ont par eux-mêmes un sens, ils signifient bientôt, mais ils ne s’emploient pas seuls: 6) nkana, 7) nfyawu, 8) nfanu qui ont tous les trois la même signification, 9) a ou e, 10) ki ou i, et 11) ata; (...).*”

²⁸² Tradutio ad litteram: 1)*ele comer ele está a comer

²⁸³ *Eu escrever escrevo.

(port); 3 - Nandi **usúmbisya kisúmbisya**.²⁸⁴ (iwo) / Ele está a vender (port), conforme apresentámos posteriormente no item da conjugação perifrástica em português e em iwoyo e, também os outros verbos auxiliares e as partículas ou advérbios conforme foi exemplificado nas frases da conjugação perifrástica em iwoyo, tendo em conta também a afirmação de Carrie na sua Gramática Fiote (1888, 98). Podemos tirar as nossas inferências linguísticas desta língua bantu, tendo em conta a sua especificidade linguística.

Nas línguas bantu-africanas, há tempos simples e compostos. Em iwoyo, conforme foi mencionado amiúde, quanto à sua estruturação, tem duas formas, tempos definidos ou simples e tempos adverbiais ou compostos, como acontece em português, tendo em conta os tempos simples e compostos. Deste modo, nas línguas bantu, como Creissel (1995) definiu os tempos simples e compostos das línguas bantu, cf. esta descrição no rodapé²⁸⁵.

A língua cabindesa, como língua bantu, possui certos aspectos referenciados pelo autor supracitado, como verificámos no estudo e na análise de alguns verbos conjugados, mas devemos saber que não há verbos auxiliares específicos e típicos só para os tempos verbais compostos desta língua como acontece em português, sendo os verbos auxiliares **ter**, **haver** para os tempos verbais compostos dos modos.

Além das características verbais estudadas, deparámos também alguns protótipos gramaticais específicos deste idioma bantu na conjugação perifrástica, conforme foram descritas anteriormente, na repetição do mesmo verbo conjugado no tempo finito e, também as partículas ou os advérbios, como auxiliares, formando deste modo, a conjugação perifrástica, conforme fizemos menção nos exemplos posteriores.

Estamos certos de que as explicações e descrições feitas, neste capítulo, no que ponteia os aspetos morfossintáticos linguístico-gramaticais do verbo em português e iwoyo poderão ser uma base linguística do conhecimento da gramática explícita do sistema linguístico da língua dos cabindas para o ensino/aprendizagem bilingue em Cabinda, ipso facto, tornadas “*modus organizandi linguae*”; estas investigações e, também as próximas, no

²⁸⁴ *ele vender vende

²⁸⁵ Creissel (1995), op. cit., p. 113: «*as formas verbais compostas – uma forma verbal composta distingue-se da simples pelo facto que se decompõe em auxiliante e auxiliado, o auxiliado é uma forma verbal dependente (infinitivo), (particípio ou conjuntivo) da base verbal que determina as propriedades de reacção do sintagma considerado globalizante; o auxiliante não intervém em nada na determinação das propriedades sintácticas do sintagma, mas tem aparência de uma forma verbal simples*”.

estudo da linguística e ensino de língua destes idiomas em estudo e análise, permitirão a continuação de futuras investigações nesta área da linguística, tendo em conta a importância que estas duas línguas têm no ensino bilingue em Cabinda.

CAPÍTULO VI

PROPOSTA DE UM DICIONÁRIO BILINGUE DE VERBOS EM PORTUGUÊS E IWOYO

Este capítulo cujo título propõe de um dicionário bilingue de verbos em português e iwoyo fundamenta-se no estudo e na análise do léxico dos verbos destas duas línguas, tendo em conta alguns estudos lexicográficos já feitos nestas ou noutras línguas naturais sobre os dicionários bilingues. O capítulo está constituído com os seguintes itens: perspectiva lexicográfica do dicionário, dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e iwoyo, o dicionário e a gramática, os princípios metodológicos, a macroestrutura, a microestrutura, as macroparadigmas, a problemática da equivalência no dicionário bilingue e uma proposta do dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e iwoyo. Vamos descrever e elucidar também alguns aspetos importantes relacionados a estes itens supracitados, tendo em conta a realidade linguístico-lexicográfica do dicionário bilingue na perspetiva diacrónica e síncrona da linguística.

6.1. A perspetiva lexicográfica do dicionário

A lexicografia, sendo uma das áreas de especialidade do Curso de Linguística, tem por finalidade a feitura ou a elaboração de dicionários gerais monolíngues ou bilingues ou multilingues, tendo em conta o léxico geral de cada língua que inclui a parte do léxico passivo, o dicionário, onde está registado as propriedades das palavras de uma determinada língua natural, e uma parte ativa do léxico, que é o conjunto de regras gramaticais que tem por finalidade na formação de novas palavras; ou ainda, podemos descever que a lexicografia ocupa-se do recenciamento e do estudo das palavras ou das expressões de uma língua, considerando-as na sua forma e na sua significação²⁸⁶. Tendo em conta a realidade lexicológica e lexicográfica, isto é, o léxico de uma língua; neste contexto, a língua cabindesa não foge deste cariz do conhecimento linguístico. Nesta perspetiva, segundo as nossas investigações feitas, apurámos que os primeiros dicionários bilingues de francês-fiote e fiote-francês, relacionados a língua cabindesa, foram elaborados em 1888, 1889, 1890 pelos padres

²⁸⁶ In Dicionário de Metalinguagens da Didática, Porto Editora, 2000.

franceses em Lândana-Caongo/Cabinda; mais tarde apareceram outros, como o dicionário bilingue da língua portuguesa-iwoio (1948) escrito pelos missionários da Igreja Evangélica de Angola em Cabinda e os dois dicionários bilingues recentes de português e ibinda e vice-versa do padre Mazunga que foram escritos em 2015.²⁸⁷

Os dicionários como constituem o acervo lexical de uma língua, eles têm uma perspectiva linguística, didática, científica e pedagógica, principalmente, no tange ao ensino/aprendizagem da L1 ou da L2.

Hoje, se analisarmos, cautelosamente, as investigações linguísticas já feitas, verificaremos, nestes últimos dias, que esta área científico-linguística tem sido o foco fundamental no estudo e pesquisas contrastivas das línguas naturais em várias vertentes linguísticas, principalmente, a perspectiva lexicológica e lexicográfica no estudo do léxico e na elaboração de vários tipos de dicionários (monolingues, bilingues ou multilingues) segundo o objetivo de cada estudo e investigação linguística.

Neste estudo lexicográfico, vamos focalizar e fazer mais menção o estudo e a análise dos dicionários bilingues, sabendo bem que este capítulo tem como objetivo principal o estudo, a análise e a descrição de uma proposta de elaboração de um dicionário bilingue bidirecional de verbos em português e iwoyo em forma digital e papel.

Deste modo, podemos evidenciar que os dicionários bilingues quanto a sua direção podem ser classificados como passiva, ativa e bidirecional. No primeiro caso, **a direção passiva** é quando a L2 é a língua de entrada e a L1 do destinatário da obra, isto é, a língua de chegada; no segundo caso, **a direção ativa** é quando a L1 é a língua de entrada e a L2 do destinatário da obra, língua de chegada; e no terceiro caso, **a direção bidirecional**, isto é, quando uma obra lexicográfica é composta por segmentos em ambas direções passiva e ativa e vice-versa (L2-L1 e L1-L2), isto é, a L2 (língua de entrada) e a L1 (língua de chegada) e, por último, a L1 (língua de entrada) e a L2 (língua de chegada). Neste caso, fala-se em dicionário bidirecional quando este serve para ser usado pelos falantes nativos de ambas línguas em estudo, como é o nosso

²⁸⁷ CARRIE, A. M. (1888) op. cit.; VESSEQ, Alexandre (1889; 1890) op. cit.; LES MISSIONNAIRES de la Congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie (1890), op. cit.; MISSÃO EVANGÉLICA de Cabinda/Angola (1948) op. cit.; MAZUNGA, Silvano (2015), op. cit.

caso no estudo e investigação do corpus lexical dos verbos em Portuguesa e Iwoyo, propomos a elaboração de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos nestas duas línguas em estudo.

6.1.1. Dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo

Esta proposta do dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo vai contribuir para a elaboração de um dicionário geral bilingue de verbos para o ensino/aprendizagem destas duas línguas, facilitando, deste modo, todos aqueles que têm a necessidade de ensinar e aprender o sistema linguístico cabindês, principalmente, os professores e alunos. Estes necessitam, linguisticamente, melhorar e compreender a realidade linguística destes dois sistemas linguísticos, tendo em conta os vários portuguesismos que integram nos verbos desta língua bantu, ibinda, particularmente, na variante iwoyo, por causa da coabitação e da interferência linguística destas línguas antes de 1882 com a chegada dos portugueses no Enclave de Cabinda no século XIX.

De acordo com as nossas investigações, vamos realçar e descrever alguns aspetos linguísticos da lexicologia e lexicografia desses dois idiomas, de modo a fixar o léxico dos verbos em Iwoyo, isto é, da língua ibinda, incluindo os neologismos, isto é, os portuguesismos verbais que podemos inventariar nessa língua africana e os iwoyismos (ibindismos) verbais no português falado em Cabinda.

O dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo é uma das ferramentas lexicográficas que poderá preencher as lacunas existentes em matéria linguística e lexicográfica dos verbos em Iwoyo, isto é, da língua cabindesa, tendo em conta todos os portuguesismos verbais existentes nesta língua bantu e ibindismos verbais no português falado em Cabinda.

Com este item linguístico e lexicográfico, esperamos colocar à disposição dos leitores, professores, alunos, falantes e investigadores da língua cabindesa e portuguesa, e, não só, um instrumento de consulta dos verbos destes idiomas, particularmente, para o ensino/aprendizagem bilingue destes dois sistemas linguísticos, tendo em conta a sua coabitação e interferência linguística que data a mais de um século antes de 1883.

6.1.2. O dicionário e a gramática

Neste estudo, devemos ter em conta que todo o dicionário tem um objetivo didático, científico e linguístico. Ele destina-se a todos aqueles que se interessam ao estudo das línguas, principalmente, aos investigadores linguistas que pretendem compreender a estrutura das unidades lexicais das línguas naturais nos seus estudos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos. Os dicionários, duma forma peculiar, reservam-se aos estudantes, professores, tradutores, investigadores e todos aqueles que se preocupam em aprender e ensinar e, também na tradução das línguas naturais.

Todo e qualquer tipo de dicionário (lexicográfico ou terminológico), como é consabido pelos lexicólogos, lexicógrafos e terminólogos, comporta uma parte gramatical que indica a categoria gramatical das unidades lexicais e funcionais do léxico de uma língua. De acordo com Chicuna (2014: 198), referenciamos que, *«um dos aspetos a ter em conta nos dicionários é a articulação entre o léxico e a gramática. Assim sendo, entre o dicionário e a gramática existe uma fronteira aberta: hoje, muitos modelos de dicionários apresentam as características sintático-semânticas e morfológicas das unidades lexicais (...). Quanto à categoria gramatical, neste campo, são introduzidas as informações relativas à natureza gramatical da unidade lexical (espécie, género, número) utilizado em itálico, formas abreviadas e normalizadas para designar, como demonstram os seguintes exemplos: 1) nome (n.); 2) adjetivo (adj.); 3) verbo (v.); 4) advérbio (adv.); 5) número (num.); 6) masculino (m.); 7) feminino (f.); 8) singular (sing.); 9) plural (pl.).*

A categoria gramatical, neste estudo, indicará a classe a qual pertence a unidade gramatical nos dois sistemas linguísticos em estudo. É por esta razão, que existe uma simbiosidade linguística entre o dicionário e a gramática, sabendo que a gramática, segundo Duarte (2000: 44,55), *«deve descrever os padrões de construções da língua de um modo tão rigoroso e exaustivo quanto possível, usando para o efeito amostras consideradas representativas da língua e recorrendo, quando necessário, a informantes (i. e., os falantes nativos dessa língua) convidados a pronunciar-se sobre o estatuto e a interpretação dos enunciados ou a gramática que se deve escrever, de uma forma sistemática, explícita, rigorosa e, de preferência, psicologicamente realística, o conhecimento que os falantes têm da sua língua.»*

Desta forma, na sequência da importância linguística da gramática, a mesma autora (200:45) continua afirmar e a esclarecer que, «a linguagem humana é um dos poucos sistemas do mundo natural que se pode caracterizar como um sistema combinatório discreto- i. e., a sua gramática dispõe de um conjunto finito de elementos distintos que se combinam para formar unidades mais vastas, cujas propriedades são diversas das dos elementos que as constituem.»

Segundo os estudos linguísticos e gramaticais estudados e investigados, evidenciam que toda a gramática de uma língua está organizada em vários componentes ou módulos que descrevem o conhecimento intuitivo que os falantes têm da sua língua: o léxico, a morfologia, a sintaxe, a fonologia, fonética e a semântica. Deste modo, a mesma autora supracitada reafirma ainda que, «os linguistas representam o conhecimento que os falantes têm de uma palavra através de uma entrada lexical; por outras palavras, a entrada lexical, de uma palavra constitui uma hipótese sobre o que está guardado acerca dessa palavra na nossa mente (léxico passivo e ativo). É desta forma que numa entrada lexical estão, pois, representadas os vários aspetos do conhecimento léxico, a saber: **1) a forma fónica da palavra; 2) o(s) seu(s) significado(s); 3) a sua categoria sintática; 4) as suas propriedades de seleção categorial; 5) as suas propriedades de seleção semântica; 6) as suas restrições de seleção.**»

É a partir desta perspetiva lexicográfica-gramatical, que vamos descrever os princípios metodológicos do dicionário no seguinte item.

6.1.3. Princípios metodológicos

Neste item sobre os princípios metodológicos do dicionário, vamos evidenciar e descrever a natureza, as funções, a tipologia e a estrutura do dicionário bilingue dos verbos, tendo em conta o seu objetivo e finalidade para a fixação e normalização gráfica dos verbos em Português e Iwoyo, não esquecendo os seus neologismos verbais, isto é, os portuguesismos verbais integrados no Iwoyo e os iwoyismos (ibindismos) verbais integrados no português falado em Cabinda. Neste estudo, a nossa maior preocupação é a proposta de elaboração do dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo; visando um objetivo didático, pedagógico para o ensino/aprendizagem da língua cabindesa e portuguesa numa perspetiva do ensino bilingue, sabendo que a língua cabindesa nunca foi ensinada nas escolas públicas e privadas em toda a extensão territorial de Cabinda desde o período colonial

português até aos nossos dias; mas, em contra partida, houve certas exceções: 1) em 1993/1994 até 1995, na missão católica de Cabinda, precisamente na escola S. José de Cluny, Missão Feminina, sob a orientação do Padre da Igreja Imaculada Conceição Padre Jorge Casimiro Congo, introduziu a língua ibinda naquela escola, sendo ele mesmo o único professor desta língua bantu africana, como ele mesmo afirma que, *“fui eu quem introduziu o ibinda em 1993/1994 e terminou em 1995 e, sendo o único docente até quando os padres abandonaram a supervisão da área académica da escola S. José de Cluny, ficando sob orientação e responsabilidade didático-pedagógica das madres”*²⁸⁸; 2) segundo as palavras do padre Silvano Mazunga, afirma que: a) em 1997-2001, 2005-2009 na escola Dom Paulino na missão Católica de Cabinda lecionou o ibinda, sendo o padre Brito como docente; b) no Seminário de Cabinda a partir de 1985 até hoje leciona-se o ibinda, sendo os padres Brito, Congo e Silvano Mazunga que foram docentes, mas, este último continua a sê-lo hodiernamente.

Foi necessário, neste estudo e investigação, considerarmos o tratamento das unidades lexicais dos verbos em Português e Iwoyo, que achámos convenientes e escolhemo-las para a proposta de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos, sendo as duas línguas como línguas de partida e também como línguas de chegada.

Considerando o carácter didático, pedagógico e linguístico que este dicionário bilingue bidirecional poderá oferecer ao ensino/aprendizagem destas línguas, achámos vantajoso optarmos em certos princípios lexicográficos que nos permitiram definir a especificidade e as características linguísticas de cada uma das línguas em estudo.

Esta é uma das razões linguísticas que o dicionário pode ser considerado como um texto, um discurso pedagógico e didático, pois que ele é um instrumento de educação permanente, cuja finalidade é definir a norma linguística de um sistema linguístico, respondendo, deste modo, as questões sobre o emprego de palavras e frases aceitáveis numa dada comunidade linguística, tendo em conta o conhecimento linguístico-gramatical explícito de um sistema linguístico em todas as suas variedades diatópicas, como, por exemplo, na CPLP.

Na base deste estudo lexicográfico, concretizámos e chegámos a conclusão que, na organização do dicionário, deve-se ter em conta e respeitar as orientações teóricas e metodológicas da Lexicografia, que englobam a macroestrutura e a microestrutura. Esta é a

razão lexicográfica que nos proporcionou e impeliu a descrever estes dois aspetos lexicográficos de capital importância da base organizacional de qualquer tipo de dicionário.

6.1.4. A macroestrutura

A macroestrutura, segundo Andrade (1998), compõe-se do corpus selecionado, é a organização vertical dos artigos ou entradas, por ordem alfabética, etimológica, de assuntos, de campos lexicais e semânticos, etc. (...).

Para mais informações, Chicuna (2016:196) afirma que, *“a macroestrutura é a organização geral do dicionário, o conjunto das entradas ou vedetas descritas na definição lexicográfica; a organização geral do dicionário com princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia e Metalexicografia”*.

De acordo com os seguintes autores: (1) Hartmann (2001:64) define que, *“a macroestrutura como conjunto de entradas que geralmente é organizado de forma alfabética nos dicionários”*; (2) Béjoint (2000) sublinha que, *“o termo macroestrutura pode ser utilizado para referir-se à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários”*; (3) Para Welker (2004), *“a macroestrutura pode ser caracterizada como a organização do corpo do dicionário”*.

6.1.5. A microestrutura

A microestrutura, segundo Vilela (1995:230), é o *“conjunto de informações que acompanham cada uma das entradas inventariadas e tratadas no dicionário; deste modo, mais concretamente, a entrada apresenta o seguinte esquema: a) **uma informação gramatical**; b) **uma informação acerca do carácter fixo das expressões em que a entrada ocorre**; c) **uma informação explícita ou implícita sobre a polissemia e monossemização**”*. Do mesmo modo, para alguns lexicógrafos numa frente comum unida lexicográfica segundo as suas asserções, parafraseando-os, na base da nossa investigação, a microestrutura é a estrutura interna do artigo ou verbete; ela é variável de uma obra para outra, deste modo, ela deve ser constante no interior de um dicionário. É desta forma que podemos certificar que cada tipo de dicionário está correlacionado com o tipo de enunciado, ou com os itens constantes da microestrutura.

Os dicionários de língua adotam o tipo de definição explicativa e esta explicação pode ser descrita ou pode ser empregue na paráfrase definitória.

Seguindo a mesma descrição, de acordo com Andrade (1998), **a microestrutura do artigo, entrada ou verbete** é constituída por um conjunto de informações ordenadas que se seguem à entrada. Assim, a **microestrutura básica** compõe-se de artigo mais o enunciado lexicográfico; essa é a estrutura do artigo mínimo, constituído de dois elementos apenas; além do artigo mínimo, há diversas possibilidades de organização da microestrutura, que variam de acordo com um programa e um código de informação aplicáveis a qualquer entrada. Alguns elementos gramaticais podem ser acrescentados à entrada, que é a palavra ou unidade lexical à definição e (frases que mostram sinónimos e aceções), ampliando, deste modo, a estrutura mínima em: **1) pronúncia** – transcrito em código próprio; **2) categoria gramatical** – traços sintáticos fundamentais; **3) etimologia** – origem da palavra ou termo; **4) exemplos** – ocorrência/contextualização; **5) expressões estereotipadas** (informações específicas).

Seguindo os mesmos traços de informação da microestrutura, Vilela (1983) propõe o seguinte modelo de microestrutura com os seguintes elementos: **1) entrada mais informação** (etimologia/ortografia/fonética/gramática) mais definição (ou explicação) e mais exemplos (ou aplicação em contextos). **2) as informações do enunciado lexicográfico compõem três macroparadigmas:** i) paradigma informacional (PI); ii) paradigma definicional (PD) e iii) paradigma pragmático (PP). Neste contexto, vamos descrever e definir no seguinte item o que são estes três macroparadigmas descritos por Vileta (1983).

6.1.6. Os macroparadigmas

Segundo as nossas pesquisas lexicográficas nos dicionários e outros livros lexicográficos consultados, chegámos, nesta ótica ou perspetiva, a definirmos os macroparadigmas da microestrutura de acordo com o contexto da nossa investigação com maior pendor na descrição e explanação de Vilela (1983), parafraseando as suas palavras, que os macroparadigmas são os subconjuntos de informações do enunciado lexicográfico que constituem sistemas conceptuais ou campos de elementos dos macroparadigmas do enunciado lexicográfico, tendo em conta os seguintes paradigmas: **1) paradigma informacional (PI):** constitui-se dos seguintes elementos: abreviaturas, categoria gramatical,

gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, campos léxico-semânticos, etc.; **2) paradigma definicional (PD):** neste paradigma, descrevem-se os semas ou unidades de significação; **3) paradigma pragmático (PP):** este paradigma contém informações contextuais, tais como: exemplos, abonações, etc.; e classes contextuais.

Segundo Barbosa (1989), explica que o número das informações do enunciado lexicográfico sobre uma entrada pode ampliar-se indefinitivamente. Os macroparadigmas podem dividir-se em microparadigmas, variáveis em quantidade e qualidade, conforme a natureza do dicionário. Isto significa que os outros paradigmas podem ser acrescentados ao artigo mínimo, **ampliando as informações da microestrutura em:** a) índices de frequência; b) nível de rapidez da difusão de uma palavra; c) emprego preferencial por um autor; d) relações de significação (sinonímia, hiperonímia, antonímia, homonímia, analogias, ilustrações, etc.).

Na sequência de tudo quanto descremos relacionado aos princípios metodológicos na elaboração de um dicionário, especificamente, do dicionário bilingue bidirecional, que vamos propor, neste estudo, tendo em conta o objetivo didático-pedagógica que este reveste; o artigo deste dicionário é organizado com a finalidade de fornecer informações válidas dos verbos das duas línguas em estudo de caráter linguístico relativo a uma unidade lexical designada por vedete ou entrada em Português e Iwoyo e vice-versa, constituindo, deste modo, um dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo.

A microestrutura do dicionário bilingue que propomos, deve ser constituído, por exemplo, pelos campos seguintes: **1) Entrada ou vedete:** termo Português-Iwoyo e termo Iwoyo-Português; **2) Categoria gramatical da entrada;** **3) Domínio (verbo);** **4) Equivalente em Português-Iwoyo e Iwoyo-Português;** **5) Categoria gramatical do equivalente;** **6) Definição** (em Português e Iwoyo); **7) Nota.**

Na nossa proposta do dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo, as informações devem ser plasmadas em duas formas: **1)** Forma normal do dicionário bilingue bidirecional, como ilustra a próxima tabela 36 do Corpus lexical do dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Portuguese e Iwoyo: **2)** forma numa ficha lexicográfica digital, suporte que apresenta as unidades lexicográficas em dicionário do corpus dos verbos em Português-Iwoyo em fichas lexicográficas do dicionário, como ilustra a seguinte ficha lexicográfica do dicionário.

Cada unidade lexical do verbo é representada e descrita numa ficha. Deste modo, o conjunto das fichas das unidades lexicais e terminológicas dos verbos de ambas línguas na entrada e na chegada constituem um ficheiro de trabalho, servindo como embrião do futuro dicionário bilingue a ser elaborado em formato eletrónico digital e em suporte de papel.

Nesta conformidade, eis aqui, em seguida, o exemplo da ficha de Access de formato eletrónico ou digital lexicográfico da estrutura do dicionário bilingue dos verbos em português-iwoyo, tendo como mostra a ficha do seguinte verbo aprender/ulongukwa em português e iwoyo como elucida a sua explicação na seguinte tabela em formato de Word.

Ficha 1: lexicográfica do dicionário bilingue do verbo aprender/ulongukwa (português-iwoyo)

The screenshot shows an Access database window titled "Dic Bilingue-Iwoyo - Base de Dados". The main window displays a table named "Tabela2" with the following content:

DICCIONÁRIO BILINGUE DE VERBOS IWOYO - PORTUGUÊS			
entrada	aprender	equiv iwoyo	ulongukwa
cat gram - port	verbo transitivo, verbo intransitivo,	cat gram - iwo	verbo transitivo, verbo intransitivo
definição	<p>aprender/ulongukwa</p> <p>verbo transitivo</p> <p>1. Ir adquirindo o conhecimento de.</p> <p>verbo intransitivo</p> <p>2. Estudar.</p> <p>Confrontar: apreender.</p>	<p>base textual - Língua Portuguesa</p> <p>Aprender a ler e escrever</p> <p>O Nzau e a Malila, hoje, foram à escola muito cedo. Eles estão na 1ª classe, na escola Gika, em Cabinda. Ele e ela aprenderam a escrever as primeiras letras do alfabeto. O professor António Balu gosta</p> <p>noções de gramática do Português</p> <p>eu aprendi a escrever tu aprendeste a escrever ele aprendeu a escrever nós aprendemos a escrever</p>	<p>base textual - Língua Iwoyo</p> <p>Ulongukwa utanga ai usonika</p> <p>Nzau ai Malila, ibubu, sedu beene bendeze mu nzónkanda. Bau um 1ª klase bakele, kuna skola ci Gika, kuna Cabinda. Bau balongukweze usonika usona ubatete bilufabeta. M'longuso António Balu zoleze</p> <p>noções de gramática do Iwoyo</p> <p>minu ilongukweze usonika ndjye ulongukweze usonika nandi ulongukweze usonika befu tulongukweze usonika</p>
notas	<p>Conjugação perifrástica:</p> <p>1) Em português: verbo auxiliar + pretérito perfeito simples + verbo</p>		

Tabela 35: Explicação da ficha lexicográfica do dicionário bilingue do verbo aprender/ulongukwa no módulo de Access de Português e Iwoyo

DICIONÁRIO BILINGUE DE VERBOS DE PORTUGUÊS - IWOYO		
	Equivalência semântica do verbo	
	PORTUGUÊS	IWOYO
ENTRADA	aprender	ulongukwa
CATEGORIA GRAMATICAL	1. Verb. trans.; 2. Verb. Intrans.	1. Verb. trans.; 2. Verb. Intrans.
DEFINIÇÃO	Aprender: 1. Verb. trans.: ir adquirindo o conhecimento de; 2. Verbo intrans.: confrontar: apreender	Ulongukwa: 1. <i>Velubu trans.: ukwenda kabaka luzabu lu;</i> 2. <i>Velubu intrans.: upyakinya; uzimuku</i>
BASE TEXTUAL	Aprender a ler e escrever O Nzau e a Malila, hoje, foram à escola muito cedo. Eles estão na 1ª classe na escola Gika, em Cabinda. Ele e ela aprenderam a escrever as primeiras letras do alfabeto. O professor António Balu gosta muito do Nzau, porque ele é muito inteligente. Toda a gente deve gostar de ir a aprender a ler e escrever.	Ulongukwa utanga ayi usonika <i>Nzau ayi Malila, bubu, sedu béne bendeze mu nzonkanda. Bawu mu 1ª klase bakele, kuna skola ci Gika, ku Cabinda. Bawu balongukweze usonika usona bitete bilufabeta.</i> <i>M'longuso António Balu zoleze béne Nzau ibila nandi lyela liwombo likeyandi.</i> <i>Bantu bóso bafwete uzola ukwenda mu skola bwingi balongkwa utanga ayi usonika.</i>
NOÇÕES DA GRAMÁTICA	Conjugação perifrástica eu aprendi a escrever tu aprendeste a escrever ele(a) aprendeu a escrever nós aprendemos a escrever vós aprendestes a escrever eles(as) aprenderam a escrever.	Conjugação perifrástica minu ilongukweze usonika ndjye ulongukweze usonika nandi ulongukweze usonika befu tulongukweze usonika benu lulongukweze usonika bawu balongukweze usonika
	Nota referencial explicativa da conjugação perifrástica	
	- Verbo auxiliar (aprender) no pretérito perfeito simples + verbo principal (escrever) no infinitivo	- Verbo auxiliar (ulongukwa) no pretérito perfeito simples + verbo principal (usonika) no infinitivo

Nesta ficha lexicográfica, cada campo comporta uma informação linguística relacionada à **entrada/vedete** e **categoria gramatical**.

Segundo Chicuna (2016:198), «**vedete ou entrada** é a unidade lexical da qual se apresenta uma definição num dicionário de língua corrente ou terminológico, ou enciclopédico, que se trate de um dicionário monolíngue, bilingue quer de um dicionário plurilíngue. A entrada constitui a forma linguística definida no dicionário, pode ser uma unidade lexical simples ou composta, uma locução, um elemento de formação, um formante morfossemântico ou uma contração.»

A nossa proposta de dicionário bilingue bidirecional de verbos em Português e Iwoyo em formato de papel, a entrada é escrita a negro, em maiúsculas, seguida da categoria gramatical. As entradas estão em Português e Iwoyo, línguas de partida e línguas de chegada, e são apresentadas sob forma lematizada: 1) Os verbos no modo infinitivo; 2) As siglas e

abreviaturas podem ser tratadas como variantes lexicais ou como sinónimos. Apresentamos estes dois exemplos referentes as entradas com respetivos equivalentes em ambas línguas:

a) **Cortar** v.tr. ucyela v.tr. / b) **Ukwela** v.tr. casar v.tr.

A categoria gramatical, como é sabido pelos linguistas ou lexicógrafos, em todos os dicionários, para além de comportar as significações das unidades lexicais, também indicam a categoria gramatical das unidades lexicais e funcionais, conforme foi já referenciado amiúde em certos itens precedentes.

Parafraseando o mesmo autor, descrevemos que, um dos aspetos a ter em conta nos dicionários é a articulação entre o léxico e a gramática; assim sendo, entre o dicionário e a gramática existe uma fronteira aberta; hoje, muitos modelos de dicionários apresentam as características sintático-semânticas e morfológicas das unidades lexicais.

As informações que se encontram nos artigos lexicográficos, são, muitas vezes, insuficientes quando comparadas ao leque de regras de algumas línguas, muito em especial das línguas bantu.

Neste contexto, remontando da importância do dicionário, Andrade (1998), afirma que *“o dicionário tem por função esclarecer falhas de conhecimento dos seus usuários, tem-se a medida da importância da definição no enunciado lexicográfico”*.

Da mesma forma, Vilela (1983), faz distinção entre a definição lógica e a definição lexical/lexicográfica, referindo que *“a definição lógica terá de identificar o definido de modo inequívoco, enquanto a definição léxica enumera apenas os traços semânticos essenciais”*.

Deste modo, pode-se compreender, lexicograficamente, ao verificarmos que há definições de vários tipos: a) real/nominal; b) definição explícita/implícita/contextual, total/parcial; c) definição recursiva/enumerativa; d) ostensiva/construtiva/operacional, etc. Dentre os vários tipos de definições Genouvrier & Peytard (1974:348,350) consideram três tipos de definições essenciais, a saber: « a) **A definição lógica**, que utiliza dados da lógica clássica, baseados na distinção entre género e caracteres específicos. O lexicógrafo procurará a máxima precisão, sem estender excessivamente a definição, que reunirá os traços específicos depois do género; b) **A definição nominal**, rejeitada pelos lexicógrafos, por seu carácter tautológico: emprega sinónimos (ou antónimos) e assim propõe equivalência, sem analisar o conteúdo semântico da palavra a ser definida; c) **Definição estrutural**: os lexicógrafos tendem

a abandonar a definição e a substituí-la por uma descrição: a dos traçados que circunscrevem os valores semânticos da palavra num dado momento.»

Para concluirmos este item, depois de termos esmiuçado alguns aspetos que considerámos mais relevantes das metodologias dos dicionários e a importância do dicionário, tendo em conta as palavras de Andrade (1998), realça que, *"a definição dos dicionários de língua é uma definição de palavras, ou seja, uma definição que permite reconhecer o que se define, mas não construí-lo, em suma é uma explicação. A definição lexicográfica refere-se aos signos da língua; ela explica os significados, com o objetivo de esclarecer, não os conceitos e classes de coisas, mas o sentido e as formas de emprego dos signos"*.

Em guisa de conclusão deste item, a definição no dicionário de língua (lexicografia) parte da palavra para distinção dos seus múltiplos significados ou aceções, o que significa que o processo empregue é a semasiologia. Na terminologia, procura-se uma designação para o conceito ou noção pertencente a uma rede ou sistema conceptual. O processo, portanto, é inverso, isto é, a onomasiologia, parte do significado para o termo, parafraseando Rute Costa (2014).

6.1.7. A problemática da equivalência no dicionário bilingue

A equivalência no dicionário bilingue é um dos problemas fundamentais da lexicografia que está presente em todos os dicionários bilingues ou multilingues. Segundo os estudos linguístico-lexicográficos, todas as línguas naturais têm princípios e parâmetros gramaticais diferentes, isto é, uma especificidade linguística, principalmente, no que diz respeito a equivalência semântica lexical nos dicionários bilingues, tendo em conta a realidade linguística que cada língua apresenta nos signos do seu sistema linguístico, mesmo aquelas línguas que fazem parte da mesma família ou grupo linguístico.

Nesta conformidade, para a elaboração dos dicionários bilingues, os lexicógrafos se valem amiúde dos resultados obtidos nas suas investigações científico-lexicográficas, procurando, deste modo, enquadrá-los nas diversas funções que acharem importantes para atender a tantas necessidades de utilização do léxico nos dicionários, tendo em conta a língua de chegada e a língua de partida. Parafraseando Werner e Durão (2012), podemos afirmar que o dicionário bilingue tem duas funções, uma ativa e a outra passiva, considerando a

necessidade que este revela, especialmente, no ensino e aprendizagem da L2. No estudo lexicográfico, existe uma dicotomia entre o estudo do dicionário bilingue e aquele monolíngue, pois que o primeiro é caracterizado como dicionário de equivalência e o segundo, o monolíngue, é qualificado como dicionário explicativo ou de definições.

É nesta perspectiva, que, lexicograficamente, quando buscamos a equivalência lexical na elaboração do dicionário bilingue, a nossa maior atenção e preocupação é de compreender o significado dos lexemas ou frasesmas da língua de entrada e da língua de chegada. Este é um dos aspetos fundamentais que nos leva a descrever a problemática da equivalência nos dicionários bilingues, sobretudo, quando o nosso objetivo é de elaborar um dicionário bilingue ou descrever um texto ou de verter porções da L1 para L2 ou vice-versa. Este tem sido um trabalho lexicográfico muito difícil, tendo em conta a gama de dificuldades que acarreta para encontrar um modo equivalente adequado a este propósito lexicográfico que nos possibilite expressar ou descrever certas sequências lexicais escritas ou orais na L2 que possam oferecer sinónimo ou uma forma de correspondência com a L1.

De acordo com Bundy (2016:10), a respeito desta problemática, afirma que *«a questão discutida por vários linguistas e lexicógrafos, é saber porque qualquer equivalência fornecida sem contextualização acaba por deixar o aluno inseguro para utilizá-la em sua produção ou correspondente ou o tradutor incerto se faz a melhor escolha para o texto vertido»*. A mesma linguista apud Hartman (2007:15) recalcou seriamente sobre este aspeto linguístico, reafirmando que, *«o problema da equivalência na lexicografia do dicionário bilingue precisa ser analisado pelos estudiosos ou investigadores de pelo menos quatro disciplinas da Linguística Aplicada: a Linguística Contrastiva, a Teoria da Tradução, a Análise do erro e Aprendizagem do Vocabulário.»*

Neste contexto, baseando-nos na Linguística Contrastiva, vamos descrever alguns aspetos que se relacionam com o estudo da problemática da equivalência, tendo em conta a perspectiva desta área Linguística.

6.1.7.1. Perspetiva da Linguística Contrastiva

Para melhor compreensão e esclarecimento da problemática da equivalência, nesta perspectiva linguística, Hartman (2007:15) afirma que, *«a noção conhecida como "aisomorfismo" semântica e cultural é o que levou os estudos mais sistemáticos da Linguística*

Contrastiva». Da mesma forma, Bundy (2016:10-12) afirma que, «o dicionário dá-nos uma explicação que o isomorfismo é a semelhança entre formas que permitem uma relação de correspondência entre lexemas da língua de chegada e da língua de partida, afirmando que o termo "aisomorfismo" é que é impossível uma correspondência semântica-cultural total entre as línguas».

No âmbito do conceito da equivalência, de acordo com Hartman (2007:15), que desenvolveu este conceito, mostrando-se cético com a relação a uma equivalência única e, neste contexto, afirma que, “*não se deve confiar na ilusão da equivalência entre lexemas, mas na receção da sua cobertura parcial e não equivalência; estes são, na realidade, uma comparação interlinguística*”. Deste modo, sugere-se que uma subdivisão em várias classes apresenta dois extremos entre a equivalência total até a não equivalência (sem equivalência ou equivalência nula) para explicar o sentido lexicográfico da equivalência no dicionário bilingue.

Hartman (2007:14) classificou a equivalência como *Continuum* entre dois extremos, isto é, equivalência em *continuum* da comparação interlingual em: **equivalência total** → **equivalência parcial** → **não equivalência**.

No mesmo contexto lexicográfico, Contente e Magalhães (1994:106) apud Kromann (1991), classificaram a equivalência do dicionário bilingue em três tipos: “*a) equivalência total; b) equivalência parcial; c) sem equivalência (não equivalência ou equivalência nula)*”.

6.1.7.1.1. Os três tipos de equivalência no dicionário bilingue

A equivalência lexicográfica no dicionário bilingue é quando se faz a comparação dos lexemas ou termos ou conceitos que permite determinar a equivalência ou correspondência destes no dicionário bilingue da língua de chegada e daquela de partida, ou quando um lexema ou conceito da língua de chegada exibe uma identidade completa ou parcial ou sem identidade (nula) em relação de uso com o termo ou lexema ou conceito da língua de partida no interior de um mesmo domínio. Neste caso, a comparação entre os lexemas de línguas diferentes, a existência de equivalentes totais nem sempre é possível, razão pela qual ocorre também a equivalência parcial ou sem equivalência, tendo em conta os parâmetros semânticos, linguísticos e culturais dos termos ou vocábulos de cada língua.

A partir desta perspectiva linguística, vamos descrever cada tipo de equivalência, tendo em conta a linha linguístico-lexicográfica que nos parece mais viável no nosso estudo da proposta de um dicionário bilingue bidirecional dos verbos em português e iwoyo, segundo a realidade de cada tipo de equivalência no contexto lexical dos verbos destas duas línguas em estudo. Vamos descrever e definir, tendo em conta esta perspectiva lexicográfica na base de alguns aspetos que reputámos importantes de cada tipo de equivalência, no contexto da realidade linguística, lexical, semântica e cultural dos verbos das duas línguas em estudo nesta tese de doutoramento em linguística.

6.7.1.1.1. Equivalência total

A equivalência total é a correspondência total entre o significado dos vocábulos ou termos ou conceitos linguísticos da língua de chegada e da língua de partida, isto é, L2-L1 ou L1-L2, existindo, neste caso, uma espécie de sinonímia interlinguística, havendo isomorfismo entre as duas línguas, ou seja heteronímia, como podemos exemplificar a partir dos significados destes lexemas dos verbos em português e iwoyo: **comer**: *ulya*; **cantar**: *uyóla*; **vestir**: *uvwata*; **ferir**: *ulwala*; **ferir-se**: *kulweka*; **ler**: *utánga*.

6.1.7.1.1.2. Equivalência parcial

A equivalência parcial no dicionário bilingue, parafraseando Chicuna (2014:73), é quando os termos ou lexemas da língua de chegada e da língua de partida e vice-versa não têm a totalidade de correspondência das suas significações lexicais; neste caso, o equivalente funciona como um hiperónimo, unidade lexical mais geral, ou como um hipónimo, unidade lexical mais específico. Dubuc (2002:15), por sua vez, descreve que, "*esta equivalência como a correspondência em que o termo ou lexema ou conceito da língua A recobre apenas parcialmente o campo de significado semântico do lexema da língua B ou vice-versa, ou ainda, um dos lexemas pode situar-se em um nível de língua (registo) diferente do seu homólogo da outra língua*".

Em iwoyo, por exemplo, apresentamos os seguintes lexemas verbais, correspondendo a uma equivalência parcial com o português: a) 1. **bater**: *ubula*; 2. **bater**: *ubánda* (pregar em português); b) 1. **uvata**: plantar; 2. **uvata**: semear; c) 1. **ukuna**: plantar; 2. **ukuna**: semear.

6.1.7.1.1.3. Sem equivalência ou equivalência nula

Sem equivalência, segundo Alpízar-Castillo (1995:102), *“é quando o conceito ou lexema ou termo linguístico da língua de chegada não existe nenhuma correspondência na língua de partida. Esses casos, e mesmo os de correspondência entre signos linguísticos, ocorrem porque uma mesma realidade extralinguística pode ser analisada de pontos de vistas distintos em línguas diferentes, com base nos profundos e complexos laços existentes entre as estruturas gramaticais das línguas e da visão de mundo”*.

Este mesmo conceito de sem equivalência, Chicuna (2014:73) defini-o, que, *«quando há ausência de correspondência, isto é, a língua B não possui signo linguístico para traduzir a vedete. Para estes casos, deve-se recorrer a uma definição para explicar o significado do termo em causa, a vedete, ou recorrer ao neologismo»*. Este caso acontece em todas as línguas naturais, porque o contexto da realidade linguística e cultural de cada signo linguístico de cada língua traduz uma cosmovisão do significado e significante do signo linguístico, como afirma Teresa Lino (1979:13) que, *«ao tratar da mesma situação, cada língua impõe, àqueles que a utilizam, um modo particular de leitura do real (...), que nenhuma língua é separável de uma função cultural»*, tendo em conta a realidade semântica que cada signo linguístico de cada língua traduz em cada cosmovisão linguística de cada cultura.

Apresentamos alguns exemplos dos vocábulos de sem equivalência dos verbos em Iwoyo-Português:

- a) **usingika**: fazer alguém esperar muito tempo;
- b) **ukamika mwila**: fazer barreira no rio para impedir a passagem da água deste;
- c) **usukuma**: ficar encalacrado; estar num beco sem saída; ter dificuldades na vida;
- d) **ukwalika cinkumpa**: meter uma rapariga na casa de tinta;
- e) **unwika utungu**: tradição cabindesa de certificação da paternidade (pai) de um(a) filho(a): dar ao(a) filho(a) a beber uma punção de medicamento tradicional, baseado com várias misturas de ervas e um elemento básico do corpo do pai, a pele do calcanhar; se não for filho(a) deste, então este perde a vida, morre.

6.1.7.1.2. Considerações finais lexicográficas sobre a equivalência no dicionário bilingue

Depois de termos efetuado uma análise e um estudo lexicográfico sobre a problemática da equivalência no dicionário bilingue, depreendemos que o estudo contrastivo das línguas naturais, no campo lexicográfico, nomeadamente, na elaboração dos dicionários bilingues, tem havido muitos problemas relacionados a equivalência ou a correspondência dos lexemas da língua de chegada e da língua de partida; dificilmente, que as correspondências lexicais cumpram todos os tipos de equivalências pré-requisitos pelos lexicógrafos. Este é, para nós, um dos motivos que nos leva a investigar e encontrar qual é o tipo de equivalência que é mais dominante ou recorrente na nossa proposta do dicionário bilingue bidirecional dos verbos em português e iwoyo.

No nosso trabalho investigativo do português e iwoyo, na proposta do dicionário bilingue dos verbos das duas línguas em estudo, achámos que a equivalência predominante, na proposta do nosso dicionário bilingue de verbos, é a equivalência total, embora também apareça a parcial e a sem equivalência.

Como é do nosso conhecimento linguístico, como investigadores em linguística, que toda a língua natural reflete o aspeto cultural da cosmovisão existencial da comunidade linguística que a criou, por isso mesmo, que os aspetos culturais de cada comunidade linguística refletem a realidade linguística de cada língua natural; por esta razão que a cultura é o elemento primordial para a determinação de um modo mais abrangente na equivalência lexical do dicionário bilingue ou multilingue e, também, é a base da sua estruturação linguístico-gramatical, tendo em conta a peculiaridade linguística de cada língua natural.

Nesta matéria sobre a problemática da equivalência no dicionário bilingue, chegámos a conclusão que nos enveredou a afirmar que não há uma equivalência total na lexicografia, mas sim, tipos diferenciados de equivalências que têm a ver com a cultura, semântica, pragmática, o neologismo, a metáfora, etimologia, sincronia, diacronia, sinonímia, hiperonímia, hiponímia, e mais outros aspetos dos parâmetros linguísticos de cada língua. Neste contexto, podemos asseverar que os signos linguísticos ou os lexemas de uma língua refletem a cultura de uma sociedade daquilo que é, foi e que será, isto é, representando o passado, o presente e, perpetuando a visão linguística do léxico (vocábulos ou termos) que o futuro vai criar, tendo em conta a Lexicologia, Lexicografia e a Terminologia. Na base desta

descrição, a ciência de linguagem ensina-nos que a língua é dinâmica e não estática. Ela é estudada na sua perspectiva sincrónica e diacrónica, por isso mesmo, que o léxico de uma língua apresenta significados dos vocábulos ou termos do seu léxico ativo e passivo, tendo em conta os aspetos sociolinguísticos, culturais, científicos e históricos, diacrónicos e sincrónicos do carácter interno e da forma externa da linguagem humana e das línguas naturais.

Para terminar este item, podemos resumir que a equivalência no dicionário bilingue é definida quando um lexema ou uma frase ou um texto de uma língua pode ser substituído por outro de outra língua para designar o mesmo conceito ou conceitos semelhantes ou parciais ou ainda um conceito sem equivalência que tenha um significado com os mesmos traços semânticos ou paradigmáticos da língua de chegada ou da língua de partida.

6.2. Proposta do dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo

Este trabalho científico lexicográfico tem como objetivo linguístico a dicionarização dos verbos em Português e Iwoyo, formando um dicionário bilingue bidirecional dos verbos, uma língua proto-bantu-africana-bakongo e a outra indo-europeia-romântica-ibérica. Para o efeito, vamos apresentar uma proposta de um dicionário bilingue bidirecional, sendo as duas línguas, Português e o Iwoyo (língua ibinda), línguas de partida e línguas de chegada. Desta forma, a proposta do dicionário vai apresentar o seguinte formato: Português-Iwoyo e Iwoyo-Português, tendo somente os verbos das duas línguas e alguns portuguesesismos (neologismos verbais do português no iwoyo) que fazem parte no iwoyo como léxico verbal.

Em seguida, vamos apresentar alguns verbos do corpus lexical da proposta do dicionário bilingue dos verbos em Português e Iwoyo, tendo em conta a equivalência total.

6.2.1. Corpus lexical da proposta do dicionário bilingue bidirecional dos verbos do Português e do Iwoyo

Vamos expor e descrever alguns lexemas do léxico dos verbos em Português-Iwoyo e Iwoyo-Português na seguinte proposta do corpus lexical do dicionário bilingue bidirecional de verbos destas duas línguas, como uma alicerce que poderá ser desenvolvida no seu aspeto macroestrutura e microestrutura com todos os elementos linguísticos necessários .

Tabela 36: Corpus do dicionário bilingue bidirecional dos verbos do Português e Iwoyo

PORTUGUÊS-IWOYO	IWOYO-PORTUGUÊS
Ser v. uba	Ubáka v. rasgar
Rasgar v. ubáka; ukanzunwa	Ubwila v. agarrar; apanhar
Mostrar-se v. ukyimyonesá	Uba v. ser; estar; ficar
Mostrar v. umonisa; usungikila	Ukyimyonesá v. mostrar-se
Ficar v. uba; usyala; ukala	Ubaka v. apanhar; ganhar; ter; conseguir; alcançar
Estar v. uba; ukala	Ubaánda v. emagrecer
Espreguiçar v. ukikáta	Ukukyata v. espreguiçar
Emagrecer v. ubánda	Ukanzunwa v. rasgar; despedaçar; fragmentar
Apanhar v. ubaka; ubwila; uvitila	Ubala v. pensar
Ter v. <i>ubaka</i>	Ubala v. pensar; raciocinar; cogitar; refletir
Mudar v. ubalukwa; ubalulwa; umudya	Ubaluka v. mudar; converter-se; transformar-se; contornar; virar
Converter v. ubalukwa	Ubalukwa v. transformar-se; virar
Transformar v. ubalulwa; ubalukwa	Ubalula v. virar
Cambalhotar v. ubalumuka	Ubalulwa v. virar
Agarrar v. ubambagana; usimba; ubwila	Ubalumuka v. cambalhotar
Segurar v. usimba; ubambangana; uzingitila	Ubambangana v. agarrar; segurar
Recordar v. ubambukwa; utebukwa monyo	Ubambulwa v. descascar; debulhar; esbagoar; desfolhar
Desfolhar v. utundubula	Utundubula v. desfolhar; debulhar; esfolhar
Lembrar v. ubambukwa; utebukwa monyo	Ubanda v. pregar (pregos)
Descascar v. utunda; utundubula	Ubandama v. baixar
Pregar (1) v. ubanda; (2) ulonga mambu ma Nzamby	Ubandamina v. baixar e mostrar a bunda
Baixar v. ubandama	Ubandona v. (neol. Port.) abandonar
Viajar v. uvyaja	Ubanzamina v. pensar; refletir cogitar
Abandonar v. ubandona; ubika	Ubanzimina v. pensar; cogitar; meditar; refletir; raciocinar
Pensar v. uyindula; upensa; ubanzimina	Ubasika v. sair; ausentar
Sair v. ubasika; ukwenda	Ubasisa v. fazer sair

Atirar v. ubasula; ulooza	Ubasula v. atirar
Esconder v. uswama; ubatama	Ubatama v. esconder; ocultar; encobrir
Batizar v. ubatizyala; obotuma	Uswama v. esconder; ocultar; encobrir
Negar v. ubaya; umaanga	Ubatazyala (neol.) v. batizar
Contestar v. ubaya; umaanga	Ubaya v. negar; refutar; contestar
Refutar v. ubaya; umaanga	Ubeéla v. adoecer; acamar; enfermar; ficar doente
Adoecer v. ubéla	Ubeénga v. amadurecer; envermelhar
Amadurecer v. ubeénga; ufulukwa	Ubelama v. perder o processo; ser culpado; perder a razão
Perder a razão v. ubela	Ubelama v. aproximar; avizinhar
Aproximar v. ubelama; ubalangana; ukomuna	Ufulukwa v. amadurecer; madurar
Guardar v. ubelika; uluunda	Ubelika v. guardar; conservar; preservar
Conservar v. ubelika; uluunda	Uluunda v. guardar; conservar; preservar
Incriminar v. ubelisa; ukuza; ukulpa	Ukomuna v. aproximar; avizinhar
Abandonar v. ubiíka; ubandona; ulolikya	Ubalangana v. aproximar; avizinhar
Investigar v. ifyogonona; ubiíla; utomba	Utomba v. procurar; investigar; pesquisar
Tossir v. ukozula	Utonta v. provar; saborear
Procurar v. ubíla; utomba; ifyogonona	Ubelisa v. incriminar; acusar; arguir; culpar
Provar v. ubímba; utoonta; umeka	Ubiíka v. deixar; abandonar; largar; renunciar
Saborear v. utoonta; ibímba	Ubiíla v. procurar; investigar; indagar; buscar; pesquisar
Largar v. ubikila; ubika; usundula	Ubiímba v. provar; saborear
Deixar v. udikila; ubika; usundula; ubandona	Ubikila v. largar; deixar; soltar; libertar
Largar v. ubika; usundula; ubandona	Usundula v. largar; libertar; abandonar
Abandonar v. ubika; ubandona; usundula	Ubandona (neol. Port.) v. soltar; largar; abandonar; deixar
Cumprimentar v. ubila; ukubika	Ubila [u'bile] v. cumprimentar; saudar
Saudar v. ubila	Ubilikisa v. vaticinar; prognosticar; pressagiar
Vaticinar v. ubilikisa; ukanakisa; ubilikisa	Ubinana v. combinar; acordar; ajustar
Prognosticar v. ubilikisa; ukanyakisa; ukanakisa	Ubokuna v. partir; colher
Combinar v. ubinana; uwakana	Ubola v. apodrecer
Acertar v. ubinana; uwakana; udedekese	Udedekese v. acertar; combinar; acordar

Aprender v. tr. Ulongukwa; uzaba; uba kumueze	Ubinana (neol. Port.) v. combinar; acertar; ajustar; acordar
Acordar (1) v. ukotukwa; (2) ubinana; uwakana; udedekese	Uwakana v. combinar; acordar; ajustar
Ajustar v. uwakana; ubinana; udedekese	Ubolisa v. fazer apodrecer; estragar
Apodrecer v. ubola; ubilisa	Utomba v. vasculhar; procurar
Estragar v. utalaka; ubolisa; uvava; uvavula	Ubonza v. vasculhar
Acalentar v. ubónda	Uboola v. desenrascar
Consolar v. uboonda	Ukanakisa v. prometer
Tranquilizar v. uboonda	Uboonda v. consolar; acalmar; tranquilizar; amimar; acalantar
Vasculhar v. ubonza; utomba; ubila; usyandubula	Ubotula v. tirar
Unir v. ubúnda	Ubuunda v. juntar; unir
Atropelar v. ubunda; ubumina	Ubunda v. pancar; tocar; atropelar; derrubar
Desenrascar v. uboola	Ubundana v. juntar-se; unir-se
Tirar v. ubolula; uboonga; uvokuna	Ubufugana v. entortar; esmagar;
Derrubar v. ubunda; ubwisa; ubwangya	Ubuka v. tratar
Esmagar v. ubufugana; uvava; unyesa; ulyatila	Ubukulwa v.
Estragar v. uvava; uvavulwa	Ubula v. partir; bater
Tratar v. ubuka; ukeba	Ubumbagana v. abraçar; agarrar
Bater v. ubula	Ubumina v. pancar;; tropeçar; esbarar
Partir v. ubula; ukewnda	Ubúnda v. atropelar
Abraçar v. ubumbagana; (-se) ubumbazyana	Ubundana v. colidir-se; abraçar-se; unir-se
Estragar v. ubuunga	Ubundangana v. juntar-se
Gastar v. ugasta	Ubunga v. gastar; deitar; estragar
Deitar v. uloza	Ubwisya v. derrubar
Derrubar v. ubwisya	Ubuta v. dar a luz; parir; dar parto
Parir v. ubuta	Ubutuka v. nascer
Dar a Luz v. ubuta	Ubúnda v. pancar alguém
Dar parto v. ubuta	Ubúnga v. estragar
Nascer v. ubutuka	Ubwa v. cair
Cair v. ubwa	Ubwama v. mergulhar

Mergulhar v. ubwama	Ubwamdja v. derrubar
Apertar v. ubwata; ufiná; ufinikina; uminikina	Ubwandgi v. derrubar
Caçar v. ubwéla; ulénga	Ubwata v. apertar
Aumentar v. ubwela; ubakisa	Ubweéla v. caçar
Acrescentar v. ubwela; ubakisa	Ubwela v. aumentar; ampliar; acrescentar; alargar
Ampliar v. ubwela ubakisa	Umenta (neol. Port.) v. aumentar
Agarrar v. ubwila	Ubakisa v. aumentar
Promover v. ubyala; ubyeka	Ubwila v. agarrar
Nomear v. ubyeka	Ubwisa v. derrubar
Aceitar v. ucicina; uvitika	Ubyeka v. nomear, promover
Aguentar v. ucimba monyo; ugwewnta; ucindila	Ugwentá (neol. Port.) v. aguentar; suportar
Dançar v. ucina	Ucicina v. aceitar; estar de acordo
Forçar v. ucindima; (-se) ucindilya	Ucicinya v. aceitar; concordar; consentir

Nas pesquisas lexicográficas feitas sobre este capítulo, apurámos que com esta proposta do dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo, permitiu-nos compreender a realidade lexical dos verbos destas duas línguas. Neste contexto, possibilitar-nos-á a feitura integral do dicionário bilingue bidirecional em formato digital e papel dos verbos das duas línguas com uma larga dimensão dos lexemas verbais com várias entradas ou vedetes como ilustra a ficha lexicográfica do dicionário bilingue do verbo em português-iwoyo supradescrita em forma digital e a tabela em forma de papel completo e extenso destes dois idiomas como descrevemos na proposta antecedente do Corpus lexical do dicionário bilingue bidirecional dos verbos em Português e Iwoyo, que permitirá uma visão linguística mais ampla no estudo dos verbos destas duas línguas para o ensino-aprendizagem, como base primordial do enriquecimento do léxico verbal bilingue dos verbos do Português e Iwoyo, língua cabindesa. Deste modo, do ponto vista da correspondência lexical dos verbos, verificámos que há uma grande equivalência total dos vocábulos verbais da língua Lusa e Ibinda, na maior parte dos portuguesismos e ibindismos (iwoyismos), nesta proposta do dicionário. Assim, podemos afirmar que nenhuma língua existe sem que tenha neologismos lexicais vindos das outras línguas. Esta é uma verdade linguística lexicológica e lexicográfica irrefutável no estudo diacrónico e sincrónico da linguagem humana e das línguas naturais.

CONCLUSÃO

Esta investigação linguística evidencia um estudo e uma análise do *corpus lexical dos verbos em português e Iwoyo*²⁸⁹, criando uma proposta do dicionário bilingue bidirecional dos verbos destes dois idiomas, que vai ser utilizado, posteriormente, em Cabinda, para o ensino da língua Ibinda, tendo em conta as outras variantes linguísticas desta língua em contraste com a língua Portuguesa.

Depois de um estudo aprofundado de alguns aspetos do corpus lexical dos verbos, chegámos, finalmente, a uma compreensão linguística no que tange as diferenças e interferências mútuas das duas línguas, que se podem observar nos falantes-ouvintes da região Sul de Cabinda, município de Cabinda. Este trabalho permitiu-nos também repensar e formular uma metodologia mais adequada para um programa de ensino bilingue do Português e da língua cabindesa que se pretende implementar na província de Cabinda, no programa de ensino das línguas nacionais angolanas no sistema de educação escolar nacional.

Para além dos objetivos invocados, este estudo e esta investigação vai permitir outras investigações com o intuito da criação do material didático-pedagógica que facilitará o ensino-aprendizagem destas línguas, tendo em conta aos falantes de Cabinda que as têm como L1 ou L2. A nossa maior intenção é a criação de um projeto de educação bilingue facilitador da aprendizagem da L1 e da L2, concorrendo, deste modo, para uma melhoria da proficiência do Português, pois que, até a este momento, tem-se verificado nalguns alunos, que terminam o ensino médio e superior, muitas deficiências e dificuldades na compreensão e conjugação dos verbos da língua Portuguesa na sua comunicação oral e escrita.

Neste estudo e investigação, constatámos que o conhecimento da estrutura morfosintática do SV do sistema linguístico cabindês, poderá influenciar, positivamente, o ensino/aprendizagem dos aprendentes do Português, especialmente, sabendo que as estruturas gramaticais das duas línguas não coincidem linguisticamente.

²⁸⁹Até ainda não encontramos termos adequados para a tradução/equivalência dos termos dos modos, formas nominais dos verbos e tempos da língua portuguesa, mas ao longo das nossas investigações iremos encontrar e propor termos apropriados que correspondam aos portugueses.

Tendo em conta a evolução científica como verdade externa do mundo real, hoje, a dinâmica da ciência, principalmente, na área da linguística, neste século XXI, o desenvolvimento da informática inter-associada às áreas referentes à Linguística e Ensino de Língua, Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, bem como, em outras áreas da linguística, tem demonstrado a importância das atuais investigações; estimulando reflexões em relação às suas convergências e divergências, de modo a desenvolver os conceitos, as finalidades e os campos de atuação de cada área de especialidade na Ciência Linguística ou de Linguagem.

Chegamos no ponto mais crucial da conclusão de que os cabindeses são, maioritariamente, bilingues, falantes destas duas línguas em estudo. Alguns têm-nas como L1 ou L2. Em Cabinda, não existe uma diversidade linguística entre os seus genuínos, mas nuances, devido a variações geográficas ou diatópicas, isto é, a características próprias, verificadas nas duas zonas linguísticas diatópicas da língua cabindesa no território de Cabinda: **Lulondo com os seguintes dialetos:** iwoyo, ikwakongo, ikoci, isundi da comuna de Tando Zinze e **Chilowango** que circunscreve com estes dialetos: iyômbe, ilînji, ivíli e isundi da comuna de Miconje); o Português é a única língua oficial e a língua do ensino/aprendizagem.

As unidades lexicais do Português apresentam características próprias que as distinguem da língua dos cabindas. Neste caso, como considerações finais, podemos, agora, caracterizar as diferenças existentes entre variantes de uma língua conforme foi referenciado no capítulo I. Daí não podermos afirmar que o português é uma variante do latim; nem tão pouco uma variante do castelhano ou do espanhol, mesmo sendo oriundos da mesma região europeia, precisamente, na Península Ibérica e dos antigos reinos da Espanha.

As línguas distinguem-se uma das outras. Esta é uma observação que qualquer pessoa pode fazer, ouvindo simplesmente utentes de origens linguísticas diferentes, falando entre si. Devemos considerar esta realidade como uma verdade linguística, que a variação entre línguas abrange os aspectos lexicais, fonológicos, fonéticos, morfológicos, semânticos e sintáticos. Deste modo, a variação fonológica e a variação lexical constituem, talvez, os tipos de variação mais facilmente detectáveis.²⁹⁰ O mais difícil, contudo, é a apreensão das variações de natureza morfológica e sintática, porque para observar este tipo de variação é

²⁹⁰ ELISEU, André (2008). *Sintaxe do Português*, Editora Nzila, Luanda, parafraseando André Eliseu p. 20.

necessário conseguir reconhecer as palavras e as construções usadas (uma tarefa impossível quando não se conhece a língua em questão)²⁹¹.

Nesta conformidade, as línguas podem-se distinguir uma das outras, sendo também possível encontrar relações de semelhança entre si. Por exemplo, é muito fácil reconhecer a afinidade entre as línguas românicas, provindas do latim (português, espanhol, francês, italiano...) e, no nosso contexto linguístico africano, é muito fácil, também, reconhecer a afinidade entre as línguas bantu, especificamente, aquelas línguas baongo ou kongo²⁹²; este é o termo que nos parece mais correto do que o termo “grupo ou variante do kikongo”, tendo em conta a existência da língua natural, o kikongo falado na Província do Uige e de Zaire, precisamente, no Banza Congo, como continuum linguístico e, também o kikongo “ya leta” ou *munukutuba* ou *kituba* falado nos dois Congos como kikongo veicular.

Devemos ter em conta que toda a investigação científica obedece à evolução temporal e espacial (local) em que as teorias científicas foram elaboradas; em cada tempo e espaço o homem desenvolve o seu conhecimento, adaptando-se às perspectivas científico-investigativas que proporcionam novos factos científicos. Linguisticamente, devemos ter em conta as realidades históricas, etnolinguísticas, genealógicas, tipológicas e sociolinguísticas das línguas naturais para melhor compreendermos a realidade linguística de cada língua. É nesta conformidade linguística, segundo Eliseu (2008:78-79) afirma que, o *estudo comparativo das línguas resulta o estabelecimento de uma classificação que permite situar línguas em relação às outras, segundo o seu grau de aproximação ou afastamento de acordo*

²⁹¹ *Ibidem*.

²⁹² Cf. LUSAKALALU, Pedro (2005), no seu livro, *Línguas e Unidades Glossonímicas*, Luanda, p. 16: «Como não existe outro glossonimo que denota uma variante do umbundo, temos certeza de que o umbundo é uma língua. Esta língua conta sempre com 1., quer o número de línguas em Angola seja pouco mais de 9 ou mais de 60. Já o kikongo apresenta dificuldades por causa dos glossonimos que denotam variantes de kokongo. Os estudos etnolinguísticos, de Carlos Estermann e José Redinho a Mann e Dalby, sugerem pelo menos 16 variantes do kikongo em Angola. João Fernandes e Zavoni Ntongo, citando Redinho, apresentam 18 variantes. Algumas destas variantes podem ser consideradas como línguas diferentes. Por exemplo, os grupos que falam algumas variantes do kikongo em Cabinda, incluindo os bayombe e os bavilis, podem não ser considerados como falantes de uma variante do kikongo. O nível de compreensão entre os falantes do kiyombe ou kivili, por ex., e os falantes de outras variantes do kikongo não é um critério determinante. O facto que os idiomas têm os seus nomes é que leva os falantes a pensarem que falam outra língua. Línguas...».

*com determinados parâmetros linguísticos. Esta classificação pode ser feita segundo dois critérios, genética e tipológica*²⁹³.

Se nos fundamentarmos nestes critérios científico-linguísticos, não enveredaremos em apologismos sem qualquer fundamento científico e linguístico, nem tão pouco cairemos no erro de não reconhecermos o que os outros fazem, segundo a sua realidade linguística, sociolinguística e cultural autóctone; gerando, deste modo, novos pressupostos teóricos científico-linguísticos hodiernos na perspectiva diacrónica e sincrónica de cada língua.

Nós, enquanto linguistas e investigadores, antes de afirmarmos qualquer assunto linguístico sobre uma língua, devemos, primeiramente, consultar a realidade linguística de cada língua em estudo, tendo em conta todos os seus aspectos linguísticos, sociolinguísticos, diacrónicos, sincrónicos e culturais necessários para que não caiamos em erros, por isso que, segundo o autor supracitado, afirma que, *a classificação completa de uma língua inclui a sequência das famílias de línguas, da mais abrangente à mais restrita, a que essa língua pertence, conforme a realidade da sua origem, como por exemplo, as línguas europeias são classificadas, tomamos o Português como referência, que faz parte das línguas indo-europeias e novilatinas, classificada como uma língua: Indo-Europeu/Itálico/Romano Ocidental/Galego-Português/Português.*

Afirmamos ainda, continuando com o mesmo linguista, que (...) *na prática, refere-se apenas o nível de classificação adequado aos objectivos da análise particular de um idioma que se está a desenvolver; nalguns casos, poderá ser suficiente uma caracterização mais larga (por exemplo, classificando o Português como uma língua indo-europeia ou como uma língua românica, enquanto noutros poderá ser necessário operar com uma classificação mais fina.*²⁹⁴

²⁹³ ELISEU, André (2008), op. cit. p. 78-79: 1) *Classificação genética (ou genealógica), cujo critério é a relação histórica entre as línguas. Esta classificação, que é a mais conhecida, é adaptada aos estudos de Linguística Histórica e procura estabelecer famílias de línguas, tendo em conta a sua origem. Assim por exemplo, as línguas que têm origem no latim são classificadas de uma mesma família, a das línguas românicas; 2) Classificação tipológica, que assenta em critérios formais (fonológicos, morfológicos ou sintáticos), e que permite definir tipos de línguas. Por exemplo, uma classificação tipológica sintática pode agrupar as línguas de acordo com o padrão de ordenação das palavras que têm as funções de sujeito e objecto e do verbo*

²⁹⁴ Ibidem.

Como académicos, linguistas e investigadores, julgamos que a língua Ibinda, *lato sensu*, deve ser classificada como uma língua bantu ²⁹⁵ /africana/bakongo/cisi kabinda/cabindês/ ibinda.

Devemos saber, hoje, como linguistas, parafraseando o autor precedente, quais são os critérios que devem ser usados para estabelecer as famílias de línguas; estes devem assentar, por um lado, em informações extra-linguísticas (dados da história e da arqueologia, dados sobre a genética das populações e outros) que confirmam ou sugerem relações de parentesco entre línguas e, por outro, na observação de dados linguísticos, cuja análise sustenta a hipótese de uma hipotética origem (como, por exemplo, uma estrutura lexical semelhante ou ocorrência de um certo processo fonológico ou de um dado de sons).²⁹⁶

Depois de uma análise importante e de um estudo contrastivo de uma das línguas nacionais angolanas, o Ibinda, na sua variante Iwoyo, e da língua oficial em Angola e do ensino/aprendizagem, língua portuguesa, vamos tecer as seguintes considerações finais que achámos pertinentes para uma política linguística educacional das línguas naturais angolanas.

A política educacional das línguas nacionais em alguns Estados, principalmente em África, especificamente em Angola, revela-se deficiente e assaz negligenciada; não constituindo parte do ensino nacional. Neste aspecto, urge ter-se, hoje, uma visão prospetiva desta realidade política linguística.

As questões relacionadas com o uso e a difusão de uma língua podem apresentar-se sob uma tripla natureza: 1) a língua como forma de construção da pessoa e de comunicação quotidiana do indivíduo, como língua materna (L1); 2) a língua como veículo de escolarização de comunidades que a utilizam como uma língua primeira (L1) ou segunda (L2) ou oficial ; 3) a língua como referência sócio-política e cultural nas esferas em que ela é o elemento

²⁹⁵ *Bantu é o conjunto de população da África Sul – Equatorial (excepção dos Bosquimanos e dos Hotentotes) que falam línguas da mesma família, mas pertencem a tipos étnicos muito diversos. Se tomarmos a língua como critério, este conjunto compreenderá também as populações de tipo pigmeu, nilótico, congolês, assim como zambiano (três últimos sendo subdivisões do tipo melano – africano). Isto significaria que o termo "bantu" é puramente linguístico e a sua definição torna-se muito difícil se tiver dele uma noção racial. Entretanto, esta constatação não inclui a possibilidade de utilizar o termo para tudo que se relaciona com o conjunto destas populações falantes da mesma família. E assim que se pode falar de " filosofia bantu", "cultura bantu", etc. Cf. Prof. Ndonga M. Manuel, Ph.D e Assistente Endzongo Aime, B.A., na Introdução à Linguística Africana, Universidade Agostinho Neto, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, 2004-2005, Luanda, p. 35.*

²⁹⁶ Cf. ELISEU, André. Op. cit. p. 29

valorativo na transmissão oral e escrita dos valores morais, éticos, espirituais, culturais e científicos de uma comunidade linguística.

A política educacional de um país, *latu sensu*, deve ter uma grande influência no que diz respeito ao ensino/aprendizagem das línguas nacionais de uma Nação-Estado, como a nossa, Angola; pois que o maior benefício a tirar com o ensino das línguas nacionais angolanas, em todos os níveis, será a feitura dos currículos escolares para o ensino/aprendizagem das respectivas línguas, principalmente, aquelas angolanas, para o ensino primário, com suas unidades de execução, assunto, objectivos, conteúdos; possíveis itens de actividades de aprendizagem, métodos, materiais sugeridos e avaliação, que poderão ser desafios que permitirão o surgimento de uma nova perspectiva linguística bilingue para o ensino/aprendizagem das línguas nacionais angolanas e portuguesa.

O mais importante de tudo que se poderá fazer na política educacional nacional do ensino das línguas nacionais angolanas será o comprometimento dos professores, funcionários do governo, editores, escritores, linguistas; de todos os envolvidos no ensino/aprendizagem e avaliação das línguas nacionais, gerando, deste modo, uma forte consciencialização de que sem as línguas nacionais não há cultura nacional. Importa fazê-las o centro das preocupações políticas na prossecução de uma unidade nacional que não passe por centralismos ou desertificação das minorias e periferias.

Para que este processo tenha resultados eficazes e positivos no ensino das línguas nacionais dos PALOP, especificamente angolanas, segundo o nosso ponto vista linguística, dever-se-á aplicar as seguintes estratégias: **a)** Efectivação de um levantamento da situação linguística em todas as províncias; **b)** Desenvolvimento de uma investigação que abranja cada língua nacional, tendo em conta aquela oficial, no nosso caso, o português, no ensino/aprendizagem nos PALOP; **c)** Enriquecer a formação inicial e contínua de professores de línguas nacionais e portuguesa, o que implicará a criação de mecanismos adequados à preparação e ao recrutamento de especialistas, quadros superiores formados em várias áreas da Linguística e experientes nas mesmas línguas; **d)** Cada província deverá criar uma estrutura de apoio linguístico aos técnicos, investigadores (linguistas), professores e escolas, para o acompanhamento de situações linguísticas prementes, quer a nível de modelo de ensino (metodologias, didática e pedagogia), quer naquele de matérias e recursos humanos.

Tendo em conta a importância que as políticas linguísticas educacionais têm no aspecto nacional e mundial, para dar mais uma coesão científica e linguística desta realidade em foco, fundamentar-nos-emos na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, tendo em conta os seguintes artigos:

Artigo 7º: Todas as línguas são expressões de uma identidade colectiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem ter condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções;

Artigo 10: Todas as línguas são iguais em direito.

Não devemos deixar os nossos direitos linguísticos serem dominados por leis de mercado, interesses partidários, étnicos, etc. O multilinguismo em África é um sinal de que, hoje, os africanos devem tomar consciência, reconhecerem e valorizarem os direitos das suas comunidades linguísticas, isto é, as suas línguas nacionais, inseridas no espaço territorial dos seus países, e a subjugação da variedade das línguas por uma só, seria castração da identidade dos respectivos países ou províncias.

À guisa de conclusão, tomaremos o artigo 25, que realça o aspecto mais sublime que descreve: todas as comunidades linguísticas têm direito a dispor de todos os recursos humanos e materiais necessários para alcançar o grau desejado de presença da sua língua em todos os níveis de ensino no interior do seu território: professores devidamente formados, métodos pedagógicos adequados, manuais, meios técnicos tradicionais e inovadores, implicando por parte dos Estados ou Nações os investimentos na formação de professores e na melhoria das estruturas e tecnologias.

Nesta conformidade, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos considera que as dimensões colectivas e individuais linguísticas são inseparáveis e interdependentes, pois as línguas constituem-se dentro de uma comunidade, e é também dentro da comunidade que as pessoas as usam individualmente. Portanto, o exercício destes direitos somente podem tornar-se efectivo, quando os direitos colectivos de todas as comunidades e grupos forem respeitados e reconhecidos.

Agradecemos aos leitores que puderam nos acompanhar nesta caminhada científico-linguística. De tudo quanto lemos, ouvimos, compreendemos, estudámos e analisámos sobre

este estudo contrastivo linguístico da língua lusa e ibinda, tendo em conta a Linguística Geral e Descritiva, constituiu o fundamento básico para a descrição dos objetivos (geral e específicos) dos nossos pressupostos teóricos relacionados ao tema e na criação de novas hipóteses para as futuras investigações linguísticas. Estamos satisfeitos por cumprirmos os nossos objetivos científico-linguísticos preconizados nesta pesquisa do Doutorado em Linguística na área de especificidade de Linguística e ensino de Língua na FCSH/UNL.

SUGESTÕES

O Português e o Ibinda (na perspectiva do estudo e análise da variante Iwoyo), nesta tese de doutoramento em Linguística, são línguas inteiramente diferentes. O seu uso corrente num mesmo espaço, que se pretende vital impõe, antes de tudo, que se tenha consciência linguística de duas realidades:

- a) O Português é simplesmente uma língua instrumental e oficial em Angola na medida em que serve para a administração, ensino e, de certo modo, para a comunicação com aqueles que não fazem parte do mundo ibindófono. Neste sentido, importa que permaneça simplesmente circunscrito a este seu estatuto como língua oficial e do ensino e aprendizagem em Angola. Hoje, o Português é uma língua estruturante que faz parte da cultura angolana, tendo em conta a sua coabitação e interferência com as línguas nacionais angolanas, sendo L1 ou L2 pelos falantes angolanos. Muitos linguistas africanos, afirmam que é pura e simplesmente um erro de consequências imprevisíveis considerarmos as línguas dos antigos colonizadores como línguas de cultura e nacionais dos africanos. Nenhum país, que se deseja africano e bantu, pode alimentar a veleidade de construir a cultura dos avoengos deste povo africano com uma língua indo-europeia que é incapaz de traduzir sentimentos, ritos, mundividências e todos os elementos valorativos que construíram o seu ancestral existencial e cultural proto-bantu-africano. Isto só é possível em línguas que os deram à luz e que estes povos bantu criaram; mas, contudo, estas línguas europeias, na lógica linguística e sociolinguística, fazem parte da nossa realidade cultural também. É muito evidente afirmarmos e confirmarmos em alguns contextos que o português também faz parte da nossa cultura em Angola, porque nos viu nascer, crescer e, sendo, na realidade, a alma gémea das línguas nacionais bantu angolanas ao longo da colonização portuguesa e, depois da independência de Angola até aos nossos dias, fazendo, igualmente, parte da nossa cultura, tendo em conta a coabitação e interferência destas.
- b) O Ibinda é a língua tradutora da alma do povo ibinda. É dever, consequentemente, das políticas governamentais o encontrar não só como a preservar face à massificação do Português e da influência de outras línguas estrangeiras como também gerar espaços para a sua implementação linguística no ensino e aprendizagem. É urgente, neste

sentido, encontrar como gerir estas duas realidades linguísticas que convivem e que se vão entrosando cada vez mais, causando as suas interferências linguísticas, isto é, o portuguesismo no ibinda e o ibindismo no português. Propomos o seguinte:

1) Importa encorajar o uso correto das duas línguas. É um autêntico disparate tentar ibindanizar o Português ou aportuguesar o Ibinda; construir uma espécie de crioulo. Não há outro meio para tal incremento que a escola, os média e a família:

a) O papel da escola:

É urgente ter a coragem política para introduzir o Ibinda e as outras línguas naturais angolanas no currículo escolar. Daí que se propõe a estruturação de programas, tendo em conta a realidade linguística do ensino bilingue da língua portuguesa e das línguas nacionais angolanas em cada província. Estes não devem ser simplesmente uma imposição do alto ou muito menos de origem centralizada ou de cunho partidário, alijando pessoas competentes na matéria só porque têm cor política diferente ou região tida sem importância. A ciência não se compadece com estas pequenas-políticas ou visões enviesadas da cidadania. Nenhum programa por mais bem estruturado que seja ou for pode ter sucesso, se não se tiver em conta o factor humano, que é o professor. Neste aspecto, exige-se programas que os formem, tendo como primeiro princípio a escolha daqueles, os linguistas, que já dominam a língua portuguesa ou as línguas nacionais angolanas em cada província em todos os aspectos e formados nesta área linguística do ensino de língua. Seria um erro tremendo tomar para o ensino do Ibinda ou outra qualquer língua nacional angolana pessoas que se atessem somente às sebatas e incapazes de fazer recurso de outras nuances de qualquer língua nacional ou aqueles professores adaptados sem qualquer formação didática, pedagógica e metodológica do ensino/aprendizagem em Linguística e ensino de língua;

b) Os média.

Estes têm um papel preponderante na aprendizagem e difusão das línguas nacionais. Deve haver programas, em horas nobres, para o ensino das mesmas, como acontece em médias de outros países. Os locutores devem ter um conhecimento aprofundado

da língua, evitando aqueles que, de palavra a palavra, vão introduzindo termos aportuguesados;

c) A Família.

Esta deve ter duas funções: **1-** Instilar o amor à cultura nacional, mais precisamente, do Ibinda ou outra língua nacional angolana, encontrando momentos para diálogos na língua; **2-** Colmatar o ensino que é administrado nas escolas.

Estas sugestões não teriam sentido se não apontarmos a questão da formatação de manuais e, sobretudo, a possibilidade de publicações em cada língua nacional, mormente, de um jornal local que seja pelo menos mensal.

Em jeito de conclusão, sugerimos ao governo angolano, que seja ao nível do Secretariado Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia ou da Cultura, *a tout court*, Ministério da Educação e da Cultura, a criação de um instituto da língua nacional Ibinda. Este ocupar-se-á de pôr em prática e orientar o desenvolvimento da língua de cada província ou região linguística. O responsável deve obedecer a critérios bem determinados: conhecer bem não só o Ibinda como também a cultura do povo. Ter a capacidade de congregar todos os ibindistas sem olhar a critérios que não têm nada a ver com a ciência; para um bom entendedor uma palavra basta para compreender a descrição feita nesta tese de doutoramento em Linguística na especialidade de Linguística e Ensino de Língua.

Para terminarmos e fecharmos esta descrição dos objetivos da tese de doutoramento em linguística, vamos definir a linguística, segundo a nossa compreensão, neste estudo e investigação, que é o estudo científico da linguagem humana e das línguas naturais, a principal modalidade dos sistemas sígnicos, que são a forma de comunicação mais altamente desenvolvida e de maior uso criado pelo homem; o seu estudo é fundamentado na ciência de linguagem, cobrindo o aspeto funcional dos fonemas dentro de cada sistema linguístico, assim como os aspetos dos módulos gramaticais do mesmo sistema, tendo em conta o caráter interno e forma externa da linguagem humana que permitem a codificação e descodificação da mensagem oral e escrita a partir da língua interna de cada falante-ouvinte em consonância com o sistema linguístico de cada comunidade linguística, língua externa.

BIBLIOGRAFIA

1.1. Bibliografia Geral

- ALPÍZAR, Castillo (1995). Como Hacer un diccionario Científico Técnico, Buenos Aires, Memphis.
- ALVES, I. M. (1998). “Neologia e Tecnoletos” in *As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, Universidade de São Paulo, Editora UFMS.
- ALVES, Ieda Maria (2002). *Neologismo. Criação lexical*, São Paulo Editora Afiliada.
- ALVES, Ieda Maria (2010). “A neologia do Português brasileiro de 1990 a 2009”, in *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspetivas*, São Paulo, Editora Paulistana.
- ALVES, Ieda Maria (Org.), (2010). *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspetivas*, São Paulo, Editora Paulistana.
- AMORIM, M. S. (2008). NGB e NCP: Uma comparação entre nomenclatura. Domínios de Linguagem2, 2: Linguística de Corpus.
- ANA, Madeira, Coordenadora do Doutorado da área de Especialidade de Linguística e Ensino de Língua na FCSH/UNL, (2013). Seminário de especialidade, tema: Perspetivas teóricas sobre aquisição e aprendizagem da linguagem.
- ANÇÃ, Maria Helena (2003). A didática do português cruzando o intercultural, Aveiro/Portugal.
- AKAKURA, M. (2012). Evaluating the effectiveness of explicit instruction on implicit and explicit L2 knowledge. *Language Teaching Research*.
- Arquidiocese de Luanda/Angola (1963). Catecismo Fiote Português, 3ª Edição, Tipografia da Sociedade de S. Pedro para Missões de África, Roma (3), via dell’Olmata, 16. República Portuguesa.
- BALANDIER, G. (1955). *Sociologie actuel de l’Afrique noire*, Paris.
- BALANDIER, G. (1965). *La vie quotidienne au Royaume du Congo du XVI^e et XVIII^e siècle*, Hachette, Paris.
- BAKHTIN, M. Mikhailovitch (2013). Questões de estilística no ensino da língua (traduzida por Shela Grillo, Ekaterina Volkova Americana). São Paulo, Editora.

- BAKHTIN, M. Mikhailovitch (2004). Dialogic origin and Dialogic Pedagogy of Grammar: Stylistic in teaching russian language insecondary school (transleted by Lydia Razran Stone (p.12-49).
- BARBOSA, Maria Aparecida (1980). Modelos em lexicologia. *Língua e literatura*, n. 9, (1980:267).
- BANDEIRA, Joalêde (1998). Introdução aos estudos linguísticos, Faculdade Tecnológica e Ciências-Ensino a Distância(FCT-Ead), Brasil.
- BELIVACQUA, Cleci Regina (1997). Tipologia e dicionário, In: Cadernos do Il, n.10, UFRGS, Instituto de Letras. BÉJOINT, Henri e THOIRON, Philippe (1996). *Les Dictionnaires Bilingues*, Louvain, Editions Duculot.
- BÉJOINT, Henri e THOIRON, Philippe (1996). *Les Dictionnaires Bilingues*, Louvain, Editions Duculot.
- BESSE, H. (1984). Porquier, R., Grammaire, didactique de langues: Paris: Hatier- Crétif.
- BIBER, Douglas Conrad & RAPPEN, R. (1998). *Corpus Linguistics, Investigating Language Structure and Use*, Cambridge, CUP.
- BIDERMAN, M. T. Camargo (1996). “Os dicionários que deveríamos ter”, *Atas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (vol.II) (org.) Isabel Hub Faria e M. Margarita Correia. Lisboa, Colibri, pp.55-61.
- BIDERMAN, M. T: Camargo (1981). A estrutura mental do léxico. In: Estudos de Filologia e Linguística. Queiroz/EDUSP, São Paulo.
- BIDERMAN, M. T. (2001) As Ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, 2ª ed., Campo Grande, São Paulo.
- BLEEK, Wilhelm Heinrich Immanuel (1827). *The Origin of Language*, University of Rochester Press, USA.
- BLUTEAU, Rafael, C.R. (1712-1728). *Vocabulário Português e Latino*. Biblioteca Nacional de Portugal.
- BOGAARD, P. (1991). Apitude et affectivité dans l’apprentissege des langues étrangères: Paris: Crédif, Hatier/Didier.

- BOWLES, M. & S. Montrul (2008). The Role of Explicit Instruction in the L2 Acquisition of the a-personal. In J. Bruhn de Garavito & E. Valenzuela (eds.) Selected Proceedings of the 10th Hispanic Linguistics Symposium. Somerville. MA: Cascadilla Proceeding Project, 25-35.
- BULTTER, Y.G. & HAXUTA (2006). "Bilingualism and second language acquisition". in Bhatie, T.K. & Ritche (eds.). *The Handbook of Bilingualism*. Oxford, pp. 114-136.
- BUNDY, Rosana (2016). A prática lexicográfica e a equivalência no dicionário bilingue, Universidade Federal da Grande Dourada. In caligrama, Belo Horizonte.
- CABRÉ, M. T. (1993). *La Terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*: Barcelona, Editorial / Empúries.
- CABRÉ, M. T. (1999). *La Terminología: Representación y Comunicación Elementos para una Teoría de Base Comunicativa e Otros Artículos*. Barcelona, IULA.
- CABRÉ, M. T., FREIXA, J. & SOLÉ, E. (2002). *Léxico neologia, Observatori de Neologia*, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.
- CALVET, Louis Jean (1999). Pour une Ecologie de Langue du Monde, Paris.
- CALVET, Louis Jean (2002). Sociolinguística, uma Introdução Crítica, Editora Parábola, São Paulo.
- CAMPBELL, Lyle & MIXCO, Mauricio J. (2007). A Glossary of History Linguistics, Edinburgh University Press.
- CAMPOS, H. Costa & XAVIER, Maria Francisca (1991). *Sintaxe e Semântica do Português*, Universidade Aberta, Lisboa.
- CASTELEIRO, João Malaca & CORREIA, Pedro Dinis (2009). Atual o Novo Acordo Ortográfico, Lisboa.
- CASTRO, Artemis Nogueira (2008). Didática e Androgogia (Didactics and Andragogy), American World University, United State of America, Latin American Division, 1ª Edição, Rio de Janeiro GPS.
- CASTRO, Inês (2008). O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística. PNEP. Lisboa: DGIDC, Ministério de Educação.
- CASTRO, R. V. (2001). A elaboração e recepção das Nomenclaturas Gramaticais : condições, princípios, efeitos. In I. Fonseca, I.M. Duarte & O. Figueiredo (orgs.) A Linguística na Formação do Professor de Português. Porto : CLUP

- CHICUNA, Alexandre Mavungo (2003). *O léxico do Corpo Humano em Kiyombe: Particularidades dos Morfemas Flexionais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa - FCSH, Lisboa.
- CHICUNA, Alexandre Mavungo (2009). *Tratamento lexicográfico dos portuguesismos em Kiyombe*, Tese de Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, Universidade Nova de Lisboa – FCSH, Lisboa.
- CHICUNA, Alexandre Mavungo (2015). *Portuguesismos nas Línguas Bantu. Para um dicionário Português-Kiyombe*, Lisboa, Colibri, 1ª edição, 2014.
- CHOMSKY, Noam (1967). A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. In Leon A. Jacobovits & Murray S. Miron (eds) Readings in the Psychoplogy of Language, Prentice-Hall.
- COLE, D. (1961). «Doke's Classification of Bantu Languages», In contribution t the History of Bantu Linguistics. Papers contributed by C. M. Doke and D.T. Cole (1935-1960). Wilwatesrand University Press, 1961, pp. 37-38.
- COSTA, A. (2010). Estruturas Contrastivas: Desenvolvimento do Conhecimento Explícito e de Competência de Escrita. Tese de Doutoramento, FLUL.
- COSTA, Fernandes (2011). *Seminário do Curso de Investigação e Metodologia de Língua Portuguesa, II Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa*, Ad usum privatum, ISCED, Luanda.
- COSTA, Rute (2014). Seminário de Metodologias em Linguístca: - Metodologias aprofundadas em Terminologia, FCSH/UNL
- COSTA, Rute (2001). *Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas*, Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Universidade Nova de Lisboa – FCSH.
- COSTA, Rute & Silva Raquel. (2009). “De la typologie à l'ontologie des textes”, *ToTH* 2008. Annecy: Institut Porphyre.
- CONGO, Jorge Casimiro (1998). *Elementos da Estrutura Verbal Ibinda*, Ad usum privatum, Cabinda.
- Constituição Política da República Portuguesa de 1933 e Promulgada a 22 de fevereiro de 1933, referendada a 19 de março; revisões: 1935, 1936, 1937, 1938, 1945, 1951, 1959, 1971: Artigo 1º.

- CONTENTE, Madalena & MAGALHÃES, Joao C. de (1994). Terminologia Médica – A Problemática das equivalências, In Terminologias 9-10, Termip. p.106.
- CRISPIM, L. (1991). Português Língua Oficial. In Nortisul nº 1 Junho/Setembro, pp.15-18.
- DA SILVA, A. C. L.& RAPOSO, L.F.M. (1981). *Morfossintaxe, um modelo Sintagmático e transformacional do Português Contemporâneo*, Ed. Didática. Lisboa.
- Declaração dos Direitos Linguísticos (1996), artigo 41, Barcelona.
- DE GRAFF, RT. & A. Housen (2009). Investigation the Effects and Effectiveness of L2 Instruction. In M. H. Long & C. J. Doughty. *The Handbook of Language Teaching*.
- DEPECKER, Loïc (1999). *Entre Signe e Concept, elements de terminologie générale*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, France.
- DIOCESE DE CABINDA, Vigarária Episcopal de Cabinda (1982). Catecismo Fiote-Português, , 4ª edição revista e aumentada, Imprimi Potest, Cabinda, 24/02/1982, P. Paulino Fernandes Madeca, Vigário de Cabinda; Imprimeur, Luanda, maio de 1982, + Eduardo André Muaca, Arc. de Luanda.
- DONEUX, Jean Léonce (2003). *Histoire de la Linguistique Africaine*, editeur Presse Universitaire de Provence, data mise en ligne, 05/02/2013.
- DUARTE, E., & PONTE, H. L. (2011). O componente médio estrutural do mini-dicionário escolar Caldas Aulete. *Revista Entrepalavras*, Fortaleza, vol. 1, n.1.
- DUARTE, Inês (2000). *Língua Portuguesa, Instrumentos de Análise*. Universidade Aberta, Lisboa.
- DUARTE, Inês (2008). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística*. PNE, Editor Ministério de Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Lisboa/Portugal.
- DUCROT, O. & TODOROV, T. (2001). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*, 3ª ed., São Paulo, Perspetiva.
- DUBUC, R. (2002). *Manuel Pratique de terminologie*, 4 ed. Québec, In Linguattech.
- DULAY, H. C e M., K. Burt (1974). *Natural sequences in Child Second Language Aquisition*.
- DURÃO, Adja Balbino de A. Barbieri, ANDRADE, Otávio Goes de (2007). *Dicionários bilingues e dicionário semi-bilingue e aprendizagem do vocabulário espanhola por estudantes*

- brasileiros. In Celli – Colloquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringa, 2009, p. 1087-1094.
- ELISEU, André (2008). *Sintaxe do Português*, Editora Nzila, Luanda.
- ELLIS, R. (2002). Does form-focused instruction affect the acquisition of implicit knowledge? *Studies in Second Language Acquisition*.
- ELLIS, Nick (2008): *Implicit and explicit knowledge about language*.
- EVANS, Prithcard (1956). *Nuer religion*, Clared, Press.
- EVANS, Prithcard (1964). *Systèmes politiques Africains*. Coll. Études Ethnographiques, Presses Universitaires de France.
- FARIAS, Virgina Sita (2007). Dicionários escolares de língua portuguesa: uma breve análise de aspetos macroestruturais. *Lusorama*, n. 71/72, p.160-206.
- FERNANDES, G. (2006). “Aspetos críticos da nova terminologia Linguística para os Ensinos Básico e secundário”. *Revista de Letras*, II, nº 5, pp. 75-86.
- FERRAZ, M. J. (2007). *Ensino da Língua Materna*, Editora Caminho, Lisboa
- FIORI, J. L. & al. (2012). *Introdução à Linguística, I Objetos teóricos*, Ed. Contexto, S. Paulo.
- FERREIRA, I. O. (2010). *Desenvolvimento Articulado de Competência de Escrita e Conhecimento Explícito da Língua*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, FLUL.
- FERREIRA, José da Rocha (1973). *Rituais do Batismo em Ibinda*. Missão Católica de Cabinda, República Portuguesa.
- FIORI, J. L. & al. (2012). *Introdução à Linguística, II Princípios de Análise*, Editora Contexto, S. Paulo.
- FISHMAN, John A. (1972). *The Sociology of languages*: Newbury House.
- FISHMAN, John A. & J. Lova (1970). Bilingual Education in a Sociolinguistic Perspective. *TESOL Quarterly*, pp. 4, 215-222. Reprinted in Spolsky, ed., (1972), pp.83-93.
- FONSECA, Fernanda e FONSECA, Joaquim (1977). *Gramática linguística e ensino de Português*, Livraria Almedina, Coimbra.
- FRANQUE, D. Domingos José (1940). *Nós, os Cabindas: História, Leis, Usos e Costumes dos povos de N’goio*, Editora Argo, Lisboa.

- FUTI, João Maria (2012). *Essai de Morphologie Lexical de Cisuundi du Cabinda (Angola)*, L'Harmattan, Paris, 2012.
- Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística do Governo Provincial de Cabinda. Dados do senso Demográfico da Província de Cabinda, maio 2017, p.3.
- GALISSON, Robert (1987). "De la lexicographie de dépannage à la lexicographie d'apprentissage". *Cahiers de lexicologie*, nº 51-2. Paris, Didier, pp. 51-52.
- GALISSON, Robert (1988). "Culture et lexiculture partagées: les mots comme lieux d'observation des faits cultureles". *Études de Linguistique Appliquée*, n.º 69, Paris: Didier Erudition, pp. 74-90.
- GALISSON, Robert (1989). "La culture partagée: une monnaie d'échanges culturelles". *Le Français dans le monde, Lexiques* n.º Spécial (coord. Amr Helmy Ibrahim). Paris, Hachette, pp. 113-117.
- GALISSON, Robert (1991). *De la langue à la culture par les mots*. Paris, Clé International.
- GALISSON, Robert (1980). *D'hier à aujourd'hui la didactique des langues étrangères*: Paris, Clé International.
- GALISSON, Robert & COSTA, D. (1983). *Dicionário das línguas*. Coimbra, Livraria Almeida.
- GALISSON, Robert et al. (1982). *D'autre voie pour la didactique des langues étrangères*. Col Lal. Paris: Hatier/Didier.
- GAUDIN, François et GUESPIN Louis (2000). *Initiation à la lexicologie française. De la néologie aux dictionnaires*. Bruxelles, Champs Linguistiques, Duculot.
- GERMAIN, Claude et SÉGUIN, Hubert (1998). *Didactique des langues Étrangères*, Le Point sur la Grammaire, CLE International, Paris.
- GENOUVRIER & PEYTARD J. (1974). *Linguística e Ensino do Português*. Coimbra.
- GREENBERG, Joseph. H. (1963). *The languages of Africa*, Mouton, La Haye.
- GREENBERG, Joseph. H. (1963). *The languages of Africa*, Blooming, Indiana University, in J. Ki-Zerbo (dir). *Historia Geral da África, I. Metodologia e Pré- História da África*, pp. 307-323.
- GUILBERT, Louis (1975). *La Créativité Lexicale*, Paris, Larousse.
- GUTHRIE, Malcom (1948). *The Classification of the Bantu Languages*. International African Institute. Oxford University Press. London, New York, Toronto.
- GUTHRIE, Malcom (1970). *Comparative Bantu. An Introduction to the comparative Linguistics*

- and Prehistory of the Bantu Languages. Part. II vol. 3. A catalogue of Common bantu with commentary. Gregg International published.
- HALLIDAY, M. A. K. (1982). Toward linguistic competence. Philadelphia, Pennsylvania: Graduate School of education. University of Pennsylvania.
- HALLIDAY, M. A. K. (1976). The form of a Functional Grammar. In: Kress G. (Ed.) Halliday: System and function language. Oxford: Oxford University Press.
- HALLIDAY, M. A. K. (1973). Relevant models of language. In: New York: Elsevier.
- HALLIDAY, M. A. K. (1973). Exploration in functions of language. In: New York: Elsevier.
- HALLIDAY, M. A. K. *et al.* (2004). *Lexicology and Corpus Linguistics*. London: Continuum.
- HALLIDAY, M. A. K. and YALLOP, Colin (2007). *Lexicology. A Short Introduction*. London, Continuum.
- HINKEL, E. (2005). Handbook of Research in Second Language Teaching and learning.
- HOFLING, C., SILVA, M. C. P. & TOSQUI, P. (2004). O dicionário como material didático na sala de aula de língua estrangeira. Intercambio (CDR), V. XIII.
- HULSTIJN, J. (2005). Theoretical and empirical issues in the study of implicit and explicit second-second language learning. Studies in Second Language Acquisition.
- KAMULETA, M. Kadima (1969). Le système de classes en bantu, Leuven.
- KAMULETA, M. Kadima et alii (1995). Elements d'initiation à la Linguistique Africaine, A.C.C.T., Paris.
- KNAPP, Karlfried, SEIDLHOFER, Barbara & WIDDOWSON, Henry G. (2009). Handbook of foreign language communication and learning. Mouton de Guyter, New York.
- HARTMAN, R. R. K. (2007). Interlingual lexicography. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- HARMERS, J. & BLANC, M. (2000). Bilingual and Bilingualism. Cambridge University Press.
- LABOV, W. (1983). Language Structure and Social, trabalho apresentado na conferência Qualitative and Quantitative Approaches to Social Theory, Chicago.
- LARA, L. Ferreira (1999). Sociolinguística del diccionario del español de México. Internacional journal of the Sociology of language (Berlin), nº96.
- LES MISSIONNAIRES de la congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie (1884). Katechissou I Fiote, imprimerie de Landana (Kakongo)/Cabinda.

- _____ (1885). Catéchisme ou abrégé de la doctrine chrétienne (Katessissou vo éma longhima kete m'a kretien) à l'usage de la mission du Congo et Landana (Cabinda), imprimerie de Landana (Kakongo), Cabinda.
- _____ (1888). Katechissu kete ma-longe ma Zambi ba lengia, imprimerie de la Mission Loango/Landana, Cabinda.
- _____ (1909). Katesisu ma-longema Zambi ba lengia buingi ma simuanga ba fiote, L. SO E. et Fils imprimeurs, Paris.
- LINO, Teresa (1989). "A Língua Portuguesa. Língua das Ciências e das Técnicas", *Actas do Colóquio Internacional da Língua Portuguesa, Que Futuro? Boletim da Sociedade da Língua Portuguesa*, Lisboa.
- LINO, Teresa (1979) "Importância de uma Lexicologia Contrastiva", *Letras Soltas 1*, FCSH, Lisboa.
- LINO, Teresa (1994). "Bases de données textuelles et terminographiques", *Revue Meta - Hommage à Bernard Quemada*, Montréal.
- LINO, Teresa (2001). "De la Néologie à la Lexicographie de Spécialité d'Apprentissage", *Cahiers de Lexicologie*, nº 78, Paris, Champion, pp.139-145.
- LINO, Teresa (2003). (coordenação) *Mots et Lexiculture – Hommage à Robert Galisson*, Paris, Honoré-Champion.
- LINO, Teresa (1979). Importância da Lexicologia Contrstiva, In *Letras Soltas 1*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, p. 11-16.
- LINO, Maria et al. (2007). « Rede de Neologia e Terminologia da Língua Portuguesa em situação de contacto de línguas », *Actas do Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Praia, Cabo Verde.
- LINO, T., CHICUNA, A., GRÔZ, A. P., MEDINA, D. (2010). "Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de línguas", *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* 12 (2) Universidade de S. Paulo.
- LUMWAMU, F. (1973). Essai de morphosyntaxe systématique des parlers kongo. Ed. Klincksieck.
- LUSAKALALU, Pedro (2005). Línguas e Unidades Glossonímicas, Luanda.
- MADUREIRA, António Dias (2001). Cabinda. De Chinfuma a Simulambuco; Lisboa, Editorial Estampa.
- LOJENGA, C. Kutsch. (1999). Bantu languages, in the Vol. I, p.30.

- LUEMBA, Francisco (2008). *Problema de Cabinda Exposto e Assumido à Luz da Verdade e Justiça*, Papiro Editora, Porto.
- MACARO, E. & L., Masterman (2006), Does extinve grammar teaching instruction make all difference? Language Teaching Research.
- MCLAUGHLIN, B. (1987). Theories of Second Language Learning, London.
- MAGALE, Antonieta Heyden (2005). Bilinguismo e Educação bilingue – discutindo conceitos. Revista virtual de Estudos da linguagem – Revel, p. 1-13.
- MANUEL, Ngonga M. & AIMÉ, Endzongo (2004). Introdução à Linguística Africana. Universidade Agostinho Neto, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Luanda.
- MAQUET, Jacques (1971). El Poder Negro em Africa. Ed. Guardarrama, Madrid.
- MATORÉ, Georges (1973). *La Méthode en Lexicologie*. Domaine français, Paris.
- MARCELLISI, J. B. & GARDIN, B. (1975). Introdução à Sociolinguística, Lisboa, Aster.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo & alii (2012). Manual de Linguística, editora contexto, São Paulo.
- MARTINS, Raúl François R. Carneiro (2003). Apontamentos de Geopolítica e Geoestratégia Volume II, Universidade Lusíada, Lisboa, p. 60.
- MARTIN, Phyllis M. (2010). O comércio externo da costa do Loango 1576 – 1870, o impacto das mudanças comerciais no reino Vili do loango. Arquivo Nacional de Angola, Ministério de Cultura.
- MARTIN, Phyllis M. (1985). Cabinda e os seus naturais. Alguns aspetos de uma sociedade marítima africana, Revista Internacional de Estudos Africanos, pp. 3, 45-61.
- MARTIN, Phyllis M. (1977). The Cabinda connections – Na historical perspective, African Affairs, pp. 7 (302), pp. 47-59.
- MARTINS, P. Joaquim (1972). *Cabindas, História-Crenças-Usos e Costumes*, Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Cabinda, Lisboa.
- MARTINS, P. Joaquim (1968). *Sabedoria de Cabinda. Símbolos e provérbios*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.
- MASSIALA, Mónica e SAMBO, Malila (2016). *Arquivos escritos e informação oral do Programa Zingulo em Ibinda*, TPA-Cabinda, consultado no dia 21 de Dezembro de 2016.

- MATEUS, Maria Helena Mira (2013). *Conferência inaugural do programa de doutoramento em Linguística* na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) na Universidade Nova de Lisboa (UNL), 21-10-2013.
- MATEUS, Maria Helena Mira, FALÉ, Isabel & FREITAS, J. Maria (2000). *Fonética e Fonologia do Português*, Universidade Aberta, Lisboa.
- MARGARITA, Correia (2008). Lexicografia do séc. XXI-novas perspectivas , novos recursos e suas consequências . In Junior, Manuel Alexandre (coord.) *Lexicon-Dicionário de Grego-Português*, Atlas de colóquio, Lisboa: centro de Estudos Clássicos /FLUL, p.73-85. Versão entregue pra publicação.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. (2012). *Manual de Linguística*, editora Contexto, 2ª ed. São Paulo.
- MATOS, Norton (1953). *África Nossa – O que queremos nas Terras da Africa*, Edições Miranus, Lisboa.
- MAVUNGO, José Marcos (2004). Palestra sobre o Ibinda como expressão da unidade Cabindense, por ocasião das festas de Cabinda (28-05-2004), Paróquia Nossa Senhora Rainha do Mundo, Cabinda.
- MAZUNGA, Silvano (2014). *Histórias do Avo Lusende, Fabula da tradição Ibinda – Edição bilingue Português - Ibinda*, Editora Mayamba, Luanada.
- MBATCHI, Joaquim (2015). *Arquivos escritos da Rádio Provincial de Cabinda*, Programa Ibinda, consultado no dia 20 de Outubro de 2016, Cabinda.
- McENERY, Tony & WILSON, Andrew (1996). *Corpus Linguistics*. London: Longman; (1997) *Corpus Linguistics*. Edinburgh, Edinburgh University Press.
- MEEUSSEN, Achille E. (1967). “Bantu Grammatical Reconstructions”, *Africana Linguística* 3: 79-121.
- MEGALE, A. H. (2005). *Bilinguismo e educação bilingue - discutindo conceitos*. *Revista Virtual de estudos da linguagem – Revel*, pp. 1-13.
- MEINHOF, Carl (1906). *Grundzuige einer vergleichenden Grammatik der Bantus sprachen*. Berlin, Reimer.
- MEIRELES, J. A. & RAPOSO, E. B. P. (1978). *Aspetos da Teoria da Sintaxe*, Arménio Amado-Editor, Sucessor-Coimbra.
- MARCELLISI, J. B. & GARDIN, B. (1975). *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa, Aster.

- MIACA, Filipe Camilo (2012). *Estudo comparativo da língua portuguesa e Ifyote, variante iwoyo, a questão sintática*. Dissertação do mestrado, Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED), Luanda/Angola.
- MINGAS, Amélia Arlete (1994). *Etude Grammaticale de l'iwoyo (Angola)*. Paris: Université René Descartes Paris 5. Ph.D. Dissertation.
- MINGAS, Amélia A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda, Chá de Caxinde, Luanda*.
- MINGAS, Amélia A. (2002). “Ensino da Língua Portuguesa no Contexto Angolano”, in MATEUS, Maria Helena Mira, (Coord.), *Uma Política de Língua para o Português*, (Colóquio Julho 1998), Lisboa, Colibri.
- MONTEIRO, Deolinda e PESSOA, Beatriz (1998). *Guia Prático dos Verbos Portugueses*, 4ª Edição, Edições Técnicas, limitada, Lisboa.
- MORAIS, Artur Gomes de (1998). *Ortografia: ensinar e aprender*, S. Paulo, Ática.
- MOREIRA, Adriano (2004). “2 A questão de Cabinda”, relatório do workshop sobre História, Cultura de Cabinda e Imigração, Liberdade e Direitos Humanos. Lisboa, Associação tratado de Simulambuco – Casa de Cabinda em Portugal.
- MUDIAMBO, Quibongue (2013). *Da Lexicologia a lexicografia de aprendizagem ao ensino da língua portuguesa: no II Ciclo do Ensino Secundário: 10ª, 11ª, 12ª e 13ª classe na EFP – Escola de Formação de Professores “ Cor Mariae do Uíje”*. Tese do doutoramento em Linguística, especialidade de Lexicologia e Lexicografia, FCSH/UNL.
- MUDIAMBO, Quibongue (2014). *Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa*, Lisboa, Colibri.
- MUKASH, Kalel (2004). *Questions Spéciales de Linguistique Générale, syntaxe des langues bantu*. Centre de Recherche Pédagogique, CICM, Limete, Kinshasa.
- NOUS, PASCAL, Campana, Préfet Apostolique du Congo (1888). *Katechissu i Fiote*, Imprimerie de la Mission, Loango.
- NOUS, A. M. Carrie Vice-Préfet Apostolique du Congo (1885). *Catechisme ou Abrégé de la Doutrine Chrétienne en Fiote*, Imprimerie de la Mission de Landana/Cabinda.
- NZAU, Domingos G. Ndele (2004). *Contributo para o estudo do ibinda*. Dissertação do Mestrado, Universidade da Beira Interior (UBI), Covilhã.
- NTONDO, Zavoni (2006). *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*, Editora Nzila Luanda.

- OBENGA, Théophile (1980). *Les bantu: langues – Peuples et civilisations*. France, Présence Africaine, Paris.
- PRUVOST, Jean (1999). *Lexique et vocabulaire : une dynamique d'apprentissage*, ÉLA – Etudes de Linguistique Appliquée, 116, p. 395-420; 1999.
- PRUVOST, Jean et SABLAYROLLES, Jean-François (2003). *Les Néologismes*, Paris, PUF.
- QUEMADA, Bernard (1981). “Les noms des mots ou des noms pour les mots. A propos de la terminologie lexicographique”, in *Linguistica Computazionale*, vol.IV-V. Pisa.
- QUEMADA, Bernard (1990). “Les données dictionnairiques et l’ordinateur”, *Cahiers de Lexicologie* 56-57, Paris.
- QUEMADA, Bernard (1990). “La lexicographie”, in *Lexikon Romanistischen Linguistik*, vol. V, 1, Verlag, Tübingen.
- QUIVUNA, Manuel (2013). *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna*. Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa (UNL), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Lisboa.
- QUIVUNA, Manuel (2014). *Lexicologia Aplicada ao ensino do Léxico em Português Língua Materna*, Edições Colibri, Lisboa.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva (1992). *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.
- REDINHA, José (1969). *Distribuição étnica de Angola*. Centro de Informação e Turismo de Angola.
- REGO, Sóstenes Valentes (2000). *Contributo para a constituição de um corpus de Portuguesismo em Myngwe*, Dissertação do Mestrado, FLUL, p. 46, Lisboa.
- REIS, Carlos & ADRAGÃO, José Victor (1992). *Didática do Português*. Universidade Aberta de Lisboa.
- REIS, Victorino (2006). *Sociolinguística, Dinâmica funcional vs Problemas funcional da Língua*, Luanda, Editorial Nzila.
- REY, Alain (1979). *La Terminologie, Que sais-je ?* Collection Encyclopédique: Paris.
- REY, Alain (1976). «Néologisme: Un pseudo-concept? », *Cahiers de Lexicologie*, n.º 28, p.3-17.
- REY-Debove, Josette (1998). *La Linguistique du signe, une approche sémiotique du langage*. Paris, Colin.
- SABLAYROLLES, Jean-François (2000). *La Néologie en Français Contemporain, Examen du concept et analyse de productions néologiques récentes*, Honoré Champion, Paris.

- SABLAYROLLES, Jean- François (2003). *L’Innovation lexicale*, Honoré Champion, Paris.
- SABLAYROLLES, Jean-François (2010). «Néologisme homonymique, néologisme polysémique et évolution de sens », in ALVES, Ieda Maria (Org.), *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspetivas*, Editora Paulistana, São Paulo, 2010.
- Secretariado Diocesano de Liturgia da Igreja Católica (2016). Vumisanu Mfumu – Cânticos para a Eucaristia em Ibinda, Português e Latim, Cabinda.
- Secretariado Diocesano de Liturgia da Igreja Católica (2014). Celebração na ausência do Presbítero em Ibinda, Cabinda.
- SEDA, Gabriel Nionje (1996). *Guia de Alfabetização em Língua Ibinda*, Editora Zila Luanda.
- SEDA, Gabriel Nionje (1996). *Manual de Alfabetização em Língua Ibinda*, Editora Zila Luanda.
- SIM-SIM, I. (1998). Desenvolvimento da Linguagem. Lisboa: Universidade Aberta.
- SINCLAIR, J. (1991). *Corpus Concordance, collocation*. London, Longman.
- SINCLAIR, J. (2005). *How to use Corpora in Language Teaching*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.
- SERRANO, Carlos M. H.(1983). Os senhores da terra e os homens do mar: antropologia política de um reino africano. São Paulo, FFLCH/USP (Antropologia,2.
- SPADA, Nina & PATSY, M. Leightbown (2010). Second Language Acquisition, Monitor Theory. Osford Handbook.
- SZENDE, Thomaz (2000). *Dictionnaires Bilingues, Méthodes et Contenus*, Honoré Champion, Paris.
- SZENDE, Thomaz (2000). *Approches Contrastives en Lexicographie Bilingue*, Honoré Champion, Paris.
- VAZ, José Martins (dos missionários do Espírito Santo) (1970). *Filosofia Tradicional dos Cabinda*, II Volume, Agência- Geral do Ultramar, Lisboa MCMLXX, Editor L.I.A.M., Lisboa.
- LABOV, W. (1983). *Language Strutucture and Social. Trabalho apresentado na Conferência On Qualitative and Quantitative Approaches to Social Theory*, Chicago.
- WEI, L. & MOYER, M. G. (2010). The Blackwell Research Methods in Bilingualism and Multilingualism. Malden/Oxford/Victoria: Blackwell Publishing.
- WERNER, R. & DURÃO, A.B. (2012). Dicionários bilingues de línguas afins. Conferência de Abertura do I Simpósio Internacional de Linguística Contrastiva, Florimópolis.

- WILSON, André (2012). *Multilingual Corpora in Teaching and Research*. Lancaster University.
- WINDOWSON, Henry G. (1983). *Learninga purpose and language use*. London: Oxford University Press.
- WRIT, Tony & ROD, Bolitho (1998). *Language Awareness: A Missing Link in Language Teacher Education?* ELT Journal 47/4, Oxford University Press, pp. 292-304.
- MANUEL, Alves da Cunha, Vigário Capitular (1909). *Katesisu i Fiote, Imprimatur: Loanda e Paço Episcopal, 06/02/1909*.
- MAVUNGO, Marcos José (2004). *Palestra sobre o Ibinda como expressão da unidade Cabindesa, por ocasião das festas de Cabinda (28-05-2004), Paróquia Nossa Senhora Rainha do Mundo, Cabinda*.
- Katechissou i Fiote (1884). *Imprimerie de la Mission de Landana/Cabinda*.
- KNAPP, Karlfried, SEIDLHOFER, Barbara & WINDOWSON Henry G. (2009). *Handbook of foreign language communication*. Mouton de Gruyter, Berlin.
- KRASHEN, S. (1981), *Second Language Acquisition and Second Language Learning*, Pergamon Press.
- KRIEGER, M. G. (2007). *Políticas públicas e dicionários escolares: Programa Nacional do livro didático e seu impacto sobre a Lexicografia didática*. Caderno de tradução (UFSC), v. 18, p. 235-252.
- KROMAN, Hans Peter (1991). *Theory of Bilingual and Multilingual Lexicography I. Principles and Components*, In *Dictionaires, An International Encyclopedia et al.*, Berlin. Walter de Gruyter, p. 2725.
- VAZQUEZ, Ignácio (2009). *O papel do dicionário no ensino e aprendizagem das línguas*. Revista Exedra, Universidade de Barcelona, Vol. p. 107-120.
- VIANA, F. L. (2009). *O Ensino da Leitura: Avaliação*, Lisboa: DGE- PNEP.
- VILELA, Mário (1983). *Definição nos dicionários de Português, estrutura de explicação*. Porto, ASA.
- VILELA, Mário (1995). *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*. Editor Livraria Almedina, Coimbra.

1.2. Dicionários e Gramáticas

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001). (I e II Volumes) *Dicionário de Língua Portuguesa*. Editora Verbo, Lisboa.
- AA.VV. (2000). *Dicionário de Metalinguagens da Didática*, Porto, Porto Editora.
- BECHARA, Evanildo (2009). *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª ed., Rio de Janeiro.

- BECHARA, Evanildo (2006). Gramática da Língua Portuguesa, 1ª ed. – 6ª reimpressão, Rio de Janeiro.
- CARRIE, A.M. – Monseigneur, Evêque du Dorylée et Vicaire Apostolique de congo-Français de la congrégation du Saint-Esprit et du Saint Couer de Marie (1888). Grammaire de la Langue Fiote dialecte de Kakongo, Loango, Imprimerie de la Mission Catolique de Landana/Cabinda.
- CREISSEL, D. (2001). Auxiliarisation et expression de signification aspectro-temporelles en Tswana, Laboratoire Dynamique du Langage CNRS & Université Lumière (Lyon 2).
- CREISSELS, D. (1995). Elément de Syntaxe générale, PUF, Paris.
- CREISSELS, D. (1994). Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines, 2ème éd., Grenoble, Ellug.
- CUNHA, Celso & CINDLEY, Cintra (2013). Nova Gramática Contemporânea, 20ª Edição, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- Dicionário Prático de Português-louio (Língua de Cabinda) com 4.000 vocábulos) (1948), composto e imprimaria na tipografia da Miissão Evangélica de Cabinda/Angola.
- DUBOIS, Jean et al. (1973). Dicionário de Linguística, tradição de Izidoro Blikstein (coord.), são Paulo, Editora Cultrix.
- FONSECA, Fernanda e FONSECA, Joaquim (1977). Pragmática linguística e ensino de Português, Livraria Almedina, Coimbra.
- GUERRA, Augusto da Fonseca & VIEIRA, José A. da Silva (2000). Português – A. Ensino Secundário, Lisboa.
- GUERRA, Augusto da Fonseca & VIEIRA, José A. da Silva (1977). Aula Viva, Português – A. Ensino Secundário-12, Porto.
- GUILBERT, Louis (1971). Le grand Larousse de la Langue Française, Paris, Larousse.
- LEMAIRE, Charles [Lieutenant] (1894). Vocabulaire Pratique Français, Anglais, Zan Zibarite (Swahili), **Fiote**, Kibangi-irébas, Mongo, Bangalas, Imprimerie Scientifique, Bruxelles, Belgique.
- LES MISSIONNAIRES de la Congrégation du Saint-Esprit et du Saint-Coeur de Marie (1890). Dictionnaire Fiote-français Dialecte du Kakongo, Mission de Landana (Cabinda) Préfecture Apostolique de Bas-Congo, Librairie Orientale et Américaine maisonneuve Frères, Editeurs, Paris-France.

- LOPES, M. C. Azevedo, PINTO, M. Isabel Feitas M. e AZEVEDO, M. Olga (2018). Da Comunicação à Expressão, Gramática Prática de Português (3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário), Raíz Editora, Lisboa.
- MALAVIEILLE, Michéle & ROTGÉ, Wilfrid (2000). Consolidar a Gramática Inglesa, 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, Plátano Editora, Lisboa.
- MANUEL, Nunes & FERREIRA, A. Gomes (2009). Compêndio de Gramática Portuguesa (Ensino Secundário). Editora Porto.
- MATEUS, Maria Helena Mira et al. (2003). Gramática da Língua Portuguesa - 5ª Edição, revista e aumentada, Lisboa, Editora Caminho.
- MATOSO, António (2003). Dicionário da Gramática da língua portuguesa, Quarteto Editora, Coimbra.
- MAZUNGA, Silvano (2011). *Gramática Elementar de Ibinda*, Editora Mayamba, Luanda.
- MAZUNGA, Silvano (2015). *Dicionário, Português –Ibinda*, Edição: Diocese de Cabinda, Cabinda.
- MAZUNGA, Silvano (2015). Dicionário de Verbos Português – Ibinda, Edição: Diocese de Cabinda, Cabinda.
- MFOUTU, Jean – Alix (2007). Grammaire et Lexique Munukutuba, editions L’Hamattan, Paris.
- MOREIRA, Vasco & Pimenta, Hilário (2014). *Gramática de Português 3º Ciclo do Ensino Básico/ Ensino Secundário*, Porto Editora. PRUVOST, Jean (2000). *Dictionnaires et nouvelles technologies*, PUF, Paris.
- PATERSON, Ken, HARRISON, Mark & COE, Norman (2008). Grammar Spectrum for Portuguese students, Ideal para o 3º Ciclo e Secundário e para o estudo autónomo/Explicações gramaticais claras em português, Oxford University Press. Translation into Portuguese by Vanda Meneses and Teresa Barbosa.
- PRUVOST, Jean (dir.) (2001). *Les dictionnaires de langue française*. Dictionnaires d’apprentissage, dictionnaires spécialisés et dictionnaires de spécialité. Paris, Champion.
- PRUVOST, Jean (2005). *Dictionnaires et innovation*, ÉLA – Etudes de Linguistique Appliquée, 137.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. (2015). Gramática do Português – Volume I e II. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- RIBEIRO, Helga, et al. (2010). A Gramática do Português moderno, Lisboa.
- ROCHA, Maria Regina (2017). Gramática Portuguesa, Porto editora, Portugal.

PINTO, José M. de Castro, NEVES, Manuela & LOPES, Maria do Céu (2003). Gramática do Português Moderno, Lisboa.

USSEL, R. P. (1888). Petite Grammaire de la langue Fiote Dialecte du Loango, Imprimerie de la Mission de Landana, Cabinda.

_____ (1889). Grammaire de la langue fiote dialecte du Loango, Imprimerie de la Mission de Landana, Cabinda.

VISSEQ, Alexandre (1890). Dictionnaire fiote ou daialecte de la langue du congo, Paris.

_____ (1890). Grammaire de la langue fiote, dialecte du Kakongo, Paris.

_____ (1889). Dictionnaire fiote-français, dialecte du Kakongo, Paris.

1.3. Sitografia

ALUÍSIO, Sandra Maria & ALMEIDA, G. M de Barceloso (2006). O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa Linguística (*What is corpus and how to build it? Lessons learned from developing several linguistic corpora.* vol.4, n.3, p.156-178, set/dez 2006. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br>. Acesso no dia 23 de Março 2017.

ANDRADE, Maria Margarida (2006). Conceitos/Definições em dicionários da língua geral e em dicionário de linguagem de especialidade, disponível em: <http://www.filologia.org.br./anais>. Acesso no dia 20/03/ 2017.

BARCELO, R. Vanessa (2014). O uso didático do dicionário escolar bilingue português-inglês/inglês-português na sala de aula de ingles como L2. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br>. Acesso no dia 05/02/2018.

BENAÏSSA, Slimane, BOUADJIO, Victor, EL AMRAOUI, Mohammed, HOUSSOUBA, Mohomodou, MUSINDE, Julien Kilanga, LEGENDRE, Jacques, NORTH, Xavier et TRUDEL, Robert (2007). **Coexistence du français et des langues nationales dans les pays francophones africaines**, Presses universitaires de Rennes. Disponível em: <httpwww.openedition.org/6540>, consultado no dia 4 de outubro de 2019.

CASTRO, R. V. (1998). Terminologias linguísticas na escolaridade básica e secundária. Objetivos, conteúdos e modos de construções. In M. A. Mota & R. Marquilhas (orgs.) Actas do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística : Lisboa : Associação

Portuguesa de Linguística. Online disponível em <http://www.apl.org.pt/docs/actas-13-encontro-apl-1997>. Consultado no dia 20 de Abril de 2017.

Comissão Europeia das línguas. Disponível em:

[www.http://ec.europa.eu/education/policies/lang/awareness/year2001](http://ec.europa.eu/education/policies/lang/awareness/year2001)pt.thm. Acesso no dia 13 de Abril de 2017.

Conferência de Berlin (1884-1885). Disponível em: [www.http://pt.wikipedia.org/wiki/confer](http://pt.wikipedia.org/wiki/confer). Acesso em 23 de Fevereiro de 2017.

Dados demográficos da província de Cabinda. Revista Ngonge (propriedade do Governo Provincial de Cabinda), Informações trimestral de Cabinda, nº10, ano 05, Abril – Junho 2007, pp. 36-37. Disponível em: <http://www.gpcabinda.com/ngonge/ngonge>; consultado no dia 8 de Abril de 2017.

FARIAS, Virginia Sita (2014). Descrição do léxico em dicionários escolares: proposta para Layout de verbete de substantivos, adjetivos e verbos. Disponível em <http://www.e-revista.uneste.br/index.php/travessias>, Acesso no dia 06/02/2018.

História de Portugal, D. Afonso Henrique, 1º Rei de Portugal. Disponível em <http://www.flickr.com>. Acesso no dia 17 de Abril de 2017.

Linguística de Corpus, disponível em: <https://m.wikipedia.org>. Acesso no dia 24 de Março 2017.

MATORÉ, G, (2003). La méthode en Lexicologie, in Lexicologia. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/nvest/edet/verbets/lexicologia.hm>. Acesso no dia 27 de Fevereiro.

Organização das Nações Unidas para a educação, a Ciência e Cultura (UNESCO). Dicionário Português. Disponível em <http://www.dicionarioweb.com.br/unesco.htm>. Acesso no dia 14 de Março de 2017.

PUZZO, Miriam Bauob (2013). Tória Dialógica da linguagem: o ensino da gramática na perspectiva de Bakhtin/Dialogic language theory: Grammar teaching in Bakhtin perspective. Disponível em <https://www.revista.usp.br/linhadagua/article/download/65163/71563>. Acesso no dia 23 de Maio de 2017.

Reino Unido. Disponível em <https://pt.m.wikipedia.org>. Acesso no dia 22 de Abril de 2017.

SINCLAIR, J. (2005). Corpus and Text-BASIC Principles. In: M. Wynne, Developing Linguistic

Corpora. Oxbow. Disponível em: <http://ahds.ac.uk/linguistic-corpora>. Acesso no dia 16 de Fevereiro 2017.

SAUSSURE, Ferdinand (1885-1913) e PIERCE, Charles (1838-1914). Definição do signo linguístico. Disponível em <https://pt.m.wikipedia.org.conceito.de/semiologia>. Acesso no dia 20/02/2017.

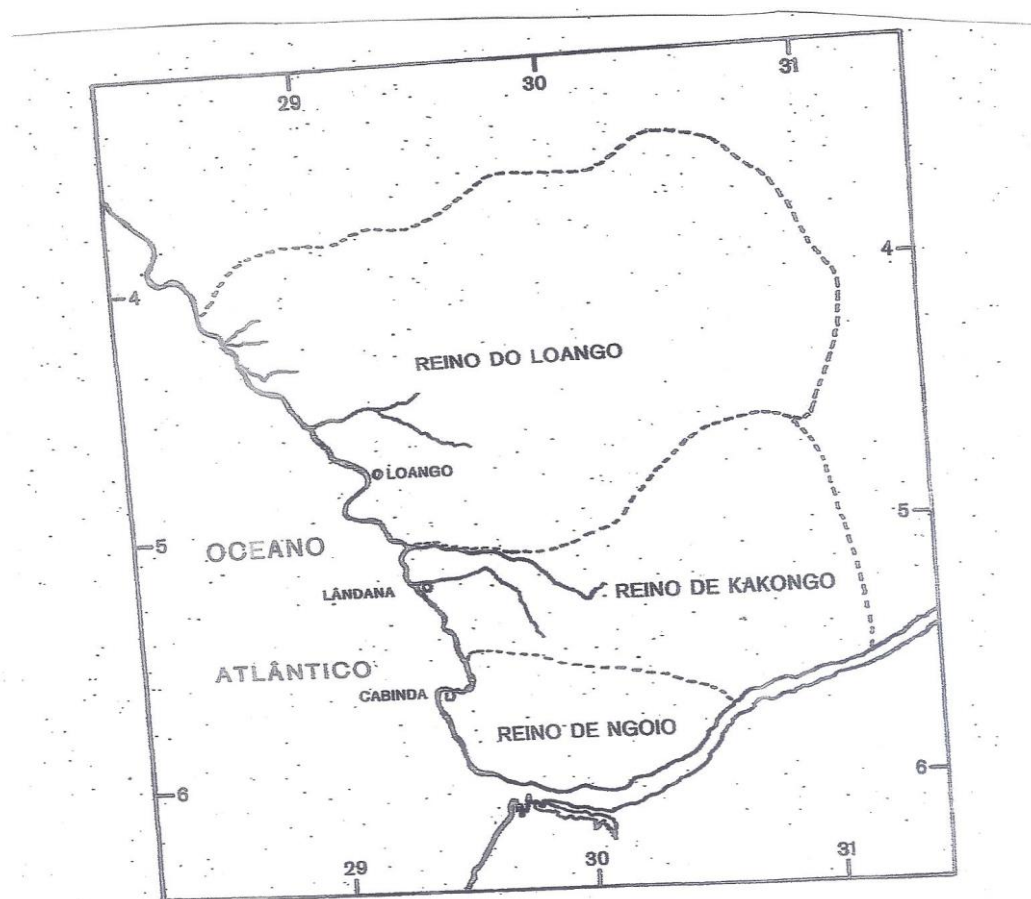
TARP, S. & GOUWS, R. H. (2014). School dictionaries for first –language learners. Lexikos, n. 22, p. 333-351. Travessias 1982-5935, vol. n.3, 22º Ed. 2014. Disponível <http://www.unest.br/trvessias>. Acesso no dia 06/02/2018.

TAVARES, Clemente (2008). História de Portugal. Disponível em: <http://clementetavares.blogspot.com>. Acesso no dia 03 de Março de 2017.

TEACHER Willians' website. Linguística de Corpus. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org>wiki>.linguistica>. Acesso no dia 25 de Fevereiro 2017.

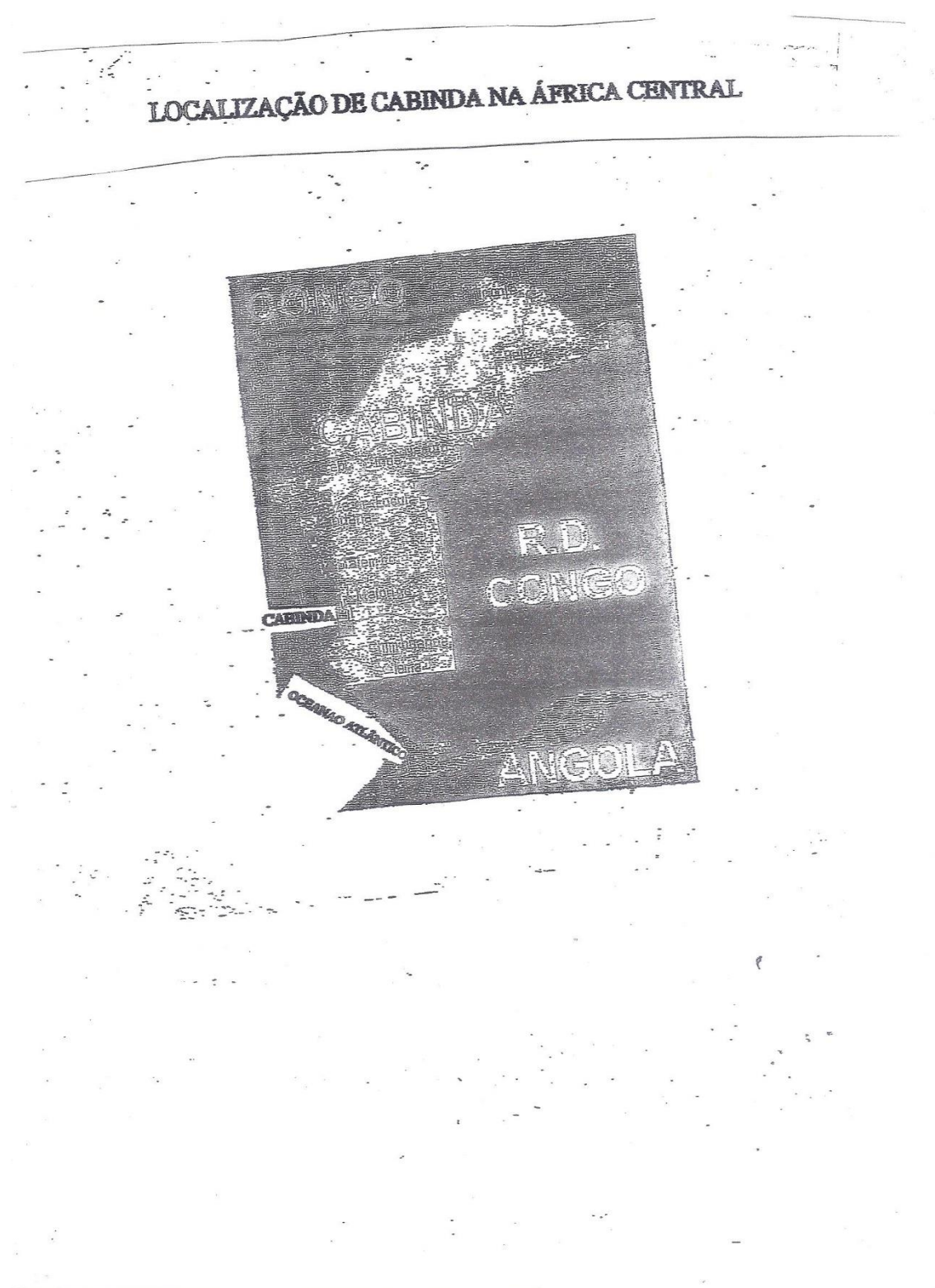
ANEXOS

ANEXO I-Mapa 1: Decalcado de la Côte de Loango: Histoire de Loango, Kakongo, Ngoyo et autres Royaume d'Afrique



Mapa decalcado da Carte de la Côte de Loango reproduzida na obra de Proyart: Histoire de Loango, Kakongo et autres royaumes d'Afrique

ANEXO II-Mapa 2: Localização de Cabinda na África Central



ANEXO III-Mapa 3: Localização das etnias do Enclave de Cabinda

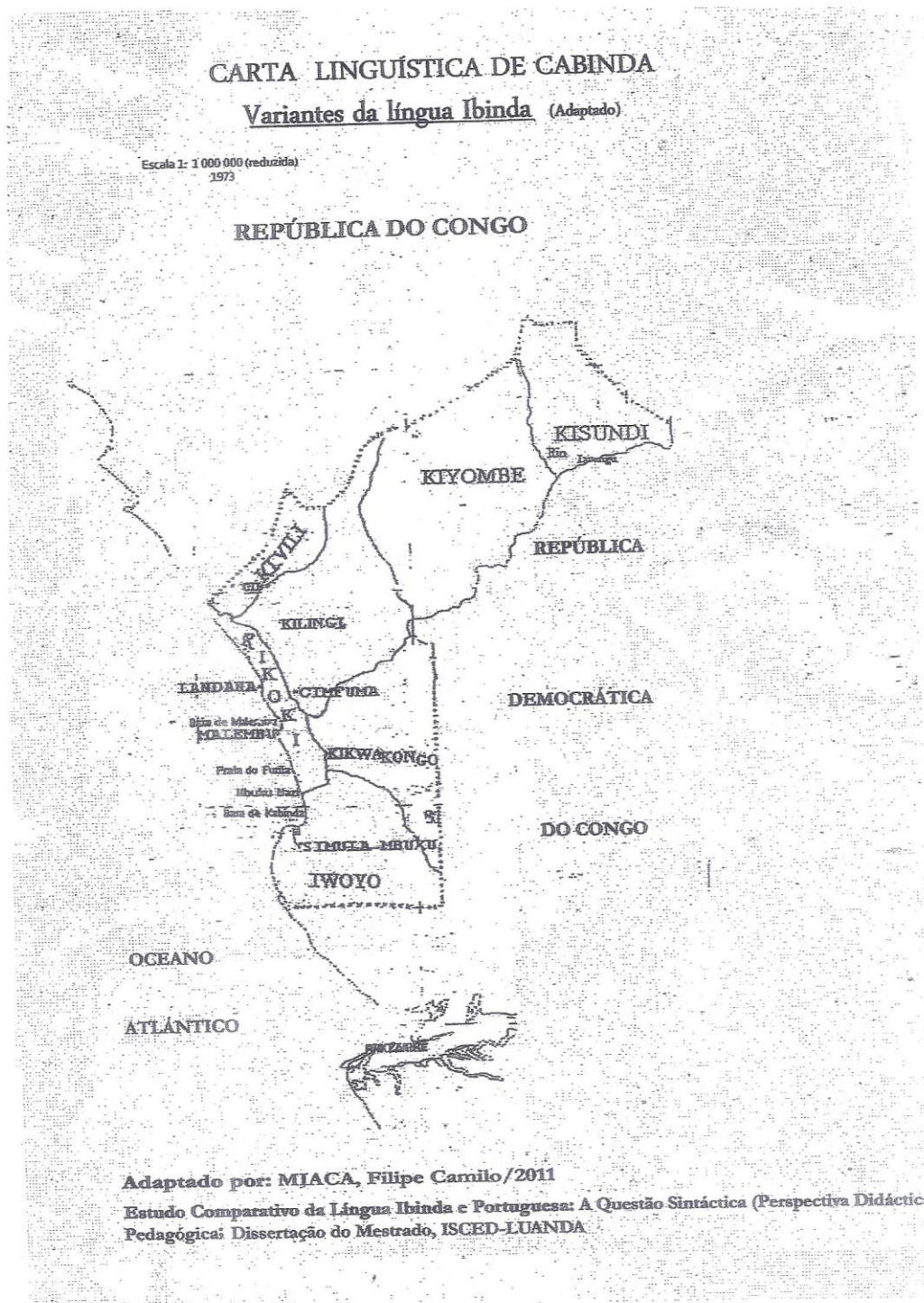


Figura 1

ADAPTADO POR: MIACA, FILIPE CAMILO/2017

MAPA DA DISTRIBUIÇÃO E LOCALIZAÇÃO DAS ETNIAS DA PROVÍNCIA DE CABINDA FALANTES DA LÍNGUA IBINDA

ANEXO IV-Mapa 4: A Carta Linguística de Cabinda (língua Ibinda e as suas variedades linguísticas diatópicas)

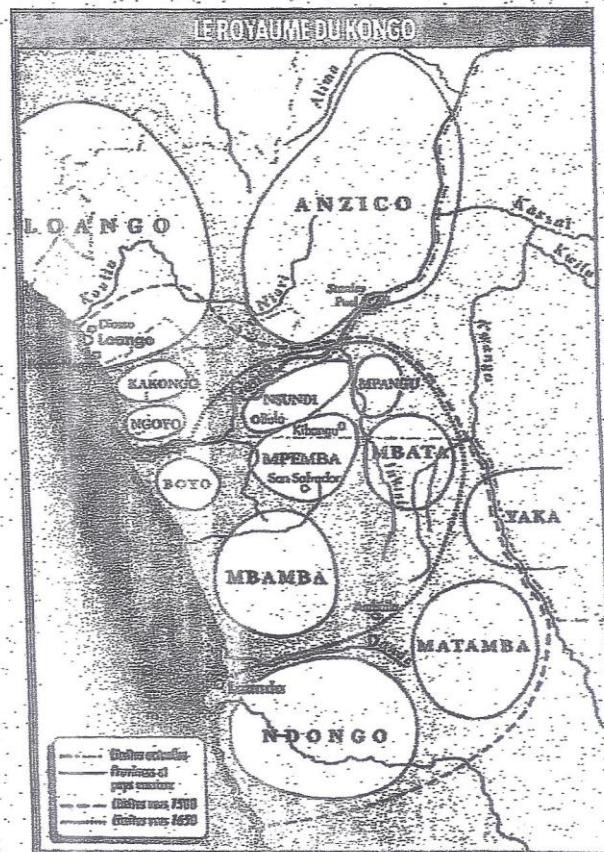


CARTA LINGUISTICA DE CABINDA (LINGUA IBINDA E AS SUAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS DIATÓPICAS DE CADA ETNIA OU REGIÃO: IWOYO, IKOCI, ILINJE, IVILI, IYOMBE, IKWAKONGO E ISUNDI)

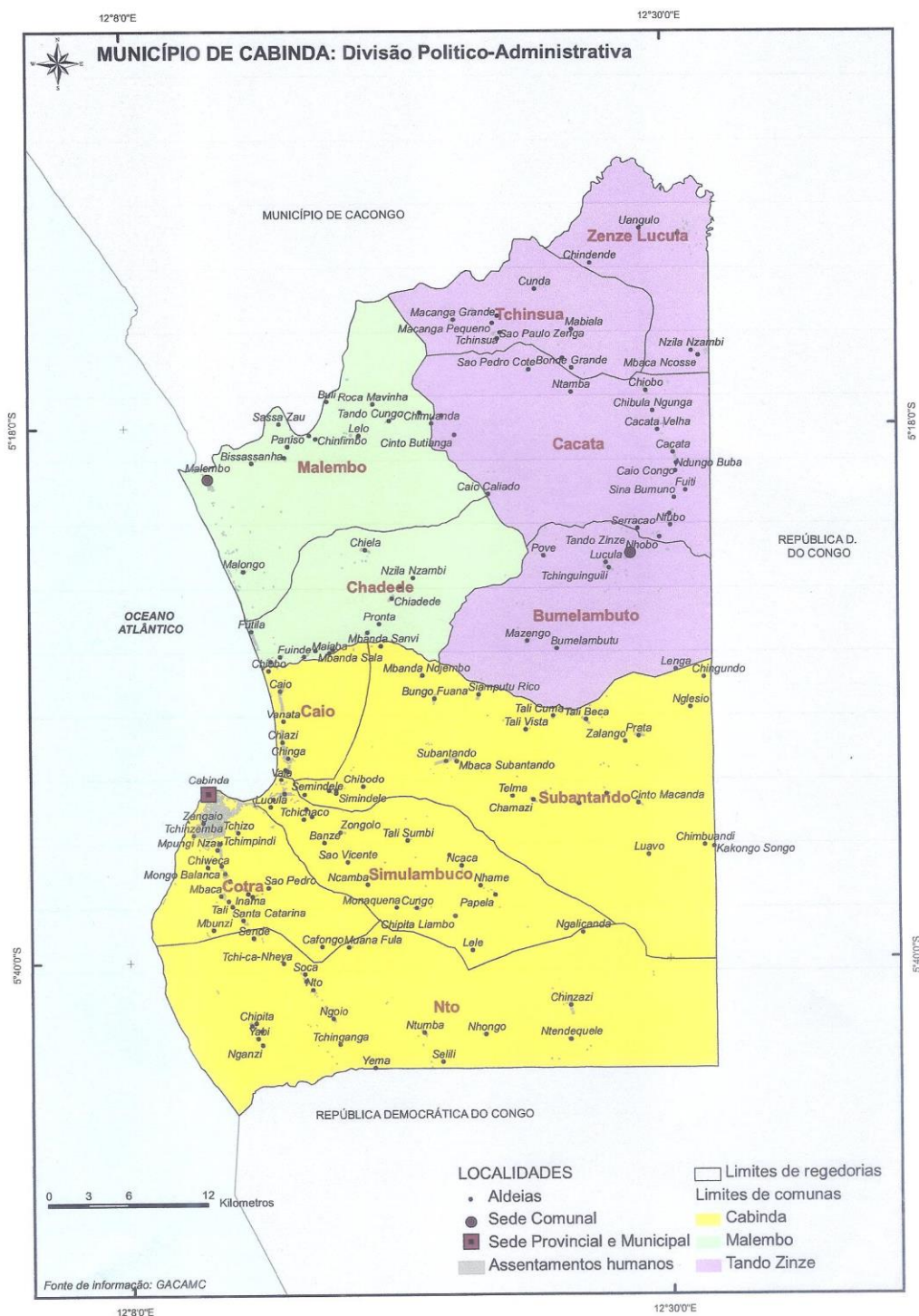
ANEXO V-Mapa 5: La localisation des ansienes Royaumes (Localização dos antigos reinos): Kongo, Loango, Kakongo, Ngoyo et Vungu



ANEXO VI-Mapa 6: Le Royaume du Kongo (o Reino do Kongo)



ANEXO VII-Mapa 7: A Localização do Município de Cabinda (sede): Divisão Político-Administrativa



ANEXO VIII: Ata do encontro de auscultação e de consenso sobre a denominação da língua nacional falada em Cabinda pelos seus falantes-ouvintes, Secretaria Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia, ao 21 de Março de 2012



REPÚBLICA DE ANGOLA

GOVERNO DA PROVÍNCIA DE CABINDA

SECRETARIA PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

ACTA DO ENCONTRO DE AUSCULTAÇÃO E DE CONSENSO SOBRE A DENOMINAÇÃO DA LÍNGUA DE CABINDA

Aos vinte e um dias do mês de Março de 2012, pelas 9h35 minutos, no Auditório do Instituto Médio Politécnico João Paulo II, sob a presidência de Sua Excelência Senhora Secretária Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia acompanhada de Sua Excelência Dr. Euclides Barros da Lomba, Secretário Provincial da Cultura, deu-se a abertura do encontro de auscultação sobre a denominação da língua falada na região a ser introduzida no sistema de ensino e aprendizagem.

O encontro contou com a participação dos representantes de todas as variantes linguísticas da região. Dos 47 convidados estiveram presentes 39. Desses convidados incluíram representantes das 3 três Universidades sedeadas na província (11 de Novembro, Lusíada e UPRA). Registrou-se a ausência de 9 convidados por motivos desconhecidos.

Estiveram presentes: Bartolomeu Domingos Razão, Joaquim Mbatchi, Inocêncio Ntangu, José Manuel Grilo, Manuel Barrata Chagas, André Baza, António Joaquim Chivuanga, António Manuel Vando, Feliciano Lopes Toco, Próspero Ngaca, António Cufu, Ernesto Milando Fiti, José Raimundo, Sebastião Dundo, João Chissina Mabiala, Desiré Macosso, Mónica Massiala, Simão António Capita, Simão Pedro Tamba Luzolu, João Barros Muaca Gomes, Raul Alberto Lelo, José Bassanza, Martinho Chissita, Astride Pemba Nguma, António Tibúrcio, António dos Santos Clara Luemba, Rafael C. Macaia Ngoma, Januário Zuzi Sumbo, Casimiro Estêvão Gomes, Marcos A. Gomes, Sevo Agostinho, José Pena Macaia, José Silvino Sambo Mazunga, Abel Lourenço Chocolate, Simão Lando Puati Ramos, João Ramos Piula Casimiro, Serafim Sema, António Manuel Gime e Martinho Gabriel.

O encontro obedeceu à seguinte agenda de trabalho:

AGENDA DE TRABALHOS

Introdução

- Intervenção dos Secretários Provinciais de:
 - Educação, Ciência e Tecnologia
 - Cultura

ora vem; tula mwa fiote = põe um pouco ou pequeno; mutu bene mfiote= a referida pessoa é negra, preta);

3. É consensual que a língua deve ser designada de Ibinda. O Ibinda é o termo que congrega as sete variantes (Iwoyo, Ikwakongo, Ikochoye, Chivili, Kiyombe, Chilinji, kisundi). Outrossim, já existe material didáctico que pode servir como base de sustentação ao que se pretende ensinar nas escolas (gramática, dicionário e alguns textos de apoio). As diferenças existentes nas variantes faladas em Cabinda não são significativas.
4. Que as regras de escrita sejam encontradas pela equipa técnica com base no material didáctico disponível e das regras de escrita em línguas africanas, facilitando assim o processo do ensino e aprendizagem;
5. Os participantes ao encontro fizeram a análise de algumas propostas de regras de fonética a serem apresentadas ao INIDE (Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação) e ao ILN (Instituto de Línguas Nacionais).

Apresentadas as conclusões, S. Exa., Secretária Provincial da Educação, fez o desfecho da assembleia, apelando a todos presentes a trabalharem em prol do projecto para que possa produzir os efeitos desejados.

Não havendo mais nada a abordar encerraram-se os trabalhos constantes do programa da Assembleia, quando eram sensivelmente treze horas e dois minutos num clima harmonioso.

Cabinda, 21 de Março de 2012

Os participantes,



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO DA PROVÍNCIA DE CABINDA
SECRETARIA PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PROJECTO IEL - ANGOLA
ENCONTRO DE AUSCULTAÇÃO
LISTA DE PRESENCAS

N/O	NOME	FUNÇÃO	VARIANTE QUE FALA	TELEFONE	ASSINAT.
01	Bastamem D. Rosão	PH. Depnte	IWOYO	934873944	RAS
02	Aguiar Mbatini	Jornalista	IWOYO	913901699	RA
03	INOCENCIO NTLANGA	Professor	IWOYO	918011230	RA
04	João Manuel	Professor	Kimbi	913132806	RA
05	Manuel Parais (Chapa)	SNAS	IWOYO	927522588	RA
06	Amílcar Bessa	Professor	Kio-ba	913135264	RA
07	António J. Evaristo	Professor	IWOYO	91388551	RA
08	António Manuel Viana	Professor	IWOYO	913140298	RA
09	Helisamelo Toca	Professor	IWOYO	913189132	RA
10	RODRIGO NORRA	PASTOR	IWOYO	913188555	RA
11	António Paulo	Doutor	IWOYO	926331941	RA
12	ERNESTO M. Titi	Professor	Kiyombe	924779564	RA
13	João Kaimundo	Professor	Kiyombe	913091077	RA
14	Sebastião Dundo	Professor	Kiyombe	913167267	RA
15	João Chusena d'Almeida	Professor	Kiyombe	913144331	RA
16	DESIRE MACOSSO	PASTOR	Kiyombe	926538881	RA
17	Coraciário Gama	Pastor	Kiyombe	913381357	RA
18	Mónica Maciel	Professor	Kiyombe	913381357	RA
19	Carlos Mário Lopes	Professor	Kiyombe	913381357	RA
20	Samuel Paulo Tamba	Professor	Kiyombe	913381357	RA
21	João Paulo de Sousa	Professor	Kiyombe	913381357	RA
22	Raúl A. Bello	Doutor	Kiyombe	913381357	RA
23	João Baptista	Professor	Kiyombe	913381357	RA
24	António Chaves	Professor	Kiyombe	913381357	RA
25	António Nemesio Ngunza	Professor	Kiyombe	913381357	RA

26	Antônio Tibúrcio	Dir/Univ	Iwoyo	92653666	5
27	Ant: das Santos Calmon	Professor	Iwoyo	93348583	✓
28	Rafael L. Maciel	Docente	Stombe	927341790	✓
29	José Maria Lima	Docente	Kiyembe	92438771	✓
30	Edmundo F. Gomes	Docente	Kyompe	92102404	✓
31	Alcides A. Gomes	ADVOGADO	Kyompe	92670700	✓
32	SEU AGOSTINHO	SECURUS	Iwoyo	92394422	✓
33	José Luis Maciel	Professor	Iwoyo	938357564	✓
34	Paulo Sérgio de Almeida	Professor	Itacanga	92363263	✓
35	Martinho Vitor	Formador	Itacanga	936074270	✓
36					
37					
38					
39					
40					
41					
42					
43					
44					
45					
46					
47					
48					
49					
50					
51					
52					
53					
54					